

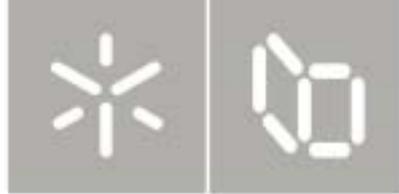


**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Cristina Maria Moreira Flores

**A Competência Sintáctica de Falantes Bilingues  
Luso-Alemães Regressados a Portugal  
Um Estudo sobre Erosão Linguística**

Janeiro de 2008



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Cristina Maria Moreira Flores

**A Competência Sintáctica de Falantes Bilingues  
Luso-Alemães Regressados a Portugal  
Um Estudo sobre Erosão Linguística**

Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem  
Ramo de Conhecimento de Linguística Alemã

Trabalho efectuado sob a orientação de

**Professor Doutor Erwin Koller**

**Professora Doutora Maria do Pilar Barbosa**

**Professor Doutor Jürgen M. Meisel**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** CRISTINA MARIA MOREIRA FLORES

**Endereço Electrónico:** cflores@lich.uminho.pt

**N.º do Bilhete de Identidade:** 12028714

**Título da Tese de Doutoramento:**

A Competência Sintáctica de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal.  
Um Estudo sobre Erosão Linguística

**Orientador:**

Professor Doutor Erwin Koller  
Professora Doutora Maria do Pilar Barbosa  
Professor Doutor Jürgen M. Meisel

**Ano de conclusão:** 2008

**Ramo de Conhecimento do Doutoramento:**

Ciências da Linguagem  
Ramo de Conhecimento de Linguística Alemã

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO,  
MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, / /

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A realização do presente trabalho foi facilitada pelo generoso auxílio e precioso contributo de muitas pessoas e algumas entidades, às quais quero expressar a minha mais profunda gratidão.

Destaco, em primeiro lugar e com especial reconhecimento, todos os sessenta e dois falantes bilingues, que tão prontamente acederam a participar neste estudo e sem os quais a sua execução não teria sido possível. A todos um grande obrigado.

Em segundo lugar, gostaria de expressar a minha gratidão aos meus três orientadores, que tão harmoniosamente souberam orientar o meu trabalho, complementando-se de forma sábia e estimulante:

Ao Professor Doutor Erwin Koller, que suscitou o meu interesse pela temática do bilinguismo, impulsionou a candidatura ao projecto “O Bilinguismo luso-alemão no Contexto Europeu” e continuou a acompanhar com o maior interesse o meu trabalho, apesar do seu afastamento institucional. Agradeço sobretudo os seus comentários cheios de perspicácia e humor, que me faziam pensar e sorrir ao mesmo tempo.

À Professora Doutora Pilar Barbosa pelo seu apoio contínuo e incansável e a partilha do seu imenso saber linguístico, sem a qual não me teria arrojado no campo da sintaxe generativa.

Ao Professor Doutor Jürgen Meisel, que, sem me conhecer, aceitou de imediato co-orientar o meu trabalho. Agradeço não só a sua preciosa orientação científica como também a oportunidade que me deu em conhecer outros grandes investigadores da área do Bilinguismo.

Cabe-me agradecer ainda ao Departamento de Estudos Germanísticos as óptimas condições que me foram dadas para a realização do meu trabalho, em especial a concessão da dispensa do serviço docente e o apoio financeiro a actividades de formação. Destaco o papel importante do Professor Doutor Orlando Grossege, Director do Departamento de Estudos Germanísticos, em todo este processo. Um especial obrigado vai para as minhas colegas de departamento Claudia Breitbarth e Natália Nunes pelo grande auxílio dado desde o início até ao final deste trabalho.

Gostava de agradecer também à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que aprovou os meios financeiros para a realização do projecto POCI/LIN/ 59780/2004 - “O Bilinguismo luso-alemão no Contexto Europeu”, no âmbito do qual se realizou este

trabalho de investigação, potenciando o estudo do Bilinguismo, fenómeno tão pouco investigado em Portugal.

Agradeço o grande empenho da bolsreira do projecto POCI/LIN/59780/2004, Marisa Ferreira, que realizou o seu trabalho de forma tão profissional e responsável e contribuiu significativamente para o sucesso do projecto e a qualidade da base de dados criada.

Pela leitura de artigos publicados no âmbito desta pesquisa agradeço à aluna de Mestrado Carina Eira e em especial à amiga Cidália Teixeira, incansável não só na leitura e revisão de partes deste trabalho, assim como também no estabelecimento de contactos com potenciais participantes.

Um agradecimento especial aos investigadores Joana Duarte e Professor Doutor Hans-Joachim Roth pelas sugestões metodológicas e a disponibilização de material utilizado no levantamento de dados.

Gostava de reconhecer ainda o contributo importante de colegas e amigos, da Universidade do Minho e de outras universidades portuguesas e estrangeiras, de colegas investigadores que conheci em congressos e colóquios nacionais e internacionais e aqueles com quem comuniquei apenas por via electrónica. Todos eles me proporcionaram momentos incisivos de reflexão e debate, enriquecendo o meu trabalho com comentários, sugestões, críticas e incentivos.

Agradeço ainda aos conselhos executivos das escolas, que nos permitiram a realização de entrevistas aos seus alunos, concedendo-nos as suas instalações, assim como aos professores que nos disponibilizaram os contactos dos seus alunos bilingues.

O meu agradecimento também à direcção e aos funcionários do Centro de Estudos Humanísticos por todo o apoio prestado na execução do meu projecto.

Dedico este trabalho à minha família, o porto de abrigo, sem o qual nada disto faz sentido.

## RESUMO

### **A Competência Sintáctica de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal. Um Estudo sobre Erosão Linguística**

O presente trabalho tem por objectivo investigar um fenómeno específico do campo da Linguística, o Bilinguismo, inserindo-se concretamente na área de estudo de *Language Attrition*, a qual, por ausência de investigação neste domínio e consequente falta de terminologia portuguesa correspondente, é aqui baptizada de ‘erosão linguística’.

Com base num *corpus* de transcrições de entrevistas orais, conduzidas no âmbito do projecto de investigação POCI/LIN/59780/2004<sup>1</sup>, o estudo parte de uma questão central da área de investigação do Bilinguismo: é possível perdermos a competência de uma língua que adquirimos de forma natural durante a infância?

O grupo sob investigação é constituído por 32 falantes, que cresceram num país de expressão alemã, tendo adquirido o alemão e o português naturalmente em fase precoce da infância. Todos estes falantes vieram viver para Portugal, o país natal dos seus pais, em determinada altura da sua vida, mudando de ambiente linguístico dominante. O alemão, que durante a emigração era a língua predominantemente utilizada, passa então a língua não dominante, ocorrendo uma redução considerável de *input* desta língua. Esta redução no uso da língua alemã constitui o ponto de partida da presente análise, uma vez que permite examinar se a privação de contacto diário com a segunda língua leva à ocorrência de fenómenos de variação linguística. Apresentando diferenças em relação a três factores cruciais - a idade de regresso, o tempo de estada em Portugal e a frequência de contacto com o alemão desde a mudança de país - o grupo sob investigação subdivide-se em quatro subgrupos: 1) falantes que regressaram a Portugal há pouco tempo e/ou mantêm contacto frequente com o alemão; 2) falantes que vieram para Portugal com idade igual ou superior aos doze anos e que têm um contacto muito reduzido com a sua segunda língua; 3) falantes que vieram para Portugal na infância (até aos onze anos de idade), tendo desde então um *input* muito reduzido do alemão; 4) falantes que, tendo deixado o país de emigração em fase precoce da infância (entre os

---

<sup>1</sup> Projecto aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Programa Operacional Ciência e Inovação 2010, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER.

cinco e os nove anos de idade), não conseguiram expressar-se em alemão, aparentando ter perdido a sua segunda língua.

Tendo por base a concepção racionalista da faculdade linguística inerente à gramática generativa, o estudo incide essencialmente sobre o domínio sintáctico. Pretende-se testar a vulnerabilidade de determinados aspectos sintácticos do alemão face aos factores extralinguísticos que poderão condicionar a ocorrência de erosão. Neste sentido, é analisada a proficiência dos falantes em relação às regras de posicionamento verbal e à expressão do sujeito e do objecto tópico. Serão ainda discutidos outros fenómenos sintácticos observados nos registos de alguns falantes, como processos de adjunção e alterações da ordem da frase que não respeitam as condicionantes sintácticas e pragmáticas do alemão.

Revelando uma estreita relação entre os factores ‘idade de perda/redução de *input*’, ‘frequência de contacto com a segunda língua’ e ‘tempo de estada em Portugal’, os dados atestam diferentes graus de vulnerabilidade dos diversos domínios sintácticos analisados. Ao mesmo tempo sugerem que os fenómenos de erosão observados são consequência de debilidades existentes a nível do controlo da língua não usada, evidenciadas na incapacidade em inibir totalmente a língua dominante, o português, no momento de processamento do alemão. Conclui-se assim que, mesmo após um extenso período sem *input* da segunda língua, os falantes bilingues que apresentam desvios sintácticos nos seus registos perdem a capacidade de controlar as suas duas línguas quando falam alemão, mas não perdem o domínio das regras sintácticas da língua que adquiriram em fase precoce da sua infância.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit ist einem besonderen linguistischen Phänomen im Rahmen der Mehrsprachigkeitsforschung gewidmet. Genau genommen kann sie dem Forschungszweig der *Language Attrition* zugeordnet werden, das hier, da für das Portugiesische zu diesen Erscheinungen bisher keine Studien vorliegen und es deshalb noch keinen portugiesischen Begriff dafür gibt, als „erosão linguística“ („sprachliche Erosion“) bezeichnet werden soll.

Die Untersuchung basiert auf einem *Corpus* von transkribierten Interviews, die im Rahmen des Forschungsprojektes POCI/LIN/59780/2004<sup>2</sup> durchgeführt wurden, und geht von einer zentralen Frage der Zweisprachigkeitsforschung aus: Ist es möglich, die Sprachkompetenz in einer Sprache zu verlieren, die während der Kindheit natürlich erworben wurde?

Die untersuchte Gruppe besteht aus 32 Sprechern, die in einem deutschsprachigen Land aufwuchsen und sowohl Deutsch als auch Portugiesisch bereits in der frühen Kindheit erworben haben. Alle diese Sprecher zogen zu einem gewissen Zeitpunkt ihres Lebens (zurück) nach Portugal, ihrem Heimatland, womit sich ihr den Alltag bestimmendes sprachliches Umfeld änderte. Das Deutsche, das während der Emigration die vorrangig benutzte Sprache war, trat vom Moment der Rückkehr an in den Hintergrund, was mit einem dramatischen Rückgang des Deutschinputs verbunden war. Dieser Kontaktverlust mit der deutschen Sprache wurde zum Ausgangspunkt der vorliegenden Analyse gewählt, da er zu untersuchen erlaubt, ob die Einschränkung des täglichen Kontakts mit der zweiten Sprache zum Auftreten von sprachwissenschaftlich relevanten Erscheinungen führt. Indem Unterschiede hinsichtlich dreier Hauptfaktoren - des Alters zum Zeitpunkt der Rückkehr, die danach in Portugal verbrachte Zeit sowie die Häufigkeit des Kontakts zur deutschen Sprache seit dem Umzug - berücksichtigt wurden, konnten die Probanden in vier Untergruppen unterteilt werden: 1) Sprecher, die erst vor kurzem nach Portugal zurückgekehrt sind und/ oder noch regelmäßig Kontakt zur deutschen Sprache haben; 2) Sprecher, die im Alter von 12 Jahren oder älter nach Portugal kamen und nur noch einen sehr geringen Kontakt mit ihrer Zweitsprache haben; 3) Sprecher, die in ihrer frühen Kindheit (bis zum Alter von 11 Jahren) nach Portugal kamen und somit einen noch stärker reduzierten deutschen Input haben; 4)

---

<sup>2</sup> Durchgeführt im finanziellen Rahmen und nach den Bestimmungen des Programmes POCI2010 der FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (portugiesische Forschungsgemeinschaft)

Sprecher, die bereits im Kleinkindalter (Alter zwischen 5 und 9 Jahren) das Aufnahmeland verlassen hatten und nicht mehr Deutsch sprechen können, also ihre Zweitsprache offensichtlich wieder verloren haben.

Ausgehend von der innerhalb der generativen Grammatik vertretenen rationalistischen Annahme einer inhärenten Sprachfähigkeit, konzentriert sich die vorliegende Untersuchung hauptsächlich auf den syntaktischen Bereich. Dabei soll geprüft werden, inwieweit nichtlinguistische Faktoren erodierenden Einfluss auf bestimmte syntaktische Aspekte der deutschen Sprache haben und zu Sprachverlusterscheinungen führen können. In diesem Sinne werden Aspekte wie die Stellungsregeln des Verbs und die Verwendung des Subjekts und des topikalisierten Objekts analysiert. Zudem werden andere bei einigen Probanden beobachtete syntaktische Phänomene diskutiert, wie Adjunktionsprozesse und veränderte Wortstellungen, die nicht den syntaktischen und pragmatischen Regeln des Deutschen folgen.

Indem eine enge Beziehung zwischen den Faktoren Rückwanderungsalter, Häufigkeit des Kontakts mit der Zweitsprache und Aufenthaltsdauer in Portugal hergestellt wird, belegen die erhobenen Daten verschiedene Stufen der Anfälligkeit für Sprachverlustprozesse in den verschiedenen analysierten syntaktischen Bereichen. Gleichzeitig legen sie nahe, dass die beobachteten Erscheinungen des Sprachverlusts Folge einer bestehenden Sprachkontrollschwäche in Bezug auf die nicht benutzte Sprache sind, was sich in der Unfähigkeit zeigt, während des Deutschsprechens die dominante Sprache, hier das Portugiesische, nicht vollständig ausschalten zu können.

So lässt sich schlussfolgern, dass auch nach einem langen Zeitraum ohne sprachlichen Input in der Zweitsprache die bilingualen Sprecher, bei denen die Aufzeichnungen syntaktische Abweichungen zeigten, zwar ihre beiden Sprachen, während sie Deutsch sprechen, nicht zu kontrollieren vermögen, jedoch die Beherrschung syntaktischer Regeln einer Sprache, die sie in ihrer frühen Kindheit erworben haben, nicht verloren haben.

## ABSTRACT

The present study investigates a specific phenomenon in the domain of Bilingualism, namely *Language Attrition* (here named as “erosão linguística” (“linguistic erosion”)).

Based on a corpus of oral interviews, collected under the research project POCI/LIN/59780/2004<sup>3</sup>, the study starts with a core question in the investigation area of bilingualism: is it possible to lose competence of a language we acquired naturally during childhood?

The research group is composed of 32 informants who grew up in German speaking countries, having acquired German and Portuguese naturally in early childhood. All these bilingual speakers came to live in Portugal, their parents’ birthplace, at some point of their lives, changing their dominant linguistic environment. German, the predominantly used language during the emigration period, becomes the minority language; with a considerable reduction of input in this language. The reduction in the use of the L2 is the starting point for the present analysis since it allows us to examine if the privation of daily contact with the second language leads to the occurrence of linguistic variation. The research group shows differences in relation to three crucial factors – age of return, time of stay in Portugal and frequency of contact with German since return – which allows its division into four subgroups: 1) informants who have returned to Portugal a short time ago and/or maintain frequent contact with German; 2) subjects who came to Portugal at the age of twelve or more and who have very restricted contact with their L2; 3) informants who came to Portugal during their childhood (until the age of eleven) having from then on a very reduced input of German; 4) informants who, having left the emigration country in an early stage of childhood (between the age of five and nine), were not able to express themselves in German, seeming to have lost their second language.

The present study assumes the mentalist conception of the language faculty inherent to Generative Grammar and focuses on the syntactic domain. We intend to test the vulnerability of certain syntactic aspects of German against extra-linguistic factors, which may condition the occurrence of attrition. In particular, we will analyse, word order and the expression of the subject and object. Other syntactic phenomena observed

---

<sup>3</sup> Financed by the the Portuguese Foundation for Science and Technology ( FCT).

in the speech of some speakers are also discussed, such as adjunction processes and changes in word order which do not respect the syntactic constraints of German grammar. The data show different degrees of vulnerability of the various syntactic domains that were analyzed and reveal a strong relationship among the factors 'age', 'frequency of contact with L2' and 'length of stay',. At the same time they suggest that the observed attrition phenomena might be a consequence of debility at the level of language control. The speakers seem not to be able to inhibit totally the dominant language, Portuguese, when they use German. Thus, we conclude that, even after a long period of time without input of the L2, bilingual speakers seem to lose their ability to control their two languages when speaking the L2, but they do not lose the syntactic knowledge of the language they acquired in an early stage of their childhood.

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO .....	v
ZUSAMMENFASSUNG .....	vii
ABSTRACT .....	ix
SIGLAS E NORMAS DE TRANSCRIÇÃO .....	xvi

INTRODUÇÃO .....	1
------------------	---

## PARTE I: QUESTÕES PRELIMINARES

### Capítulo 1

#### *Erosão Linguística: uma sinopse das principais questões de investigação*

1. O que é a erosão linguística? .....	7
1.1. Por que razão ocorre a erosão linguística? .....	8
1.1.1. Factor 'idade': .....	8
1.1.1.2. 'Hipótese do Período Crítico' para a aquisição da língua .....	9
1.1.1.3. Erosão linguística - maturação linguística .....	11
1.1.1.3.1. Estudos sobre a competência de crianças remigradas .....	13
1.1.2. Erosão linguística enquanto fenómeno psicológico 'interno' .....	14
1.1.2.1. Perda de competência – perda de controlo .....	15
1.1.2.1.1. <i>Activation Threshold Hypothesis</i> .....	16
1.1.2.1.2. As formas linguísticas bilingues .....	17
1.1.3. Erosão linguística enquanto fenómeno de interferência .....	18
1.1.3.1. Dois níveis de transferência .....	19
1.1.4. Tipo de contacto .....	20
1.1.5. Nível de literacia .....	21
1.1.6. Motivação, atitudes e identidade .....	22
1.2. O que se perde?	
1.2.1. Léxico .....	22
1.2.2. Morfologia .....	24
1.2.3. Sintaxe .....	25
1.2.3.1. Erosão linguística e o 'Modelo de Princípios e Parâmetros' .....	27

## Capítulo 2

### ***Falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal***

2.1. A emigração portuguesa para a Alemanha e a Suíça e o retorno a Portugal .....	31
2.2. O grupo sob investigação .....	39
2.2.1. Factores extralinguísticos .....	40
2.2.1.1. Idade actual dos falantes .....	40
2.2.1.2. Idade de emigração .....	41
2.2.1.3. Idade de regresso .....	42
2.2.1.4. Tempo de estada em Portugal .....	43
2.2.1.5. Tipo e frequência de contacto .....	44
2.2.1.6. Outros factores	
2.2.1.6.1. Sexo .....	45
2.2.1.6.2. Habilitações literárias .....	45
2.2.1.6.3. País de acolhimento .....	46
2.2.2. Conjugação de factores: subgrupos .....	47
2.2.3. Apresentação dos falantes	
2.2.3.1. Grupo 1 .....	48
2.2.3.2. Grupo 2 .....	50
2.2.3.3. Grupo 3 .....	53
2.2.3.4. Grupo 4 .....	56
2.3. Constituição do <i>corpus</i> .....	58
2.3.1. A entrevista .....	61
2.3.2. Os estímulos visuais .....	62
2.3.3. Outras gravações .....	62
2.3.4. Testes gramaticais .....	62

## Capítulo 3

### ***Pressupostos e hipóteses de trabalho***

3.1. Aquisição precoce do bilinguismo luso-alemão .....	65
3.2. Predições centrais do trabalho .....	69
3.3. Os fenómenos observados .....	72
3.3.1. Fenómenos de variação sintáctica .....	74
3.3.2. Outros fenómenos .....	75
3.3.2.1. Morfologia .....	76

3.3.2.2. Léxico .....	77
-----------------------	----

## **PARTE II: ANÁLISE – A COMPETÊNCIA SINTÁTICA DE FALANTES BILINGUES REGRESSADOS**

### Capítulo 4

#### *A posição do verbo*

4.1. Sintaxe do alemão .....	82
4.1.1. Descrição topológica da frase alemã .....	82
4.1.2. O modelo topológico da frase alemã e a Teoria X-barras .....	83
4.1.2.1. Ideias clássicas sobre a frase alemã .....	84
4.1.2.2. Características parametrizadas do alemão .....	88
4.2. Análise – realização de V-2 e OV .....	88
4.2.1. Realização de V-2 e OV: Grupo 3 .....	88
4.2.1.1. Irene .....	91
4.2.1.2. Sofia .....	98
4.2.1.3. Sílvia .....	107
4.2.1.4. Eunice .....	111
4.2.1.5. Helena .....	117
4.2.1.6. Rita .....	121
4.2.1.7. Iolanda .....	128
4.2.1.8. Solange .....	135
4.2.1.9. Comparação de resultados: Grupo 3 .....	140
4.2.2. Realização de V-2 e OV: Grupo 2 .....	145
4.2.3. Comparação: Grupo 2 e Grupo 3 .....	148
4.2.4. Realização de V-2 e OV: Grupo 1 .....	150
4.2.5. Comparações individuais .....	151
4.2.5.1. Eunice – Paula .....	151
4.2.5.2. Rita – Eduarda .....	152
4.2.5.3. Iolanda – Rui .....	153
4.3. Discussão .....	154
4.4. Adenda: Reflexões sobre a competência linguística dos falantes do Grupo 4 .....	165

## Capítulo 5

### ***Realização do objecto e do sujeito***

5.1. Expressão do objecto directo .....	173
5.1.1. O objecto nulo do português .....	173
5.1.2. A omissão de tópico do alemão .....	179
5.1.3. Comparação: Tópicos nulos em alemão e em português .....	182
5.1.4. Hipóteses de trabalho .....	184
5.1.5. Resultados .....	186
5.1.6. Discussão .....	194
5.1.7. Teste de aceitabilidade .....	197
5.2. Expressão do sujeito .....	199
5.2.1. O sujeito referencial .....	201
5.2.2. O sujeito expletivo .....	207
5.2.2.1. Uso não-referencial .....	208
5.2.2.2. Sujeito de referência estendida .....	211
5.2.2.3. Respostas a interrogativas globais .....	216
5.2.3. Hipóteses de trabalho .....	217
5.2.4. Resultados .....	218
5.2.4.1. Sujeitos nulos .....	221
5.2.4.2. Expletivos nulos .....	225
5.2.4.3. <i>Topic-drop</i> .....	228
5.2.5. Discussão .....	229
5.2.6. Teste de aceitabilidade .....	236

## Capítulo 6

### ***A seriação dos elementos não verbais na frase***

6.1. Múltiplos elementos no pré-campo .....	239
6.1.1. O pré-campo alemão .....	239
6.1.2. Fenómenos típicos da periferia esquerda da frase .....	244
6.1.2.1. Deslocação à esquerda ( <i>Linksversetzung/ Left Dislocation</i> ).....	244
6.1.2.2. Construções com ‘tema livre’ ( <i>Freies Thema/ Hanging Topic</i> ) .....	246
6.1.2.3. Pré-précampo ( <i>Vor-vorfeld</i> ) .....	246
6.1.3. Os fenómenos observados nos registos dos falantes bilingues regressados ....	248
6.1.3.1. Resultados .....	251

6.1.3.1.1. Dois adjuntos no pré-campo .....	252
6.1.3.1.2. Adjunto e argumento no pré-campo .....	255
6.1.3.1.3. Sujeito e adjunto no pré-campo .....	255
6.1.3.1.4. Construções típicas do discurso oral .....	256
6.1.3.1.5. Dados complementares .....	257
6.1.4. Discussão .....	261
6.1.4.1. Hipótese de transferência interlinguística .....	266
6.1.4.2. Tipo de erosão .....	268
6.2. Alterações no campo médio .....	270
6.2.1. O campo médio alemão .....	270
6.2.1.1. Alemão - língua SOV .....	272
6.2.1.2. A posição dos complementos .....	273
6.2.1.3. A posição dos adjuntos .....	275
6.2.1.4. A ordem básica dos constituintes .....	276
6.2.1.5. Alteração da ordem básica .....	278
6.2.2. Os fenómenos observados nos registos dos falantes bilingues regressados ....	281
6.2.2.1. Quantificação .....	281
6.2.2.2. Resultados .....	287
6.2.2.3. Descrição do fenómeno .....	289
6.2.2.3.1. Alteração da ordem de complementos de verbos bitransitivos .....	289
6.2.2.3.2. Alteração da ordem em frases predicativas .....	292
6.2.2.3.3. Alteração da ordem ‘adjunto – argumento’ .....	294
6.2.3. Discussão .....	296
CONCLUSÃO .....	303
BIBLIOGRAFIA .....	309
ANEXOS	
Anexo I: Excertos seleccionados do <i>corpus</i> .....	329
Anexo II: Exercício de produção sintáctica .....	335
Anexo III: Exercício de correcção .....	337
Anexo IV: Imagens seleccionadas .....	338
Anexo V: Página do caderno de Alemão do 2º ano de Iolanda .....	339

## SIGLAS E NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

### I. LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS

SIGLA	DESCRIÇÃO
<b>SV</b>	Oração-raiz iniciada por sujeito, seguido do verbo finito.
<b>SvOV</b>	Oração com forma verbal descontínua, em que a forma finita é movida para V-2 e a forma não-finita permanece em posição final de frase.
<b>*SvVO</b>	Oração com forma verbal complexa agramaticalmente realizada: a forma não-finita é movida em conjunto com a finita.
<b>XPVS</b>	Oração-raiz iniciada por uma sintagma não-sujeito; o sujeito segue o verbo.
<b>*XPSV</b>	Oração-raiz com ordem agramatical: a regra V-2 é violado, pois o sujeito é movido com o sintagma não-sujeito para posição inicial de frase.
<b>V-final</b>	Oração encaixada com o verbo finito em posição final de frase.
<b>*V-nfinal</b>	Oração encaixada com ordem agramatical: o verbo é movido da sua posição-base no final da oração.
<b>Vaux<sub>fin</sub></b>	Forma finita do verbo auxiliar de construções verbais complexas (o <i>Perfekt</i> )
<b>V<sub>part</sub></b>	Particípio; forma não finita de construções verbais complexas (o <i>Perfekt</i> )
<b>V<sub>mod</sub></b>	Forma finita do verbo modal
<b>V<sub>inf</sub></b>	Infinitivo; forma não finita de construções verbais complexas
<b>NEG</b>	Elemento de Negação ( <i>nicht; kein</i> )
<b>PRON</b>	Pronome alemão sem correspondente no português (por exemplo, o pronome indefinido <i>man</i> )
<b>EXPL</b>	Pronome expletivo <i>es</i> (sem correspondente no português)
<b>PART</b>	Partícula verbal (sem correspondente no português)
<b>xxx<sup>DAT</sup></b>	palavra no caso dativo
<b>xxx<sup>ACU</sup></b>	palavra no caso acusativo
<b>xxx<sup>NOM</sup></b>	palavra no caso nominativo
<b>xxx<sup>GEN</sup></b>	palavra no caso genitivo
No caso das categorias sintáticas - como os sintagmas e as posições funcionais das projecções sintáticas - serão mantidas as siglas inglesas:	
<b>VP</b>	Sintagma Verbal
<b>IP</b>	Sintagma Flexional
<b>CP</b>	Sintagma Complementizador
<b>Comp/C°</b>	Complementizador
<b>NP</b>	Sintagma Nominal
<b>AdjP</b>	Sintagma Adjectival
<b>AdvP</b>	Sintagma Adverbial
<b>PP</b>	Sintagma Preposicional
<b>DP</b>	Sintagma Determinante
<b>TP</b>	Sintagma Temporal
<b>Spec</b>	Especificador

## II. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

.	pausa longa
( seg)	pausa longa, indicada em segundos
,	pausa curta
/	interrupção da frase
(xxx)	não perceptível
\$	entrevistador e falante falam ao mesmo tempo
[...]	transcrição fonética
Não é mantida a convenção de utilização de letra maiúscula em início de frase	

## III. ESTRUTURA DOS EXEMPLOS TRANSCRITOS DO *CORPUS*

1ª linha	Frase alemã retirada do <i>corpus</i>
2ª linha	Tradução literal para o português. Em casos de não existir no português forma equivalente é indicada a categoria, p.ex. NEG (elemento de negação), EXPL (expletivo), Vaux <sub>fin</sub> (verbo auxiliar flexionado), etc.
3ª linha	Entre parêntesis é indicado o sentido da frase em português.
Nos exemplos retirados do <i>corpus</i> é mantida a pontuação das transcrições e indicado o pseudônimo do falante a que corresponde o registo citado.	



## INTRODUÇÃO

A presente tese nasceu de uma motivação pessoal muito forte. Tendo vivido na Alemanha até aos dezoito anos de idade e crescido com duas línguas que considerava minhas línguas maternas, sempre fui confrontada com perguntas como “que língua falas melhor?”, “de que língua gostas mais?”, “em que língua sonhas?”. De facto, o bilinguismo sempre foi um aspecto muito presente na minha vida, tanto académica como pessoal. Enquanto professora do Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Minho, tive – e espero continuar e ter - a oportunidade de conhecer muitos alunos que partilham a mesma experiência de ter crescido com duas línguas num país de expressão alemã e ter vindo viver para Portugal. Para muitos deles, a mudança para o nosso país significou um corte decisivo no contacto com o alemão. Alguns conseguiram recuperar este contacto com a entrada na universidade e a escolha de um curso com a vertente Germanística. Outros sempre se esforçaram por continuar a manter um contacto regular com a sua segunda língua, criando espaços de comunicação em alemão com amigos e familiares. Apesar de assumirem de forma diferente a circunstância de terem crescido em ambientes bilingues, todos eles gostam de conversar sobre o facto de saberem falar duas línguas. É de realçar que há uma preocupação comum a todos: com o passar dos anos consideram que estão a perder o alemão, chegando ao ponto de afirmar que já não sabem falar bem nenhuma das suas línguas. Estava então despertado o meu interesse pelo fenómeno da perda linguística, o qual tentei transpor para o domínio académico. Partindo de uma curiosidade pessoal, apercebi-me da pertinência científica que teria este trabalho, reiterada pela sístole de literatura sobre o objecto de estudo.

Inscrevendo-se na área de estudo de *language attrition*, a qual - por ausência de investigação portuguesa neste domínio e conseqüente falta de terminologia correspondente – passarei a denominar de “erosão linguística”<sup>4</sup>, o presente trabalho centra-se numa questão fundamental: *será que um falante bilingue, que adquiriu duas línguas naturalmente durante a infância, perde a competência de uma das línguas se ficar privado do seu contacto?*

---

<sup>4</sup> O único trabalho que, segundo as minhas pesquisas, oferece uma proposta de tradução do termo *language attrition* para o português é a tese de doutoramento de Schoenmakers-Klein Gunnewiek (1998). No resumo da tese em português (p.235-240) a autora propõe o termo ‘alienação linguística’, baseando-se numa proposta do *Dicionário de termos linguísticos*, organizado por M.F. Xavier & M.H. Mateus, Lisboa: Edições Cosmos (2volumes).

A tese baseia-se num *corpus* de transcrições de entrevistas orais, realizadas no âmbito do projecto de investigação “POCI/LIN/59780/2004 – O Bilinguismo luso-alemão no contexto europeu”, aprovado pela FCT e pelo programa POCI 2010, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER. O objectivo do projecto, do qual sou investigadora responsável, consiste na constituição de vários *subcorpora* de entrevistas envolvendo falantes bilingues luso-alemães, divididos por diferentes populações: estudantes universitários, alunos do ensino básico e secundário e micro-comunidades de falantes regressados existentes no Norte de Portugal. Todos estes entrevistados são ex-emigrantes de segunda (ou terceira) geração que cresceram num país de expressão alemã e vieram viver para Portugal a dada altura da sua vida.<sup>5</sup> Dos 62 falantes entrevistados no âmbito deste projecto, 32 participantes foram seleccionados para constituírem o grupo de investigação da presente tese. Apresentando diferenças em relação a três factores cruciais - a idade de regresso, o tempo de estada em Portugal e a frequência de contacto com o alemão desde a mudança de país - a natureza do grupo de investigação permite a sua divisão em quatro subgrupos: 1) falantes que regressaram a Portugal há pouco tempo e/ou mantêm contacto frequente com o alemão; 2) falantes que vieram para Portugal com idade igual ou superior aos doze anos e que têm um contacto muito reduzido com a sua segunda língua; 3) falantes que vieram para Portugal na infância (até aos onze anos de idade), tendo desde então um *input* muito reduzido do alemão; 4) falantes que, tendo deixado o país de emigração em fase precoce da infância (entre os cinco e os nove anos de idade), não conseguiram expressar-se em alemão, aparentando ter perdido a sua segunda língua.

O estudo, enquadrado na concepção mentalista da faculdade da linguagem que subjaz à corrente generativa, incide essencialmente sobre o domínio sintáctico. Neste sentido, pretende-se testar a vulnerabilidade de determinados aspectos sintácticos do alemão face aos factores extralinguísticos que poderão condicionar a ocorrência de erosão. No foco da observação estão as regras de posicionamento do verbo, a expressão do sujeito e do objecto tópico, a seriação dos elementos não-verbais e a constituição da periferia esquerda da frase alemã.

A presente tese encontra-se dividida em duas partes essenciais. Na primeira, é fornecido o enquadramento teórico e metodológico do estudo; a segunda parte está

---

<sup>5</sup> Numa última fase de execução, a base de dados do projecto será completada com entrevistas realizadas a emigrantes de primeira geração residentes no Norte de Portugal.

centrada na análise dos fenómenos linguísticos que constituem a base de observação do estudo.

Neste sentido, a primeira parte inclui um capítulo inicial, no qual são sintetizadas as principais questões relacionadas com a área de investigação em *language attrition*. À definição do conceito de erosão linguística segue-se a exposição dos factores mais influentes na ocorrência deste fenómeno, assim como a apresentação das teorias e hipóteses predominantes no seu estudo. A descrição inclui também um ponto de situação sobre os estudos mais influentes nesta área de investigação. Conclui-se o primeiro capítulo com a descrição do quadro teórico assumido neste trabalho.

O capítulo 2 centra-se nas questões metodológicas do estudo, iniciando-se por uma breve reflexão sobre o fenómeno histórico e social da emigração portuguesa para a Alemanha e a Suíça e o retorno a Portugal. Segue-se a descrição dos falantes que constituem o grupo de investigação, caracterizados segundo os factores extralinguísticos ‘idade actual’, ‘idade de emigração’, ‘idade de regresso’, ‘tempo de estada em Portugal’ e ‘tipo e frequência de *input*’, os quais constituem a base para a delimitação dos quatro subgrupos do estudo. Por fim, é apresentada a metodologia adoptada na constituição do *corpus*.

Os pressupostos que subjazem ao estudo e as hipóteses de trabalho são apresentadas no capítulo 3. Inclui-se aqui a discussão acerca do tipo de bilinguismo que caracteriza os falantes sob investigação, definido como “bilinguismo precoce” e as predições centrais que serão testadas ao longo da análise subsequente. Neste âmbito, será defendida a ideia de que os fenómenos de erosão observados não são indicativos de perda de competência sintáctica, mas resultam de dificuldades de processamento do alemão, motivadas pela falta de utilização e conseqüente inibição desta língua na mente do falante. O capítulo é encerrado com a apresentação dos fenómenos que estarão no centro da observação empírica, exemplificados com base em excertos do *corpus* da falante Alice. A sinopse dos fenómenos sintácticos a discutir será completada com uma breve exposição de fenómenos de erosão de cariz morfológico e lexical.

A parte empírica do trabalho, centrada na análise dos registos dos participantes, inicia-se com o capítulo 4, onde é analisado o desempenho dos falantes face aos parâmetros de posicionamento verbal do alemão. Por ser o grupo que apresenta mais variação sintáctica neste domínio, os registos verbais dos falantes que constituem o grupo 3 são analisados individualmente. À comparação dos resultados obtidos no seio do grupo, segue-se a sua confrontação com os dados dos grupos 1 e 2. Será então

discutido o facto de os falantes com corte precoce da L2 apresentarem grande instabilidade quanto à posição do verbo em orações V-2, em orações encaixadas e nas formas verbais complexas, mostrando um grande contraste em relação aos falantes que perderam o contacto com a L2 em fase mais tardia (a partir dos 12 anos de idade). O capítulo encerra com algumas reflexões sobre a perda linguística observada nos falantes do grupo 4.

No capítulo 5 são discutidos os fenómenos sintácticos relacionados com a omissão de argumentos. É realçado o facto de os falantes sem *input* regular do alemão apresentarem uma alta taxa de omissões irregulares do sujeito e do objecto nos seus registos alemães, o que poderá ser explicado com a ocorrência de fenómenos de interferência da língua dominante, o português, língua de sujeito e objecto nulos. A interferência interlinguística é, por sua vez, explicada como consequência de uma insuficiente inibição da língua dominante no momento de processamento verbal, indo ao encontro das teorias psicolinguísticas de processamento bilingue, que compreendem o fenómeno de erosão linguística não como perda irreduzível de competências mas como falta de controlo do saber linguístico no acto de produção.

As principais conclusões retiradas da observação dos processos descritos no capítulo 5 são confirmadas com os resultados do capítulo 6, que incide sobre fenómenos de adjunção à periferia esquerda da frase e alterações na seriação “normal” dos elementos não-verbais da oração alemã. Como no caso das omissões irregulares, estes fenómenos apenas ocorrem nos registos dos falantes que não mantêm um contacto activo com a língua alemã.

Resumindo os diferentes fenómenos observados e relacionando-os com as características dos grupos sob investigação, na parte final do trabalho é apresentada uma conclusão geral, a qual tenciona ser um contributo para a aproximação à questão central da área de estudo de “erosão linguística”: apesar da instabilidade observada nos vários domínios sintácticos sob observação, nenhum falante (que conseguiu expressar-se em alemão) mostrou ter perdido o domínio do seu sistema gramatical, adquirido naturalmente durante a infância. Em todos foi possível constatar a aplicação correcta das diferentes regras sintácticas avaliadas, porém, os factores ‘idade de regresso’, ‘frequência de contacto desde o regresso’ e ‘tempo de estada em Portugal’ parecem ser decisivos no controlo que o falante tem sobre a sua L2. Quanto mais novo o falante e quanto menos *input* recebe, mais dificuldades apresenta na activação constante da sua gramática.

**PARTE I:**  
**QUESTÕES PRELIMINARES**



## CAPÍTULO 1

### *Erosão Linguística: uma sinopse das principais questões de investigação*

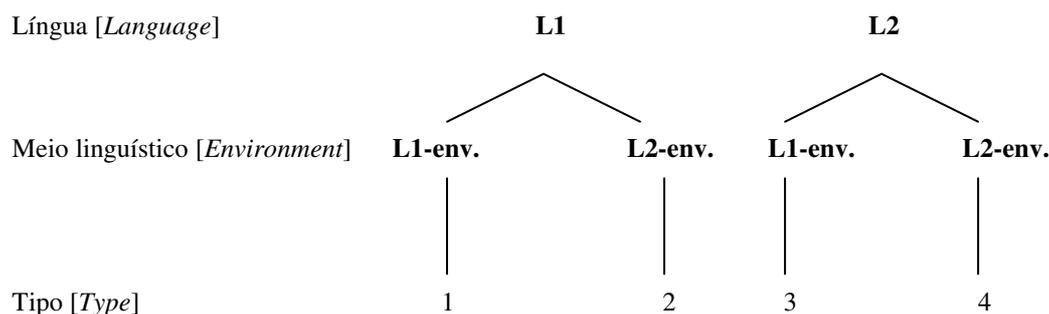
#### **1. O que é a erosão linguística?**

A área de estudo de *language attrition* encontra-se já na terceira década de intenso trabalho de investigação. A conferência inaugural em *Attrition of Language Skills* na Universidade de Pennsylvania, em 1980, constituiu um ponto de viragem para a investigação realizada nesta área<sup>6</sup>. Até então, o termo *language loss* ('perda da língua') era apenas usado no domínio patológico para descrever casos de perda da língua após acidentes vasculares, afasia ou disfunções linguísticas causadas por tumores cerebrais (cf. Yagmur, 2004; Jamshidiha/Marefat, 2006). Com o interesse no fenómeno da perda de competência linguística em situações não patológicas<sup>7</sup>, os investigadores voltaram-se para o estudo de um grupo de falantes que lhes permitia explorar um vasto grupo de questões relacionadas com este fenómeno: aqueles falantes que adquiriram naturalmente duas (ou mais) línguas, mas que a certa altura da sua vida se viram privados do contacto com uma delas. Neste sentido, erosão linguística distingue-se claramente de fenómenos de contacto de cariz sociolinguístico, como a mudança linguística observada no seio de comunidades bilingues. Enquanto que esses fenómenos se desenvolvem entre as gerações da comunidade bilingue e, como tal, são condicionados por questões sociais, o termo 'erosão linguística' refere-se a casos individuais de perda linguística (de Bot, 2001). Os dois casos mais típicos e, por conseguinte, mais estudados são as situações 2) e 3) da conhecida taxonomia de Van Els (1986), que combina o tipo de língua perdida (L1: primeira língua / L2: segunda língua) com o meio em que a língua se perde (L1-env.: o meio linguístico dominante é o da primeira língua do falante / L2-env.: o meio linguístico dominante corresponde ao da sua segunda língua):

---

<sup>6</sup> Desta conferência resultou a primeira publicação unicamente dedicada à temática da perda de competência linguística: o volume *The loss of language skills*, editado por R. Lambert e B. Freed (1982).

<sup>7</sup> Visível no aumento considerável de publicações nesta área. Destaca-se as compilações editadas por Weltens, de Bot e van Els (1986), Seliger e Vago (1991) e, mais recentemente, Köpke, Schmid, Keijzer e Weilemar (2004) e Köpke, Schmid, Keijzer e Dostert (2007).



**Ilustração 1:** Taxonomia baseada em van Els, 1986: 4

A perda da primeira língua (L1) no meio L2 refere-se tipicamente aos casos em que emigrantes se mudam para um meio linguístico diferente (que não seja o da sua L1) e, com o tempo, vão perdendo aspectos estruturais da sua primeira língua por influência da segunda. Já a perda de L2 num meio L1 refere-se a situações em que falantes bilíngues adquiriram uma segunda língua mas voltaram a perdê-la por (já) não estarem integrados no meio linguístico dessa L2. Esta situação é típica de emigrantes, que adquiriram uma segunda língua no país de emigração mas que, regressados ao seu país natal, apresentam processos de erosão na sua L2. É precisamente este tipo de falantes bilíngues que constitui o grupo de observação do presente trabalho.

### **1.1. Por que razão ocorre a erosão linguística?**

Uma das preocupações centrais no estudo da erosão linguística é saber por que razão este processo ocorre e, a partir daí, determinar quais os factores que mais influenciam a sua ocorrência.

#### **1.1.1. Factor ‘idade’:**

O papel da idade na aquisição de uma segunda língua tem sido um dos aspectos mais debatidos na literatura sobre o bilinguismo (cf. Schmid, 2002). A ideia de que as crianças aprendem uma segunda língua melhor do que os adultos está largamente difundida e é cientificamente fundamentada pelas teorias neurológicas que defendem a existência de um ‘período crítico’ para a aquisição da língua.

### 1.1.1.2. ‘Hipótese do Período Crítico’ para a aquisição da língua

O ‘período crítico’ é um conceito proveniente da Biologia, usado para designar um período de maturação biológica, verificado no desenvolvimento de muitas espécies, incluindo a espécie humana. Muitos comportamentos típicos desenvolvem-se com base numa combinação intrínseca entre factores inatos e experimentais. Durante o período crítico ocorre o pico de desenvolvimento ou aprendizagem de uma determinada experiência, resultando num comportamento normal, adaptado ao meio particular ao qual o organismo é exposto. Se, por sua vez, o organismo não for exposto a essa experiência até ao final desse período, desenvolverá em grau reduzido (ou em caso extremos não desenvolverá) o comportamento que deveria adquirir. Exemplos bem estudados de comportamentos dependentes de períodos críticos de aquisição são a criação de laços de identificação aos membros da mesma espécie por parte de patos e pássaros, a aquisição dos cânticos característicos da espécie por parte de pardais e o sentido de localização por audição em mochos. No entanto, também existem domínios de desenvolvimento que não estão sujeitos a períodos específicos de maturação, mantendo-se abertos à aprendizagem durante toda a vida. Outros domínios até sofrem um desenvolvimento acrescido com a idade, estando dependentes do desenvolvimento de capacidades cognitivas (Newport, 1990).

Na sua obra *Biological Foundations of Language*, Lenneberg (1967) sugere que a aquisição da língua nos seres humanos é um exemplo de aprendizagem dependente de maturação biológica, estando sujeita a um período crítico. Segundo esta ‘Hipótese do Período Crítico’ (*Critical Period Hypothesis* (CPH), para a qual também havia contribuído decisivamente o livro de Penfield e Roberts, 1959), a mente humana, ao alcançar os seus valores adultos durante a puberdade, perde plasticidade e a capacidade de reorganização indispensável ao processo de aquisição linguística. Lenneberg, que se refere apenas à aquisição nativa de uma primeira língua, baseia-se na observação de crianças com afasia e crianças surdas, realçando o facto de crianças mais novas terem mais capacidade em recuperar a língua que crianças mais velhas (Lenneberg, 1967: 142-182). Segundo o autor, findo este período, a língua nativa só pode ser adquirida com muita dificuldade e através de processos de aprendizagem distintos.

A CPH, tal como foi formulada por Lenneberg, tem sido contestada em vários aspectos. Estudos posteriores à sua publicação revolucionária tentaram demonstrar que a idade limite de um período crítico para a aquisição linguística é muito anterior à puberdade. Sobretudo no que concerne a aquisição de uma segunda língua, as

conclusões de estudos efectuados nesta área (para uma visão geral, cf. Long, 1993) demonstram que “the age at which learners are initially exposed to a language (age of onset, or AO) is a robust predictor of their long-term success in that language, particularly as to whether or not they can reach native-like abilities in a L2.” (Long, 1993: 197). No entanto, a idade da primeira exposição não parece afectar todos os domínios linguísticos da mesma forma. Enquanto que a aquisição de vocabulário e de processamento semântico parece fugir a uma limitação de idade, as propriedades mais formais da língua (fonologia, morfologia e sintaxe) aparentam estar sujeitas a períodos críticos de aquisição. Ao propor a idade limite de quinze anos para a aquisição da sintaxe de forma semelhante à nativa, Patkowski (1982) afasta-se das propostas mais comuns. A maioria dos autores concorda em fixar este limite em fase mais precoce, por volta dos seis/sete anos de idade (Francis, 1999). No seu conhecido artigo sobre a existência de um período crítico para a aprendizagem de uma segunda língua, Johnson/Newport (1989) demonstram que os falantes coreanos e chineses que adquiriram o inglês até aos sete anos obtiveram resultados de proficiência linguística semelhantes aos resultados obtidos por falantes nativos do inglês. Também a maioria dos falantes bilingues estudados por Hyltenstam (1992), que adquiriram a segunda língua (o sueco) até aos seis anos, atingiram níveis de proficiência gramatical comparáveis aos do grupo de controlo, ao passo que os falantes com aprendizagem mais tardia da L2 se afastavam consideravelmente destes níveis. Estudos mais recentes tendem a baixar ainda mais este limite, apontando para a idade entre os três e quatro anos como idade limite entre a forma de aquisição L1 e L2 (Meisel, 2007b).

Uma segunda crítica a Lenneberg prende-se com a suposição de um período com fim abrupto, que foi substituída pela hipótese de que existem várias ‘fases sensíveis’ (*sensitive periods*, termo primordialmente proposto por Hinde, 1970), durante as quais as diferentes componentes da língua (fonologia, morfologia e sintaxe) são adquiridas de forma gradual (Oyama, 1976 e 1982; Patkowski, 1982). Sendo sujeita a maturação, a capacidade de aquisição linguística (*Language-Making Capacity*, Slobin, 1985), após passar pelos vários estados óptimos durante os quais integra a nova informação, cai em declínio e torna-se parcialmente inacessível.

Esta concepção da faculdade de aquisição linguística não está, porém, em contradição com a possibilidade de aprendermos uma língua em qualquer fase da vida. Como realça Meisel (2007a: 36), “Language acquisition continues to be possible, of

course, but learners then have to resort to other cognitive capacities in order to compensate for those which are not available, anymore.”

Podemos exemplificar estas diferentes capacidades cognitivas com o modelo cognitivo apresentado por Ullman (2001), segundo o qual a faculdade linguística tem duas componentes: por um lado, a competência linguística implícita, adquirida de forma natural e inconsciente, suportada pela nossa memória “procedural” (*procedural memory*), por outro lado, o conhecimento explícito/metalinguístico, adquirido conscientemente, e que é representado na memória “declarativa” (*declarative memory*) (cf. também Paradis, 2004). Combinando este modelo com os conceitos de período crítico e a teoria chomskiana de aquisição da língua, a suposição de um período óptimo para a aquisição linguística aplica-se apenas à competência implícita, o sistema inato, desenvolvida naturalmente através do *input*. Se, no caso da aprendizagem da L2 em fase adulta, existe um défice de competência implícita, este é compensado pelo recurso à memória declarativa e ao conhecimento explícito que alberga. Ou seja, à medida que, com o avançar dos anos, a competência linguística implícita se vai tornando cada vez mais inacessível, o falante recorre à sua memória declarativa para aprender uma segunda ou terceira língua.

Apesar de consequentes reformulações, a hipótese de existência de um período crítico mantém-se válida e é defendida por muitos investigadores, tanto em relação à aquisição da L1 como da L2 (*vide* estudos em Krashen/Scarcella, 1982; Johnson/Newport, 1989; Newport, 1990; Pallier *et al.*, 2003).

### **1.1.1.3. Erosão linguística - maturação linguística**

A predição de existência de um período crítico ou várias fases sensíveis para desenvolvimento da competência linguística tem implicação directa no campo de investigação da erosão linguística. Pois, se assumirmos que a aquisição de uma primeira ou segunda língua é um processo flexível, dependente de maturação, esta maleabilidade também deve persistir em relação à perda de competência. Ou seja, se a mente dispõe de fases ou períodos sensíveis, durante os quais a nossa faculdade linguística progride, isto poderá implicar que, durante esses períodos sensíveis, a nossa faculdade também poderá regredir, dependendo do *input* que receber. De facto, muitos dos estudos conduzidos nesta área demonstram que o factor idade é tão importante na aquisição como na perda da língua (Köpke/Schmid, 2003), convergindo na ideia de que a erosão linguística observada em crianças é muito mais intensa que a ocorrida em adultos. Todos os

trabalhos que incidem sobre o fenómeno de perda de competência durante a infância (de Bode, 1996; Kaufman, 2001; Kaufman/Aronoff, 1991; Seliger 1991; Turian/Altenberg, 1991; Vago, 1991) atestam substanciais alterações da competência linguística das crianças estudadas. Autores como Nicoladis/Grabois (2002), Pallier *et al.* (2003) e Ventureyra *et al.* (2004), que estudaram crianças adoptadas e inseridas num novo meio linguístico (L2), sugerem que, em casos extremos como a adopção, a L1 é esquecida muito rapidamente, não deixando vestígios neurológicos na mente do falante. Segundo Pallier (2007), este facto deve-se à grande plasticidade neurológica que a mente humana apresenta na infância. Apesar dos estudos citados mostrarem consenso em relação à diferença verificada entre perda ocorrida na infância e em idade adulta, pouco se sabe sobre a idade em o falante é supostamente mais vulnerável à ocorrência de fenómenos de erosão. Poucos são os estudos que comparam efectivamente crianças e adultos em situação de *attrition*. Os dois trabalhos orientados para a comparação de adultos com crianças são os estudos de Ammerlaan (1996) e Pelc (2001). Ambos analisam o desempenho linguístico de falantes bilingues que variam em relação à idade em que perderam o contacto com a sua primeira língua, concluindo que a idade de emigração é o factor mais importante na ocorrência de perda linguística (*apud* Köpke, 2004: 7). Neste âmbito, a puberdade é apontada como sendo a faixa etária determinante: os estudos que incidem sobre falantes adultos, que perderam o contacto com uma das suas línguas após esta fase, reportam processos de erosão muito menos intensos do que os observados em crianças (Altenberg, 1991; Köpke, 1999; Schmid, 2002).

Estas conclusões são indissociáveis da concepção da aquisição linguística como processo de maturação, que apenas se vai estabilizando gradualmente. Ora, enquanto não está completamente estabilizada na mente humana, a nossa competência linguística aparenta ser vulnerável a erosão, que se manifesta em situações de falta de *input* por parte de uma língua. Autores como Köpke/Schmid (2004) defendem, por isso, que antes da sua completa estabilização na mente humana, a primeira língua de um falante pode ser substituída por uma segunda, se o falante ficar privado do contacto com a sua L1:

it takes a certain number of years for the L1 to be completely established in the human mind/brain, and [...] before this moment, the L1 can be easily replaced by another language. (Köpke/Schmid, 2004: 20).

Embora os estudos sobre uma suposta fase de estabilização linguística sejam escassos, lacuna que pretende ser preenchida pelo presente trabalho, alguns autores

apontam para a adolescência como sendo uma fase em que tal competência está estabilizada:

There is mounting evidence of ongoing interaction between the two languages in younger bilinguals [...], but by adolescence, it is assumed that this process would have stabilized. (Hakuta/d'Andrea, 1992: 73/74).

Ao considerar que a erosão da L1 em crianças mais velhas e adultos se distingue do processo de erosão observado entre crianças em idade pré-pubescente, também Kaufman (2001) parte do pressuposto de que a puberdade é a fase limite de pleno desenvolvimento da nossa competência linguística:

While in the former, the native language is usually fully developed at the onset of attrition, in the latter, attrition is triggered by contact between the native language and the dominantly used second language, neither of which has reached full development. (Kaufman, 2001: 185)

#### **1.1.1.3.1. Estudos sobre a competência de crianças remigradas**

Os estudos que podem dar alguma luz sobre o déficit de estabilização de competência adquirida são os que - como o presente trabalho - investigam a competência linguística de falantes remigrados durante a infância. Neste âmbito destaco os quatro estudos que conheço:

- Um estudo muito produtivo de Tomiyama (2000), que acompanha a evolução de um rapaz japonês imediatamente após o seu regresso ao Japão aos oito anos de idade, tendo crescido nos Estados Unidos. Os dados, recolhidos no período entre os 2 e os 20 meses após a sua chegada, demonstram uma perda considerável na competência lexical produtiva, enquanto que a receptiva se mantém intacta, e alguma redução a nível sintáctico assim como o aumento de interferência interlinguística. Em geral, o autor considera que o rapaz mantém uma certa estabilidade a nível da sua L2 (o inglês), contudo, é de realçar que o estudo termina após os vinte meses de estada no Japão, nada se sabendo sobre a evolução da sua competência após um período mais alargado de privação de *input* da L2.

- Uma segunda análise interessante, que comprova a importância da idade no processo de erosão, é o trabalho de Cohen (1989). Cohen analisa a competência linguística de duas crianças, que têm o português como L3, adquirido enquanto viviam no Brasil, e que voltam para o meio-L1 com idades diferentes: a rapariga tem doze anos e o seu irmão mais novo oito. Após algum tempo privados do contacto com a L3 (nove meses), o rapaz apresenta um grau de erosão linguística muito mais elevado que a

rapariga. Infelizmente, os resultados apresentados só incidem sobre o domínio lexical, não se sabendo como evoluiu a proficiência sintáctica dos falantes.

- Kuhberg (1992) analisa a competência linguística de duas crianças turcas, crescidas na Alemanha, que tornam à Turquia com sete e nove anos de idade. O autor observa uma erosão mais intensa a nível morfológico (a conjugação verbal, a formação do plural e o uso preposicional) e uma maior estabilidade a nível da competência sintáctica, levando a concluir que “L2-attribution, at least for the linguistic phenomena that were investigated, is to a large extent the mirror image of L2-acquisition” (Kuhberg, 1992: 152).

- O estudo que, de acordo com a população estudada se assemelha mais à presente análise, é o trabalho de Olsthain (1986). Olsthain investiga um grupo de 41 crianças israelitas retornadas de países de expressão inglesa (maioritariamente dos EUA) entre os cinco e os catorze anos de idade. Contudo, a recolha de dados limita-se a um período de apenas um ano após a vinda para Israel e consiste somente na narração da conhecida *Frog Story*. Apesar destas limitações, Olsthain chega à conclusão de que as crianças com regresso na faixa etária entre os cinco e os oito anos de idade constituem o grupo que apresenta um nível de erosão mais elevado, destacando uma significativa redução lexical, processos de regularização morfológica e o uso errado de preposições seis meses após a mudança de ambiente linguístico (porém, também neste caso, nada é dito sobre o domínio sintáctico). No grupo etário entre os 9 e os 14 anos, os processos de erosão observados são menos significativos, o que é atribuído essencialmente ao facto de as crianças mais velhas terem um nível de literacia mais avançado, terem o contacto escrito com o inglês e maior motivação em manter a sua segunda língua.

Uma questão intimamente ligada à possível ocorrência de erosão linguística prende-se com o papel que a língua predominantemente usada poderá desempenhar no processo de erosão. Na literatura sobre *language attrition* existem duas correntes distintas: as que atribuem um papel importante à influência ‘externa’, exercida pela segunda língua na erosão da primeira e as que marginalizam essa influência, valorizando factores cognitivos e psicolinguísticos ‘internos’.

### **1.1.2. Erosão linguística enquanto fenómeno psicológico ‘interno’**

As correntes que concebem a perda linguística como processo ‘interno’ baseiam-se sobretudo em teorias psicológicas mais gerais, que explicam o processo de

esquecimento enquanto extinção de traços de memória na mente humana (Köpke, 2004: 17), causada pela privação de uso.

A investigação empírica sistemática do processo de esquecimento iniciou-se a partir dos estudos pioneiros do psicólogo Hermann Ebbinghaus, no final do século XIX, em que foi estabelecida uma estreita relação entre a quantidade do conteúdo memorizado, o tempo, o número de repetições de memorização e a quantidade do seu esquecimento (Ebbinghaus, 1885). Da investigação de Ebbinghaus desenvolveu-se uma das mais importantes teorias sobre o esquecimento, a ‘Teoria da Deterioração’, a qual postula que, com a passagem do tempo, as memórias enfraquecem, desaparecendo gradualmente até serem apagadas por completo, havendo, portanto, uma perda do traço de memória (cf. Pergher/Stein, 2003), a qual também se aplica ao conhecimento linguístico.

Uma segunda teoria, que actualmente parece reunir mais consenso, é a concepção da “Falha na Recuperação” ou ‘*Retrieval-Failure*’ (cf. Schöpfer-Grabe, 1998: 237). Segundo esta teoria “o fato de esquecermos informações ocorre em função de uma falha na recuperação das mesmas. Dessa forma, as informações não seriam perdidas, ou “apagadas” da memória, elas apenas se tornariam mais difíceis de serem acessadas” (Pergher/Stein, 2003: 10). No campo da erosão linguística, esta concepção teórica da falha na recuperação encontra a sua expressão em algumas das hipóteses mais influentes e debatidas, entre elas a distinção entre a ‘perda de competência’ e a ‘perda de controlo’, primordialmente proposta por Sharwood-Smith (1983), e a *Activation Threshold Hypothesis* de Paradis (1997, 2004), que seguidamente apresentarei.

#### **1.1.2.1. Perda de competência – perda de controlo**

A diferença entre ‘perder’ informação ou apenas ter dificuldades em ‘aceder-lhe’ já é um tópico de discussão mais antigo, com eco no debate em torno da dicotomia chomskiana ‘competência-performance’, transferido por Sharwood Smith (1983, 1989) para o domínio de investigação de *language attrition*. Segundo este autor, erosão linguística pode ser “the result of competence change or a change in the way competence is controlled.” (Sharwood Smith, 1989: 190). Erosão ao nível da competência é um processo que afecta o conhecimento linguístico do falante, na medida em que leva a uma reestruturação do seu sistema de regras. Para Seliger (1996), a ocorrência de erosão a este nível manifesta-se na:

1) capacidade de activar o significado de um item linguístico da língua em erosão apenas quando este também é partilhado pela língua dominante.

2) reorganização ou simplificação do sistema morfológico da língua em erosão.

3) aceitação de frases sintacticamente desviantes.

Por sua vez, a erosão ao nível da *performance* reflecte-se na dificuldade que o falante tem em ‘controlar’ o seu conhecimento. Por outras palavras, a competência nativa do falante bilingue com uma das suas línguas em estado de erosão pode permanecer intacta, mas os mecanismos de controlo dessa competência durante o acto de produção é que podem ter sido afectados por processos de mudança (Sharwood Smith, 1989; Ammerlaan, 2001; Goral, 2004) Esta falta de controlo pode expressar-se em dois tipos de fenómenos:

1) problemas na selecção lexical e dificuldades em lembrar-se do vocabulário.

2) dificuldades de processamento, que se podem manifestar no abrandar do ritmo de processamento das frases produzidas ou na transferência para a língua em erosão de elementos da língua dominante. Note-se que, neste caso, o fenómeno de transferência não resulta da fusão dos dois sistemas linguísticos do falante bilingue.

A tensão entre a perda efectiva e irreductível de informação e a dificuldade temporária em aceder a informação retida é também uma preocupação central das teorias neuro- e psicolinguísticas, que, mais recentemente, tentam analisar o fenómeno de erosão linguística em termos de mecanismos psicolinguísticos de processamento, de inibição e activação de informação (cf. Green, 1986).

#### **1.1.2.1.1. *Activation Threshold Hypothesis***

Um modelo que me parece bastante convincente neste campo é a *Activation Threshold Hypothesis* (ATH) de Paradis (1993, 2004), baseada na ideia de existência de um ‘limiar de inibição’ na mente do falante bilingue. Originariamente, a noção de inibição foi desenvolvida no âmbito do estudo de lesões cerebrais para explicar a diferença entre a perda e a inacessibilidade de informação linguística em sujeitos com disfunções linguísticas, sugerindo-se que, em certas patologias de afasia, a informação linguística não é totalmente perdida, mas apenas bloqueada ou inibida (*vide* Gürel, 2004, para uma discussão geral). Em falantes bilingues afásicos, tentou-se demonstrar que a língua mais frequentemente usada antes da lesão cerebral é a primeira a ser recuperada, enquanto que, devido a fenómenos de inibição, a acessibilidade à língua

menos praticada é um processo mais difícil e mais demorado. Paradis (1993, 2004) retoma este conceito de inibição e transfere-o para o seu modelo integrativo de funcionamento da mente bilingue (em contexto não patológico). A sua *Activation Threshold Hypothesis* especifica a relação entre a frequência de uso de um item linguístico e a sua activação, isto é, a capacidade em aceder-lhe. Esta capacidade é regulada por um limiar neurológico (*threshold*), definido como a quantidade de impulsos neurológicos necessários à activação de um item linguístico (Paradis, 2004: 28). Quanto mais um item é activado, mais baixo é esse limiar. Por sua vez, o limiar de activação sobe, se o item está desactivado, isto é, não é usado durante muito tempo. Neste caso, a sua (re)activação torna-se mais difícil. Este processo regula todo o contacto das duas línguas na mente de um falante bilingue. Quando uma língua é seleccionada, o outro sistema linguístico é automaticamente inibido, isto é, o limiar de activação da língua não usada sobe, evitando fenómenos de interferência. Este funcionamento aplica-se tanto a itens lexicais, como ao domínio fonológico e às construções sintácticas. Ora, neste modelo, a erosão linguística é entendida como o resultado de um prolongado período de falta de estímulo por parte de uma língua (Paradis, 2004: 28), originando um elevado limiar de inibição. A prolongada exposição à língua dominante faz com que o limiar de activação desta língua esteja mais baixo, tornando-a mais acessível. No entanto, a inibição da língua em desuso não implica perda da língua, mas apenas que os itens linguísticos da língua dominante estão mais acessíveis que os da língua não usada e que é necessário maior estímulo, isto é, um maior *input*, para os reactivar. Além disso, o limiar de activação não é igual para a faculdade de produção e a faculdade de compreensão de uma língua. Segundo Paradis, “production requires a lower threshold than comprehension” (2004: 29), o que explica o facto de muitos falantes bilingues serem capazes de compreender na perfeição a segunda língua, mas não a conseguirem falar.

Resumindo, o grau de utilização das línguas determina o seu nível de activação:

A language needs to be used in order to keep its activation threshold sufficiently low to prevent accessibility problems. Within each language, the ease of access to its various items is proportionate to the recency and frequency of their use. (Paradis, 2004: 31)

#### **1.1.2.1.2. As formas linguísticas bilingues**

No contexto das teorias psicolinguísticas de processamento de informação em falantes bilingues gostava de referir ainda a proposta de Grosjean (2001), *Bilingual's*

*Language Modes*. Segundo Grosjean existem três formas de activação das línguas de um falante bilingue (que ele denomina de *Bilingual's Language Modes*): a activação monolíngue (*monolingual language mode*), a activação intermédia (*intermediate mode*) e a activação bilingue (*bilingual language mode*), definidos segundo a situação e o interlocutor. Em todas as formas de activação existe uma língua base (*Language A*), que está mais activa que a segunda língua (*Language B*). A activação das línguas é entendida como um contínuo; a alteração das formas de activação assim como da língua base pode ocorrer espontânea e continuamente. Grosjean realça que o contínuo de activação não vai até aos extremos, isto é, que em nenhum momento – mesmo na forma monolíngue – o falante tem uma das suas línguas completamente desactivada, nem ambas as línguas igualmente activadas. Em congruência com o modelo *ATH* de Paradis (1997, 2004), o equilíbrio entre as línguas e o seu grau de activação altera-se quando uma das línguas do falante bilingue se torna mais dominante que a outra. Nestes casos, o falante não terá a capacidade de controlar as formas de activação das duas línguas, não conseguindo manter a língua dominante desactivada em situações que apenas requerem a língua mais fraca:

This would mean that bilinguals who are highly dominant in one language may simply not be able to control language mode in the same way as less dominant or balanced bilinguals. Although they may deactivate their stronger language in a monolingual environment that requires only the weaker language (...), that language will simply not be developed enough or active enough to allow them to stay in a monolingual mode. (Grosjean, 2001: 21)

### **1.1.3. Erosão linguística enquanto fenómeno de interferência**

Uma forma diferente de explicar o esquecimento surgiu com a ‘Teoria da Interferência’ (Underwood, 1957), a qual postula que esquecemos as informações por influência de nova informação, sobreposta à antiga (cf. Baddely 1986: 59). “Do ponto de vista dessa teoria, isso não se dá devido ao efeito corrosivo do tempo, mas sim porque ocorreram mais aprendizagens entre o momento atual e eventos antigos, do que entre o evento atual e os eventos recentemente aprendidos” (Pergher/Stein, 2003: 6)

Transpondo esta concepção para o domínio linguístico, um considerável número de estudos desenvolvidos no âmbito de *language attrition* baseia-se na concepção de que, em falantes bilingues privados do contacto com uma das suas línguas, a língua não usada é modificada sob influência da língua dominante. A mais influente teoria baseada na influência interlinguística é a hipótese de *Crosslinguistic Influence (CLI)*, inicialmente formulada por Sharwood Smith (1983, 1989), que a define como “the

influence on the learner which one language system he or she possesses may have on another language system” (Sharwood Smith, 1989: 185).

O domínio linguístico onde indubitavelmente se tem evidenciado mais transferência de uma língua para a outra é o domínio lexical. A maioria dos autores que investigam este domínio tem observado a ocorrência de empréstimos e adaptações semânticas de uma língua para a outra (cf. Ben Rafael, 2001; Cohen, 1989; Hutz, 2003; Jaspaert/Kroon, 1992). No domínio morfo-sintático, autores como Seliger (1991) e Tomiyama (2000) reportam a transferência de regras sintáticas da língua dominante para a língua em erosão. Por exemplo, o rapaz bilingue estudado por Tomiyama passa a aplicar as regras de colocação do adjetivo do japonês na construção de frases inglesas. No entanto, e como já foi referido, as influências substanciais no domínio morfo-sintático são sobretudo observadas no estudo de crianças bilingues. Os seus efeitos são menos visíveis quando a população bilingue estudada é adulta.

#### **1.1.3.1. Dois níveis de transferência**

A transferência observada por muitos autores, tanto a nível da erosão como da aquisição linguística (*vide* Müller/Hulk, 2001, descrevendo processos de interferência sintático-discursiva em crianças bilingues franco-/italo-alemãs) retoma a questão já discutida da diferença entre mudança ocorrida a nível da competência ou apenas da produção. É fundamental distinguir entre estes dois níveis de transferência distintos: o nível das representações mentais do sistema gramatical que o falante possui e o do seu processamento, isto é, da activação deste conhecimento no momento de produção verbal. Ao avaliar as conclusões de Hulk/Müller (2000) e Müller/Hulk (2001), Meisel (2007c) alerta para a necessidade de distinguir estes dois níveis, afirmando que a interacção interlinguística observada pelas autoras “result in quantitative but not in qualitative changes of the acquisitional process” (Meisel, 2007c: 96). Segundo Meisel, as crianças bilingues estudadas, que apresentam transferência linguística de fenómenos de natureza pragmática, “have been shown to develop separate mental representations of the knowledge systems of each of their languages, although they do not necessarily keep the two languages apart when using them” (*ibidem*: 98). Assim, o autor classifica a interdependência observada como uma estratégia de uso da língua (“a strategy of use, as a relief strategy”, *ibidem*: 108) em vez de considerá-la um processo resultante da integração de propriedades gramaticais de um sistema no outro sistema linguístico. No mesmo sentido apontam as conclusões de Sorace (2007) e Argyri/Sorace (2007), que

classificam a interferência observada nos seus falantes bilingues como “processing effects/optionality”.

Também a *Activation Threshold Hypothesis* de Paradis (1993, 2004) pode explicar esta relação entre processos de interferência, utilização das línguas e níveis de activação linguística: pressupondo que a perda de acessibilidade a uma das línguas do falante bilingue é uma consequência da não utilização e consequente não activação dessa língua, a *ATH* propõe que os elementos linguísticos da língua dominante influenciam o processamento da língua não usada. Assim, os elementos com um alto limiar de inibição serão mais difíceis de activar quando existem elementos correspondentes da língua dominante, os quais dispõem de um limiar muito baixo devido ao seu uso frequente (cf. Gürel, 2004).

Concluindo, os processos de interferência que poderão ocorrer na produção verbal de falantes bilingues com uma língua em erosão não são necessariamente sinal de uma fusão dos dois sistemas linguísticos do falante, mas poderão ser interpretados como falha nos mecanismos de controlo e activação da língua durante o acto de produção.

#### **1.1.4. Tipo de contacto**

Uma das perguntas que tem intrigado os investigadores diz respeito ao factor ‘tipo e quantidade de contacto’ com a língua em erosão, pois continua a ser pouco claro “quanto” contacto com a língua é necessário para que esta não seja esquecida. Na sua generalidade, os autores concordam que a probabilidade de ocorrer erosão linguística aumenta nos falantes que perdem o contacto com uma das suas línguas, embora poucos estudos apresentem este factor como uma variável, comparando falantes com diferentes graus de *input* da língua em erosão. Entre estes, de Bot *et al.* (1991) e Köpke (1999) atestam que a perda linguística observada nos seus grupos de observação é maior nos sujeitos que têm pouco contacto com a sua L1.

No entanto, mantém-se a dúvida sobre o tipo de *input* recebido. Será que, para que um bilingue consiga manter as suas duas línguas, o uso activo da língua é mais importante do que um *input* regular, mas apenas receptivo? Köpke (1999), por exemplo, defende que, para um adulto manter as suas línguas, um contacto reduzido é suficiente. Em muitos casos, é apenas necessário um *input* passivo em forma de leitura, uma vez que o sistema linguístico do adulto já está estabilizado, não necessitando, por isso, de evidência externa. No mesmo sentido apontam as conclusões de Schoenmakers-Klein (1989 e 1998), que encontra níveis muito reduzidos de erosão no seu grupo de

investigação, emigrantes portugueses de primeira geração residentes na Holanda e na França há mais de dez anos. Diferente é a situação da criança, cujo sistema linguístico ainda está em evolução e necessita de evidência externa para se desenvolver correctamente. Neste sentido, Sharwood Smith/Van Buren (1991: 23) sugerem que o *input* é indispensável não só para a competência linguística se desenvolver, mas também para que esta se estabilize. Assim, o *input* tem o papel de funcionar como evidência confirmativa, indispensável ao correcto desenvolvimento da L1. Na sua ausência, o falante recorre ao sistema linguístico da sua L2 para colmatar a falta de evidência confirmativa da L1 (Köpke, 2004).

### **1.1.5. Nível de literacia**

Poucos são os estudos desenvolvidos no âmbito de *language attrition* que têm prestado atenção à influência do factor ‘nível de escolaridade’ no processo de erosão e os que, de facto, têm este factor como variável apresentam conclusões contraditórias (cf. Schmid, 2002: 21). Enquanto que Köpke (1999) não consegue relacionar o nível de escolaridade dos falantes estudados com o nível de erosão linguística detectada, segundo Jaspaert/Kroon (1989), o nível de literacia dos seus informantes é o factor mais influente na ocorrência de perda linguística. As explicações dadas pelos autores são, no entanto, bastante vagas e pouco sustentadas, uma vez que fazem corresponder um nível mais alto de escolaridade a uma situação financeira mais estável, o que, segundo os autores, permite aos falantes viajarem ao seu país de origem e manter o contacto com a sua L1. Porém, esta hipótese, em vez de explicar a importância do factor ‘literacia’, mostra a influência do factor ‘frequência de contacto’ na ocorrência de erosão, pois é quem viaja mais e tem mais contacto com a sua L1 que menos perde.

No caso da perda de competência linguística durante a infância, vários autores (cf. Berman/Olshtain, 1983; Hansen-Strain, 1990; Hansen/Shewell, 2002; Olshtain, 1989) têm sugerido que o factor ‘idade’ interage necessariamente com o factor ‘literacia’. Assim, para além da maturação biológica, a observação de que as crianças mais velhas, em caso de perda de contacto com uma das suas línguas, conseguem conservá-la melhor que as crianças mais novas tem sido - também - relacionada com o desenvolvimento cognitivo e o nível de literacia das crianças: uma criança que saiba ler e escrever perfeitamente dispõe de um meio de contacto com a língua que uma criança menos instruída não possui. Assim, o canal escrito pode funcionar para o falante como mais uma fonte de evidência confirmativa de uma língua que ele não usa oralmente (Olshtain, 1989).

### **1.1.6. Motivação, atitudes e identidade**

O papel da motivação individual é amplamente reconhecido como factor fundamental no processo de aprendizagem de uma segunda língua (Gardner, 1982; Harris/Gleason/Ayçiçeği, 2006; Pavlenko, 2002), mas também no processo de perda linguística parece ter um peso importante (Dewaele, 2004; Hansen/Shewell, 2002; Schmid, 2002; Yoshitomi, 1992).

Os autores que têm focado a sua atenção na relação entre o bilinguismo e o domínio afectivo (cf. Pavlenko, 2002; Koven, 2006) sugerem que as diferentes línguas de um falante bilingue desempenham funções emocionais diferentes. Neste sentido, autores como Dewaele (2004) assumem que, quanto mais estreita a relação emotiva com a língua, menor é a probabilidade de esta entrar em processo de erosão.

Um importante contributo ao estudo da relação entre erosão e o domínio afectivo foi dado pelo trabalho de Schmid (2002), que analisou o desempenho linguístico de alemães de origem judaica, residentes nos Estados Unidos, tendo fugido da Alemanha durante o regime nazi. A autora sugere que a erosão observada nos registos verbais destes falantes não se deve apenas à falta de contacto com a língua alemã (que ultrapassa os sessenta anos), mas sobretudo às experiências traumáticas vividas pelos falantes antes da fuga. Segundo as suas observações, o grupo que apresenta mais perda linguística é aquele que emigrou mais tarde e viveu mais intensamente as perseguições nazis, criando uma maior aversão à língua alemã, o que levou à sua rejeição.

A atitude negativa, criada por vivências traumáticas, também é apontada como sendo uma causa importante na perda linguística de crianças adoptadas. Os falantes coreanos estudados por Pallier *et al.* (2003) e Ventureyra/Pallier (2004) foram adoptados com idades entre os três e os oito anos. Na altura do estudo, os falantes têm entre vinte e trinta e dois anos e, após a adopção, não voltaram a ter contacto com a sua L1, o coreano, afirmando terem perdido por completo esta língua, facto (aparentemente) comprovado pelo estudo neurológico a que se submeteram. Entre outros factores, a infância traumática destes falantes, passada em orfanatos coreanos, é apontada como sendo uma das principais causas da sua perda linguística.

## **1.2. O que se perde?**

### **1.2.1. Léxico**

O domínio lexical tem sido, indubitavelmente, a área linguística mais estudada pelos investigadores interessados no fenómeno do bilinguismo, pois é o domínio mais fértil

para a ocorrência de processos de interferência das línguas em contacto. Aliás, o primeiro grande estudo sobre fenómenos de interferência em falantes bilingues, da autoria de Uriel Weinreich (1953), continua a ser uma obra de referência. Muitas das suas constatações continuam a reunir consenso generalizado. Os itens lexicais são mais susceptíveis a interferência que as propriedades gramaticais da língua. Uma forma de interferência lexical é o uso de itens da L2 num discurso L1. No entanto, os fenómenos de interferência lexical são típicos do discurso de falantes bilingues e é um erro grave interpretá-los apenas como evidência de erosão linguística (Pavlenko, 2004: 48). Pelo contrário, o fenómeno de alternância de códigos (*code-switching*) até tende a ser analisado como manifestação da alta competência do falante em ambas as suas línguas (Poplack, 1980: 601), visto que, muitas vezes, o falante sente que o item importado da outra língua é mais apropriado para transmitir determinado conceito, soa melhor ou a sua utilização tem efeitos pragmáticos que o uso monolíngue não teria. Consequentemente, o recurso a transferência lexical não deve ser necessariamente considerado evidência de erosão linguística sem uma análise mais aprofundada do tipo de empréstimo e das razões subjacentes. Apenas deve ser interpretado como sinal de perda quando existe um item lexical correspondente na língua em erosão, mas que já não está acessível ao falante (Pavlenko, 2004: 50). Mais uma vez, a distinção entre perda efectiva e inacessibilidade temporária (“reduction in accessibility”, Sharwood Smith, 1983) é fundamental. A sua distinção só é possível com o recurso a testes apropriados: o falante apenas terá perdido um determinado item lexical quando não o consegue produzir nem compreender ou quando o usa com o significado de um item da língua que exerce a influência lexical. Este último processo – a transferência de significado – também é um fenómeno que merece a atenção dos investigadores interessados na erosão lexical. Manifesta-se, por exemplo, na extensão do significado da palavra da língua em erosão de modo a poder corresponder ao significado da língua dominante (“*semantic extension*”, cf. Romaine, 1989: 56). No seu estudo, Altenberg (1991) demonstra que a selecção lexical é uma área bastante vulnerável, interpretando os fenómenos de sobregeneralização semântica encontrados no seu grupo de observação como indícios de erosão linguística.

Embora possam ser interpretados como indícios de perda, os processos de transferência lexical discutidos são geralmente tidos como “fenómenos de superfície” (“*surface level of utterances*”, cf. Schmid, 2002: 33), que não podem servir de

resposta à seguinte questão: quando um falante perde uma língua, há uma redução efectiva do seu vocabulário?

Andersen (1982) e Olshtain e Barzilay (1991), entre outros, afirmam que a perda da riqueza lexical é uma das características mais evidentes do processo de erosão linguística. Um dos testes mais conhecidos e mais utilizados para testar uma hipotética redução do sistema vocabular dos falantes em situação de erosão tem sido a narração da conhecida história do sapo (a '*Frog story*', cuja utilização foi proposta por Berman/Slobin, 1994). Olshtain/Barzilay (1991) utilizam este exercício para demonstrar que a redução de contacto com a L1 exerce, de facto, efeito sobre a capacidade do falante bilingue em aceder ao seu sistema lexical, evidenciando-se sobretudo na dificuldade em encontrar palavras específicas e pouco utilizadas.

### **1.2.2. Morfologia**

Muitos dos estudos desenvolvidos na área de *language attrition* concentram-se no domínio morfológico (cf. Altenberg, 1991; Daller, 1996; Schmid, 2002; Seliger, 1991; Vago, 1991; para uma visão mais detalhada, *vide* Schmid, 2004). Neste âmbito, um dos processos mais observados nos registos verbais de falantes bilingues sem contacto com uma das suas línguas é a regularização do sistema flexional, como por exemplo a conjugação de verbos irregulares, seguindo o padrão regular ou a redução de marcas alomórficas de número e género a uma única forma flexional. Nas línguas que apresentam um sistema casual muito desenvolvido, são observados vestígios de erosão nas declinações (Hirvonen, 1998). Além disso, alguns autores defendem existir uma tendência nestes falantes para substituir marcas de flexão nominal e verbal por formas analíticas e construções perifrásticas, assim como uma preferência pela transmissão de determinadas relações gramaticais por meio do uso de lexemas em vez do recurso à flexão morfológica (por exemplo o uso de preposições em vez da morfologia casual).

Uma ideia que merece consenso entre os investigadores é que o processo de erosão é selectivo (Altenberg, 1991: 203), pois os diferentes aspectos morfológicos não são igualmente vulneráveis. Assim, tanto Altenberg (1991) como Schmid (2002) atestam um grau muito mais alto de vulnerabilidade na flexão nominal de número que de género nos seus grupos de observação (de bilingues anglo-germânicos). Porém, as autoras apresentam hipóteses diferentes para explicarem esta situação. Schmid relaciona este facto com o processo de aquisição. Em alemão, as marcas de plural são adquiridas em fase mais tardia que as marcas de género, pelo que – segundo a 'Hipótese de Regressão'

(*Regression Hypothesis*, cf. Jordens *et al.*, 1989) que a autora considera válida nesta situação – o aspecto linguístico mais tardiamente adquirido é aquele que mais rapidamente é perdido em caso de privação de *input*. (Schmid, 2002: 125). Já Altenberg socorre-se de uma outra ideia bastante difundida na área de *language attrition*: a erosão afecta sobretudo os aspectos da língua não usada que têm forma semelhante na língua dominante, indo ao encontro da concepção de que “only the L1 properties that have analogous forms in the L2 (hence in competition with the L2 forms) will undergo attrition [...]. L1 elements that have no corresponding forms in the L2 will not be vulnerable to attrition as they will not be in competition with the L2 elements” (Gürel, 2004: 60). No caso do aspecto morfológico em discussão, o alemão e o inglês apresentam semelhanças quanto à terminação do plural em *-s*.

### 1.2.3. Sintaxe

O domínio linguístico que aparenta ser mais resistente à ocorrência de erosão é a sintaxe, o que pode explicar o menor número de estudos conduzidos nesta área. Intuitivamente, a ideia de que a ordem de palavras é um domínio vulnerável a processos de simplificação parece convincente (*vide* Schmid, 2002: 35). Geralmente, as línguas oferecem várias hipóteses de construção frásica para o falante se expressar, as quais variam no seu grau de complexidade. O uso de construções hipotácticas requer mais complexidade sintáctica que o uso da parataxe. Uma das manifestações de erosão no domínio sintáctico poderá, portanto, consistir no aumento de construções paratácticas em detrimento da utilização de orações subordinadas. De facto, esta é uma das conclusões do estudo de Yağmur (2004), que investiga a competência sintáctica de falantes turcos residentes na Austrália.

No mesmo sentido apontam as conclusões de Kirschner (1996), no entanto, a população estudada e a metodologia empregue pelo autor são muito distintas das de Yağmur. Kirschner investiga a competência sintáctica de falantes espanhóis de segunda geração, residentes nos Estados Unidos, cuja língua dominante é o inglês. Baseando-se num *corpus* de textos escritos em espanhol, observa uma clara preferência por frases simples e orações coordenadas em detrimento de estruturas de subordinação. Além disso, refere um aumento considerável de sujeitos realizados e a não utilização da inversão livre, características típicas do espanhol, língua de sujeito nulo. Contudo, no caso da população estudada por Kirschner - emigrantes de segunda geração – torna-se bastante problemático o recurso ao termo ‘erosão linguística’ para descrever falhas de

competência linguística, uma vez que é mais válido pressupor que estes falantes nunca chegaram a adquirir competência nativa na sua L1, em vez de considerar que a perderam. Na verdade, o termo erosão pressupõe que os aspectos gramaticais em análise tenham sido adquiridos.

A mesma problemática de distinção entre ‘perda de competência adquirida’ e ‘aquisição incompleta’ ensombra o estudo de Montrul (2004) que, apesar de dar um contributo decisivo a uma área de estudo pouco desenvolvida (erosão a nível da expressão argumental), não diferencia entre erosão em falantes individuais e erosão ocorrida no seio de uma comunidade. De facto, é enganoso afirmar-se que os “*heritage speakers*” que estuda perderam competência a nível da expressão de sujeitos e objectos em espanhol, sendo mais válido assumir que não adquiriram essa competência a um nível nativo, já que se trata de emigrantes de segunda geração de origem mexicana que cresceram nos EUA (para uma discussão detalhada deste trabalho *vide* Sorace, 2004).

Os estudos que apenas se centram no domínio sintáctico, analisando a proficiência de falantes bilingues adultos e a possível ocorrência de erosão em situações de privação de contacto com uma das línguas são os trabalhos de Gürel (2004a/b), Sorace (2000) e Tsimpili/Sorace/Heycock/Filiaci (2004). Seguindo a corrente minimalista (Chomsky, 1995), estes estudos tentam comprovar a selectividade do processo de erosão sintáctica, demonstrando que existem aspectos sintácticos mais vulneráveis que outros. Assim, os falantes turcos estudados por Gürel apresentam um alto grau de erosão no domínio da anáfora pronominal, no entanto, a reestruturação deste aspecto sintáctico apenas se dá em contextos onde existe uma competição entre a L1 e a L2, pelo que a autora conclui que a semelhança entre as estruturas linguísticas das duas línguas em competição é um pressuposto indispensável à ocorrência de variação sintáctica (Gürel 2004a: 75). Já os outros dois trabalhos destacam as interfaces em que se situam os fenómenos sintácticos, afirmando que aspectos gramaticais situados na interface com outros sistemas conceptuais (por exemplo o pragmático) são mais vulneráveis à ocorrência de erosão que aspectos puramente sintácticos<sup>8</sup>.

A maioria dos estudos que analisam a competência de falantes L1 inseridos num ambiente L2 não dá especial destaque ao domínio sintáctico, apenas analisando alguns fenómenos isolados e comparando-o com o domínio lexical e morfológico. Neste sentido, tanto Schmid (2002) como Köpke (1999) e Schoenmakers-Klein (1998)

---

<sup>8</sup> Uma discussão mais detalhada destas conclusões é apresentada no capítulo 5.

referem um nível muito baixo de erosão no domínio sintático em comparação com o morfológico e o lexical nos falantes bilingues adultos que analisam.

Um dos poucos trabalhos que investiga erosão ocorrida a nível da ordem de palavras é o estudo de Håkansson (1995), em que é comparada a proficiência linguística de falantes que adquiriram o sueco durante a infância mas deixaram de falá-lo e estão a readquiri-lo em fase adulta (como L2, segundo opinião da autora) com a proficiência de falantes L2 de sueco mas sem historial bilingue na infância. A autora centra-se em dois aspectos gramaticais do sueco, um do domínio sintático e outro do domínio morfológico: a regra V-2 e a congruência dentro do sintagma nominal. Conclui que os falantes bilingues sem contacto com o sueco durante a adolescência cometem muitos erros de congruência, mas apresentam um domínio de V-2 extremamente estável, diferenciando-se, neste aspecto, dos falantes L2.

Håkansson explica as suas observações com base no pressuposto da ‘Gramática Universal’, destacando que “parametric values set in L1 should not undergo language attrition. They would persist over a considerable time during the attrition process while other parts of the language are lost” (Håkansson, 1995: 155).

O presente trabalho também parte do quadro teórico que estipula a existência de uma Gramática Universal pelo que se julga pertinente apresentar sucintamente os pressupostos subjacentes à Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986, 1995).

### **1.2.3.1. Erosão linguística e o Modelo de Princípios e Parâmetros**

Os resultados observados nos vários estudos que foram apresentados anteriormente vão ao encontro dos pressupostos básicos da Teoria de Princípios e Parâmetros: o fenómeno de erosão linguística é sobretudo expressivo no domínio lexical e morfológico, enquanto que a sintaxe parece ser menos vulnerável a processos de perda. Ora, vejamos como o pressuposto inatista de existência de uma Gramática Universal, postulada pelo Modelo de Princípios e Parâmetros, se coaduna com estas observações.

Segundo Chomsky (1981, 1986), um dos impulsionadores da visão mentalista da faculdade da linguagem e pai do Modelo de Princípios e Parâmetros, o Homem é dotado de uma faculdade linguística inata, a chamada ‘Gramática Universal’ (UG), “entendida como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie”(Raposo, 1992: 46). A par deste

conjunto de princípios, a faculdade linguística alberga um conjunto de princípios abertos, os parâmetros, que se vão definindo ao longo do processo de aquisição linguística, sendo determinantes para as particularidades de cada língua. Neste sentido, o fenómeno de aquisição linguística corresponde a um processo contínuo de fixação destes parâmetros a valores próprios da língua materna que a criança está a adquirir. Para cada parâmetro é escolhido o valor positivo ou negativo de acordo com as propriedades da língua em aquisição. Este ‘Dispositivo de Aquisição da Linguagem’ (*Language Acquisition Device*) é accionado através de *input* do meio ambiente. Concluída a fase de maturação, entendida como um processo biológico, o falante adquire uma gramática final, isto é, um sistema de regras que caracteriza os conhecimentos do falante adulto.

Funcionamento idêntico é assumido para a aquisição bilingue de duas línguas primárias. Como têm apontado muitos autores (por exemplo, Meisel, 1995 e 2001), a nossa faculdade linguística está preparada para o multilinguismo: a exposição natural a mais que uma língua durante a fase de maturação linguística permite à criança adquirir naturalmente duas ou mais línguas. A ideia de que este processo de aquisição bilingue decorre de forma independente e sem mistura dos dois (ou mais) sistemas gramaticais está largamente difundida (de Houwer, 1995; Meisel, 2001). Se a aquisição bilingue decorre de forma contínua, mantendo-se o *input* por parte das duas línguas, concluído este processo, a criança bilingue com duas L1 possui dois sistemas sintácticos autónomos, idênticos aos sistemas de crianças monolíngues.

Segundo uma interpretação mais rígida da Teoria de Princípios e Parâmetros, os parâmetros sintácticos fixados não voltam a ser apagados ou refixados noutros valores. Como afirma Clahsen (1990: 365), “once a parametric setting (consistent with the available data) has been chosen by the child, the remaining unexercised options fade from further accessibility”. É com base neste pressuposto que muitos investigadores, sobretudo na década de 80 (por exemplo Clahsen/Muysken, 1986, 1989 e Schachter, 1988), diferenciam a aquisição da L1 da aprendizagem de uma L2, afirmando que a Gramática Universal apenas está acessível à aquisição da L1. Consequentemente, a aprendizagem da L2 já não se dá através da fixação de parâmetros (uma vez que estes já foram fixados no valor próprio da L1). A discussão em torno da questão da acessibilidade da Gramática Universal a falantes L2 continua a ter opositores e defensores. Mais recentemente, alguns autores têm tentado demonstrar que muitos

aspectos linguísticos da L2 são adquiridos sem que a sua aprendizagem possa ser explicada com base em *input* ou transferência da L1, concluindo que “L2 representations must be constraint by UG” (White, 2003: 25).

De igual modo, no campo de investigação de erosão linguística, os esforços de alguns investigadores da escola generativa têm-se centrado na questão se alguns parâmetros são mais vulneráveis a reestruturação que outros. Sharwood Smith (1989), por exemplo, chama a atenção para a distinção entre parâmetros marcados e não marcados, sugerindo que as estruturas menos marcadas da língua dominante tendem a substituir as estruturas com função idêntica na L1, mas que aí são marcadas. Já as formas gramaticais não marcadas são resistentes à erosão linguística. Nesta lógica, o processo de perda de competência sintáctica corresponde à passagem de parâmetros fixados em valores marcados para valores correspondentes não marcados. Porém, não existe, entre os linguistas generativos, consenso sobre a noção de parâmetro marcado, pelo que é problemático definir quais as estruturas de um determinado sistema gramatical que são marcadas.

As últimas tentativas de estudar o fenómeno de erosão sintáctica de uma perspectiva generativa, seguindo a corrente minimalista, têm especulado sobre a possível influência de um segundo factor: a distinção entre traços interpretáveis e não-interpretáveis (*±interpretable features*, Chomsky/Lasnik, 1995) e o seu papel na ocorrência selectiva de erosão a nível sintáctico. Neste sentido, Argyri/Sorace (2007), Montrul (2002), Sorace (2000) e Tsimpli *et al.* (2004) assumem que estruturas situadas na interface entre a sintaxe e a semântica ou entre a sintaxe e o discurso [+ interpretáveis] possam estar mais susceptíveis a sofrerem erosão que estruturas ‘meramente’ morfo-sintácticas [- interpretáveis], as quais são resistentes a processos de reestruturação.



## CAPÍTULO 2

### *Falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal*

#### **2.1. A emigração portuguesa para a Alemanha e a Suíça e o retorno a Portugal<sup>9</sup>**

A migração sempre foi uma característica marcante da História de Portugal. Não obstante esta presença constante do movimento de massas, o conceito de migração foi sofrendo alterações ao longo dos séculos, motivado sobretudo por uma mudança gradual das causas e dos destinos dos movimentos migratórios de Portugal para outros pontos do mundo. Partindo do ideal aventureiro da descoberta de novas terras, passando por intenções bélicas de expansão do território português e propósitos comerciais de abertura de novos mercados, chegados ao século XX, vemos emergir a toda a força o conceito do emigrante trabalhador: a principal motivação dos movimentos emigratórios passa a ser a económica. O português já não deixa o seu país para seguir o ideal de descobrir e colonizar outras terras, mas sim para trabalhar e construir uma vida que não está ao seu alcance na terra natal. Marcado pelo longo período da ditadura (salazarista e depois marcelista), no século XX, Portugal é sobretudo sinónimo de isolamento e atraso económico. Assim, nos anos sessenta, numa época em que a Europa central se refaz das consequências dramáticas da Segunda Guerra Mundial e países como a Alemanha e a França se deparam com a necessidade de recrutar trabalhadores estrangeiros para fazer face ao estrondoso desenvolvimento industrial em que se encontram, Portugal é um país agrário sem poder industrial, situação que se vai agravar com os gastos incomportáveis da Guerra Colonial (Saraiva, 2004b). É nesta conjuntura que começa o movimento de emigração na nossa mira: a emigração para países de expressão alemã, sobretudo a Alemanha e a Suíça.

Até meados do século XX, o destino principal dos emigrantes portugueses era o Brasil, seguido de outros países transoceânicos como os Estados Unidos ou a Venezuela (Rovisco, 2001). No entanto, nesta altura, a posição do governo português face à emigração mantinha-se ambígua. Apesar de a consentir e acompanhar as saídas em massa, as autoridades não a apoiavam oficialmente, temendo o perigo da

---

<sup>9</sup> A seguinte exposição baseia-se na recolha de informações retiradas de um vasto conjunto de textos, dos quais também provêm as estatísticas e os números referenciados.

Bibliografia consultada para o efeito:

Cassola Ribeiro (1986); Figueiredo (1976); Freund (2007); Fürstenau (2004); Marques (2001); Rato (2001); Rebelo (1999-2000); Rocha-Trindade (1986; 2001); Rovisco (2001); dos Santos (1978); Soares (2002).

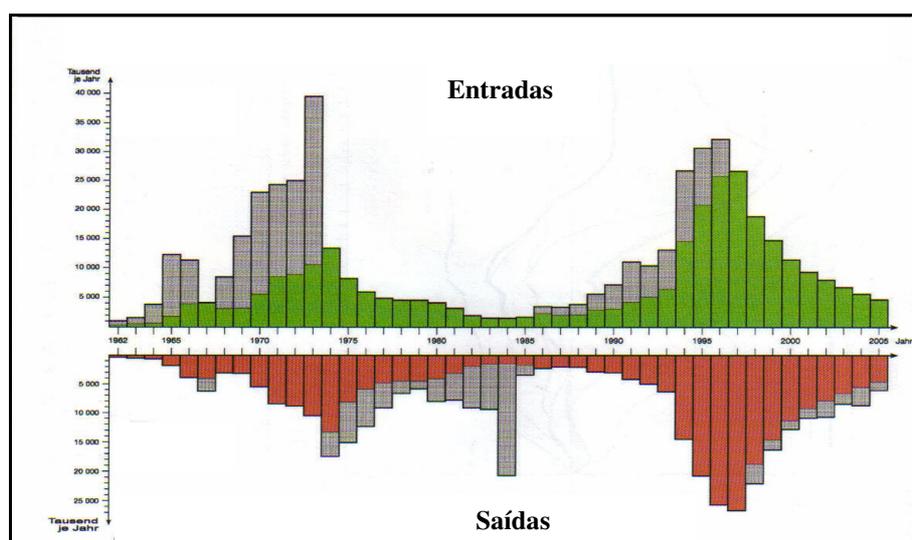
‘despopulação’ e a ruptura com o sistema fechado em si, que caracterizava o Estado Novo (Rovisco, 2001). Porém, com o agravar da situação económica portuguesa, a partir dos anos sessenta, esta atitude oficial mudou e o regime português viu-se obrigado a apoiar a saída de trabalhadores portugueses para a Europa central, processo que já tinha sido desencadeado há pelo menos uma década mas de forma ilegal (Rocha-Trindade, 2001).

Nesta altura, isto é, apenas dez a quinze anos após o final da II. Grande Guerra, a Alemanha estava a viver o chamado “milagre económico” (*Wirtschaftswunder*) e necessitava urgentemente de mão-de-obra para dar resposta às necessidades industriais do país. Foi então que o governo alemão iniciou uma intensa política de recrutamento de mão-de-obra estrangeira, estabelecendo vários acordos bilaterais (*Anwerbeabkommen*), sobretudo com países do Sul da Europa. Em 1964 procedeu-se à assinatura do acordo de recrutamento entre a Alemanha e Portugal; no mesmo ano foi celebrada com pompa e circunstância a entrada do trabalhador número um milhão na RFA, por sinal um português, presenteado com um ramo de flores e uma motorizada. Nos dez anos seguintes entraram legalmente na Alemanha mais de 150.000 trabalhadores portugueses (cf. Soares, 2002: 21/22).

No entanto, por parte do governo e do corpo empresarial alemão, a intenção subjacente a tal recrutamento sempre fora a de um acordo de trabalho temporário. Insistia-se na ideia de que os trabalhadores viriam trabalhar para a Alemanha apenas durante alguns anos e depois regressavam ao seu país de origem, concepção testemunhada na criação do termo *Gastarbeiter* (“trabalhador visitante”). Todavia, o pressuposto do retorno a curto prazo não vinha apenas da parte dos agentes acolhedores, também dominava o conceito de emigração portuguesa, emergido da abertura dos mercados de trabalho na Europa (Rocha-Trindade, 1986).

A Europa veio trazer ao conceito de emigração uma proximidade que até ao momento não existia. Até meados do século XX, os tradicionais países de acolhimento eram transoceânicos (por exemplo o Brasil, os Estados Unidos da América ou Angola). A decisão de emigrar era até então uma decisão tomada para toda a vida. Embora a ideia do retorno esteja presente no imaginário de todo o emigrante, o regresso de países como o Brasil ou a Venezuela raramente era consumado. Porém, esta concepção mudou com a proximidade dos países europeus: a ideia de ‘emigração temporária’ e ‘regresso à terra natal’ passou a dominar o ideal do emigrante português. Neste sentido, a grande maioria dos emigrantes portugueses que foram para a Alemanha a partir dos anos sessenta –

quase todos provenientes de zonas rurais desfavorecidas - tinham um propósito bem definido: trabalhar alguns anos no país de acolhimento, ganhar e poupar tanto dinheiro quanto possível e regressar a Portugal, preferencialmente para construir uma casa e, assim, traçar uma existência que até então não estava ao seu alcance (Soares, 2002). De tal modo, o fluxo migratório entre Portugal e a Alemanha desde os anos sessenta é caracterizado por emigração e remigração, movimentos que foram alcançando picos mais altos em determinados períodos. Em 1984, por exemplo, deu-se o mais intenso fluxo remigratório, consequência de uma ofensiva política para parar a imigração por parte do governo alemão. Uma lei aprovada no *Bundestag* concedia a imigrantes de países não pertencentes à CEE um forte incentivo financeiro para regressarem aos seus países de origem: receberiam um prémio (até 10 500 DM), um montante fixo de 1500 DM por cada criança e a devolução dos descontos feitos para a Segurança Social (cf. Freund, 2007: 108).



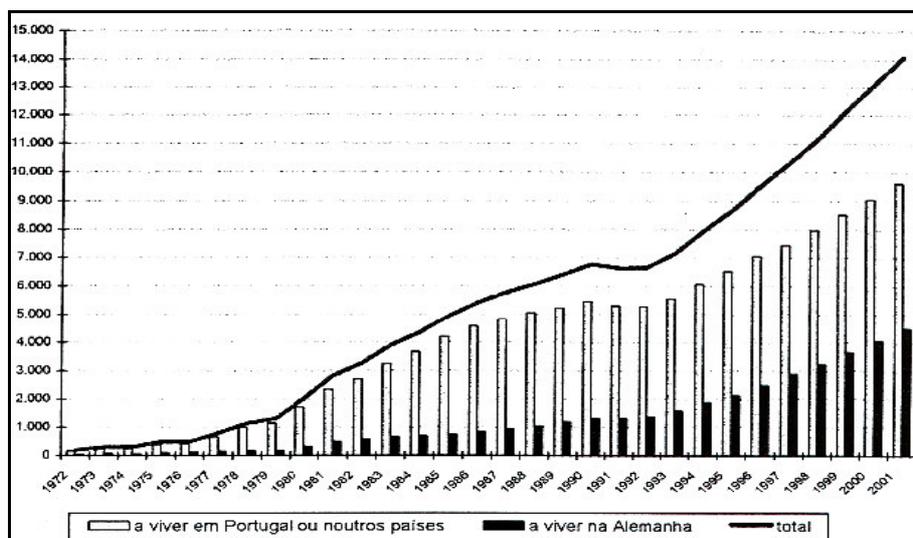
**Gráfico 1:** Movimento migratório da população portuguesa desde 1962 (retirado e adaptado de Freund, 2007: 113)

Os registos oficiais de entradas e saídas indicam que, de facto, a maioria dos portugueses que emigraram para a Alemanha desde os anos sessenta regressaram a Portugal: 80% dos imigrantes portugueses que entraram oficialmente na RFA com o estatuto de *Gastarbeiter* já não residem em território alemão<sup>10</sup> (Freund, 2007: 107).

A alta taxa de remigração desta primeira geração de emigrantes portugueses também pode ser comprovada através dos destinos das pensões pagas pelo estado alemão a emigrantes reformados, já que grande parte destas prestações são transferidas

<sup>10</sup> Porém, incluem-se aqui também os que faleceram na Alemanha ou que emigraram para outros países.

para Portugal (cf. gráfico 2). Actualmente, apenas um terço das reformas é depositado em contas bancárias alemãs (Freund, 2007: 130).



**Gráfico 2:** Portugueses a receber pensões de reforma alemãs (retirado de Soares, 2002: 17)

Desde 1986 o fluxo migratório voltou a subir (trata-se da chamada ‘segunda vaga’), tendo-se transformado num fenómeno muito peculiar nos anos noventa. Nesta altura regista-se sobretudo um aumento de trabalhadores jovens masculinos em empresas de construção nos novos *Länder*, taxa que chegou a atingir os 50 000 trabalhadores (Freund, 2007: 109).

Uma contagem de 2000, publicada pela *Beauftragte der Bundesregierung für Ausländerfragen*, indica que também a segunda vaga é caracterizada pelo retorno, apresentando os seguintes números de entradas e saídas de portugueses na Alemanha, no período entre 1991 e 1998 (retirado e adaptado de Fürstenau, 2004: 1978):

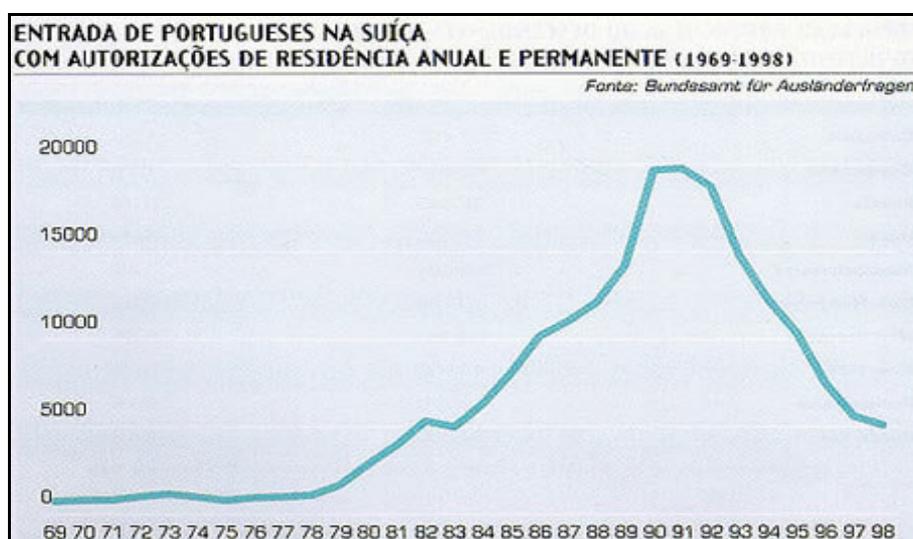
**Tabela 1:** Entradas e saídas de emigrantes portugueses no período de 1991-1997

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
<b>entradas</b>	10.716	10.145	12.897	26.520	30.477	32.000	26.402
<b>saídas</b>	4.068	4.913	6.310	14.299	20.468	25.352	26.515

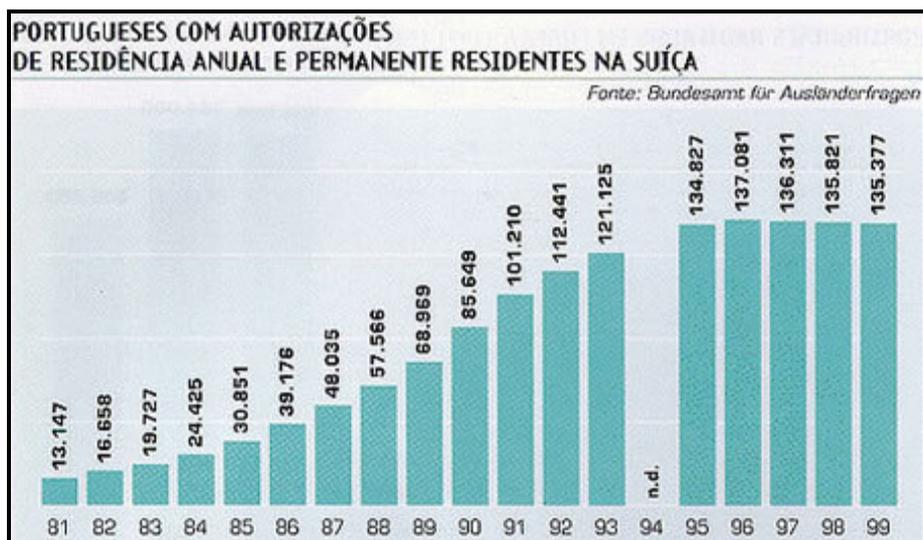
O número de imigrantes portugueses na Alemanha atingiu o seu máximo no ano 2000 com 134 000 residentes, mas veio a diminuir desde então, devendo atingir as 116 780 pessoas no final deste ano (estimativa apresentada por Freund, 2007: 129). No entanto, estes números também contabilizam os chamados *Pendler*, emigrantes que, estando na reforma, vivem entre a Alemanha e Portugal, sem nunca terem decidido

fazer a sua *Abmeldung* (anulação de registo) e, assim, cortar definitivamente os laços com o país de acolhimento. O fenómeno é bastante expressivo, apesar de não haver registo oficial do número deste tipo de emigrantes, o que leva a crer que a taxa de pessoas que regressaram a Portugal é superior à oficialmente registada.

O movimento de emigração para a Suíça espelha a situação política e económica vivida a nível europeu. Em inícios dos anos sessenta, quando os países de acolhimento privilegiados eram a França e a Alemanha (absorvendo cerca de 80,9% e 16,6% dos emigrantes portugueses, respectivamente; cf. Marques, 2001), a Suíça ainda não se tinha estabelecido como destino de emigração portuguesa, situação que se alterou na sequência da crise petrolífera de 1973/1974, quando países como a Alemanha e a França começaram a restringir fortemente a entrada de novos imigrantes. De facto, a partir dos anos oitenta, a Suíça (seguida do Luxemburgo) assumiu-se como destino privilegiado do segundo grande fluxo emigratório português para a Europa. Enquanto que, entre 1985 e 1991, a França acolheu apenas 6% da emigração intra-europeia portuguesa, a Suíça recebeu cerca de 59% destes emigrantes (Marques, 2001), registando um pico de quase 20 000 entradas anuais em inícios dos anos noventa (cf. gráficos 3 e 4).



**Gráfico 3:** Entrada de Portugueses na Suíça (retirado de Marques, 2001)



**Gráfico 4:** Portugueses residentes na Suíça (retirado de Marques, 2001)

Actualmente, os portugueses são a terceira maior comunidade de estrangeiros a residir na Suíça. De acordo com dados de 2006 (do *Bundesamt für Migration*), neste momento vivem por volta de 170 000 portugueses neste país. À sua frente estão os cidadãos italianos (295.083), seguidos dos da ex-Jugoslávia (194.977).

O perfil dos emigrantes portugueses a residir na Confederação Helvética é muito semelhante ao desenhado para o português que emigrou nos anos 60/70 para a Alemanha. Também neste caso predomina a concepção da emigração limitada no tempo, com motivações económicas de poupança e uma intenção expressa de retorno, que se confirma também nas transferências bancárias para Portugal. Como aponta Marques (2001: nota 1), “(o) recrudescimento do movimento emigratório português pode também ser evidenciado pela evolução do valor das remessas que, entre 1985 e 1992, mais do que duplica. A análise das remessas por países de origem confirma a crescente importância da Suíça. Em 1984, apenas 6% do total das remessas eram oriundas deste país, enquanto em 1992 essa percentagem já representava 18,7% do total, constituindo-se a Confederação Helvética nesta última data como o segundo país mais importante no envio de remessas para Portugal”.

Apesar de não existirem dados claros sobre o retorno de emigrantes provenientes da Suíça<sup>11</sup>, os valores estimados do regresso de emigrantes (por exemplo, através dos recenseamentos decenais da população, do Instituto Nacional de Estatística), indicam que só nos períodos de 1976/81, 1986/91 e 1996/2001 mais de 295 000 ex-emigrantes (de todo o mundo) regressaram a Portugal. Só no ano 1994 registaram-se mais de

<sup>11</sup> Aliás, como aponta Rato (2001), na sua generalidade, “tanto as informações estatísticas como a bibliografia relativas ao retorno dos emigrantes são escassas e com grandes lacunas”.

20.000 retornos, dos quais, segundo Rebelo (1999/2000), 80% de países da UE e 20% da Suíça e da África do Sul.

<b>VALORES ESTIMADOS DO VOLUME MÉDIO ANUAL DO RETORNO DE EMIGRANTES</b>	
<b>Períodos</b>	<b>Volume</b>
<b>1966-70</b>	<b>14000</b>
<b>1961-75</b>	<b>37000</b>
<b>1975-80</b>	<b>45000</b>
<b>1977-81</b>	<b>51280</b>
<b>1997-98</b>	<b>32248</b>

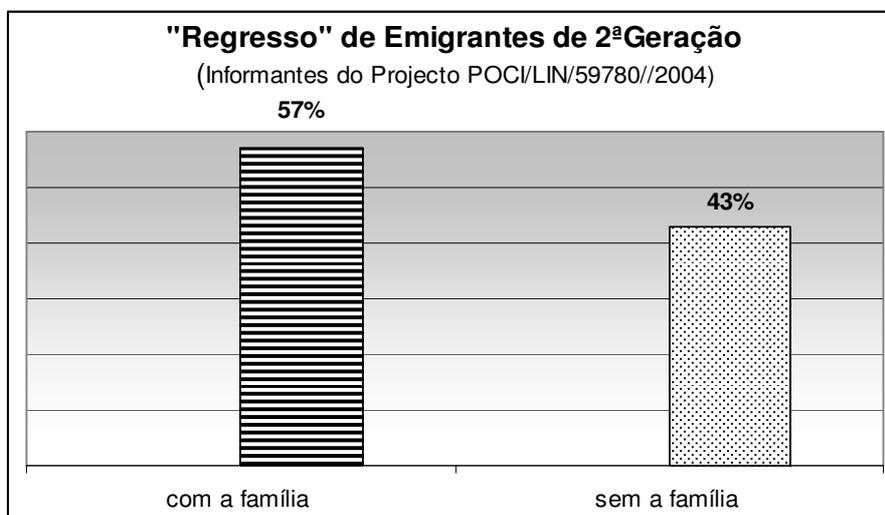
**Gráfico 5:** Valores estimados do volume médio anual do retorno de emigrantes (retirado de Rato, 2001)

Grande parte dos emigrantes de primeira geração que foram para a Alemanha e para a Suíça eram homens que inicialmente emigravam sem a família, contudo, na maioria dos casos, pouco tempo depois os familiares seguiam-nos. Os filhos destes emigrantes ou foram para a Alemanha ainda durante a infância ou já nasceram no país de acolhimento, sendo considerados emigrantes de segunda geração.

Apesar de apresentarem um nível de integração na sociedade alemã/suíça muito superior à dos seus pais (*vide* o estudo de Fürstenau, 2004), partilhando hábitos culturais alemães/suíços e tendo uma alta proficiência (também) na segunda língua, estes emigrantes de segunda geração também receberam desde sempre uma forte influência portuguesa. Podemos afirmar que são verdadeiramente biculturais e bilingues, pois conviviam paralelamente em dois meios culturais: o português na família e no seio das comunidades portuguesas, que foram crescendo desde os anos sessenta, e o alemão em toda a restante vida pública. Não obstante este alto grau de integração, o ideal do retorno, que marca o imaginário do emigrante de primeira geração, não passa ao lado do percurso dos seus filhos. Neste sentido, constata-se que uma grande parte dos emigrantes regressados voltou ao país natal com os filhos.

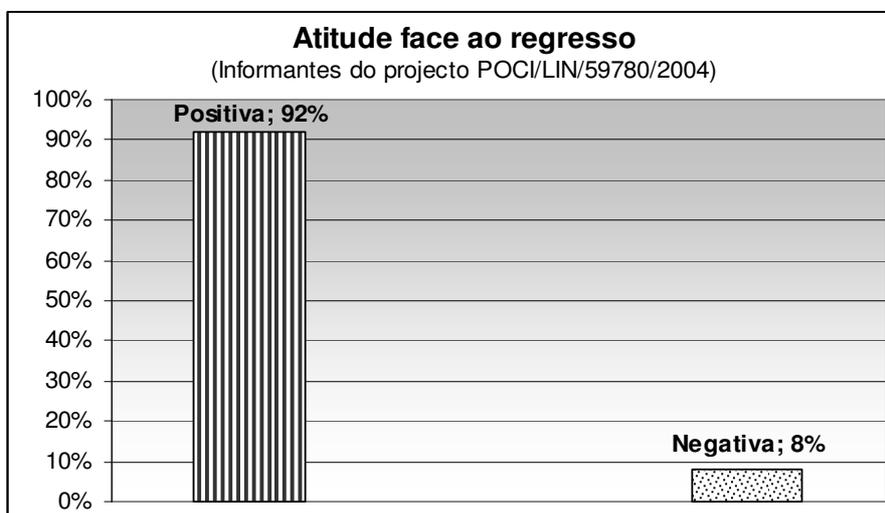
A par deste regresso em família é de observar um segundo fenómeno bastante curioso: um número considerável de emigrantes de segunda geração vem para Portugal por decisão própria e sem a companhia dos pais, tomando essa resolução sobretudo no final do ensino secundário perante a opção de continuação dos estudos ou preparação profissional na Alemanha/Suíça, por um lado, ou o ingresso no sistema universitário

português, por outro lado. Assim, 43% dos 62 ex-emigrantes de segunda geração entrevistados no âmbito do projecto POCI/LIN/59780/2004 vieram para Portugal por decisão própria e sem a companhia dos pais (cf. gráfico 6).



**Gráfico 6:** Regresso a Portugal com/sem família de emigrantes de 2ª geração (entrevistados no âmbito do Projecto POCI/LIN/59780/2004)

Além disso, a grande maioria dos falantes entrevistados no âmbito do projecto *supra* mencionado (92% dos 62 informantes) expressou uma atitude bastante positiva face ao retorno. Apenas 5 falantes afirmaram ter vindo para Portugal contra a sua vontade.



**Gráfico 7:** Atitude face ao regresso de emigrantes de 2ª geração (entrevistados no âmbito do Projecto POCI/LIN/59780/2004)

Em suma, ainda que se inscreva num desenvolvimento mais global de conjunturas políticas, económicas e sociais que marcaram este fenómeno ao longo das últimas décadas, a remigração é sobretudo um processo contínuo no tempo e no espaço, decorrente principalmente de decisões individuais e familiares. Apesar de também ter

um impacto social bastante expressivo na sociedade portuguesa (embora ainda pouco estudado), o retorno tem, em primeira instância, consequências inevitáveis relacionadas com o desenvolvimento individual daqueles que regressam ao seu país natal: vem interferir na identidade multicultural construída ao longo da vivência em dois meios culturais durante o período de emigração e desencadeia alterações na proficiência bilingue de falantes habituados a usar as suas duas línguas no dia-a-dia mas que, de um momento para o outro, se vêem confrontados com uma redução drástica (se não total) de *input* de uma das línguas, neste caso, o alemão.

## 2.2. O grupo sob investigação

O grupo sob investigação é constituído por trinta e dois falantes, que têm em comum o facto de terem nascido ou emigrado em fase precoce da sua infância para um país de língua alemã (Suíça ou Alemanha) e de terem vindo viver para Portugal em determinada altura da sua vida. Os pais destes falantes são maioritariamente portugueses que emigraram para um país de expressão alemã, por razões económicas, em fase adulta, sendo por isso considerados emigrantes de primeira geração. Apenas no caso de duas irmãs entrevistadas, a mãe é filha de emigrantes de primeira geração, pelo que as participantes são consideradas emigrantes de terceira geração.

Todos estes falantes partilham a vivência de um bilinguismo precoce, uma vez que o português se afirma como sendo a língua predominantemente utilizada no seio de famílias emigrantes de primeira geração (na maioria dos casos até a única). Assim, mesmo nascendo no país de acolhimento, o primeiro contacto linguístico dos filhos de emigrantes de primeira geração dá-se com o português, enquanto que o alemão surge como língua de socialização *activa*<sup>12</sup> em fase mais tardia: no jardim-de-infância ou numa ama e nas brincadeiras de rua com crianças amigas (portanto, por volta dos dois/três anos de idade). É nesta fase que o peso das duas línguas em contacto conhece a primeira substancial alteração. O alemão passa rapidamente de língua receptiva a língua dominante, enquanto que o uso do português é restringido ao contacto com a família, com a comunidade portuguesa adulta e o ensino do português bissemanal. Estabelece-se então uma distribuição diglósica estável, que se mantém até ao regresso a Portugal: o português mantém-se como língua predominante no seio da família e da comunidade portuguesa, enquanto que o alemão se afirma como a língua de socialização, utilizado

---

<sup>12</sup> É evidente que de forma *passiva*, como língua do meio ambiente dominante, o alemão está presente desde o início (desde a nascença no país ou o início da emigração).

na escola, com os amigos - mesmo os portugueses - e no contacto com o espaço público. Não obstante o facto de o alemão ser a língua dominante destes falantes aquando da emigração, a classificação das duas línguas far-se-á doravante de acordo com o critério 'ordem de aquisição', pelo que o português será considerado a primeira língua (L1) e o alemão a segunda língua (L2) destes bilingues. O domínio do alemão, justificado no facto de ser a língua mais utilizada e em que se dá o maior grau de escolarização (a escolarização em português limita-se a quatro a seis horas semanais), apenas tende a alterar-se com a mudança do meio ambiente dominante, isto é, o regresso ao país de origem. Como será demonstrado mais adiante, a idade de regresso a Portugal e conseqüente perda de contacto com a segunda língua é um dos factores cruciais no desenvolvimento da proficiência linguística destes falantes.

Além de condicionantes como a idade de início do bilinguismo, os hábitos linguísticos no país de acolhimento e a idade de regresso a Portugal, factores como o tempo de estada em Portugal após o regresso e a frequência de contacto com a língua alemã desde então, assim como o grau de escolarização nessa língua parecem também ser de crucial importância no desenvolvimento do desempenho linguístico dos falantes.

### **2.2.1. Factores extralinguísticos**

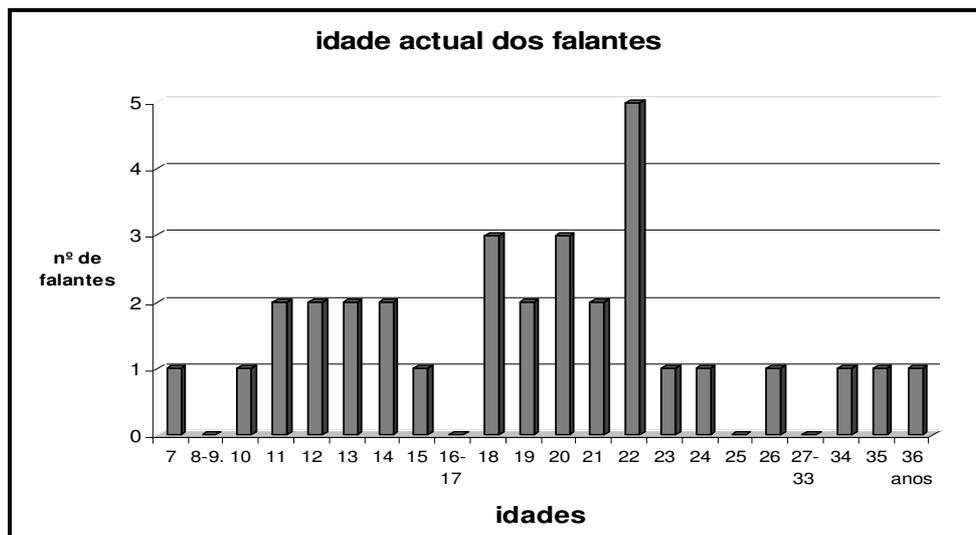
Seguidamente serão apresentados os dados considerados mais relevantes na descrição dos falantes que constituem o grupo de investigação.

#### **2.2.1.1. Idade actual dos falantes**

O grupo de investigação é bastante heterogéneo quanto à idade dos seus falantes. A participante mais nova tem apenas sete anos e vive há dois em Portugal, enquanto que a mais velha tem trinta e seis e regressou há vinte e três anos. Esta diferença etária permite ter dados de falantes em diferentes estados de desenvolvimento. Possibilita-nos, por exemplo, verificar o desempenho linguístico de um falante bilingue de nove anos no momento do seu regresso (o caso de Rui), comparando-o com o desempenho de informantes que regressaram com a mesma idade, mas que já vivem há mais tempo em Portugal (por exemplo Rita ou Sofia).

A idade média do grupo é de 18.3; a maioria dos falantes entrevistados tem entre 18 e 22 anos, o que se justifica com o facto de grande parte dos entrevistados ter sido contactada no meio onde decorreu o estudo: a Universidade do Minho, tratando-se,

portanto, de estudantes universitários. Quatro informantes têm menos de doze anos e três têm idades na casa dos trinta.

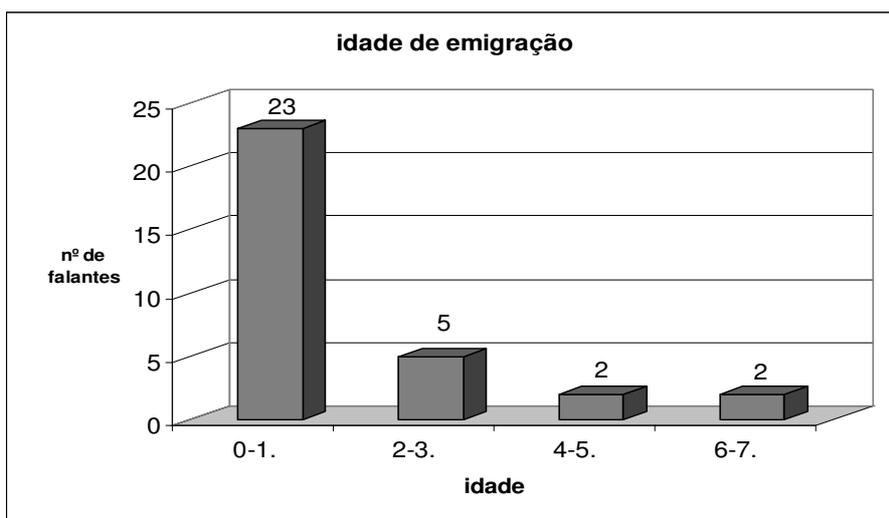


**Gráfico 8:** Grupo de investigação – idade actual dos participantes

### 2.2.1.2. Idade de emigração

A idade de emigração é um dos factores cruciais que dão indicações sobre o tipo de bilinguismo destes falantes. Para evitar um desfasamento na idade em que os informantes começaram a contactar com a segunda língua<sup>13</sup>, foram seleccionados maioritariamente falantes que nasceram no país de acolhimento ou emigraram antes de completarem um ano de idade, sendo este o caso de 23 entrevistados. Cinco participantes emigraram quando tinham entre dois e três anos de idade. Foram ainda seleccionados quatro participantes que tinham entre quatro e sete anos quando emigraram. Destes, três falantes foram incluídas no grupo de controlo, uma vez que regressaram recentemente a Portugal, completando o ensino secundário no país de acolhimento. Já o caso da quarta falante que emigrou em fase mais tardia (aos quatro anos) será discutido para demonstrar que um corte precoce com a segunda língua poderá levar à sua perda (total) se a sua aquisição se iniciou tardiamente e, por isso, não tenha sido concluída no momento do regresso (cf. 4.4).

<sup>13</sup> Reflexões sobre o tipo de aquisição bilingue em 3.1.

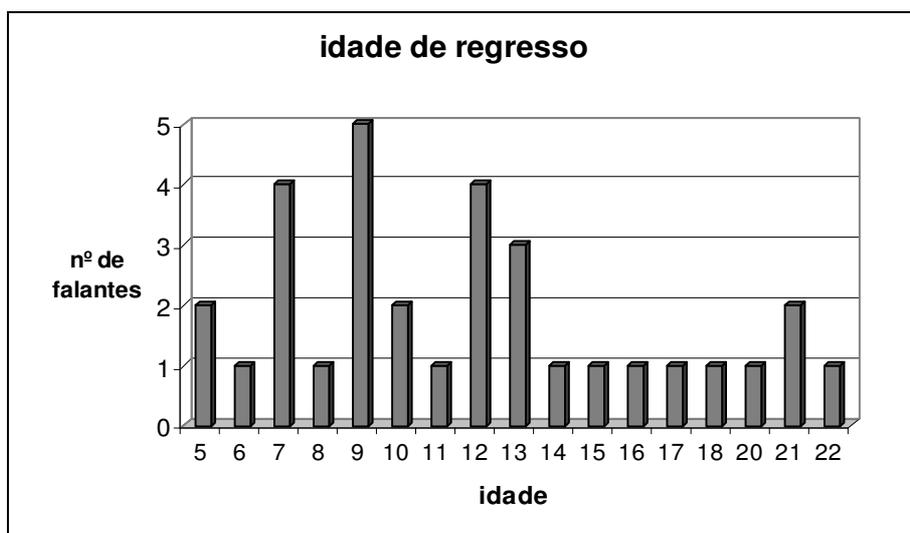


**Gráfico 9:** Grupo de investigação – idade de emigração dos participantes

### 2.2.1.2. Idade de regresso

Um dos factores mais importantes na classificação do grupo de investigação é a idade com a qual os participantes vieram viver para Portugal, que doravante será denominado de idade de “regresso”, embora, como já foi realçado, na maioria dos casos não se trate de um regresso a uma terra onde já se viveu (a maioria dos falantes nasceu no país de acolhimento) mas de um regresso à terra dos pais.

O presente estudo distancia-se de outros estudos já realizados no âmbito da perda linguística em falantes bilingues por partir de um vasto leque de idades com as quais os falantes deixaram um dos ambientes linguísticos em que viviam, o que permite ter o factor idade como uma variável central do estudo. Neste caso, as idades em que os falantes deixaram a Alemanha/Suíça vai dos cinco até aos vinte e dois anos de idade.



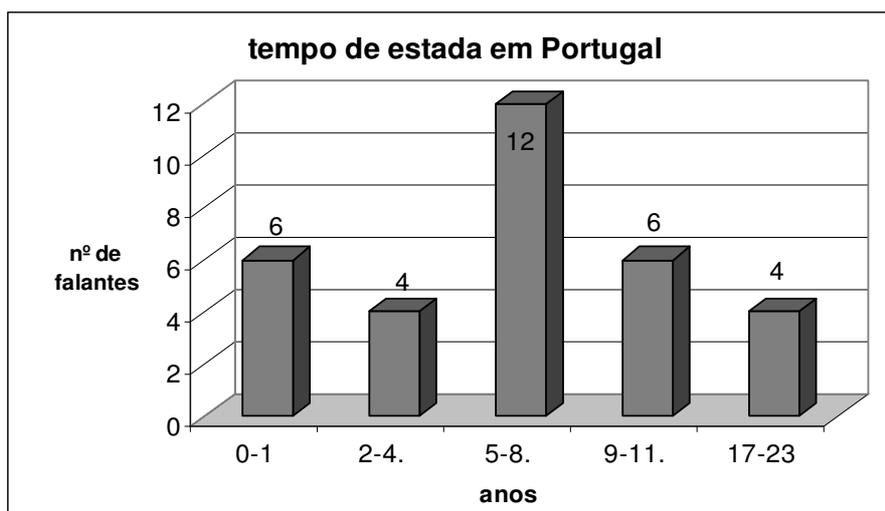
**Gráfico 10:** Grupo de investigação – idade de regresso dos participantes

### 2.2.1.3. Tempo de estada em Portugal

Além do factor ‘idade de regresso’, a classificação dos falantes depende também do tempo de vida em Portugal. Alguns estudos psicolinguísticos têm sugerido que o primeiro processo desencadeado pela mudança de ambiente linguístico dominante é uma mudança de equilíbrio no domínio das duas línguas do falante bilingue, que se expressa em alterações na capacidade de activar e controlar os seus sistemas linguísticos. Embora não haja consenso sobre o período de ausência de *input* necessário a este desencadeamento, os estudos realizados neste âmbito apontam para um período mínimo de três anos para a ocorrência de tal mudança de equilíbrio (cf. Köpke/Schmid, 2004; Hutz, 2004). No entanto, a maioria destes estudos psicolinguísticos ignora o factor ‘idade’ da perda de contacto e não conjuga a variável ‘tempo desde a mudança de ambiente linguístico’ com a variável ‘tipo de contacto’, não distinguindo a quantidade de *input* que o falante teve após a sua mudança.

Algum consenso, porém, parece existir quanto ao facto de, no primeiro ano após a mudança de ambiente linguístico dominante, não ocorrerem grandes alterações no domínio que o falante tem de ambas as línguas (ressalva minha: desde que a mudança não se tenha dado em fase precoce da infância). Assim, no presente estudo, um grupo de seis falantes apresenta um tempo de estada em Portugal igual ou inferior a um ano, pertencendo ao grupo de falantes que funciona como grupo de controlo, por se partir do pressuposto que mantêm o seu equilíbrio linguístico similar ao momento antes da partida do país de acolhimento. A partir dos dois/três anos de tempo desde o regresso, o factor ‘tempo de estada em Portugal’ por si só não dá qualquer indicação sobre o tipo de falante e o tipo de erosão que este apresenta. Terá que ser necessariamente conjugado com o tipo de contacto que o falante mantém com o alemão e a idade em que veio para Portugal.

De qualquer forma, o tempo de estada mais frequente abrange um período compreendido entre os cinco e os oito anos (no caso de doze falantes); quatro falantes vivem em Portugal há entre dois e quatro anos; seis apresentam um tempo de estada de nove a onze anos e quatro regressaram há mais de dezassete anos.



**Gráfico 11:** Grupo de investigação – tempo de estada dos participantes em Portugal

#### 2.2.1.4. Tipo e frequência de contacto

A quantidade de *input* que um falante recebe é uma variável de difícil medição (cf. 1.1.4). No presente caso optou-se por distinguir quatro graus de frequência de contacto com a L2:

- *Contacto nulo*: Neste tipo são incluídos os falantes que afirmam não terem tido a oportunidade de falar ou ouvir alemão desde a mudança para Portugal, nem mesmo por via televisiva.

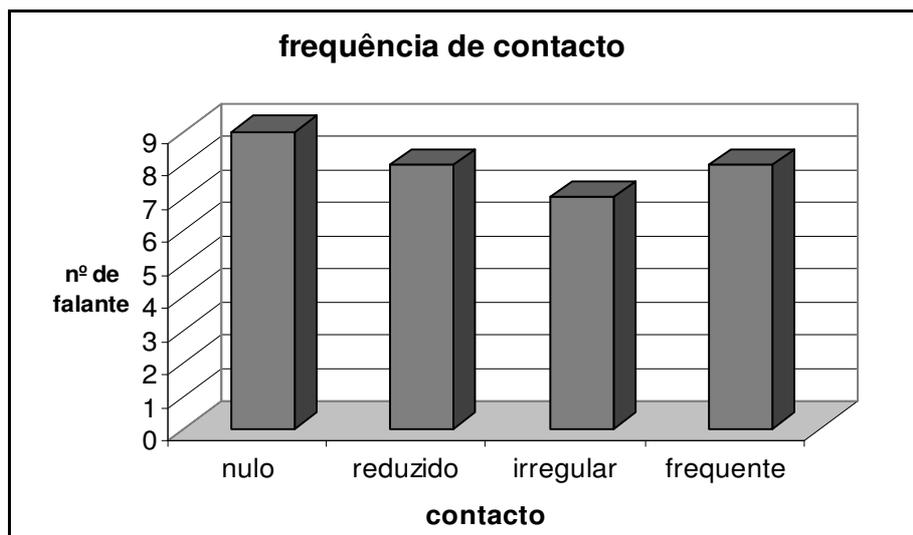
- *Contacto reduzido*: Os falantes que deixaram de utilizar o alemão como língua de interacção diária, mas têm contacto passivo com a L2 através dos *media* são classificados como apresentando um contacto reduzido com a língua alemã.

- *Contacto irregular*: Este tipo classifica os participantes que afirmam já não usarem o alemão com regularidade, mas recorrerem à L2 em ocasiões esporádicas, como encontros com familiares regressados, conversas isoladas com os irmãos, através da Internet, etc.

- *Contacto regular*: Os falantes que continuam a usar o alemão como uma das suas línguas diárias são considerados falantes com contacto regular com a L2.

Visto que apenas este último tipo apresenta níveis de *input* semelhantes aos que os falantes tinham aquando da emigração<sup>14</sup>, apenas os informantes que apresentam um *contacto frequente* com a L2 são seleccionados para integrarem o grupo de controlo. Todos os outros tipos de contacto são subsumidos sob a classificação ‘redução de *input*’.

<sup>14</sup> Note-se que mesmo neste caso o nível de *input* é inferior ao contacto mantido no país de acolhimento.



**Gráfico 12:** Grupo de investigação – frequência de contacto com o alemão

### 2.2.1.5. Outros factores

#### 2.2.1.5.1. Sexo

O único estudo que investigou a influência do sexo na ocorrência de erosão linguística foi o de Köpke (1999), que não encontra qualquer correlação entre este factor e os níveis de erosão detectados.

No presente estudo, o número de falantes femininos é muito superior ao de falantes masculinos o que se deve em parte à distribuição por sexo da população estudante (mais raparigas que rapazes, sobretudo nos cursos de Letras), um dos grupos-alvo do estudo, por outro lado, a factores puramente casuais (por acaso, conheci mais famílias que tinham apenas filhas). Assim, apenas 5 dos 32 falantes são de sexo masculino; no entanto, não é considerada a hipótese de este factor influenciar os resultados do estudo.

#### 2.2.1.5.2. Habilitações literárias

Como foi discutido em 1.1.5., a influência do factor literacia na ocorrência de erosão não é um aspecto muito estudado, embora autores como Hansen/Shewell (2002), Jamshidiha/Marefat (2006) e Jaspaert/Kroon (1989) atestem a sua importância nos resultados que descrevem.

No presente caso, as habilitações literárias dos falantes, obtidas em Portugal, não são de relevância para o estudo, já que o foco da análise incidirá sobre o alemão e não sobre o português.

Quanto ao nível de literacia alcançado no país de emigração, são de destacar os falantes que concluíram o ensino básico ou secundário na Alemanha/Suíça. Três

falantes concluíram o ensino secundário (*Abitur/Matura*) e quatro participantes estavam no último ciclo do liceu (*Gymnasium*) quando vieram para Portugal. Todos estes falantes são incluídos no grupo de controlo.

Quanto aos restantes entrevistados, todos eles deixaram o país de acolhimento ainda em fase de escolarização obrigatória, pelo que este factor não será decisivo na sua classificação.

Será, contudo, de destacar o facto de a ‘idade’ interagir necessariamente com o factor ‘literacia’. Crianças mais jovens que ainda não sabem ler dispõem de menos um meio de contacto com a L2 que crianças mais instruídas. Por conseguinte, o número de anos que os falantes frequentaram a escola alemã/suíça será tido em conta na descrição dos participantes e na discussão dos resultados finais.

### 2.2.1.5.3. País de acolhimento

Sabendo que a língua falada no quotidiano suíço não é o alto-alemão mas sim uma variante suíça<sup>15</sup>, deverá ainda ser referenciado o facto de os falantes provenientes da Suíça terem adquirido não só a norma alemã mas também um dialecto suíço.

Dos 32 falantes entrevistados, 12 cresceram na Suíça Alemã:

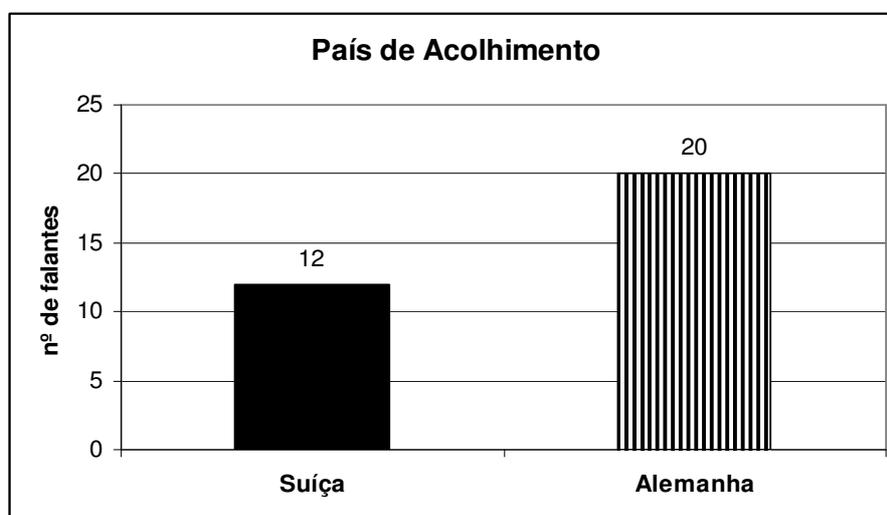


Gráfico 13: Grupo de Investigação – país de acolhimento dos participantes

Este não parece, no entanto, ser um factor a ter em conta na discussão dos resultados da análise visto todos os falantes terem utilizado o alto-alemão durante as entrevistas. Em alguns casos raros alguns participantes recorreram a léxico dialectal, porém, esta interferência só se manifestou pontualmente no domínio lexical, não interferindo nos

<sup>15</sup> Não é possível falar de uma única variante suíça, pois existem também diferenças interdialectais. O termo *Schweizerdeutsch* abrange diferentes variantes como o suíço falado na região de Berna (*Bernerdeutsch*) ou da Basileia (*Baseldeutsch*), entre muitas outras.

aspectos sintácticos em análise. Além disso, como será demonstrado ao longo da análise dos fenómenos observados, os falantes provenientes da Suíça não mostram diferenças de desempenho relativamente aos falantes vindos da Alemanha.

### **2.2.2. Conjugação de factores: subgrupos**

A análise do *corpus*, apresentada e discutida nos capítulos seguintes, revela-nos que a idade de regresso, aliada ao tipo e frequência de contacto com o alemão, assim como o tempo de estada em Portugal, constituem os factores que mais condicionam uma eventual alteração da competência sintáctica de falantes bilingues afastados do meio social de uma das línguas. Neste sentido, impõe-se uma classificação dos participantes, segundo as variáveis referidas, em subgrupos que possibilitarão uma posterior comparação.

Sucintamente, as características dos falantes entrevistados permitem uma divisão em quatro grupos distintos:

No primeiro grupo incluem-se dois tipos de falantes. Por um lado, aqueles que regressaram recentemente a Portugal (até um ano) e continuam a ter como língua dominante o alemão; por outro lado, aqueles falantes que, apesar de terem regressado a Portugal há mais de um ano, continuam a manter um contacto frequente com a sua segunda língua, utilizando o alemão no seu dia-a-dia, por exemplo na interacção com irmãos ou amigos.

Por sua vez, no segundo grupo serão incluídos todos aqueles falantes que vieram para Portugal em fase adolescente (a partir dos doze anos de idade), que apresentam um tempo de estada em Portugal superior a dois anos e que, após o regresso, mantêm apenas um contacto reduzido com o alemão.

O factor decisivo que distingue os falantes do terceiro grupo dos do segundo é a idade de regresso a Portugal e conseqüente redução de *input* do alemão. No terceiro grupo incluem-se os falantes que regressaram a Portugal durante a infância (até aos 10/11 anos de idade), há mais de um ano, e que perderam o contacto activo com o alemão após o regresso.

Para além destes três grupos centrais será ainda discriminado um quarto grupo, constituído por participantes que apresentam um processo de aquisição bilingue idêntico ao dos outros falantes, mas cujo regresso a Portugal e conseqüente perda de *input* se deu em fase muito precoce do seu desenvolvimento linguístico (por volta dos 5/6 anos de

idade), não tendo sido possível criar situações de comunicação em alemão com estes participantes.

Sintetizando, de forma esquemática, os grupos de trabalho são os seguintes:



**Ilustração 2:** Divisão do grupo de investigação em subgrupos [G1 a G4]

### 2.2.3. Apresentação dos falantes

#### 2.2.3.1. Grupo 1

O grupo 1 (doravante também G1) é constituído por dez falantes: Rui, Sérgio, Samuel, Nádia, Patrícia, Célia, Ilda, Luísa, Filipe e Bárbara. O facto de estes falantes terem regressado recentemente a Portugal e/ou manterem um contacto activo com a língua alemã permite classificá-los como falantes nativos do alemão, que mantêm níveis de utilização da língua próximos dos níveis verificados aquando da emigração. Por este motivo, o G1 desempenhará a função de grupo de controlo, servindo de base de comparação aos fenómenos observados nos registos dos restantes falantes.

##### *Rui e Sérgio*

Rui e Sérgio são irmãos, que cresceram na Alemanha e vieram viver para Portugal com a mãe há seis meses, tendo ingressado respectivamente no quarto e no nono ano de uma escola pública portuguesa. Sérgio tem quinze anos e o seu irmão Rui fez dez anos há algumas semanas. O alemão continua a ser língua de comunicação entre os irmãos. Ambos têm hábitos de leitura em alemão e vêem programas televisivos alemães. Apesar de ter regressado ainda durante a infância (aos nove anos de idade), Rui será incluído no

G1 por apresentar um tempo de estada inferior a um ano. As suas características permitem que funcione como falante de controlo em comparação com outras falantes com idade de regresso idêntica mas com um tempo de estada (e falta de *input*) muito superiores ao apresentado por Rui (nomeadamente as falantes do G3).

*Samuel*

Samuel tem doze anos de idade, tendo nascido e crescido na Alemanha. Veio para Portugal há nove meses. Com a sua irmã mais velha continua a falar alemão, no entanto, o contacto com a língua alemã tem-se reduzido gradualmente desde o regresso.

*Nádia*

Nádia, de vinte e três anos de idade, vive em Portugal desde os dezasseis. Concluiu um curso de ensino superior com a vertente Germanística e, apesar de já viver em Portugal há seis anos (e nove meses), considera o alemão a sua língua dominante e preferida, utilizando-a regularmente no dia-a-dia. Deseja voltar para a Alemanha logo que a oportunidade para tal se proporcione.

*Patrícia*

Patrícia tem vinte e dois anos. Veio para Portugal há cinco anos por decisão própria, mas a sua família, os pais e o irmão mais velho, continuam a viver na Alemanha, pelo que volta frequentemente ao país onde nasceu e continua a manter um contacto muito activo com a língua alemã, reforçado pela frequência de disciplinas de Alemão no curso de ensino superior que está a tirar.

*Ilda*

Ilda, 35 anos de idade, é das falantes que apresentam um tempo de estada em Portugal mais elevado: regressou há 17 anos. Não obstante este facto, é incluída no G1 pois ainda mantém contacto regular com a língua alemã. O alemão é a sua língua de comunicação habitual na interacção com a irmã e continua a manter contacto regular com amigos que vivem na Alemanha. Além disso, é professora de Alemão numa escola secundária.

*Célia*

Célia tem vinte e um anos, cresceu na Alemanha, onde acabou de fazer o *Abitur* (13ºano). Regressou a Portugal, sem os pais, há seis meses para ingressar num curso de ensino superior com a vertente 'Germanística'. Considera o alemão a sua língua dominante; é a sua língua de comunicação com amigos bilingues residentes em Portugal e amigos e familiares ainda residentes na Alemanha.

### *Luísa*

Luísa tem vinte e dois anos, tendo regressado a Portugal há um ano. Frequenta um curso superior com a vertente ‘Germanística’ e continua a utilizar o alemão no seu dia-a-dia, sendo a língua predominantemente utilizada com a sua amiga Célia. Considera o alemão a sua língua dominante, pretendendo manter o seu uso regular.

### *Filipe*

Filipe, vinte e seis anos, veio viver para Portugal aos vinte e um anos de idade para ingressar no ensino superior português. A sua família continua a viver na Alemanha, onde também tem muitos amigos, pelo que regressa frequentemente ao país onde nasceu e mantém um contacto activo e regular com o alemão.

### *Bárbara*

Bárbara tem vinte e dois anos, tendo vivido na Suíça desde os seis anos de idade. Regressou há seis meses a Portugal, depois de ter concluído, na Suíça, o ensino secundário e ter frequentado o primeiro ano de um curso superior. Utiliza o alemão na interacção diária com a sua irmã e amigas bilingues, igualmente remigradas. Frequenta um curso superior com a vertente ‘Germanística’.

**Tabela 2:** Falantes do Grupo1

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
<b>GRUPO I [G1]</b>	Rui	9	10	0;06
	Samuel	11	12	0;09
	Sérgio	15	15	0;06
	Nádia	16	23	6;09
	Patrícia	17	22	5;03
	Ilda	18	35	17;00
	Célia	20	21	0;05
	Luísa	21	22	1;03
	Filipe	21	26	5;10
	Barbara	22	22	0;06

### **2.2.3.2. Grupo 2**

O grupo 2 (doravante também G2) é composto por nove falantes: Mafalda, Eduarda, Inês, Alice, Paula, Júlia, Bruna, Anita e Carlos, que apresentam uma idade média de regresso de doze anos e partilham o facto de terem perdido o contacto activo com o alemão algum tempo após o regresso. O tempo de estada em Portugal varia entre os três e os vinte e três anos.

### *Mafalda*

Mafalda tem dezanove anos de idade e vive em Portugal há dez anos, o que significa que deixou a Suíça aos nove anos de idade. No entanto, no caso da Mafalda, o regresso a Portugal não coincidiu com um corte de *input* do alemão, como é verificado na maioria dos casos discutidos, já que a falante ingressou na Escola Alemã, onde completou o ensino primário. A redução efectiva do *input* alemão só se deu após a mudança para uma escola pública portuguesa, por volta dos onze anos de idade. No momento da entrevista, Mafalda frequenta aulas de alemão num Instituto de Línguas particular, onde se prepara para obter o *Zertifikat Mittelstufe*, pelo que o seu percurso é marcado por um período sem contacto com a língua alemã, entre os onze e os dezassete anos de idade e uma nova aproximação ao alemão com a entrada no instituto, a qual é, no entanto, reduzida ao contexto artificial da sala de aula.

### *Eduarda*

Com catorze anos de idade, Eduarda é a mais nova dos falantes do G2. Nasceu na Suíça e veio viver para Portugal há quase três anos [2;10]. Actualmente tem um contacto reduzido com a língua alemã, que se restringe à utilização da Internet, ao consumo de programas televisivos alemães e a situações de comunicação esporádicas com familiares igualmente regressados (sobretudo a mãe).

### *Inês*

Inês tem trinta e quatro anos, cresceu na Alemanha e regressou a Portugal com a família aos doze anos de idade. Frequentou a disciplina de Alemão na escola e trabalhou durante algum tempo numa empresa alemã, onde mantinha algum contacto com clientes alemães. Após a saída da empresa aos vinte e quatro anos nunca mais falou alemão. Após terem vindo para Portugal, a sua irmã mais velha sempre se recusou a falar a língua alemã.

### *Paula*

Paula tem vinte anos, cresceu na Suíça e voltou a Portugal aos doze anos de idade. Tem duas irmãs com as quais comunicava em alemão enquanto viveu no país de emigração, hábito que se perdeu nos primeiros meses após o regresso. Deixou então de ter contacto activo com o alemão, passando apenas a contactar com a língua de forma receptiva através da televisão. Após o ingresso na universidade optou pela disciplina de Alemão, frequentando há seis meses o nível de iniciação.

### *Carlos*

Carlos tem vinte e dois anos, nasceu na Alemanha e vive em Portugal há oito anos. Tem contactos esporádicos com o alemão quando comunica com amigos residentes na Alemanha ou alemães que encontra em Portugal. Com a irmã deixou de falar alemão algum tempo após o regresso.

### *Alice*

Alice, dezanove anos, emigrou para a Suíça com os pais aos três anos de idade, tendo regressado a Portugal com doze. Desde o seu regresso, o contacto com a língua alemã tem sido muito reduzido, uma vez que o alemão deixou de ser a sua língua de comunicação com a irmã pouco tempo depois do regresso. Tem voltado pontualmente à Suíça em férias, após nova ida dos pais para o país de emigração. O curso universitário que frequenta há seis meses inclui a vertente Alemão, pelo que está a iniciar uma reaproximação à sua segunda língua.

### *Júlia*

O percurso de Júlia é marcado por extensos períodos sem contacto com o alemão seguidos de fases com contacto mais intensivo. Regressou a Portugal aos treze anos de idade, tendo, nessa altura, perdido o contacto com a segunda língua, o qual voltou a intensificar-se quando ingressou no ensino superior com a frequência de um curso da área da 'Germanística'. Após a conclusão do curso seguiu-se um extenso período em que voltou a perder o contacto com a língua alemã, o qual foi recuperado após a inscrição num curso de pós-graduação com a duração de um ano. A sua ocupação profissional no momento da entrevista volta a distanciá-la do uso regular da língua alemã.

### *Bruna*

Bruna, vinte anos, voltou ao seu país de origem, sem os pais, aos treze anos de idade. O regresso significou um corte quase absoluto com a língua alemã; apenas durante os períodos de férias de Verão, quando recebia a visita de familiares da Alemanha, tinha a oportunidade de comunicar em alemão. No momento da entrevista, Bruna assume ter perdido o interesse no contacto com a Alemanha e a língua alemã.

### *Anita*

Anita, vinte e dois anos de idade, vive em Portugal desde os seus treze anos. A vinda para Portugal acarretou consigo uma redução drástica do *input* alemão, já que passou a comunicar predominantemente em português com os seus dois irmãos mais velhos. Uma reaproximação à língua alemã deu-se apenas no domínio artificial da sala

de aula, já que está a frequentar o primeiro ano de um curso superior com a vertente ‘Germanística’.

**Tabela 3:** Falantes do Grupo 2

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
<b>GRUPO II [G2]</b>	Mafalda	9	19	10;00
	Eduarda	12	14	2;10
	Inês	12	34	22;00
	Alice	12	19	7;02
	Paula	12	21	9;09
	Júlia	13	36	23;00
	Bruna	13	20	6;07
	Anita	13	22	8;06
	Carlos	14	22	8;00

### 2.2.3.3. Grupo 3

No terceiro grupo (doravante também G3) são incluídos todos os falantes que deixaram o país de acolhimento – na maioria dos casos, este era o seu país natal – ainda durante a infância (até aos dez anos de idade), tendo sofrido um corte total ou uma redução significativa de *input* alemão após a mudança para Portugal. O grupo é constituído por oito falantes: Solange, Eunice, Helena, Rita, Iolanda, Sofia, Sílvia e Irene, que têm idades compreendidas entre os sete e os vinte e quatro anos. As idades de regresso situam-se entre os cinco e os dez anos de idade, enquanto que o tempo de estada vai dos 2;01 aos 17;08 anos.

#### *Solange e Iolanda*

Solange e Iolanda são irmãs que vivem em Portugal há dois anos, tendo deixado a Alemanha, respectivamente, aos cinco e nove anos de idade. O facto de a mãe ser emigrante de segunda geração e ter crescido no país de acolhimento favoreceu o bilinguismo simultâneo: desde a nascença tiveram contacto regular com ambas as línguas, já que o pai tendia a falar português com as filhas e a mãe mais alemão. Frequentaram o infantário alemão desde os três anos de idade, mas apenas Iolanda ainda frequentou a escola alemã (até ao segundo ano de escolaridade). No momento do regresso, o alemão é sem dúvida a língua dominante de ambas as irmãs, pois é a língua de comunicação entre elas e com a mãe, situação que muda rapidamente após a vinda para Portugal. Apesar dos esforços dos pais em manterem um contacto activo com a

língua alemã, empregando-a por vezes como língua de comunicação e incentivando leituras alemãs, o consumo de programas televisivos alemães e a manutenção do contacto com amigos da Alemanha, o português afirma-se rapidamente como língua predominantemente utilizada. No momento da entrevista, Solange terminou o primeiro ano da escola portuguesa e Iolanda passou para o quinto ano.

#### *Eunice*

Eunice tem dezassete anos e frequenta o 12º ano de escolaridade. Nasceu na Suíça, onde frequentou o infantário e posteriormente o primeiro ano do ensino básico. Regressou a Portugal aos sete anos de idade. O percurso linguístico de Eunice é semelhante ao das outras falantes: com a entrada no infantário intensificou-se o contacto com a língua alemã. No primeiro ano do ensino básico, ainda frequentado na Suíça, era boa aluna, não revelando dificuldades linguísticas. O alemão era língua de comunicação dominante fora da família e com as duas irmãs mais velhas.

No momento de apresentação, Eunice informou que perdera por completo o domínio da língua alemã e que apenas nos poderia conceder uma entrevista em português. No entanto, o decurso da entrevista veio revelar que a participante – contra as suas expectativas - ainda conseguia comunicar em alemão, pelo que os exercícios orais foram conduzidos maioritariamente em língua alemã.

#### *Helena*

O caso de Helena é muito semelhante ao de Eunice. Actualmente Helena tem vinte e quatro anos e é psicóloga. Nasceu na Alemanha e, tal como Eunice, veio para Portugal com os pais aos sete anos de idade, tendo frequentado o primeiro ano de escolaridade do sistema educativa alemão, completado com o ensino do português uma vez por semana. Antes do ingresso na escola, Helena frequentou o infantário, pelo que o seu primeiro contacto activo com a língua alemã se deu por volta dos três anos de idade. Tem uma irmã mais velha, com a qual falava alemão, situação que se alterou abruptamente após a vinda para Portugal. O momento de regresso significou uma alteração significativa nos seus hábitos linguísticos uma vez que perdeu por completo o contacto com a língua alemã. Helena consentiu em ser entrevistada no âmbito do projecto, no entanto, tal como Eunice, esclareceu que a entrevista teria de ser conduzida em português, já que desde o seu regresso há dezassete anos nunca mais falara alemão e teria perdido por completo o domínio da língua. Porém, para surpresa da participante, conseguiu reagir às perguntas da entrevistadora, colocadas em alemão e, após alguns receios iniciais,

começou a responder em alemão, o que permitiu dispor de registos seus em língua alemã.

#### *Rita*

Rita nasceu na Alemanha e veio para Portugal aos oito anos de idade, tendo frequentado o terceiro ano de escolaridade do sistema educativo alemão. No momento da primeira entrevista, Rita tem onze anos de idade e frequenta o sexto ano de escolaridade. No seu caso, a privação de contacto com a língua alemã não se deu de forma tão abrupta como verificado na maioria dos falantes do G3, uma vez que, esporadicamente, ainda fala alemão com o irmão mais velho e com familiares residentes na Alemanha. Após o regresso, Rita fez uma visita de curta duração ao país onde nasceu e vê programas televisivos alemães.

#### *Sofia*

Sofia nasceu na parte alemã da Suíça e foi muito cedo para o infantário. Apenas em casa falava português com os pais, uma vez que eles impunham o alemão como língua de comunicação fora de casa. Sofia frequentou a escola suíça até ao segundo ano de escolaridade, tendo regressado a Portugal com nove anos de idade. Sofia reporta ter sido boa aluna e não ter tido dificuldades com a língua alemã. Não tendo irmãos, deixou de utilizar o alemão como língua de comunicação logo após o regresso a Portugal. Não voltou a visitar o país onde nasceu, mas teve contactos esporádicos com a língua quando recebia a visita de familiares da Suíça. No momento da primeira entrevista Sofia tinha vinte anos e frequentava um curso universitário. Acabava de se inscrever num curso intensivo de alemão. Depois do regresso há onze anos, a entrevista foi o primeiro momento em que utilizou o alemão de forma activa para comunicar. Ficou surpreendida pois, contra as suas expectativas iniciais, ainda sabia comunicar em alemão.

#### *Irene*

Irene tem dezoito anos e frequenta o décimo segundo ano do ensino secundário português. Emigrou com os pais para Alemanha aos três anos de idade, tendo entrado num infantário público alemão pouco tempo depois da chegada ao país de acolhimento. Visitou o infantário até ao ingresso na escola alemã, que frequentou até ao quarto ano de escolaridade. Ia fazer onze anos quando regressou com os pais a Portugal. Como a generalidade dos falantes bilingues investigados, durante o período de emigração, utilizava o português na interacção com os pais e na escola portuguesa, mas o alemão era a língua predominantemente utilizada no dia-a-dia. Segundo opinião da falante, tinha mais facilidade em exprimir-se na língua alemã que na portuguesa e na escola (alemã)

era das melhores alunas da turma. Como não tem irmãos, o regresso a Portugal coincidiu com a perda de contacto com a língua alemã, que – após o regresso – apenas ouvia na televisão e, muito esporadicamente, em conversas curtas com visitas vindas da Alemanha. Esta privação de contacto com o alemão mantém-se até à presente data, uma vez que não frequenta a disciplina de Alemão na escola.

#### *Sílvia*

Por ter vindo para Portugal aos dez anos de idade, Sílvia é integrada no G3, no entanto, no seu caso, verifica-se uma reaproximação ao alemão que não se dá nas restantes falantes deste grupo. Actualmente Sílvia tem vinte anos, nasceu na Suíça, tendo concluído aí o terceiro ano de escolaridade. Apesar de ter comunicado predominantemente em alemão com os irmãos durante o período de emigração, este hábito perdeu-se pouco tempo depois da mudança para Portugal, ficando então privada do contacto com a língua alemã. Readquiriu este contacto com a frequência da disciplina de Alemão no ensino secundário e reforçou-o, há um ano, com o ingresso num curso universitário com a vertente ‘Germanística’. Portanto, o percurso linguístico de Sílvia é marcado por uma aquisição precoce do bilinguismo, um corte abrupto com a sua segunda língua durante a infância, que perdurou sete/oito anos, e uma reaproximação ao alemão a partir dos dezoito anos de idade.

**Tabela 4:** Falantes do Grupo 3

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
<b>GRUPO III [G3]</b>	Solange	5	7	2;01
	Eunice	7	17	9;09
	Helena	7	24	17;08
	Rita	8	11	2;11
	Iolanda	9	11	2;01
	Sofia	9	20	11;08
	Sílvia	10	21	11;03
	Irene	10	18	7;00

#### **2.2.3.4. Grupo 4**

O grupo 4 (doravante também G4) é constituído por cinco falantes (Flora, Clara, Mariana, Gabriela e Marcela), que apresentam idades de regresso entre os cinco e os nove anos de idade e um tempo de estada em Portugal entre os cinco e os nove anos. Nos cinco casos, a vinda para Portugal significou um corte total de contacto com o

alemão. As entrevistas foram conduzidas em português, já que, em nenhum dos casos, foi possível criar situações de comunicação em língua alemã. As falantes mostraram já não dominar a língua alemã, nem mesmo de forma receptiva, uma vez que não entendiam as perguntas colocadas em alemão.

*Flora, Mariana e Gabriela*

Flora, Mariana e Gabriela têm percursos muito idênticos. Nasceram no país de acolhimento e mudaram-se com os pais para Portugal em fase precoce da infância. Enquanto que Mariana e Gabriela ainda frequentaram o primeiro ano da escola alemã, Flora só andou no infantário alemão, tendo regressado a Portugal aos cinco anos de idade. Actualmente frequentam o sétimo ano de escolaridade e não voltaram a ter contacto com o alemão desde a sua mudança para Portugal.

*Clara e Marcela*

Clara e Marcela são irmãs que cresceram na Suíça. Ao contrário das falantes anteriores, não nasceram no país de acolhimento. Clara tinha seis anos, quando a família regressou a Portugal, tendo frequentado alguns meses o primeiro ano da escola pública suíça. Marcela, por sua vez, já estava no terceiro ano de escolaridade (tinha nove anos) quando veio para Portugal. Enquanto que Clara apenas tinha dois anos quando foi para a Suíça, Marcela já estava perto dos cinco anos de idade quando contactou pela primeira vez com a língua alemã, contacto este que apenas durou cinco anos.

**Tabela 5:** Falantes do Grupo 4

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
<b>GRUPO IX</b> [G4]	Flora	5	12	7;00
	Clara	6	14	9;00
	Mariana	7	13	5;09
	Gabriela	7	13	6;00
	Marcela	9	18	9;00

Uma vez que, com excepção das falantes do grupo 4, por evidente falta de capacidade linguística, todos os outros falantes se submeteram aos mesmos exercícios linguísticos (cf. 2.3), disponho de uma base de material linguístico que convida à comparação entre os vários *subcorpora*. Neste sentido, a ocorrência de fenómenos de alteração sintáctica será quantificada e analisada não com base na minha intuição linguística, mas sim em comparação com o comportamento linguístico dos outros grupos de observação, o que permite apresentar um quadro bastante completo da

evolução da competência sintáctica de falantes bilingues afastados do meio ambiente de uma das línguas.

### 2.3. Constituição do *Corpus*

A escolha da metodologia mais apropriada a adoptar no estudo da língua, e especificamente da língua em provável estado de erosão, constitui um dos passos mais importantes no desenvolvimento de um trabalho eficaz. A grande variedade de técnicas de levantamento de dados aplicadas nos estudos até agora desenvolvidos na área de *language attrition* tem sido apontada como a grande responsável pela inconstância e grande divergência nos resultados obtidos (cf. Yağmur, 2004; Schmid, 2004a). Muitos dos estudos desenvolvidos baseiam as suas conclusões apenas em testes de aceitabilidade ou em material escrito. Por exemplo, Kirschner (1996) retrata a perda de saber sintáctico em bilingues anglo-espanhóis de segunda geração partindo unicamente de composições escritas dos estudantes universitários analisados e um teste de aceitabilidade. Também Jamshidiha/Marefat (2006) retratam a ocorrência de variação na construção de orações relativas, no posicionamento adverbial e no parâmetro *pro-drop* baseando-se apenas num teste gramatical realizado por estudantes bilingues de persa e inglês. O discurso oral espontâneo também é excluído de muitos outros estudos desenvolvidos nesta área de investigação (p.ex. Altenberg, 1991; Vago, 1991).

Existem vários argumentos a favor e contra o uso quer de testes gramaticais quer do discurso oral (mais ou menos) espontâneo, discutidos por vários autores preocupados com questões metodológicas (Schmid, 2002 e 2004b; Altenberg/Vago, 2004; Yağmur, 2004 e, num contexto mais abrangente, Labov, 1972).

A grande vantagem do estudo da fala espontânea consiste em medir a ocorrência de erosão no nível em que de facto ocorre (Schmid, 2002: 27), ou seja, a gravação de um discurso produzido numa determinada situação de comunicação, mesmo que provocada por um estímulo, é o método mais fiável de obtenção de material linguístico mais próximo do natural. Se é na utilização da língua que a alteração da proficiência linguística se manifesta, é precisamente essa utilização que tem de ser analisada. A aplicação de testes de gramaticalidade, pelo contrário, é recheada de artificialidade e não é capaz de encarar o fenómeno de *attrition* na sua globalidade nem de analisá-lo no domínio em que efectivamente ocorre, isto é, na situação de comunicação. Por sua vez, a vantagem desta forma de trabalho reside na possibilidade de concentração num determinado item linguístico (p.ex. a oração relativa como em Yağmur, 2004), que

possa ocorrer com pouca frequência no discurso espontâneo. É também uma boa forma de evitar que o falante contorne determinados itens linguísticos perante os quais ele sinta insegurança (aplicando as chamadas *avoidance strategies*). Estes dois factores são argumentos contra a análise de discurso espontâneo.

Embora o procedimento mais eficaz seja a combinação de ambas as formas de actuar (como o fazem Seliger, 1991 e Köpke, 1999), a base principal deste estudo será constituída por produção oral estimulada. A gravação de discurso produzido numa situação de comunicação - mesmo que nesta intervenha um entrevistador - parece-me ser de facto a forma mais eficaz de obtenção de dados mais próximos do natural, isto é, de retratar a proficiência linguística do falante no momento de utilização da língua. A utilização única de testes de gramaticalidade implicaria uma resposta afirmativa à questão lançada por Altenberg/Vago (2004): “[...] do grammaticality judgement tasks rely on knowledge and processes that are different from those used in on-line, normal sentence processing?”. Apesar de os autores procurarem comprovar a proficiência destes testes, afirmando que no processamento *on-line* da língua, o falante se socorre dos mesmos mecanismos utilizados em exercícios de gramaticalidade (ao falar, ele autocorrige-se e tem a capacidade de reconhecer estruturas agramaticais), o meu cepticismo quanto à validade desta afirmação continua a prevalecer. Pois, se os mecanismos cognitivos empregues em testes de gramaticalidade fazem parte do lote de mecanismos inerentes ao processamento da língua, isto não significa que o mesmo aconteça em sentido inverso, ou seja, que todos os mecanismos activados durante a fala equivalem aos empregues em testes de gramaticalidade. Naturalmente existe um conjunto extenso de saberes não activados em exercícios de gramaticalidade, como por exemplo a integração no discurso de aspectos relevantes da situação de comunicação, isto é, todo o conhecimento pragmático do falante. Existe, portanto, a forte possibilidade de determinados fenómenos de erosão apenas ocorrerem ao nível do processamento *on-line* da língua e não se manifestarem em exercícios que implicam uma reflexão meta-linguística do falante, mas não uma produção espontânea. Esta envolve o processamento de aspectos como o conhecimento de informação nova, de informação conhecida ou de informação já referida ou ainda a contextualização local e temporal da predicação.

Contudo, os testes de aceitabilidade não serão totalmente excluídos da presente análise. Para comprovar que existe de facto um desfasamento entre a quantidade de estruturas desviantes produzidas em fala corrente por um falante que apresenta erosão e

a sua aceitabilidade em exercícios de gramaticalidade por parte do mesmo falante, a análise do discurso oral é completada com dois testes gramaticais.

No que concerne à gravação de fala espontânea, um importante aspecto merecedor de reflexão, primordialmente conduzida por linguistas variacionistas como Labov (1972), centra-se na grande dificuldade em conciliar a “espontaneidade” do discurso com a “intencionalidade” provocada pela situação de gravação que implica a presença de um entrevistador, dificuldade a que Labov chama “the Observer’s Paradox”:

[...] the aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation. (Labov, 1972: 209)

Não sendo possível solucionar este paradoxo, cabe-nos minimizar os seus efeitos e contribuir para uma aproximação à situação de comunicação natural, tentando ultrapassar alguns dos constrangimentos de uma situação de entrevista formal.

Segundo os especialistas, o maior grau de naturalidade é conseguido quando é dado o mínimo de atenção à monitorização da fala (Labov, 1972: 208), obtendo-se assim o “vernacular”. Para conseguir fazer emergir o “vernacular”, o falante tem de ultrapassar a sensação de que está a ser observado, o que se consegue - ainda citando Labov (1972) - envolvendo “the subject in questions and topics which recreate strong emotions he has felt in the past, or involve him in other contexts”. A estratégia apontada como sendo a mais bem sucedida neste contexto é o confronto do falante com o tema da “morte” (“Danger of Death”).

Se por um lado é importante ter em consideração estas reflexões metodológicas sobre o discurso natural, vindas do campo da sociolinguística, e seguir algumas das estratégias aconselhadas pelos peritos, por outro lado, não deixa de ser necessário o investigador questionar também alguns dos seus fundamentos. A grande questão é, a meu ver, a seguinte:

Será que a proficiência linguística de um falante é transmitida unicamente através do vernacular, pelo que apenas a situação em que ele preste o mínimo de atenção ao que diz é adequada à sua análise?

Vendo bem, a resposta só pode ser negativa, pois um falante passa diariamente por um número extenso de situações em que o grau de atenção que presta ao seu discurso é muito variado. Prestamos mais atenção à maneira como falamos quando estamos num local público, quando falamos com alguém que conhecemos menos bem, quando

pretendemos atingir um determinado objectivo de elevado interesse. Por isso, a um estudioso do fenómeno de *language attrition* tem de interessar tanto o discurso produzido em situação espontânea como o discurso resultante de situações em que o falante preste mais atenção ao que diz porque se sente observado.

Tentando conciliar algumas das ideias lançadas nesta discussão, o *corpus* deste estudo é construído com base em:

- gravação de entrevistas orais de cariz sociolinguístico;
- gravação de discurso oral impulsionado;
- gravações e testes complementares.

Em geral, as gravações são feitas ao longo de duas a três sessões, em intervalos de uma semana a um mês.

### **2.3.1. A entrevista**

Uma parte do *corpus* é constituída por uma entrevista oral, centrada em questões biográficas e sociolinguísticas, que tem por base dois objectivos distintos:

- 1- A obtenção de dados biográficos e sociolinguísticos, essenciais à caracterização do grupo de investigação.
- 2- A obtenção de material linguístico para análise da proficiência linguística do falante.

Seguindo as orientações metodológicas discutidas anteriormente, são tomadas algumas medidas para contornar a formalidade da situação ‘entrevista’ e dar-lhe o carácter de ‘conversa’.

Assim, a primeira preocupação prende-se com o próprio entrevistador. O facto de todas as entrevistas serem conduzidas por pessoas bilingues que viveram a mesma experiência de estada num país de língua alemã e posterior regresso a Portugal<sup>16</sup> facilita a criação de uma situação de comunicação em torno de partilha de experiências. Neste contexto, em vez da apresentação de uma sequência estruturada de perguntas, é pedido ao participante que “conte como cresceu bilingue”. Sempre que oportuno, o entrevistador lança novos temas nos quais o falante se pode orientar, estabelece bases de comparação com experiências próprias, de familiares ou de outros entrevistados. Naturalmente, o número de intervenções por parte do entrevistador depende muito do perfil do falante. São ainda tidos em conta outras condicionantes, como por exemplo o

---

<sup>16</sup> Eu própria e a bolseira Marisa Ferreira.

local escolhido para a entrevista, optando-se em muitos casos por espaços menos formais (a casa do participante, um café, uma esplanada, etc.).

É de realçar que em nenhum momento da sua participação é dado a perceber ao participante que está a ser avaliada a sua proficiência linguística. Em vez disso é destacada a importância do conteúdo biográfico e sociolinguístico da entrevista.

### **2.3.2. Os estímulos visuais**

Numa segunda gravação, os falantes foram confrontados com imagens que espelham diferentes temáticas (*vide* Anexo IV, 1), tais como a pobreza, as relações familiares, o ambiente, a saúde, a educação etc. A partir destes estímulos visuais foi-lhes pedido para compararem as suas experiências nos dois países em relação aos temas das imagens. Além de poderem falar livremente sobre um variado leque de temáticas sociais e culturais, este momento de gravação permitiu manter o envolvimento pessoal do falante, também criado durante a entrevista.

### **2.3.3. Outras gravações**

As gravações da entrevista e dos comentários aos impulsos visuais foram completadas com momentos de produção oral mais curtos, tais como:

- a descrição de uma imagem (“Cena da Cozinha”; cf. Anexo IV, 2);
- a narração de uma história a partir de uma sequência de imagens (“História da Carochinha”; cf. Anexo IV, 3);

Em casos pontuais foram ainda realizadas gravações complementares, como:

- a gravação de conversas livres;
- a narração de uma segunda história (“O Gato e o Pássaro”), no caso dos falantes mais novos, que mostravam dificuldades em comentar os impulsos visuais (por exemplo, a falante Solange);
- a narração de uma segunda sequência de imagens (“O Jardim de Tulipas”)<sup>17</sup>;

### **2.3.4. Testes gramaticais**

Alguns dos falantes entrevistados foram ainda submetidos a dois exercícios gramaticais que visam testar de forma complementar o seu desempenho em relação aos diferentes aspectos sintácticos sob observação. Neste âmbito foram desenvolvidos:

---

<sup>17</sup> Grande parte das imagens utilizadas foram-me fornecidas pelos investigadores Joana Duarte e Hans-Joachim Roth, que as utilizaram na sua própria pesquisa sobre o bilinguismo no contexto educativo.

- um exercício de produção sintáctica (cf. Anexo II):

O falante recebe cartões com elementos frásicos e deve construir frases com sequências que considera correctas. O teste é constituído por três grupos. Em dois grupos é indicado o primeiro elemento da frase, isto é, o falante tem de começar a frase com um sintagma já definido. No terceiro grupo pode dispor os elementos livremente. O participante deve dar várias alternativas; no fim é confrontado com as suas propostas, devendo julgar a sua aceitabilidade. Informações mais específicas sobre o exercício são fornecidas no capítulo 4.

- um texto com desvios sintácticos (cf. Anexo III):

O falante recebe a “História da Carochinha”; é-lhe dito que o texto contém desvios sintácticos (elementos erradamente invertidos e omitidos). O falante deve então assinalar todas as estruturas que considera erradas; seguidamente deve corrigi-las e no final ainda é confrontado especificamente com as frases que não detectou. Informações mais específicas sobre este exercício são fornecidas nos capítulos 5 e 6.



## CAPÍTULO 3

### *Pressupostos e hipóteses de trabalho*

Com base nos pressupostos teóricos, expostos no primeiro capítulo, e as características do grupo de investigação, apresentados no capítulo dois, neste terceiro capítulo, serão formuladas as hipóteses de trabalho do presente estudo. Segue-se depois uma breve apresentação dos fenómenos linguísticos sobre os quais incidirá a minha análise.

#### **3.1. Aquisição precoce do bilinguismo luso-alemão**

Cabe neste ponto reflectir mais pormenorizadamente sobre o tipo de bilinguismo dos falantes seleccionados para o presente estudo. Uma das questões que é pertinente colocar é a seguinte:

*Estes falantes têm duas primeiras línguas ou uma língua primária (o português) e uma segunda língua (o alemão)?*

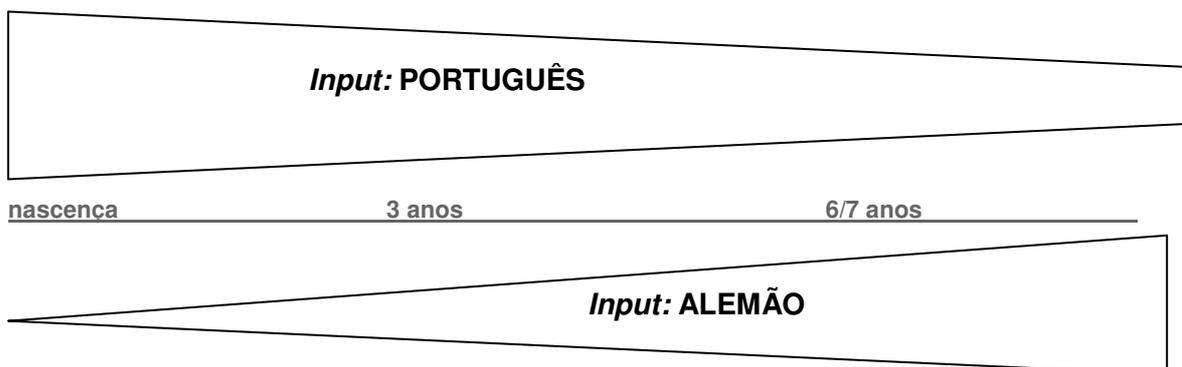
Basicamente, esta questão toca na diferença entre 2L1 e L1/L2, isto é, na distinção entre a aquisição simultânea de duas línguas primárias (2L1) e a aquisição de uma segunda língua num momento posterior ao início de aquisição da primeira (L1/L2). Esta diferença tem sido objecto de estudo de muitos trabalhos (a título de exemplo: Meisel, 2001, 2004, 2006; Meisel/Möhrling, 2003; Hyltenstam/Abrahamsson, 2003; Unsworth, 2005; o volume editado por Krashen/Scarcella, 1982, e os estudos em volta do 'Período Crítico' para aquisição linguística, p.ex. Johnson/Newport, 1989), visando fundamentalmente esclarecer duas questões. Primeiro, qual a idade a partir da qual a aquisição de uma segunda língua deve ser considerada L2? Segundo, existem substanciais diferenças entre o desenvolvimento da língua primária e o processo de aquisição de uma segunda língua? A este debate é ainda de acrescentar a questão em volta da diferença entre a aquisição de uma segunda língua durante a infância e a sua aprendizagem por parte de falantes adultos, respectivamente denominados de L2 infantil e L2 adulto (*childL2 / adultL2*).

A questão da idade que serve de fronteira entre os dois tipos de bilinguismo (simultâneo ou sucessivo) está longe de ser consensual. Meisel (2007a) propõe a fase etária entre os três e os quatro anos como linha de corte, indo ao encontro de propostas

mais antigas, por exemplo de McLaughlin (1978), que aponta para os três anos, e outras mais recentes, por exemplo Unsworth (2005), que estabelece os quatro anos como limite indicativo.

Seguindo a proposta de Meisel (*idem*), os falantes bilingues luso-alemães deste estudo situam-se precisamente na fronteira entre os dois tipos de bilinguismo descritos. A grande maioria dos falantes incluídos na presente análise nasceu no país de expressão alemã ou emigrou com os pais até aos três/quatro anos de idade. Mesmo no caso daqueles que nasceram na Alemanha/Suíça, a idade efectiva de contacto activo com a língua alemã ronda os três anos de idade, uma vez que a maioria dos falantes reporta o uso quase exclusivo do português nos primeiros anos de vida e o uso activo do alemão apenas a partir da entrada no infantário/a estada numa ama/a socialização com vizinhos, por volta dos três anos. É de notar que, a partir do início de contacto com o alemão, esta língua passa rapidamente de língua passiva a língua de *input* dominante, uma vez que o português é restringido continuamente à comunicação entre a família.

Para estes falante é, portanto, possível apresentar o seguinte quadro evolutivo:



**Ilustração 3:** Evolução do *input* das duas línguas em falantes bilingues de segunda geração

Este desenvolvimento sugere que aos sete anos de idade, altura da escolarização, os falantes já dominavam o alemão de forma activa, usando-o como língua de comunicação fora da família. De facto, a maioria destes falantes reporta não ter tido qualquer dificuldade na utilização do alemão aquando da entrada na escola. Em nenhum caso são relatadas situações de atraso no percurso escolar, que eventualmente poderiam dever-se a falhas de competência no alemão.

Em face do exposto, os falantes bilingues deste estudo são considerados “bilingues precoces”, não excluindo que, em certos casos, a aquisição das duas línguas decorreu de facto simultaneamente.

Por sua vez, desta classificação deriva uma outra questão importante, à qual não posso responder com dados extraídos deste estudo, mas com base em outros estudos: existem substanciais diferenças entre a aquisição *simultânea* e a aquisição *precoce* das duas línguas?

Apesar de não mostrarem consenso em relação ao tipo de diferenças que existem entre estas duas formas de aquisição, os vários estudos que focam as divergências entre L1 e L2 infantis (uma visão geral destes estudos é dada em Unsworth, 2005) têm em comum a constatação de que estas variam de acordo com o tipo de propriedade estrutural que está a ser adquirida. Assim, Meisel (2007a: 53) defende que “child L2 acquisition resembles more adult L2 acquisition than (2)L1 development, at least in some areas of grammatical development”, identificando o domínio morfológico como o mais vulnerável à diferença de idades em que é adquirido. Meisel concentra-se na aquisição das propriedades verbais finitas por parte de crianças que adquiriram o francês com idades compreendidas entre os três e os quatro anos, demonstrando que existem muitas semelhanças em relação à forma como adultos L2 adquirem estas propriedades ao aprenderem o francês. Um segundo ponto a favor da semelhança entre L2 infantil e L2 adulto no âmbito morfológico é a grande variação detectada entre os sujeitos estudados, que se opõe ao processo de aquisição L1, essencialmente caracterizado pela sua linearidade e invariabilidade.

Já quanto à aquisição de propriedades sintáticas, como a ordem de palavras, Meisel afirma que este domínio aparenta ser menos problemático na aquisição sucessiva do que a morfologia verbal, indo ao encontro das conclusões apresentadas por Rothweiler (2006), Ahrenholz (2006) e Thoma/Tracy (2006) nos seus estudos sobre a aquisição de propriedades sintáticas por parte de crianças emigrantes aprendendo alemão. O quadro de aquisição que caracteriza estas crianças é muito semelhante ao dos falantes luso-alemães do presente estudo. Tal como estes, as crianças turcas do estudo de Rothweiler (*supra cit.*) nasceram na Alemanha mas nos primeiros anos de vida estiveram quase exclusivamente expostas ao turco, a única língua falada na família e na comunidade vizinha, essencialmente turca. O primeiro contacto com a língua alemã deu-se, por isso, no jardim-de-infância, com idades compreendidas entre os 2;10 e os 4;5. Focando a aquisição de V-2 e V-final nas orações encaixadas, Rothweiler demonstra que os estados de desenvolvimento observados nestas crianças são idênticos aos estados descritos na aquisição da língua nativa (L1) [por exemplo em Meisel (1994b) ou Poeppel/Wexler (1993)]. Além disso, estas crianças não cometem erros gramaticais

típicos da aprendizagem do alemão por parte de adultos (por exemplo, \*V-3, como reportado em Meisel/Möhrling, 2003). Rothweiler (2006: 110) conclui, por isso, que “early successive acquisition equals L1 acquisition, at least in connection with the relevant aspects in the acquisition of sentence structure. In being parallel to L1, early successive acquisition is seen as a variant of 2L1”. Conclusão semelhante é apresentada por Ahrenholz (2006), que analisou a produção verbal de 37 crianças emigrantes de turmas do terceiro e quarto ano de escolaridade. Segundo este autor, “stellt der Erwerb zentraler syntaktischer Grundmuster für die meisten hier untersuchten Kinder mit Migrationshintergrund aus der dritten und vierten Klasse keine Lernaufgabe mehr dar. Es werden sowohl Satzklammern realisiert, als auch ‚Inversionen’“ (p.237). Contudo, Ahrenholz realça o facto de esta generalização apenas ser correcta em relação a crianças que tiveram o primeiro contacto com o alemão aos três/quatro anos de vida, não se aplicando às crianças que emigraram em fase mais tardia. Também Thoma/Tracy (2006: 74) concluem que “Kinder, die im Alter von drei bis vier Jahren zum ersten Mal in intensiven Kontakt mit dem Deutschen treten, die wichtigsten morphosyntaktischen Eigenschaften deutscher Sätze (syntaktische Baupläne, Subjekt-Verb-Kongruenz) bereits innerhalb eines halben Jahres erschließen können. Damit können sie sehr gut mit L1-Kindern mithalten“.

Se transferirmos as conclusões dos estudos citados para a situação dos falantes luso-alemães deste estudo, podemos formular os seguintes pressupostos:

Estando expostos ao alemão em fase um pouco mais tardia, provavelmente, na fase inicial de aquisição do alemão, estes falantes tiveram mais dificuldades na apropriação de propriedades morfológicas que de propriedades sintáticas da L2.

Estes pressupostos, no entanto, nada dizem acerca do estado final deste processo. De facto, a constatação de que a aquisição sucessiva de duas línguas durante a infância se distingue do processo de aquisição nativa durante a fase de desenvolvimento das línguas não exclui a possibilidade de, no estado final de aquisição, a criança poder atingir proficiência nativa em ambas as línguas e, por isso, ser considerada bilingue funcional tal como as crianças 2L1<sup>18</sup>. De facto, como foi exposto no primeiro capítulo, muitos dos investigadores que estudam a relação ‘idade de exposição - aquisição de uma segunda língua’ admitem que, se o início da exposição à segunda língua ocorrer até uma certa

---

<sup>18</sup> Veja-se por exemplo a nota 1 em Unsworth (2005): “In other words, L2ers are classified according to the point at which the L2 acquisition process begins. No claims are made about the nature of their end-state grammars. Hence, irrespective of whether they could be described as (functionally) bilingual or nativelike, this type of language learner will still be referred to as an L2er.” (p.6).

idade, o falante adquire proficiência nativa (ou quase nativa [*near-native*<sup>19</sup>]) na segunda língua (Seliger/Krashen/Ladefoged, 1982; Patkowski, 1982; Krashen/Long/Scarcella, 1982; Johnson/Newport, 1989; Long, 1993; Hyltenstam, 1992). A idade limite geralmente indicada situa-se entre os três/quatro e os seis anos.

Dado que a idade de exposição ao alemão dos falantes bilingues do presente estudo (por volta dos três anos) se situa abaixo da idade comumente indicada como limite para obtenção de proficiência nativa e uma vez que, a partir do primeiro contacto, o *input* da segunda língua se torna o dominante, parto do pressuposto de que os falantes luso-alemães que adquirem o alemão L2 nas condições descritas e mantêm o seu *input* até ao final da fase de maturação linguística atingem níveis de proficiência linguística nativos (ou muito próximos do nativo).

### 3.2. Predições centrais do trabalho

Intrinsecamente ligada à questão da relação entre ‘idade de exposição’ e ‘nível de proficiência alcançado’ está o debate em volta da hipótese de existência de um período crítico para aquisição da língua. Como foi exposto em 1.1.1.2./1.1.1.3., à ‘Hipótese do Período Crítico’ subjaz a ideia de que a capacidade de aprendermos a primeira ou uma segunda língua “does not monotonically increase with development, but rather reaches its peak during a ‘critical period’, which may be relatively early in life, and then declines when this period is over” (Johnson/Newport 1989: 60/61).

Assim, a aquisição da língua - entendida como um processo flexível, dependente de maturação, que só se torna estável depois de percorridas todas as fases evolutivas, as quais parecem não consistir apenas em fases de aquisição mas também em fases de estabilização – só alcança o estado óptimo final se os factores que condicionam este processo ficarem constantes ao longo de toda a evolução, isto é, se o *input* se mantiver estável até ao final de todo o processo. Porém, como vimos, não há certezas, nem sobre a idade em que todo este processo de aquisição e estabilização termina, nem sobre os aspectos gramaticais que estão sujeitos a maturação.

Lenneberg (1967) definiu a puberdade como sendo a fase em que o período crítico para a aquisição linguística atinge o seu limite, mas, como vimos, tem sido sustentado

---

<sup>19</sup> O conceito “near-nativeness” é, entre outros, discutido em Sorace (2003), onde a autora propõe que, mesmo estando muito próximo do conhecimento gramatical monolíngue, a competência final de falantes L2 se distingue da competência de falantes nativos, por influência de vários factores não presentes na aquisição monolíngue [distingue-se, por exemplo, quanto ao estado inicial de aprendizagem uma vez que um falante L2 já sabe uma língua e quanto às habilidades cognitivas do sujeito que aprende uma língua em fase mais tardia do seu desenvolvimento]. No entanto, apesar desta diferença na aquisição, no seu estado final, a gramática *near-native* pode ser muito idêntica à gramática nativa e ser considerada como “the range of options allowed by Universal Grammar” (Sorace 2003: 146).

por muitos autores que tal limite surge em idade muito inferior à puberdade. Além disso, não parece haver argumentos convincentes que expliquem a relação entre a puberdade e o processo de aquisição linguística. No entanto, a idade entre a infância e a passagem à adolescência poderá de facto ter um papel importante no desenvolvimento da faculdade linguística: não como idade limite para a aquisição natural da língua, mas como fase em que a competência adquirida se estabiliza por completo.

Uma síntese das ideias apresentadas levar-nos-ia à seguinte hipótese:

*Existe uma fase de maturação para a aquisição de uma ou mais línguas, que atinge o seu pique entre os quatro e os sete anos de idade. Por volta dessa idade é suposto a criança ter adquirido a(s) língua(s) à qual/ às quais tem sido exposta. Esta fase de maturação é seguida de uma fase de estabilização, que culminará numa competência linguística estável na(s) língua(s) adquirida(s), se for mantido o grau de input recebido durante a fase de aquisição. Caso contrário, o falante apresentará instabilidade a nível dos principais parâmetros sintácticos da língua não usada.*

O presente estudo pretende dar alguma luz sobre dois aspectos cruciais relacionados com esta questão:

I. Por um lado, pretende aproximar-se da questão da idade em que a competência linguística dos falantes se torna invulnerável. Para tal será necessário comparar os diferentes subgrupos, relacionando o seu desempenho linguístico com a idade em que os diferentes falantes regressaram a Portugal e perderam o *input* da L2.

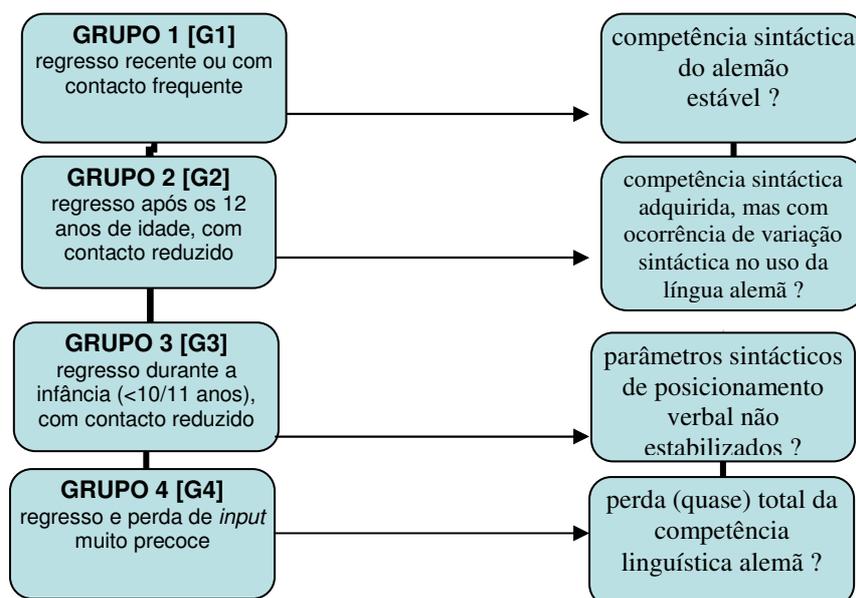
Os pressupostos teóricos discutidos permitem formular as seguintes predições, que servirão de base a este trabalho:

1. *A ocorrência de processos de erosão de competência linguística depende dos factores 'idade' e 'contacto' (cf. Goral, 2004; Gürel, 2004; Köpke, 2004).*
2. *Se a perda de contacto activo com uma das línguas ocorrer antes de concluído todo o processo de maturação, isto é, antes da fase de estabilização de competência adquirida poderá impedir o processo de estabilização e levar a uma competência instável.*
3. *Se a perda de contacto ocorrer após a fase de estabilização, a competência linguística do falante bilingue estará estabilizada. Eventuais processos de erosão serão de natureza diferente dos observados em falantes que perderam o contacto com uma das línguas ainda durante a infância. Poderão ser consequência da falta de uso e de uma inibição insuficiente da língua predominantemente usada.*

A natureza do grupo de investigação do presente estudo permite testar as diferentes predições formuladas, uma vez que os falantes apresentam um padrão de aquisição bilingue uniforme mas distinguem-se em relação aos factores decisivos no desenvolvimento da competência adquirida: a idade em que mudaram de ambiente linguístico e a frequência de contacto com a segunda língua após essa mudança, critérios estes que serviram de base à delimitação dos subgrupos, apresentada em 2.2.2.

De facto, a análise do *corpus* comprova que as substanciais diferenças verificadas na produção verbal dos bilingues coincidem com diferentes requisitos biográficos destes falantes. É no entanto de realçar que as fronteiras entre os grupos são fluidas e não é possível “categorizar” rigidamente os falantes segundo os critérios definidos, pois nem todos demonstram o mesmo desempenho linguístico em relação a todos os itens em análise. Assim, um falante poderá apresentar níveis de ocorrência de um item linguístico característico de um grupo mas não ter o mesmo desempenho em relação a outro item.

Fazendo corresponder os grupos delimitados às predições acima formuladas, este trabalho parte das seguintes hipóteses:



**Ilustração 4:** Subgrupos [G1 a G4] – Hipóteses de trabalho

Uma vez que, com excepção dos falantes G4, por evidente falta de proficiência linguística no alemão, todos os falantes dos outros grupos se submeteram aos mesmos exercícios linguísticos (cf. 2.3), disponho de uma base de material linguístico que convida à comparação entre os vários *subcorpora*. Neste sentido, a ocorrência de fenómenos de alteração sintáctica será quantificada e analisada não com base na minha

intuição linguística mas sim em comparação com o comportamento linguístico dos outros grupos de observação, o que permite apresentar um quadro bastante completo da evolução da competência sintáctica de falantes bilingues afastados do meio ambiente de uma das línguas.

II. A segunda preocupação central do presente trabalho consiste em determinar quais os fenómenos sintácticos que poderão ser afectados por maturação, isto é, que se tornam invulneráveis a erosão após a estabilização da competência linguística do falante e quais os fenómenos que continuam vulneráveis, mesmo depois do falante ter adquirido uma competência sintáctica estável. A ocorrência deste último tipo de fenómenos não poderá ser justificada com base numa insuficiente estabilização, pelo que, neste caso, serão testadas outras hipóteses de explicação.

Seguidamente serão apresentados, de forma sucinta e com base em exemplos concretos do *corpus*, os principais fenómenos linguísticos a analisar ao longo do trabalho.

### 3.3. Os fenómenos observados

As seguintes transcrições são excertos da entrevista de Alice, aluna do primeiro ano de um curso da Universidade do Minho, que emigrou para a Suíça com os pais aos três anos de idade, tendo regressado a Portugal com doze. Actualmente, Alice tem dezanove anos. Desde o seu regresso, o contacto com a língua alemã tem sido muito reduzido, uma vez que o alemão deixou de ser a sua língua de comunicação com a irmã pouco tempo depois do regresso. O curso universitário que frequenta há seis meses inclui a vertente alemão, pelo que, desde o ingresso no ensino superior, voltou a ter um *input* mais intensivo da L2.

Os registos verbais de Alice constituem um bom ponto de partida para a presente análise, uma vez que contêm os principais fenómenos de variação sintáctica, detectados também nos outros falantes bilingues (sublinhados para melhor visualização).

- (1) a. ja vielleicht gibt es eh. Wörter die im im Deutsch ich kenne, sind wenige *sim talvez existem eh. palavras que no Alemão eu conheço, são poucas* aber in Portugiesisch kenne ich nicht, und dann schreibe ich in, in Deutsch. *mas em Português conheço eu não, e depois escrevo eu em alemão.* aber es ist nur in diesem Fall, wenn ich wirklich nicht in Portugiesisch *mas Expl é só neste caso, quando eu mesmo não em Português* kenne. *conheço.*

- b. in die Ferien manchmal gehe ich.  
*nas férias às vezes vou eu.*
- c. also in/ in meine Familia. sie hassen dass ich mit meine Schwester, wenn  
*bem em minha familia. eles detestam que eu com a minha irmã, quando*  
 ich bei ihr/ bei meiner Tante vielleicht bin und mit meine Schwester und  
*eu na casa deles/ da minha tia talvez estou e com a minha irmã e*  
ihr etwas sage in Deutsch dann sagt sie nein nein nein in Portugiesisch  
*ela<sup>Dat</sup> algo digo em Alemão então diz ela não não não em Português*  
sonst das verstehe ich nicht.  
*senão isso entendo eu não.*
- d. hier die Portugiesischen, eh die. die finden die, also wie kann ich das  
*aqui os portugueses, eles. eles acham eles, bem como posso eu isso*  
 erklären. die kritikieren zu viel. und wenn ich vielleicht in der Schweiz  
*explicar. eles criticam demasiado. e quando eu talvez na Suíça*  
 oder Frankreich etwas mache. die/ das/ und, hier das mache,  
*ou na França algo faço. isso/ e, aqui isso faço,*  
vielleicht hier ist das viel, viel anders.  
*talvez aqui é isso muito diferente*  
 wie kann ich das erklären, wenn man hier eine tatuagem macht. [...] *como posso eu isso explicar, quando se aqui uma tatuagem faz. [...]*
- e. früher hatte ich das eh, den RTL. RTL2, jetzt habe ich nicht mehr.  
*dantes tinha eu o RTL. RTL2, agora tenho eu não mais.*
- f. in der Schweiz wenn man mit dem Bus irgendwo. hinfahren will.  
*na Suíça quando se com o autocarro algures ir quer*  
 viele Menschen haben eine Fahrkarte, die in eine Maschine. gebt  
*muitas pessoas têm um bilhete que numa máquina põem*  
 und macht einfach ein Tick. und das geht für viele Male, [...] und es gibt auch  
*e faz simplesmente um tic e isso dá para muitas vezes e Expl há também*  
 Maschine. in den Bus und, in der Station. wo man Ticket eh kaufen kann, und so  
*máquina no autocarro e na estação onde se bilhete comprar pode e assim*  
 muss man nicht an dem. *condutor[?] Führer[?]*  
*tem se não ao condutor[?]*
- g. [...] hier in Portugal ist es nicht so. man muss in den/ oder hat man,  
*aqui em Portugal é isso não assim. PRON tem no/ ou tem PRON*  
ein Pass und das gibt auch in der Schweiz.  
*um passe e isso há também na Suíça*

Os excertos seleccionados apresentam marcas de erosão linguística de índole diversa: variação a nível sintáctico, morfológico e lexical. A preocupação central deste trabalho incide sobre o domínio sintáctico, contudo, neste capítulo introdutório far-se-á também uma breve descrição dos fenómenos morfológicos e lexicais (3.3.2.).

### 3.3.1. Fenómenos de variação sintáctica

O primeiro fenómeno de variação sintáctica a analisar prende-se com o posicionamento verbal, que no alemão se restringe fundamentalmente a duas posições: a segunda posição (doravante V-2) e a última posição da frase (doravante V-final ou OV).

Como demonstra o exemplo (1d), um tipo de variação a analisar mais pormenorizadamente está relacionado com o desvio à regra V-2. Na frase “hier die Portugiesischen, eh die. die finden”, Alice não move o verbo (*finden* / ‘encontrar’) para a segunda posição da oração, deixando-o agramaticalmente em terceiro lugar (\*V-3).

Já em (1c), Alice constrói várias orações encaixadas (condicionais coordenadas), mas na frase “ihr etwas sage in Deutsch” o verbo (*sagen* / ‘dizer’) não se encontra na sua posição-base no final da oração, desviando-se assim da imposição V-final. Estes desvios a V-2 e V-final serão analisados no capítulo 4.

Note-se que este tipo de desvios não é característico dos falantes que vieram para Portugal após os doze anos de idade - o caso de Alice - pelo que as frases seleccionadas servem apenas para exemplificar os fenómenos sob análise (são as únicas deste tipo encontradas nos seus registos).

Mais significativa é a ocorrência de frases do tipo exemplificado em (1a), (1e), (1f) e (1g). Nestas, Alice omite elementos que são de realização obrigatória no alemão. Em “sind wenige”, “die in eine Maschine gebt”, “macht einfach ein Tick” e “das gibt auch” é omitido o sujeito da frase (expletivo ou referencial). Já em “wenn ich wirklich nicht in Portugiesisch kenne” e “jetzt habe ich nicht mehr”, Alice omite agramaticalmente o objecto directo. Os fenómenos de omissão irregular do sujeito e do objecto são discutidos no capítulo 5.

No capítulo 6 serão discutidos processos de variação sintáctica do tipo exemplificado em (1b), (1c) e (1d). Nestes é de observar uma alteração na ordem dos elementos não-verbais da frase. Assim, em frases como “in die Ferien manchmal gehe ich” e “sonst das verstehe ich nicht” verifica-se o preenchimento da posição pré-verbal com dois sintagmas (“in die Ferien” e “manchmal”; “sonst” e “das”), o que contraria as regras sintácticas do alemão, que impõe a ocupação desta posição com apenas um sintagma (embora este possa ser complexo), proibindo a adjunção à periferia esquerda da frase.

Já em frases como “(wenn ich) hier das mache” e “wenn ich ich bei ihr/ bei meiner Tante vielleicht bin”, a alteração da ordem normal da frase afecta os elementos posicionados entre o final da frase e, neste caso, a conjunção subordinante, já que se

trata de orações encaixadas. A seriação dos elementos tal como é realizada por Alice nas frases seleccionadas não é agramatical mas apresenta uma ordem marcada, que foge às exigências pragmático-sintácticas da oração, fenómeno muito recorrente nos registos de falantes com reduzido *input* da L2 (discutido em 6.2.).

### 3.3.2. Outros fenómenos

Como demonstram os excertos transcritos em (1a-g), os registos verbais de Alice apresentam também erros gramaticais de natureza morfológica e lexical. Como não constituem a preocupação central deste trabalho, estes desvios serão ignorados na discussão dos fenómenos sintácticos apresentados ao longo dos próximos capítulos<sup>20</sup>, não sendo corrigidos nos excertos retirados do *corpus*.

Seguidamente serão apresentados de forma resumida alguns dos erros mais comuns. Para tal, transcreve-se mais alguns excertos do *corpus* de Alice (1h-o):

- h. manchmal mit meiner Schwester, sie war auch in die Schweiz mit mir  
[in der]  
das war nur in die Schule.  
[in der]
- i. sie helft mir  
[hilft]
- j. und hier in Portugal. ist es, anders, niemand spricht Deutsch und alle Portugiesisch.  
[spricht]
- k. wenn ich von der Schweiz nach hier gefahren bin.  
[als] [hierher]
- l. ich weiß nicht vielleicht helft es mir. also ich. ich bin sehr fröhlich dass  
[hilft] [froh/ glücklich]  
ich Deutsch und Portugiesisch spreche wie ich es mach.
- m. ich glaub sie magen besser den den Deutsch, also ich weiß es nicht  
[mögen] [lieber] [das Deutsche]  
für mir, für mir ist es egal aber ich glaube für die Portugiesen. gibt es ein  
[mich] [mais correcto: Mir ist es egal] [einen]  
großen Unterschied, bei Deutsch und Französisch.  
[zwischen]
- n. und man merkt sehr viel wenn er hier in Portugal kommt und,  
[man merkt es sofort] [nach]  
Portugiesisch spricht.  
[spricht]
- o. ich bin hier in Portugal gewachsen. und dann bin ich in die Schweiz gegangen  
[geboren]

---

<sup>20</sup> Apenas na discussão detalhada dos registos das falantes do grupo 3 far-se-á referência a este tipo de desvios, sem no entanto os discutir detalhadamente.

### 3.3.2.1. Morfologia

Como vários estudos nesta área têm comprovado, a morfologia é um domínio da língua extremamente sensível a processos de erosão (Schmid, 2002: 34-43, para um visão geral sobre estudos realizados e conclusões obtidas). No caso específico do alemão, língua com um sistema morfológico verbal e nominal extremamente complexo, Altenberg, 1991; Jordens/de Bot/van Os/Schumans, 1986; Köpke, 1999 e Schmid, 2002, entre outros, atestam que, no caso do sistema nominal, a reestruturação morfológica em situação de erosão afecta a marcação de género, a formação do plural e o sistema de casos<sup>21</sup> - situação amplamente comprovado no *corpus* de gravações de que disponho. De facto, a escolha errada do género da palavra e do morfema de marcação de plural, assim como a ocorrência de erros de declinação aumentam significativamente à medida que o contacto com a língua decresce.

Na morfologia verbal, os aspectos mais susceptíveis de sofrerem erosão são as formas marcadas: a conjugação verbal irregular, as realizações alomórficas ou a escolha do verbo auxiliar (*haben* ['ter']/ *sein* ['ser']) na formação do perfeito<sup>22</sup>, todos eles atestados com maior ou menor frequência no *corpus* geral e alguns exemplificados nos registos de Alice. Veja-se, por exemplo, a regularização das formas verbais irregulares “sprecht” (em vez de *spricht*) e “helft” (em vez de *hilft*), por analogia ao infinitivo “sprechen”/ “helfen”, ou a forma da 3ª pessoa do plural “magen” (em vez de *mögen*), conjugada em analogia às formas de singular *ich mag / du magst / er mag*.

Um outro processo atestado com muita frequência na fala de bilingues regressados prende-se com a substituição de formas casuais por preposições ou a sobremarcação preposicional, acrescentando desnecessariamente uma preposição a uma forma já marcada por caso, como exemplificado no excerto (1m) (“für mir, für mir ist es egal“ em vez de *mir ist es egal*<sup>23</sup>).

O sistema preposicional é também uma relevante fonte de interferência. O uso errado de preposições, como em (1a) (“dann schreibe ich in, in Deutsch“ em vez de *auf Deutsch*) ou (1n) (“wenn er hier in Portugal kommt“ em vez de *nach Portugal*), é uma característica marcante dos falantes sem contacto regular com o alemão, que poderá sustentar a hipótese de a maior variação ocorrer em domínios onde as duas línguas em

<sup>21</sup> Naturalmente estes domínios estão interligados. Além disso, o sistema casual é um aspecto de cariz morfo-sintáctico, no entanto, como estes fenómenos não constituem o objecto de estudo, limito-me apenas a referir a ocorrência de erros nestes domínios, sem me preocupar em discutí-los. (Para tal *vide* obras *supra* citadas.)

<sup>22</sup> Processos amplamente descritos no estudo de Daller (1996), que descreve a proficiência linguística de falantes remigrados da Alemanha para a Turquia.

<sup>23</sup> Neste caso, a falante falha ainda na escolha do caso pedido pela preposição „für“ [für+ acusativo *mich*].

contacto apresentam diferentes graus de complexidade. Nestas condições, o processo de erosão inicia-se quando a língua mais fraca ostenta um sistema mais complexo que a língua dominante. Ora, o sistema preposicional alemão é de facto mais complexo que o português, sendo possível comprovar no *corpus* destes falantes uma redução efectiva no uso das preposições alemãs, exemplificada nos excertos de Alice com a utilização da preposição *in* ('em') em vez das preposições *auf* e *nach*, usadas em contextos mais restritos.

### 3.3.2.2. Léxico

O domínio lexical é aquele onde mais facilmente se encontram interferências, uma vez que parece ser uma das primeiras áreas a ser afectada após perda de contacto com a língua. Como demonstram Olshtain/Barzilay (1991), problemas de acesso a vocabulário específico surgem mesmo em falantes bilingues adultos (e até monolingues) com um nível de proficiência muito alto na L1, embora estas dificuldades pareçam dever-se mais a falta de “controlo” (no sentido de Sharwood Smith/van Buren, 1991, que o definem como “the on-line processing of knowledge”, p.18) que a uma redução efectiva do sistema vocabular, isto é, a perda de competência. Como é de esperar, esta falta de acesso lexical afecta em primeira instância vocabulário muito específico e pouco utilizado (como confirma o estudo de Olshtain/Barzilay, *op. cit.*). É muitas vezes superada pelo recurso ao termo equivalente na segunda língua, como faz Alice no excerto (1d), onde utiliza a palavra “tatuagem” em vez de *Tätowierung*. No *corpus*, uma situação bem reveladora de tal falta de controlo é o início da “História da Carochinha”, onde mesmo os falantes mais proficientes, com manifesta dominância da língua alemã, mostram dificuldade em encontrar o termo correspondente a ‘joaninha’ no alemão (*Marienkäfer*). Nos registos abundam também exemplos de “transferência / extensão semântica” (“Erweiterung des Gebrauchs”, Weinreich, 1976), como a que ocorre no excerto (1l), onde o significado mais vasto de ‘contente’ é transferido para o mais restrito de *fröhlich*; de *loanblends*, termo criado por Haugen (1950) para descrever a construção híbrida de palavras, resultante da ligação de morfemas das duas línguas em contacto, exemplificado na utilização errada de “kritikieren”, em vez de *kritisieren*<sup>24</sup>,

---

<sup>24</sup> Neste caso concreto, a construção errada da palavra também pode ser explicada como resultado de um processo de derivação errado, em que o sufixo verbal “ier(en)” é ligado ao substantivo “Kritik”, sem a substituição de [k] por [z] (ou <k> por <s> em termos grafemáticos).

Outros exemplos de *loanblends* encontrados no *corpus* são “respondieren” (Bruna) de *respond* (ptg.) + *ieren* (al.) em vez de *antworten*; “esquecen” (Iolanda) de *esquec* (ptg.) + *en* (al.) em vez de *vergessen* ou “utilisieren” (Eunice) de *utiliz* (ptg.) + *ieren* (al.) em vez de *gebrauchen/verwenden*.

por analogia a ‘criticar’ do português (excerto d); ou ainda a utilização errada de palavras, como em (1o) (“*ich bin hier in Portugal gewachsen*”, em vez de *ich bin hier in Portugal geboren*).

Para concluir, muitos dos desvios observados são fruto de transferência directa de estruturas do português, como por exemplo o emprego do pronome indefinido “viel” enquanto advérbio de intensificação na frase “*vielleicht hier ist das viel, viel anders*” (1d). Em português, a palavra ‘muito’ tem precisamente essas duas funções, a adverbial e a pronominal. Neste caso, a falante transferiu para o alemão o significado adverbial de ‘muito’, traduzindo-o por *viel*.

## **Parte II:**

### **Análise – A Competência Sintáctica de Falantes Bilingues Regressados**



## CAPÍTULO 4

### *A posição do verbo*

Nesta parte do trabalho, proponho-me a avaliar a competência sintáctica dos falantes bilingues em observação, analisando o seu comportamento face aos principais parâmetros sintácticos do alemão, nomeadamente o posicionamento do verbo.

Como foi discutido no capítulo anterior, parto do pressuposto de que a competência sintáctica de falantes nativos é o resultado de um processo de parametrização de princípios universais, processo este que é sujeito a maturação e alcança a saturação numa determinada altura da vida humana, dificultando a aquisição natural de uma segunda língua após esse período. Hoje é consensualmente aceite que a exposição natural a mais que uma língua durante esta fase de maturação permite à criança adquirir naturalmente mais que uma língua, de forma independente e sem mistura dos dois (ou mais) sistemas gramaticais. Tendo sido definidos como ‘bilingues precoces’, parte-se do pressuposto que os falantes deste estudo adquiriram as duas línguas de forma natural, através da exposição a duas línguas desde a infância (embora não imediatamente após a nascença). Neste caso, assume-se que, durante a fase de maturação, os parâmetros sintácticos do alemão e do português foram fixados nos valores próprios de cada língua, o que se evidenciará na correcta construção das frases alemãs (e portuguesas, apesar destas não nos interessarem neste estudo).

Como a forma de aquisição das línguas é semelhante em todos os falantes, parto do pressuposto que, de facto, todos os falantes tenham adquirido correctamente o sistema gramatical alemão e que, conseqüentemente, as diferenças de desempenho linguístico a observar entre os falantes dos diversos grupos se devam aos factores definidos como sendo os mais decisivos (‘idade de regresso’ e ‘frequência de contacto’) e sejam um indício da ocorrência de erosão linguística.

Antes da análise do *corpus*, importa em primeira instância apresentar as principais características sintácticas do alemão.

#### 4.1. Sintaxe do alemão

Uma das características fundamentais à qual se recorre para classificar as línguas naturais diz respeito à ordem das palavras. Enquanto elemento crucial da frase, o verbo desempenha um papel fundamental nessa ordenação. A sua posição e a dos complementos que subcategoriza “has long be recognized as an essential property of grammars” (Meisel, 2003: 297), servindo como base à mais conhecida topologia de línguas, proposta por Greenberg em 1966, que distingue as línguas segundo o posicionamento na frase das três essenciais categorias sintáticas: verbo, sujeito e objecto.<sup>25</sup> Por conseguinte, de seguida, será dada especial atenção à posição que o verbo pode ocupar no alemão, os movimentos subjacentes a essas posições e as suas implicações estruturais.

O alemão caracteriza-se por apresentar diferentes posições do verbo finito de acordo com o tipo de oração, uma vez que, em orações encaixadas, a posição regular do verbo é o final de frase, enquanto que em orações principais está na segunda posição, característica que originou a sua classificação como língua V-2. Não obstante a grande liberdade de seriação que o sistema gramatical alemão concede aos constituintes da frase, o posicionamento do verbo é bastante rígido e confina-se a estas duas posições<sup>26</sup>, o que motivou a elaboração de um modelo de descrição frásica baseado no posicionamento do verbo. Este modelo, conhecido por ‘Teoria dos Campos Frásicos’ (*Satzfeldtheorie*), primordialmente apresentado pelo linguista Erdmann, já em 1886, e refrescado por Höhle (1986), tem-se revelado tão adequado e eficaz que constitui a mais importante base de descrição sintáctica da frase alemã. A possibilidade de acomodação deste modelo ao modelo generativista, nomeadamente à teoria X-barra, é evidência da sua eficácia.

##### 4.1.1. Descrição topológica da frase alemã

A teoria dos campos frásicos parte das possíveis posições do verbo para dividir a frase em segmentos bem delimitados – os ‘Campos Topológicos’ (*Stellungsfelder*). O tipo de constituintes que podem ocupar os diferentes campos e sobretudo a sua seriação é uma questão bastante complexa e constitui uma temática central no estudo da sintaxe alemã. Ao invés, a ordem do verbo parece estar claramente regulada, uma vez que, de

---

<sup>25</sup> A discussão em torno da classificação do alemão como língua genuinamente SOV ou SVO deixarei para o capítulo 6, onde a definição de uma ordem básica dos constituintes será fundamental para análise de fenómenos de *scrambling* observados no *corpus*.

<sup>26</sup> Aceitando que V-1 é uma manifestação de V-2 sem pré-campo ocupado. Como as orações V-1 não serão objecto de análise, este dado não será discutido neste estudo.

acordo com o tipo de frase, são atribuídas duas posições diferentes ao verbo finito: a segunda posição da frase (V-2) e a posição final (V-final). A posição inicial (V-1), característica de frases interrogativas e imperativas, é geralmente interpretada como derivada de V-2. Ora, assumindo a função de ‘Fronteira Verbal’ (*Satzklammer*<sup>27</sup>), o verbo finito e os outros elementos verbais, tais como os prefixos separáveis e as formas verbais não finitas (infinitivo, particípio II), delimitam os campos topológicos. Assim, o campo compreendido entre a fronteira verbal esquerda (que em frases V-2 corresponde ao verbo finito e em oração encaixadas à conjunção) e a fronteira direita (geralmente o verbo no infinitivo ou a partícula separável) é o ‘Campo Médio’ (*Mittelfeld*); o segmento frásico que precede a fronteira esquerda é o ‘Pré-campo’<sup>28</sup> (*Vorfeld*) e o segmento que segue a fronteira direita é o ‘Pós-campo’ (*Nachfeld*).<sup>29</sup>

#### 4.1.2. O modelo topológico da frase alemã e a Teoria X-Barra

A aplicação do modelo topológico à teoria X-Barra veio abrir novas perspectivas de descrição da sintaxe alemã e apresentar a explicação que faltava da ligação entre a posição final e a posição V-2 do verbo, assim como a sua relação com o tipo de oração. Curiosamente, como aponta Haider (1993: 67), esta descoberta revolucionária foi feita por um linguista americano (Klima, 1975; *apud* Haider, 1993) e só mais tarde foi aperfeiçoada por linguistas alemães.

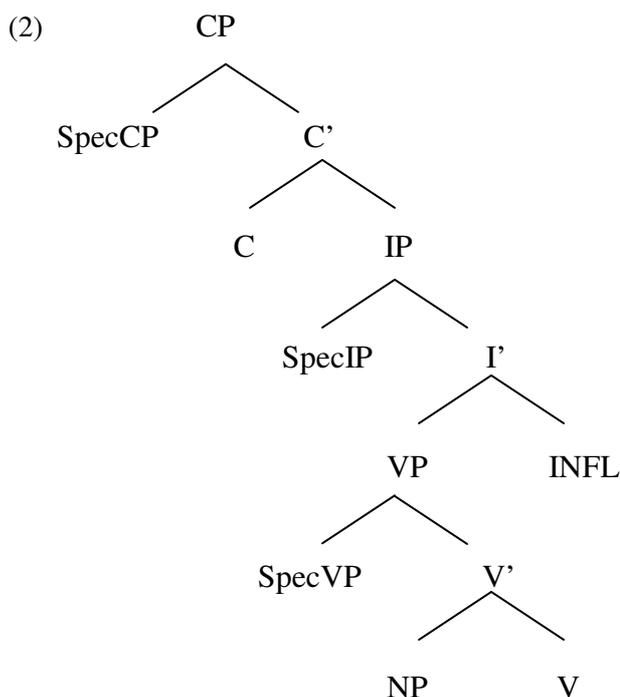
Apesar da conciliação pouco problemática entre estes dois modelos, as propostas de representação sintáctica da frase alemã estão longe de serem consensuais e não é objectivo deste trabalho discuti-las ao pormenor. A estrutura (2) representa a disposição sintáctica que servirá de base à minha análise, parecendo-me suficiente para captar as propriedades essenciais do alemão e posteriormente analisar o desempenho sintáctico dos falantes em observação em relação a estas características parametrizadas.

---

<sup>27</sup> Ou *verbale Klammer*, *verbaler Rahmen* ou *Satzrahmen*. Traduzindo o termo *Satzklammer*, optei pela denominação portuguesa proposta por Franco (1988): “fronteira verbal”.

<sup>28</sup> Ou *ante-campo*, se seguirmos a denominação de Franco (1988)

<sup>29</sup> Esta é uma descrição simplificada do modelo topológico; uma descrição aprofundada é apresentada em Hoberg (1997).



#### 4.1.2.1. Ideias clássicas sobre a frase alemã

I- A estrutura (2) baseia-se no pressuposto de que, em alemão, tanto o sintagma flexional (IP) como o sintagma verbal (VP) são de núcleo final, factor determinante na definição do alemão como língua SOV. É no entanto muito mais questionada a constituição regressiva de IP do que a de VP. Enquanto que autores como Haider (1993) se limitam a duvidar da direccionalidade de licenciamento de I<sup>o</sup>, outros (por exemplo Travis, 1984, 1991) propõem análises alternativas com uma projecção de núcleo de flexão inicial. Sem querer entrar neste debate, mantenho-me fiel à proposta clássica de VP e IP finais. Neste sentido, também não é de especial interesse para a presente análise adoptar as propostas mais recentes da estrutura interna do sintagma verbal, segundo as quais um VP transitivo se decompõe em duas projecções de *v* estruturadas numa “VP shell” (cf. Chomsky, 1995; e referências posteriores). Ignoro igualmente projecções funcionais mais diversificadas dentro do campo de VP/IP, como AspP, TP ou AgrP (projecções de aspecto, de tempo e de concordância).

II- Em orações encaixadas, o verbo finito ( $V_{fin}$ ) é elevado para I<sup>o</sup>, que é de núcleo final e, por conseguinte, está no final da oração. Embora alguns sintácticos questionem este pressuposto (por exemplo Haider, 1993), considero a análise clássica de elevação a mais adequada aos propósitos deste trabalho.

Partindo do pressuposto mais recente de que o sujeito é gerado dentro de VP (em SpecVP<sup>30</sup>), este move-se juntamente com o verbo para IP, ocupando a posição de SpecIP. A conjunção subordinante ocupa a posição do complementador (C°).

**III-** Em frases V-2 (orações-raiz), V<sub>fin</sub> eleva-se até C°, passando a ocupar a segunda posição da frase. Uma vez que o efeito V-2 determina a ocupação da primeira posição da frase, ou seja, de SpecCP, esta pode ser ocupada pelo sujeito, que se eleva até SpecCP. Se SpecCP é ocupado por outro constituinte (por exemplo um objecto topicalizado ou uma expressão adverbial), o sujeito apenas se move até SpecIP, permanecendo abaixo de V<sub>fin</sub>.

O posicionamento de V-2 é clássica (mas não pacífica)mente explicado em forma de um movimento duplo (Fanselow, 1988; von Stechow/Sternefeld, 1988; Grewendorf, 1988). O verbo eleva-se para I°, onde verifica as marcas de flexão (“*Feature Checking*”, Chomsky, 1992), e prossegue o movimento de elevação até à posição de COMP (*V-to-I-to-C*).

**IV-** Conciliando esta representação com o modelo topológico da frase alemã, o pré-campo (*Vorfeld*) equivale a SpecCP. A restrição da ocupação do pré-campo a apenas um constituinte (embora este possa ser complexo) encontra a sua total correspondência na estrutura acima apresentada, uma vez que C° é apenas precedido pela sua posição de especificador e a possibilidade de adjunção a essa posição é excluída pela não ocorrência, em alemão, de adjunções a CP ou a IP.

C°, por sua vez, corresponde à fronteira verbal esquerda (*linke Satzklammer*) que, como sabemos, pode ser ocupado pela conjunção subordinante ou, em estruturas V-2, por V<sub>fin</sub>. No primeiro caso, SpecCP não é preenchido.<sup>31</sup> No segundo caso, é preenchido por um sintagma nominal com função de sujeito ou objecto ou por um sintagma adverbial. A distribuição entre V-2 e V-final é, portanto, determinada pela ausência / presença de uma partícula subordinativa. Se C° é ocupado por tal partícula, não pode receber o verbo, que fica em posição final (a sua posição básica). Como a presença da partícula subordinativa determina o tipo de oração, torna-se óbvia a ligação entre oração

---

<sup>30</sup> Sugerido pela primeira vez por Sportiche (1988) e Kuroda e Kitagawa, no mesmo ano. Ver também Koopman, H./Sportiche, D. (1991) e Barbosa (1995, 2000).

<sup>31</sup> O mesmo sucede a estruturas V-1, quando V<sub>fin</sub> está em C°. Nestes casos, por exemplo em interrogativas globais, assume-se que um operador nulo ocupa a posição de SpecCP.

encaixada e posição final do verbo. Se, pelo contrário, C° está vazio, recebe o verbo e, neste caso, a ausência de conjunção é indicativa de uma oração-raiz.

A fronteira verbal direita corresponde ao verbo final (V<sub>fin</sub> em orações encaixadas e V<sub>inf</sub> em estruturas V-2 ou afins), elevado a I°. Sendo assim, o campo médio é o segmento da frase situado entre C° e I° (ou V° se não existir movimento final para I° como defendem alguns linguistas).

Resta definir o pós-campo, ao qual a teoria topológica atribui um estatuto especial devido à não obrigatoriedade da sua existência (excepto em alguns casos de ocorrência de constituintes oracionais). Enquanto posição estruturalmente não necessária, o pós-campo serve sobretudo propósitos comunicativos (Hoberg 1997: 1645). Nestas condições, autores como Haider (2002a) definem o pós-campo como sendo uma área de “extraposição”<sup>32</sup>, situada fora do sintagma verbal.

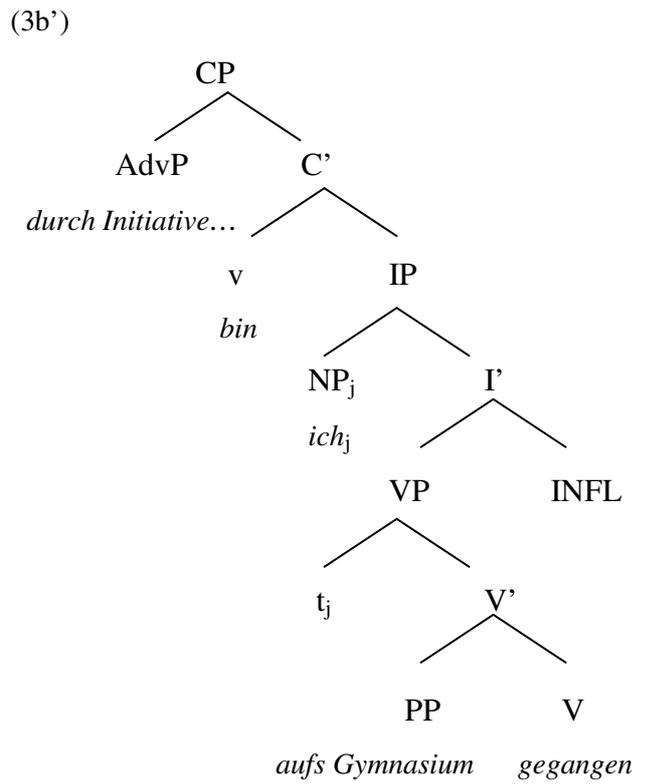
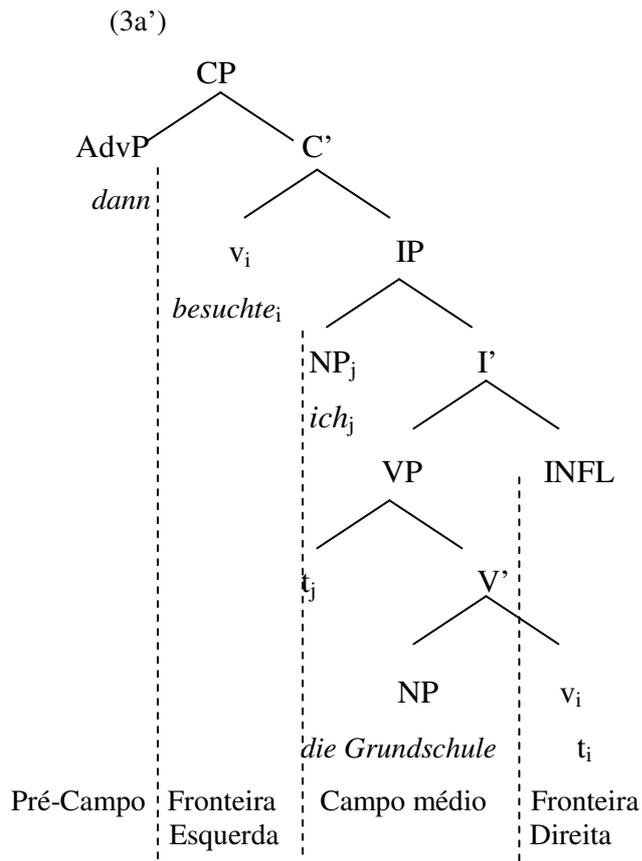
As propostas de desdobramento das categorias IP e CP em sub-nós, sugeridas pela primeira vez, para a IP, por Pollock (1989) e, para a CP, por Rizzi (1997), não são de especial relevância neste momento, pelo que apenas serão abordadas - se necessário - nos contextos próprios.

Exemplificando, à estrutura profunda, apresentada em (2), corresponde a estrutura (3a’/b’) para as frases (3a/b) e a estrutura (4’) para a frase (4):

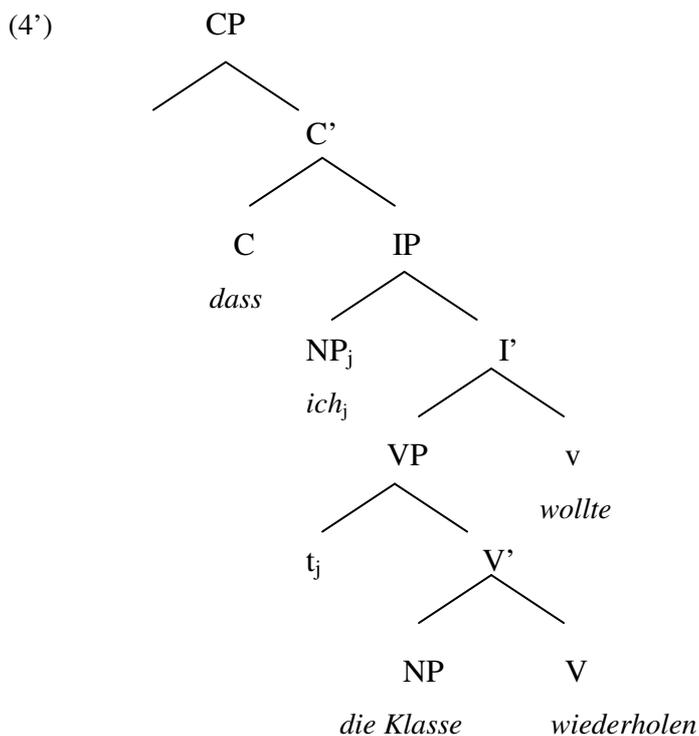
- (3) a. dann besuchte ich die Grundschule. (Inês)  
*depois visitei eu a escola primária*  
*(Depois eu visitei a escola primária.)*
- b. durch Initiative vieler meiner Lehrer bin ich aufs Gymnasium gegangen. (Ilda)  
*por iniciativa de muitos professores Vaux<sub>fin</sub> eu para o liceu ir[V<sub>inf</sub>].*  
*Por iniciativa de muitos professores fui para o liceu.*

---

<sup>32</sup> “In GB-terminology, the post field is the extraposition area”, Haider (2002a).



- (4) (und habe am Ende des Jahres dem Klassenlehrer gesagt) dass ich die Klasse  
*(E no final do ano disse ao director de turma) que eu o ano*  
 wiederholen wollte. (Ilda)  
*repetir queria.*  
*(E no final do ano lectivo disse ao director de turma que queria repetir o ano.)*



#### 4.1.2.2. Características parametrizadas do alemão

Resumindo, podemos então definir como características essenciais do alemão, de alguma forma parametrizadas durante o processo de aquisição da língua como L1, as seguintes:

1. O alemão é uma língua de **parâmetro OV**. Em orações encaixadas o verbo mantém-se na sua posição básica, no final da frase. A sua natureza regressiva determina que o núcleo verbal licencie os complementos da direita para a esquerda, ou seja, os complementos verbais antecedem o núcleo.
2. O alemão é uma língua de **parâmetro V-2**. Em orações principais, a forma finita do verbo eleva-se para C°, a segunda posição da frase. SpecCP ou é ocupado pelo sujeito, que se move juntamente com o verbo, ou é ocupado por outro constituinte (topicalizado ou adverbial). Como a primeira posição da frase apenas pode ser ocupada por um elemento, neste caso, o sujeito não se pode mover até SpecCP, permanecendo abaixo do verbo.

#### 4.2. Análise – realização de V-2 e OV

Seguidamente são analisados os registos verbais dos falantes dos grupos 1-3<sup>33</sup>, tendo como escopo apurar o domínio dos participantes relativamente aos parâmetros V-2 e OV. A análise iniciar-se-á pelo grupo 3, já que foi pressuposto que neste grupo ocorra um maior grau de erosão sintáctica.

##### 4.2.1. Realização de V-2 e OV: Grupo 3

Serão analisados, individualmente, os registos verbais das oito falantes que constituem este grupo: Irene, Helena, Eunice, Sofia, Sílvia, Rita, Iolanda e Solange.

Como foi realçado em 2.2.3.3., estas falantes vieram para Portugal em fase precoce da infância e a maioria deixou de utilizar o alemão como língua de comunicação imediatamente após a mudança de país. O contacto com a entrevistadora e a interacção que resultou deste contacto foi, por isso, uma oportunidade de voltarem a falar alemão de forma activa, numa situação de comunicação que se pretendeu a mais espontânea possível. Todas as falantes se esforçaram por falar alemão, mesmo aquelas que consideravam já não serem capazes de manter um diálogo em língua alemã. Apesar de uma evidente dificuldade no acesso ao vocabulário alemão, foi possível criar momentos

---

<sup>33</sup> Uma vez que não foi possível recolher registos verbais em alemão dos falantes do G4, este grupo será excluído da corrente análise. Ser-lhe-á dedicada uma discussão separada no final deste capítulo (4.4.)

de interacção em língua alemã. Em muitos casos, os problemas de vocabulário só puderam ser resolvidos com a mudança de registo para o português ou com a ajuda da entrevistadora. Muitas das frases produzidas são por isso uma mistura das duas línguas. Como o objecto de estudo desta análise são os parâmetros sintácticos do alemão, determinados a partir da posição do verbo, entram na contabilidade todas as orações produzidas com sintagma verbal alemão, mesmo as que contenham itens lexicais em português. Exemplo:

- (5) aber ich denk das ist eh.  *muito mais fácil.* (Helena)  
 *mas eu penso isto é...*

Por sua vez, são excluídas da contagem as orações totalmente produzidas em português ou aquelas em que o elemento verbal é realizado em língua portuguesa. Por não permitirem definir a posição do verbo em relação ao sujeito ou ao objecto, são igualmente excluídas todas as orações com sujeitos e objectos nulos não permitidos no alemão.<sup>34</sup>

A análise dos dados destas falantes centra-se no posicionamento do verbo nos diferentes tipos de oração: oração-raiz e oração encaixada. É de realçar que as particularidades sintácticas que caracterizam o alemão e que não têm equivalente no português são o fenómeno V-2 e a posição final do verbo nas orações encaixadas, pelo que os contextos sintácticos em que estas particularidades são realizadas acabam por ser os mais significativos para a presente análise, pois só aí é possível verificar se o falante domina a regra específica do alemão. Assim, será dada especial atenção às orações-raiz que não se iniciam por sujeito e exigem a realização da ordem VS, bem como às orações encaixadas iniciadas por complementador, cuja presença obriga à manutenção do verbo na sua posição-base no final de frase (OV)<sup>35</sup>. As orações iniciadas por sujeito (com ordem SV) são contabilizadas com o intuito de dar um quadro completo do tipo de orações construídas pelas falantes, no entanto, a sua realização pouco revela sobre a competência dos participantes, uma vez que superficialmente se assemelham à ordem básica do português (língua SVO) e não permitem testar regras específicas do alemão.

No seu estudo sobre crianças bilingues franco-suecas, Schlyter/Håkansson (1994) apresentam a ratio de distribuição das sequências SV/VS como factor indicativo da competência linguística de falantes bilingues, afirmando que no discurso de um falante

---

<sup>34</sup> A estas será dado especial destaque no capítulo 5.

<sup>35</sup> As orações causais introduzidas por *weil* serão excluídas da corrente análise, uma vez que actualmente, no alemão falado, se verifica uma tendência progressiva de transformação deste tipo de construções de orações encaixadas em orações-raiz (V-2).

nativo do sueco a distribuição normal é de 60% (SV) contra 40% (VS). O desvio a esta distribuição, verificada no sueco das crianças estudadas – sendo que o sueco é considerado sua língua fraca - é interpretado como déficit de competência (igualada à competência de um falante L2). Porém, e como também assinala Meisel (2007b), este rácio, em vez de dar informações sobre algum hipotético déficit de competência, demonstra precisamente o contrário, nomeadamente que o falante adquiriu a regra gramatical que regula a realização de SV/VS de acordo com os diferentes contextos sintácticos. Ora, a produção menos frequente de contextos XPVS não indica que VS não foi adquirido, mas que o falante selecciona menos contextos que exigem essa sequência, isto é, constrói menos orações iniciadas por sintagmas que não são sujeito. Como refere Meisel (2007b: 79), “the SV/VS ratio also reflects a particular kind of use of the acquired knowledge rather than a lack thereof”. Este uso particular do conhecimento adquirido reflecte, naturalmente, o controlo que o falante tem sobre uma das línguas. Se um falante bilingue não costuma usar uma das suas línguas, poderá evitar contextos sintácticos mais difíceis, como, no caso do alemão, as orações iniciadas por sintagma não-sujeito que obrigam à manutenção do sujeito à direita do verbo, tratando-se de um contexto não existente na língua dominantemente usada, o português.

Além do enfoque nas orações-raiz e nas orações encaixadas, será também analisada a posição dos elementos verbais na produção de formas verbais complexas (as formas modais e o *Perfekt*), uma vez que a manutenção do elemento não-finito no final da oração, originando uma distribuição descontínua, é uma propriedade sintáctica característica do alemão (isto é, do parâmetro OV), sem equivalente no português.

Apesar de não constituir o cerne da presente investigação, a análise será completada com a observação de fenómenos desviantes de cariz morfológico e lexical com o objectivo de dar um quadro mais completo da competência linguística das falantes em análise.

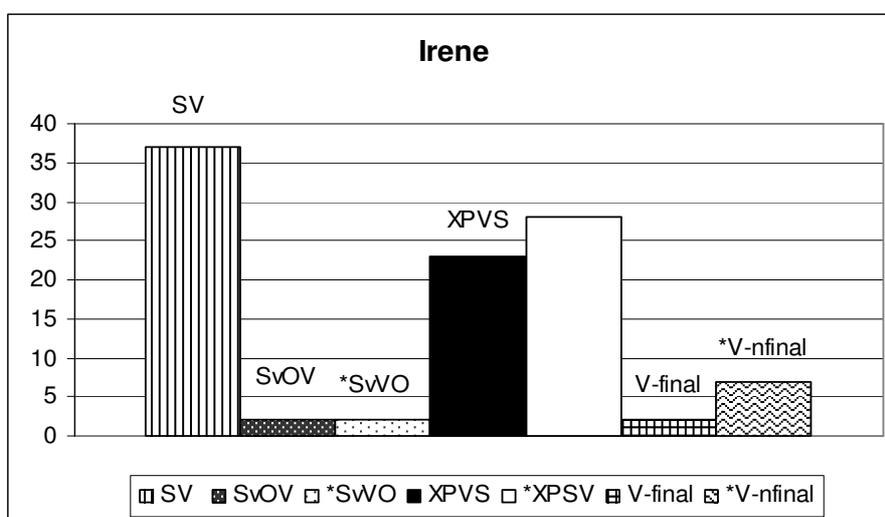
Para melhor visualização das principais características destas falantes, reproduz-se aqui novamente a tabela 4, apresentada em 2.2.3.3.:

**Tabela 4:** Falantes do Grupo 3

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
GRUPO III [G3]	Solange	5	7	2;01
	Eunice	7	17	9;09
	Helena	7	24	17;08
	Rita	8	11	2;11
	Iolanda	9	11	2;01
	Sofia	9	20	11;08
	Sílvia	10	21	11;03
	Irene	10	18	7;00

#### 4.2.1.1. Irene

O *corpus* de Irene corresponde a um total de aproximadamente 50 minutos de gravação de interacção oral entre a falante e a entrevistadora, divididos em 20'33 de entrevista, 21'40 de comentários a imagens e temáticas sociais diversas, 8'50 de narração de uma história e descrição de uma imagem. No total, a falante produz 120 orações contabilizáveis (distribuição apresentada no gráfico 14).



**Gráfico 14:** Irene - Realização da posição verbal (em nº)

#### Orações-raiz

Irene produz 111 orações-raiz. Destas, 37 orações são do tipo SV (33%), como exemplificado em (6a) e (6b).

- (6) a. ich wohne in Valpaços  
*eu moro em Valpaços*
- b. ich habe. deutsch Kultur.  
*eu tenho. alemã cultura.*

Mais relevantes são as orações em que o primeiro elemento da frase não é o sujeito, uma vez que, nestes casos, o efeito V-2 obriga o sujeito a permanecer abaixo do verbo, originando a ordem XPVS. De facto, Irene produz orações do tipo VS: em 23 das 111 orações-raiz a regra V-2 é correctamente aplicada; o sujeito segue o verbo, quando a primeira posição é ocupada por um elemento não sujeito:

Exemplos:

- (7) a. dann haben wir. ne Frau  
*depois temos nós. uma mulher*
- b. ja, lesen kann ich  
*sim, ler sei eu*
- c. em vez de pôr no infantário. gehen de. die Kinder mit den Opa und die Oma.  
*vão as crianças com o avô e a avó*
- d. da sehen wir mehr von dies, von das.  
*lá vemos nós mais disto*
- e. in Deutschland. geht das nicht so  
*na Alemanha vai isso não assim*

O facto de a falante construir orações do tipo XPVS revela claramente que o parâmetro V-2 foi adquirido e não foi perdido. Irene tem conhecimento desta particularidade gramatical do alemão e sabe aplicá-la nos contextos adequados.

No entanto, no *corpus* de Irene, a ordem XPVS co-ocorre com a ordem desviante \*XPSV. Em 28 casos é mantida a sequência SV, apesar da ocorrência de um elemento não-sujeito em posição inicial de frase, originando a ordem agramatical \*V-3.

Exemplos:

- (8) a. \*in Deutschland sie eh haben mehr/ haben mehr. *mais afecto um pelo outro.*  
*na Alemanha eles têm mais/ têm mais mais afecto um pelo outro.*
- b. \*in Portugal die sind mehr. *gastadores[?]*  
*em Portugal eles são mais gastadores[?]*
- c. \*und dann wir, mussten *apanhar outro*  
*e depois nós tínhamos apanhar outro*
- d. \*dann sie. will finden *ein, noivo*  
*depois ela quer encontrar um noivo*

Os dados apresentados sugerem que o parâmetro V-2 foi adquirido, no entanto, parece não estar estabilizado, pois as construções que respeitam as imposições gramaticais de V-2 co-ocorrem com construções em que estas são violadas.

Neste contexto, impõe-se determinar se existe alguma correlação entre as ocorrências XPVS / \*XPSV e o tipo de elemento que ocupa a primeira posição. A síntese dos contextos contabilizados é apresentada na tabela 5:

**Tabela 5:** Irene – tipos de elementos pré-postos em contextos XPVS e \*XPSV

	XPVS	*XPSV
<b>AdvP</b>		
local	18	19
temporal	2	5
outros	0	2
orações encaixadas	1	2
<b>NP objecto</b>		
	1	0
<b>V<sub>inf</sub></b>		
	1	0

Em primeiro lugar, os dados revelam uma maior frequência no pré-campo de expressões adverbiais locais, o que é justificado com a situação de comunicação e o tipo de discurso que a envolve: os informantes são solicitados a compararem as suas vivências em Portugal com as do país de acolhimento, pelo que o emprego de advérbios como *hier* ('aqui'), *da* ('lá') e expressões locais como *in Portugal* ('em Portugal') e *in Deutschland* ('na Alemanha') é muito recorrente. Contudo, verificamos um grande equilíbrio na relação entre estes advérbios locais e a distribuição de verbo e sujeito. Em 18 casos, o sintagma adverbial é seguido da ordem correcta VS, enquanto que em 19 casos a ordem é de \*V-3, o que faz com que não seja possível atribuir alguma correlação sistemática a estas ocorrências. Embora apresentando números de ocorrência muito inferiores e menos equilibrados, também as expressões adverbiais de tempo co-ocorrem tanto com sequências VS como com sequências \*XPSV. O mesmo se aplica ao pré-campo ocupado por uma oração encaixada, pois, apesar de haver apenas uma ocorrência com oração encaixada seguida de VS, esta demonstra que a falante domina esta implicação de V-2. Quanto aos outros dois tipos de AdvP, um modal e outro causal, as suas ocorrências são isoladas, não permitindo tirar qualquer conclusão. De destacar é a ocorrência de dois casos específicos de ocupação de pré-campo: a presença de um objecto anteposto e a de um infinitivo. Em ambos os casos, a falante realiza a ordem correcta VS:

- (9) a. **Bus**            haben wir nur. en. ein in ein *hour*.  
*autocarro temos nós só uma em uma hora.*

- b. lesen kann ich.  
*ler sei eu*

### *Orações encaixadas*

Nas orações encaixadas também é de observar um alto grau de instabilidade. A falante apenas constrói 9 orações introduzidas por complementador. Destas, apenas duas respeitam a regra gramatical do alemão, segundo a qual nas orações encaixadas o verbo permanece em posição final.

Os únicos exemplos encontrados são:

- (10) a. por um lado também todas as condições dat wir hier nicht haben.  
*que nós aqui não temos*<sup>36</sup>.  
b. wenn wir Müll aufgeben<sup>37</sup>.  
*quando nós lixo levamos.*

Em 7 orações não é respeitada a imposição V-final e o verbo move-se para uma posição a seguir ao sujeito:

Exemplos:

- (11) a. \*wenn wir/ wenn wir willen in nen Platz gehen.  
*quando nós/ quando nós queremos a um lugar ir.*  
b. \*wenn wir. willen, gibt ne/ geht zu Hospital  
*quando nós. queremos, há/ ir ao hospital*  
c. \*wenn de. sie eh machten den. nine ninete Year.  
*quando eles eh fazem o nono ano.*  
d. \*ist en man [...] Mann dat ist. *urgências.*  
*é um homem que está. urgências.*  
e. \*nein ich eh. ist gut dat wir haben. zwei ou drei ou até/ Sprachen  
*não eu eh. é bom que nós temos. duas ou três ou até/ línguas*

Note-se que, nestes casos, as construções desviantes são orações condicionadas e relativas, o mesmo tipo que em (10) são correctamente construídas. Comparando com as orações-raiz, os dados revelam que a falante tem mais dificuldades em construir correctamente orações com o verbo em posição final, facto que é reforçado pela mudança recorrente de idioma na realização de orações encaixadas [exemplificado em (12)].

---

<sup>36</sup> Superficialmente, a ordem é idêntica à do português, pelo que não é de excluir a possibilidade de não se tratar de uma oração encaixada com V-final, mas de uma sequência transferida do português.

<sup>37</sup> Escolha lexical incorrecta: *bringen* (levar) em vez de *aufgeben*.

Nota: Muitos dos exemplos citados ao longo do trabalho contêm erros gramaticais ou lexicais assim produzidos pelos falantes. Estes apenas serão referenciados quando pertencem ao tipo de erro discutido no momento da citação.

- (12) a. in Deutschland wir haben. die Polizie, oder was, *que. vigiavam que. na Alemanha nós temos. a polícia, ou isso, que. vigiavam que.*
- b. ich bin gut de. *apesar de eu ser portuguesa eu sou boa (?) apesar de eu ser portuguesa*
- c. um, Junge in (xxx) der/ *de joelhos*, (xxx) eine Fräuchen der. *parece que está a gritar ou (xxx). mehr[?] en Junge der. tá a pingar Wasser. um, rapaz em (xxx) quel de joelhos, (xxx) uma rapariga que. parece que está a gritar ou (xxx). mais[?] um rapaz que. tá a pingar Wasser.*
- d. haben wir en Junge. der, *tá sentado temos nós um rapaz. que tá sentado*

### *Formas verbais complexas*

A co-ocorrência de construções correctas com formas desviantes também se dá na formação verbal analítica. É de realçar que a falante apenas em quatro ocasiões produz formas verbais analíticas (verbo modal + infinitivo/ verbo auxiliar [*haben/sein*] + participio passado), o que poderá ser interpretado como indício de dificuldade em construir formas complexas. Destas quatro ocorrências, duas seguem a ordem correcta SvOV [exemplos (13)] e duas a ordem desviante \*SvVO [exemplos (14)], em que a forma verbal infinita se move juntamente com a finita para uma posição à direita do sujeito.

Exemplos:

- (13) a. ich **habe** Deutsch **gewählt**  
*eu **Vaux<sub>fin</sub>** Alemão **escolher**[V<sub>part</sub>]*
- b. ich wollte das machen  
*eu **queria** isso **fazer***
- (14) a. \*dann sie. **will finden** ein, *noivo.*  
*depois ela. **quer encontrar** um noivo.*
- b. \*ich **wollte gehen** zu Deutschland  
*eu **queria ir** para a Alemanha*

### *Exercício de Produção Sintáctica*

Os resultados do exercício sintáctico (cf. Anexo II) vão ao encontro do desempenho gramatical observado no *corpus* de produção oral de Irene.

### Exercício V-2:

Em oito das dez frases construídas não é respeitada a imposição gramatical de V-2, pois, a informante constrói espontaneamente orações \*V-3. Solicitada a julgar as

orações na sua ordem correcta (V-2), a falante aceita-as, considerando as sequências V-2 “melhores” que as \*V-3. Afirma, porém, que utilizaria ambas as sequências.

#### Exercício V-final:

Na construção de orações encaixadas confirma-se a co-ocorrência de sequências gramaticais e agramaticais. A falante tanto constrói orações com posição final do verbo (15a), como orações em que o verbo segue o sujeito (15b).

(15) a. *frase I.2.*: Ich glaube, dass morgen wir nach Hause **gehen**.

b. *frase I.4.*: \*Ich weiß nicht, ob Hans **ist** gestern zur Schule gekommen.

#### *Outros fenómenos observados*

No *corpus* de Irene, é de observar um conjunto de outros fenómenos que derivam da falta de contacto com a língua e poderão ser interpretados como indícios de erosão linguística. Dentro dos fenómenos sintácticos não discutidos em cima destaca-se a ocorrência de sujeitos e objectos nulos, a inversão verbo-sujeito, o duplo preenchimento do pré-campo e processos de *scrambling* não motivados, fenómenos sintácticos a analisar mais pormenorizadamente nos capítulos seguintes.

Apesar dos fenómenos sintácticos constituírem o cerne deste estudo, considero importante apresentar um quadro mais amplo da competência linguística da falante e, por isso, lançar também um olhar sobre indícios de erosão a nível morfológico e lexical.

No domínio da morfologia verbal é de destacar nos registos de Irene uma visível dificuldade a nível da concordância sujeito-verbo, que parece afectar sobretudo a categoria ‘número’. Irene utiliza com alguma frequência formas verbais na terceira pessoa do singular com sujeitos na terceira pessoa do plural.

(16) a. die Kleider **ist**. *grande*.  
*as roupas é. grande*

b. das **ist** Kinder.  
*isto é crianças.*

c. hier die Person, Leute. eh. **gebt** Müll. vom Fernst/  
*aqui as pessoa, pessoas. eh. põe lixo. da janel/*

Ocorrências semelhantes são de observar com os sujeitos no singular, que surgem com formas verbais inadequadas, embora aqui seja difícil decidir se se trata de formas no plural ou no infinitivo, uma vez que, em alemão, a terminação da terceira pessoa do

plural é idêntica à do infinitivo. O mais provável é que a falante use o infinitivo para evitar a conjugação:

- (17) a. wenn **jemand. haben** ja viele/  
*quando **alguém. têm**ter sim muitos/*
- b. dann sie. will finden ein, *noivo.* **sie haben/**  
*depois ela. quer encontrar um noivo. **ela têm**ter*
- c. haben wir en **Junge. der, tá sentado, haben** ne. ne meia  
*temos nós um **rapaz. que tá sentado. têm**ter uma meia*
- d. **mein Vater gehen** von  
*o meu pai **vãolir** de*

É ainda de realçar a conjugação errada de formas verbais irregulares, por exemplo dos verbos *mögen* ('gostar') ou *wollen* ('querer'):

- (18) a. wenn wir/ wenn. wir **willen** in nen Platz gehen,  
correcto: wir **wollen**
- b. naquela altura ich **mage** mehr Deutsch *do que Portugies*  
correcto: ich **mochtelmag**

Na morfologia nominal são de observar dificuldades com o género das palavras e a marcação de caso, frequentemente solucionadas omitindo a terminação que indica o caso ou substituindo o artigo por uma forma reduzida (19).

- (19) a. ich war in **den.** (4seg) in zehn Jähr.  
correcto: ich war **im** zehnten Jahr.
- b. ich habe. **deutsch** Kultur.  
correcto: ich habe deutsche Kultur.
- c. é isso **en** Karott. **nen** Fisch  
correcto: **eine** Karotte. **ein** Fisch.
- d. haben wir **en** Junge.  
correcto: haben wir **einen** Jungen.
- e. hier haben wir **die** ninetes Year [...] ist *ibrigatório.* aber sie haben **die** ninete hier, haben **keine.** Kurs. and wenn de. sie eh machten **den.** nine ninete Year.  
correcto: hier haben wir **das** neunte Jahr. ist *ibrigatório.* aber sie haben **das** neunte hier, haben **keinen.** Kurs and wenn de. sie eh machten **das** neunte Jahr.

Um fenómeno muito frequente é a utilização errada das preposições, que a falante também tenta solucionar com estratégias de omissão:

- (20) a. **vor** Porto ist gut mas. aber. aber will Guimarães ist en bisschen  
correcto: **nach** Porto ist (es) gut aber will (ich) **nach** Guimarães

b. Mann dat ist. *urgências*  
correcto: Mann der **in den** *urgências* ist.

*Em suma:*

Os dados de Irene revelam um alto grau de inconsistência da sua proficiência linguística a nível do alemão. O facto de ter entrado no infantário alemão aos três anos de idade e de ter completado o primeiro ciclo do ensino básico na Alemanha deixa supor que adquiriu o alemão como a generalidade dos filhos de emigrantes, estudados por Rothweiler (2006) e Ahrenholz (2006), que atestam a aquisição rápida e muito completa dos principais parâmetros sintácticos do alemão nas crianças cujo primeiro contacto com a segunda língua se deu aos três/quatro anos de idade. No entanto, no *corpus* de Irene, é de observar uma grande variação na realização destes parâmetros. Apenas em 44% das orações com sintagma não-sujeito em posição inicial são produzidas orações V-2. Nas restantes, a regra V-2 é infringida, resultando em orações \*V-3. Uma alternância entre formas correctas e incorrectas também se dá em relação às formas verbais complexas e às orações encaixadas, onde é exigida a posição final do verbo. Contudo, no caso das orações encaixadas, é notável uma clara tendência em realizar este tipo de orações em português. O facto de os registos de Irene conterem exemplos de realização final (por exemplo nas formas verbais complexas) pode indicar que a falante domina este aspecto sintáctico, mas tem dificuldades em processá-lo durante o acto de produção, hipótese a ser discutida em 4.3.

Nos registos de Irene são ainda detectados fenómenos desviantes, como o duplo preenchimento do pré-campo, inversões verbo-sujeito não motivadas e sujeitos e objectos nulos. As deficiências linguísticas estendem-se ao nível morfológico e lexical, onde é verificada uma evidente falta de acesso a vocabulário comum e erros na conjugação verbal e nominal.

#### **4.2.1.2. Sofia**

O caso de Sofia tem algumas particularidades que merecem certa atenção. Como foi descrito em 2.2.3.3., Sofia nasceu na parte alemã da Suíça e, com a entrada precoce para o infantário, adquiriu ambas as línguas, o alemão e português, em fase muito precoce da infância. Veio para Portugal aos nove anos de idade.

Após onze anos em que manteve um *input* muito reduzido com a língua alemã, voltou a intensificar o contacto com a sua segunda língua inscrevendo-se num curso

livre de alemão, altura em que foi contactada para integrar o grupo de investigação do projecto “O Bilinguismo luso-alemão no contexto europeu”.

Na altura do primeiro contacto com a participante realizaram-se dois encontros. Seguiu-se um intervalo de ano e meio sem contacto com a falante, durante o qual Sofia concluiu dois níveis do curso livre de língua alemã (segundo nível e avançado) e recebeu, mais que uma vez, visitas de familiares suíços que não falavam português, obrigando-a a comunicar com eles em alemão. Este *input* mais regular do alemão que antecedeu o terceiro encontro teve uma influência bastante expressiva sobre o desenvolvimento da proficiência linguística da falante, pelo que os dados recolhidos nesta gravação serão tratados e interpretados de forma independente.

O *corpus* de Sofia (encontros 1 e 2) contém um total de 30 minutos de gravação de interacção oral entre a falante e a entrevistadora, correspondentes a 5’30 de entrevista, 15’50 de comentários a imagens e temáticas sociais diversas, 8’20 de narração da história e descrição de uma imagem. No total, a falante produz 105 orações contabilizáveis, cuja distribuição é representada no gráfico 15:

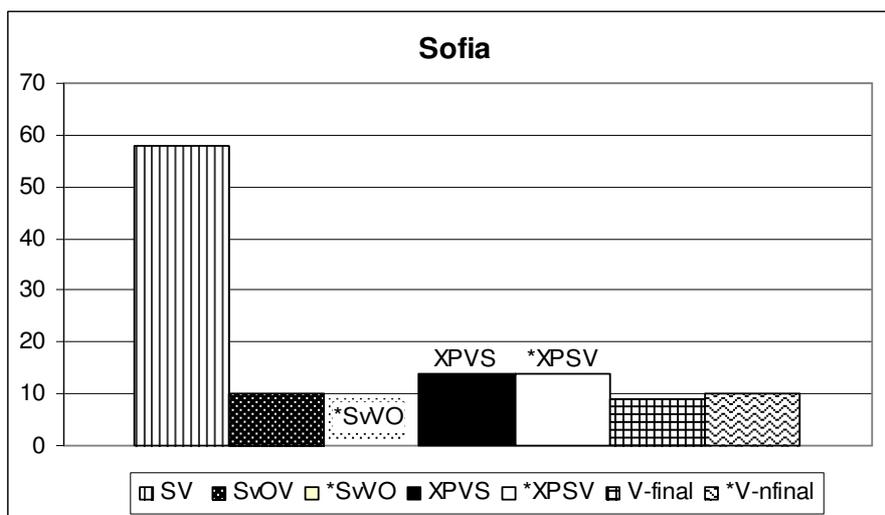


Gráfico 15: Sofia - Realização da posição verbal (em nº)

### Orações-raiz

Sofia produz 86 orações-raiz, das quais 67% seguem a ordem SV, como exemplificado em (21):

- (21) a. sie sind sehr nett  
eles são muito simpáticos
- b. wir sehen's nicht so viel  
nós vemo-lo não muito
- c. sie operieren einen Mensch.  
eles operam uma pessoa

Restam 28 orações em que o primeiro elemento da frase não é o sujeito. Tal como no caso de Irene, é de verificar uma distribuição equivalente de ocorrências de orações em que a regra V-2 é correctamente aplicada e orações que a contrariam.

Em 14 casos é construída a sequência VS após realização inicial de um sintagma não-sujeito. Convém no entanto olhar mais atentamente para estes dados, visto a maioria destas sequências correctas ocorrer durante a narração da “História da Carochinha” e a descrição da imagem “Cena de cozinha”. Estes são momentos de produção verbal mais controlados pela falante, nos quais ela dispõe de tempo para organizar o seu discurso e não tem de reagir espontaneamente às questões da entrevistadora. Além disso, neste caso (e ao contrário do que se verificou em Irene), há uma repetição sistemática do advérbio de tempo *dann* que impulsiona a sequência VS:

Excerto da narração da “Carochinha”:

(22) S: die Frau hat das Geld gefunden und **dann war sie** fröhlich, **dann eh, hat sie Kleider eh** (4seg)

I: *gekauft[?]*

S: ja genau, gekauft. und **dann hatte sie, dann waren dort sehr viele** (5seg).

I: *Verehrer oder Männer. und was haben sie gemacht[?]*

S: sie haben etwas für sie dort aber sie möchte es nicht. **dann ist sie** für dieses Mann entschieden.

S: *a mulher encontrou o dinheiro e depois ficou ela contente, depois eh, Vaux<sub>fin</sub> ela roupa eh* (4seg)

I: *comprou[?]*

S: sim isso, comprar[V<sub>part</sub>]. **depois tinha ela, depois estavam lá muitos** (5seg).

I: *admiradores ou homens, e o que é que eles fizeram[?]*

S: eles têm algo para ela lá mas ela quer isso não. **depois Vaux<sub>fin</sub> ela** por este homem decidir[V<sub>inf</sub>].

Por sua vez, durante os comentários, um momento de comunicação mais livre e espontâneo, a falante apenas por cinco vezes constrói a sequência XPVS (das quais três são perguntas com constituinte-QU):

Exemplos:

(23) a. hier in Portugal hab ich schon das/ hab's schon gesehen  
*aqui em Portugal Vaux<sub>fin</sub> eu já isso/Vaux<sub>fin</sub> o já ver[V<sub>part</sub>]*  
(*Aqui em Portugal já vi isso.*)

b. wie kann ich das sagen[?]  
*como posso eu isso dizer [?]*  
(*Como posso dizer isso?*)

É nos exercícios mais espontâneos – a entrevista e os comentários – que são produzidas todas sequências agramaticais \*XPSV (14 ocorrências):

- (24) a. \*hier in Portugal wir sehen das auch,  
*aqui em Portugal nós vemos isso também*
- b. \*dort sie gehen viel ins Arzt.  
*lá eles vão muito ao médico.*
- c. \*mit neun Jahre ich kam zu Portugal.  
*com nove anos eu vim para Portugal.*
- d. \*in Samstag ich hatte Lektionen von Portugiesisch.  
*ao sábado eu tinha aulas de Português*

Em suma, verificamos que a falante produz em número semelhante orações V-2 correctas e orações desviantes do tipo \*V-3 (14 ocorrências VS contra 13 ocorrência \*XPSV/\*V-3)

#### *Orações encaixadas*

Distribuição semelhante - isto é, ocorrências correctas e agramaticais em quantidade equivalente – verifica-se também na produção de orações encaixadas.

Quantitativamente, Sofia produz mais orações encaixadas que Irene, que, como vimos, na maioria das vezes, recorre ao português para expressar relações sintácticas dependentes. Sofia esforça-se por evitar *codeswitching*, produzindo 19 orações encaixadas em língua alemã. Destas, 9 seguem as imposições sintácticas do alemão, com realização final do verbo.

Exemplos:

- (25) a. aber ich glaub dass es das gibt.  
*mas eu acho que EXPL isso existe.*
- b. weil das Essen von (3seg) *panela*[?] das Topf (5seg) gang.  
*porque a comida da panela saiu.*

Em 10 ocasiões, porém, é violada a imposição sintáctica de V-final. Apesar de a posição de complementador ser realizada lexicalmente, o verbo é movido da sua posição base, como em:

- (26) a. ich glaube \*dass meistens sie gehen zu die Stadt,  
*eu penso que na maioria eles vão à cidade,*
- b. das Bild hier zeigt uns \*dass sie haben einen, einen guten/  
*a imagem aqui mostra-nos que eles têm um, um bom/*
- c. in das WC haben wir eines, eine kleine Mädchen, \*das möchte die Strümpfe.  
*na casa de banho temos nós, uma pequena rapariga, que quer as meias.*

d. das Bild hier zeigt uns ein Spaziergang \*das der Opa hat ge-, mit sein  
*a imagem aqui mostra-nos um passeio que o avô*  $V_{aux_{fin}}$  f-[ $V_{part}$ ], *com o seu*  
 Enkel getan  
*neto fazer*[ $V_{part}$ ]

Se discriminarmos o tipo de oração construída com/sem posição final de verbo, verificamos que, tal como no caso dos elementos antepostos na quantificação feita em Irene, a distribuição resultante não indica nenhuma correlação entre o tipo de oração e a posição do verbo. Tanto as orações relativas como as completivas – os dois tipos mais frequentes – são construídas com V-final e sem V-final. As três orações condicionais e a oração infinitiva que Sofia produz apresentam o verbo na sua posição correcta no final da frase, no entanto, o número de ocorrências não é significativo e não permite tirar conclusões quanto a este dado. Como já foi referido, as orações causais introduzidas por *weil*, que apresentam a estrutura V-2, foram excluídas da contabilização por espelharem uma evolução corrente do alemão falado. Se, no entanto, introduzirmos estas orações na presente contabilização, verificamos que a falante realiza 4 destas orações sem V-final mas também sabe construí-las com o verbo no final da frase.

**Tabela 6:** Sofia – tipo de orações realizadas com/sem posição final de verbo

Tipo de Oração	V-final	V-nfinal
relativa	2	6
completiva	2	4
condicional	3	0
infinitiva	1	0
causal	1	[4]

#### *Formas verbais complexas*

Ao contrário de Irene, Sofia constrói formas verbais analíticas (verbo modal + infinitivo e particípio perfeito [verbo *haben/sein* + particípio]). Embora cometa bastantes erros na formação do particípio e na escolha do verbo auxiliar para formação do *Perfekt* (*haben* ou *sein*), a falante realiza os elementos verbais nas posições correctas, movendo apenas o auxiliar para a segunda posição da frase em orações-raiz [exemplos (27a) e (27b)] e deixando-o *in situ* nas orações encaixadas (27c).

(27) a. die Frau **hat** das Geld **gefunden**  
*a mulher*  $V_{aux_{fin}}$  *o dinheiro* **encontrar**[ $V_{part}$ ]

b. sie ist verliebt und dann **hat** sie **geheiratet**  
*ela está apaixonada e depois*  $V_{aux_{fin}}$  *ela* **casar**[ $V_{part}$ ]

c. wenn ich zu Portugal **gekommen bin**  
*quando eu para Portugal* **vir**[ $V_{part}$  +  $V_{aux_{fin}}$ ]

### *Exercício de Produção Sintáctica*

No exercício sintáctico, Sofia tem um desempenho mais elevado que na produção oral, o que confirma a observação da influência do tipo de exercício realizado. É nas situações de comunicação mais espontâneas que a falante produz mais estruturas desviantes, enquanto que nos exercícios onde tem mais tempo para pensar - como é o caso do teste sintáctico – o seu desempenho melhora. Senão vejamos:

#### Exercício V-2:

Nas primeiras duas frases, Sofia constrói orações \*V-3; na terceira hesita entre V-2 e \*V-3; nas últimas duas constrói correctamente orações V-2, deixando o sujeito no campo médio:

(28) Frases do exercício sintáctico:

- a. *frase II.1.*: In der Schweiz die Kinder **gehen** sehr früh in den Kindergarten.
- b. *frase II.2.*: In Portugal die Kinder **wollen** immer Fernseh gucken.
- c. *frase II.3.*: Hier wir **gehen** oft zu meinen Großeltern.  
Hier **gehen** wir oft zu meinen Großeltern.
- d. *frase II.4.*: Dort **sind** sie nie ins Kino gegangen.
- e. *frase II.5.*: Mit 10 Jahren **kam** ich nach Portugal mit meiner Familie.

O posicionamento correcto do sujeito abaixo do verbo também é verificado no exercício livre. Apenas num caso o sujeito é elevado para o CP em conjunto com um sintagma adverbial. Aqui é, no entanto, de realçar um outro fenómeno: o duplo preenchimento do pré-campo. Na maioria das frases construídas, a falante propõe como uma das hipóteses correctas a ocorrência de dois sintagmas adverbiais em posição inicial de frase <sup>38</sup>:

- (29) a. *frase III.1.*: Gestern musste ich leider länger in der Arbeit bleiben.
- b. *frase III.2.*: Bestimmt jetzt ist das Kind glücklich.
- c. *frase III.3.*: In Portugal die Menschen essen öfter bei McDonalds.
- d. *frase III.4.*: In Portugal zum Glück ist das Wetter gut.
- e. *frase III.5.*: Im Deutschen manchmal finde ich die Worte nicht.

---

<sup>38</sup> Discussão detalhada deste fenómeno em 6.1.

### Exercício V-final:

Na construção de orações encaixadas, Sofia aplica correctamente a imposição V-final em todos os exercícios propostos.

Os dados extraídos da análise das orações encaixadas, das formas verbais complexas e do exercício sintáctico demonstram claramente que a falante domina a imposição V-final, pois aplica-a correctamente nas formas complexas como no exercício de construção frásica. Apenas na construção de orações encaixadas apresenta instabilidade, expressa na co-ocorrência de formas V-final com construções \*V-nfinal.

### *Outros fenómenos observados*

Além dos fenómenos de posicionamento verbal discutidos, são de observar nos registos de Sofia um conjunto de outros fenómenos sintácticos, que indiciam falta de contacto activo com a língua alemã. Destacam-se os fenómenos de elisão, como sujeitos e objectos nulos e a omissão do expletivo *es*, discutidos mais pormenorizadamente no capítulo 5.:

- (30) a. (mein Vater sagt immer) \*gehen da nie mehr  
(*meu pai diz sempre*) *vamos lá nunca mais*  
(*O meu pai diz sempre que nunca mais iremos para lá.*)
- b. (aber ich glaub) \*dass es gebt.  
(*mas eu acho*) *que EXPL existe.*
- c. (es war schon das zweites Mal) \*dass passiert ist  
(*EXPL foi já a segunda vez*) *que aconteceu*
- d. (ich habe ein Cousine), \*sprecht auch,  
(*eu tenho um primo*) *fala também,*
- e. (wenn wir sprechen) \*ist immer in Portugiesisch  
(*quando nós falamos é sempre em Português*)

Como noutros falantes, verifica-se ainda a existência de fenómenos sintácticos permitidos no alemão, mas ocorridos sem a motivação sintáctica ou pragmática que normalmente caracterizam estes fenómenos. Destacam-se os processos de inversão no campo médio (falso *scrambling*) ou a ausência de inversão quando é discursivamente exigida:

- (31) a. wir sehen nicht so viel das  
*nós vemos não muito isso*
- b. hier in Portugal hab ich schon das geseht  
*aqui em Portugal Vaux<sub>fin</sub> eu já isso ver[V<sub>part</sub>]*

- c. sie haben nie das gesagt  
*elas Vaux<sub>fin</sub> nunca isso dizer[V<sub>part</sub>]*

Tal como o *corpus* de Irene, os registos de Sofia contêm também um conjunto de fenómenos lexicais e morfológicos, indicativos das dificuldades que a falante tem ao falar alemão. Verifica-se uma grande dificuldade no acesso ao vocabulário alemão, muitas vezes compensado através de processos de empréstimo lexical (*lexical borrowing*<sup>39</sup>) do português ou do inglês, falhas nas declinações, na escolha de género e na formação de palavras, a conjugação errada de verbos irregulares, a escolha desacertada do verbo auxiliar apropriado na formação do *Perfekt*, assim como a selecção errada de preposições:

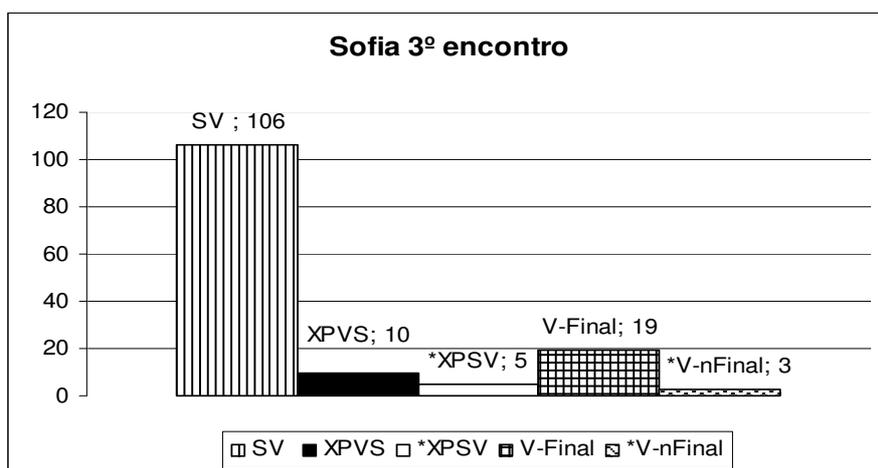
- (32) a. nein weil die Menschen waren diferentes  
correcto: die Menschen waren **anders**
- b. das ist. eh sehr important, für die Kleinen.  
correcto: sehr **wichtig**, für die Kleinen.
- c. und ein Kind eh experiment die Kleidung von die Großen.  
correcto: ein Kind **probiert** die Kleidung **der** Großen **an**.
- d. es ist in einen großes Wiese  
correcto: **auf** einer großen Wiese
- e. in die Schweiz sie gehen sehr, sehr früh zum die Kindergarten  
correcto: in **der** Schweiz gehen sie sehr früh **in den** Kindergarten
- f. sie gehen mehr ins, ins eh. zum Berge  
correcto: mehr **in die** Berge
- g. wenn ein/ das Mutter von einen Kind  
correcto: wenn **die** Mutter **eines** Kindes
- h. Samstag, in Samstag, ich hatte Lektionen von Portugiesisch.  
correcto: Samstags hatte ich **Portugiesischunterricht**
- i. dann ist sie für dieses Mann entschiedet.  
correcto dann **hat** sie **sich** für diesen Mann entschieden
- j. eine ein helft das Kleinste  
correcto: **hilft der Kleinsten**
- k. dann eh, in das Fest ist er in das, das Essen drinnen gegangen.  
correcto: **im** Fest ist er dann in das Essen **reingefallen**.

---

<sup>39</sup> Que ocorrem de diversas formas: seguindo a classificação proposta por Haugen (1950), através da utilização de uma palavra portuguesa mantendo o seu significado e a sua pronúncia originais (“*loanwords*”, Haugen 1950: 214) ou da combinação híbrida de morfemas portugueses com morfemas alemães (“*loanblends*”, Haugen 1950: 215).

No caso de Sofia, é de destacar o terceiro encontro com a entrevistadora, ocorrido ano e meio depois dos primeiros dois, no qual se realizou uma segunda entrevista. Como foi referido, no período que antecedeu este encontro, Sofia esteve mais regularmente exposta ao alemão, o que se reflectiu no seu desempenho linguístico. Nesta segunda entrevista, Sofia já produziu muito mais orações em língua alemã: ca. 160 contra as 105 dos primeiros dois encontros, embora a grande maioria sejam orações-raiz simples e com ordem SV (87% das orações-raiz são SV). De realçar é a proporção de ocorrência de ordens correctas e incorrectas. Enquanto que nos primeiros encontros esta se dava em número muito similar (14 XPVS contra 14 \*XPSV e 9 V-final contra 10 \*V-nfinal), verifica-se uma considerável descida de ocorrências de ordens agramaticais neste último exercício: apenas em cinco casos o sujeito é incorrectamente movido com um sintagma adverbial para o pré-campo, originando a ordem \*XPSV (contra 10 ocorrências XPVS). O número é mais significativo em relação às orações encaixadas. Sofia produz um total de 22 orações deste tipo, sendo que 19 seguem a imposição V-final. Apenas em três casos, o verbo é incorrectamente movido da sua posição-base.

Esta subida de desempenho sintáctico é acompanhada por uma ligeira melhoria no domínio lexical e morfológico, embora se mantenham as dificuldades com o sistema casual, o género dos nomes, a conjugação das formas verbais irregulares e a escolha apropriada de preposições.



**Gráfico 16:** Distribuição V-2/\*V-3; V-final/\*V-nfinal no 3º encontro com Sofia (em nº)

*Em suma:*

Sintetizando, é de reter que Sofia mostra ter adquirido os principais parâmetros sintácticos do alemão, sabendo construir correctamente orações XPVS e orações

encaixadas com V-final. O número de ocorrências correctas é, no entanto, proporcional ao número de ocorrências agramaticais. Realça-se ainda o facto de o desempenho sintáctico da falante ser melhor nos exercícios menos espontâneos, onde tem mais tempo para reflectir sobre as estruturas a construir (a narração da história e o exercício sintáctico). É ainda de destacar o terceiro encontro, realizado ano e meio após os primeiros dois e após um período mais intenso de *input* do alemão, em que o número de estruturas agramaticais produzidas diminui consideravelmente.

Tal como nos registos de Irene, são ainda detectados fenómenos desviantes, como o duplo preenchimento do pré-campo e sujeitos e objectos nulos. Os domínios morfológico e lexical são aqueles onde a falante apresenta mais dificuldades linguísticas.

#### 4.2.1.3. Sílvia

Sílvia apresenta um percurso de aquisição e perda de contacto idêntico ao das outras falantes de G3, tendo adquirido o alemão em fase precoce e perdido o seu *input* aos dez anos de idade. No entanto, no momento da entrevista, a falante tinha readquirido o contacto com o alemão, uma vez que frequentava (o primeiro ano de) um curso universitário com a vertente ‘Germanística’. Deste modo, no seu caso torna-se interessante verificar se, mesmo com este *input* mais intensivo (embora limitado ao contexto académico), Sílvia apresenta falhas de colocação verbal semelhante às das restantes informantes de G3, derivadas de um corte precoce com a L2.

No total, nos 31 minutos de gravação que compõem o *corpus* de Sílvia, a falante constrói 175 orações contabilizáveis (38 são excluídas por omissão do sujeito). A sua distribuição é representada no gráfico 17:

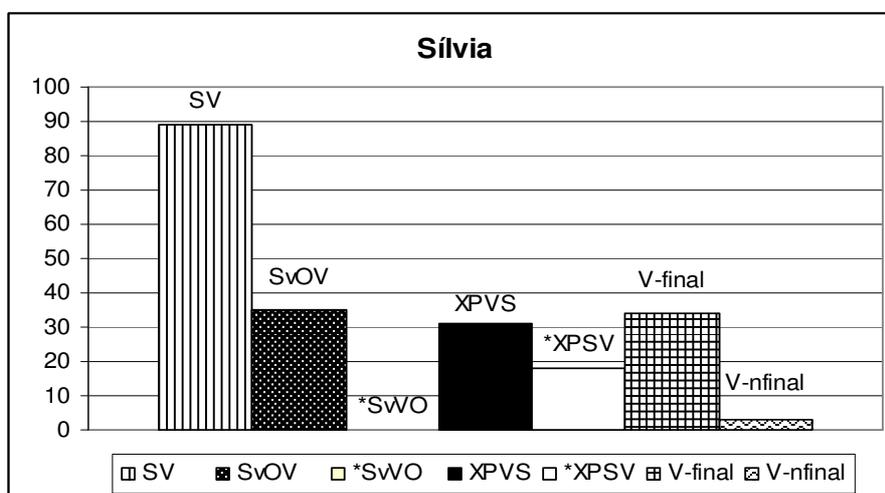


Gráfico 17: Sílvia - Realização da posição verbal (em nº)

### *Orações-raiz*

Para além das 89 orações SV, Sílvia produz 49 frases que não se iniciam por sujeito. Verificamos, então, que nestes casos a falante apresenta o mesmo tipo de dificuldades que as primeiras duas participantes. Embora demonstre que domina a inversão verbo-sujeito, mantendo o sujeito em IP quando SpecCP está ocupado em 31 ocorrências, Sílvia também constrói sequências agramaticais do tipo \*XPSV (18 ocorrências):

Tal como foi demonstrado em relação a Irene, também no caso de Sílvia é bem patente a arbitrariedade, isto é, a falta de correlação, entre o elemento inicial e a posição do verbo. Por exemplo, ao contar a história da Carochinha, tanto realiza VS como \*V-3 após iniciar a frase com o advérbio de tempo *dann* ('depois'):

Excerto:

- (33) a. \*dann das kleine Käfer **sagte**, nein ich will nicht mit dir heiraten, weil du nicht  
*depois a joaninha disse*  
schöne Zähne hast. dann **schreite** sie immer.  
*depois gritava ela sempre*  
(*Depois a joaninha disse: não, eu não quero casar contigo, porque não tens dentes bonitos. Depois gritava sempre...*)

O mesmo se vai verificando ao longo da sua entrevista em relação a outros elementos introdutórios. Assim, tanto apresenta XPVS como \*XPSV se o elemento inicial for:

- um advérbio de lugar:

- b. da machst du deine Persönlichkeit,  
*lá fazes tu a tua personalidade*
- c. \*dort ich sprechte nur Deutsch  
*lá eu falava só alemão*

- um NP objecto:

- d. und das kann ich auch.  
*e isso sei eu também*
- e. \*das ich sagte a paar Mol<sup>40</sup>  
*isso eu disse algumas vezes*
- f. die Grammatik mach ich so  
*a gramática faço eu assim*
- g. \*der Schweiz ich fand am bester als hier  
*a Suíça eu achava melhor que aqui*

---

<sup>40</sup> Ao longo da entrevista a falante deixa transparecer por vezes o dialecto suíço, usando formas lexicais e uma fonética que se diferenciam do alemão padrão.

- ou uma oração encaixada:

h. wenn ich etwas falsch mache, sage ich Scheiße auf Deutsch.  
*quando eu algo errado faço, digo eu merda em alemão*

i. wenn ich mit dem Deutschen vergleiche, \*es ist besser.  
*quando eu com o alemão comparo, EXPL é melhor.*

### *Orações encaixadas e formas verbais complexas*

Quanto à realização de V-final em orações encaixadas e em formas verbais complexas, a proficiência de Sílvia é muito superior à demonstrada em relação a V-2. Em 37 orações encaixadas que exigem V-final, só por 3 vezes Sílvia não respeita esta imposição sintáctica do alemão. No entanto, estes casos não são tão lineares como os discutidos em Irene e Sofia. Em (34a) e (34b)  $V_{fin}$  não permanece em posição final mas também não se move para V-2 como é habitual verificar nas falantes deste grupo, permanecendo abaixo do objecto (“*es*”) ou do adjunto adverbial (“*in Braga*”):

(34) a. \*aber wenn ich es muss rede.  
*mas quando eu o tenho falar.*

b. \*weil ich in Braga wollte studieren.  
*porque eu em Braga queria estudar.*

c. der Schweiz ist ein Land, der hat Italienisch, Französisch.  
*a Suíça é um país que tem italiano, francês.*

Em (34c), a oração “der hat Italienisch, Französisch” também poderia ser interpretada como oração V-2 simples, no entanto, a oração precedente só faz sentido se o sintagma “ein Land” for completado por uma oração relativa.

Em todas as restantes 34 orações encaixadas V-final é correctamente realizado. É, no entanto, de realçar que a gramaticalidade sintáctica destas frases não é acompanhada de gramaticalidade morfológica e lexical. Assim, a falante selecciona conjunções subordinativas erradas, como em (35a-c):

(35) a. hatte nur eine Kollegin **wo** auch von der Schweiz gekommen hat<sup>41</sup>.  
correcto: **die** auch von der Schweiz gekommen *ist*

b. **wann** ich Deutsch rede  
correcto: **wenn** ich Deutsch rede

c. **als** ich nicht in der Schweiz geboren hätte, vielleicht/  
correcto: **wenn** ich nicht in der Schweiz gebore *wäre*,

---

<sup>41</sup> Neste caso, a utilização de *wo* deve-se certamente à influência do dialecto suíço, uma vez que em algumas variedades suíças, grande parte dos pronomes relativos é substituída por *wo* (cf. Fleischer, 2005).

Note-se que em (35a) e (35c) também é utilizado o verbo auxiliar errado para formação do *Perfekt* (*haben* em vez de *sein*), um erro gramatical muito frequente nos registos de Sílvia. Aliás, como é exemplificado em (35d - e), Sílvia demonstra bastantes falhas na conjugação verbal:

d. weil die anderen es nicht versteht.  
correcto: weil die anderen es nicht verstehen

e. weil [...] sie wieder allein bleibte.  
correcto: weil sie wieder allein blieb

Na construção sintáctica das formas verbais complexas, Sílvia não apresenta qualquer desvio, mantendo a forma não finita sempre em final de frase. Exemplos:

(36) a. ich **hab** dort bis der dreizte Klasse **gemacht**.  
eu **Vaux<sub>fin</sub>** lá até ao terceiro ano **fazer**[V<sub>part</sub>]  
(Lá andei até ao terceiro ano.)

b. ich und mein jüngstes Brüder sind dort geboren.  
eu e o meu irmão mais novo **Vaux<sub>fin</sub>** lá **nascen**[V<sub>part</sub>]  
(Eu e o meu irmão mais novo nascemos lá.)

c. *mini* Eltere dann **habn** alles **entscheiden**.  
*meus pais depois* **Vaux<sub>fin</sub>** tudo **decidir**[V<sub>part</sub>]  
(Depois os meus pais decidiram tudo.)

d. ich **will** jetzt mit, mit mir immer. als erstes. im erstes. in dem ersten Platz **haben**.  
eu **quero** agora comigo sempre no primeiro lugar **ter**  
(Agora quero ter sempre comigo em primeiro lugar.)

Apesar da gramaticalidade da posição verbal, nos exemplos (36a-d) são patentes vários outros tipos de erros de cariz morfológico, lexical e sintáctico. Assim, observamos falhas na escolha de género (“mein jüngstes Brüder”; correcto: *mein jüngster Bruder*), na formação do ordinal (“dreizte” em vez de *dritte*), na formação do participípio (“haben entscheiden” em vez de *haben entschieden*) e na selecção da preposição (“bis der dreizte Klasse”, correcto: *bis zur*). Verifica-se ainda desvios sintácticos como a omissão do objecto (em d.) e a adjunção a CP de uma expressão adverbial (“meine Eltern **dann** haben...”).

*Em suma:*

Apesar de apresentar algumas deficiências a nível sintáctico, morfológico e lexical, Sílvia demonstra dominar os parâmetros V-2 e V-final. Em 63% dos casos aplica a regra V-2 de forma correcta e em 92% deixa o verbo finito no final das orações

encaixadas. Além disso, não comete erros de colocação verbal em formas verbais complexas. No seu caso, os desvios sintácticos afectam mais o parâmetro V-2 que o parâmetro OV.

#### 4.2.1.4. Eunice

Tendo vindo para Portugal aos sete anos de idade, Eunice é uma das falantes deste grupo que apresenta o regresso mais precoce. É também das falantes que mais surpresa mostrou quanto ao facto de conseguir produzir frases em alemão, o que ela própria já não julgava ser possível. Por esta razão, a entrevista com Eunice foi conduzida maioritariamente em língua alemã, assim como o exercício de narração e a descrição de imagens. Embora com grandes dificuldades lexicais, Eunice foi capaz de produzir orações em língua alemã. Dispomos de um total de 61 orações alemãs (ou com núcleo verbal alemão) num total de 35 minutos de gravações. A distribuição do posicionamento verbal nestas orações é representada no gráfico 18:

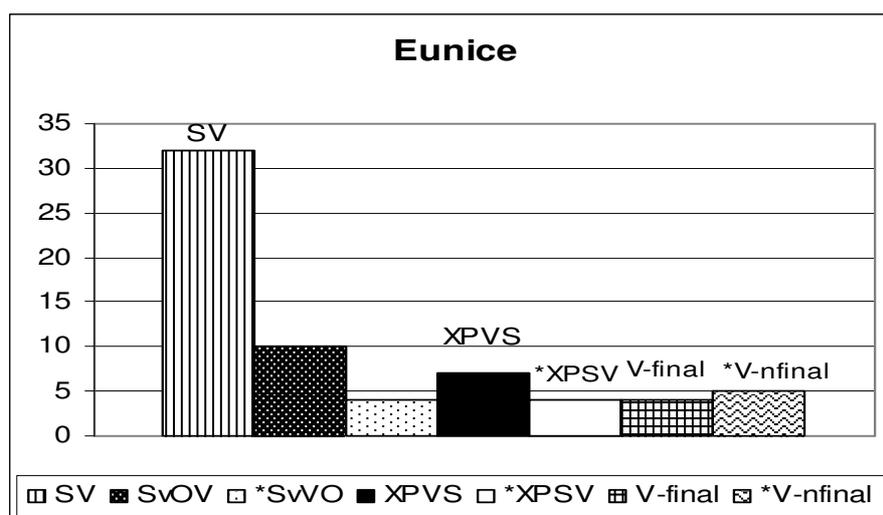


Gráfico 18: Eunice - Realização da posição verbal (em nº)

Apesar do reduzido vocabulário da falante, que dificulta a produção de um discurso coeso e a construção de orações completas em alemão, a distribuição percentual de realização das diferentes posições sintácticas do verbo é muito similar à das outras falantes:

#### *Orações-raiz*

Eunice realiza por 7 vezes a sequência XPVS [exemplos (37a/b)], demonstrando dominar o parâmetro V-2, apesar do longo período sem falar alemão e da convicção de que já não dominava esta língua. No entanto, também no seu *corpus* é de verificar

instabilidade neste processo sintáctico. Em 4 casos o sujeito é movido para o pré-campo juntamente com um sintagma adverbial, originando \*XPSV [exemplos (38a/b)]. De igual modo, no exercício de produção sintáctica, a falante constrói paralelamente orações XPVS e \*XPSV, considerando as duas realizações aceitáveis.

Exemplos do *corpus* falado:

(37) a. *in der Schweiz* *utilisieren sie die Fahrrad* *viel mehr als in Portugal*  
*na Suíça* *utilizam eles a bicicleta* *muito mais que em Portugal.*

b. *hier bezahlen wir und in Deutschland nicht.*  
*aqui pagamos nós e na Alemanha não.*

(38) a. *\*zu Hause* *ich habe* *gesprochen Portugies*  
*em casa eu Vaux<sub>fin</sub> falar[V<sub>part</sub>] Português*

b. *\*hier in Portugal* *die Familie* *essen/*  
*aqui em Portugal a família come*

Exemplos do exercício de produção sintáctica:

(39) a. *frase II.3.:* *\*Hier wir gehen* *oft zu meinen Großeltern.*

b. *frase II.4.:* *Dort sind* *sie nie ins Kino gegangen.*

### *Formas verbais complexas*

Eunice também demonstra dominar as estruturas verbais complexas, que utiliza 14 vezes. É de realçar que na maioria dos casos (10 ocorrências), estas são realizadas correctamente de forma descontínua, com o elemento infinito (o particípio ou o infinitivo) no final da oração [exemplos (40a/b)]. Apenas em 4 orações o verbo infinito é agramaticalmente movido em conjunto com o auxiliar finito [exemplos (41 a/b)]:

(40) a. *ich habe* *drei Jahre in der Kindergarten,* *gewesen*  
*eu Vaux<sub>fin</sub> três anos no infantário,* *estar[V<sub>part</sub>]*

b. *ja. haben* *mich viel* *gehelfen*  
*sim. Vaux<sub>fin</sub> me* *muito ajudar[V<sub>part</sub>]*

(41) a. *\*zu Hause* *ich habe* *gesprochen Portugies*  
*em casa eu Vaux<sub>fin</sub> falar[V<sub>part</sub>] Português*

b. *\*sie hat* *geheiratet* *mit den Hase.*  
*ela Vaux<sub>fin</sub> casar[V<sub>part</sub>] com o coelho.*

### *Orações encaixadas*

Instabilidade é também detectada na construção das orações encaixadas. Das 9 orações que Eunice consegue produzir, 4 seguem a imposição sintáctica V-final

[exemplos (42)]. As restantes 5 orações são agramaticais, pois o verbo é movido para fora da sua posição-base no final da oração [exemplos (43)].

- (42) a. ja wenn ich in der erste Klasse g/ war  
*sim quando eu na primeira classe estava*
- b. ich hoffe dass es positiv ist.  
*eu espero que Expl positivo é*
- c. weil ihren ihren Mann in der Pfanne gefallen ist.  
*porque o seu marido no tacho cair[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>].*
- (43) a. (Entrevistadora: vielleicht. das Thema. (5sec). hier. was ist das[?]  
*Talvez este tema. aqui. o que é isto[?]*)  
Eunice: eine Person \*der hat Hunger.  
*uma pessoa que tem fome.*
- b. die sind nicht so interessiert \*wie sie sind da  
*eles são não tão interessados como eles são lá*
- c. ich glaube schon, \*dass portugiese Ärzte sind gut.  
*eu acho mesmo, que portugueses médicos são bons.*

Note-se que no exercício de produção sintáctica Eunice constrói quatro das cinco orações encaixadas propostas com V-final, demonstrando estar ciente deste parâmetro sintáctico.

Um fenómeno associado ao parâmetro VO/OV é o posicionamento da partícula verbal em verbos com partícula separável. Meisel/Möhrling (2003) discutem a colocação da partícula verbal na sua análise da aquisição do parâmetro VO/OV em bilingues simultâneos e aprendizes tardios do alemão como segunda língua, considerando que, embora este seja um dos primeiros fenómenos a ser adquirido por ambos os grupos, as crianças bilingues adquirem-no automaticamente durante a aquisição do parâmetro VO/OV, enquanto que os aprendizes tardios aprendem-no de forma independente e demonstram bastantes irregularidades na sua aplicação.

No alemão, as partículas verbais separáveis estão ligadas à esquerda do verbo quando este se encontra na sua posição-base no final da oração e mantém-se na posição final da oração mesmo que o verbo se mova para V-2 em orações-raiz.

Eunice apenas utiliza formas verbais com partícula separável na narração da “História da Carochinha” (6 ocorrências). A sua utilização segue o padrão de variação observado em relação aos outros fenómenos discutidos: apesar de a falante demonstrar dominar este fenómeno sintáctico, apresentando realizações correctas, estas construções gramaticais co-ocorrem com realizações agramaticais. No excerto transcrito (o único do

seu *corpus* que apresenta o uso de partículas separáveis), a produção de formas verbais infinitas no final da frase com a partícula ligada à sua esquerda demonstra que a falante domina esta particularidade sintáctica do alemão, o que é reforçado pela construção correcta do particípio com a partícula [partícula + *ge* + raiz verbal + terminação: “aufgeräumt”/ ”angezogen”]. Por sua vez, a oração “sie **schaut** die Natur **an**“ mostra o domínio correcto da regra sintáctica segundo a qual a partícula apenas se liga à esquerda de formas verbais não finitas, permanecendo no final da oração quando o verbo finito se move para a segunda posição da frase em orações-raiz. No entanto, a par desta utilização correcta, os registos da falante exibem exemplos em que a mesma regra sintáctica é violada, já que em algumas construções a partícula é movida juntamente com o verbo finito [exemplos “sie **aufräumt** der” e “sie **anzieht** etwas anders”].

(44) Excerto:

E: sie **aufräumt** der/ sie ist in **aufräumen** der der Haus. sie hat etwas gefunden  
*I: ja und was[?]*  
 E: hmm (5Sek).  
*I: Geld[?] können Sie den Satz mit dann beginnen.*  
 E: dann hat sie einen Geld gefunden. hat sie Geld gefunden. sie **schaut** die Natur **an**.  
*I: ja. ihre Kleidung[?]*  
 E: sie ist **aufgeräumt**/ não é aufgeräumt. eu sabia.  
*I: ja, was hat sie an[?]*  
 E: sie **anzieht** etwas anders als/  
*I: ja genau. anders. können Sie ein Adjektiv/*  
 E: besser. hat etwas besser **angezogen**.  
*I: gut ja.*

Tradução:

E: ela **partícula+arruma** o/ ela está a **partícula+arrumar** o casa. ela Vaux<sub>fin</sub>  
 algo encontrar[V<sub>part</sub>]  
*I: sim e o quê[?]*  
 E: hmm (5Seg).  
*I: dinheiro[?] pode iniciar a frase com depois.*  
 E: depois Vaux<sub>fin</sub> ela um dinheiro encontrar[V<sub>part</sub>]. Vaux<sub>fin</sub> ela dinheiro  
 encontrar[V<sub>part</sub>]. ela **contempla** a natureza **partícula**.  
*I: sim. a sua roupa[?]*  
 E: ela está **partícula+arrumada**[particípio]/ não é aufgeräumt. eu sabia.  
*I: sim, o que é que ela veste[?]*  
 E: ela **partícula+veste** algo diferente do que/  
*I: sim. diferente. pode um adjetivo/*  
 E: melhor. Vaux<sub>fin</sub> algo melhor **partícula+vestir**[particípio].  
*I: bom sim.*

### *Outros fenómenos*

Como discutido nos registos das outras falantes, Eunice também produz muitas orações alemãs em que o sujeito é agramaticalmente omitido:

(45) a. \*drei Jahre bin in der erste Klasse gegehen/ gegangen  
*três anos Vaux<sub>fin</sub> no primeiro ano ir[V<sub>part</sub>].*

b. \*gehe mit der Auto.  
*vou com o carro*

Embora com menos frequência, o mesmo fenómeno de omissão é verificado em relação aos objectos directos [exemplo (46a)] e aos expletivos [exemplos (46 b/c)].

(46) a. der Schweiz hat auch.  
*o Suíça tem também.*

b. in der Schweiz ist mehr/ organizado  
*na Suíça é mais/ organizado*

c. in Portugal ist mit mein alle Familie.  
*em Portugal é com minha toda família.*

Porém, mais uma vez, o exemplo (46d) vem demonstrar que a falante sabe utilizar o pronome expletivo *es*, empregando-o com o verbo *schneien* ('nevar'):

d. Eunice: como é nevar[?]  
Entrevistadora: o verbo é *schneien*. in der Schweiz/  
Eunice: *schneit es*. não[?]

A par dos fenómenos sintácticos discutidos, Eunice apresenta dificuldades na colocação do pronome de negação (47a) e fenómenos de interferência de estruturas sintácticas do português sem equivalente no alemão, como a transferência da perifrástica 'estar + a + infinitivo' para o alemão "ist + in + infinitivo" (47b) ou a substituição de expressões sintácticas fixas do alemão por estruturas do português [por exemplo a indicação da idade em (47c)]:

(47) a. weil sie **nicht ihn** gemagt hat  
*porque ela não ele gostar[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>]*  
gramatical: weil sie **ihn nicht** gemocht hat.

b. sie ist in aufräumen der der Haus.  
*ela está em arrumar o o casa*  
gramatical: Sie räumt gerade das Haus auf.  
ou: Sie ist am Aufräumen.

c. ich bin Eunice, **habe achtzehn Jahre** und, ich studiere ainda.  
*eu sou Eunice, **tenho dezoito anos** e eu estudo ainda.*  
gramatical: ich **bin** achtzehn Jahre **alt**

A nível lexical e morfológico, os fenómenos já referidos na análise dos registos das falantes anteriores ocorrem com mais frequência no *corpus* de Eunice.

As dificuldades lexicais são compensadas com o recurso ao português e ao inglês e a empréstimos lexicais (*loanblends/Lehnbildungen*). É também frequente a selecção de itens lexicais não adequados ao contexto em que são usados, como por exemplo a utilização do verbo *haben* em vez de *es gibt*, por transferência do português, onde ‘ter’ pode substituir o verbo ‘haver’ [exemplo (48c)]:

- (48) a. ich bin zum Switzerland gegehen [...] mit meinen **Father** **meinen Mother**  
gramatical: [...] mit meinem **Vater** und meiner **Mutter**.
- b. in der Schweiz **utilisieren** sie die Fahrrad viel mehr als in Portugal.  
gramatical: **benutzen**
- c. I: *sie hat kein Geld. also was ist sie[?] wo ist das[?]*  
E: in der Stadt  
I: *warum sagen Sie das[?]*  
E: weil **haben** hier viele Person.  
*porque tem aqui muitas pessoa.*  
gramatical: weil **es** hier viele Personen **gibt**.

Na morfologia verbal dominam os erros de conjugação das formas irregulares assim como a escolha errada do verbo auxiliar necessário à formação do *Perfekt*. São ainda de realçar erros de conjugação em número e pessoa, como por exemplo a conjugação do verbo na terceira pessoa do singular com um sujeito na terceira pessoa do plural [exemplo (49d)]

- (49) a. **möge** ich mehr  
correcto: **mag** ich mehr.
- b. haben mich viel **gehelfen**.  
correcto: haben mir viel **geholfen**.
- c. ich **habe** drei Jahre in der Kindergarten, gewesen.  
correcto: ich **bin** drei Jahre [...]
- d. und meine Freunde **ist** hier.  
correcto: meine Freunde **sind** hier.

Tal como nos registos das outras falantes analisadas são também constantes os erros de declinação ou a selecção errada do género da palavra:

- (50) a. gehe mit der Auto.  
gramatical: **fahre** mit **dem** Auto.
- b. in der Schweiz **utilisieren** sie die Fahrrad  
gramatical: **das** Fahrrad.
- c. mit mein. Freunde.  
gramatical: mit **meinen** Freunden.

d. sie sind in der Kindergarten.  
gramatical: sie sind **im** Kindergarten.

e. zeigt eine Jung/  
gramatical: zeigt **einen** Jungen.

f. der Familie ist em Portugal.  
gramatical: **die** Familie ist **in** Portugal.

*Em suma:*

A construção correcta de orações-raiz V-2, de orações encaixadas V-final e das formas verbais complexas vem demonstrar que a falante, apesar de um extenso período de ausência de contacto com a língua alemã, não perdeu o domínio das principais regras sintácticas do alemão. Porém, como verificado nos registos das outras falantes, Eunice também produz frases que violam as imposições sintácticas da língua alemã, construindo orações \*V-3, orações encaixadas \*V-nfinal, assim como estruturas verbais complexas em que a forma não-finita se move com a forma finita (\*SvVO). A mesma irregularidade é observada em relação às formas verbais com partícula separável. No exercício sintáctico o desempenho de Eunice é muito semelhante ao das outras falantes. Tanto são construídas orações correctas como orações agramaticais. No entanto, quando solicitada a julgar construções propostas, a falante apresenta juízos gramaticais correctos, demonstrando estar ciente dos parâmetros sintácticos do alemão.

No *corpus* de Eunice são ainda recorrentes processos de interferência da língua dominante, como a transferência de estruturas do português sem equivalente no alemão, assim como a omissão de sujeitos e objectos. A nível morfológico e lexical, o défice linguístico observado é maior que nos *corpora* de Irene e Sofia, o que muito provavelmente se deve ao corte mais precoce desta falante com a sua segunda língua. As deficiências lexicais dificultam a construção de orações completas em alemão, pelo que o número de orações contabilizáveis também é muito inferior ao das outras duas falantes.

#### **4.2.1.5. Helena**

O caso de Helena é muito semelhante ao de Eunice. Também Helena veio para Portugal com os pais aos sete anos de idade, tendo perdido por completo o contacto com a língua alemã. Tal como Eunice, também Helena advertiu a entrevistadora de que não seria capaz de falar em alemão, pois estava convicta de que já não dominava a sua segunda língua. No entanto, apesar de uma evidente falta de vocabulário que lhe

dificultou a comunicação, conseguiu construir orações completas em língua alemã, um feito bastante notável se tivermos em conta que o seu vocabulário é tão restrito. Dispomos, por isso, de gravações de no total 26 minutos de interacção oral onde predomina a língua alemã. Excluindo todas as orações incompletas ou com o elemento verbal em português, o *corpus* de Helena contém 49 orações analisáveis, cuja distribuição é apresentada no gráfico 19:

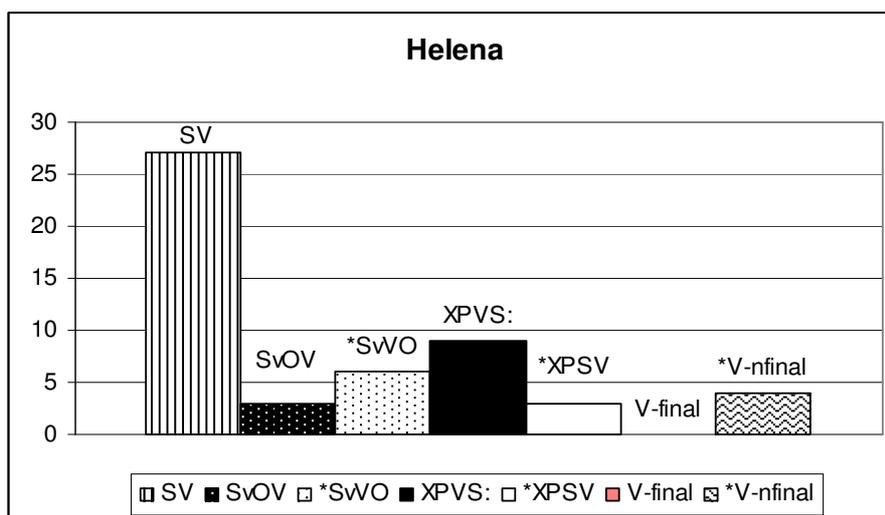


Gráfico 19: Helena - Realização da posição verbal (em nº)

### Orações-raiz

Helena produz 39 orações-raiz. Destas, 27 são do tipo SV. Aqui é sobretudo de realçar a produção das formas verbais descontínuas. Helena demonstra saber construir formas verbais complexas e, embora não realize correctamente o particípio [por exemplo “gedenkt” em vez de *gedacht* e “verstehen” em vez de *verstanden* em (51a/b)], em 4 ocorrências coloca-o na posição certa no final da oração.

- (51) a. ich **hab** nicht so viel eh **gedenkt**.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> não muito pensar[V<sub>part</sub>]*  
*(Eu não pensava muito.)*
- b. ich **habe** nicht **verstehen**.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> não compreender[V<sub>part</sub>].*  
*(Não compreendi.)*

A construção correcta das formas complexas co-ocorre no entanto com realizações incorrectas (6 ocorrências), em que a forma infinitiva (o infinitivo ou o particípio) segue imediatamente o auxiliar, como demonstrado nos exemplos c-e:

- c. ich **wollte haben** Deutsch  
*eu queria ter alemão*

d. ich **habe gekommen** zu Portugal,  
*eu Vaux<sub>fin</sub> vir[V<sub>part</sub>] para Portugal*

e. ich **habe geboren**. in Deutschland.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> nascer[V<sub>part</sub>] na Alemanha*

Helena constrói ainda 12 orações em que o sujeito não é o primeiro elemento da frase, demonstrando dominar a regra V-2, pois em 9 ocorrências realiza a sequência XPVS [exemplos (52a-c)]. Apenas em 3 orações o sujeito é movido juntamente com o sintagma adverbial para o pré-campo [exemplos (53a-c)]:

(52) a. in Portugal. will ich Deutsch lerne.  
*em Portugal quero eu alemão aprender.*

b. dann kann ich.  
*depois sei eu.*

c. hier kocht/ kochen sie.  
*aqui cozinha/ cozinham eles.*

(53) a. \*in meine Haus ich spreche Portugiesisch nur.  
*na minha casa eu falo Português apenas.*

b. \*manchmal. manchmal wir gemixt<sup>42</sup> ein bisschen.  
*às vezes. às vezes nós misturávamos um pouco.*

c. \*da es war. es war/  
*lá Expl era. Expl era/*

### *Orações encaixadas*

Helena parece apresentar mais dificuldades que Eunice na construção de orações encaixadas, uma vez que apenas por quatro vezes produz este tipo de orações. Na maioria dos casos passa para o português quando pretende exprimir relações sintáticas dependentes. Em nenhuma das quatro orações encaixadas construídas em alemão, o verbo se encontra correctamente em posição final de frase, sendo sempre movido para uma posição à esquerda do objecto (\*VO):

(54) a. Helena: denk das ist eh. muito mais fácil.  
Entrevistadora: genau.  
Helena: sehr.  
Entrevistadora: einfach.  
Helena: einfach, für mich **zu lernen Deutsch**.

---

<sup>42</sup> A falante utiliza incorrectamente o participio no lugar da forma verbal finita.

Helena: penso isto é. muito mais fácil.  
Entrevistadora: exacto.  
Helena: muito.  
Entrevistadora: fácil.  
Helena: fácil, para mim **para aprender alemão**.

- b. [es ist] notwendig, \*zu lernen ein bisschen, mehr, auf Deutsch.  
[Expl é] *necessário, para aprender um bocado mais em alemão.*
- c. sie fragen der Kind \*zu schreiben eine Text.  
*você pede a uma criança para escrever um texto.*
- d. \*wenn sie kommen. zu Portugal. im Sommer.  
*quando eles vêm. para Portugal. no Verão.*

### *Outros fenómenos*

Em semelhança ao que foi observado no *corpus* de Eunice, os registos de Helena apresentam outros fenómenos de interferência sintáctica, como por exemplo a transferência para o alemão da forma verbal perifrástica do português:

- (55) a. eine Frau ist nähen.  
*uma mulher está coser.*
- b. ist waschen die Kleider. mit Wasser  
*está lavar as roupas. com água*

Helena apresenta ainda um fenómeno sintáctico que não ocorre nos registos até então analisados: uma alteração de ordem dentro do DP. A sequência gramatical do alemão ‘adjectivo + nome’ é agramaticalmente invertida para ‘nome + adjectivo’:

- (56) a. ich hatte eine Klass, eh mit einem **Lehrer portugiesisch**.  
*eu tinha uma turma com um professor português*

No entanto, Helena apenas constrói dois sintagmas determinantes com nome e adjectivo, pelo que não é possível retirar qualquer conclusão no que tange a este fenómeno. Na segunda ocorrência, o adjectivo antecede o nome, verificando-se, portanto, o mesmo equilíbrio entre sequências gramaticais e agramaticais já discutidas em relação à posição do verbo. A ocorrência gramatical (exemplo b.) demonstra que Helena tem noção desta regra sintáctica do alemão.

- b. ich glaub kleine/ kleine Worte.  
*eu acho pequenas/pequenas palavras.*

A nível lexical e morfológico repetem-se as interferências lexicais do português e do inglês, os erros nas declinações e na escolha da preposição adequada. Na conjugação

verbal é de destacar a tendência de utilização do Presente em contextos que requerem um tempo verbal que indique Passado (o *Perfekt* ou *Imperfekt*):

- (57) a. ist eine **Question**[?]  
correcto: ist eine **Frage** [?]
- b. Sie haben eine. **child**.  
correcto: Sie haben ein **Kind**.
- c. nur in **die** Schule.  
correcto: nur in **der** Schule
- d. weil ich habe gekommen **zu** Portugal,  
correcto: **nach** Portugal.
- e. in meine Haus. ich **spreche** Portugiesisch nur  
correcto: Zu Hause **sprach** ich nur Portugiesisch.  
Zu Hause **habe** ich nur Portugiesisch **gesprochen**.

*Em suma:*

Sintetizando, verificamos que, apesar de um extenso período sem falar alemão (mais de 17 anos), a falante é capaz de activar o sistema gramatical da sua L2. Domina a regra V-2, construindo correctamente sequências XPVS, que ocorrem em número superior à sequência agramatical \*XPSV. O seu domínio de V-final parece estar mais debilitado, uma vez que não consegue construir orações encaixadas com o verbo em posição final de frase. No entanto, não é possível afirmar que perdeu o domínio de V-final, já que constrói correctamente formas verbais descontínuas com o elemento não-finito no final da oração. É, no entanto, de realçar que estas co-ocorrem com construções agramaticais em que a forma verbal não finita segue imediatamente a forma finita.

A ausência prolongada de contacto com a segunda língua é também visível na ocorrência de um variado leque de outros fenómenos sintácticos, morfológicos e lexicais.

#### **4.2.1.6. Rita**

Os dados de Rita são discutidos no contexto das falantes com regresso precoce a Portugal, uma vez que nasceu na Alemanha e veio para Portugal aos oito anos de idade, tendo frequentado o terceiro ano de escolaridade do sistema educativo alemão. Rita distingue-se, no entanto, das quatro falantes anteriores em relação ao tempo de estada em Portugal e o tipo de contacto mantido com o alemão após a vinda para Portugal. Hodiernamente, Rita tem onze anos de idade e vive em Portugal há apenas três anos. No seu caso, a privação de contacto com a língua alemã não se deu de forma tão abrupta

como verificado nas outras falantes. Rita tem um irmão mais velho, com o qual costumava falar alemão no país de acolhimento. Embora o alemão tenha deixado de ser língua de comunicação entre os irmãos, esporadicamente utilizam-na para comunicar entre si. Além disso, Rita tem familiares na Alemanha, que falam alemão nas visitas a Portugal. Após o regresso, Rita fez uma visita de curta duração ao país onde nasceu. No momento da primeira entrevista, Rita frequenta o sexto ano de escolaridade do sistema educativo português. Além dos encontros esporádicos com os familiares, das raras situações de comunicação com o irmão e dos momentos em que vê televisão alemã, não tem contacto activo com a sua segunda língua.

O *corpus* de produção verbal de Rita foi construído com base em gravações de três encontros realizados num período de seis meses, perfazendo um total de 55 minutos de comunicação em alemão.

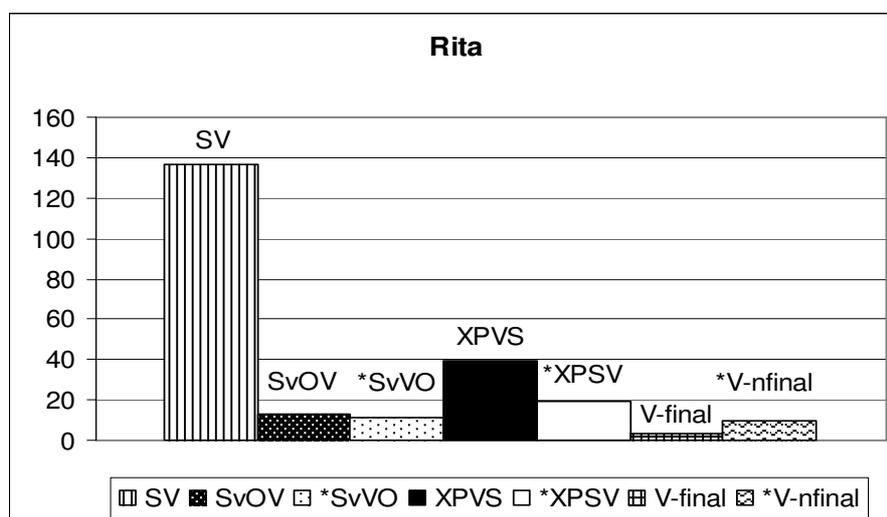


Gráfico 20: Rita - Realização da posição verbal (em nº)

### Orações-raiz

Em termos quantitativos, o material linguístico obtido dos encontros com Rita espelham as particularidades da sua situação em comparação com a das outras falantes (o regresso mais recente e um corte de contacto menos abrupto). Como tem mais facilidades em expressar-se na sua segunda língua, foi possível manter com Rita situações de comunicação mais prolongadas. No total, a falante produz 205 orações contabilizáveis, das quais 122 seguem a ordem neutra SV.

Em 22% das orações produzidas (45 ocorrências), o sujeito não é o primeiro elemento da frase. As sequências realizadas neste tipo de orações demonstram que a falante domina a imposição V-2, pois em 34 casos a regra é correctamente aplicada: o sujeito permanece abaixo do verbo, movido para a segunda posição da frase [exemplos

(58a-c)]. No entanto, também nos registos de Rita é de observar instabilidade na aplicação desta regra sintáctica. Em 11 casos o sujeito é movido juntamente com um sintagma adverbial para o pré-campo, resultando na sequência agramatical \*XPSV [exemplos (59a-c)].

(58) a. die Adress weiß ich nicht  
*a morada sei eu NEG*  
*(Não sei a morada.)*

b. achtzehn Jahre macht er jetzt.  
*dezoito anos faz ele agora.*  
*(Ela agora faz dezoito anos.)*

c. dann bin ich geboren  
*depois Vaux<sub>fin</sub> eu nascer[V<sub>part</sub>]*  
*(Depois eu nasci.)*

(59) a. \*dann vielleicht die haben mir gesagen  
*depois talvez eles Vaux<sub>fin</sub> me dizer[V<sub>part</sub>]*  
*(Depois talvez disseram-me...)*

b. \*jetzt sie hat eh. a roupa[?] roupa eh gekäuft  
*agora ela Vaux<sub>fin</sub> a roupa [?] roupa comprar[V<sub>part</sub>]*  
*(Agora ela comprou roupa.)*

c. \*jetzt sie heiraten  
*agora eles casam*  
*(Agora eles casam)*

#### *Formas verbais complexas*

Também no que concerne às formas verbais descontínuas, é de observar a co-ocorrência de sequências gramaticais e agramaticais. Em 11 casos, a falante realiza-as de forma correcta com o particípio ou infinitivo verbal em posição final, enquanto que a forma finita se move para a segunda posição [exemplos (60a-c)]. Em número idêntico (11 ocorrências) estão os casos em que a forma não finita é movida em conjunto com a finita resultando na sequência agramatical \*SvVO [exemplos (61a-c)].

(60) a. die **haben** das **gemacht**.  
*eles Vaux<sub>fin</sub> isso fazer[V<sub>part</sub>]*  
*(Eles fizeram isso.)*

b. ich **kann** nicht so gut **sprechen**  
*eu conseguir[V<sub>mod<sub>fin</sub>]</sub>* *não muito bem falar[V<sub>inf</sub>]*  
*(Eu não consigo falar muito bem.)*

c. muss ich Deutsch reden  
*ter[V<sub>mod<sub>fin</sub>]</sub>* *eu alemão falar[V<sub>inf</sub>]*  
*(Tenho de falar Alemão.)*

- (61) a. \*ich **bin geboren** in Bremerhaven.  
 eu **Vaux<sub>fin</sub> nascer[V<sub>part</sub>]** em Bremerhaven.  
 (Eu nasci em Bremerhaven.)
- b. \*er **hat. pedir como é que é[?]** **gefragt** ihnen/  
 ele **Vaux<sub>fin</sub>** **perguntar[V<sub>part</sub>]-lhes.**  
 (Ele perguntou-lhes)
- c. \*ich **will** **gehen** da  
 eu **querer[V<sub>mod<sub>fin</sub>]</sub>** **ir[V<sub>inf</sub>]** lá  
 (Eu quero ir lá.)

### Orações encaixadas

No que diz respeito à construção de orações encaixadas, Rita apresenta um desempenho muito inferior à produção de orações V-2. Como a maioria das falantes analisadas, Rita produz poucas orações encaixadas (apenas 5% = 10 ocorrências), apresentando dificuldades na expressão de realidades complexas. Das 10 orações construídas com complementador, apenas 3 seguem a imposição V-final [exemplos (62a-c)], enquanto que em 7 casos o verbo é agramaticalmente movido para uma posição a seguir ao verbo [exemplos (63a-c)]:

- (62) a. wenn man krank **war**  
 quando se doente **estava**
- b. dass sie Hunger **willen**,<sup>43</sup>  
 que eles fome **querem**
- c. wenn ich mit sie reden **muss**, (muss ich Deutsch reden)  
 quando eu com ela falar **tenho**, (tenho eu alemão falar)
- (63) a. \*dass sie die andere Leute **geben** so en bitten Geld  
 que eles às outras pessoas **dão** um bocado de dinheiro
- b. \*damit sie **kann** essen.  
 para ela **poder** comer.
- c. der geht \*wo **ist** Auto.  
 ele vai onde **está** carro.

### Outros fenómenos sintácticos

Como apresenta menos dificuldades lexicais, o discurso de Rita é mais corrido que o das outras falantes. Ela produz mais frases em alemão, que estão mais encadeadas e com menos pausas entre si. Este maior encadeamento discursivo leva também a um aumento de outros fenómenos sintácticos, menos visíveis nos registos das outras falantes com

<sup>43</sup> Além da conjugação errada do verbo *wollen*, a falante faz uma selecção lexical errada, querendo dizer *dass sie Essen wollen* (que eles querem comida).

regresso precoce, e com mais expressão nos registos dos falantes com regresso mais tardio (grupo 2): os fenómenos de omissão sintáctica e os processos de pseudo-*scrambling*, discutidos nos capítulos seguintes.

Em 10 % das orações construídas, Rita omite agramaticalmente o sujeito (64a) ou o objecto directo (64b):

(64) a. jetzt hat sie rose, rose Kleidung, und **da war. blau weiß und, rot.**  
*agora tem ela rosa roupa e lá era. azul branco e, vermelho.*

b. in die Strände habe ich schon das gesehen. hier aber **in Deutschland habe ich**  
*na praia Vaux<sub>fin</sub> eu já isso ver[V<sub>part</sub>]. aqui mas na Alemanha Vaux<sub>fin</sub> eu*  
**nicht gesehen**, es war reinig/ alles rein.  
*não ver[V<sub>part</sub>], (er tudo limpo).*

Como demonstrado em (64b), são de observar sequências de meio-campo pragmaticamente inadequadas. Na oração “in die Strände habe ich schon das gesehen“, o objecto directo „das“ refere a uma entidade já mencionada no contexto discursivo, apresentando por isso a função discursiva de tópico. Este condicionamento pragmático obrigaria o objecto a mover-se da sua posição-base dentro do sintagma verbal para uma posição à sua esquerda, o que não sucede na oração construída pela falante. (cf. 6.2.)

Rita constrói também muitas orações em que a ordem sujeito-verbo é alterada sem que se verifique os condicionamentos pragmático-sintácticos necessários à sua ocorrência:

(65) a. ich glaub **haben sie**, empurrou/ geschieb/  
*eu penso Vaux<sub>fin</sub> eles empurrar[V<sub>part</sub>]*

Rita apresenta ainda dificuldades de posicionamento e selecção da partícula de negação (65b) e transposições de estruturas sintácticas portuguesas sem equivalente directo no alemão [por exemplo as formas perifrásticas, (65c)], fenómenos recorrentes nos registos do G3:

b. die haben **nicht/ nicht ein** Hause.  
gramatical: Die haben **kein** Haus.

c. diese Kind ist spielen mit Opa.  
gramatical: Dieses Kind **spielt gerade** mit dem Opa.

Além disso, e à semelhança do que foi discutido nos registos de Eunice, no *corpus* de Rita é possível observar variação na realização das formas verbais com partícula separável. Embora a falante domine a regra sintáctica que impõe a manutenção da partícula em posição final de oração, quando a forma verbal finita se move para V-2 [o

que se verifica nos exemplos (66a-b)], os seus registos também contêm exemplos em que a partícula é agramaticalmente movida em conjunto com o verbo [exemplos (67a-b)].

- (66) a. jetzt **sieht** sie schöner **aus**, aber anderes.  
 agora **parece** ela mais bonita **partícula**, mas diferente.  
 (Agora ela parece mais bonita, mas diferente.)
- b. oh sie **gehn weg**,  
 ó eles **vão partícula**,  
 (Ó, eles saem.)
- (67) a. \*sie räumt/ **aufräumt** die Haus.  
 ela arruma/ **partícula+arruma** a casa.
- b. \*sie **ausseht** wie, die eh. (4seg) *como uma joaninha*  
 ela **partícula+parece** como, eh *como uma joaninha*

#### *Outros fenómenos*

Embora quantitativamente em grau inferior, nos domínios morfológico e lexical, Rita apresenta deficiências linguísticas semelhantes às das falantes que regressaram a Portugal com idade idêntica à sua. As dificuldades lexicais são geralmente compensadas recorrendo ao português. No domínio da morfologia verbal, são observadas deficiências na conjugação das formas verbais irregulares, na formação do *Perfekt* e na utilização das formas temporais, verificando-se também aqui frequentemente a utilização do Presente em vez de uma forma do Passado (o *Perfekt* ou *Imperfekt*). No domínio da morfologia nominal, em semelhança ao que foi analisado nos restantes *corpora*, repetem-se os erros de declinação e de escolha de género. Também nos registos de Rita a utilização adequada das preposições é um domínio bastante afectado por erosão linguística. Além disso, são também recorrentes as transferências de expressões fixas do português [como no exemplo (68k) onde a expressão *x Jahre alt werden* é substituída pela expressão portuguesa ‘fazer x anos’, transferida para o alemão (“x Jahre machen”)].

Exemplos:

- (68) a. der Mann ist eh **von den/ no jardim**  
correcto: der Mann ist **im Garten**
- b. dann vielleicht die haben mir **gesagen**  
correcto: die haben mir **gesagt**
- c. er **hat gestorbt, gestorbt**  
correcto: er **ist gestorben**

- d. ja der **geht** eh da aber. [...]. und dann **gehen** die da  
correcto: utilização do *Perfekt* ou *Imperfekt* [**ist ... gegangen / ging**]
- e. **die** Gesicht von dem Mann  
correcto: **das** Gesicht
- f. aber. die Freundin von **er** ist auch deutsch  
correcto: die Freundin von **ihm / seine** Freundin
- g. **der Lieb von sie** ist tot nee.  
correcto: **ihr Liebling / der Liebling von ihr**
- h. sie schenkt **sie/ auf die, die** Mädchen  
correcto: sie schenkt sie **dem** Mädchen
- i. haben sie **zu dem** Mann gegeben  
correcto: haben sie **dem** Mann gegeben
- j. er **geht** morgen. **für** Deutschland  
correcto: er **fährt** morgen **nach** Deutschland
- k. achtzehn Jahre **macht** er jetzt.  
correcto: achtzehn Jahre **alt wird** er jetzt

#### *Dados suplementares*

No caso de Rita foi possível comparar a sua actual proficiência linguística com o desempenho demonstrado no terceiro ano de escolaridade, uma vez que a sua mãe nos facultou os seus cadernos da disciplina de Alemão do terceiro ano. Apesar de estarmos a lidar com meios de produção linguística diferentes – por um lado, textos escritos e, por outro lado, interacção oral – os textos livres produzidos por Rita na disciplina de Alemão quando tinha oito anos comprovam um domínio sintáctico perfeito, já que em nenhum dos textos analisados se verificam erros gramaticais dos tipos discutidos nos actuais registos orais. Também a nível morfológico, Rita apresentava um domínio muito elevado, não comentando os erros de índole morfológica que agora apresenta.

#### *Em suma:*

Rita regressou a Portugal em idade idêntica à das falantes anteriormente analisadas, no entanto, é mais nova que as outras informantes e vive em Portugal há apenas três anos. Esta diferença espelha-se no tipo de discurso que produz, uma vez que constrói frases mais compridas e mais encadeadas e apresenta menos dificuldades lexicais. Porém, embora quantitativamente menos expressivos, os tipos de fenómenos observados no seu *corpus* são idênticos aos das outras falantes. A aplicação correcta do parâmetro V-2 ocorre paralelamente a construções em que o parâmetro é violado. As deficiências na construção de orações encaixadas, bastante expressivas nos registos das

outras falantes, também são detectadas no *corpus* de Rita. As dificuldades na realização de V-final também se expressam no número equivalente de formas verbais descontínuas correcta e incorrectamente realizadas. Além disso, Rita apresenta o mesmo tipo de dificuldades no âmbito da morfologia verbal e nominal. Os registos escritos produzidos antes do retorno são testemunho de um domínio sintáctico e morfológico muito elevado nessa altura e demonstram que as falhas agora observadas são consequência do corte de contacto com o alemão.

#### 4.2.1.7. Iolanda

A situação de Iolanda é muito semelhante à de Rita. Tal como Rita, Iolanda tem onze anos de idade, vivendo em Portugal há dois anos, isto é, menos um ano que Rita. Também Iolanda nasceu na Alemanha. Por ser filha de uma emigrante de segunda geração, no caso de Iolanda, o primeiro contacto com a língua alemã deu-se logo depois da nascença. Além disso, o alemão sempre foi uma língua falada em casa (com a mãe e a irmã), característica que a distingue das restantes falantes.

Iolanda também se distingue um pouco das falantes até então analisadas no que se refere ao contacto com o alemão após o regresso, já que a sua mãe continua a dirigir-se a ela em alemão, embora não tão regularmente como acontecia durante a emigração. Com a irmã mais nova deixou de falar alemão (por rejeição da irmã), mas continua a consumir programas televisivos alemães.

O *corpus* de Iolanda é constituído por aproximadamente 50 minutos de gravação, durante as quais produz 181 orações em língua alemã. Não contabilizando as orações sem sujeito, obtém-se a seguinte distribuição:

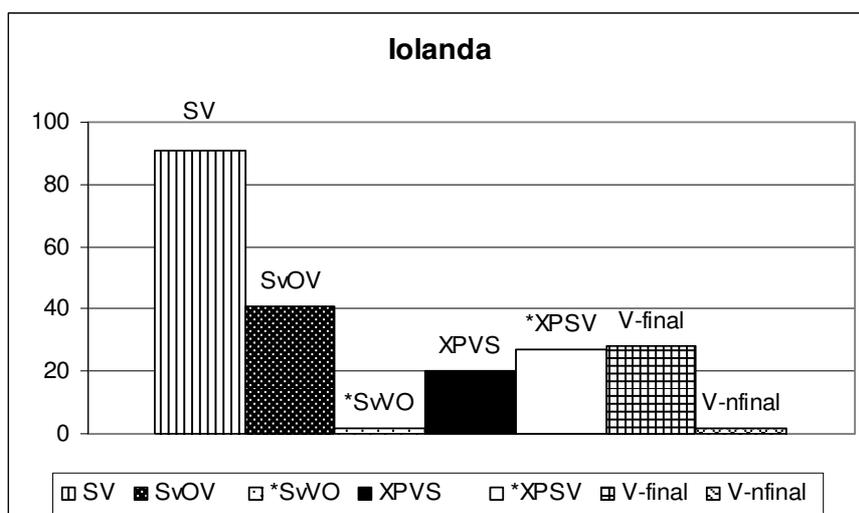


Gráfico 21: Iolanda - Realização da posição verbal (em nº)

A par de Rita e Sílvia, Iolanda é das falantes que tem mais facilidades em se expressar em alemão, o que se espelha no número de contextos sintáticos construídos. Assim, além das 91 orações que seguem a ordem SV, Iolanda ainda produz 47 contextos que exigem a sequência VS e 30 orações encaixadas.

### *Orações-raiz*

Os contextos que exigem VS são aqueles em que a falante apresenta o maior número de desvios sintáticos. Em 28 frases que não se iniciam por sujeito não se verifica a inversão verbo-sujeito, originando sequências agramaticais do tipo \*XPSV:

- (69) a. \*in Deutschland das schneit (und hier in Portugal nicht)  
*na Alemanha EXPL neva (e aqui em Portugal não)*  
*(Na Alemanha neva e aqui em Portugal não.)*
- b. \*in Weihnachten wir gehen immer hier in Portugal, in meine Familie.  
*no Natal nós vamos sempre aqui em Portugal à minha família*  
*(Aqui em Portugal, no Natal, vamos sempre à minha família.)*
- c. \*mit ein zwei Jahre die können nicht in den Kindergarten gehen  
*com um dois anos eles podem NEG para o infantário ir*  
*(Com um ou dois anos não podem ir para o infantário.)*
- d. \*mit dem Bus die, die müssen mehr. Geld geben.  
*com o autocarro eles têm mais dinheiro dar*  
*(De autocarro têm de pagar mais.)*
- e. \*dann die machen Müll  
*depois eles fazem lixo*
- f. \*wenn ich Geburtstag machen er gibt mir immer was.  
*quando eu anos faço ele dá-me sempre algo*  
*(Quando faço anos ele dá-me sempre alguma coisa.)*
- g. \*nachher manchmal ich sage/  
*depois às vezes eu digo*

No entanto, tal como no caso de todas as outras falantes deste grupo analisadas, Iolanda demonstra dominar a regra V-2, aplicando-a correctamente em 20 casos:

- (70) a. dann habe ich in Krankenhaus gegehen  
*depois Vaux<sub>fin</sub> eu para o hospital ir[V<sub>part</sub>]*  
*Depois eu fui para o hospital.*
- b. hier in Portugal sagt man's fast nie  
*aqui em Portugal diz-se iss o quase nunca*  
*(Aqui em Portugal quase nunca se diz isso.)*
- c. manchmal rede ich auch Deutsch.  
*às vezes falo eu também alemão.*  
*(Às vezes também falo alemão.)*

- d. jetzt schreibe ich nicht mehr für ihn  
*agora escrevo eu NEG mais para ele*  
*(Agora já não lhe escrevo mais.)*
- e. wenn ich jetzt mit sechs Jahre in die Schule gehe musste, muss ich die vierte  
*se eu agora com seis anos para a escola ir tenho, tenho eu a quarta*  
 Klasse machen  
*classe fazer*
- f. sonst hab ich noch nie gesehen, nur in die Stadt  
*senão Vaux<sub>fin</sub> eu nunca ver[V<sub>part</sub>] só na cidade*

Os exemplos transcritos confirmam a falta de correlação entre o elemento que introduz a frase e a sequência VS/\*SV, tal como havia sido observado nas outras falantes. Assim, verificamos a ocorrência, tanto de sequências V-2, como de sequências agramaticais \*V-3 após expressões adverbiais de variada natureza (lugar, tempo, frequência, meio) e de orações encaixadas.

#### *Orações encaixadas e formas verbais complexas*

No domínio de realização do parâmetro OV, Iolanda apresenta níveis de proficiência que contrastam visivelmente com os níveis observados na aplicação do parâmetro V-2. Apenas em 2 orações encaixadas o verbo finito sai da sua posição-base no final da oração, originando sequências agramaticais (contra 28 gramaticais; 7%). Note-se que em ambos os casos estas são orações completivas introduzidas por *dass* e *que*, na frase (71b), apesar de V<sub>fin</sub> se mover agramaticalmente para IP, a forma não finita permanece em posição final, o que evidencia uma falha de processamento na construção da oração encaixada mas a aplicação correcta de V-final:

- (71) a. und sagen \*dass die die **willen** immer Geld und nie/  
*e dizem que eles **querem** sempre dinheiro*
- b. ich glaube \*dass. ah die **haben** mir auch was gemacht  
*eu penso que eles Vaux<sub>fin</sub> me também algo fazer [V<sub>part</sub>]*

Em 5% das formas verbais complexas produzidas (2 \*SvVO contra 41 SvOV), o verbo não finito move-se juntamente com o finito para IP:

- c. \***hab gemacht** die die dritte Klasse und die vierte Klasse.  
**Vaux<sub>fin</sub> fazer[V<sub>part</sub>]** o terceiro e o quarto ano  
*(Fiz aqui o terceiro e o quarto ano.)*
- d. \*wir **haben geschrieben** in Deutsch  
*nós Vaux<sub>fin</sub> escrever[V<sub>part</sub>] em alemão*

Na grande maioria dos contextos (93-95%), V-final é correctamente aplicado. É de destacar que este alto grau de proficiência sintáctica contrasta claramente com as falhas lexicais e morfológicas que a falante evidencia. Apesar de apresentar um menor período de estada em Portugal, Iolanda apresenta processos de erosão morfológica muito idênticos aos observados nos restantes *corpora*: escolha errada do verbo auxiliar para formação do *Perfekt* e formação agramatical do participípio; selecção lexical errada; falhas na conjugação nominal de género/número/caso; falhas na conjugação verbal em número/pessoa e tempo; perda do processo morfológico de composição e redução do sistema preposicional:

- (72) a. dann **hat** vielen Menschen, vielen Menschen **da** **gegehen**  
gramatical: dann **sind** viele Menschen **dahin** **gegangen**.
- b. dann hat **die** Mädchen eine **Strauss von Blumen** **gegeht**  
gramatical: dann hat [er] **dem** Mädchen einen **Blumenstraus** gegeben.
- c. sie hat uns **viel** **gemagt**,  
gramatical: sie hat uns **sehr** **gemocht**.
- d. sie **mögt** diese Mädchen **heiraten**  
gramatical: sie **wollten** dieses Mädchen **heiraten**
- e. dann, **hab** ich **in** den Schoß von mein Vater. **runtergefallen**  
gramatical: dann **bin** ich **vom** Schoß meines Vaters **runtergefallen**.
- f. wenn ich Geburtstag **machen**.  
gramatical: wenn ich Geburtstag **habe**.
- g. dass ich schon diese. **den** Haus **gesehen** [habe]  
correcto: dass ich dieses/ **das** Haus schon **gesehen** habe.

### *Exercício sintáctico*

O exercício de produção sintáctica espelha o desempenho evidenciado na produção oral e fornece indicações importantes para a interpretação dos dados recolhidos.

### Exercício V-2:

No exercício II (V-2), Iolanda começa por construir orações agramaticais \*V-3:

(73) Frases do exercício sintáctico II:

- a. *frase II.1.*: \*In der Schweiz die Kinder **gehen** in den Kindergarten sehr früh.
- b. *frase II.2.*: \*In Portugal die Kinder **wollen** immer Fernseh gucken.

No entanto, logo na segunda frase proporciona também a possibilidade da inversão, considerando-a igualmente válida:

c. *frase II.2, segunda possibilidade*: In Portugal **wollen** die Kinder immer Fernseh gucken.

Tendo-se apercebido da gramaticalidade desta segunda possibilidade, a partir da terceira frase apenas constrói orações correctas V-2:

d. *frase II.3*: Hier **gehen** wir oft zu meinen Großeltern.

e. *frase II.4*: Dort **sind** sie nie ins Kino gegangen.

f. *frase II.5*: Mit 10 Jahren **kam** ich nach Portugal mit meiner Familie.

O mesmo sucede nos outros dois exercícios. A falante começa por construir sequências agramaticais mas, questionada se existem outras possibilidades, apercebe-se da ordem gramatical, passando a construí-la nas restantes frases:

#### Exercício V-final:

(74) Frases do exercício sintáctico I:

a. *frase I.1*: \*Ich hoffe, dass Portugal **wird** das Spiel gewinnen.<sup>44</sup>

b. *frase I.2*: \*Ich glaube, dass morgen wir **gehen** nach Hause.

c. *frase I.3*: Maria sagt, dass alle Kinder Schokolade **mögen**.

#### Exercício livre:

(75) Frases do exercício sintáctico III:

a. *frase III.1*: Gestern **musste** ich leider länger in der Arbeit bleiben.

b. *frase III.2*: \*Bestimmt das Kind **ist** jetzt glücklich.

c. *frase III.3, primeira possibilidade*: \*In Portugal in Zukunft die Menschen **essen** öfter bei McDonalds.

*frase III.3, segunda possibilidade*: In Portugal **essen** in Zukunft die Menschen öfter bei McDonalds.

d. *frase III.4*: Zum Glück ist in Portugal das Wetter gut.

---

<sup>44</sup> Note-se que, apesar de não seguir as imposições sintácticas de orações encaixadas, a falante constrói formas verbais descontínuas, com V<sub>part</sub> no final de frase.

### *Outros fenómenos sintácticos*

Nos registos de Iolanda ocorrem os fenómenos sintácticos já referenciados nas discussões das outras falantes e que serão discutidos mais pormenorizadamente nos seguintes capítulos: omissões agramaticais do sujeito e do objecto directo e processos de adjunção não permitidos no alemão.

Exemplo de ‘omissão de sujeito’:

- (76) a. ja, ich glaube ist nur in Porto  
*sim eu penso é só no Porto*

Iolanda apresenta ainda um fenómeno sintáctico já referenciado na discussão dos dados de Helena: a alteração da ordem ‘adjectivo + nome’ dentro do DP. Embora a sua ocorrência não seja significativa (apenas 3 casos), também Iolanda constrói sintagmas determinantes nos quais o adjectivo segue o nome, ordem não permitida no alemão:

- (77) a. (sie hat uns viel gemagt, gemögt.) und diese Jahre war \*eine **Lehrerin alte**.  
*(Ela gostava muito de nós) e este ano era uma professora velha.*

- b. und ich glaube das ist eine **Familie groß** und. ja \*eine **Familie groß**.  
*e eu acho esta é uma família grande e sim uma família grande.*

- c. weil diese Schule hat \***Kinder nicht so gut**.  
*porque esta escola tem crianças não muito boas.*

Nas restantes 3 ocorrências em que Iolanda modifica o nome com um adjectivo, constrói a ordem correcta ‘adjectivo-nome’:

- c. (aber ich bin in die Schule gekommen,) habe<sup>45</sup> eine **gute Lehrerin**.  
*(mas eu entrei na escola) tenho uma boa professora*

- d. ich mögt viel die **deutsche Sprache**  
*eu gosto muito a alemã língua*

- e. weil der hat. (10seg) **weiße Haare**  
*porque ele tem brancos cabelos*

### *Dados suplementares*

Tal como no caso de Rita, foi possível analisar textos escritos de Iolanda da altura em que frequentava o segundo ano da escola alemã.<sup>46</sup> Nestes textos – de produção livre – é possível verificar um domínio sintáctico (e morfológico) perfeito da falante. Em nenhum dos 18 textos analisados são cometidos erros do tipo \*XPSV ou \*V-nfinal, o

<sup>45</sup> Este exemplo evidencia um processo de redução morfológica também muito frequente no *corpus* de Rita: a tendência para substituir formas temporais que expressam o Passado pelo Presente do Indicativo. A falante pretende dizer *ich hatte eine gute Lehrerin* (‘eu tive uma boa professora’).

<sup>46</sup> A mãe de Iolanda facultou-nos os seus cadernos da disciplina de ‘Escrever’ da segunda classe, os quais reúnem textos de produção livre (tipo diário) produzidos ao longo de todo o ano lectivo. No Anexo V é apresentada uma página destes cadernos.

que vem corroborar a pressuposição de que os informantes dos grupos sob investigação possuíam o domínio sintático de um falante nativo antes da sua mudança para Portugal.

*Em suma:*

Resumindo os dados de Iolanda, verificamos que, apesar de apresentar o menor tempo de estada em Portugal (dois anos) e ter crescido num ambiente de *input* alemão mais intensivo que as outras informantes, a falante apresenta o mesmo tipo de desvios \*V-3. No entanto, também Iolanda demonstra dominar a regra V-2, já que as sequências \*XPSV co-ocorrem com sequências gramaticais do tipo XPVS. No caso de Iolanda, é de observar uma maior diferença entre os parâmetros V-2 e V-final, pois os erros gramaticais cingem-se quase exclusivamente ao primeiro domínio. V-final é correctamente aplicado em cerca de 95% das orações encaixadas e das formas verbais complexas. O exercício sintático vem sublinhar a oscilação entre sequências gramaticais e agramaticais, demonstrando, no entanto, que, uma vez ciente da ordem correcta, Iolanda aplica-a de forma consequente.

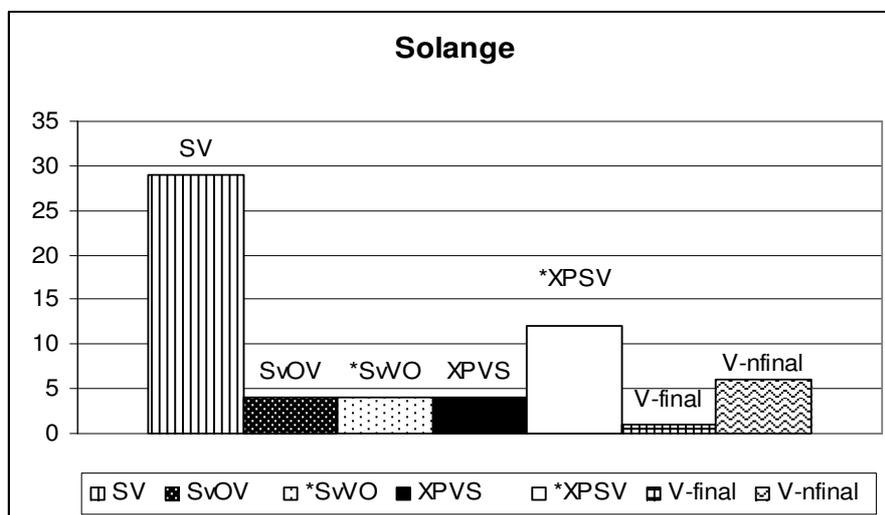
Finalmente, a comparação com textos escritos produzidos antes da vinda para Portugal confirma que os processos de variação sintáctica agora observados derivam da falta de *input* frequente da segunda língua.

#### **4.2.1.8. Solange**

O caso de Solange é particularmente interessante, uma vez que apresenta a idade de regresso mais baixa de todas as falantes do G3. A participante nasceu na Alemanha, tendo adquirido o alemão e o português de forma simultânea, já que a mãe é emigrante de segunda geração e sempre falou alemão com ela (e com a sua irmã Iolanda, cf. 4.2.1.7). Na Alemanha, frequentou o infantário mas não chegou a ingressar no sistema educativo alemão, tendo vindo para Portugal aos cinco anos de idade. No momento da entrevista, Solange tem sete anos e acaba de concluir o primeiro ano de escolaridade do sistema português. Apesar de a mãe ainda usar o alemão como uma das línguas de comunicação (embora com menos frequência que antes do regresso) e Solange ver muita televisão alemã, o português tornou-se claramente a sua língua dominante, recusando-se a responder em alemão à irmã mais velha e à mãe. Devido a estas condicionantes tornou-se extremamente difícil criar situações de comunicação em alemão, no entanto, após alguma insistência e dois encontros sucessivos, foi possível

recolher um total de 36 minutos de gravação em alemão no primeiro encontro e 19 minutos no segundo.

No total, Solange constrói 68 orações em alemão, das quais 60 permitem uma classificação segundo a posição do verbo e do sujeito (em 8 o sujeito é omitido), cuja distribuição se representa no gráfico 22:



**Gráfico 22:** Solange - Realização da posição verbal (em nº)

### *Orações-raiz*

Solange constrói 53 orações-raiz, das quais 29 são do tipo SV com forma verbal simples. Em 16 casos, a oração não se inicia por sujeito, permitindo observar a aplicação da regra V-2. Tal como nos registos das restantes falantes verificamos, nestes casos, a ocorrência mútua de aplicações correctas e incorrectas desta regra. Com um total de 12 ocorrências sobressaem, porém, as sequências \*XPSV, tal como exemplificado em (78):

- (78) a. \*und dann die Katze springen  
*e depois o gato salta*
- b. \*danach die Vogel fliegt  
*a seguir o pássaro voa*
- c. \*hier die Katze und die Vogel sind in Baum.  
*aqui o gato e o pássaro estão em árvore.*
- d. \*am Ende die Carochinha weintest.  
*no final a Carochinha chorava.*

Todos os elementos que ocupam a primeira posição das 16 orações V-2 que não se iniciam por sujeito são expressões adverbiais de tempo ou espaço, o que se deve ao facto de a falante estar a narrar histórias. Neste sentido, os sintagmas adverbiais que

surgem nas orações \*XPSV são os mesmos que aparecem nas 4 orações em que a regra V-2 é correctamente aplicada, não se verificando qualquer correlação entre o elemento inicial e a aplicação de V-2 (o que já se verificara nos outros casos discutidos).

Exemplos:

(79) a. hier ist ein Vogel und/  
*aqui está um pássaro*

b. dann geht sie an Fenster.  
*depois vai ela a janela*

c. und dann kommt die Schwein  
*e depois vem o porco*

### *Formas verbais complexas*

Na construção das formas verbais complexas verifica-se o equilíbrio também patente nos registos de outras falantes do G3. É de realçar o facto de Solange mostrar grandes dificuldades na activação do seu vocabulário, o que lhe dificulta a construção de orações completas. No entanto, quando ajudada a seleccionar as palavras de que necessita, consegue activar correctamente o seu sistema gramatical alemão, o que é comprovado na construção de formas verbais descontínuas, em que o verbo finito é movido para V-2 e a forma infinita se mantém em posição final de frase (4 ocorrência).

Exemplos:

(80) a. ich **kann nicht sagen**.  
*eu sei NEG dizer*  
*(Não sei dizer.)*

b. die Maus **hat** von die Suppe **gefallen**.  
*o rato Vaux<sub>fin</sub> da sopa cair[V<sub>part</sub>]*  
*(O rato caiu na sopa.)*

c. die **wollt** die Suppe **probieren**.  
*ela queria a sopa provar.*  
*(Ela queria provar a sopa.)*

Porém, a construção agramatical \*SvVO ocorre em mesmo número (4 vezes) que a gramatical SvOV. Exemplos:

(81) a. \*die Katze **will cacen. fangen** die Vogel.  
*o gato quer caçar o pássaro.*

b. \*wir/ wir/ wir **müssen rufen** die Feuerwehr.  
*nós temos chamar os bombeiros.*

c. die Katze **will fressen** die Vogel  
*o gato quer comer o pássaro*

- d. die **wollt heiraten** von den. die Maus.  
*ela quer casar com o rato.*

### *Orações encaixadas*

O facto de encontrarmos nos registos de Solange construções verbais descontínuas, em que a forma verbal não finita permanece na sua posição-base, demonstra que a falante não perdeu esta imposição sintáctica do alemão. Todavia, na construção de orações encaixadas, demonstra muito mais dificuldades em manter  $V_{inf}$  no final da frase, o que parece dever-se muito mais a dificuldades na produção de construções sintácticas dependentes do que a falhas de retenção de V-final. A falante evita este tipo de construções e só as produz quando impulsionada pela entrevistadora (7 ocorrências). Além disso, evidencia dificuldades na selecção lexical das conjunções subordinativas, mostrando a tendência em utilizar a preposição *von* em vez de uma conjunção, como é exemplificado nos exemplos (82 a/b). Nestes, *von* é utilizado com significado causal, substituindo a preposição *weil* (“porque”):

- (82) a. sie will nicht und die Schwein ist traurig \*von sie **will** nicht heiraten.  
*?porque? ela **quer** NEG casar.*  
*(Ela não quer e o porco fica triste porque ela não quer casar.)*

- b. Solange: die Katze ist traurig  
*(O gato está triste.)*

Entrevistadora: genau und warum ist sie traurig[?] was meinst du[?]  
*(Pois é e porque é que está triste? O que achas?)*

- S: von die Katze nicht runter. nicht wieder runter **gehen**.  
*?porque? o gato NEG para baixo. NEG novamente para baixo ir.*

Nas orações encaixadas em que a falante utiliza, de facto conjunções subordinativas fá-lo apenas quando a entrevistadora lhe indica a conjunção correcta, tal como exemplificado em (83a/b):

- (83) a. Entrevistadora: kannst du sagen: ich finde dass.  
*(Podes dizer: eu acho que.)*  
 Solange: ich finde \*dass sie **sind** in Deutschland.  
*eu acho que eles estão na Alemanha*

- b. Entrevistadora: was guckt sie[?]  
*(O que é que ela está a ver?)*

Solange: die guckt von eine Sockel/  
*ela vê ?de? uma meia*

Entrevistadora: die guckt ob  
*(Ela vê se)*

Solange: \*ob die Socke **ist** nass.  
*se a meia está molhada.*

É de realçar que as construções agramaticais \*V-nfinal predominam claramente sobre as gramaticais V-final (7 contra 1 ocorrências).

### *Outros fenómenos*

No caso de Solange são de destacar as dificuldades demonstradas na activação da língua alemã. Muitas das questões colocadas pela entrevistadora ficam sem resposta, não pelo facto de a falante não as entender mas por não ser capaz de responder em alemão. Além disso, são raros os casos em que Solange constrói frases alemãs sem ajuda externa, isto é, sem que lhe sejam fornecidas as palavras em alemão. As falhas no acesso ao vocabulário afectam tanto os nomes como os verbos, mesmo os mais comuns como *weinen* (chorar), *singen* (cantar), *fliegen* (voar) ou *fangen* (apanhar) e *Vogel* (pássaro), *Blumen* (flores) ou *Geld* (dinheiro).

No campo da morfologia verbal confirma-se a tendência - por exemplo discutida nos registos de Irene - de não conjugar os verbos e utilizar o infinitivo:

- (84) a. und die Katze **weinen**  
gramatical: und die Katze **weint**.
- b. und dann die Katze **springen**  
gramatical: und dann **springt** die Katze

Destaca-se também uma clara redução do sistema preposicional ao uso quase exclusivo da preposição *von*:

- (85) a. dann die Vogel fliegt und die Katze springt **von** die Baum.  
gramatical: die Katze springt **auf** den Baum.<sup>47</sup>
- b. Solange: und dann. die. Frau.  
(*E depois a mulher*)  
Entrevistadora: wohin geht sie[?]  
(*Para onde é que ela vai?*)  
Solange: **von** Fenster. geht **von** Fenster  
gramatical: **ans** Fenster
- c. die Maus hat **von** die Suppe gefallen.  
gramatical: **in** die Suppe

No domínio da morfologia nominal, Solange raramente acerta no género certo das palavras e mostra ter perdido o domínio do sistema de casos:

- (86) a. die Katze will cacen. fangen **die** Vogel.  
correcto: **den**

---

<sup>47</sup> A utilização de *von* estaria correcta se a falante quisesse dizer que o gato salta **da** árvore, no entanto, nesta situação pretende dizer o contrário: o gato salta **para** a árvore.

b. springt von die Baum.  
correcto: **dem**

c. bringt das Blume.  
correcto: **die** Blume

d. und dann kommt die Schwein  
correcto: **das**

*Em suma:*

No caso de Solange são de destacar as grandes dificuldades evidenciadas na activação da língua alemã em geral. Apesar de viver em Portugal há apenas dois anos e continuar a ter *input* do alemão (através da mãe e da televisão), a falante mostra grandes problemas em lembrar-se do léxico alemão. No entanto, quando consegue activar o vocabulário, a falante também consegue activar o seu sistema gramatical e construir sequências sintácticas correctas. Como nos outros casos discutidos, estas co-ocorrem, no entanto, com a produção de formas agramaticais.

#### **4.2.1.9. Comparação de resultados: Grupo 3**

As oito falantes estudadas neste capítulo têm em comum o facto de terem adquirido o alemão como segundo língua até aos dois/três anos de idade e de terem perdido o contacto com a L2 ainda durante a infância. A idade de regresso a Portugal varia entre os cinco e os dez anos. Também se verifica alguma variação no tipo de contacto mantido com o alemão e no período de estada em Portugal após o regresso. Estas diferenças expressam-se sobretudo no tipo de discurso e na quantidade de orações produzidas pelas falantes, submetidas ao mesmo tipo de exercícios orais. Assim, Rita, Iolanda e Sílvia são as falantes que conseguem manter um discurso mais coeso e mais constante em alemão, produzindo por volta de 200 orações em língua alemã. No caso de Rita e Iolanda, esta maior facilidade em expressar-se está relacionada com um menor tempo de estada em Portugal, enquanto que Sílvia readquiriu o contacto com o alemão quando ingressou no Ensino Superior. Irene - cujo regresso se deu aos dez anos de idade, há oito anos - apresenta mais interrupções e mudanças de idioma, realizando cerca de 120 orações contabilizáveis. Número semelhante de orações produzidas é apresentado por Sofia (durante os primeiros dois encontros) – que, tendo vinte anos de idade, veio para Portugal com nove. Eunice e Helena são as falantes que apresentam mais dificuldades na produção de discurso oral em língua alemã, uma vez que a falta de

vocabulário complica a construção de orações em alemão. No total, Eunice consegue construir apenas 61 e Helena 49 orações contabilizáveis. Ambas as falantes regressaram a Portugal com apenas sete anos de idade, tendo perdido por completo o contacto activo com a língua alemã. Helena, a falante com maiores dificuldades na produção de orações alemãs, é aquela que apresenta o mais longo período de ausência de contacto com a L2 (17 anos).

Resta destacar o caso de Solange que apresenta os mesmos factores condicionantes que a sua irmã mais velha Iolanda – um tempo de estada em Portugal de dois anos e um *input* reduzido da L2 – mas revela muito mais dificuldades em expressar-se em alemão. O único factor que distingue as duas irmãs é a idade de regresso a Portugal: Solange veio com cinco anos, não tendo frequentado a escola alemã, enquanto que Iolanda veio com nove anos de idade, após concluir o segundo ano de escolaridade alemã.

Portanto, no caso deste grupo, é de verificar uma certa correspondência entre os factores idade de regresso/tipo de contacto/período de ausência de contacto e o tipo de discurso produzido. Quanto mais precoce o regresso a Portugal, mais dificuldades são observadas na produção de discurso oral em alemão.

No entanto, estas diferenças na quantidade de orações produzidas nada dizem acerca do tipo de frases realizadas. Comparando os números acima apresentados em termos percentuais, observa-se o seguinte:

#### Contextos VS

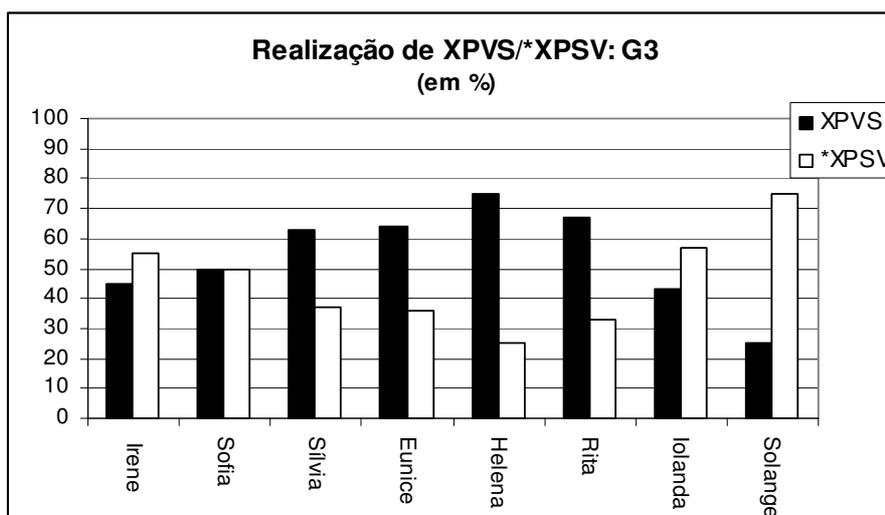


Gráfico 23: Grupo 3 – Realização da ordem XPVS / \*XPSV (em %)

A comparação percentual dos dados demonstra alguma variação na realização de sequências XPVS / \*XPSV entre as falantes do grupo 3. Solange, Iolanda e Irene

produzem mais sequências agramaticais do tipo \*XPSV do que gramaticais. No caso de Sofia, os valores são idênticos (50%), enquanto que Sílvia, Eunice, Helena e Rita produzem mais vezes a ordem invertida que a ordem agramatical não invertida.

Se relacionarmos estes valores com os factores que caracterizam as falantes, verificamos que esta variação tende a ser arbitrária, não dependendo directamente do tempo de estada em Portugal ou da idade de regresso.

Assim, Irene e Iolanda apresentam valores muito semelhantes de realização XPVS / \*XPSV, com o predomínio da ordem agramatical (55% - 57%), enquanto Iolanda apresenta um tempo de estada em Portugal muito mais reduzido que Irene (2 contra 7 anos) e um nível de *input* mais regular. Já Rita, cuja situação se assemelha mais à de Iolanda, apresenta valores de realização gramatical (XPVS) muito mais elevados que Iolanda (67% contra 43%).

Nestes casos é de realçar que as falantes não evitam este tipo de contexto sintáctico mais exigente, ao contrário do que pressupõem alguns autores. Schlyter (1993), por exemplo, associa o menor número de ocorrência de contextos VS nas suas crianças franco-suecas como estratégia de evitar um contexto sintacticamente mais complexo e interpreta-o como indício de uma competência mais débil (língua mais fraca). Contudo, em vez de estar relacionado com a sua competência, a realização de contextos sintacticamente mais complexos parece dever-se mais a estratégias de produção das diferentes falantes. Irene e Iolanda produzem bastantes contextos VS, correndo assim o risco de cometer erros na sua realização.

Quanto às falantes com regresso mais precoce (Helena e Eunice), é de realçar que a percentagem de construção de contextos VS é semelhante ao de Rita e Sílvia. Apesar das dificuldades na produção do alemão, também estas falantes não evitam este tipo de contexto mais exigente. É interessante notar que a percentagem de ocorrência de sequências agramaticais \*XPSV é muito inferior à de Sofia, Irene e Iolanda, situando-se nos 25% - 36%. Naturalmente, o número de orações construídas é díspar nos dois grupos de falantes: Sofia constrói 28 contextos VS, Irene 51 e Iolanda 47, enquanto que o número de ocorrências de \*XPSV e XPVS é de 4 contra 7 em Eunice e apenas 3 contra 9 em Helena. Ou seja, a menor percentagem de realizações erradas em Helena e Eunice também se deve ao facto de, no total, construírem menos orações em alemão. Realça-se, porém, o facto de a falantes, nas poucas orações V-2 iniciadas por sintagma não-sujeito, realizarem maioritariamente a sequência gramatical VS (Helena: 75% ; Eunice: 64% dos contextos).

Já Solange é a falante que apresenta o valor de desvio a V-2 mais alto: 75%. Como é a falante que veio para Portugal em fase mais precoce (aos cinco anos de idade), no seu caso o factor idade parece exercer alguma influência sobre o desempenho na realização dos contextos VS.

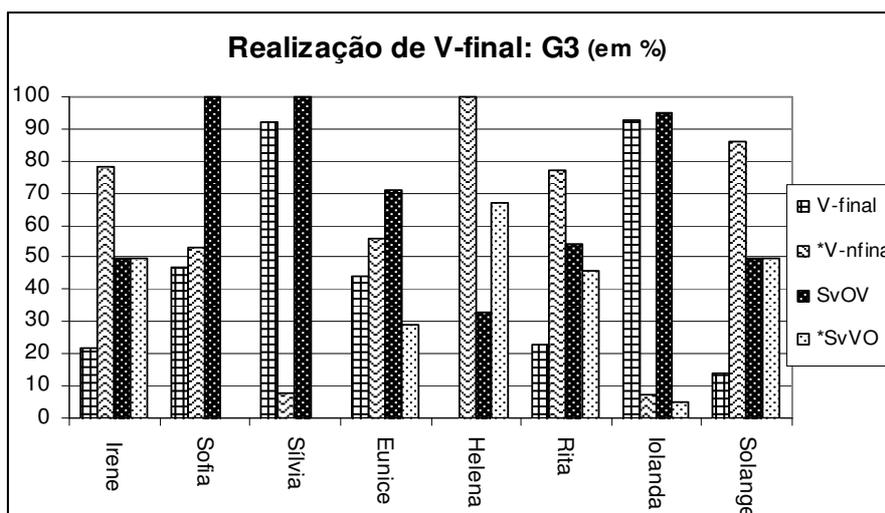
Sintetizando os dados, em relação ao parâmetro V-2, verificamos que todas as falantes constroem contextos sintácticos que exigem VS. Apesar de apresentarem variação quanto aos valores de realização de sequências XPVS/\*XPSV, todas as oito falantes revelam valores significativos de desvio a V-2, demonstrando instabilidade quanto à realização do parâmetro V-2.

O terceiro encontro com Sofia, ocorrido após um período de contacto mais intensivo com a L2, vem confirmar que o *input* é um factor crucial para o desempenho sintáctico das falantes em situação de *attrition*: a taxa de construção de sequências \*XPSV desce de 50% para 33%. Valor idêntico (37%) é apresentado por Sílvia, a falante que perdeu o contacto com o alemão aos 10 anos de idade mas recuperou-o parcialmente algum tempo antes da entrevista.

Por sua vez, os dados de Eunice e Helena mostram que, uma vez adquirido, o domínio do parâmetro V-2 não se perde. As falantes regressaram a Portugal em fase muito precoce e, no caso de Helena, a privação de contacto com o alemão atinge os dezassete anos, o que restringe a sua capacidade de comunicação em alemão. Porém, mesmo nestas condições, as falantes constroem contextos VS e sabem aplicar correctamente a regra V-2.

### *Contextos OV*

O gráfico 24 apresenta a distribuição percentual dos contextos que exigem a posição final do verbo: as orações encaixadas (representadas como V-final/\*V-nfinal) e as formas verbais complexas (SvOV/\*SvVO):



**Gráfico 24:** Grupo 3 – Realização de V-final em orações encaixadas e formas verbais complexas (em %)

Relativamente à posição verbal nas orações encaixadas, os dados revelam muito mais variação que em relação a V-2, uma vez que, neste caso, a relação entre a taxa de ocorrência da estrutura gramatical e a quantidade total de orações produzidas não é tão linear. Rita, uma das falantes que produz um discurso mais encadeado e com mais orações alemãs, apenas constrói 6% de orações encaixadas, correspondente a um total de 10 orações, um número de ocorrências muito semelhante ao que é produzido por Irene e Eunice. Por sua vez, Sofia, com um total de 105 frases em alemão, constrói 19 orações encaixadas (22%). Helena, que apresenta características biográficas idênticas às de Eunice apenas constrói 4 orações encaixadas (contra 9 de Eunice) e Solange, que perdeu o *input* alemão aos cinco anos, consegue construir 7.

No entanto, a frequência de ocorrência de orações encaixadas pouco diz acerca da proficiência dos falantes. Apenas indica que uns evitam este tipo de construções mais que outros, facto este que se pode dever a vários factores: por um lado, o falante pode estar ciente das suas dificuldades na construção de orações encaixadas, evitando-as para não correr o risco de errar; por outro lado, pode dever-se ao tipo de discurso produzido (em que se expressa menos realidades complexas) e a critérios estilísticos.

Quanto ao posicionamento do verbo nas orações encaixadas, também neste caso é de observar maior variação que nos contextos VS.

Globalmente, os dados mostram que a percentagem de ocorrência de estruturas agramaticais (\*V-nfinal) é muito mais alta que em relação a \*XPSV. Também neste caso não é possível observar uma relação entre a taxa de ocorrência de estruturas desviantes e os factores 'idade de regresso' / 'tipo de contacto' / 'período de privação de

contacto'. Rita apresenta uma taxa bastante elevada de produção de estruturas \*V-nfinal (77%), enquanto que Iolanda – com idade de regresso e tempo de estada muito semelhantes à de Rita – quase não comete desvios a V-final (apenas 7%), taxa muito idêntica à apresentada por Sílvia (8%). Por sua vez, Sofia, com um período de privação de contacto com a L2 muito mais longo que Rita, apresenta uma taxa de realização de estruturas agramaticais inferior (47%). Também os dados de Eunice e Helena diferem bastante, apesar das semelhanças biográficas. Helena não constrói orações encaixadas com V-final, enquanto que a taxa de ocorrência de V-final em Eunice se situa nos 45%. Também Solange apresenta muitas dificuldades em relação ao posicionamento final do verbo em orações encaixadas (14%).

Resumindo, verifica-se uma grande variação entre as falantes de G3 quanto ao seu desempenho na produção de orações encaixadas, essencialmente marcada por instabilidade na construção correcta deste tipo de orações. As taxas de desvio a V-final variam de 100% a 7%.

Instabilidade semelhante é de observar na realização das formas verbais complexas, também neste caso afectando o posicionamento final do elemento verbal não-finito.

Apenas Sofia e Sílvia constroem todas as formas verbais descontínuas de forma correcta. Também Iolanda apresenta um bom desempenho em relação a este aspecto gramatical, enquanto que as outras falantes demonstram dificuldades na colocação final da forma verbal não-finita. Estes dados estão em consonância com o desempenho das falantes em relação à regra V-final das orações encaixadas. Como vimos, nesse domínio, Iolanda e Sílvia são as falantes que cometem menos erros gramaticais. Já Rita, Irene, Helena e Solange, que apresentam uma taxa de \*V-nfinal de 77-100%, também demonstram grande variação na colocação final do verbo não-finito em formas verbais complexas. A colocação final do verbo nas orações encaixadas e a colocação final da forma não-finita nas construções verbais complexas são fenómenos que derivam do parâmetro OV do alemão.

Comparando o parâmetro OV com o parâmetro V-2, não é possível afirmar qual o domínio mais vulnerável a desvios, já que a maior vulnerabilidade parece depender de características individuais dos falantes. Assim, Sílvia e Iolanda não mostram dificuldades no domínio de V-final, mas apresentam altas taxas de desvio a V-2. Pelo contrário, falantes como Helena e Rita mostram dominar bem V-2, apresentando desvios na ordem dos 25%-30%, mas apresentam grandes dificuldades na colocação final do verbo nos contextos que exigem V-final.

Por fim, é ainda de realçar que não são detectadas diferenças entre as falantes provenientes da Suíça e as que regressaram da Alemanha. Por exemplo, Eunice e Helena apresentam características biográficas muito semelhantes, demonstrando também um desempenho muito similar, porém, Eunice veio da Suíça e Helena veio da Alemanha.

#### 4.2.2. Realização de V-2 e OV: Grupo 2

Importa agora analisar a proficiência dos falantes do grupo 2 face ao posicionamento verbal em contextos V-2 e OV. Uma vez que estes falantes têm muito mais facilidades em expressar-se em alemão e produzem um discurso oral muito mais longo e mais coeso, optou-se por restringir a análise apenas à entrevista biográfica para reduzir a quantidade de orações produzidas a um nível que se aproxime da quantidade obtida nos registos do grupo 3.

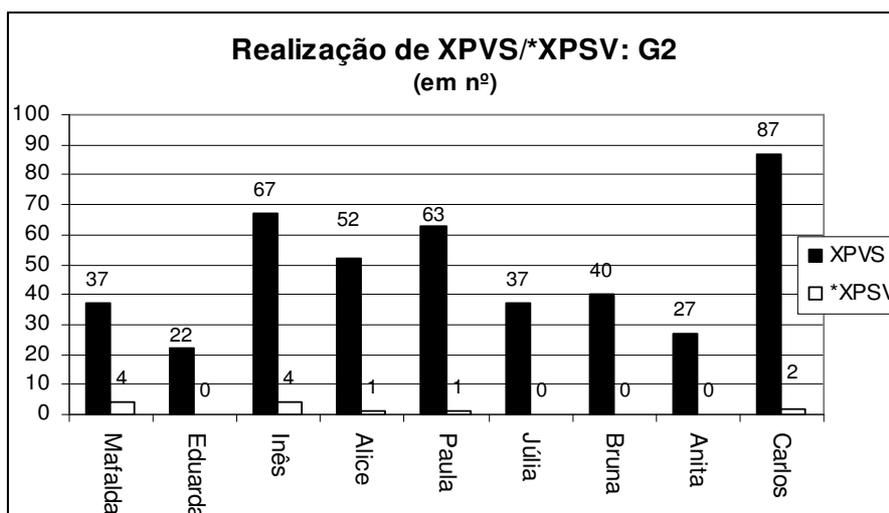
Para melhor visualização das características deste grupo reproduz-se novamente a tabela 3, apresentada em 2.2.3.2.:

**Tabela 3:** Falantes do Grupo 2

	falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
<b>GRUPO II [G2]</b>	Mafalda	9	19	10;00
	Eduarda	12	14	2;10
	Inês	12	34	22;00
	Alice	12	19	7;02
	Paula	12	21	9;09
	Júlia	13	36	23;00
	Bruna	13	20	6;07
	Anita	13	22	8;06
	Carlos	14	22	8;00

#### *Contextos VS*

Nos registos dos falantes do grupo 2 verifica-se a seguinte distribuição de frases XPVS e \*XPSV:



**Gráfico 25:** Grupo 2 – Realização da ordem XPVS / \*XPSV (em nº)

Os dados demonstram uma clara predominância da realização XPVS em todos os falantes deste grupo. Os desvios a VS são pontuais e em número insignificativo. Quatro falantes não apresentam nenhuma ocorrência \*XPSV; Paula e Alice têm apenas uma ocorrência agramatical (contra 63 e 52 seqüências gramaticais, respectivamente) e Carlos 2 (contra 87). As falantes que apresentam mais desvios são Mafalda e Inês, no entanto, também nestes casos o número de ocorrências é muito baixo: 4 (contra 37 correctas no caso de Mafalda; e contra 67 correctas em Inês).

#### Exemplos XPVS:

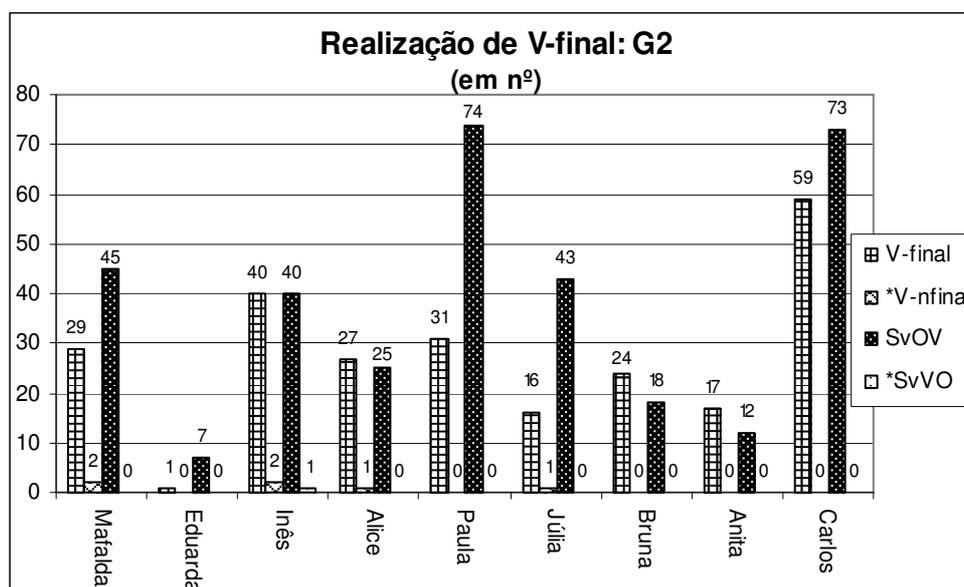
- (87) a. dann bin ich nach Braga eingezogen (Mafalda)  
*depois Vaux<sub>fin</sub> eu para Braga vir[V<sub>part</sub>]*  
*(Depois vir viver para Braga.)*
- b. Ostern. fei/ fei/ feierte ich das Gleiche wie hier. (Eduarda)  
*Páscoa festejava eu igual como aqui*  
*(A Páscoa eu festejava como aqui.)*
- c. das erste Jahr bin ich sitzen geblieben (Júlia)  
*o primeiro ano Vaux<sub>fin</sub> eu reprovar [V<sub>part</sub>]*  
*(No primeiro ano reprovei.)*

#### Exemplos \*XPSV

- (88) a. \*erstmal wir lebten in ein Dorf. (Inês)  
*primeiro nós vivíamos numa aldeia*
- b. \*aber in der Schweiz das ging. (Alice)  
*mas na Suíça isso dava*
- c. \*zur Zeit ich ich finde (wenn ich etwas reifer schreiben will/) (Carlos)  
*agora eu acho (se quero escrever de forma mais madura/)*

## Contextos OV

Valores muito idênticos são observados na realização do posicionamento final do verbo em orações encaixadas e formas verbais complexas. Veja-se o gráfico 26:



**Gráfico 26:** Grupo 2 – Realização de V-final em orações encaixadas e formas verbais complexas (em nº)

A grande maioria dos falantes não apresenta desvios a OV. Os desvios observados restringem-se a 1 a 2 ocorrências, como se pode verificar nos casos de Mafalda e Inês, que constroem 2 orações encaixadas sem posicionamento final do verbo (contra 29 e 40 orações gramaticais, respectivamente). Alice e Júlia apresentam um desvio cada, no entanto, Alice apercebe-se do seu erro e corrige-o.

Exemplos \*V-nfinal:

(89) a. \*dass mein Leben **ist** nur in der Schweiz. (Mafalda)  
*que a minha vida é só na Suíça*

b. ich finde \*dass es **gibt** Differenzen. (Inês)  
*eu acho que EXPL há diferenças.*

c. wenn ich war an Schweiz. war da spreche ich auch nur Deutsch. (Alice)  
*quando eu estava na Suíça estava aí falava eu também só alemão.*

Quanto à realização de OV em formas verbais complexas é de destacar que em todos os registos apenas foi observado um desvio, ocorrido no *corpus* de Inês.

O facto de estes falantes não cometerem erros de posicionamento verbal não indica, porém, que não tenham dificuldades de activação da sua L2. Os falantes deste grupo demonstram ter problemas de retenção de vocabulário e de construção morfológica semelhantes aos que foram observados nas falantes do grupo 3, embora os desvios

lexicais e morfológicos observados ocorram em número muito inferior. O caso de Eduarda é bem exemplificativo. Eduarda veio para Portugal aos doze anos de idade, vivendo no país de origem há quase três anos. Apesar de não apresentar nenhuma falha de posicionamento verbal (cf. gráficos 25 e 26), demonstra bastantes dificuldades na activação do vocabulário alemão, recorrendo frequentemente ao português. Note-se que, em todo o discurso produzido, Eduarda apenas constrói uma oração encaixada, o que é demonstrativo das dificuldades na expressão de realidades mais complexas.

#### 4.2.3. Comparação: Grupo 2 e Grupo 3

Se compararmos os dados percentuais de desvios ao posicionamento gramatical do verbo nos grupos 2 e 3, verificamos uma grande diferença no desempenho das falantes de G3 em relação aos falantes de G2.

O gráfico 27 contrapõe as taxas de desvio a XPVS nos dois grupos:

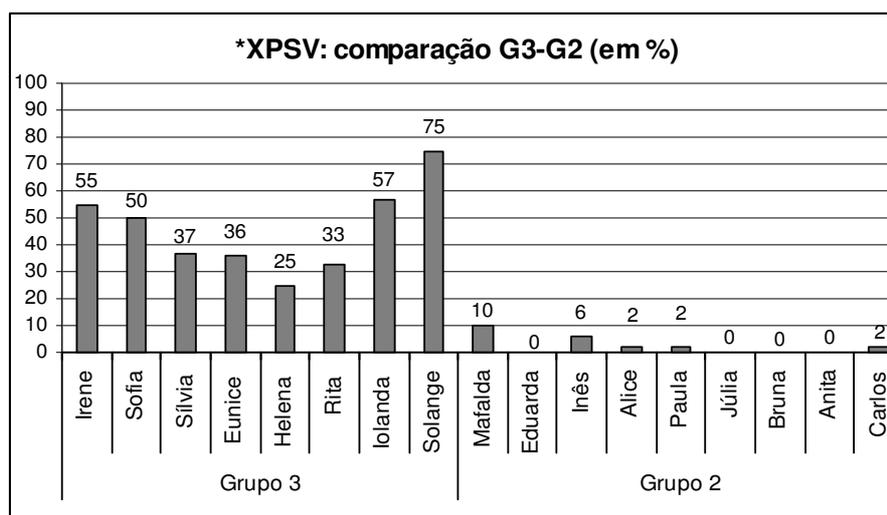


Gráfico 27: Comparação dos grupos 2 e 3 – desvios a XPVS (em %)

Como vimos, as falantes do grupo 3 apresentam taxas bastante elevadas de desvios à regra V-2, situadas entre os 25% e os 75%. Estes números contrastam com os valores percentuais apresentados pelos falantes do grupo 2, situados entre os 10% e os 0% (valor médio: 2,4%). Neste grupo, apenas as falantes Mafalda e Inês apresentam taxas superiores a 5%, facto que poderá ser explicado com os factores extralinguísticos que caracterizam estas falantes. Mafalda foi excepcionalmente incluída no grupo 2, apesar de ter vindo para Portugal aos nove anos de idade, porque depois da mudança ingressou na Escola Alemã do Porto, onde continuou a ter um *input* alemão bastante elevado. Apenas aos onze anos, com a mudança para uma escola pública portuguesa, é que este

*input* se reduziu decisivamente. O facto de apresentar taxas de desvio mais elevadas que a média do seu grupo pode estar directamente relacionado com este dado biográfico: aos nove anos a falante não perdeu por completo o *input* alemão mas viu-o reduzido apenas ao contexto escolar. Já Inês é a falante do G2 que apresenta o mais longo período de ausência de *input* alemão (mais de quinze anos sem ter falado activamente), factor que poderá contribuir para esta taxa acima da média. Todavia, é de realçar que em ambos os casos as taxas de realização de \*XPSV são muito inferiores aos valores apresentados pelas falantes do G3.

O mesmo se verifica em relação à aplicação do parâmetro OV. Também neste caso os dados percentuais dos dois grupos apresentam um claro contraste relativo à proficiência dos respectivos falantes:

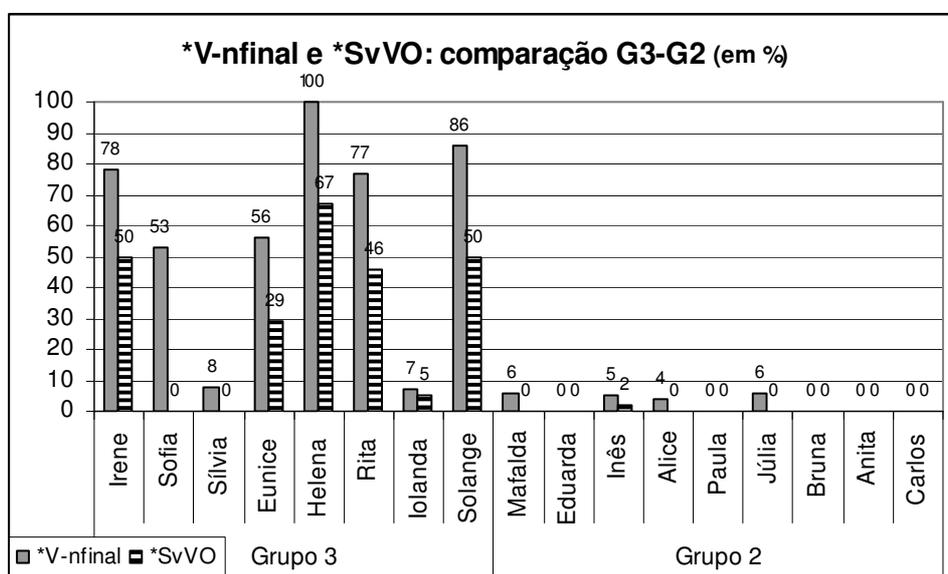


Gráfico 28: Comparação dos grupos 2 e 3 – desvios a V-final (em %)

Enquanto que, no grupo 3, o valor médio de desvios a V-final, em orações encaixadas é de 58% e em formas verbais complexas de 31%, estes valores estão muito próximos dos 0% no caso do grupo 2 (2,3% em relação às orações encaixadas e 0,2% em relação às formas verbais complexas).

#### 4.2.4. Realização de V-2 e OV: Grupo 1

Com o intuito de dar um quadro mais completo do desempenho dos falantes regressados face às regras de posicionamento verbal do alemão, convém referir ainda os dados obtidos da análise do grupo 1, o grupo de controlo. Como não é suposto este grupo apresentar falhas na colocação do verbo, a análise é restringida

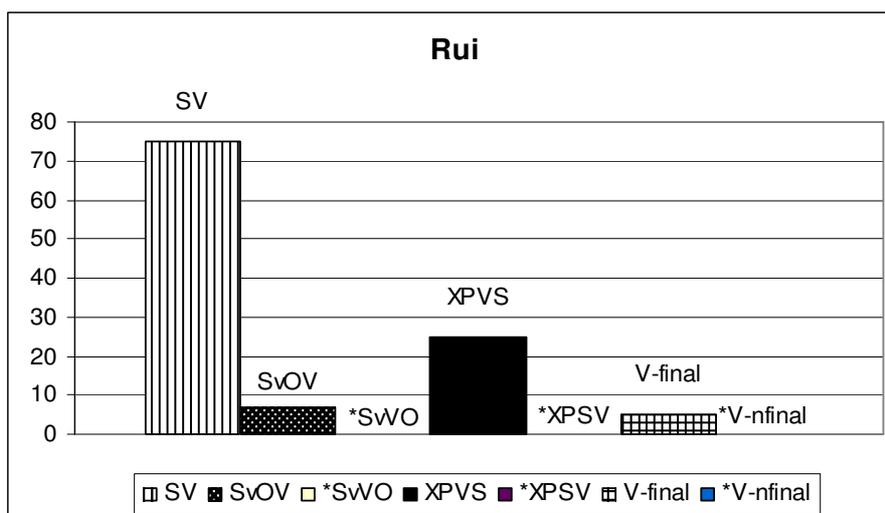
exemplificativamente a três falantes: Rui, Samuel e Nádía. Para visualizar de forma sucinta as principais características destes falantes, a parte a tabela 2, apresentada em 2.2.3.1., que lhes diz respeito é novamente representada:

**Tabela 2:** Falantes do Grupo1

falante	idade de regresso	idade actual	tempo de estada em Portugal [anos; meses]
Rui	9	10	0;06
Samuel	11	12	0;09
Nádía	16	23	6;09

Optou-se por apresentar os dados de Rui, uma vez que este falante apresenta uma idade de regresso similar à das falantes de G3 (9 anos de idade). Porém, Rui apenas vive afastado do meio alemão há apenas seis meses.

Os dados (apresentados no gráfico 29) indicam um domínio perfeito de V-2 e OV, já que Rui não constrói nenhuma oração desviante.



**Gráfico 29:** Rui - Realização da posição verbal (em nº)

Desempenho semelhante é de observar no caso de Samuel, falante de doze anos que vive em Portugal há nove meses:

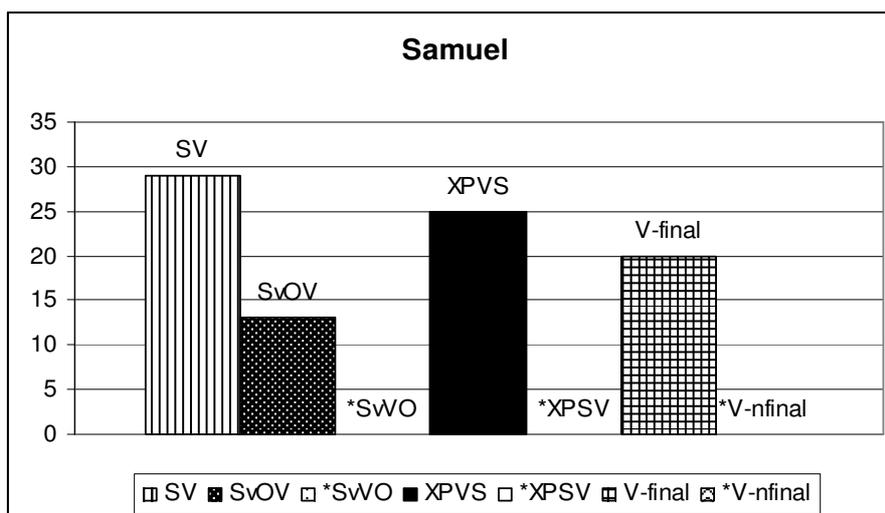


Gráfico 30: Samuel - Realização da posição verbal (em nº)

Também Nádia, falante que tem um contacto diário com a língua alemã, não apresenta desvios a V-2 e OV:

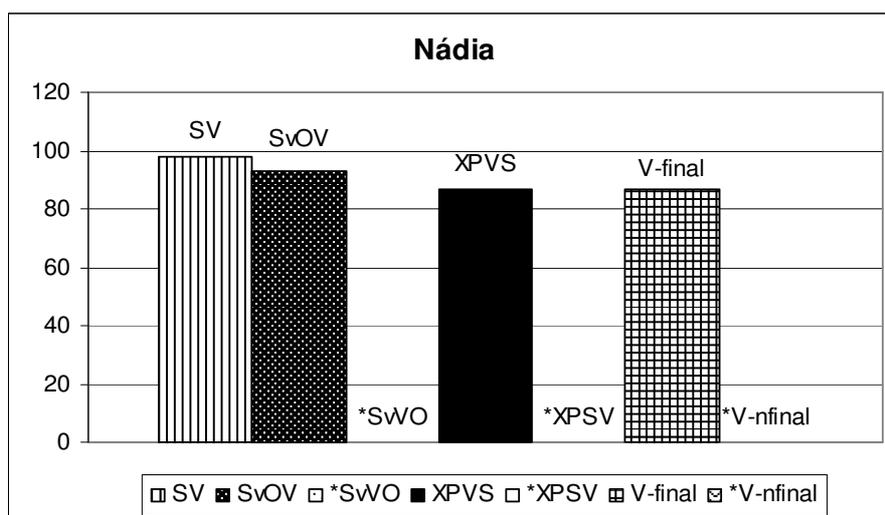


Gráfico 31: Nádia - Realização da posição verbal (em nº)

#### 4.2.5. Comparações individuais

Concluimos a análise do posicionamento verbal nos registos dos diferentes falantes que compõem os vários subgrupos com a comparação individual de alguns falantes.

##### 4.2.5.1. Eunice – Paula

A comparação directa de Paula e Eunice é útil aos propósitos deste trabalho, uma vez que as participantes são irmãs e apresentam um percurso biográfico muito idêntico. Note-se que ambas adquiriram o bilinguismo de forma idêntica em fase precoce da vida. O português foi a primeira língua adquirida e a língua de comunicação com os pais,

enquanto que, com a entrada no infantário, o alemão se tornou a língua de socialização e mesmo de comunicação entre elas. No entanto, Paula e Eunice distinguem-se quanto ao factor 'idade de regresso', já que Paula ia completar os doze anos de idade e Eunice tinha sete anos quando vieram para Portugal. Após o regresso, deixaram de utilizar o alemão como língua de comunicação, tendo apenas contacto passivo através da televisão. Vivem em Portugal há quase dez anos.

O gráfico 32 apresenta os desvios sintácticos observados nos registos de ambas as falantes:

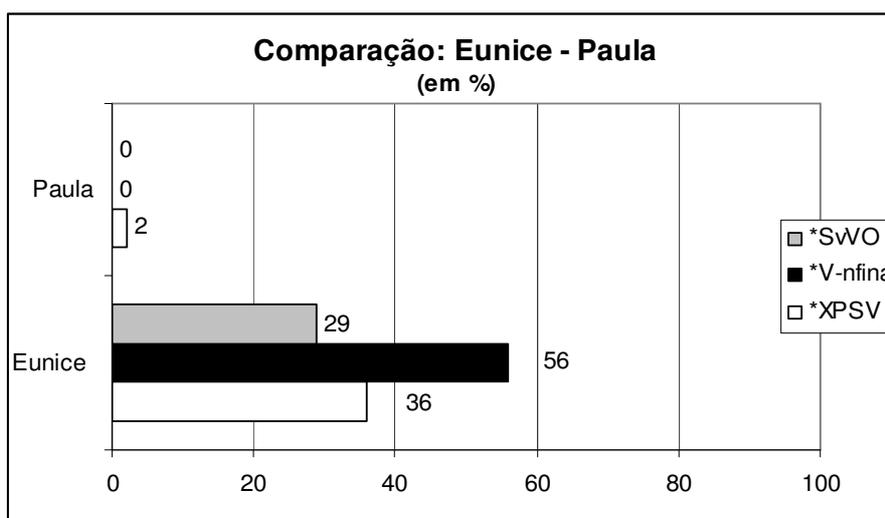


Gráfico 32: Eunice [G3] vs. Paula [G2]: desvios sintácticos (em %) %

Os dados comparativos revelam uma clara diferença entre Eunice e Paula relativamente à realização dos parâmetros V-2 e V-final. Enquanto que Eunice apresenta um valor médio de desvio às principais regras de posicionamento verbal do alemão que ronda os 40%, Paula quase não apresenta desvios sintácticos relacionados com a posição do verbo (apenas 2% de desvios a V-2). Uma vez que a única diferença entre estas duas irmãs é a idade em que perderam o *input* da L2, os dados parecem corroborar o pressuposto de que o factor 'idade de perda de *input*' é crucial na ocorrência de desvios gramaticais na produção verbal destas falantes.

#### 4.2.5.2. Rita - Eduarda

A comparação entre Rita e Eduarda vai ao encontro do que foi observado no caso de Paula / Eunice, uma vez que Rita e Eduarda apresentam o mesmo tempo de estada em Portugal: quase três anos [2;11 e 2;10, respectivamente] e um tipo de contacto com a L2 muito semelhante: vêem televisão alemã e utilizam o alemão de forma esporádica como língua de comunicação com familiares (com o irmão no caso de Rita; com a mãe no

caso de Eduarda). Também no seu caso, o factor crucial que as distingue é a idade de regresso: Eduarda regressou aos doze anos de idade e Rita aos oito.

Como demonstra o gráfico 33, as duas falantes apresentam grandes diferenças em relação à realização da posição do verbo. Enquanto que Eduarda não comete nenhum erro de posicionamento verbal, Rita apresenta ca. 60% de desvios a OV e 33% de desvios a V-2.

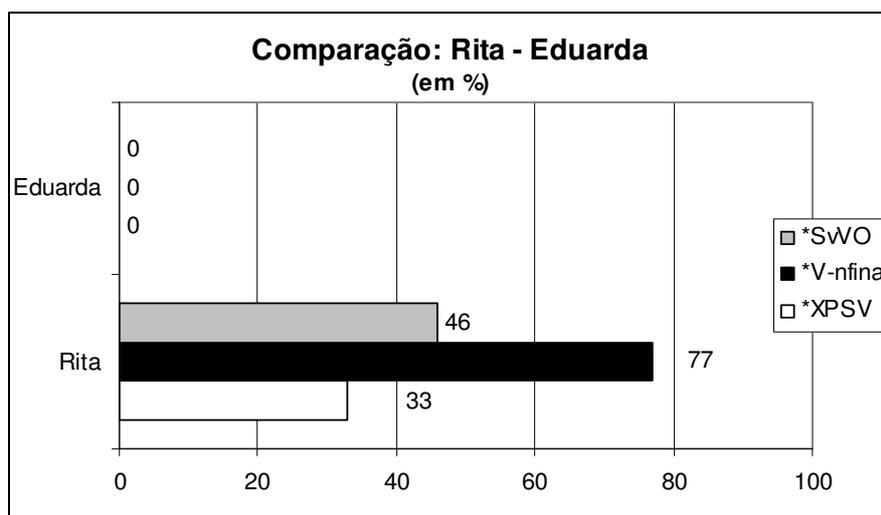
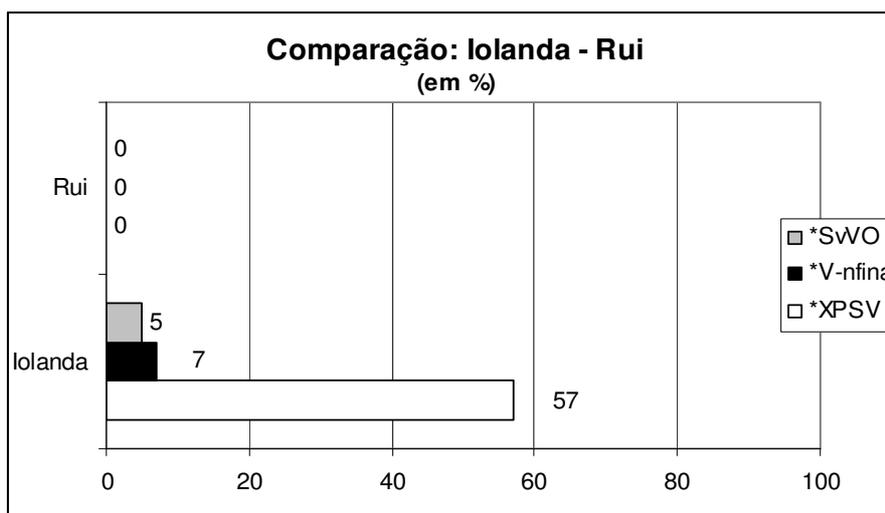


Gráfico 33: Rita [G3] vs. Eduarda [G2]: desvios sintáticos (em %) %

#### 4.2.5.3. Iolanda – Rui

A terceira comparação individual que se impõe é entre Iolanda e Rui, uma vez que ambos os falantes vieram para Portugal aos nove anos de idade. Neste caso, o factor que distingue os participantes é o tempo de estada em Portugal. Iolanda veio há dois anos enquanto que Rui vive em Portugal há apenas seis meses. O tipo de contacto com a L2 após a mudança de país é muito semelhante, já que Rui continua a falar alemão com o irmão e Iolanda com a mãe – embora, em ambos os casos, o alemão já não seja a principal língua de comunicação.



**Gráfico 34:** Iolanda [G3] vs. Rui [G1]: desvios sintáticos (em %)

%

Neste caso, os dados comparativos revelam uma importância crucial do factor ‘tempo de estada’, comprovando que a instabilidade verificada nos falantes de G3 se deve à ausência de *input* regular da L2. Após seis meses sem contacto regular com o alemão, Rui (ainda)<sup>48</sup> não apresenta indícios de instabilidade no posicionamento do verbo. No entanto, como comprova o caso de Iolanda, a vulnerabilidade a fenómenos de erosão surge algum tempo depois, já que – após um período de dois anos sem contacto diário com a língua alemã – Iolanda já apresenta taxas de desvios sintáticos bastante elevadas (pelo menos em relação ao parâmetro V-2: 57%).

### 4.3. Discussão

Um aspecto importante que sobressai da análise aos registos verbais das oito falantes que constituem o grupo 3 é que, apesar dos muitos erros gramaticais que cometem, as participantes não perderam o domínio das principais regras sintáticas do alemão. O facto de utilizarem estruturas XPVS em orações V2 e V-final em orações encaixadas e formas verbais complexas demonstra que os parâmetros V-2 e OV foram adquiridos e não voltaram a ser apagados, apesar da perda de contacto com a língua alemã em fase precoce da vida. No entanto, parecem não estar estabilizados, o que se revela na realização de estruturas desviantes. Este ponto merece uma discussão mais pormenorizada.

<sup>48</sup> O acompanhamento futuro de Rui será essencial para determinar a partir de que período sem contacto com a L2 começam a surgir os primeiros indícios de instabilidade no posicionamento verbal. Estes dados já não serão incluídos no presente trabalho mas publicados posteriormente.

Começamos pela produção de estruturas sintácticas correctas. A análise dos registos de G3 demonstrou que, mesmo em casos de ausência muito prolongada de *input* da L2 - como é o de Helena (acima de 17 anos sem falar alemão) - que provoca uma dificuldade extrema na activação do léxico, os falantes conseguem produzir estruturas sintácticas correctas, típicas da L2 e sem correspondência na L1. Assim, verifica-se, nos registos analisados, a subida do verbo finito para CP em orações-raiz, respeitando a regra V-2, e a manutenção de formas verbais em posição final de frase em orações encaixadas e formas verbais complexas. Este facto demonstra que os falantes mantêm a sua competência gramatical na L2 e contraria a hipótese de que perderam o seu sistema de regras do alemão. Contudo, se não perderam este sistema, como explicar os altos valores de estruturas agramaticais observados?

Esta pergunta leva-nos à distinção entre ‘perda de competência’ e ‘perda de controlo’, discutida no capítulo 1 (ponto 1.1.2.1.). Como fora observado, a tensão entre a perda efectiva e irreductível de informação e a dificuldade em aceder-lhe ou processar a informação correctamente no acto de produção verbal é um aspecto central da discussão em volta do fenómeno de erosão linguística. Autores como Selinger (1996) e Sharwood Smith (1983, 1989) têm chamado a atenção para o facto de erosão ao nível da competência ser um processo que leva a uma reestruturação do sistema de regras do falante, o qual deixa de saber construir determinadas estruturas da língua em erosão ou passa a construí-las aplicando a regra da língua dominante. Todavia, as ocorrências correctas observadas em todos os registos analisados contraria esta ideia de reestruturação do sistema gramatical. Os falantes continuam a saber aplicar o sistema de regras da língua em desuso.

Resta-nos seguir a hipótese de que os falantes não perderam o seu sistema de regras, adquirido de forma natural durante a infância, mas apenas têm dificuldades em aceder-lhe e processá-lo de forma correcta quando falam.

De facto, um conjunto de argumentos, recolhidos ao longo da análise precedente, tornam a hipótese de ‘falta de controlo’ mais credível que a ideia de ‘perda de competência’. Senão vejamos:

O caso de Sofia é paradigmático para demonstrar que os desvios agramaticais observados ocorrem com maior ou menor frequência dependendo do tipo de situação comunicativa, caracterizada por mais ou menos espontaneidade. Assim, nos exercícios em que Sofia tem mais tempo para controlar o seu discurso, como a narração de uma história e a descrição de uma imagem, a taxa de desvios agramaticais é muito reduzida.

Já nas situações em que é questionada pela entrevistadora e é instigada a relacionar factos do seu percurso biográfico e a comentar e justificar situações, o seu discurso torna-se menos controlado, apresentando uma maior taxa de incorrecções sintácticas. Situações semelhantes são observadas nos registos de Iolanda e Rita, que também apresentam menos desvios nos exercícios menos espontâneos. Este dado demonstra uma estreita correlação entre a espontaneidade do discurso, o controlo sobre o processamento verbal e a aplicação correcta/incorrecta das regras verbais, sustentando a ideia de que, quanto mais espontâneo for o discurso, menos controlo os falantes têm sobre a forma como o processam e mais erros gramaticais cometem.

Do caso de Sofia também provém o segundo argumento a favor da hipótese de perda de controlo e não de competência. Como foi realçado, Sofia apresenta um desempenho diferente entre os primeiros dois encontros e o terceiro, realizado após um período de *input* mais intenso com o alemão. Os desvios a V-2 passam de 50% para 30% e os erros de posicionamento verbal em orações encaixadas de 53% para 14%. Note-se que, nesse período com mais *input*, a falante não emergiu no contexto L2, mas apenas frequentou um curso de alemão (de 2 horas semanais) e recebeu a visita de familiares suíços, estando, portanto, mais exposta a situações em que tinha de utilizar a L2. Este *input* mais activo – embora ainda bastante reduzido – ofereceu à falante mais possibilidades de usar a L2, influenciando o seu desempenho linguístico (não só a nível sintáctico, mas também lexical e morfológico). Do exposto podemos, portanto, concluir que a oportunidade de utilizar mais a língua subiu o seu rendimento, o que vem provar que o contacto activo com a L2 é fundamental para manter o controlo sobre o seu saber linguístico.

Também o exercício de produção sintáctica reforça a ideia de que as falantes dispõem do saber sintáctico mas têm dificuldades em processá-lo no acto de comunicação. Solicitadas a construir frases a partir de elementos soltos que lhes são fornecidos, as falantes demonstram a mesma instabilidade observada nos registos orais. No entanto, quando confrontadas com as sequências correctas, tendo de julgá-las segundo a sua intuição, todas as falantes demonstram dominar perfeitamente as regras do alemão, já que optam sempre pela forma correcta, afirmando que lhes parece melhor que a alternativa incorrecta. Na maioria dos casos, o momento em que a entrevistadora confronta as falantes com a sequência correcta leva-as a construir as restantes frases igualmente de forma gramatical. Esta situação prova claramente que a intuição gramatical das falantes não é afectada por erosão.

O último argumento a favor da ideia de que a erosão em discussão apenas afecta o nível da *performance* provém da observação directa dos erros sintácticos observados no conjunto de falantes que compõem o G3. A comparação dos dados recolhidos do grupo 3 veio demonstrar que existe uma grande variação no seio das falantes quanto à ocorrência de erros de posicionamento verbal. Enquanto que algumas informantes apresentam um maior número de erros relacionados com o parâmetro V-2, outras revelam mais dificuldades em manter V-final em orações encaixadas e formas verbais complexas. Mesmo em relação ao posicionamento final do verbo, verifica-se variação individual. Sofia, por exemplo, apresenta 53% de ocorrências \*V-nfinal (em orações encaixadas) mas não comete erros do tipo \*SvVO. Ora, se o problema desta falante residisse no domínio do parâmetro OV, ela teria que evidenciar erros de posicionamento final do verbo em ambos os contextos, isto é, em orações encaixadas e em formas verbais complexas.

Como vimos, na maioria dos casos, não é possível atribuir as diferenças entre as falantes do G3 em relação à aplicação de V-2 e V-final aos factores extralinguísticos que as caracterizam. Por exemplo, Iolanda e Rita apresentam características biográficas muito idênticas mas Rita comete bastantes erros \*V-nfinal, enquanto que Iolanda quase não apresenta desvios a V-final (mas comete mais erros \*XPSV que Rita).

Esta falta de linearização dos erros observados e de correlação entre o tipo de desvios e os factores extralinguísticos pré-definidos torna impossível confirmar as hipóteses de erosão de competência mais discutidas na literatura.

Um considerável número de estudos tem sido conduzido no âmbito da ‘Hipótese da Regressão’ (*Regression Hypothesis*; para uma visão geral dos estudos cf. Jamshidiha/Marefat, 2006: 3). Esta teoria linguística, inicialmente proposta por Jakobson (1941) no âmbito do estudo de perda linguística provocada por afasia, baseia-se na assumpção que o processo de perda em doentes afásicos espelha o desenvolvimento linguístico nas crianças. Adaptando esta hipótese ao estudo de *language attrition* não-patológico, Bot and Weltens (1991) sugerem que as componentes linguísticas poderão ser perdidas em ordem inversa à sua aquisição, isto é, as propriedades adquiridas por último são as que se perdem primeiro.

A aquisição do alemão como língua materna é um domínio de investigação bastante estudado (por exemplo, Clahsen, 1982, 1990; Clahsen *et al.*, 1996; Meisel, 1994; Pienemann, 1998; Poeppel/Wexler, 1993). Embora as conclusões apresentadas pelos diferentes investigadores nem sempre sejam concordantes, é relativamente consensual

admitir a existência de diferentes estádios de aquisição, durante os quais a criança se apropria gradualmente de determinadas propriedades sintáticas [por exemplo Clahsen (1982) propõe a existência de cinco estádios]. Neste âmbito, é também consensual a ideia de que a aquisição das orações encaixadas é um dos últimos passos no processo de aquisição sintática (embora já não haja consenso sobre a questão, se o CP já tenha sido adquirido em fase anterior e a aquisição das orações encaixadas se relaciona apenas com a apropriação da categoria de complementador). No entanto, embora adquira as orações encaixadas mais tardiamente, a criança alemã desde cedo domina V-final, uma vez que o alemão é uma língua OV. Isto significa que, no primeiro estado de desenvolvimento, antes de adquirir as formas verbais finitas, a criança deixa o verbo infinito em posição final de frase. Numa segunda fase, em consequência da apropriação da categoria verbal ‘concordância’, a criança adquire V-2, passando a elevar o verbo finito para o CP (Meisel, 1994). É nesta fase que, segundo Clahsen (1982) e Pienemann (1998), se dá também a separação das formas verbais finitas e infinitas.

Voltando ao caso das falantes de G3, se estivéssemos em presença de um fenómeno de regressão sistemática da competência sintática das falantes, deveria ser possível observar uma ordem sequencial de regressão, que teria de iniciar-se pelas orações encaixadas e afectar seguidamente o parâmetro V-2. As falantes com regresso mais recente deveriam, portanto, apresentar algumas dificuldades na construção de orações encaixadas (por exemplo, não seleccionando complementador) e não ter problemas V-2. Estes surgiriam apenas nas falantes que apresentam um tempo de estada em Portugal mais longo. A mesma regressão deveria ser observada em relação com o factor idade. Foi, no entanto, demonstrado que tal sistematicidade e correlação com os factores extralinguísticos não existem, o que exclui a possibilidade de o processo de erosão ser um espelho do processo de aquisição da competência sintática.

Resumindo, se não é a competência sintática das falantes que é afectada por erosão, então parece ser a sua capacidade de controlar o seu saber linguístico, isto é, a capacidade de activar o conhecimento adquirido.

Uma das teorias que me parece mais convincente para explicar fenómenos de activação é *Activation Threshold Hypothesis* de Paradis (1997, 2004), apresentada em 1.1.2.1.1.

Segundo a *ATH*, a activação de um item linguístico, isto é, a capacidade em aceder-lhe, é regulada por um limiar neurológico, cuja regulação depende da frequência de uso do item em questão. Quanto mais usado, mais baixo é esse limiar. Por sua vez, o limiar

de activação sobe se o item não é usado durante muito tempo. Quando uma língua é seleccionada, o outro sistema linguístico é automaticamente inibido para evitar fenómenos de interferência. Ora, se uma língua não é usada durante muito tempo, o seu limiar de inibição está muito elevado, enquanto que o da língua predominantemente usada está baixo, tornando-a mais acessível. No entanto, a inibição da língua em desuso não significa que esta esteja totalmente perdida. Significa apenas que os itens linguísticos da língua dominante estejam mais acessíveis que os da língua não usada e que é necessário maior estímulo para os reactivar. Como demonstra o caso de Sofia, com o aumento da frequência de uso da língua menos usada, também sobe o grau de acessibilidade aos itens linguísticos desta língua, levando a uma melhoria considerável no desempenho linguístico da falante bilingue.

A *Activation Threshold Hypothesis* está em consonância com os dados obtidos da análise dos registos verbais do G3. Recorde-se que as falantes perderam o contacto com o alemão em fase precoce da vida e que, desde então, mantêm um contacto reduzido (em alguns casos, nulo) com a L2. Segundo o modelo de Paradis, é de esperar um elevado limiar de inibição da língua não usada, por exemplo evidenciado nas dificuldades lexicais destas falantes, frequentemente solucionadas recorrendo ao português (a língua com limiar de acesso baixo).

No que concerne ao domínio sintáctico, a observação de que todas as falantes são capazes de produzir estruturas sintácticas que respeitam as imposições paramétricas do alemão demonstra que não perderam o domínio dos parâmetros sintácticos desta língua. O facto de também produzirem construções que violam as regras sintácticas do alemão pode ser explicado com o fenómeno de inibição. Por não falarem o alemão durante um prolongado período, o limiar de inibição desta língua é muito alto em todos os domínios linguísticos, incluindo o domínio sintáctico. Por isso, é necessário esforço (“positive neural impulses”, Paradis, 2004: 28) para baixar este limiar e mantê-lo baixo em toda a situação de comunicação. Neste sentido, a ocorrência de construções sintácticas desviantes pode ser entendida como ocasiões em que o limiar de inibição volta a subir, impedindo a aplicação de uma regra sintáctica da língua inibida.

#### *O papel da língua dominante*

Neste âmbito, torna-se também indispensável reflectir sobre o papel que a língua dominante exerce na produção de construções sintácticas desviantes na língua em desuso.

A *ATH* atribui um papel importante à competição entre as duas línguas presentes na mente bilingue, realçando que a inibição de um item linguístico de uma língua é acompanhada da aplicação do item correspondente da língua activada:

When the L1 has a corresponding linguistic element in the L2, the actively used L2 element will interfere with the disused L1 element. In other words, the L1 element or rule will have a higher activation threshold and hence will be inhibited. Consequently, it will be subject to attrition under L2 influence. (Gürel, 2004: 74)

A esta ideia de competição entre a L1 e a L2 subjaz um pressuposto importante, que nem sempre é tido em consideração nos estudos sobre transferência interlinguística: a influência que uma língua exerce sobre a outra pode existir apenas ao nível do processamento/da activação dos sistemas gramaticais e não incidir sobre a competência gramatical em si.

As teorias de interferência, no âmbito das quais são conduzidos muitos estudos de erosão, predizem que a informação linguística é modificada sob influência de outra língua. Em contextos de erosão, em que se perde o contacto activo com uma língua, pressupõe-se que muitos aspectos linguísticos da língua em desuso são substituídos por elementos da língua dominante. Uma das correntes mais influentes neste domínio de investigação tem sido a *CLI hypothesis* de Sharwood Smith (1983 e 1989), segundo o qual “[Cross Linguistic Influence] is a psycholinguistic term referring to the influence on the learner which one language system he or she possesses may have on another language system” (1989: 185). No entanto, nenhum dos estudos que se baseiam neste pressuposto (para uma visão geral destes estudos cf. Köpke, 2004) tem apresentado casos de falantes bilingues que mostram ter substituído por completo uma regra da sua língua em erosão pela regra correspondente da língua dominante. Pelo contrário, a maioria dos estudos apresenta casos em que os desvios à regra da língua não usada ocorrem em simultâneo com a aplicação correcta da regra, o que contraria a ideia da reestruturação do sistema gramatical em erosão e vai ao encontro do pressuposto que esta influência ocorre apenas ao nível da *performance*, isto é, do uso das línguas no momento da sua activação.

No caso dos falantes bilingues sob investigação, as suas duas línguas em competição, o alemão e o português, apresentam regras de posicionamento verbal muito distinto nos contextos analisados.

O português é uma língua que, superficialmente, lineariza de forma quase categórica a sequência SVO<sup>49</sup>, não possuindo a regra V-2 nem o parâmetro OV. Por um lado, isto significa que, em português, o verbo apenas sobe até IP, tanto nas orações-raiz como nas orações encaixadas. Pelo contrário, em alemão, em orações-raiz, o verbo tem de subir até C° para satisfazer a imposição V-2. Assim, enquanto que sequências do tipo XPSV em português são gramaticais, em alemão são incorrectas, pois, neste caso, o verbo não se eleva até à posição determinada por V-2 (C°). Consequentemente, nos exemplos \*XPSV, observados nos registos das falantes do G3, não é de excluir a hipótese de que o desvio a V-2 seja influenciado (ou reforçado) pelo português, onde essa sequência é a usual. Por outras palavras, é válido assumir que, durante o processamento do alemão, a L1 e a L2 dos falantes entrem em competição. Nestes casos, tendo o português um limiar de activação muito mais baixo, a sequência XPSV – de processamento fácil, pois é usual na L1 – impõe-se face à sequência XPVS. Esta exige a elevação do verbo para o CP e não tem correspondência na L1, pelo que a sua aplicação exija a inibição total do português.

O mesmo tipo de competição é válido para as estruturas V-final. No português - língua VO - o verbo antecede o objecto. Além disso, o verbo eleva-se para IP tanto em orações-raiz como em orações encaixadas, apresentando a sequência SVO em ambos os contextos. Nas formas verbais complexas ambos os verbos (o finito e o infinito) sobem para IP, originando sequências SvVO. Ora, em contextos de competição entre o português e alemão, durante a produção de orações encaixadas e de formas verbais complexas, a tensão resultante desta competição incide sobre a manutenção - ou não - do verbo no final da oração. Consequentemente, se o falante não conseguir inibir suficientemente a língua dominante, o português, e aplicar a regra de elevação do verbo à frase alemã, produz as sequências agramaticais \*V-nfinal e \*SvVO observadas nos registos do G3.

Resumindo, os mecanismos de produção verbal de falantes bilingues parecem estar muito mais interligados que os seus sistemas gramaticais. Enquanto que estes evoluem de forma autónoma desde a fase precoce de aquisição (pressuposto inerente à *Autonomous Development Hypothesis* de Meisel, 2001), aqueles parecem necessitar de um esforço contínuo para se manterem separados. Nas situações em que o falante bilingue não tem a capacidade de controlar as formas de activação das suas línguas e

---

<sup>49</sup> Naturalmente também verificamos no português ordens alternativas a SVO, por exemplo a livre inversão (VS) em construções focalizadas. No entanto, estas construções em nada equivalem à inversão VS do alemão, apresentando uma estrutura sintáctica subjacente e contextos de ocorrência muito diferentes (*vide* Barbosa, 2000).

inibir por completo a sua língua dominante (ver tb Grosjean, 2001) enquanto utiliza a língua menos falada, verificamos a ocorrência de processos de transferência interlinguística. No caso concreto em discussão, formas de linearização da frase, agramaticais na língua-alvo, são reforçadas pela gramaticalidade e frequência dessas formas na língua dominante.

Como vimos ao longo da análise dos registos de G3, a par do posicionamento verbal são também detectáveis muitas outras estruturas linguísticas que levantam menos dúvidas sobre a eventual ocorrência de processos de interferências. São de destacar a ocorrência agramatical de sujeitos e objectos nulos no alemão, as transferências de construções perifrásticas do português e de construções sintácticas fixas. No plano morfológico, exemplifiquemos a substituição da forma sintética de formação adjectival do grau comparativo do alemão pela forma analítica do português, observada nos registos da maioria das falantes do G3.

(90) weil sie ist **mehr schön** (Rita)  
*porque ela é mais bonita*  
gramatical: weil sie **schöner** ist

*Efeitos de idade: um período crítico para estabilização de competência linguística*

Importa agora reflectir sobre a importância do factor idade no processo descrito. Como vimos, as altas taxas de desvio aos principais parâmetros de posicionamento verbal apenas se verificam no *corpus* das oito falantes com regresso precoce, isto é, que perderam o *input* alemão antes dos onze anos de idade. Os dados do grupo 3 estão em claro contraste com os dados recolhidos dos registos dos outros dois grupos (G1 e G2). Aqui convém destacar sobretudo o grupo 2, constituído pelos falantes que vieram para Portugal a partir dos onze/doze anos de idade e que mantêm um contacto reduzido com o alemão desde o regresso. Neste grupo, as taxas de erros sintácticos do tipo \*XPSV, \*SvVO e \*V-nfinal são quase nulas. Recorde-se o contraste entre Paula e Eunice (4.2.5.1.), que apresentam taxas de ocorrência de erros de posicionamento verbal muito distintas, apesar de terem um percurso biográfico muito semelhante, sendo o factor ‘idade de regresso’ o único que as distingue.

Este contraste entre falantes que perdem o contacto com a L2 antes/depois dos onze anos de idade sugere que há uma fase etária em que o domínio dos principais parâmetros sintácticos se estabiliza. Se a perda de contacto com uma das línguas se dá após essa fase etária, os parâmetros já estão estabilizados e não são afectados por processos de erosão, provocados por dificuldades de inibição/activação das línguas. As

características dos grupos em investigação apontam para um limite etário que ronda os onze anos de idade. Assim, Irene e Sofia, que regressaram a Portugal com dez e nove anos, respectivamente, apresentam uma alta taxa de ocorrência de erros sintácticos relacionados com a posição do verbo, enquanto que, por exemplo, Inês e Alice, que vieram com doze anos de idade quase não apresentam desvios aos principais parâmetros discutidos.

Muitos estudos realizados no âmbito de *language attrition* confirmam que a idade em que se dá a privação de contacto com uma das línguas é um factor determinante para a ocorrência de erosão linguística (Kaufman, 2001; Kaufman/Aronoff, 1991; Seliger, 1989, 1991; Olshtain, 1989; Tomiyama, 2000; Turian/Altenberg, 1991). Tal como o presente estudo, Ammerlaan (1996) e Pelc (2001) analisam dados de falantes bilingues que mudaram de país de residência com diferentes idades, concluindo que processos de reestruturação de competência linguística apenas surgem nos falantes que emigraram durante a infância. Também de Bode (1996) afirma que erosão linguística é condicionada por factores neurobiológicos. Ocorre sobretudo na infância, fase em que a competência adquirida tem de ser reorganizada e estabilizada, sendo este um processo que “seems to take time and which ceases around the age of 12” (Bode, 1996: 50). Embora os estudos citados apontem para conclusões semelhantes às do presente trabalho, é de ressaltar que a maioria apenas analisa os domínios do léxico e da morfologia, deixando de lado os aspectos sintácticos. Apenas Tomiyama (2000) analisa o posicionamento do adjectivo dentro do DP, observando que Ken, a criança bilingue estudada, começa a mostrar indícios de erosão a este nível após 20 meses de mudança de *habitat* linguístico.

A presente análise comprova que a conclusão de Bode, referente à estabilização de conhecimento morfológico, também se aplica ao conhecimento sintáctico – em concreto, ao posicionamento do verbo. Com o avançar dos anos, a competência sintáctica torna-se mais estável, atingindo um estado em que os parâmetros analisados já não são – ou são apenas marginalmente – afectados por erosão.

Uma questão fundamental que emerge desta constatação é perceber por que razão a competência linguística da criança é mais susceptível a erosão que a do adulto. Um dos caminhos que me parece mais razoável na aproximação a esta questão é o recurso à ‘Hipótese do Período Crítico’, já discutida no ponto 1.1.1.2.

Se todos os falantes que compõem o meu grupo de investigação adquiriram o alemão de forma semelhante e com idades idênticas, mas apenas os falantes que

regressaram a Portugal antes dos dez/onze anos de idade apresentam instabilidade em relação ao posicionamento verbal, a idade parece de facto constituir um factor central de estabilização de competência adquirida. Os dados extraídos da presente análise sugerem que, após a aquisição dos parâmetros de posicionamento verbal, estes necessitem de um período para se estabilizarem por completo na mente humana, período este que parece findar por volta dos onze anos de idade. Se ocorrer uma quebra de *input* da língua durante a fase de estabilização, estes parâmetros sintácticos tornam-se vulneráveis e, em situações de insuficiente controlo sobre a língua em desuso, são afectados por processos de erosão.

Assim, a análise apresentada confirma a hipótese formulada em 3.2.:

*Existe uma fase de maturação para a aquisição de uma ou mais línguas, que atinge o seu pique entre os quatro e os sete anos de idade. Por volta dessa idade é suposto a criança ter adquirido a(s) língua(s) à qual/ às quais tem sido exposta. Esta fase de maturação é seguida de uma fase de estabilização, que culminará numa competência linguística estável na(s) língua(s) adquirida(s), se for mantido o grau de input recebido durante a fase de aquisição. Caso contrário, o falante apresentará instabilidade a nível dos principais parâmetros sintácticos da língua não usada.*

Resta definir o que é competência sintáctica instável. Como vimos, os falantes que deixam de ter contacto com a sua segunda língua durante a infância, mais precisamente numa fase em que a língua já foi adquirida (a partir dos 5/6 anos), não perdem o domínio dos parâmetros sintácticos dessa língua. No entanto, a par de construções que se regem por esses parâmetros, também constroem estruturas sintácticas que os violam. Ligando esta ideia à *Activation Threshold Hypothesis* acima discutida, a instabilidade do conhecimento sintáctico expressa-se na insuficiente activação da língua em desuso ou, vendo o outro lado da moeda, na insuficiente inibição da língua predominante. Por outras palavras, se os parâmetros não se encontram suficientemente estabilizados, a falta de controlo sobre a língua em desuso leva a um predomínio da língua dominante durante o acto de processamento verbal.

Assim sendo, o processo de erosão linguística não terá que ser necessariamente entendido como perda irreduzível de competência linguística, mas sobretudo como

perda da capacidade de controlar os mecanismos de activação e inibição das duas línguas em competição na mente bilingue.

Por fim, os dados do grupo 3 mostram ainda que, no caso de quebra precoce de *input*, estes processos de erosão se manifestam logo entre o primeiro e o segundo ano de ausência de contacto regular com a L2 (veja-se o contraste entre Iolanda / Rita, por um lado, e Rui, por outro lado). Como demonstram o caso de Helena e Eunice, um aumento do período sem contacto leva a maiores dificuldades de activação da língua, que se manifesta por exemplo na falta de vocabulário, no entanto, não tem influência decisiva na competência sintáctica dos falantes. Mesmo após um longo período sem contacto com a L2, as falantes conseguem aplicar correctamente as regras de posicionamento verbal. Este facto confirma a hipótese de que o sistema gramatical dos falantes não é afectado por erosão mas sim os mecanismos de processamento verbal. Tudo indica que não é necessário muito tempo para que estes se desestabilizem, mas que também voltam a estabilizar-se se houver aumento de *input* (veja-se a melhor *performance* de Sofia depois de um período de mais *input* alemão).

#### **4.4. Adenda: Reflexões sobre a competência linguística dos falantes do Grupo 4**

No seguimento da discussão sobre o efeito do factor idade na estabilização da competência sintáctica de falantes bilingues, será interessante lançar um olhar sobre o subgrupo 4. Como foi descrito em 2.2.3.4., este grupo caracteriza-se por ser constituído por falantes que não conseguiram falar alemão durante a entrevista. As cinco falantes entrevistadas apresentam idades de regresso entre os cinco e os nove anos de idade e um tempo de estada em Portugal superior aos cinco anos. Todas elas perderam o contacto com a L2 após a vinda para Portugal.

Apesar de alguma insistência por parte da entrevistadora, em nenhum dos casos, foi possível criar situações de comunicação em língua alemã, pois as participantes demonstraram já não dominar a sua L2. Neste âmbito é de realçar que algumas falantes, para além de não falarem alemão, também não entendiam as perguntas colocadas em língua alemã, aparentando terem perdido não só a sua capacidade produtiva, mas também o domínio receptivo de compreensão oral.

Assim, Mariana foi a única falante que, apesar de não ter conseguindo responder em alemão, foi capaz de compreender muitas das perguntas colocadas (embora também no seu caso foi necessário passar para o português à medida que as perguntas iam passando

do domínio mais comum de indicação de nome, idade, etc. para níveis mais complexos).

Vejamos um excerto da entrevista a Mariana:

- (91) *E: wie heißt du[?]*  
M: eh como é que eu me chamo eh ui.  
*E: wie heißt du[?]*  
M: ich heiße Mariana ou ich bin Mariana.  
*E: hmhm, und wie alt bist du[?]*  
M: eu sei que é 13 anos não é, dreizehn Jahre ou qualquer coisa assim.  
*E: du bist in der Schweiz geboren[?]*  
M: se eu nasci na Suíça[?]  
*E: hmhm.*  
M: hm como é que se diz isso. tá difícil.  
M: ja  
*E: mit wie vielen Jahren bist du nach Portugal gekommen[?]*  
M: sieben.  
*E: mit sieben und wie lange bist du schon hier in Portugal[?]*  
M: fünf.  
*E: fünf Jahre. bist du in der Schweiz in die Schule gegangen[?]*  
M: nein.  
*E: nicht[?]*  
M: nee.  
*E: aber Kindergarten hast du gemacht[?]*  
M: ja.  
*E: zwei Jahre[?] oder ein Jahr[?]*  
M: acho que foi/  
*E: weißt du nicht mehr[?]*  
M: num sei.  
*E: dann bist du nach Portugal zurückgekommen um hier in die Schule zu gehen[?]*  
M: ja.  
*E: als du in der Schweiz warst konntest du besser Deutsch oder Portugiesisch[?]  
also Deutsch Schweizerdeutsch.*  
M: acho que era Schw/ não. Deutsch não mas era/  
*E: Schweizerdeutsch, Schwyzerdütsch*  
M: é.  
*E: konntest du besser als Portugiesisch.*  
M: sim.  
*E: hattest du Problem hier in der Schule als du zurückgekommen bist[?]*  
M: in der/ foi na primeira classe  
*E: in der erste Klasse hattest du einige Probleme, war das mit der Sprache, beim  
Sprechen oder beim Schreiben[?]*  
M: como é que se diz as duas coisas[?]  
[...]  
*E: tentar falar alemão. sempre que conseguires,*  
M: pequenas palavras perceber percebo agora falar.  
*E: tentas falar. está bem[?]*  
M: \$ tá bem.  
*E: und mit denen hast du dann Deutsch gesprochen oder Portugiesisch[?] in den  
Ferien als sie hergekommen sind[?]*  
M: Portugiesisch.  
*E: Portugiesisch, habt ihr nie versucht Deutsch zu sprechen[?]*  
M: eh, manchmal.  
*E: manchmal.*  
M: ja.

*E: so kleine Wörtchen zum Beispiel Tschüss oder/  
M: Tschüss, wie geht's.  
E: genau so kleine Wörter habt ihr so gemixt. als du in der Schweiz warst hast du mit anderen Portugiesen die Sprachen gemixt[?] so Portugiesisch und Deutsch zusammen[?]  
M: se[?]  
E: se misturavas, quando estavas na Suíça ainda/  
M: falava. em casa falava/*

Nos casos de Gabriela e Marcela, a compreensão não passou além da frase introdutória “wie heißt du?” (‘Como te chamas?’). Veja-se os excertos (92) e (93):

- (92) *E: wie heißt du[?]  
G: ich heiße Gabriela.  
E: wie alt bist du[?]  
G: ehm. (11sec)  
E: also eins zwei drei vier fünf sechs sie/  
G: dreizehn.  
E: dreizehn, ok. mit vielen Jahren bist du von Deutschland nach Portugal gekommen[?]  
G: (3sec)  
E: nicht[?] ok. bist du in Deutschland geboren[?]  
G: num percebo.  
E: não, nada[?]  
G: essa parte não.*
- (93) *E: ok. wir versuchen es zuerst auf Deutsch. ja[?] also könntest du dich vorstellen[?] sagen wie du heißt. wie alt du bist.  
M: (4sec)  
E: nicht[?]  
M: nicht.  
E: wie heißt du[?]  
M: Marcela.  
E: ja genau. und wie alt, bist du[?]  
M: (3sec) ehm. Encorados[?]  
E: nein, wo du wohnst ja, wo du wohnst ist Encorados, und wie alt bist du[?] Alter[?] weißt es nicht mehr[?]  
M: nein.*

O caso destas cinco falantes (seleccionadas entre um grupo de dez participantes do projecto POCI/LIN/59780/2004 que apresentavam as mesmas características) remete directamente para a discussão em torno da questão se é possível um falante perder totalmente uma língua que adquiriu naturalmente durante a infância. A metodologia do presente trabalho não permite responder a esta questão, uma vez que nos baseamos apenas na observação do grupo, nas suas características extralinguísticas e no seu confronto com os outros subgrupos. Contudo, com base na observação deste grupo, é

possível tirar algumas ilações que poderão servir de ponto de partida para futuras pesquisas neste domínio.

Dentro do domínio de investigação de *language attrition* há um número importante de estudos que focam falantes que cresceram com uma ou duas línguas mas acabaram por esquecer uma delas na sua totalidade. A maioria destes trabalhos estuda falantes que foram adoptados durante a infância, tendo perdido o contacto com a sua L1.<sup>50</sup> Uma das principais preocupações destes estudos consiste em perceber se a língua esquecida foi perdida, isto é, totalmente eliminada da mente humana ou apenas está bloqueada sem que o falante tenha acesso a ela (cf. Pallier, 2007). As duas hipóteses são defendidas na literatura sobre esta temática.

Nos estudos neurolinguísticos conduzidos com falantes de origem coreana adoptados por casais franceses, Pallier (2003), Ventureyra/Pallier (2004) e Ventureyra *et al.* (2004) defendem que o coreano foi completamente eliminado da mente dos falantes observados, pois nos testes realizados não detectaram nenhuma sensibilidade a estímulos da L1. Este facto leva Pallier a concluir que:

Thus, brain imaging data and behavioural data converge on the conclusion that years of exposure to a language in childhood are not sufficient to maintain a solid knowledge of this language. [...] the Korean language may have been “erased” from the brain of the adoptees. (Pallier, 2007: 161)

Contra esta visão estão as hipóteses que partem do pressuposto da *Critical Threshold*. Neisser (1984), um dos primeiros investigadores a propor a ideia de existência de um ‘limiar crítico’, defende que os aspectos linguísticos que alcançam o limiar crítico de retenção da linguagem tornam-se imunes ao esquecimento. Pan/Berko-Gleason (1986:204) apoiam esta ideia, propondo que deverá existir “uma massa crítica de linguagem que, uma vez adquirida, torna a perda impossível”. Um método aplicado para provar a retenção da linguagem escondida (“hidden language”, Footnick, 2007) é a hipnose. Os estudos de Campbell/Schumann (1981) e Footnick (2007) mostram que uma língua aparentemente “perdida” pode ser recuperada através de hipnose.

Para explicar esta aparente perda, muitos autores recorrem às teorias psicolinguísticas de processamento / de activação e inibição da língua, apresentadas em

---

<sup>50</sup> Destaca-se os estudos de Pallier *et al.* (2003), Ventureyra/Pallier (2004) e os trabalhos apresentados no Colóquio *L1 loss, L2 acquisition and L1 regaining in international adoptees*, integrado no 6º Simpósio Internacional de Bilinguismo (ISB6), vide <http://www.isb6.org/static/colloquia.pdf>

1.1.2. Assim, nos seus estudos sobre crianças japonesas remigradas, Hansen (1999a/b) distingue entre o que foi ‘perdido’ mas não necessariamente ‘desaparecido’, afirmando que o falante poderá perder o acesso a informação bem guardada na mente humana, sem que ela tenha desaparecido. Assim, a aparente perda da língua deve-se em primeiro lugar à incapacidade de activar a língua não usada, ideia também defendida por Hulsen/de Bot/Weltens (2002). Seguindo esta linha de investigação, alguns estudos têm como objectivo criar os estímulos necessários à reactivação da língua. De Bot/Stoessel (2000), por exemplo, testam a possibilidade de reactivar o holandês, língua aprendida pelos sujeitos sob investigação durante a infância mas não usada há mais de trinta anos, concluindo que os falantes não perderam a língua “esquecida”, mesmo após tão prolongado tempo de privação de contacto. Na literatura sobre esta temática continua, no entanto, a não haver consenso quanto à hipótese de falantes com uma língua “escondida” reaprenderem mais facilmente essa língua do que os falantes que a aprendem pela primeira vez.<sup>51</sup>

Voltando ao caso das cinco falantes que constituem o grupo 4, os dados de que dispomos não permitem decidir se as participantes perderam totalmente a língua alemã ou ainda a mantêm retida nalgum lugar recôndito da sua mente. Contudo, é possível discutir alguns factos que nos aproximam de uma das visões apresentadas.

Em primeiro lugar é de realçar a pouca distância que separa as falantes de G4 das falantes de G3. Assim, tal como Eunice e Helena do grupo 3, também Mariana e Gabriela do grupo 4 vieram para Portugal aos sete anos de idade. Todas estas falantes nasceram no país de acolhimento e ainda frequentaram o primeiro ano de escolaridade suíço/alemão. Todas afirmaram que o alemão era a língua mais falada antes da vinda para Portugal, não tendo qualquer problema linguístico durante a frequência do sistema de ensino alemão/suíço. Como vimos, apesar de demonstrarem grandes dificuldades na activação do alemão, tanto Eunice como Helena conseguiram expressar-se na sua L2, mesmo após um prolongado período de ausência de *input*. Em ambos os casos verificámos que as falantes não tinham perdido o domínio de V-2 e OV,

---

<sup>51</sup> O próprio estudo de de Bot/Stoessel (2000) é inconclusivo quanto a esta questão, já que em média os falantes com a língua “escondida” apresentam uma média de reaprendizagem de vocabulário holandês superior ao do grupo de controlo. No entanto, em termos individuais, alguns participantes do grupo de controlo apresentam melhores resultados que os falantes sob investigação.

sabendo construir correctamente sequências XPVS, SvOV e V-final. Ao contrário de Eunice e Helena, Mariana e Gabriela não conseguiram expressar-se em alemão. Contudo, também entre estas duas falantes é de observar uma diferença: Mariana ainda mantém alguma competência receptiva, enquanto que Gabriela afirma não entender as perguntas colocadas pela entrevistadora em alemão.

Ora, estas observações levantam a seguinte questão: por que razão duas destas quatro falantes aparentam ter perdido a sua L2 e as outras duas não, tendo as quatro um percurso biográfico muito idêntico? Será que as falantes de G4 perderam mesmo a sua segunda língua e as falantes de G3 não? Se sim, qual o factor que poderá ter influenciado esta evolução distinta?

O factor idade tem de ser excluído, já que as quatro falantes vieram para Portugal com idades idênticas.

Também o factor literacia parece não ser decisivo, pois as quatro falantes ainda frequentaram o primeiro ano da escola alemã/suíça, apresentando um percurso escolar muito similar.

De igual modo é de excluir a influência do factor ‘tempo de estada em Portugal’, uma vez que Helena e Eunice [G3] apresentam um tempo de estada muito mais prolongado que as falantes de G4, ou seja, estão há muito mais tempo privadas do contacto com a L2, mas ainda a conseguem activar.

Excluídos estes factores, a diferença entre as falantes parece residir mais em características individuais, isto é, na sua capacidade em reactivar a sua língua “escondida”. Neste sentido, as falantes Helena e Eunice parecem apresentar mais capacidade em activar o seu alemão. É de realçar que o passo entre a activação de uma parte da língua e a sua não activação é muito curto. Apesar de Helena e Eunice conseguirem activar a sua L2, não conseguem manter um discurso muito prolongado e coeso em alemão. É muito provável que a sua fluência aumente consideravelmente se forem proporcionados momentos de contacto com a L2 mais regulares. Por outras palavras, entre o “não falar alemão” e o “ainda conseguir dizer algumas frases” parece estar uma barreira psicológica/neurológica cuja ultrapassagem depende do esforço, da motivação e da vontade de cada indivíduo. Neste sentido, parece ser muito mais correcto partir do pressuposto de que a segunda língua, adquirida durante a infância, não desapareceu da mente destas falantes, no entanto, umas conseguem reactivá-la mais facilmente do que outras.

Naturalmente o factor idade é decisivo neste processo de activação. Quanto mais novo o falante é, mais difícil parece ser o seu controlo sobre este processo. Destaca-se o caso de Solange [G3]. Como foi exposto em 2.2.3.3., Solange adquiriu o seu bilinguismo de forma simultânea, tendo tido um *input* muito mais elevado por parte do alemão do que do português até à idade de mudança para Portugal. Actualmente tem sete anos de idade e vive em Portugal há dois anos. No momento da entrevista e apesar de muitos esforços, também por parte da mãe de Solange, foi extremamente difícil fazer com que a criança falasse alemão, pois, Solange referia muitas vezes que não se conseguia lembrar das palavras alemãs. Contudo, percebia todas as perguntas colocadas pela entrevistadora e, quando ajudada a lembrar-se do vocabulário, conseguia construir frases alemãs. Como vimos na discussão dos seus dados em 4.2.1.8., apesar destas dificuldades e de alguns desvios sintácticos, Solange conseguiu aplicar correctamente os parâmetros V-2 e OV. É ainda de realçar que a inibição em falar alemão não se deveu de forma nenhuma a alguma reacção negativa contra a língua alemã, contra o seu país de nascimento ou contra a presença da entrevistadora, já que a menina se mostrou muito motivada para participar nos exercícios propostos e já conhecia a entrevistadora de encontros precedentes, reagindo positivamente à sua presença. Nas conversas em português afirmou gostar muito da Alemanha e gostar de ver programas televisivos alemães. Neste sentido, as dificuldades apresentadas por Solange parecem mesmo dever-se a problemas de activação da língua pouco usada, não parecendo correcto afirmar que Solange perdeu a língua alemã, pois, os momentos em que consegue activá-la provam que não a perdeu. Neste momento da pesquisa será apenas especulativo antever o desenvolvimento deste processo, mas muito provavelmente as dificuldades manifestadas por Solange irão intensificar-se com o tempo, podendo atingir um ponto em que a falante já não se consiga expressar em alemão e afirmar já não dominar a língua. Na verdade, este parece ser o ponto atingido pelas falantes do grupo 4. Clara e Flora, que vieram para Portugal com idades semelhantes às de Solange, estando privadas do contacto com a sua L2 há sete e nove anos, respectivamente, afirmam já não dominar o alemão. A observação do caso de Solange indica que muito provavelmente devem ter passado por estádios de regressão rápida da capacidade de activação da L2, culminando na sua inibição total.

Por fim, valerá a pena discutir ainda o caso de Marcela, pois também esta falante mostrou já não conseguir falar (nem compreender) a sua L2. Marcela distingue-se das outras quatro falantes de G4 por apresentar a idade de emigração e de regresso mais

elevada: foi para a Suíça com quase cinco anos de idade, tendo regressado aos nove. Isto significa que Marcela ainda frequentou três anos do sistema educativo do país de acolhimento, tal como Rita, Iolanda (G3) e Rui (G1). É, por isso, curioso observar que, ao contrário destes falantes, Marcela já não consegue dizer nada em alemão. Como mostra o excerto da entrevista (93), a falante nem consegue entender a pergunta “*wie alt bist du*” (‘que idade tens?’), interpretando-a como questão acerca da sua residência (pois responde “Encorados”, uma freguesia do concelho de Braga). No caso de Marcela destaca-se a aprendizagem tardia do alemão (por volta dos cinco anos). Apesar da falante afirmar não ter tido dificuldades linguísticas na escola suíça e ter transitado sempre de ano, o que indica que adquiriu bem a L2, apenas teve quatro anos de exposição ao alemão. Além disso, o início desta exposição já se deu numa idade que muitos investigadores consideram crítica, defendendo que nesta altura a criança já não adquire a L2 da mesma forma como uma criança mais nova (ver discussão em 1.1.1.2.). Este dado poderá ser indicativo de uma maior instabilidade na aquisição da língua, que se manifesta numa maior dificuldade em activá-la, apesar de a falante ter regressado com idade idêntica à de falantes que apresentam muito menos problemas de activação da L2 (os casos de Rita, Iolanda e Sofia). Permanecendo no plano especulativo, também se poderia levantar a possibilidade de, no caso de Marcela, o processo de aquisição ter ficado muito aquém do tal limiar crítico, definido por Neisser (1984) como indispensável à retenção definitiva da língua.

Resumindo, apesar de não apresentar testes válidos para confirmar as hipóteses levantadas, os casos aqui discutidos parecem confirmar a ideia de que erosão linguística é sobretudo um processo de insuficiente activação linguística. Quanto mais baixa a idade em que o corte de *input* da L2 se dá, mais dificuldades os falantes apresentam na activação da língua, dificuldades estas que poderão atingir o limite extremo de inibição completa da segunda língua, aparentando a sua perda total.

O acompanhamento futuro deste tipo de falantes exigirá a criação de testes de reactivação tal como apresentados por exemplo no estudo de Bot/Stoessel (2000). Apesar de os resultados de tal pesquisa já não poderem ser integrados no presente estudo, o interesse neste grupo de falantes mantém-se para além deste trabalho e serão integrados em pesquisas futuras.

## CAPÍTULO 5

### ***Realização do objecto e do sujeito***

No presente capítulo pretende-se analisar o desempenho dos falantes sob investigação em relação a duas propriedades sintácticas do domínio da expressão argumental: a realização /omissão do objecto (5.1.) e do sujeito (5.2) na L2.

#### **5.1. Expressão do objecto directo**

Começamos pela expressão do objecto directo. A produção de frases alemãs com objectos nulos, isto é, indevidamente omitidos, é um fenómeno de elisão sintáctica observado com alguma frequência nos registos de falantes regressados. Importa, portanto, verificar a sua expressividade nos registos dos diferentes falantes, relacioná-la com os factores extralinguísticos que caracterizam os vários subgrupos e discutir este fenómeno no âmbito da erosão linguística.

Sendo um fenómeno típico de línguas como o português (e o chinês), o objecto nulo não tem correspondência estrutural no alemão. Embora a língua alemã não disponha deste fenómeno, apresenta um processo de elisão com algumas semelhanças: o fenómeno de omissão de tópico (*topic-drop*). Após a discussão do objecto nulo português e da omissão de tópico do alemão, serão delimitadas as principais diferenças entre estes dois processos. Em 5.1.5 serão apresentados os dados recolhidos dos *corpora*, seguindo-se a sua discussão e a tentativa de caracterizar este processo de variação sintáctica, tendo em conta as principais hipóteses deste trabalho.

##### **5.1.1. O objecto nulo do português**

A ausência fonética do objecto directo é uma propriedade típica do português europeu. Caracteriza-se pela sua natureza pragmática, pelo que - segundo Huang (1984: 549) - apenas ocorre em línguas “orientadas para o discurso” (“*discourse-oriented*”), como o são o português e o chinês, mas não em inglês, língua “orientada para a frase” (*ibidem*). Segundo Huang, também o alemão partilha algumas das características das

línguas “orientadas para o discurso”, uma vez que também possui tópicos nulos (*zero topics*). Ou seja, o alemão e o português partilham condicionantes pragmáticas semelhantes, que permitem a ocorrência de tópicos nulos, distinguem-se no entanto quanto aos constrangimentos sintácticos que lhes subjazem.

Quanto aos traços sintácticos mais relevantes desta construção elíptica, é de destacar a (aparente) omissão *in situ* do objecto e a obrigatoriedade da sua identificação através do contexto discursivo, ou seja, a sua natureza tópica.

Exemplo:

- (94) a. Entrevistadora: lembras-te mais ou menos quanto tempo é que demorou a esqueceres completamente o alemão[?]  
Flora: demorou mesmo pouco tempo **que eu esqueci.** (Flora)

No exemplo (94a), a falante omite o objecto “o alemão”, o qual pode ser recuperado através da pergunta da entrevistadora. Trata-se, por isso, de um argumento já referido no contexto discursivo, isto é, de um objecto tópico. Se estivesse realizado, o objecto seguiria o verbo no caso de uma realização nominal ou antecedia-o no caso de uma realização clítica.

- b. Demorou mesmo pouco tempo **que eu (o) esqueci (o alemão)**

Num contexto discursivo em que não seria possível identificar a referência do objecto, a frase produzida por Flora seria agramatical. Veja-se o hipotético contexto c.:

- c. Entrevistador: Fala-me um pouco do teu percurso linguístico.  
\*Demorou mesmo pouco tempo **que eu esqueci.**

Em (94c), a pergunta da entrevistadora não fornece a referência necessária à identificação do objecto directo de ‘esquecer’. Não seria, por isso, possível projectar o argumento interno do verbo. No entanto, a sua natureza transitiva obriga a tal projecção, uma vez que o predicador verbal tem o papel temático de objecto por atribuir (Critério Temático; Chomsky, 1981).

O objecto nulo é, portanto, caracterizado pela ocorrência de uma categoria vazia na posição do argumento interno do verbo transitivo, o qual é pragmaticamente identificável e por isso sintacticamente projectável.

A primeira análise de referência do objecto nulo português foi apresentada por Raposo (1986), que globalmente segue a proposta de Huang (1984), introduzindo-lhe algumas alterações.

Huang e Raposo caracterizam a categoria vazia resultante da omissão do objecto directo como sendo uma variável, com o argumento de que esta categoria é “locally bound to an A'-position” (Raposo, 1986: 374), como definido em Chomsky (1981). Segundo Huang (1984), o antecedente desta variável A'-ligada é um tópico igualmente vazio. Raposo revê esta análise aceitando a A'-ligação ao ‘tópico zero’, mas sugerindo uma estrutura sintáctica mais complexa: “the variable in object position results from the rule of Move- $\alpha$ ” (*op.cit.*: 380). Nesta concepção, em semelhança ao comportamento de construções-QU, o objecto nulo corresponde a um vestígio resultante de movimento, cujo alvo é uma posição de operador, isto é, a posição C°. Raposo fundamenta esta análise recorrendo aos argumentos de sensibilidade a ilhas, exibição de efeitos de cruzamento forte e restrição à sua ocorrência em contexto de ilha-QU.

Aceitando a proposta de Raposo (1986), à frase (95a) corresponderia então a estrutura (95b):

- (95) a. enquanto lá, na Alemanha separa-se o lixo em casa sim mas tens dias que pões, um certo. um certo lixo lá fora, **eles vêm buscar naquele dia.** (Flora)

b. [<sub>TOP</sub> CV<sub>i</sub>] [<sub>CP</sub> OP<sub>j</sub> [<sub>IP</sub> eles vêm buscar *vrl<sub>j</sub>* naquele dia] ]

A construção de objecto nulo distingue-se de outros tipos de construção que também parecem apresentar objectos sem realização lexical e que, por isso, são facilmente confundidos com a primeira, nomeadamente o fenómeno conhecido por ‘Objecto não especificado’ (“*unspecified object*”, Raposo, 1986: 376) e a ‘Elipse do SV’.

O objecto não especificado ocorre apenas com uma classe muito restrita de verbos, por exemplo, ‘fumar’, ‘ler’ ou ‘comer’. Os objectos internos destes verbos são determinados “em termos culturalmente invariáveis, designando normalmente um tipo genérico ou canónico” (Carrilho, 1994: 110), e não exibem a mesma dependência pragmática que caracteriza o objecto nulo. Por exemplo, o evento designado pelo predicado ‘fumar’ envolve o objecto genérico ‘cigarro’, sem necessidade de referência a um cigarro concreto, ou ‘ler’ implica que “algo” seja lido, sem que seja necessário referir um livro específico. Além disso, alguns autores atribuem ao objecto não especificado um significado imperfectivo (“*imperfective meaning*”, Raposo, 1986: 376). Como também referem Mateus *et al.* (1989: 163), “nestes casos, o estado de coisas descrito é interpretado geralmente como um processo”. No entanto, é de realçar que nem sempre o objecto não especificado tem um valor genérico. O que de facto caracteriza estas construções é o seu valor indefinido / não específico. Compare-se as seguintes frases, ambas com um objecto não especificado:

(96) a. O João já saiu? Ele já comeu?

b. O João tem um apetite insaciável. Come imenso.

Em ambas as frases, o objecto omitido tem um valor indefinido, referindo-se “ao que é comestível”, a comida não específica. Porém, apenas em (96b) a acção descrita é de facto um processo, tendo um valor imperfectivo.

Os exemplos (96a/b) distinguem-se claramente do exemplo (96c):

c. O João trouxe-me uma sandes deliciosa. Comi imediatamente!

Em (96c), o objecto omitido é ‘a sandes que o João trouxe’. Trata-se, portanto, de uma entidade específica, identificável através do contexto discursivo. Aliás, a frase (96c) só é gramatical num contexto em que seja possível recuperar o objecto não realizado.

Tendo um carácter universal e não partilhando as exigências pragmáticas do objecto nulo, é natural que, ao contrário do último, o objecto não especificado também ocorra no alemão, tal como exemplificado em (96d). Estas ocorrências não são contabilizadas na análise do *corpus*.

d. wenn ich Zeit habe, lese ich sehr gerne. (Célia)  
(Quando tenho tempo, gosto de ler.)

O segundo tipo de construção elíptica, passível de ser confundida com o objecto nulo, é a chamada ‘Elipse do SV’ ou ‘SV Nulo’ (cf. Cyrino/Matos, 2002 e 2005; Matos, 1992; Raposo, 1986, 1996 e 1998).

A elipse do SV é uma propriedade típica do português (tanto do PE como do PB, vide Cyrino/Matos, 2002), sem construção equivalente na maioria das outras línguas românicas. O que caracteriza esta construção é a omissão dos constituintes do segundo sintagma verbal (argumentos e adjuntos) em contextos de coordenação ou subordinação, sendo necessário que o verbo que licencia o constituinte elíptico seja idêntico ao do sintagma verbal antecedente.

Exemplo:

(97) a. A Ana já tinha lido esse livro à irmã mas a Paula não tinha.  
(exemplo de Cyrino/Matos, 2002)

A construção (97a) resulta da omissão de todos os elementos do VP após o movimento do verbo finito para T°. Neste caso, a omissão afecta a forma não finita

(‘lido’) e os objectos directo (‘o livro’) e indirecto (‘à irmã’), como representado em (97b) (só se representa os movimentos essenciais):

b. mas a Paula não [<sub>T</sub> tinha<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> tinha<sub>i</sub> lido] esse livro à irmã]]

Um segundo contexto caracterizado como elipse de SV corresponde às respostas a interrogativas globais (sim/não), tal como exemplificado em Raposo (1986) [exemplo aqui transcrito como (97c)]:

c. A empregada colocou os livros na estante?  
Sim, ela colocou \_\_\_\_ \_\_\_\_.

A construção de SV nulo tanto pode ocorrer com verbos auxiliares como com verbos principais, como demonstrado em (97d):

d. A Ana não leva o computador para as aulas, porque os amigos também não levam.  
(exemplo de Cyrino/Matos, 2002)

São sobretudo estas construções com verbos principais que levantam a problemática de distinção entre SV nulo e objecto nulo. Senão vejamos: a elipse do SV inclui todos os complementos do verbo e por vezes até os adjuntos, enquanto que o objecto nulo só diz respeito à omissão do objecto directo (cf. Raposo, 1986; Cyrino/Matos, 2002). Porém, nos casos em que o sintagma verbal só inclui um objecto directo, a sua omissão poderia ser interpretada como objecto directo ou como SV nulo, tal como demonstrado no exemplo de Cyrino/Matos (2002), aqui transcrito como (98):

(98) O João leu esse livro e a Ana também leu [-].

Raposo (1986), Cyrina/Matos (2002) e Matos/Cyrina (2004) apresentam várias propriedades que permitem distinguir a elipse do SV do objecto nulo, no entanto, no nosso caso, mais importante que repetir estes critérios distintivos, será verificar qual o comportamento do alemão em relação à elipse do SV e se a distinção entre esta construção e o objecto nulo poderá interferir na análise dos dados do *corpus*.

Ao contrário do português (e do inglês), o alemão não dispõe do fenómeno de elipse de SV. Assim, uma frase como (99a) do português, em alemão, teria que ser construída como em (99b):

(99) a. O João consegue resolver o exercício, mas eu sei que o Paulo não consegue.

b. Jan kann die Aufgabe lösen, aber ich weiß, dass Peter es nicht kann.  
(Lopes/Winkler, 2000)  
*Jan consegue o exercício resolver mas eu sei que Peter o não consegue*

Comparando as duas frases, verifica-se que o alemão exige a presença do pronome *es* na posição que em português está vazia.<sup>52</sup> Segundo Lopes/Winkler (2000), *es* é um morfema anafórico que tem a função de substituir o sintagma verbal não expresso. Os autores comparam esta construção à elipse do SV do inglês, considerando que “the English examples include a phonetically silent predicate whereas the German examples include an overt proform” (Lopes/Winkler, 2000: 624). Para os autores, ambas as construções são “*VP-anaphora*”. Ora, sem querer explorar exaustivamente as diferenças entre o alemão, o inglês e o português em relação a estas construções, o que importa reter no nosso caso é que, de facto, o alemão exhibe um comportamento diferente do português. Enquanto que o português permite a realização nula dos elementos do sintagma verbal, no alemão, este processo tem de ser substituído pelo pronome *es*. Uma outra estratégia que o alemão possui para recompensar a falta do SV nulo é o recurso à expressão “fazê-lo”, a qual retoma anaforicamente o VP da oração subordinante, sem o repetir. Assim, o equivalente alemão a (97d) – aqui retomado como (99c) - poderá ser (99d):

- c. A Ana não leva o computador para as aulas, porque os amigos também não levam.  
 d. Ana bringt ihren Laptop nicht zum Unterricht, weil die Freunde **es** auch  
*Ana leva o seu portátil não às aulas porque os amigos o também*  
 nicht **tun**.  
*não fazem*

Estratégias semelhantes verifica-se nas respostas a interrogativas globais. A resposta a uma frase como (97c) – aqui retomada como (99e) - poderá ser (99f):

- e. A empregada colocou os livros na estante?  
 Sim, ela colocou \_\_\_\_ \_\_\_\_.  
 f. Hat die Angestellte die Bücher ins Regal gestellt?  
 Ja, sie hat **es getan**.  
*sim ela Vaux<sub>fin</sub> o fazer[V<sub>part</sub>]*  
*(Sim, ela fê-lo.)*

Outra estratégia é o recurso à inversão como em (99g):

- g. Ja, hat sie.  
*Sim Vaux<sub>fin</sub> ela.*

<sup>52</sup> Excluímos da discussão as construções em que, para além do sintagma verbal, também é eliminada a projecção superior a VP (TP). Estas construções são recorrentes no alemão e no português:

O João consegue resolver o exercício mas o Pedro não.  
 Jan kann die Aufgabe lösen, aber Peter nicht.

Importante é reter que o alemão e o português não exibem apenas diferenças em relação à realização do objecto tópico, mas também em relação a outras construções elípticas. Contudo, com o objectivo de restringir a presente análise apenas à realização do objecto tópico, todas as construções de coordenação e subordinação do tipo *VP-anaphora* (recorrendo à classificação de Lopes/Winkler, 2000) assim como as respostas a interrogativas globais serão excluídas da seguinte quantificação.

### 5.1.2. A omissão de tópico do alemão

Apesar de a ordem de palavras mais frequentemente produzida no alemão ser aquela em que o sujeito é seguido do verbo, o qual por sua vez é seguido pelo objecto (SVO ou  $SV_{fin}OV_{inf}$ ), o alemão exhibe bastante liberdade em relação à seriação dos elementos da frase. No capítulo anterior vimos, porém, que esta liberdade não afecta o verbo, o qual invariavelmente ocorre na segunda posição da frase declarativa, pelo que o alemão é consensualmente classificado como língua V2. Vimos também que não é apenas o sujeito que pode ocorrer na posição pré-verbal (inicial), mas também o objecto e o sintagma adverbial, os quais se movem juntamente com o verbo para o CP, ocupando o seu especificador. Este movimento é tradicionalmente explicado como ‘regra de topicalização’ (*Topikalisierung*, cf. Grewendorf/Hamm/Sternefeld, 1987), termo pouco acertado, já que nem sempre o elemento movido para SpecCP tem de facto estatuto de tópico (podendo também ser um elemento focalizado).

Não obstante esta objecção, quando o elemento movido é de facto um tópico, ele pode ser omitido no alemão falado (restrições discutidas abaixo), fenómeno designado de ‘*Topic-drop*’ (doravante também ‘Omissão de Tópico’). Um factor-chave que tem sido apontado como pré-requisito para a possibilidade de omissão de constituintes tem sido a capacidade de estes serem recuperados pelo contexto, isto é, ou pela sua identificação gramatical (p.ex. através da concordância verbal) ou através do discurso (Huang, 1984). Em alemão, tanto o sujeito como o objecto podem ser omitidos, como ilustrado em (100) e (101), respectivamente:

(100) Wo bist du?  
Onde estás tu?  
Ø Bin zu Hause.  
Ø Estou em casa.

(101) Wo ist mein Buch?  
Onde está o meu livro?  
Ø Hab ich zu Hause vergessen!  
Ø Vaux<sub>fin</sub> eu em casa deixar[V<sub>inf</sub>].

Apesar da falta de concordância entre objecto e verbo, o alemão permite tanto a omissão do sujeito como a do objecto inicial. Isto significa, por sua vez, que o mecanismo de recuperação do constituinte omitido pode basear-se apenas parcialmente na morfologia verbal. Assim, é de supor que a identificação seja também, ou sobretudo, pragmática, pois o tópico omitido tem de ser identificado através do contexto discursivo. No entanto, isto poderia levar à falsa presunção de que qualquer tópico poderá ser omitido, o que não corresponde à realidade, já que a omissão do objecto é muito mais restrita que a omissão do sujeito. Enquanto que é possível omitir sujeitos de qualquer número ou pessoa, o mesmo já não acontece em relação aos objectos. Vejamos os seguintes exemplos:

(102) **Omissão de sujeito:**

a. **Primeira pessoa do singular:**

Gestern war ein schöner Tag. Ø Bin mit Hans ins Kino gegangen.  
 Ø  $V_{aux_{fin}[1p\ sg]}$  com Hans ao cinema ir $[V_{part}]$   
 (Ontem foi um dia maravilhoso. Fui com o Hans ao cinema.)

b. **Primeira pessoa do plural:**

Gestern war ein schöner Tag. Ø Sind ins Kino gegangen.  
 Ø  $V_{aux_{fin}(1p\ pl)}$  ao cinema ir $[V_{inf}]$   
 (Ontem foi um dia maravilhoso. Fomos ao cinema.)

c. **Segunda pessoa do singular:**

Morgen fahre ich nach Berlin. Ø Kannst gerne mitkommen.  
 (Amanhã vou para Berlim. Ø Podes vir comigo).

d. **Segunda pessoa do plural:**

Morgen fahre ich nach Berlin. Ø Könnt gerne mitkommen.  
 (Amanhã vou para Berlim. Ø Podem vir comigo).

e. **Terceira pessoa do singular:**

Oma hat mich angerufen. Ø Kommt morgen.  
 (A avó telefonou-me. Ø Vem amanhã.)

f. **Terceira pessoa do plural:**

Die Großeltern haben mich angerufen. Ø Kommen morgen.  
 (Os avós ligaram. Ø Vêm amanhã.)

No caso dos objectos, a capacidade de omissão é muito mais restrita. Como foi observado por Cardinaletti (1990, *apud* Rizzi, 1994), apenas objectos que expressam a terceira pessoa podem ser omitidos, mas não os que referem a primeira e segunda pessoas, o que é ilustrado nas seguintes frases:

(103) **Omissão de objecto:**

a. **Terceira pessoa do singular:**

Wo ist mein Buch?  
*Onde está o meu livro?*  
∅ Hab ich zu Hause vergessen!  
∅ *Vaux<sub>fin</sub> eu em casa deixar*[V<sub>part</sub>].  
(*Deixei[-o] em casa.*)

ou:  
Das hab ich zu Hause vergessen!  
*O Vaux<sub>fin</sub> eu em casa deixar*[V<sub>part</sub>].

**b. Terceira pessoa do plural:**

Wo sind die Bücher?  
*Onde estão os livros?*  
∅ Hab ich zu Hause vergessen!  
∅ *Vaux<sub>fin</sub> eu em casa deixar*[V<sub>part</sub>].  
(*Deixei[-os] em casa.*)

ou:  
Die hab ich zu Hause vergessen!  
*Os Vaux<sub>fin</sub> eu em casa deixar*[V<sub>part</sub>].

**c. Primeira pessoa do singular:**

Was ist denn mit dir passiert?  
(*O que te aconteceu?*)  
\*∅ Hat ein Hund gebissen.  
\*∅ *Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>part</sub>]  
Mich hat ein Hund gebissen.  
*Me Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>part</sub>]  
(*Um cão mordeu-me.*)

**d. Primeira pessoa do plural:**

Was ist denn mit euch passiert?  
(*O que vos aconteceu?*)  
\*∅ Hat ein Hund gebissen.  
\*∅ *Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>part</sub>]  
Uns hat ein Hund gebissen.  
*Nos Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>part</sub>]  
(*Um cão mordeu-nos.*)

**e. Segunda pessoa do singular:**

Ich kann mich an nichts erinnern. Was ist denn mit mir passiert?  
(*Não me lembro de nada. O que é que me aconteceu?*)  
\*∅ Hat ein Hund gebissen.  
\*∅ *Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>inf</sub>]  
Dich hat ein Hund gebissen.  
*Te Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>inf</sub>]  
(*Um cão mordeu-te.*)

**f. Segunda pessoa do plural:**

Ich kann mich an nichts erinnern. Was ist uns passiert?  
(*Não me lembro de nada. O que é que nos aconteceu?*)  
\*∅ Hat ein Hund gebissen.  
\*∅ *Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>inf</sub>]  
Euch hat ein Hund gebissen.  
*Vos Vaux<sub>fin</sub> um cão morder*[V<sub>inf</sub>]

(Um cão mordeu-vos.)

Em todos os exemplos apresentados em (103) o objecto a ser omitido é um tópico. O seu referente é activado no contexto discursivo. Por isso, a deslocação destes constituintes para a primeira posição da frase é natural, como demonstram as frases “Mich/Dich/Das/Uns/Euch/Die hat ein Hund gebissen.” A sua omissão parece no entanto ser impossível quando o tópico é um objecto de primeira ou segunda pessoa (neste caso no acusativo). Se, como foi referido, a possibilidade de omitir um constituinte é determinada pela capacidade da sua recuperação pelo contexto, isto vem demonstrar que o facto de o constituinte ser um tópico é condição necessária mas não suficiente para tal recuperação. No alemão parecem existir outras condicionantes, cuja discussão ultrapassa os propósitos deste trabalho<sup>53</sup>.

### 5.1.3. Comparação: tópicos nulos em alemão e em português

Se compararmos os fenómenos de omissão do tópico do alemão e de objecto nulo do português, verificamos algumas semelhanças:

I. A omissão do tópico pode consistir na omissão do objecto directo, ou seja, tanto em português, como no alemão falado, o objecto pode ser omitido.

II. Tal como no caso do objecto nulo em português, a ocorrência de *topic-drop* é condicionada por critérios pragmáticos. Apenas pode ser omitida uma expressão com função de tópico, isto é, que remeta para um referente com um elevado grau de saliência no contexto discursivo.

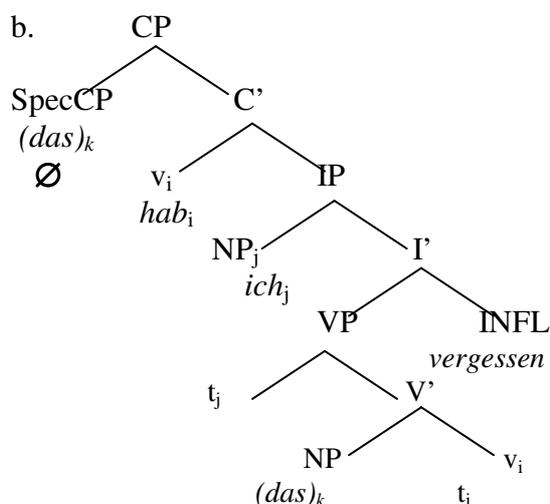
III. Ambos os processos podem ser analisados partindo do pressuposto de existência de movimento do DP-tópico para o início da frase:

---

<sup>53</sup> Uma proposta de explicação desta assimetria é dada por Rizzi (1994). Em oposição ao fenómeno de *pro-drop*, o qual é restrito aos sujeitos e a sua gramaticalidade é legitimada através da concordância verbal, em alemão, o constituinte vazio, segundo Rizzi, não pode ser analisado como *pro* mas sim como uma *constante nula*. Tanto *pro* como as constantes nulas requerem um antecedente do qual recebem um valor referencial fixo, mas não são anáforas (no sentido técnico no qual o termo é usado na gramática generativa, i.e. sendo sujeitos ao princípio A). Assim, ambos exibem a propriedade de serem <-anáfora> e <-variável>. Distinguem-se quanto à sua natureza pronominal, uma vez que *pro* substitui um pronome e é <+pronominal> enquanto que a ‘constante zero’ é <-pronominal>, actuando como uma expressão -R. De acordo com Rizzi (*supra*: 162), elementos nulos classificados segundo este sistema podem ocorrer apenas em posições-A, isto é, em posições às quais é possível atribuir um papel temático. Além disso estão sujeitos ao Princípio da Categoria Vazia (*Empty Category Principle, ECP*). Para elementos <-pronominal>, o ECP exige que a categoria vazia esteja, se possível, ligada em cadeia a um antecedente (*supra*: 162). Isto significa que elementos nulos que ocorram na raiz de uma frase não necessitam de estar ligados ao seu antecedente, pois não existe posição de c-comando a que possam estar ligados e, assim, estes elementos podem receber o seu valor referencial directamente através do discurso. Se no entanto o elemento nulo ocorrer mais em baixo na estrutura arbórea, necessita de estar ligado em cadeia a um antecedente. No caso das constantes nulas é um operador (OP) que serve de antecedente. Tais operadores ocupam posições de especificador e servem para ligar uma categoria vazia ao seu referente, o qual é o tópico discursivo no caso das constantes nulas do fenómeno alemão de *topic drop*. No entanto, um operador só é usado no caso da omissão do objecto. O facto de estes operadores estarem intrinsecamente limitados à terceira pessoa (p.161) explica a assimetria de sujeito-objecto no processo de *topic-drop* do alemão. Enquanto que a constante nula pode receber o seu valor referencial directamente do discurso se ocupar a posição de sujeito, não está limitada à terceira pessoa, no caso dos objectos, um operador (limitado à terceira pessoa) é necessário para ligar a constante nula ao tópico discursivo.

Raposo (1986, 1998) propõe analisar o objecto nulo português como vestígio do movimento de um operador nulo para a periferia da oração. Também no alemão, parte-se do pressuposto de movimento do objecto (o NP tópico) do campo médio para a primeira posição da frase (o pré-campo ou SpecCP)<sup>54</sup>, onde ele é omitido. Assim à frase (104a) corresponde a estrutura (104b):

- (104) a. Wo ist mein Buch?  
*Onde está o meu livro?*  
**Das/∅ hab ich vergessen!**  
*Isso/∅ Vaux<sub>fin</sub> eu esquecer[V<sub>part</sub>]*  
 (Esqueci-me dele/∅)



No entanto, em alemão, o efeito V2 impõe algumas restrições sintácticas a este processo, as quais não existem em português por ausência da regra V2, nomeadamente:

IV. Como o duplo preenchimento do pré-campo é agramatical, se a primeira posição da frase (SpecCP) estiver ocupada pelo objecto, o sujeito tem de permanecer numa posição abaixo de V-em-C<sup>o</sup>. Além disso, a primeira posição não pode ser ocupada por outros constituintes, nem é possível que vários elementos sejam omitidos.

Assim, os seguintes contextos sintácticos do alemão são agramaticais:

- (105) Wo ist mein Buch? (*Onde está o meu livro?*)

- a. \*Ich hab vergessen.  
*Eu Vaux<sub>fin</sub> esquecer[V<sub>part</sub>]*

Neste caso, o sujeito está em posição pré-verbal, ocupando SpecCP, posição que já está preenchida pelo tópico omitido.

- b. \*Hab vergessen.

<sup>54</sup> Segundo alguns autores (por exemplo Rizzi, 2005), esta categoria é um TopP (p.95).

Em (105b), verifica-se a omissão do sujeito e do objecto. Esta dupla omissão não é possível, já que apenas um elemento pode ser movido para SpecCP e posteriormente omitido.

Por não dispor da restrição V2, ambos os contextos apresentados em (106) são possíveis em português:

(106) Trouxeste o meu livro?

a. Eu esqueci-me.

b. Esqueci-me.

V. Além disso, em português, o objecto nulo pode ocorrer em orações encaixadas, ao contrário do que sucede no alemão, onde a seguinte frase é agramatical:

(107) Wo ist mein Buch? (*Onde está o meu livro?*)

a. (Ich hab dir doch gesagt,) \*dass ich vergessen habe.  
(*Eu já te disse*), *que eu esquecer* [ $V_{part}$  +  $V_{aux_{fin}}$ ].

#### 5.1.4. Hipóteses de trabalho

Os falantes bilingues luso-alemães, para além de conhecerem as condições pragmáticas que condicionam a ocorrência de tópicos nulos nas duas línguas que falam, também têm de combinar este conhecimento pragmático com a estrutura concreta da língua que estão a usar. Como foi demonstrado, em alemão, o fenómeno de omissão é mais limitado que em português, pelo que o falante bilingue, ao usar esta língua, tem de ter em conta as suas especificidades sintácticas.

A realização argumental tem sido objecto de estudo de muitos trabalhos que pretendem analisar possíveis efeitos de transferência entre línguas que diferem neste aspecto (por exemplo línguas [ $\pm$  *pro-drop*]; línguas com *topic-drop*/sem *topic-drop*). Muitos dos trabalhos desenvolvidos neste domínio (Allen, 2001; Hulk/Müller, 2000; Montrul, 2004; Müller/Hulk, 2001; Serratrice/Sorace/Paoli, 2004) partem do pressuposto de que “interfaces between syntax and other cognitive systems (i.e. discourse pragmatics, lexical-semantics) exhibit more developmental instability than narrow syntax” (Sorace, 2004: 143), classificando a realização/omissão de argumentos como um desses fenómenos situados na interface entre sintaxe e pragmática. Estudando crianças bilingues ainda em processo de aquisição linguística, Allen (2001), Hulk/Müller (2000), Müller/Hulk (2001) e Serratrice/Sorace/Paoli (2004) atestam que a

realização argumental é, de facto, um domínio vulnerável a interferência interlinguística. As crianças bilingues franco- e italiano-alemãs estudadas por Müller e Hulk (2001) omitem objectos nas línguas românicas<sup>55</sup> por transferência do fenómeno de omissão de tópico do alemão. Já Serratrice, Sorace e Paoli (2004) atestam um aumento de realização de objectos e sujeitos no italiano de uma criança italiano-inglesa por influência do inglês, língua de expressão obrigatória do sujeito. Tendo como grupo de estudo falantes adultos de inglês e espanhol, Montrul (2004) confirma a vulnerabilidade do domínio pragmático e a sua susceptibilidade a fenómenos de interferência interlinguística, atestando alterações na realização argumental no espanhol destes falantes por influência do inglês.

Como vimos, a realização de tópicos nulos é um fenómeno situado na interface entre pragmática e sintaxe. Tanto a omissão de tópico do alemão como o objecto nulo do português são fenómenos sintacticamente licenciados, mas as suas ocorrências são motivadas por factores discursivos. Considerando a vulnerabilidade deste domínio, parte-se do pressuposto de ocorrência de erosão linguística a este nível no grupo de falantes sem *input* regular do alemão, que se manifesta num aumento considerável de omissões de objecto do tipo português nos registos alemães.

Neste sentido, erosão linguística é consequência de transferência de regras da língua dominante para a língua não usada.

No entanto, como foi discutido em 1.1.3.1. torna-se indispensável distinguir entre dois níveis de transferência distintos: o nível das representações mentais do sistema gramatical que o falante possui e o do seu processamento, isto é, da activação deste conhecimento no momento de produção verbal. Os estudos acima citados, que atestam a ocorrência de erosão a nível da expressão argumental, não distinguem claramente entre estes dois níveis, deixando em aberto se a interferência observada afecta de facto a competência dos falantes em análise ou é apenas o resultado de uma insuficiente inibição da língua dominante no momento de produção verbal. No presente estudo pretende-se dar também resposta a esta questão.

Para tal, a análise dos registos orais dos falantes é completada com um exercício de identificação e correcção de estruturas agramaticais, que tem como principal objectivo verificar se os falantes que produzem objectos nulos do tipo português em alemão identificam esta construção agramatical quando lhes é pedido para julgar frases que a contêm.

---

<sup>55</sup> O francês e italiano não permitem a omissão de objectos tópicos.

### 5.1.5. Resultados

Para efeitos de contagem foram quantificadas todas as frases com objecto directo tópico, isto é, as frases em que o argumento interno do verbo tenha estatuto de informação já conhecida no contexto discursivo, referindo (anaforicamente) uma entidade já mencionada.

No alemão, esta função de objecto tópico pode ser transmitida por pronomes pessoais como *es* ou *ihn* (ou *sie*), como na seguinte frase:

- (108) (vielleicht ist es en Wochenende und dann. der Kleine hat ein Modellflugzeug.)  
wollte **ihn** ausprobieren. dann haben sie **es** halt ausprobiert. (Anita)  
*queria o experimentar depois*  $V_{aux_{fin}}$  *eles o experimentar* [ $V_{part}$ ]  
(Provavelmente é num fim-de-semana e depois o pequeno tem um avião. Quer experimentar-lo e depois experimentaram.)

Note-se que, neste contexto, no português, o objecto pode ser realizado ou omitido:

- (109) a. Depois experimentaram-**no**.  
b. Depois experimentaram.

Quando realizado em posição inicial de frase, o objecto directo assume a forma do pronome demonstrativo *das*, visto *es* não ocorrer nesta posição:

- (110) Entrevistadora: viele haben Probleme/ zum Beispiel über Medizin, viele können nur auf Deutsch oder auf Portugiesisch sprechen.  
(Muitas pessoas têm problemas em falar sobre medicina, só o sabem fazer em alemão ou em português.)  
Alice: ja *ortopedista* *essas coisas* é/ **das** wusste ich nicht. (Alice)  
*isso sabia eu não*  
(Sim, ortopedista e coisas assim, isso eu não sabia)

Como demonstrado anteriormente, é precisamente nestas condições que pode ocorrer o fenómeno de *topic-drop*. A omissão do objecto noutra posição, não permitida no alemão, é contabilizada como objecto nulo agramatical.

Assim, é possível distinguir **três tipos de realização do objecto tópico** nos registos de que dispomos:

1) Frases em que o objecto tópico é foneticamente realizado, geralmente através dos pronomes pessoais *es/sie/ihn*, o demonstrativo *das* ou um pronome de outro tipo (por exemplo o pronome indefinido *welche* ou de negação *keinen*). Nestes casos, o objecto pode ocorrer no pré-campo, como resultado de um movimento de topicalização (111a) ou no campo médio (111b). São excluídas todas as frases com DP-objecto lexical.

Exemplos:

- (111) a. (ja, aber ich in der Schweiz ist ein Land. der hat, Italienisch, Französisch.)  
(*sim, mas a Suíça é um país que tem Italiano, Francês.*)  
und **das** kann ich auch. (Sílvia)  
*e isso sei eu também*  
(*e isso também sei*)
- b. (mein Vater hat noch/ unser Haus ist noch/) weil er hat **es** dann verkauft  
(*o meu pai ainda tem/ a nossa casa ainda é/*) *porque ele*  $V_{aux_{fin}}$  **o** *depois vender*[ $V_{part}$ ].  
(Carlos)

2) Frases com omissão do tópico, em que o objecto tópico é movido para o pré-campo e posteriormente omitido.

Exemplo:

- (112) a. Tópico da conversa: revistas alemãs  
 $\emptyset$  habe ich gekauft (damit ich das deutsche Fernsehen zu Hause sehe) (Carlos)  
 $\emptyset$   $V_{aux_{fin}}$  *eu comprar*[ $V_{part}$ ] (*para poder ver a televisão alemã*)  
(*Comprei[-as] para poder ver televisão alemã*)

3) Frases agramaticais, em que o objecto tópico é omitido em contextos sintácticos que não os de *topic-drop*.

Exemplos:

- (113) a. Tópico da conversa: lixo  
\*eben nicht man werft und werft raus aus dem Auto (Alice)  
*pois não*  $Pron^{3p.sg.}$  *atira e atira para fora do carro.*  
(*pois não, atira-se e atira-se para fora do carro*)  
gramatical: Man wirft **es** und wirft **es** aus dem Auto raus.
- b. Tópico da conversa: pedintes/ pobreza  
(arme Leute auf der Straße. ich sehe. ehm. ein Mensch, der bettelt. es steht ich habe Hunger.)  
(*peessoas pobres na rua. eu vejo. ehm. uma pessoa, que pede. diz eu tenho fome.*)  
\*hier in Portugal hier in Braga sehe ich manchmal (Anita)  
\**aqui em Portugal aqui em Braga vejo eu às vezes*  
(*Aqui em Portugal, aqui em Braga vejo[-os] às vezes*)  
gramatical: Hier in Portugal, hier in Braga sehe ich **es/ das/ sie** manchmal

O gráfico 35 apresenta os dados dos registos de vinte falantes dos três subgrupos 1-3. Não está dividido segundo os subgrupos mas de acordo com a percentagem de ocorrência de objectos nulos (coluna preta central), do valor mais elevado à esquerda (Iolanda com 50 por cento de omissões desviantes) ao valor mais baixo à direita (os de Júlia, Nádia, Sérgio e Rui, que não apresentam objectos nulos). Os registos das falantes Eunice, Helena e Solange do G3 foram excluídos da presente análise por apresentarem

valores muito reduzidos de expressão do objecto. Do grupo 1 foram seleccionados 6 falantes, que servem de grupo de controlo, permitindo comparar os valores de desvios dos falantes em que se pressupõe a ocorrência de erosão com os valores apresentados por falantes com proficiência nativa.

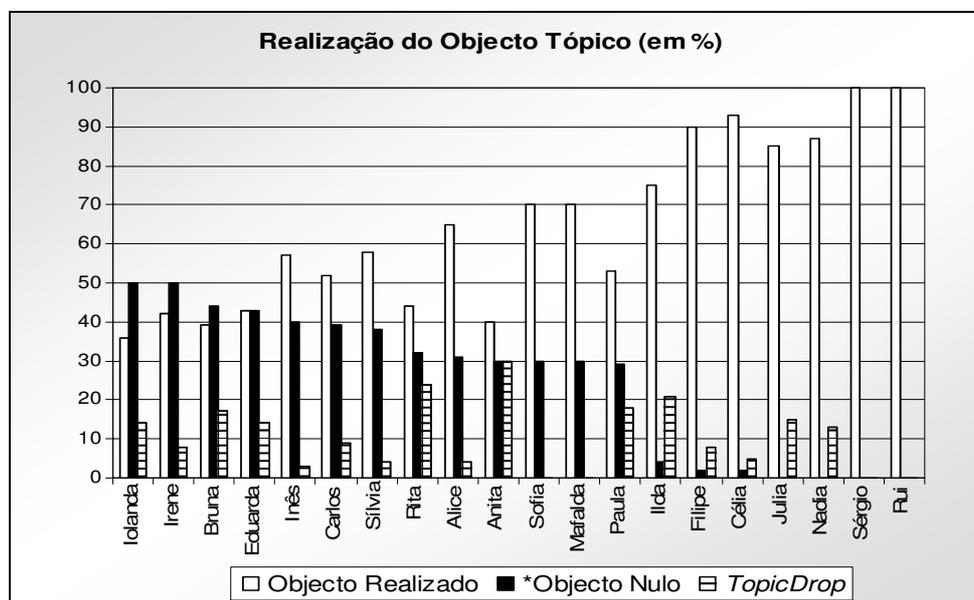


Gráfico 35: Formas de realização do objecto tópico nos registos de 20 falantes (em %)

Os valores apresentados indicam-nos que o fenómeno de omissão do objecto tópico em contextos sintácticos que ultrapassam os de omissão de tópico é bastante expressivo numa parte dos falantes analisados, alcançando taxas de ocorrência entre os 50 e os 29 por cento (nos falantes Iolanda a Paula). Por sua vez, os participantes Ilda a Rui apresentam percentagens de ocorrência de objecto nulo muito reduzidas (de 4% a 0%). Com excepção de Júlia, estes são precisamente os falantes do grupo 1: falantes que regressaram há pouco tempo a Portugal e/ou mantêm contacto regular com a língua alemã. Apresentando níveis de competência de tipo ‘falante nativo’, estes falantes seguem as imposições sintácticas do alemão relativamente à realização dos objectos tópicos: o objecto tem maioritariamente realização fonética (através do pronome pessoal *es* ou o demonstrativo *das*).

Exemplos do *corpus*:

- (114) a. (ist er grad in der REHA oder es könnte auch eine Testperson sein. um irgendwelche bestimmte Untersuchungen durchzuführen. [...] er ist bei Bewusstsein.)  
er wird **das** schon freiwillig machen. (Nádia)  
*ele há-de isso por livre vontade fazer.*  
*(Ele deve estar num centro de reabilitação. Também poderia ser uma experiência, mas ela está consciente. Ele deve fazê-lo por livre vontade)*

- b. (dann bin ich halt aufs Gymnasium und. also sie hat gesagt)  
 ich soll's auf jeden Fall probieren. (Célia)  
*eu devo-o em todo o caso experimentar.*  
*(Depois fui para o Gymnasium/Liceu e ela disse que eu devia experimentar[á-lo] em todo o caso.)*
- c. das ist. das ist. ehm. wie soll ich's erklären[?]  
*isto é isto é como devo eu o explicar*  
*(Isto é... Isto é... Como devo explicá-lo/ explicar/ explicar isso?)*

Quanto ao processo de omissão de tópico, estes falantes usam-no com diferente intensidade, apresentando taxas de incidência compreendidas entre os 0% e os 21%. O seu uso varia conforme a situação de comunicação e o modo de expressão individual do falante.

Já a ocorrência de objectos indevidamente elididos é um fenómeno marginal ou mesmo inexistente nos registos destes falantes. Sérgio, Rui, Júlia e Nádia não o constroem objectos nulos, enquanto que os registos de Célia, Ilda e Filipe apenas apresentam uma ocorrência cada.

Exemplo:

- (115) Tópico da conversa: codeswitching  
 \*und wir machen auch mit Englisch und mit Spanisch. (Ilda)  
*e nós fazemos também com Inglês e com Espanhol*  
gramatical: Und wir machen's auch mit Englisch und mit Spanisch.

Estes dados contrastam visivelmente com os valores apresentados pelos restantes falantes, categorizados como pertencendo aos grupos 2 e 3: apesar de diferirem em relação à idade de regresso (antes dos 11/12 anos de idade no G3 e após os 12 anos no G2), todos têm em comum o facto de terem perdido o contacto regular com o alemão após a mudança para Portugal.

A ocorrência de objectos tópicos indevidamente omitidos é um fenómeno bastante expressivo no discurso destes falantes. Na maioria dos casos, a taxa de objectos realizados é muito próxima da taxa de objectos ilicitamente omitidos. Iolanda, Irene e Bruna omitem mais vezes do que realizam o objecto tópico (9 realizações contra 10 omissões no caso de Bruna e 5 contra 6 no caso de Irene e 5 contra 7 no caso de Iolanda). No caso de Eduarda, os valores são idênticos (6 omissões e 6 realizações). Também no caso dos outros falantes, a taxa de ocorrência do objecto indevidamente omitido é significativa: Inês e Carlos fazem 14 omissões indevidas, realizando o objecto

por 20 e 17 vezes, respectivamente. Sílvia omite o objecto em 9 casos; Rita e Alice, em 21; Anita, Sofia e Paula, em 11.

Um dado importante a reter diz respeito à taxa de ocorrência de *topic-drop*, pois este grupo de informantes apresenta valores idênticos aos falantes com domínio nativo, variando entre 30% e 0%.

Quanto aos contextos em que se dá a omissão do objecto, embora ocorra maioritariamente em orações-raiz, este fenómeno também é observável em orações encaixadas, como nos exemplos (116a-d):

- (116) a. Tópico da conversa: o alemão  
 ich weiß nicht \*ob ich jetzt beherrsche, (aber ich ich hoffe dass in Zukunft ich nichts vergesse) (Paula)  
*eu sei não se eu agora domino*  
 (Não sei se [o] domino agora mas espero que não me esqueça de nada no futuro)  
gramatical: Ich weiß nicht, ob ich es jetzt beherrsche.
- b. Tópico da conversa: igualdade de direitos  
 glaube ich \*dass die Männer und die Frauen auch haben, die beiden. (Bruna)  
*penso eu que os homens e as mulheres também têm, os dois*  
gramatical: dass **das/es** die Männer und die Frauen auch haben.
- c. Tópico da conversa: vocabulário/ palavras alemãs  
 \*wenn ich gleich sagen will (da fehlt's mir da fehlt mir der Wort) (Carlos)  
*quando eu logo dizer quero*  
 (Quando quero dizer/ dizê-la/-lo logo, aí falta-me a palavra)  
gramatical: Wenn ich's gleich sagen will, da fehlt mir das Wort.
- d. Tópico da conversa: meios de transporte público  
 hier, hab ich jetzt dieses Jahr erst angefangen \*zu benutzen (Anita)  
*aqui Vaux<sub>fin</sub> eu agora este ano só começar[V<sub>part</sub>] a usar*  
 (Aqui, só este ano comecei a usar/ usá-los)  
gramatical: Hier hab ich erst dieses Jahr erst angefangen, **sie** zu benutzen.

Quanto aos verbos que regem o objecto tópico omitido, este fenómeno ocorre com um variado leque de tipos verbais. Os mais frequentes são os verbos 'fazer' (*machen*), ter (*haben*), dizer (*sagen*) e ver (*sehen*), o que também se deve à natureza das conversas registadas (que versam sobre experiências pessoais, nas quais sobressaem acções como 'fazer', 'ver', 'ter' e 'dizer algo').

Exemplos:

- (117) **verbo 'fazer' (*machen*)**
- a. Tópico: codeswitching  
 \*aber ich mache nicht eh. *de propósito.* (Alice)  
*mas eu faço não de propósito*  
gramatical: Aber ich mache **es** nicht absichtlich.

- b. Entrevistador: findest du dass die Portugiesen den Müll trennen[?]  
 Eduarda: **\*ja ein Paar machen** aber die anderen nicht. (Eduarda)  
*sim alguns fazem*  
 (Entrevistador: *Achas que os Portugueses separam o lixo?*  
 Eduarda: *sim, alguns fazem(-no) mas os outros não.*)  
gramatical: Ja, ein Paar machen es [...].

(118) verbo ‘ter’ (*‘haben’*)

- a. Entrevistador: es gibt den Begriff die intime Sprache also die Sprache die man für sich hat, träumen und so. das ist bei dir[?]  
 Paula: das hab ich jetzt nicht mehr. **\*die ersten Jahre hab ich gehabt**, jetzt nicht mehr, nein. *os primeiro anos Vaux<sub>fin</sub> eu ter[V<sub>part</sub>]* (Paula)  
 (Entrevistador: *Existe o termo língua íntima, na qual se sonha e assim. Qual é a tua?* Paula: *Já não tenho isso. Os primeiros anos tive, agora já não, não*)  
gramatical: Die ersten Jahre hab’ ich’s/es gehabt.
- b. Tópico: a língua alemã  
 \*ich will jetzt mit, mit mir immer. als erstes. in dem ersten Platz haben. (Sílvia)  
*eu quero agora comigo sempre no primeiro lugar ter.*  
 (Agora eu quero ter sempre comigo em primeiro lugar.)  
gramatical: Jetzt will ich’s/es immer mit mir im ersten Platz haben.
- c. Tópico: autocarros pontuais  
**\*und hier in Portugal habe ich nicht** (vielleicht habe ich ein morgens und anderer am Mittag und dann ist es fertig). (Alice)  
*e aqui em Portugal tenho eu não*  
 (E aqui em Portugal não tenho. Talvez tenha um de manhã e outro ao meio-dia e depois acabou-se.)  
gramatical: Und hier in Portugal habe ich **das** nicht mehr.

(119) verbo ‘dizer’ (*sagen*)

- a. Tópico: palavras alemãs esquecidas  
 dann sage ich in Portugiesisch. (Alice)  
*então digo eu em português*  
 (Então digo(-as) em português.)  
gramatical: Dann sage ich **sie** auf Portugiesisch.
- b. (Heft, ja. jetzt das hab ich nicht vergässe aber es. a paar Wörter die ich scho vergässe,)\***weil ich nicht so viel mal sage**. (Sílvia)  
*porque eu NEG muitas vezes digo.*  
 (Caderno, sim. Agora já não me esqueço, mas de algumas palavras esqueço-me, porque não [as] digo muitas vezes.)  
gramatical: [...] weil ich **sie** nicht so viele Male (so oft) sage.

(120) verbo ‘ver’ (*sehen*)

- Tópico: pedintes/pobreza  
 a. in der Schweiz seht man das nicht oder, **\*wenn man seht** ist es viel weniger, als hier in Portugal. *quando se vê* (Alice)  
 (Na Suíça não se vê isto ou, quando se vê, é muito menos que aqui em Portugal.)  
gramatical: wenn man’s/es sieht

b. eh. \*wir sehen in Deutschland und in Portugal (Irene)  
*nós vemos na Alemanha e em Portugal*  
gramatical: Wir sehen **sie/es** in Deutschland und in Portugal.

c. arme Leute auf der Straße. ich sehe. ehm. ein Mensch, der bettelt. [...] ehm. ein.  
**\*hier in Portugal hier in Braga sehe ich manchmal.** (Anita)  
*aqui em Portugal aqui em Braga vejo eu às vezes*  
*(Pessoas pobres na rua. eu vejo um homem, que está a pedir. Aqui em Portugal,*  
*aqui em Braga vejo[-o/ alguns] às vezes.)*  
gramatical: Hier in Portugal hier in Braga sehe ich **es/einige** manchmal.

Um tipo de omissão detectado em muitos dos falantes é a supressão do objecto na construção “es gibt” (“*existe*”: *expletivo* + *verbo* ‘geben’), como exemplificado em (121):

(121) a. Tópico; costumes pascais  
 \*dort gibt’s nicht. (Eduarda)  
*lá há EXPL NEG*  
*Lá não existe [isso].*  
gramatical: Dort gibt’s **das** nicht.

b. \*und hier in Portugal gibt es, ich glaub es gibt auch (aber viel weniger als in der Schweiz). (Alice)  
*e aqui em Portugal existe EXPL, eu acho EXPL existe também*  
*(E aqui em Portugal existe. Eu acho que também existe, mas menos que na Suíça.)*  
gramatical: Und hier in Portugal gibt es **das**, ich glaub **das** gibt es auch.

Também a supressão do objecto em construções transitivas predicativas, como “achar algo x” (*etwas x finden*) é um fenómeno detectado em vários registos:

(122) a. Tópico: falar alemão  
 sie fühlt sich nicht so wohl dabei. \*ich fand auch am Anfang etwas komisch (Carlos)  
*eu achava também no início algo estranho*  
*(Ela não se sente bem [ao falar alemão]. Eu, no início, também achava[-o] um pouco estranho.)*  
gramatical: Ich fand’s/**es** am Anfang auch etwas komisch.

b. jedes Mal wenn was von höre, spezial Wirtschaftsgebiet, da finde ich interessant.  
 Fußball sowieso *aí acho eu interessante*  
*(Todas as vezes que ouço algo daí, em especial da área económica, acho[-o] interessante. Sobretudo futebol.)* (Carlos)  
gramatical: Da finde ich’s/**es** interessant.

c. (ich mag Sprachen zu wissen, Deutsch, Englisch, Französisch) und \*ich find, ich find gut. (Sílvia)  
*(Eu gosto de saber línguas, alemão, inglês, francês e eu acho[-o] bem)*  
gramatical: Ich find’s/**es** gut.

Entre muitos outros exemplos de omissões observados, destacam-se ainda registos com verbos como ‘conhecer’ (*kennen*), ‘escrever’ (*schreiben*), ‘compreender’ (*verstehen*) ou ‘pronunciar’ (*aussprechen*):

(123) Tópico: a língua alemã/ palavras em alemão

- a. \*dann schreibe ich in, in. Portugiesisch aber es ist nur in diesem Fall, wenn ich wirklich nicht in Deutsch kenne. (Alice)  
*então escrevo eu em, em. português mas EXPL é só nesse caso, quando eu mesmo NEG em alemão conheço/sei.*  
(*Então escrevo em português, mas é mesmo só nesse caso. Quando eu não sei em alemão.*)  
gramatical: Dann schreibe ich es auf Portugiesisch [...] wenn ich es wirklich nicht auf Deutsch kenne.
- b. \*dann kann ich erst aussprechen, aber verstehen, verstehen verstehe ich noch.  
*depois consigo eu só pronunciar, mas compreender, compreendo eu ainda*  
(*Só depois consigo pronunciar, mas compreender ainda compreendo.*) (Bruna)  
gramatical: Dann kann ich es erst aussprechen, aber verstehen, verstehe ich es noch.

Importa ainda destacar a natureza dos elementos que ocorrem no pré-campo das frases com objecto nulo irregular. Nos exemplos observados, esta posição está maioritariamente ocupada por um sintagma adverbial [exemplos (124)], o que se deve ao tipo de discurso produzido, mas também ocorre com o sujeito [exemplo (125)]:

- (124) a. \*hier sehe ich, viel in den Kirchen (Anita)  
*aqui vejo eu muito nas igrejas*  
(*Aqui vejo muito nas igrejas.*)
- b. \*jetzt bestimmt kann ich nicht mehr (Paula)  
*agora certamente sei eu já não mais*  
(*Agora, de certeza, já não sei.*)
- (125) c. weil ich in Deutschland viel mehr ABC gesagt do que hier. (Iolanda)  
\*ich hab nie gesagt. nur manchmal mit meine Schwester.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> nunca dizer[V<sub>part</sub>]*  
(*porque eu na Alemanha dizia muito mais vezes o abecedário que aqui.*  
*Eu nunca disse. só às vezes com a minha irmã.*)

Por vezes a omissão do objecto tópico co-ocorre com a omissão do sujeito, como exemplificado em (126a-c):

- (126) a. (dann hier auch an der Tür ist auch noch ein Kleid damit die ganz bestimmt auch/)  
\***damit da rein nimmt.** (Bruna)  
*para para dentro leva.*  
(*E aqui na porta também está um vestido, para ela certamente também/ para levar para dentro*)  
gramatical: [...] damit **sie's** da rein nimmt.
- b. (unser Haus war gemietet aber wo wir gegangen sind da hat/ wollte mein Vater halt die ganzen Möbel und so alles verkaufen) \***wollte nicht mitnehmen** (Carlos)  
*queria Neg levar consigo*  
(*A nossa casa era alugada, mas quando nós voltámos, o meu pai queria vender toda a mobília. Não queria levar consigo.*)  
gramatical: [Er] wollte **es/sie** nicht mitnehmen.

- c. und. ich glaube \*dass nicht machen sollte (Iolanda)  
e eu acho que NEG fazer deve  
(E eu acho que não devia fazer.)  
gramatical: Ich glaube, dass er es nicht machen sollte.

### 5.1.6. Discussão

Nos exemplos apresentados de objectos irregularmente omitidos, os falantes bilingues aplicam uma regra de índole pragmática, válida no português e no alemão: se o objecto tem o estatuto informacional de tópico, isto é, se pode ser recuperado através do contexto discursivo, então é possível omiti-lo. No entanto, como vimos, no alemão, esta regra pragmática tem limitações sintácticas: a supressão do objecto só pode ocorrer enquanto *topic-drop*, ou seja, o objecto tem de ser movido por topicalização para a primeira posição da frase. Este movimento implica, por sua vez, que nenhum outro elemento pode ocupar a posição de pré-campo. Além disso, a omissão não pode ocorrer em orações encaixadas (nas quais a posição de C° está ocupada pelo complementador). Porém, a ocorrência de objectos nulos em condições sintácticas que não são as de *topic-drop* revela-nos que, nestes casos, os falantes não têm em conta as especificidades sintácticas do alemão.

Assim, verificamos omissões de objectos em frases com o pré-campo preenchido por outros elementos, como o sujeito ou um sintagma adverbial [exemplos (124) e (125)]. Se, como proposto, a omissão do objecto ocorre após o seu movimento para o pré-campo e a elevação do verbo para C°, a ocorrência de um segundo elemento em posição pré-verbal corresponde a uma violação do constrangimento sintáctico associado a V-2. Além disso, verifica-se a omissão de objectos tópicos em orações encaixadas [exemplos apresentados em (116)], o que também contraria as especificidades sintácticas do alemão, já que o fenómeno de *topic-drop* apenas ocorre em orações-raiz.

Pelo contrário, em português, o fenómeno de omissão do objecto tópico é muito menos restritivo. Como no alemão, o falante tem de ter conhecimento da condição pragmática segundo a qual apenas o objecto com estatuto de tópico é elidível. No entanto, o português não dispõe da regra V-2. Isto significa que, mesmo seguindo a análise de Raposo (1986), baseada no movimento do tópico zero para uma posição em CP, a frase com objecto nulo mantém a sua ordem superficial: SVØ. Além disso, não há impedimento sintáctico à sua ocorrência em orações encaixadas.

Este facto permite-nos, por isso, concluir que, ao produzirem objectos irregularmente omitidos, os falantes bilingues estudados estão a alargar os contextos

sintácticos que admitem a ocorrência de objectos nulos em alemão aos contextos (mais vastos) do objecto nulo português. Ao fazê-lo estão a violar regras sintácticas do alemão. O fenómeno aqui analisado pode, por isso, ser interpretado como efeito de transferência (*crosslinguistic influence*) de regras sintácticas de uma língua para a outra, neste caso, da língua dominante para a língua menos usada. Assim sendo, este processo de transferência ocorre num domínio que alguns autores (Allen, 2001; Hulk/Müller, 2000; Montrul, 2004; Müller/Hulk, 2001; Serratrice/Sorace/Paoli, 2004; Sorace, 2007) consideram especialmente vulnerável à ocorrência de erosão: o domínio pragmático-sintáctico. Os dados apresentados sugerem, de facto, que a realização argumental é um domínio linguístico susceptível a *crosslinguistic transfer* motivado pela falta de uso de uma das línguas do falante bilingue.

Porém, é importante lançar um olhar mais atento sobre os dados para tentar perceber que tipo de transferência se dá neste caso. Os falantes bilingues estão a substituir as regras de realização/omissão argumental do alemão pelas regras do português? Por outras palavras, estão a perder o seu sistema de regras do alemão?

Os valores de realização argumental auferidos não parecem revelar um processo de substituição do sistema gramatical de uma língua por influência da outra, já que o processo de omissão irregular, verificado nos falantes com *input* reduzido do alemão, não vem substituir o processo de omissão regular do argumento, o *topic-drop*, uma vez que os valores de omissão de tópico não diferem de um grupo de falantes para o outro. Os falantes que têm contacto reduzido com o alemão [G2 e G3] produzem taxas de realização de *topic-drop* semelhantes às taxas dos falantes fluentes [G1]. Isto significa que, apesar de apresentarem omissões desviantes, os falantes que omitem irregularmente o objecto continuam a dominar o processo regular de omissão de tópico: sabem que podem omitir o objecto tópico na posição de pré-campo. Se os falantes dominam estas condicionantes, não é possível afirmar que o seu sistema de regras do alemão foi alterado por influência do sistema português. Se isto tivesse acontecido, a omissão irregular não seria apenas quantitativa mas também qualitativa, não ocorreria em simultâneo com estruturas correctas de *topic-drop*.

Portanto, parece-nos muito mais correcto partir da hipótese da ‘falta de controlo’ em detrimento da ‘falta de competência’. Nestes casos, a ocorrência de objectos nulos ilícitos no alemão parece dever-se muito mais a efeitos de processamento, isto é, a estratégias de uso e de controlo durante o acto de produção. Aparentemente, estes

falantes não conseguem inibir por completo o português quando falam alemão. Segundo Grosjean (2001), as duas línguas do falante bilingue estão sempre activadas, no entanto, como realça Paradis (1997, 2004), durante o acto de produção verbal, a língua não utilizada é inibida. A frequência de uso das línguas influencia a intensidade do seu limiar de inibição (*activation threshold*) na mente do falante. Uma língua pouco usada tem um limiar de inibição muito alto, dificultando o seu acesso. Já a língua predominantemente usada está facilmente acessível, o que resulta em processos de transferência de elementos linguísticos da língua dominante para a língua pouco usada. Neste caso, durante o acto de produção, os falantes transferem as condicionantes pragmático-sintácticas que permitem o uso do objecto nulo no português para o alemão, perdendo o controle sobre os impedimentos sintácticos que, no alemão, restringem o fenómeno de omissão do objecto tópico. Segundo a *Activation Threshold Hypothesis* (Paradis 1997, 2004), o factor ‘intensidade de contacto’ com as línguas tem um papel crucial, pois é a frequência de contacto que actua sobre o grau de inibição das línguas e favorece/impede a ocorrência de fenómenos de erosão.

Os resultados da presente análise demonstram que, de facto, o factor ‘intensidade de contacto’ com o alemão após o regresso, aliado ao ‘tempo de estada em Portugal’, é crucial para o aparecimento de objectos irregularmente omitidos na utilização da língua alemã. A sua taxa de ocorrência sobe consideravelmente nos grupos 2 e 3, mantendo-se em valores mínimos no grupo 1.

Já a ‘idade de regresso’, que distingue os falantes dos grupos 2 e 3, não parece interferir no desenvolvimento deste fenómeno: não é possível detectar diferenças na taxa de ocorrência associadas a este factor<sup>56</sup>. Como demonstram os casos de Carlos ou Bruna, que - embora de forma irregular - ainda mantêm algum contacto com a língua alemã através de amigos ou irmãos, a redução de *input* (de uso regular e quotidiano para uso esporádico e não associado à rotina diária) parece ser suficiente para o surgimento deste fenómeno. Por outro lado, nem todos os falantes manifestam o mesmo comportamento verbal. A falta de *input* regular não implica necessariamente que todos os falantes produzam objectos nulos, como demonstra o caso de Júlia. Na tipologia de subgrupos pré-definidos, Júlia está incluída no grupo 2, pois após o seu regresso há vinte e três anos (tinha treze anos de idade), o alemão deixou de ser a sua língua de

---

<sup>56</sup> O que acontece é que os falantes do grupo 3 (com regresso precoce) têm mais dificuldades em expressar-se em alemão. Esta situação faz com que construam frases mais curtas e um discurso menos interligado, que desfavorece a ocorrência de objectos tópicos. Em certos casos (como os de Helena e Eunice), não é possível analisar este fenómeno, já que as falantes não conseguem produzir um discurso coeso, ligado por anáforas e estruturado segundo o estatuto da informação referida.

comunicação diária. Apenas durante a frequência do ensino superior voltou a ter um contacto mais intenso com o alemão, o qual tornou a perder após a sua conclusão. No entanto, apesar de apresentar outros fenómenos passíveis de serem interpretados como erosão linguística (por exemplo, a dupla adjunção), Júlia não produz objectos nulos em alemão. Este facto, aliado ao aumento de omissões irregulares nos outros falantes sem *input* regular, parece reforçar a ideia de que os fenómenos de erosão linguística observados não estão associados a perda de competência linguística mas sim a variação no modo de produção verbal durante o acto de comunicação. Os diferentes falantes demonstram diferentes níveis de desempenho face à perda de contacto com a língua alemã. Na maioria, esta privação resulta em fenómenos de erosão como o objecto irregularmente omitido.

Comparando os resultados da análise de expressão do objecto tópico com os resultados obtidos da análise prévia do posicionamento verbal, verificamos que o domínio de realização da posição verbal é sensível ao factor idade, mas o domínio pragmático-sintáctico de expressão do objecto não aparenta sê-lo. Enquanto que, por volta dos onze anos de idade, os parâmetros V-2 e OV parecem estabilizar-se por completo, deixando de ser vulneráveis a processos de erosão provocados pela quebra de *input*, o domínio da expressão argumental continua a ser sensível a processos de interferência, mesmo em falantes que perderam o contacto regular com a L2 em fase mais tardia (por exemplo Carlos, que deixou a Alemanha aos catorze anos de idade). Este dado comprova que existe uma diferença substancial entre o posicionamento verbal, um domínio de natureza estritamente sintáctica, e a expressão de objectos tópicos, uma área gramatical em que a sintaxe interage com a pragmática. Enquanto que a subida do verbo para V-2 ou a sua manutenção em V-final são opções motivadas apenas por regras gramaticais, a realização ou omissão de um objecto não depende apenas de constrangimentos sintácticos mas do estatuto tópico do objecto, determinado pelo contexto discursivo em que é produzido.

#### **5.1.7. Teste de aceitabilidade**

Embora o presente estudo incida preferencialmente sobre registos de produção oral, optou-se também neste caso por complementar a análise com um pequeno teste de aceitabilidade. Para tal foi dado a alguns falantes um texto (a história da Carochinha), no qual foram inseridos alguns dos principais desvios sintácticos observados nos seus

registos orais. (vide Anexo III) Os informantes são solicitados a identificar e corrigir os aspectos que consideram agramaticais, sem no entanto saberem que tipos de erros se escondem no texto (apenas sabem que devem ignorar as questões ortográficas e de conteúdo). O texto inclui quatro ocorrências de objectos indevidamente omitidos.

Exemplo de objectos indevidamente elididos:

- (127) Es sind viele Tiere gekommen, ein Schwein,  
*(Vieram muitos animais, um porco,*  
 eine Katze, ein Bär, ein Hund und sie brachten  
*um gato, um urso, um cão) e eles trouxeram*  
 ihr Geschenke, aber **\*sie mochte nicht.**  
*lhe presentes, mas ela gostou não*  
 So sie gingen weg und **\*gaben ihr nicht.**  
gramatical: Sie mochte **sie** nicht.  
*ela gostou os não*  
gramatical: und gaben **sie** ihr nicht.  
*e deram os lhe não.*

O gráfico 36 apresenta o desempenho dos falantes no exercício proposto, distinguindo três fases: a identificação das quatro ocorrências de objectos agramaticalmente omitidos, a sua correcção correcta e a correcção no caso do objecto não ter sido identificado e o entrevistador ter questionado o falante directamente acerca do contexto em questão.

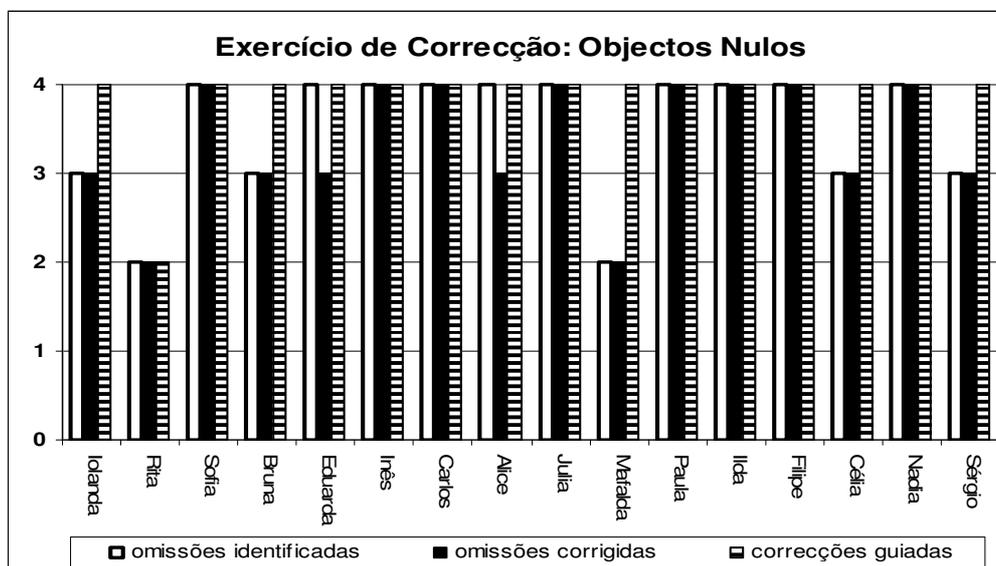


Gráfico 36: Exercício de Identificação e Correção de \*Objectos Nulos

Os resultados deste exercício demonstram que a maioria dos falantes identificou as frases em que o objecto estava agramaticalmente omitido, tanto falantes do G3 (Sofia) como do G2 (Eduarda, Inês, Carlos, Alice, Júlia, Paula) e do G1 (Filipe, Célia, Nádia). Em quatro casos, os falantes apenas identificaram 3 em vez das 4 ocorrências, porém, é de realçar que esta situação tanto sucedeu aos falantes que apresentaram omissões

incorrectas no registo oral (como Iolanda e Bruna) como a falantes do G1, que não registaram este fenómeno (os casos de Célia e Sérgio), podendo dever-se a motivos de distração. As falantes Rita (G3) e Mafalda (G2) apenas identificaram 2 das 4 ocorrências. Apesar deste exercício integrar um número reduzido de ocorrências e, por isso, não permitir tirar grandes ilações quanto à proficiência dos falantes, o terceiro momento do teste (coluna “correções guiadas”) vem confirmar a hipótese de que a competência dos participantes não parece ser afectada: sempre que o entrevistador apontava para uma frase em que o objecto nulo não tinha sido identificado, perguntando se essa frase concreta estava bem construída, todos os falantes acabavam por referir que “a frase estava incompleta, faltando um elemento”. Este dado demonstra que a intuição face à expressão do objecto se mantém intacta. Mafalda apenas identifica e corrige duas frases com objecto nulo, mas quando o entrevistador lhe lê as outras duas em voz alta, a falante tem a intuição correcta apercebendo-se da omissão agramatical. Rita é a única falante que apenas identifica duas omissões agramaticais, não se apercebendo das restantes duas, mesmo quando o entrevistador aponta para as duas ocorrências não identificadas.

## 5.2. Expressão do sujeito

Na sequência de uma discussão detalhada sobre a ocorrência de objectos nulos irregulares nos registos verbais dos falantes em análise, pretende-se, nesta parte, analisar a possível ocorrência de sujeitos nulos agramaticais no *corpus* alemão.

Após uma breve comparação do alemão e do português quanto à expressão do sujeito e a delimitação dos tipos de sujeito mais pertinentes para o presente estudo, serão apresentados os dados recolhidos da análise dos registos transcritos.

Num estudo contrastivo, em que compara os contextos de realização pronominal do sujeito em contos portugueses e sua tradução alemã<sup>57</sup>, Koller (1982) estabelece três tipos de contextos:

- I. À omissão do sujeito em português corresponde a sua realização pronominal em alemão ( $\approx 45\%$  das frases do seu *corpus*).
- II. A omissão do sujeito dá-se em português e em alemão ( $\approx 15\%$ ).
- III. O sujeito é realizado em ambas as línguas ( $\approx 10\%$ )<sup>58</sup>. (Koller, 1982: 154)

---

<sup>57</sup> *Contos Portugueses Modernos – Moderne portugiesische Erzählungen*, übersetzt von Gert Fehlhaber und Helga Alcantara, München: dtv, 1995.

<sup>58</sup> Os restantes 30% dizem respeito à ocorrência do sujeito NP.

O interesse da presente análise incide sobre os contextos do tipo I, isto é, os contextos em que as duas línguas diferem quanto à realização do sujeito. Enquanto que o português tende a omitir o sujeito pronominal, a sua realização é obrigatória no alemão. A possível ocorrência de erosão linguística neste âmbito irá, portanto, incidir sobre os contextos em que as duas línguas se distinguem. Como o objectivo deste trabalho consiste em analisar a ocorrência de erosão a nível do alemão, o foco da análise recairá sobre as frases alemãs, produzidas pelos falantes entrevistados, em que o sujeito pronominal é omitido.

Segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e trabalhos posteriores), as diferenças entre o alemão e o português relativas à realização do sujeito devem-se ao facto de as duas línguas fixarem o ‘Parâmetro do Sujeito Nulo’ (assim conhecido desde o trabalho influente de Rizzi, 1982) em valores distintos: enquanto que, em português, o parâmetro está fixado no valor [+ *pro-drop*], sendo o português considerado uma ‘Língua de Sujeito Nulo’ (Barbosa, 1995), o alemão, como todas as línguas [- *pro-drop*], não permite sujeitos nulos por ter fixado este parâmetro no valor [- *pro-drop*]. De acordo com Chomsky (1981), existe um princípio universal na linguagem humana, denominado de ‘Princípio de Projecção Alargado’ (*Extended Projection Principle/ EPP*) que exige que todas as frases possuam um sujeito. Com base neste princípio, muitos autores, sobretudo nos anos 80, incidiram o escopo da sua investigação sobre o tipo e as propriedades das categorias que podem realizar o sujeito frásico nas diferentes línguas naturais.

Além de basear a constituição de uma língua natural na fixação de parâmetros, a TPP prevê que um dado parâmetro seja associado a vários fenómenos de superfície (denominando esta relação de *clustering*). No que concerne ao parâmetro de sujeito nulo, vários são os fenómenos que têm sido associados a [*pro drop*]. Rizzi (1982) e Jaeggli/Safir (1989) enumeram essencialmente três:

- (i) omissão fonética do sujeito,
- (ii) alternância na ordem sujeito-verbo em orações simples (a chamada “inversão livre”)
- (iii) violação do filtro-que [*that-trace effect*]

Em geral, podemos distinguir entre dois tipos de sujeito: os **sujeitos referenciais ou argumentais** e os **sujeitos não-referenciais ou expletivos**. Por possuírem propriedades gramaticais distintas, estes dois tipos de sujeito serão analisados e interpretados separadamente. Visto isto, a propriedade (i) pode ser subdividida em:

- (i') omissão do sujeito referencial
- (i'') omissão do sujeito expletivo

Como a propriedade (iii) não entra no escopo da presente análise, a seguinte tabela contrapõe o alemão e o português exemplificando os restantes fenómenos:

**Tabela 7:** Conjunto de fenómenos associados ao Parâmetro do Sujeito Nulo

	<b>Português [+ <i>pro-drop</i>]</b>	<b>Alemão [- <i>pro-drop</i>]</b>
<b>Sujeito Referencial</b>	<i>Sujeito referencial nulo</i>	<i>Sujeito referencial realizado</i>
	<b>Eu</b> telefonei-lhe ontem. Telefonei-lhe ontem.	<b>Ich</b> habe sie gestern angerufen. ?Habe sie gestern angerufen.
<b>Pronome Expletivo</b>	<i>Pronome expletivo nulo</i>	<i>Pronome expletivo realizado</i>
	* <b>EXPL</b> está a nevar. <sup>59</sup> Está a nevar.  Há muitas pessoas famintas no mundo. * <b>EXPL</b> há muitas pessoas famintas no mundo.	<b>Es</b> schneit. *Schneit  <b>Es</b> gibt viele hungernde Menschen auf der Welt. *Gibt viele hungernde Menschen auf der Welt.
<b>Ordem sujeito-verbo</b>	<i>„Inversão livre“: SV-VS</i>	<i>SV</i>
	<b>O Rui</b> telefonou. Telefonou <b>o Rui</b> .	<b>Rui</b> hat angerufen. *Hat <b>Rui</b> angerufen.

### 5.2.1. O sujeito referencial

O sujeito referencial é uma categoria com função temática atribuída, numa posição argumental. Os sujeitos pronominais em posição argumental cobrem as três pessoas do singular e do plural. O alemão dispõe dos seguintes pronomes pessoais sujeito<sup>60</sup>:

<sup>59</sup> Em certos registos e variedades, o português europeu exibe um pronome expletivo. Exemplo:

*Ele chove.* (cf. Cunha e Cintra 2000: 284)

O emprego deste pronome, porém, não só não é obrigatório como está associado a uma determinada força ilocutória, pelo que tem propriedades distintas das dos expletivos em línguas sem sujeito nulo e não deve ser confundido com estes (cf. Carrilho, 2003).

<sup>60</sup> Por não haver ocorrências do pronome de tratamento formal “Sie” nos registos analisados, este será ignorado na presente análise.

**Tabela 8:** Pronomes pessoais do alemão

Número	Pessoa	Pronome	Exemplo (do corpus)
Singular	1 <sup>a</sup>	<i>ich</i>	<b>ich</b> kann Deutsch weil <b>ich</b> in der Schweiz geboren bin. (Sílvia) ( <i>Eu sei Alemão porque eu nasci na Suíça.</i> )
	2 <sup>a</sup>	<i>du</i>	dann gehst <b>du</b> dahin [...], am Ende gehst <b>du</b> bezahlen. (Anita) ( <i>Depois tu vais lá e, no fim, tu vais pagar.</i> )
	3 <sup>a</sup>	<i>er/ sie/ es</i>	hier sieht man halt ein Mann, der an viele Geräte angeschlossen ist. <b>er</b> ist total verkabelt. [...] <b>er</b> guckt sehr erstaunt, (Luísa) ( <i>Aqui vê-se um homem que está ligado a muitos fios. Ele está todo ligado. Ele olha muito espantado.</i> )
Plural	1 <sup>a</sup>	<i>wir</i>	da haben <b>wir</b> uns immer, gestritten wegen Fußball, die deutschen, Freunde die türkischen Freunde. (Sérgio) ( <i>Lá nós discutíamos sempre por causa do futebol, os amigos alemães, os amigos turcos.</i> )
	2 <sup>a</sup>	<i>ihr</i>	E: <b>ihr</b> hattet dort auch die Gemeinde. sagtet <b>ihr</b> auch immer comuna[?] A: ja. (Alice) ( <i>E: Vós também tinhas lá a ‚Gemeinde‘. Vós também dizias sempre ‚comuna‘? A: sim.</i> )
	3 <sup>a</sup>	<i>sie</i>	das ist ein Foto von, einem Kind und einem älteren Mann, und <b>sie</b> sind mitten in einem freien Feld. (Barbara) ( <i>Isto é a foto de uma criança e um homem mais velho. Eles estão no meio de um campo extenso.</i> )

Porém, os pronomes pessoais não têm todos significado funcional idêntico, havendo uma clara diferença entre os pronomes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa, por um lado, e os pronomes da 3<sup>a</sup> pessoa, por outro. Funcionalmente, existe uma estreita relação entre *eu/nós (ich/wir)* e *tu/vós/vocês (du/ihr)*, pois estes pronomes servem para referir de forma deíctica os dois papéis comunicativos centrais: o do falante actual (ou grupo de falantes) e o do ouvinte actual (ou grupo receptor). (cf. Zifonun, 2001: 45). Trata-se, por conseguinte, da expressão por excelência da *deixis* pessoal: os pronomes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa exprimem sobretudo proximidade deíctica e referência a um denotador humano, características menos presentes nos pronomes de 3<sup>a</sup> pessoa (*ele/ela/eles/elas; er/sie/es/sie*). Apesar de constituírem a forma mais comum do papel comunicativo do ‘referido’, estes têm sobretudo uma função fórica, servindo para a orientação contínua a entidades já introduzidas (cf. Zifonun, 2001: 46).

Nas línguas que exibem a característica sintáctica [+ *pro-drop*] há uma clara preferência pelo sujeito nulo em detrimento da realização fonética do sujeito em certos contextos, facto atribuído por muitos linguistas a um princípio de economia (o *Avoid Pronoun Principle*, Chomsky, 1981: 65). Segundo a opinião mais corrente (Barbosa,

1995; Jaeggli/Safir, 1989; Rizzi, 1982), as línguas de sujeito nulo satisfazem a obrigação sintáctica de projecção de um sujeito (subjacente ao ‘Princípio de Projecção Estendida’, *EPP*) através da rica morfologia verbal que as caracteriza.

Assim, línguas de sujeito nulo como o português tendem a realizar os sujeitos pronominais apenas em contextos pragmáticos específicos, nomeadamente quando se assinala uma introdução ou mudança de tópico ou quando o sujeito é focalizado. Já o sujeito omitido tem sempre a marca [+ *tópico*]. Sendo assim, a opção entre a realização/omissão do sujeito pronominal nas línguas de sujeito nulo é marcada por opções discursivas, razão pela qual muitos autores a situam na interface entre sintaxe e discurso (Avrutin, 1999; Montrul, 2004; Müller/Hulk, 2000; Hulk/Müller, 2001; Serratrice/Sorace/Paoli, 2004; Sorace, 2004)

Esta tendência é comprovada nos estudos empíricos sobre a realização do sujeito. No seu estudo comparativo sobre o sujeito nulo no português europeu e no português do Brasil, Barbosa/Duarte/Kato (2005: 23) indicam uma taxa de omissão do sujeito pronominal de 78% nos textos jornalísticos do PE que analisaram. Este valor coincide exactamente com a taxa de omissão que registei no *corpus* português de três falantes do meu grupo de investigação<sup>61</sup> (78% de sujeitos nulos).

Enquanto língua [- *pro-drop*], em princípio, o alemão não permite a omissão do sujeito referencial, o que significa que, ao contrário do português, um sujeito tópico geralmente é retomado por um pronome (pessoal ou demonstrativo). Compare-se os dois excertos do *corpus* alemão e português de Luísa, em que é descrita a situação de um pedinte:

(128) a. nesta imagem vê-se uma senhora vestida, de uma maneira assim muito pobre muito/ a roupa tá rota, suja. *tá sentada num.* deve ser na cidade. a pedir dinheiro *tem um letreiro* a dizer *que tem fome e tem um. uma coisinha* pr’às pessoas ao passar meter dinheiro.

b. und hier eine, ich glaub es ist ’ne Frau. das kann man nicht so erkennen, aber halt ’n Bettler oder ’ne Bettlerin, in der Fußgängerzone. *sie hat ’n Schild*, da, wo draufsteht *dass sie Hunger hat* und ein kleinen Topf, wo man Geld reintun soll. und *sie sitzt halt da* und, das scheint mir halt auch in Deutschland zu sein weil. *sie da sitzt*

Enquanto que no excerto português a referência à pedinte é sempre retomada através de um sujeito nulo (“ $\emptyset$  tá sentada num”; “ $\emptyset$  tem um letreiro a dizer que  $\emptyset$  tem fome”;

---

<sup>61</sup> Trata-se das participantes Flora, Mariana e Marcela do grupo 4. Como foi discutido nos capítulos precedentes, estas participantes afirmaram já não dominarem o alemão, revelando grandes dificuldades em compreender a entrevistadora, pelo que não foi possível realizar as entrevistas em língua alemã. Não dispondo de registos em língua alemã, optou-se por utilizar os seus registos portugueses como *corpus* monolíngue português, que, como no presente caso, serve para analisar a ocorrência de determinados fenómenos na língua portuguesa.

“Ø tem um. uma coisinha”), no alemão faz-se através do pronome pessoal de terceira pessoa do singular *sie* (“*sie hat ’n Schild*”; “*dass sie Hunger hat*”; “*sie sitzt halt da*” “*weil sie da sitzt*”).

No entanto, como demonstra a existência dos contextos do tipo II enumerados por Koller (1982), o sujeito nulo não é um fenómeno totalmente alheio ao alemão, pois existem contextos em que a omissão do sujeito é gramaticalmente obrigatória, outros em que ocorre por motivos estilísticos e ainda outros que são característicos do discurso oral.

Na oralidade, o alemão permite o fenómeno de omissão de tópico (*topic-drop*). Tal como foi discutido no capítulo anterior, *topic-drop* corresponde à omissão do primeiro constituinte da frase, podendo este ser o sujeito, um objecto deslocado ou um advérbio. Como o sujeito nulo português, estes elementos nulos são licenciados pelo discurso, pois apenas podem ser omitidas entidades com estatuto de tópico. No entanto, ao contrário do sujeito nulo português, a omissão do sujeito tópico alemão apenas ocorre em discurso oral e está limitado à primeira posição da frase, o pré-campo. Isto significa que não é permitida a sua omissão quando o pré-campo está ocupado por um elemento não-sujeito, nem é possível a ocorrência de omissões em orações encaixadas (nas quais C° acolhe a conjunção subordinativa). Além disso, apenas ocorre em situações em que o referente é uma entidade já mencionada e bem conhecida no contexto comunicativo. Veja-se o seguinte exemplo, retirado do *corpus* de Anita:

- (129) E: wenn die Franzosen hierher kommen, die sprechen fast immer nur Französisch.  
(Quando os franceses vêm cá, eles falam quase sempre só francês.) (Anita)  
Anita: Ø können nicht Portugiesisch lernen oder so.  
podem não português aprender ou assim.  
(Não conseguem aprender o português.)

O tópico da conversa entre Anita e a entrevistadora são os franceses, razão pela qual a falante omite este sujeito ao completar as ideias lançadas pela interlocutora.

Igualmente recorrente em alguns falantes é a omissão do pronome de primeira pessoa do singular. Este tipo de omissão segue as condições sintácticas e pragmáticas de *topic-drop*. Ocorre em situações comunicativas em que é enfatizado o conteúdo predicativo, com carga emotiva ou exclamativa forte, tal como demonstrado no exemplo (130), em que a falante exprime em tom exclamativo que comeu muitos chocolates da marca Ferrero quando era jovem.

- (130) Entrevistadora: und wo haben deine Eltern dort gearbeitet[?] (Inês)  
*(Eu onde trabalharam os teus pais lá?)*  
 Inês: in einer Fabrik, eine und der andere. mein Vater in der Ferrero.  
*(Numa fábrica, um e o outro. O meu pai na Ferrero.)*  
 Entrevistadora: Ferrero Schokolade [?]  
 Inês: ja, viele Jahre[!] hab viel Ferrero gegessen[!]  
*sim muitos anos Vaux<sub>fin</sub> muito Ferrero comer[V<sub>inf</sub>]*  
*(Sim, durante muitos anos! Comi muito Ferrero!)*

Já as omissões que não respeitam a regra sintáctica de omissão do primeiro constituinte da oração são agramaticais. Veja-se os exemplos (131a/b), orações V-2 em que SpecCP (o pré-campo) está ocupado, não permitindo a subida do sujeito e impedindo assim a sua eventual omissão.

- (131) a. (ich schreibe besser in Deutsch *do que* in Portugiesisch.) \*weil Portugiesisch gebe  $\emptyset$   
*(eu escrevo melhor em alemão do que em português. ) porque português dou*  
 viele Fehler.<sup>62</sup> (Iolanda)  
*muitos erros.*  
*(Sim, eu escrevo melhor em alemão do que em português, porque em português dou*  
*muitos erros.)*  
gramatical: (weil) im Portugiesischen mache **ich** viele Fehler.

- b. Entrevistadora: seid ihr auch zu den Containern gegangen[?]  
*(Também iam aos contentores?)*  
 Anita: ja.  
*(Sim.)*  
 Entrevistadora: ja genau, und hier in Portugal nicht[?]  
*(Pois, e aqui em Portugal não?)*  
 Anita: hier ja, \*jetzt gehen  $\emptyset$  auch.  
*aquí sim agora vamos também*  
*(Aqui sim, agora também vamos.)*  
gramatical: Hier ja, jetzt gehen **wir** auch.

Igualmente desviantes são as omissões do sujeito em orações encaixadas, pois neste caso a conjunção subordinativa está em CP, exigindo a manutenção do sujeito em SpecIP, posição de onde não pode ser suprimido.

Exemplo:

- (132) ja, glaub schon \*dass  $\emptyset$  da so spielen und so (Bruna)  
*que aí assim brincam*  
*(Sim, eu penso que estejam assim a brincar aí.)*

Por fim, consideram-se também agramaticalmente omitidos os sujeitos em contextos em que se dá mudança de referente relativamente à oração anterior, como nos exemplos (133a/b):

<sup>62</sup> Apesar de se tratar de uma oração causal, esta frase segue a tendência actual de transformação das orações introduzidas por *weil* ('porque') de orações encaixadas em orações-raiz. Neste caso estamos em presença de uma oração V-2.

(133) a. (ja aber ich bin in die Schule gekommen habe eine gute Lehrerin.) die war sehr,  
 (Sim mas eu entrei na escola e tive uma óptima professora) ela era muito  
 sehr fröhlich, und \*Ø magt sie. (Iolanda)  
*muito alegre e gostava dela.*  
 (Sim mas eu entrei na escola e tive uma óptima professora. Ela era muito  
 alegre. Gostava dela.)  
gramatical: Sie war sehr fröhlich (nett). **Ich** mochte sie.

b. Tópico: a irmã

(nein, zweiandhalb Jahre. sie war vierzehn Jahre alt, ich war zwölf). \*aber Ø hat  
 (Não. Dois anos e meio. Ela tinha catorze anos, eu tinha doze). mas tem  
 zum Beispiel nie mehr Kontakt so mit Arbeit. (Inês)  
*por exemplo nunca mais contacto assim com trabalho*  
 (Não. Dois anos e meio. Ela tinha catorze anos, eu tinha doze, mas por exemplo  
 nunca mais teve contacto assim com o trabalho.)  
gramatical: Sie war vierzehn Jahre alt, ich war zwölf, aber **sie** hat zum Beispiel nie  
 mehr Kontakt so mit der Arbeit.

Na presente análise, as ocorrências de omissão de tópico que respeitam as condicionantes sintácticas e pragmáticas do alemão, serão contabilizadas à parte enquanto que as omissões do tipo exemplificado em (131) a (133) serão consideradas omissões agramaticais do sujeito referencial.

Não são contabilizadas na análise que se segue as omissões obrigatórias, tal como referenciadas em Koller (1982):

- o imperativo, com correspondente omissão obrigatória do sujeito no português:

(134) Menino, leve esta letra ao senhor Silva.  
 Kleiner, bring diesen Wechsel zu Herrn Silva. (Koller, 1982: 157)

- as orações infinitivas, em que se verifica co-referência do sujeito face a um argumento da oração-raiz:

(135) a. ... pediu-lhe para ler o nome...  
 ... bat sie ihn, ... ihr den Namen vorzulesen... (Koller, 1982: 157)

b. ich hoffe es nicht zu vergessen (Paula)  
*eu espero o não esquecer*  
 (Eu espero não esquecer-lo).

Exclui-se igualmente as orações coordenadas com sujeito co-referencial, tal como exemplificado no exemplo (136), retirado do *corpus* de Paula. Nestes casos a omissão é facultativa, geralmente motivada por questões estilísticas.

(136) ich bin Paula, bin zwanzig Jahre alt, komme aus V. und studiere Journalismus.  
*eu sou Paula, sou vinte anos velha, venho de V. e estudo jornalismo.*  
 (Eu sou a Paula, tenho vinte anos, sou de Vieira do Minho e estudo jornalismo.)

### 5.2.2. O sujeito expletivo

Uma das características típicas das línguas [- *pro-drop*] é o preenchimento da posição sintáctica de sujeito em orações sem sujeito referencial com um pronome expletivo, como acontece por exemplo em verbos existenciais. Nesta função o pronome expletivo não tem qualquer significado semântico nem estatuto argumental. A sua ocorrência apenas satisfaz a exigência estrutural de línguas sem sujeito nulo em preencher a posição de sujeito, gramaticalmente obrigatória. Em línguas de sujeito nulo, pelo contrário, esta posição tende a manter-se vazia. Compare-se os seguintes exemplos:

- (137) a. *es* ist ein schöner Tag. (Luisa)  
Expl é um lindo dia
- b.  $\emptyset$  tá tudo sujo. (Luisa)

Em alemão, o pronome expletivo por excelência é *es*. No entanto, e como refere Henschel (2003: 137), apesar de alguns autores subsumirem os diferentes tipos de ocorrência de *es* sob o termo “expletivo”, é possível distinguir várias funções e distribuições desta categoria:

Je nach Konstruktionstyp, aber auch in starker Abhängigkeit von Autor und Modell wird dieses *es* als Subjekt, formales Subjekt, grammatisches Subjekt, Platzhalter oder Korrelat bezeichnet. Gelegentlich [...] werden auch alle diese Vorkommensweisen (sowie einige weitere) gleichermaßen mit dem englischen Begriff "expletives" bezeichnet.

Não é objectivo deste trabalho descrever pormenorizadamente todas as ocorrências de *es* (para tal, *vide* Askedal, 1990; Henschel, 2003; Zifonun, 2001), mas será pertinente distinguir entre algumas funções bem distintas, comparando-as com o português. Serão ainda discriminadas as ocorrências em que a omissão do expletivo é obrigatória (e por isso não será contabilizada) e as expressões (do discurso oral) em que é aceitável (e por isso será contabilizada separadamente).

Em primeiro lugar, há que distinguir claramente entre duas funções opostas de *es*. Por um lado, temos o seu uso enquanto pronome de terceira pessoa do singular do género neutro, onde tem função de referência específica (e como tal, inclui-se no tipo de sujeito anteriormente descrito). Por outro lado, *es* é utilizado como categoria gramatical sem função semântica e sem estatuto argumental, com o objectivo de satisfazer o *EPP* (e como tal, é designado de expletivo).

No entanto, o uso de *es* em posição de sujeito não se restringe a estes dois pólos, uma vez que é possível discriminar outros graus de referencialidade de *es*, situados entre um e outro pólo.

Segundo Zifonun (2001), para além da referência específica, o pronome *es* pode exprimir:

- I- referência a objectos abstractos e referência não específica (p.122).
- II- referência fraca (p.123).
- III- não-referência, sendo uma categoria semanticamente vazia (e por conseguinte um verdadeiro expletivo) (p.125).

Zifonun (2001) alude, portanto, a três graus diferentes de referencialidade (excluindo a referência específica), embora não os delimite satisfatoriamente, pois estabelece a categoria “*schwach referenzielle Verwendung*” (uso referencial fraco) mas também inclui aí os pronomes não-referenciais.

O que importa reter é que, entre o uso referencial/argumental e o uso não-referencial/expletivo, ainda é possível discriminar uma função em que *es* não é uma categoria totalmente esvaziada de significado semântico, situando-se entre a classe de sujeitos referenciais e de sujeitos expletivos. Com base em Oliveira (2005), este uso de *es* será designado de “referência estendida”. Por ser estruturalmente muito semelhante ao uso não referencial e nem sempre ser fácil distinguir estes dois tipos, ambos são descritos e contabilizados sob o termo ‘sujeito expletivo’.

### 5.2.2.1. Uso não-referencial

Enquanto pronome verdadeiramente expletivo, isto é, não tendo qualquer função semântica, *es* é usado:

- em construções impessoais que expressam o estado do tempo, as horas, a indicação de distâncias ou outras descrições de situações sem sujeito:

- (138) a. **Es** regnet/.../schneit.  
**Expl** chove neva  
(*Está a chover/ a nevar.*)
- b. **Es** ist wunderschön hier.  
**Expl** é lindo aqui  
(*É lindo aqui.*)
- c. **Es** ist 5 Uhr.  
**Expl** é 5 horas.  
(*São 5 horas.*)

d. **Es** ist nicht weit.  
**Expl** *é não longe*  
(*Não é longe.*) (exemplos Zifonun, 2001: 124)

- em construções de identificação:

(139) (Jemand hat meine Pantoffeln versteckt.) Wer war es? – **Es** war Fritzchen.  
**Expl** *foi Fritzchen*  
(*Alguém escondeu os meus chinelos. Quem foi? - Foi o Fritzchen.*)  
(exemplos de Zifonun, 2001: 124)

- com verbos existenciais:

(140) **Es** gibt selten etwas Neues unter der Sonne.  
**Expl** *há raramente algo novo debaixo do sol.*  
(*Raramente há novidades debaixo do sol.*) (exemplos de Zifonun, 2001: 124)

- em construções reflexivas impessoais:

(141) a. **Es** lebt sich gut hier.  
**Expl** *vive se bem aqui*  
(*Aqui vive-se bem.*)  
b. **Es** lässt sich hier leben. Gut lässt **es** sich hier leben  
**Expl** *deixa-se aqui viver. bem deixa Expl se aqui viver*  
(*Aqui dá para se viver.*) (*Aqui dá para se viver bem.*)  
(exemplos de Zifonun, 2001: 125)

- em certas expressões fraseológicas:

(142) a. **es** handelt sich um  
**Expl** *trata se de*  
(*trata-se de*)  
b. **es** geht um  
**Expl** *trata de*  
(*trata-se de*)  
c. **es** steht gut / schlecht um  
**Expl** *está bem / mal por*  
(*alguém/algo está bem/mal*)  
d. **es** geht zu wie  
**Expl** *passa como*  
(*passa-se como*) (exemplos de Zifonun, 2001: 124)

Em todas as ocorrências descritas a realização do pronome *es* é obrigatória, sendo a sua omissão agramatical, ao contrário do que sucede nas construções seguidamente apresentadas. Aí o pronome *es* tem apenas a função de ocupar a posição de pré-campo (SpecCP), sendo por isso denominado de *Platzhalter* (“ocupador de lugar”). Nestes

casos, o sintagma que poderia subir para SpecCP, ocupando o pré-campo, permanece no campo médio (IP). Porém, se o pré-campo estiver ocupado, a omissão de *es* torna-se obrigatória, tal como sucede:

- na voz passiva de verbos intransitivos:

- (143) **Es** darf hier gelacht werden.  
**Expl** V<sub>mod<sub>fin</sub></sub> *aqui rir*[V<sub>part</sub>] V<sub>aux<sub>inf</sub></sub>  
(*Pode-se rir aqui.*)

Mas:

Hier darf gelacht werden.  
*Aqui* V<sub>mod<sub>fin</sub></sub> *rir*[V<sub>part</sub>] V<sub>aux<sub>inf</sub></sub> (exemplos de Zifonun, 2001: 125)

\*Hier **es** darf gelacht werden.  
*Aqui Expl* V<sub>mod<sub>fin</sub></sub> *rir*[V<sub>part</sub>] V<sub>aux<sub>inf</sub></sub>

- nas construções em que o sujeito remático está no campo médio (em IP):

- (144) **Es** kamen viele Gäste.  
**Expl** *vieram muitos convidados*  
(*Vieram muitos convidados.*)

Mas:

Viele Gäste kamen.  
*muitos convidados vieram* (exemplos de Zifonun, 2001: 125)

\*Viele Gäste es kamen.  
*muitos convidados Expl vieram*

- em construções de extraposição, nas quais o pronome *es* tem a função catafórica de apontar para uma oração extraposta para o pós-campo (uma posição de deslocamento à direita, destinada sobretudo a orações encaixadas que seguem à oração-raiz). Em muitas gramáticas este uso pronominal é denominado de *Korrelat-es* (cf. *Duden*, 1998: 636). Também neste caso dá-se, em regra, a omissão de *es* quando a oração deslocada sobe para o pré-campo (SpecCP):

- (145) a. **Es** ist schön, dass Sie kommen.  
**Expl** *é bom, que você venha*  
(*É bom que venha.*)

Mas:

Dass Sie kommen, ist schön.  
*que você venha, é bom* (exemplo de Zifonun, 2001: 126)  
(*Que venha é bom.*)

\*Dass Sie kommen, **es** ist schön

- b. Mich stört **es**, dass sie nicht gekommen ist.  
*me perturba Expl que ela não vir*[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>]  
 (Perturba-me que ela não tenha vindo.)

(exemplo de *Duden*, 1998: 636)

Mas:

Dass sie nicht gekommen ist, stört mich.  
*que ela não vir*[V<sub>part</sub>] Vaux<sub>fin</sub> perturba-me.

\*Dass sie nicht gekommen ist, **es** stört mich.

O português dispõe de duas opções estruturais diferentes para estas frases:

- a categoria vazia (∅):

(146) a. **Es** regnet.

∅ Está a chover.

b. **Es** ist 5 Uhr.

∅ São 5 horas.

c. **Es** ist nicht weit.

∅ Não é longe.

d. (Jemand hat meine Pantoffeln versteckt.) Wer war es? – **Es** war Fritzchen.

(Alguém escondeu as minhas chinelas.) Quem foi? - ∅ Foi o Fritzchen.

e. **Es** gibt selten etwas Neues (unter der Sonne).

Raramente ∅ há novidades debaixo do sol.

f. **Es** ist schön, dass Sie kommen.

∅ É bom que venha.

- uma construção com o pronome *se* no seu uso impessoal:

(147) a. In diesem Fall handelt **es** sich um Korruption.

Neste caso trata-**se** de corrupção.

b. **Es** darf hier geraucht werden.

Aqui pode-**se** rir.

c. **Es** lebt sich gut hier.

Vive-**se** bem aqui.

### 5.2.2.2. Sujeito de referência estendida

Como foi referido, entre os sujeitos referenciais e os sujeitos não-referenciais, ambos já descritos, situa-se um terceiro tipo de sujeito relativamente ao critério da referencialidade, que importa delimitar aqui. Também neste caso, a terminologia usada na literatura não é uniforme, verificando-se delimitações diferentes de autor para autor.

Partindo de Asher (1993), Zifonun (2001) distingue entre a ‘referência a objectos abstractos’ (“Referenz auf abstrakte Objekte”) e a ‘referência não-específica’ (“unspezifische Referenz”), definindo o primeiro tipo como a alusão anafórica, não a um sintagma nominal, mas sim a uma proposição expressa por uma oração ou uma construção infinitiva:

Nicht nur auf Entitäten, die durch NP eingeführt wurden, kann phorisch Bezug genommen werden, sondern auch auf solche, die durch Sätze, Infinitivkonstruktionen oder Prädikatsausdrücke konstituiert wurden. Dabei sind, wie die sprachlichen Kontextbedingungen bezeugen, eine ganze Reihe unterschiedlicher Denotatstypen zu unterscheiden, etwa Sachverhalte, Ereignisse bzw. „Eventualitäten“ (mit weiterer Subklassifikation) und Tatsachen sowie Eigenschaften. (p.71)

Já o segundo tipo, a referência não-específica, significa, segundo Zifonun (2001: 72), a alusão a algo não mencionado anteriormente.

Um estudo variacionista que trata da ocorrência deste tipo de sujeito no PB é o trabalho de Oliveira (2005), que, com base em Halliday/Hasan (1976), o denomina de “sujeito de referência estendida”. Oliveira (2005) explica que “(e)stes sujeitos se referem a uma ou mais orações do texto, compreendendo uma porção do texto maior que a expressa por um nome”, indo ao encontro da definição de “referência a objectos abstractos” de Zifonun (*op.cit.*). Na presente análise optarei pelo termo ‘sujeito de referência estendida’ para denominar os fenómenos descritos, isto é, a referência, não apenas a um objecto ou pessoa, mas sim a um processo ou sequência de processos, gramaticalmente expressos por uma ou mais orações ou a um antecedente diluído no contexto precedente. A forma por excelência de exprimir este fenómeno é através do verbo copulativo ‘ser’ (cf. Santos, 2006: 63).

Segundo Oliveira (2005: 1379), no português, o sujeito de referência estendida pode ser expresso de três formas distintas:

- através de uma anáfora zero (∅):

(148) A gente não foi classificado, tá entendendo? A gente não fomos pra final.  
Realmente ∅ foi por causa dele! (pausa) ∅ Foi por causa dele!  
(exemplo de Oliveira, 2005: 1379)

- através do pronome demonstrativo neutro ‘isso’:

(149) Eu adoro filme de guerra, mas **isso** num quer dizer que eu venha a gostar de violência.”  
(exemplo de Oliveira, 2005: 1380)

- através do uso de um nome abstracto que subsume o conjunto de informações referido:

- (150) Olha! É, bota duas pessoas, se tiver três, bota duas pessoas para segurar, a minha irmã e minha colega segura e eu pulo, não é? E depois se eu errar, aí vai a segunda, aí se a segunda errar, vai a terceira. **A brincadeira de elástico** é assim.  
(exemplo de Oliveira, 2005: 1380)

O estudo de Oliveira (2005) mostra que a anáfora zero é a opção mais recorrente na construção da referência estendida, havendo no entanto uma importante ocorrência de demonstrativos que concorrem com a posição vazia. Visto este estudo incidir sobre o português do Brasil, que segundo alguns autores (por exemplo Duarte, 1998) está a perder a propriedade [+ *pro-drop*]<sup>63</sup>, a substituição da anáfora pelo pronome demonstrativo é apontada como sendo um indicador desta tendência de transformação do PB de língua de sujeito nulo para língua [- *pro-drop*]. Como não existem estudos sobre este processo no PE e o fenómeno em si não constitui o cerne da presente análise, será apenas de reter que, no português, a anáfora zero é a principal opção neste caso, podendo ser substituída ou por um pronome demonstrativo ou por um NP.

No alemão, língua [- *pro-drop*], à opção de ocorrência da anáfora zero do português corresponde a ocorrência do pronome *es*:

- (151) a. Wir sind ausgeschieden und nicht ins Finale gekommen.

(*Não fomos classificados e não fomos à final.*)

**Es** war wegen ihm!

**PRON** foi por causa dele

∅ Foi por causa dele.

- b. Gestern haben wir den Weihnachtsbaum geschmückt.

(*Ontem enfeitámos a árvore de natal.*)

**Es** hat drei Stunden gedauert.

**PRON** Vaux<sub>fin</sub> três horas demorar[V<sub>inf</sub>]

∅ Demorou três horas.

- c. (hier musst du/ heute gehst du am Arzt und er sagt du musst das und das machen. und dann muss/ [...] ein Papier und dann muss ich vielleicht in ein, Hospital gehen und das dort machen und dann muss ich wieder in den Arzt gehen zum zeigen.)

(*Aqui tens de/ hoje vais ao médico e ele diz tens de fazer isto e aquilo. depois é necessário um papel e depois talvez tenha de ir ao hospital e fazê-lo lá e depois tenho de voltar ao médico para mostrar.*)

**es** ist schwierig.

(Alice)

**PRON** é difícil

∅ É difícil.

Nos exemplos (151), o *es* refere-se a toda a proposição que o antecede: ao facto de o grupo no qual o falante se inclui não ter ido à final de uma competição (a.), ao acto de

<sup>63</sup> Para uma reflexão mais detalhada sobre esta hipótese cf. Kaiser (2006).

enfeitar a árvore de natal (b.) ou a todo o processo exigido pelo sistema de saúde português para se fazer análises médicas (c.).

Tal como no português (e em muitas outras línguas), para além da opção de utilização de um nome abstracto, que deixarei de lado nesta análise, o alemão tem ainda a opção de utilização de um pronome demonstrativo para expressar este tipo de sujeito. Geralmente é usado o pronome *das*:

(152) a. (ich find in Deutschland ist es viel besser, so Kinder, Gesundheit, ich glaub die kümmern sich mehr um die Patienten als hier. hier nicht, hier gehst du in Hospital mit Schmerzen und so und dann ist es so, ja du bist okay, kannst gehen.)  
(*Eu acho que na Alemanha é muito melhor, assim crianças, saúde. Penso que cuidam mais dos pacientes que aqui, aqui não. Aqui vais ao hospital com dores e depois é assim. Sim, tu estás bem, podes ir embora.*)  
manchmal ist **das** nicht so, nee.  
às vezes é **isso** não assim  
(*Às vezes isso não é assim.*)  
(sieht man auch im Fernsehen, kommst nach Hause und stirbst.) (Bruna)  
(*Também se vê na televisão, chegas a casa e morres.*)

b. (eher deutsche Familien weil, ausländische Familien wahrscheinlich nicht so sehr darauf achten finde ich. dass sie halt schon mal was auf den Boden schmeißen oder so, aber nicht so extrem dass sie halt, ein schöner Ort total verschmutzen.)  
(*mais famílias alemãs porque famílias emigrantes talvez não reparam tanto, penso eu. Por vezes também atiram algo para o chão, mas não assim de forma tão extrema que sujem completamente um sítio bonito.*)  
**das** kommt glaube ich nicht so oft vor in Deutschland. (Luísa)  
**isso** acontece penso eu não tantas vezes na Alemanha  
(*Isso não acontece tantas vezes na Alemanha.*)

c. (ich find, ich mein, äh, als wenn eine Person mehr als eine Sprache kann,)  
(*Eu penso que, quando uma pessoa sabe mais que uma língua*)  
**das** ist, für mich natürlich ist **das** sehr gut, (Sílvia)  
**isso** é para mim naturalmente é **isso** muito bom  
(*Isso para mim naturalmente é bom.*)

Nos exemplos transcritos é possível substituir o pronome *das* pelo pronome *es*, embora, pela sua natureza funcional, o pronome demonstrativo tenha uma carga referencial mais forte:

- (153) a. Manchmal ist **es** nicht so.  
b. **Es** kommt, glaube ich, nicht so oft vor in Deutschland.  
c. **Es** ist für mich natürlich sehr gut.

A inclusão de todas estas ocorrências com *es* sob o título de ‘sujeito expletivo’ deve-se à proximidade estrutural entre elas. Compare-se os seguintes exemplos, em que o pronome *es* ocorre na frase “Es ist schön”:

- (154) a. (Heute kommen alle meine Kinder zu Besuch. Wir werden den Nachmittag zusammen im Garten verbringen.)  
 (Hoje vêm todos os meus filhos. Vamos passar o dia todos juntos no jardim)  
**Es** ist schön. (Sie kommen so selten.)  
**PRON** é bom. (Eles vêm tão raramente.)  
 (É bom.)
- b. Es ist schön, dass Sie kommen.  
**PRON** é bom, que você venha  
 (É bom que venha.)
- c. (Ich liebe deinen Garten.) **Es** ist so schön hier.  
 (Eu adoro o teu jardim.) **Expl** é tão bonito aqui  
 (É tão bonito aqui.)

Apesar da aparente semelhança entre as três frases, em (154a), *es* é um sujeito de referência estendida (referindo-se ao facto de os filhos virem de visita e passaram a tarde juntos no jardim), em (154b) um *Platzhalter/Korrelat-es*, que é omitido se a oração encaixada se mover para o pré-campo, e em (154c) um pronome expletivo numa descrição situacional.

Para a presente análise importa sublinhar que, em todos os exemplos apresentados, a omissão do pronome *es* é agramatical e será contabilizada como ‘expletivo nulo’.

Pelo contrário, existem certas construções fixas, exclamações e expressões situacionais nas quais se dá a omissão de *es*, que são considerados aceitáveis, tais como:

- (155) a. ∅ Stimmt! (cf. Koller, 1982: 157)  
 Está certo!

em vez de: **Es** stimmt.

- b. ∅ Kann sein. (Bruna)  
 Pode ser.

em vez de: **Es** kann sein.

- (156) c. (Interviewadora: in der Freizeit zum Beispiel, könntest du dir vorstellen dass ein Opa mit seinem Enkelkind hier in Portugal dasselbe macht[?])  
 (Por exemplo nos tempos livres. Achas que um avô aqui em Portugal faz as mesmas actividades com o seu neto?)  
 Anita: ehm. ∅ kommt drauf an, also, ... (Anita)  
 (Depende, bem...)

em vez de: **Es** kommt drauf an.

Estas construções elípticas são contabilizadas separadamente sob a rubrica de *topic-drop*.

### 5.2.2.3. Respostas a interrogativas globais

Importa, por fim, fazer uma breve referência às respostas a interrogativas globais, uma vez que constituem um caso específico de expressão do sujeito. O alemão e o português distinguem-se no tipo de resposta que é possível dar a este tipo de perguntas. Veja-se, por exemplo, a resposta afirmativa: no português, tanto é possível responder afirmativamente recorrendo ao advérbio de afirmação ‘sim’ como repetindo apenas o verbo da pergunta, tal como o faz Flora no seguinte excerto (repetição de “nacer”):

- (157) E: no sétimo ano. tu estiveste em algum país estrangeiro[?]  
Flora: tive n’Alemanha  
E: na Alemanha, nasceste lá[?]  
Flora: **nasci.** (Flora)

Note-se que a omissão de ‘sim’ e conseqüente repetição do verbo obriga à omissão do sujeito. A resposta “eu nasci” seria incorrecta neste contexto.

Pelo contrário, no alemão, o recurso a um advérbio de afirmação neste contexto é obrigatório<sup>64</sup>:

- (158) a. E: [...] du warst in Zürich nicht wahr[?]  
(*Tu estiveste no cantão Zurique, não foi?*)  
Barbara: ja, Kanton Zürich. (Barbara)  
(*Sim, cantão Zurique.*)

A resposta afirmativa com *ja* pode incluir ainda a repetição do verbo da pergunta. No entanto, neste caso, ao contrário do português, a expressão do sujeito é obrigatória:

- b. E: als du zurückgekommen bist hattest du weiterhin Kontakt mit dem Deutschen[?]  
(*Quando voltaste, tiveste contacto com o Alemão?*)  
A: ja ja **ich** hatte<sup>65</sup>, (Anita)  
*sim sim eu tive*

Por conseguinte, tal como seria de esperar no português, em alemão, a omissão do sujeito neste contexto seria agramatical. Este tipo de agramaticalidade é, de facto, observado em alguns dos registos analisados, como se confirma no seguinte excerto do *corpus* de Irene:

- (159) Entrevistadora: bist du dann in den Kindergarten[?]  
(*Depois estiveste no infantário?*)  
Irene:\*ja war (Irene)  
*sim estive*  
gramatical: Ja, war **ich.**

<sup>64</sup> A omissão de *ja* seria apenas possível numa resposta enfática, em que a falante repetisse a pergunta, com uma entoação marcada: “Ich war im Kanton Zürich!”

<sup>65</sup> Neste caso, a resposta mais correcta até seria uma construção invertida: “ja, hatte ich”.

Como este tipo de ocorrência não envolve apenas a expressão do sujeito mas também o conhecimento das opções existentes nas línguas para construir respostas afirmativas (e negativas), este tipo de omissões será excluído na presente análise.

### 5.2.3. Hipóteses de trabalho

A análise da expressão do sujeito permite-nos investigar o comportamento verbal dos falantes bilingues a um nível em que as duas línguas em estudo se distinguem claramente: o português favorece a omissão do sujeito referencial e tem expletivos nulos obrigatórios, enquanto que o alemão obriga à realização de ambos os tipos de sujeito, permitindo a sua omissão apenas no caso muito restrito de omissão do tópico.

Além disso, a expressão do sujeito parece propiciar a análise de erosão linguística, já que, tal como o objecto nulo (cf. secção anterior), é um fenómeno sintáctico que muitos autores situam na interface entre a sintaxe e a pragmática (Avrutin, 1999; Sorace, 2000). Segundo autores como Gürel (2004a/b), Montrul (2004), Sorace (2004), Tsimpli *et al.* (2004), as áreas em que a sintaxe interage com outros sistemas cognitivos ou extragramaticais, tal como o léxico-semântico ou pragmático-discursivo, são mais sensíveis à ocorrência de erosão do que as propriedades puramente sintácticas da língua (Montrul, 2004: 126).

Quanto à expressão do sujeito (referencial), são as características discursivas de [tópico] e [foco] que regulam a sua eventual omissão e o seu posicionamento em línguas de sujeito nulo (cf. Barbosa, 1995; 2000). Os estudos conduzidos com falantes bilingues adultos (Montrul, 2004; Tsimpli *et al.*, 2004) apresentam, de facto, vulnerabilidade dos participantes bilingues face à expressão do sujeito em combinações de línguas [ $\pm$  *pro-drop*]. Em ambos os estudos citados, a língua predominantemente usada é o inglês, uma língua [-*pro-drop*], enquanto que a primeira língua dos falantes analisados (o espanhol, o italiano e o grego) é uma língua de sujeito nulo. Ambos os estudos confirmam a influência da língua [-*pro-drop*] sobre a língua [+*pro-drop*], atestando um acréscimo de sujeitos expressos nas línguas de sujeito nulo (68,6% realizados contra 31,4% nulos, em Montrul, 2004: 137).

No presente estudo, a direcção de influência entre as duas línguas em contacto está invertida face aos resultados já obtidos neste campo de investigação: a língua de sujeito nulo é a dominante, pelo que se levanta a hipótese de ocorrência de omissões em contextos não permitidos na língua [- *pro-drop*]. Transferindo as conclusões dos estudos realizados para a presente análise, parte-se da hipótese de que os traços pragmáticos que

regulam a expressão do sujeito no português possam ser transferidos para o alemão. Assim, espera-se sobretudo o aumento de sujeitos nulos irregulares em contextos de sujeitos tópicos, isto é, em contextos em que o português tende claramente a omitir o sujeito. Como vimos, a sintaxe do alemão impede a omissão do sujeito, sobretudo em frases com o pré-campo ocupado e em orações encaixadas.

Intimamente ligada à questão da vulnerabilidade deste domínio gramatical está a discussão em torno do tipo de transferência interlinguística envolvida. Como foi amplamente discutido no capítulo anterior, é indispensável a distinção entre uma possível fusão das duas competências do falante, por um lado, e a ocorrência de transferência ao nível do processamento da língua, por outro. Na linha do que foi observado em relação ao objecto nulo, espera-se que os dados extraídos demonstrem que a vulnerabilidade atestada corresponda a dificuldades que o falante sente aquando da activação do seu sistema gramatical no momento de produção verbal e não seja consequência de um défice ao nível das representações mentais deste sistema.

Estudos conduzidos no âmbito da aquisição bilingue (*vide* Hinzelin, 2003, para a aquisição simultânea do português e do alemão) têm demonstrado que o parâmetro do sujeito nulo é adquirido de forma autónoma pelas crianças bilingues luso-alemãs. Logo que adquirem e usam produtivamente os pronomes pessoais (o que acontece quando adquirem as marcas finitas do verbo e o seu movimento, cf. Meisel 1990; 1994), estas crianças fixam este parâmetro respectivamente nos valores [+ *pro-drop*] e [- *pro-drop*], no português e no alemão, pelo que, desde cedo, possuem dois sistemas gramaticais autónomos que regulam a expressão do sujeito. Assim, as crianças estudadas por Hinzelin (2003) não demonstram qualquer tipo de interferência entre o alemão e o português durante a fase de aquisição das línguas, o que elimina desde logo a hipótese de que crianças luso-alemãs possam adquirir um conjunto de regras associadas ao parâmetro de sujeito nulo de forma amalgamada. Eventuais interferências têm, por isso, de ser analisadas com recurso a outras explicações.

#### **5.2.4. Resultados**

A presente análise incidiu sobre os registos verbais de catorze falantes: Barbara, Luísa e Sérgio, participantes do grupo 1, considerados falantes nativos (nas duas línguas) e, como tal, funcionando como grupo de controlo; Inês, Anita, Paula, Bruna e Alice, falantes do grupo 2, que regressaram a Portugal após os doze anos de idade tendo

um contacto reduzido com a língua alemã; Sílvia, Sofia, Irene, Rita, Iolanda e Eunice, as falantes que perderam o contacto com o alemão em fase precoce (durante a infância).

Para efeitos de contagem foram quantificadas todas as orações com sujeito pronominal<sup>66</sup>. Num segundo passo, estes foram subdivididos em ‘sujeitos referenciais’ e ‘sujeitos expletivos’ (incluindo-se aqui os sujeitos de referência estendida). Procedeu-se então à contabilização dos ‘sujeitos referenciais realizados’ e dos ‘sujeitos nulos’, isto é, agramaticalmente omitidos no alemão, assim como dos ‘expletivos realizados’ e dos ‘expletivos nulos’ (agramaticalmente omitidos). Contabilizou-se ainda os casos de *topic-drop*, omissões em contextos considerados aceitáveis no discurso oral.

Em termos quantitativos, a análise dos registos verbais dos falantes conduz aos seguintes resultados:

**Tabela 9:** Realização dos sujeitos (ocorrências quantitativas)

falantes		Sujeitos expressos		Sujeitos omitidos			total
		referenciais	expletivos	*referenciais	*expletivos	omissões aceitáveis	
Grupo 1	Barbara	158	56	2	0	3	<b>193</b>
	Luísa	63	60	0	0	3	<b>126</b>
	Sérgio	58	13	1	0	2	<b>74</b>
Grupo 2	Inês	139	38	30	16	8	<b>240</b>
	Anita	106	20	25	7	5	<b>145</b>
	Paula	110	11	18	5	6	<b>156</b>
	Bruna	100	49	30	18	5	<b>202</b>
	Alice	216	45	9	11	3	<b>284</b>
Grupo 3	Sílvia	107	14	28	3	7	<b>159</b>
	Sofia	149	41	7	3	1	<b>200</b>
	Irene	70	8	11	10	2	<b>101</b>
	Rita	100	6	2	7	0	<b>115</b>
	Iolanda	60	0	3	6	0	<b>68</b>
	Eunice	42	3	8	4	1	<b>58</b>

Os resultados quantitativos demonstram desde logo um contraste evidente entre os falantes Barbara, Luísa e Sérgio (G1) e os informantes dos outros dois grupos, uma vez que, nos primeiros, a taxa de omissões irregulares é quase nula. Apenas nos registos de Bárbara se verificam duas ocorrências de omissões de sujeitos referenciais consideradas irregulares (em 160, o que perfaz um total de 1%), uma vez que não respeitam os constrangimentos sintácticos de *topic-drop*. Em ambos os casos o pré-campo (SpecCP)

<sup>66</sup> Excluiu-se pronomes indefinidos como *man*.

é ocupado por um sintagma adverbial, o que implica a manutenção do sujeito no campo médio (em SpecIP), posição de onde não pode ser suprimido no alemão.

Ocorrências do *corpus* de Bárbara:

(160) a. Sujeito referido: o autocarro

und manchmal wenn ich 5 Minuten zu spät bin ist er dann manchmal schon weg,  
und manchmal komme ich pünktlich und \*da ist Ø trotzdem schon weg.

*aí foi mesmo assim já embora*

*(E às vezes, quando me atraso 5 minutos, às vezes já partiu, e às vezes chego pontualmente e mesmo assim já se foi embora).*

b. Sujeito referido: avós

genau. \*und in der Schweiz sind Ø eher noch aktiv. man sieht auch öfters noch

*e na Suíça são mais activos*

ältere Menschen Velofahren und so, und hier eigentlich nicht.

*(Pois, e na Suíça são mais activos. Também ainda se vê frequentemente pessoas de idade a andar de bicicleta e assim. E aqui menos.)*

Nos três falantes verifica-se a ocorrência de omissões aceitáveis, isto é, de omissões de tópico (legitimadas pelo discurso e pela sintaxe), assim como de expressões fixas típicas do discurso oral. Nos três casos, a taxa de ocorrência de orações deste tipo ronda os 2%. Exemplos:

(161) a. hmhm nee. Ø geht nicht dass ich da irgendwie drei verschiedene Säcke/

*dá não que eu para lá três diferentes sacos*

und dann hab ich eh pro Woche etwas in jedem von einem Sack und das bringt es dann nicht. (Bárbara)

*(Hmmm, não. Não dá que eu tenha para lá três sacos diferentes. E depois, por semana, tenho uma coisita por saco. Isso não vale a pena.)*

b. und, der Mann der die Pumpe hält der scheint mir auch ein ganz normaler Mann zu sein, also. Ø hat halt keine Uniform/ keine Krankenhausuniform (Luísa)

*tem NEG farda*

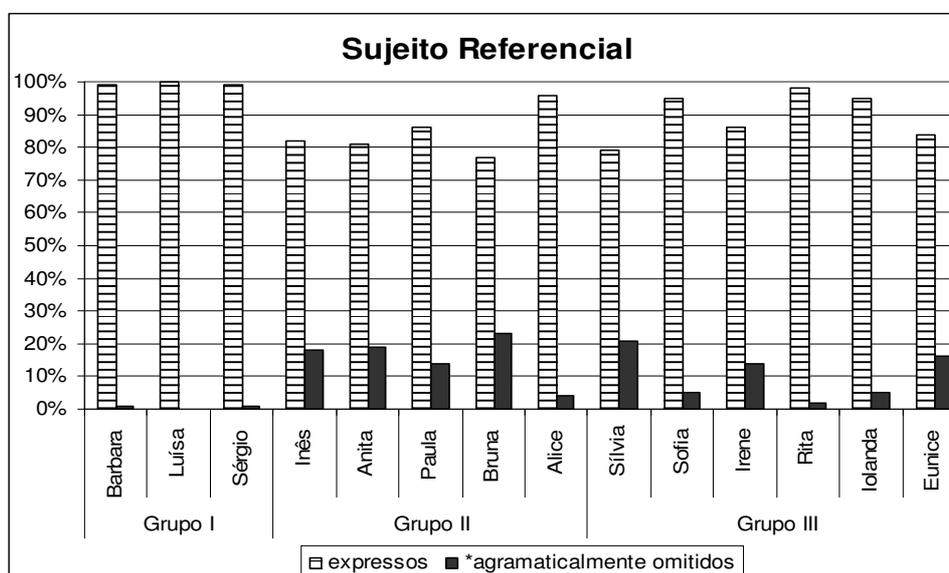
*(E o homem que segura a bomba, esse também me parece ser um homem normalíssimo. Bem, não usa farda/ farda hospitalar)*

Em (161a) é omitido o pronome expletivo *es* (“Korrelat-es”). Em tom persuasivo, a falante justifica o facto de ela própria não fazer a separação do lixo (apesar de criticar a falta de consciência ambiental dos portugueses), servindo-se da expressão “geht nicht”. Já em (161c), a falante alude continuamente ao mesmo referente (“der Mann der die Pumpe hält” / “o homem que segura a bomba”), pelo que a omissão em “hat halt keine Uniforme” é legitimada discursivamente pela co-referência repetida.

Nas falantes dos outros dois grupos verifica-se uma grande variação quanto à ocorrência de sujeitos nulos agramaticais. Importa, no entanto, realçar que, embora com diferentes níveis de incidência, o fenómeno está presente em todos os registos:

### 5.2.4.1. Sujeitos nulos

A taxa média de omissão agramatical do sujeito referencial nas falantes dos grupos 2 e 3 é de 13,2%. Bruna (G2) é a falante que apresenta a taxa de ocorrências mais alta (23%) enquanto que a omissão do sujeito referencial é quase nula no caso de Rita (2%, 2 omissões contra 100 realizações). Também Iolanda, Sofia (G3) e Alice (G2) apresentam taxas iguais ou inferiores a 5%. Em todas as outras falantes o fenómeno é bem mais visível, como demonstra o seguinte gráfico (coluna preta):



**Gráfico 37:** Realização do sujeito referencial (Grupos 1-3)

Os dados demonstram que a variação na ocorrência deste fenómeno, nos grupos 2 e 3, é individual, não dependendo do grupo a que as falantes pertencem. Em média, o fenómeno até é mais expressivo no grupo 2 que no grupo 3, o que certamente se deve ao facto de as falantes do grupo 2 terem mais facilidades em comunicar e, por isso, serem capazes de construir discursos mais longos e coerentes sobre determinados assuntos, aumentando as probabilidades de ocorrência de omissões.

A contagem global de todas as ocorrências de sujeitos nulos mostra também que o processo de supressão do sujeito afecta todas as pessoas gramaticais<sup>67</sup>:

<sup>67</sup> Excepto a 2ª pessoa do plural, já que esta não ocorre nos registos analisados.



- f. \*Grammatik schreiben kann Ø nicht mehr (Irene)  
*gramática escrever sei não mais*  
*(Escrever gramática já não sei.)*
- g. \*hier bei unser Arzt, geh Ø unser Arzt nicht Krankenhaus. (Rita)  
*aqui no nosso médico vou nosso médico não hospital.*  
*(Aqui no nosso médico vou ao nosso médico e não ao hospital.)*

Também se verifica a omissão de *ich* em orações subordinadas, sendo de salientar as orações condicionais e as completivas, tal como em:

- (163) a. also wenn ich Deutsch habe, \*und wenn Ø es gut kann/ (Alice)  
*e quando o bem sei*  
*(Bem, quando eu tiver alemão e se souber bem.)*
- b. \*aber wenn Ø keine andere Wahl hätte/ (Bruna)  
*mas se nenhuma outra opção tivesse*  
*(Mas se não tivesse outra opção...)*
- c. Ich sag immer \*dass Ø bin dort geboren (Sílvia)  
*que Vaux<sub>fin</sub> lá nascer[Vaux<sub>part</sub>]*

Verifica-se ainda a omissão do sujeito de primeira pessoa do singular em contextos de mudança de referente:

- (164) habe eine gute Lehrerin. die war sehr, sehr fröhlich \*und Ø magt sie. (Iolanda)  
*tenho uma ótima professora ela era muito alegre e gostava dela.*  
*(Tive uma ótima professora. Ela era muito alegre. Gostava dela.)*

A omissão da segunda pessoa do singular (*du*) é a menos observada, o que se deve sobretudo à falta de um contexto discursivo que exija o seu uso (o falante raramente se dirige ao interlocutor). São sobretudo as falantes Anita e Bruna que usam este pronome, porém, não na sua função deíctica de referência a um ouvinte/receptor mas dando-lhe um significado indefinido semelhante ao de *man*. É nestas falantes e nesta função indefinida que ocorrem as sete omissões observadas no *corpus*<sup>68</sup>.

Exemplos:

- (165) a. \*dann gehst Ø einfach los hier (Anita)  
*depois sais simplesmente aqui*  
*(Depois, aqui, sais simplesmente.)*
- b. ich glaub \*dass Ø nicht so sagst was du so denkst (Bruna)  
*que não assim dizes*  
*(Eu penso que não dizes o que pensas.)*

<sup>68</sup> Note-se que, nestes casos, no alemão coloquial, é frequente ocorrer a junção fonética da terminação verbal com o pronome pessoal *du*.

Exemplo: *gehst du = gehste*

Porém, penso que este não é o caso das ocorrências observadas, uma vez que não é pronunciado o [ɛ] final, indicativo desta junção.

- c. \*da hast Ø die Krankenkasse, \*da gibst Ø die Krankenkarte (Bruna)  
*lá tens a caixa lá dás o cartão de saúde*  
*(Lá tens a caixa, lá dás o cartão de saúde.)*

Com 21% de omissões, a terceira pessoa do singular (*er/sie/es*) é o segundo caso de supressão mais observado, destacando-se as ocorrências em que o pré-campo está ocupado por um elemento não-sujeito (166a-c):

- (166) a. und dann hat eine Maus gekommen. den João Ratão. \*und dann hat Ø  
*e depois Vaux<sub>fin</sub>*  
 die Mädchen eine Strauss von Blumen gegeben (Iolanda)  
*à rapariga um ramo de flores dar[V<sub>part</sub>]*  
*(E depois veio um rato, o João Ratão. E depois deu o ramo de flores à rapariga.)*
- b. eh. in Deutschland die Vater/ die Kind/ der Kind fica com a mãe até aos drei Jear  
 \*und hier in Portugal bleibt Ø bis die vier. Monat (Irene)  
*e aqui em Portugal fica até os quatro meses*  
*(Na Alemanha, o pai/ a criança fica com a mãe até aos três anos e aqui em Portugal fica até aos quatro meses.)*
- c. E.: ist er nicht mehr da[?]  
 A.: nee \*jetzt ist Ø in Portugal. (Sofia)  
*agora está em Portugal.*  
*(E.: Ele já não está?)*  
*A.: Não, agora está em Portugal.)*

São igualmente observáveis omissões em contextos encaixados e em contextos onde se dá a mudança do referente:

- (167) a. viele Menschen haben eine Fahrkarte, \*die Ø in eine Maschine. gebt \*und Ø macht  
*que numa máquina põem e faz*  
 einfach ein Tick (Alice)  
*simplesmente um tick.*  
*(Muitas pessoas têm um passe, que põem numa máquina e faz simplesmente 'tick'.)*
- b. genau. genau, ich habe ein Cousine \* Ø spricht auch, Deutsch (Sofia)  
*fala também Alemão*  
*(Pois, pois. Eu tenho um primo. Também fala Alemão.)*

Embora as situações discursivas gravadas não fossem muito susceptíveis à ocorrência da primeira pessoa do plural (*wir*), é de observar uma taxa de 5% de omissões do pronome pessoal *wir*, ocorridas em 6 falantes diferentes.

Exemplos:

- (168) a. Tema da conversa: a família faz a separação do lixo  
 E: ja genau, und hier in Portugal nicht[?]  
 A: hier ja, \*jetzt gehen Ø auch. (Anita)  
*agora vamos também*  
*(E.: Pois, e aqui em Portugal não?)*  
*A.: Aqui sim, agora também vamos.)*

- b. Tema da conversa: possibilidade de a família voltar à Suíça  
na, mein Vater sagt immer \*Ø gehen da nie mehr (Sofia)  
*vamos lá nunca mais*  
(O meu pai diz sempre, nunca mais vamos lá.)
- c. und dann in der Schule ein mal pro Woche portugiesische Schule,  
\*vier Stunden nur haben Ø gehabt. (Inês)  
*quatro horas só Vaux<sub>fin</sub> ter[V<sub>part</sub>]*

Seguem-se, por fim, os exemplos do *corpus* em que se dá a omissão da terceira pessoa do plural.

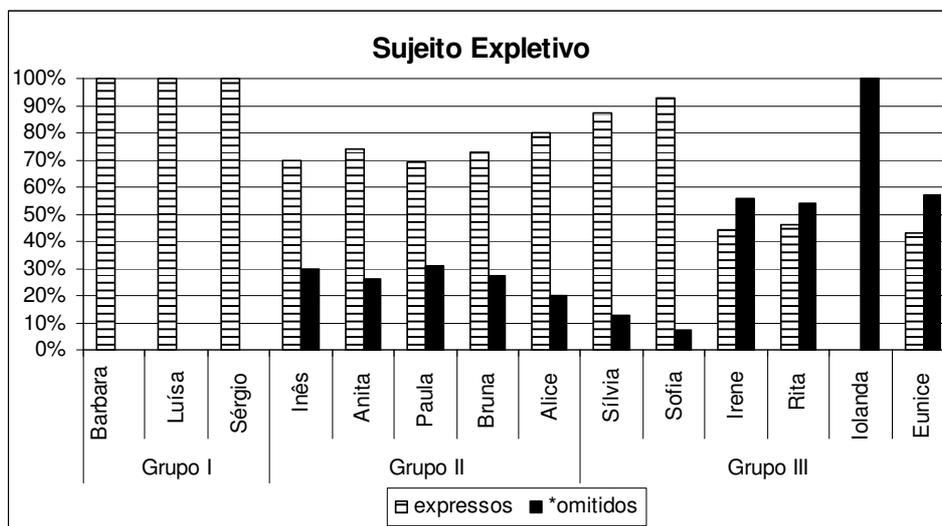
Exemplos com o pré-campo ocupado (por um sintagma adverbial, 169a-c) e de omissões em orações encaixadas (169d-f):

- (169) a. \*jetzt sind Ø zurück, aber mit denen hab ich auch nie deutsch gesprochen. (Paula)  
*agora estão de volta*  
(Agora estão de volta, mas com eles também nunca falei Alemão.)
- b. Referente: os professores  
\*dann helfen Ø mir viel. (Eunice)  
*depois ajudam-me muito*  
(Depois ajudaram-me muito.)
- c. \*hier in Portugal sind Ø einfach/ (Alice)  
*aqui em Portugal são simplesmente/*
- d. es sieht aus \*dass Ø sich sehr gut miteinander verstehen. (Inês)  
*que se muito bem mutuamente entendem*  
(Parece que se entendem muito bem.)
- e. ich glaube \*dass Ø in die Stadt sind (Sofia)  
*que na cidade estão*  
(Eu penso que estão na cidade.)
- f. die Menschen könnten mehr auf achten \* was Ø so an der Strasse so rauswerfen  
*o que para a rua assim atiram*  
(As pessoas podiam reparar mais naquilo que atiram para a rua.) (Bruna)

#### 5.2.4.2. Expletivos nulos

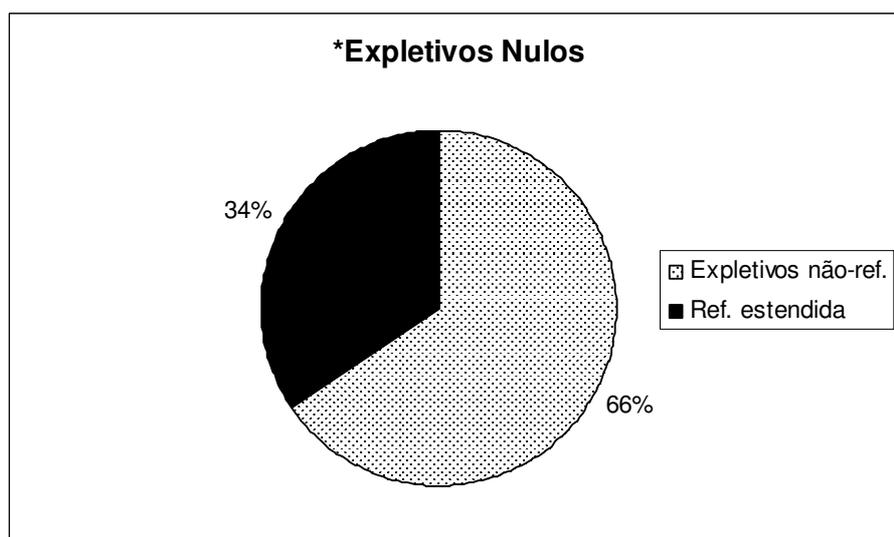
No caso da realização dos expletivos é de observar uma maior discrepância entre os diferentes falantes do que no caso do sujeito referencial. Em média, a taxa de omissão agramatical do sujeito expletivo nas falantes dos grupos 2 e 3 é de 38,3% (contra os 13,2% de omissões referenciais). No entanto, as taxas de omissão observadas em algumas falantes distanciam-se bastante deste valor médio. São de destacar, sobretudo, os casos das falantes Iolanda, Eunice, Rita e Irene do grupo 3, que apresentam taxas mais altas de omissão do que de realização do expletivo (a média nestas quatro falantes

ronda os 67%). Por sua vez, também é neste grupo 3 que se verificam as taxas mais baixas, como demonstram os casos de Sofia (7%) e Sílvia (13%). No grupo 2, este valor é mais homogêneo: a taxa média de 26,8% não se afasta muito dos valores individuais das falantes (20 – 31%), como demonstra o gráfico 39 (a coluna preta indica as omissões):



**Gráfico 29:** Realização do sujeito expletivo (Grupos 1-3)

Quanto à distinção que foi feita entre os sujeitos expletivos sem função temática e os sujeitos de referência estendida, o primeiro tipo apresenta uma taxa de omissão de 2/3 e o segundo de 1/3:



**Gráfico 30:** Distribuição de sujeitos expletivos por expletivos não-referenciais e sujeitos de referência estendida.

Nos registos analisados, a omissão do expletivo não-referencial ocorre em variadíssimas construções, tal como:

- na expressão existencial „es gibt“ (‘haver’/ ‘existir’):

- (170) a. \*und das gibt Ø auch in der Schweiz. (Alice)  
*e isso existe também na Suíça.*  
*(E isso também existe na Suíça.)*
- b. \*in Portugal gibt Ø mehr arm Menschen (Rita)  
*em Portugal há mais pobre pessoas*  
*(Em Portugal há mais pessoas pobres.)*
- c. finde ich mehr als hier, \*hier, gibt Ø nicht Schnee. (Bruna)  
*\*aquí há não neve.*  
*(Acho mais que aqui. Aqui não há neve.)*

- em descrições impessoais de situações e estados:

- (171) a. \*hier ist Ø heiss. viel heiss (Iolanda)  
*aqui é quente muito quente*  
*(Aqui faz calor, muito calor.)*
- b. so. ich glaub \*in Deutschland ist Ø mehr so weihnachtlich weisst du [?] (Bruna)  
*na Alemanha é mais natalício*  
*(Bem, eu acho que na Alemanha é mais natalício, sabes?)*
- c. da ist gute Wetter, schön. \*Ø ist Sommers vielleicht. (Rita)  
*é Verão talvez*  
*(Lá está tempo bom. Talvez seja Verão.)*

- ou em estruturas, nas quais o pronome expletivo tem mera função de ocupação da posição pertencente a uma oração deslocada (“Korrelat-es”):

- (172) a. nein ich eh. \*Ø ist gut dat wir haben. zwei ou drei. Sprachen (Irene)  
*é bom que nós temos duas ou três línguas*  
*(Não, eu... É bom que tenhamos duas ou três línguas.)*
- b. ich habe gute Noten \*aber Ø fiel mir schwer zu Schreiben (Paula)  
*mas custava-me escrever*  
*(Eu tenho boas notas, mas custava-me escrever.)*

Quanto ao sujeito de referência estendida, na maioria dos registos analisados, a sua taxa de omissão aproxima-se da média geral, perfazendo ca. 30% do total de sujeitos expletivos omitidos.

Exemplos:

- (173) a. wenn man hier eine *tatuagem* macht. da ach sie hat das gemacht und **das** ist falsch und so, aber vielleicht in Frankreich oder in der Schweiz ach \*Ø ist gut. (Alice)  
*é bom*  
*(Quando se faz uma tatuagem. Ai [dizem], ah, ela fez isso e isso está errado, mas talvez na França ou na Suíça [dizem], ah, é bom.)*

No excerto (173a), a falante utiliza duas frases com sujeito de referência estendida, expressando o sujeito na primeira (“das” em “das ist falsch”) e omitindo-o na segunda (“∅ ist gut”). Ambos se referem ao facto de ‘alguém fazer uma tatuagem’.

b. E.: deine Persönlichkeit. glaubst du, du bist so wie du bist, weil du zweisprachig bist[?]

I.: ich glaub, \*∅ hat nichts damit zu tun. (Sílvia)  
*tem nada com isso a ver*

(E.: A tua personalidade: pensas que és assim como és porque és bilingue?

I.: Eu acho que não tem nada a ver.)

c. E.: und da haben sie mit ihm gesprochen[?]

E.: ja.

I.: und wie war das[?] wie haben sie sich gefühlt[?]

E.: es war schon das zweites Mal \*das ∅ passiert ist, (Sofia)  
*que aconteceu*

(E.: E aí falou com ele?

E.: Sim.

E.: E como foi, como se sentiu?

E.: Já foi a segunda vez que aconteceu.)

### 5.2.4.3. Topic-drop

Convém, finalmente, comparar os dados respeitantes à ocorrência de omissões de tópico aceitáveis (*topic-drop*) e os sujeitos nulos considerados agramaticais, expressos no seguinte gráfico:

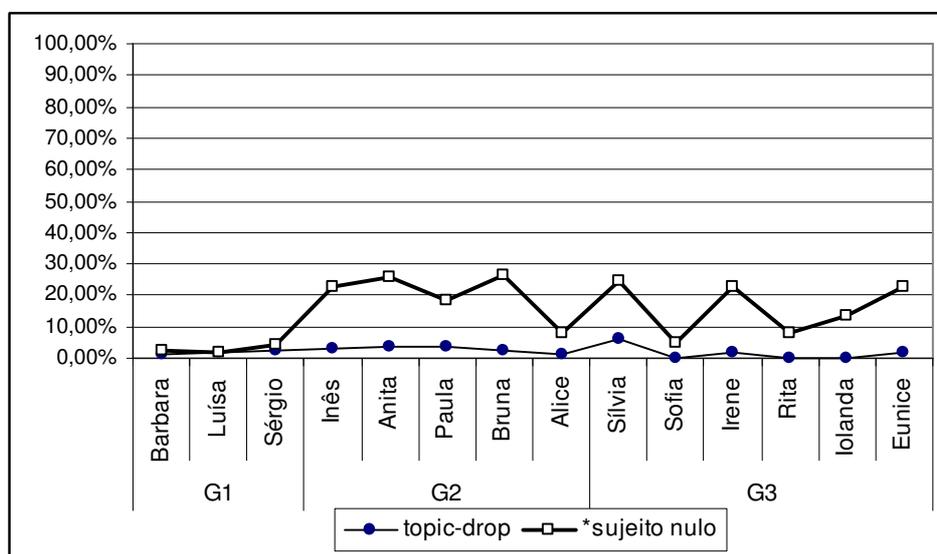


Gráfico 41: Ocorrência de omissões regulares e irregulares (Grupos 1-3), em %

Os resultados apontam para uma taxa de *topic-drop* muito semelhante nos registos dos falantes dos três grupos, oscilando entre 0% e 4% (média 2%), o que indica um comportamento muito parecido de todos os falantes face a esta estratégia discursiva: a

maioria dos falantes (com excepção de Rita e Iolanda) usa-a, mas a um nível pouco expressivo. Destes resultados podem ser tiradas duas ilações diferentes:

1) Eles indicam que os factores que distinguem os três grupos (contacto e idade de regresso) não parecem influenciar este fenómeno, já que, apesar de recorrerem a omissões agramaticais, as falantes dos grupos 2 e 3 continuam a ter conhecimento das condicionantes sintáctico-discursivas que regulam a ocorrência de omissões aceitáveis.

2) No entanto, os dados também podem ser lidos sob o ângulo da casualidade, isto é, dentro do conjunto de omissões observadas nos registos das falantes de G2 e G3, algumas elisões seguem (casualmente) as condicionantes de *topic-drop*, sem que este fenómeno seja uma estratégia propositada dos falantes.

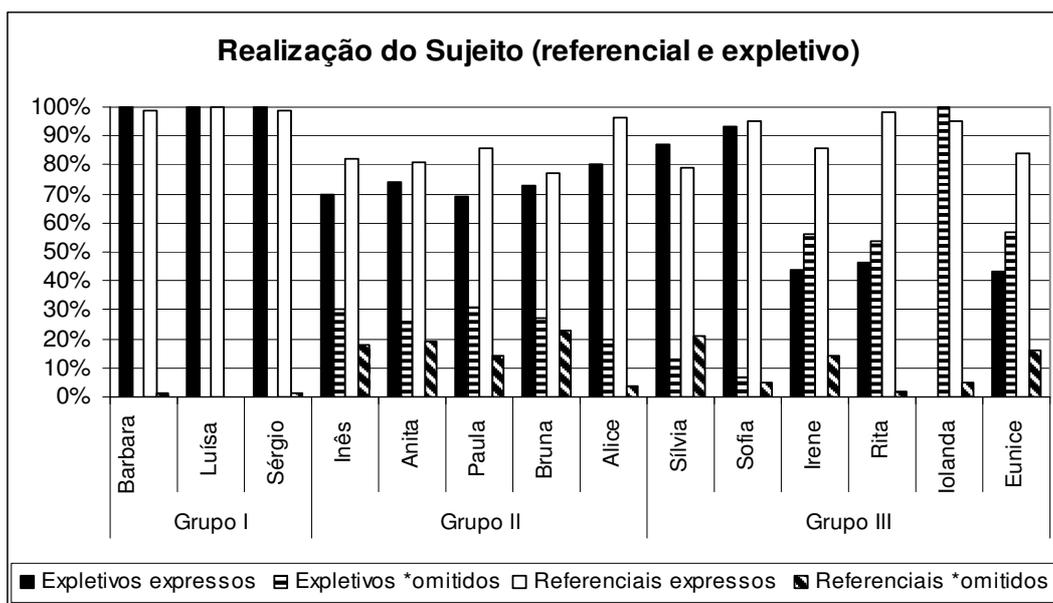
### 5.2.5. Discussão

Em primeiro lugar, os dados apresentados demonstram uma clara diferença entre os falantes que têm contacto intensivo com o alemão (G1) e aqueles que perderam o contacto regular com a língua alemã (G2 e G3). No primeiro grupo, a omissão irregular do sujeito é um fenómeno (quase) nulo, situação já observada em relação à realização do objecto directo (5.1.). Este facto reforça algumas conclusões tiradas ao longo deste trabalho: o tipo de contacto que se mantém com a segunda língua é crucial na ocorrência de fenómenos de erosão. Se o contacto com a L2 continua a ser regular (ou se uma eventual diminuição do *input* se deu apenas há pouco tempo, caso dos falantes com regresso recente, como por exemplo o de Sérgio), o domínio sintáctico parece não ser vulnerável à ocorrência de erosão. Porém, esta situação muda se o regresso a Portugal equivale a um corte abrupto de *input* da segunda língua: a ocorrência de omissões irregulares do sujeito aumenta consideravelmente no caso das falantes que perderam o contacto com o alemão após o seu regresso a Portugal.

No entanto, também este aumento tem de ser analisado com algum cuidado, pois não é possível afirmar-se de forma categórica que a perda de *input* leva obrigatoriamente à produção, no alemão, de sujeitos nulos agramaticais. Os casos de Rita, Sofia e Alice, que apresentam taxas de omissão do sujeito referencial muito baixas, mostram que a ocorrência de erosão a nível da realização do sujeito referencial é uma consequência possível mas não necessária do corte de *input* da língua alemã, pois não afecta todos os falantes de forma igual. Certos falantes, como por exemplo Bruna, Sílvia e Anita (no caso do sujeito referencial), recorrem mais à omissão agramatical que outros.

Além disso, quanto à omissão do sujeito referencial, a idade de regresso a Portugal parece não ser um factor determinante na ocorrência deste fenómeno, já que não existem substanciais diferenças entre os valores do grupo 2 e do grupo 3. Em ambos os grupos é possível discriminar falantes com taxas de omissão mais altas e outros que quase não omitem o sujeito obrigatório. Este facto mostra que há uma diferença crucial entre o parâmetro do sujeito nulo e o posicionamento verbal. Enquanto que a ordem das palavras (V-2 e V-final) parece necessitar de uma fase de estabilização, tornando-se invulnerável a erosão após essa fase (cf. capítulo 4), a realização do sujeito referencial é um aspecto gramatical que não aparenta passar por tal estabilização: Sofia e Rita, que vieram para Portugal aos 8/9 anos de idade, cometem muitos erros de posicionamento verbal (\*XPSV e \*V-nfinal), mas dominam perfeitamente os condicionamentos sintáctico-pragmáticos de expressão do sujeito referencial. As taxas de omissão agramatical que apresentam em relação ao sujeito referencial são de 2% a 5%, aproximando-se de um nível quase nativo.

No entanto, casos como o de Rita também mostram que é indispensável distinguir entre a omissão referencial e a omissão expletiva, já que as falantes apresentam níveis de proficiência muito distintos nestes dois domínios. Rita não apresenta dificuldades na expressão do sujeito referencial, omitindo apenas agramaticalmente dois em cem sujeitos produzidos. Já os valores apresentados na realização do expletivo afastam-se consideravelmente desta taxa reduzida. Em treze construções expletivas, Rita omite o pronome expletivo por sete vezes, o que perfaz uma taxa de omissão agramatical de 54%. Casos semelhantes são os de Iolanda, Eunice e Irene, que têm muito mais dificuldades na realização do sujeito expletivo que do sujeito referencial. Iolanda apresenta mesmo uma taxa de omissão de 100%, já que não produz nenhuma construção expletiva com o pronome expresso. Com excepção de Sílvia, também em todas as outras falantes a taxa de omissão do expletivo é mais alta que a do sujeito referencial, como demonstra o seguinte gráfico:



**Gráfico 42:** Realização do sujeito referencial e expletivo (Grupos 1-3)

Para explicarmos as diferenças observadas a nível da realização do sujeito referencial e do sujeito expletivo é necessário compreender a natureza distinta destes dois tipos de sujeito.

Como têm apontado muitos autores (Avrutin, 1999; Barbosa, 1995; 2000), a expressão do sujeito referencial (assim como do objecto) é um fenómeno sintáctico, regulado por características discursivas. Pelo contrário, o sujeito expletivo é esvaziado de qualquer função semântica. Nas línguas sem sujeito nulo, como o alemão, a realização do expletivo em forma de pronome tem mera função gramatical de ocupação de uma posição que estruturalmente não pode ficar vazia.

O expletivo é, portanto, uma característica gramaticalizada da língua, cujo funcionamento não se rege por condicionantes de natureza pragmática ou semântica (Grimshaw/Samek-Lodovici, 1998; Van der Beek/Bouma, 2004).

Por conseguinte, nos casos observados, estamos em presença de fenómenos linguísticos diferentes, que são afectados com diferente intensidade por processos de erosão.

Os dados demonstram que, no caso dos expletivos, e ao contrário do que sucede com os sujeitos referenciais, a idade de regresso parece influenciar o processo de erosão, já que a média de omissões irregulares no grupo 3 é muito superior à do grupo 2 (47.8% contra 26.8%). Casos como os de Iolanda e Rita demonstram que a erosão a este nível sucede pouco tempo após o regresso. Iolanda vive em Portugal há dois anos e, apesar de não ter perdido totalmente o contacto com a língua alemã (ocasionalmente

ainda mantém conversas em alemão com a mãe), já apresenta grandes dificuldades na expressão do expletivo.

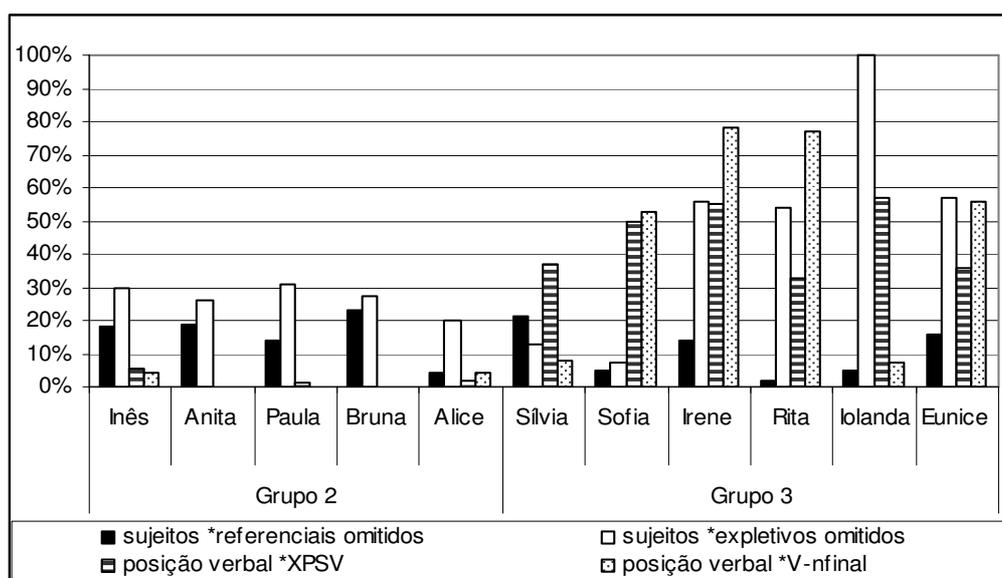
Sintetizando estas observações constata-se então que:

- a omissão agramatical do sujeito referencial é um fenómeno que atinge de igual forma os falantes de G2 como de G3, sugerindo que a vulnerabilidade deste domínio linguístico não depende da idade em que ocorreu o corte de *input* da L2. Não estando directamente relacionado com o factor idade, o seu surgimento deve-se à falta de contacto regular com o alemão, característica comum a ambos os grupos.

- a omissão agramatical do sujeito expletivo também atinge os dois grupos marcados pelo contacto reduzido com a L2, no entanto, no grupo 3, o fenómeno é muito mais intenso que no grupo 2. Esta circunstância sugere que, no caso dos expletivos, a idade de perda de *input* parece de facto influenciar a ocorrência de erosão.

Portanto, no caso do domínio sintáctico-pragmático de expressão do argumento, a perda de *input* da L2 parece ser suficiente para a ocorrência de erosão, mas no caso do domínio puramente gramatical de realização expletiva, o tempo de exposição à L2 é importante para a sua estabilização: quanto mais novo for o falante quando perde o *input* da L2, maior é a probabilidade de cometer erros na realização do expletivo.

Convém compararmos estes dados com os resultados da análise de posicionamento do verbo (cf. gráfico 43):



**Gráfico 43:** Realizações agramaticais do sujeito referencial/expletivo e da posição verbal. Comparação G2 e G3

Verifica-se que:

- os falantes do grupo 2 demonstram possuir um domínio perfeito do posicionamento do verbo no alemão, apresentando taxas quase nulas de desvios a V-2 e V-final. Porém, a taxa de desvios agramaticais sobe consideravelmente quando o fenómeno em análise é a expressão do sujeito (tanto referencial como expletivo). Este facto revela uma clara diferença entre estes domínios da língua, permitindo concluir que, uma vez estabilizado o domínio dos parâmetros de posicionamento do verbo, este domínio torna-se imune à ocorrência de erosão. O mesmo não sucede, no entanto, nem em relação aos sujeitos referenciais nem em relação aos expletivos, que continuam vulneráveis a erosão mesmo nos falantes que apenas deixaram de falar regularmente a L2 a partir dos 13 anos de idade (os casos de Bruna e Anita).

- os falantes que apresentam mais desvios sintácticos no domínio do posicionamento do verbo são aqueles que também apresentam as taxas mais altas de omissão irregular do expletivo (os casos de Rita, Irene e Iolanda), o que sugere que, tal como o domínio da posição verbal, também a expressão do expletivo é sensível à estabilização da competência do falante, que parece depender do factor idade. Note-se que estes dois domínios são aspectos de índole mais gramatical [o que Sorace (2004: 143) denomina de “purely syntactic aspects” ou “narrow syntax”]. Logo, parece haver uma relação decisiva entre o corte precoce de *input* da L2, que desencadeia instabilidade na competência do falante, e a ocorrência de desvios sintácticos em domínios mais gramaticalizados da língua. A vulnerabilidade destes aspectos tende a diminuir com o avançar da idade. Porém, é de realçar que, no caso da posição do verbo, diminui consideravelmente (ou até totalmente), enquanto que na expressão do expletivo se mantém uma certa instabilidade (pois também os falantes de G2 omitem expletivos, embora em grau mais reduzido que os de G3).

Cabe, agora, discutir a natureza do processo de erosão. O que está a acontecer quando um falante bilingue luso-alemão omite o sujeito ao falar a sua L2?

Os estudos citados, que investigam a expressão do sujeito em falantes bilingues, têm por base a hipótese de que a erosão observada na expressão do sujeito é motivada por processos de transferência. Tanto Montrul (2004) como Tsimpli *et al.* (2004) ou Sorace (2007) atribuem o aumento de sujeitos expressos nas línguas em erosão – línguas de sujeito nulo – à influência da língua dominante, nos casos estudados, ao inglês, uma língua [- *pro-drop*]. Como no inglês, a expressão do sujeito é a opção obrigatória e,

consequentemente, não é regulada pelas características [mudança de tópico] e [foco], precisamente os traços que regulam a expressão visível do sujeito nas línguas de sujeito nulo, as autoras concluem que os falantes perdem o domínio destes traços reguladores na sua língua em erosão, facto que explica o aumento e uso incorrecto de sujeitos expressos nesta língua.

No presente caso estamos perante a situação inversa: verifica-se um aumento de omissões na língua [- *pro-drop*]. Já que a língua dominante é o português, uma língua de sujeito nulo, também aqui a explicação de transferência interlinguística parece ser a mais convincente.

No caso da omissão dos sujeitos referenciais, os falantes tendem a transferir para o alemão as regras sintáctico-discursivas de expressão do sujeito do português. Assim, sobretudo em casos de sujeitos tópicos (que apontam para um referente já mencionado anteriormente) ou de uso continuado da primeira pessoa do singular, situações em que a opção dominante do português é o sujeito nulo, verifica-se a opção de omissão também no alemão. Esta opção por uma omissão agramatical domina sobre o conhecimento das regras sintácticas do alemão, pois as supressões dão-se em posições sintácticas de realização obrigatória (em IP).

Em casos mais esporádicos, a omissão dá-se em contextos de mudança de referente, situações em que também o português tende a expressar o sujeito, como no exemplo (164), aqui repetido como (174):

(174) a. *habe eine gute Lehrerin. die war sehr, sehr fröhlich \*und Ø magt sie.  
tenho uma ótima professora ela era muito alegre e gostava dela.  
(Tive uma ótima professora. Ela era muito alegre. Gostava dela.)*

b. Português: Tinha uma boa professora. Ela era muito alegre e eu gostava dela.

Esta situação poderia indicar que o processo de transferência tem traços arbitrários, nem sempre ocorrendo de facto a transferência de uma regra aplicada no português. Porém, a taxa de ocorrência deste tipo de exemplos é pouco expressiva (5 casos em todas omissões observadas). Além disso, o português não é muito rigoroso quanto à obrigatoriedade de realização do sujeito em caso de mudança de referente, sobretudo quando se trata da primeira pessoa, como no exemplo apresentado. O discurso da falante é primordialmente conduzido na primeira pessoa do singular, pelo que o referente *eu* é o mais mencionado no contexto. A sua omissão no português, numa frase como (174c) seria aceitável:

c. Português: Tinha uma boa professora. Era muito alegre e gostava bastante dela!

No caso do expletivo não se pode falar de transferência de regras sintáctico-discursivas, uma vez que, como vimos, este fenómeno é puramente estrutural. O que de facto parece acontecer é que os falantes não reconhecem a necessidade gramatical de realização do expletivo no alemão, pois a língua dominante não tem essa obrigatoriedade estrutural.

Esta falta de sensibilidade face a um aspecto puramente sintáctico poderá ainda estar reforçada pelas características lexicais do pronome expletivo. Como foi exposto em 5.2.2., o pronome alemão *es* tem várias funcionalidades, associadas a diferentes propriedades lexicais. Por um lado, pode funcionar como pronome de terceira pessoa do singular do género neutro, por outro, pode estar totalmente esvaziado de significado lexical, funcionando apenas como elemento preenchedor não significativo de uma posição gramatical que é obrigatória. O português, por sua vez, tem pronomes pessoais (*ele, ela*), cujo significado lexical nunca é esvaziado, não dispondo portanto de pronomes sem traços lexicais<sup>69</sup> que pudessem corresponder ao uso expletivo de *es*. Este contraste poderá influenciar os falantes sob investigação no momento de produção de construções expletivas do alemão, omitindo o expletivo por não possuir significado lexical, já que na língua predominantemente usada não existe a expressão de elementos sem valor lexical.

Importa, por fim, chamar a atenção para um aspecto já discutido no capítulo anterior: embora a falta de contacto com a língua leve à ocorrência de erosão a nível da expressão do sujeito referencial, este processo parece não afectar a competência dos falantes mas apenas o nível de processamento da língua, suposição sustentada pelos dados apresentados. Como vimos, embora o fenómeno de supressão agramatical do sujeito referencial aumente consideravelmente nos falantes dos grupos 2 e 3, em comparação com os do grupo 1, os níveis de omissão continuam baixos se compararmos estes valores com a taxa média de sujeitos nulos em português: Os valores de omissão irregular em G2 e G3 situam-se entre os 2% e os 23%, enquanto que numa situação de comunicação em português são omitidos cerca de três quartos ( $\approx 75\%$ ) de todos os sujeitos pronominais (*vide supra*). Por outras palavras, no português omite-se, em média, três vezes mais do que o faz Bruna, a falante que mais omissões apresenta no alemão (23%). Esta situação demonstra que, no caso das falantes em estudo, o seu

---

<sup>69</sup> Como realça Carrilho (2003), nem mesmo na realização de *ele* enquanto sujeito expletivo visível no português coloquial, o expletivo é um mero elemento gramatical não significativo, pois o seu uso tem uma forte carga enfática.

conhecimento de regras de expressão do sujeito referencial em alemão não foi substituído pelas regras do português. Se de facto tivesse ocorrido esta substituição, teriam que apresentar, no alemão, níveis de omissões semelhantes ao que se verifica no português, situação não observada. Na realidade, os níveis de omissão observados indicam que, no momento de processamento, a língua dominante (de sujeito nulo) exerce uma certa influência sobre a língua em erosão, levando à ocorrência de omissões em contextos não permitidos. No entanto, os falantes continuam a dominar as regras de expressão do sujeito no alemão, já que, na maioria dos casos, aplicam-nas de forma correcta, isto é, na maioria dos contextos de expressão do sujeito referencial, observa-se a sua realização por meio de um pronome lexicalmente expresso. Além disso, os falantes demonstram dominar perfeitamente todos os contextos em que o alemão permite a omissão do sujeito, como nos casos de *topic-drop*, de omissão do segundo sujeito em contextos de coordenação ou de omissão em construções imperativas.

No caso dos sujeitos expletivos, o facto de algumas falantes do grupo 3 apresentarem taxas de omissão do expletivo bastante elevadas (acima dos 50%, ou seja, a taxa de ocorrências agramaticais é superior à de ocorrências gramaticais) sugere que o domínio deste aspecto gramatical é bastante mais afectado, não havendo evidências claras sobre o facto de a erosão observada ocorrer apenas ao nível da activação da língua ou afectar o nível mais profundo da competência gramatical destes falantes.

#### **5.2.6. Teste de aceitabilidade**

Os resultados do exercício de correcção [“História da Carochinha”] (cf. Anexo III), dado a alguns falantes, confirmam as conclusões anteriores.

Neste exercício, os falantes são confrontados com um texto que contém erros gramaticais (*vide* 2.3.4), devendo corrigir todos os aspectos que consideram errados. Devem, por exemplo, completar omissões detectadas ou inverter sequências de palavras consideradas agramaticais. Entre outros erros (por exemplo a omissão do objecto, cf. 5.1.7.), o texto contempla sete omissões agramaticais do sujeito: 5 omissões do sujeito referencial e 2 omissões do expletivo. Sem saberem que tipo de erros estão escondidos na história, os falantes são solicitados a assinalarem tudo que lhes pareça suspeito.

Na tabela 10 é indicado o número de sujeitos detectados por cada falante:

**Tabela 10:** Exercício de correcção: detecção de sujeitos omitidos

Falantes		Sujeito referencial detectado e corrigido	Sujeito expletivo detectado e corrigido
G1	Luísa	5	2
	Sérgio	5	2
G2	Inês	5	2
	Paula	5	2
	Bruna	4	2
G3	Sofia	5	2
	Rita	5	0
	Iolanda	4	0
	Eunice	5	0

Quanto aos sujeitos referenciais, os dados mostram que os falantes testados identificaram a maioria das omissões agramaticais introduzidas na história, corrigindo-a correctamente com o pronome adequado. Apenas Iolanda e Bruna falharam a detecção de todas as cinco omissões, encontrando apenas quatro, o que, mesmo assim, é um número bastante elevado. Estes resultados demonstram que, apesar de recorrerem a omissões agramaticais durante o acto de produção verbal, os falantes sem contacto com o alemão são capazes de identificar omissões agramaticais e corrigi-las correctamente, o que vai ao encontro da hipótese de transferência apenas ao nível do processamento verbal.

Já a nível dos expletivos nulos o desempenho dos falantes é diferente. Embora o teste apenas albergue dois casos de expletivos agramaticalmente omitidos, com excepção de Sofia, as falantes do grupo 3, Rita, Iolanda e Eunice, não foram capazes de identificar este tipo de agramaticalidade, o que de facto vai ao encontro dos resultados dos registos espontâneos. Nestes, as três falantes em causa apresentam taxas de omissão agramatical mais elevadas que de realização correcta. Pelo contrário, Sofia demonstra dominar a realização dos expletivos, apresentando uma taxa de omissão de 7% nos registos espontâneos e identificando ambos os casos de omissão agramatical no exercício de correcção. Também todas as outras falantes identificaram estas duas omissões.

Resumindo, o factor ‘idade de perda de contacto’ parece influenciar o domínio dos expletivos, pois a perda precoce de *input* da L2 parece levar a uma grande instabilidade no domínio deste item gramatical. O facto de as omissões agramaticais do expletivo também não serem reconhecidas no exercício de correcção demonstra que esta instabilidade poderá não ocorrer apenas a nível do processamento mas ser sinal de um

défice de competência. No entanto, são sempre de ressaltar casos de exceção como o de Sofia, cuja competência não parece ter sido afectada pela perda precoce de *input*.

Por sua vez, o acesso reduzido à L2, mesmo ocorrendo numa fase mais tardia (G2, a partir dos 12 anos de idade), provoca um défice de controlo da competência linguística durante o acto de produção verbal, o que se manifesta na ocorrência de omissões agramaticais no *corpus* de registos verbais espontâneos. No entanto, como demonstra o teste de correcção, os falantes, que omitem sujeitos (referenciais e expletivos) enquanto falam alemão, sabem que o alemão não o permite e, por conseguinte, conseguem identificar este tipo de agramaticalidade quando confrontados com ele.

Como tem sido sugerido ao longo deste trabalho, e de acordo com a *Activation Threshold Hypothesis* (Paradis, 2004), a reduzida (ou nula) acessibilidade ao alemão dificulta a activação desta língua no acto de produção verbal, permitindo processos de transferência da língua dominante, o português, neste caso concreto, de regras de expressão do sujeito.

## CAPÍTULO 6

### *A seriação dos elementos não-verbais na frase*

Nos capítulos anteriores foi demonstrado que os falantes com regresso precoce apresentam dificuldades no processamento da posição verbal, enquanto que os falantes bilingues com regresso posterior aos 11/12 anos apresentam estabilidade no domínio de posicionamento do verbo. Já em relação à expressão do objecto e do sujeito, esta dificuldade de controlo das duas línguas em competição na mente do falante não se observa apenas nos falantes do G3 mas também se estende ao G2.

No presente capítulo pretende-se investigar se as dificuldades de processamento, detectadas na expressão argumental, também abrangem outro tipo de fenómenos, nomeadamente a seriação dos elementos não-verbais na frase alemã.

Assim, na primeira parte será lançado um olhar mais atento sobre a periferia esquerda da frase (6.1.), a sua estrutura sintáctica no alemão e no português e os fenómenos sintácticos relacionados com esta posição no *corpus* sob investigação. Na segunda secção (6.2.) será discutida a ordem dos elementos não-verbais no campo médio e a eventual ocorrência de fenómenos de erosão neste domínio.

#### **6.1. Múltiplos elementos no pré-campo**

Começarei por definir a parte da frase alemã consensualmente denominada de pré-campo e alguns dos fenómenos sintácticos que lhe dizem respeito. Posteriormente passarei à apresentação e discussão dos fenómenos de variação observados nos registos dos falantes sob investigação.

##### **6.1.1. O pré-campo alemão**

Na conciliação do modelo topológico com o modelo generativista, como proposto em (4.1.2.), o pré-campo, a primeira posição da frase alemã, corresponde à posição de especificador do CP (SpecCP). Quando preenchido pelo sujeito, tal como apresentado no exemplo (175), esta posição parece assemelhar-se à posição de sujeito de outras línguas, por exemplo o português:

- (175) sie haben sicher eine gute Freundschaft (Julia)  
*eles têm certamente uma boa amizade*  
*(Eles certamente têm uma boa amizade.)*

As substanciais diferenças entre o alemão e as línguas românicas ou mesmo o inglês revelam-se, no entanto, logo que esta posição não é preenchida pelo sujeito, o que acontece por exemplo com a ocorrência de um movimento de topicalização. Assim, enquanto que em português (e na maioria das línguas referidas), a topicalização consiste num movimento de adjunção à posição ocupada pelo sujeito (ver por exemplo Duarte, 1987), resultando na sequência ‘CONSTITUINTE TOPICALIZADO » SUJEITO » VERBO’, em alemão, o constituinte topicalizado move-se por substituição para a posição do pré-campo, impossibilitando a sua ocupação pelo sujeito.

(176) Português: Uma boa amizade, eles têm de certeza.  
 CONSTITUINTE TOPICALIZADO » SUJEITO » VERBO

Alemão: Eine gute Freundschaft haben sie sicher.  
*uma boa amizade têm eles certamente*  
 CONSTITUINTE TOPICALIZADO » VERBO » SUJEITO

O mesmo sucede se iniciarmos a frase com o adverbial:

(177) Português: Certamente eles têm uma boa amizade.  
 ADVERBIAL » SUJEITO » VERBO

Alemão: Sicher haben sie eine gute Freundschaft.  
*certamente têm eles uma boa amizade.*  
 ADVERBIAL » VERBO » SUJEITO

A particularidade da posição do pré-campo alemão assenta, portanto, na impossibilidade de esta poder ser ocupada por mais do que um constituinte, ao contrário do que sucede com o português, língua que permite múltiplas adjunções em início de frase (a CP ou a IP). Além dessa especificidade, o pré-campo apresenta-se como sendo uma posição derivada, que acolhe constituintes movidos, segundo a maioria dos autores, por movimento- $\bar{A}$ .

O pré-campo alemão pode ser ocupado por constituintes de natureza e complexidade diversas: pode acolher sintagmas adverbiais, preposicionais, nominais e adjectivais, constituintes-QU e formas verbais não finitas, assim como sintagmas coordenados e projecções verbais, que funcionam como apenas um constituinte, tal como apresentado no exemplo (178):

(178) Aktiv am Streik beteiligt haben sich „höchstens zehn Prozent“.  
*activamente na greve participar[V<sub>part</sub>] Vaux<sub>fin</sub> se no máximo dez por cento*  
 (exemplo de Müller, 2003)

Além disso, o pré-campo tem a especificidade de poder acolher elementos com variado estatuto informacional. Geralmente alberga o tópico da frase (o elemento sobre

o qual se fala) e contém o tema (informação já conhecida, com reduzido valor informacional). Alternativamente, pode também acolher constituintes focalizados ou com foco contrastivo. Para além destas funções, tradicionalmente atribuídas a esta posição<sup>70</sup>, SpecCP também pode albergar constituintes de estatuto informacional neutro, como os advérbios de frase (por exemplo, *vielleicht* [‘talvez’]) (Frey, 2004).

É ainda de realçar que, apesar de o pré-campo ser tradicionalmente classificado como posição de topicalização (por exemplo denominada de “TOP-Position” por Grewendorf/Hamm/Sternefeld, 1987), o tópico de uma frase não tem que estar necessariamente em SpecCP, podendo ocorrer no campo médio como em (179), onde SpecCP contém um adverbial de frase e o tópico da frase, “dem alten Mann”, surge na sua posição básica:

- (179) (Marias Opa ist heute wegen eines unachtsamen Passanten gestürzt.)  
Leider hat keiner **dem alten Mann** geholfen. (exemplo de Frey, 2004)  
*Infelizmente Vaux<sub>fin</sub> ninguém o homem velho<sup>Dat</sup> ajudar[V<sub>inf</sub>].*  
(O avô da Maria caiu hoje devido ao descuido de um peão. *Infelizmente ninguém ajudou o velhote.*)

Autores como Frey (2004) e Fanselow (2002) apresentam um modelo de descrição do pré-campo baseado na ideia de que existe uma estreita correlação entre a seriação dos elementos no campo médio e a ocupação do pré-campo, que denominam de *Formal Movement* [seguindo uma proposta de Bhatt (1999, *apud* Frey, 2004) para o Kashmiri]. Segundo este modelo, o pré-campo reflecte apenas o estatuto informacional que o constituinte movido já tinha no campo médio. Assim, um pré-campo pragmaticamente marcado, por exemplo contendo um constituinte com estatuto informacional de tópico, é o resultado de um campo médio onde esse constituinte também estaria em posição pragmaticamente marcada, ou seja, já se teria submetido a movimento *scrambling* no campo médio para obter o estatuto de tópico.

Exemplificando, em (180a), os constituintes da frase ocupam as suas posições básicas<sup>71</sup>, ao contrário do que acontece em (180b), onde o NP<sup>Dat</sup> “der Frau” se moveu por *scrambling* da sua posição base abaixo do sujeito para uma posição de adjunção à sua esquerda (à esquerda de VP, se considerarmos que o sujeito está em VP, ou de IP se aceitarmos o seu movimento para SpecIP). Em alemão, *scrambling* é geralmente definido como sendo um movimento que ocorre por natureza discursiva (cf. Rosengren, 1994). Ao mover-se de fora da sua posição básica para a esquerda, o NP movido assume

<sup>70</sup> Segundo Besnan (2001), todos especificadores de categorias funcionais podem ter as funções TOP, FOC e SUBJ.

<sup>71</sup> Sobre a assunção de uma ordem básica para a frase alemã ver 6.2.1.

um estatuto discursivamente marcado (o de tópico; eventualmente de foco contrastivo, se a entoação recair sobre “der Frau”). Ora, numa frase V-2, à seriação não marcada de (180a) corresponde portanto a ordem (180c): o elemento mais elevado do campo médio, o sujeito, moveu-se para o pré-campo. Se, no entanto, o elemento mais alto do campo médio é um constituinte movido por *scrambling*, com estatuto informacional marcado, como em (180b), o movimento deste para SpecCP resulta num pré-campo igualmente marcado. Assim, em (180d) o NP movido para a primeira posição da frase tem o estatuto de tópico (ou de foco contrastivo):

(180) a. (dass) Hans der Frau das Buch gegeben hat.  
 (que) Hans a mulher<sup>Dat</sup> o livro dar[V<sub>part</sub> + V<sub>aux-fin</sub>]

*Scrambling* ► (a. » b.)

b. (dass) der Frau<sub>i</sub> Hans t<sub>i</sub> das Buch gegeben hat.  
 (que) a mulher<sup>Dat</sup> Hans o livro dar[V<sub>part</sub> + V<sub>aux-fin</sub>]

*Formal Movement* ► (a. » c.)

c. Hans<sub>i</sub> hat t<sub>i</sub> der Frau das Buch gegeben.  
 Hans V<sub>aux-fin</sub> a mulher<sup>Dat</sup> o livro dar[V<sub>part</sub>]

*Formal Movement* ► (b. » d.)

d. Der Frau<sub>i</sub> hat t<sub>i</sub> Hans t<sub>i</sub> das Buch gegeben.  
 A mulher<sup>Dat</sup> V<sub>aux-fin</sub> Hans o livro dar[V<sub>part</sub>]

Segundo este modelo, o movimento *FM* de constituintes do campo médio para o pré-campo tem, portanto, apenas a função de satisfazer um *EPP feature*, associado ao efeito V-2 das frases alemãs. Por si só não suscita alterações na estrutura informacional da frase, uma vez que essas ocorrem previamente no campo médio. A par do *FM*, uma segunda forma de satisfazer o requerimento EPP consiste no preenchimento de SpecCP com um expletivo, o qual é gerado no pré-campo e não pode aparecer no campo médio. Uma vez que o expletivo não tem função discursiva e é semanticamente vazio, este processo de *base-generation* em SpecCP vai ao encontro do pressuposto de que a estrutura informacional da frase é definida no campo médio.

Aceitando ou não esta ideia de que o pré-campo alemão recebe o seu significado discursivo apenas de forma indirecta através de uma transposição secundária da estrutura informacional do campo médio da frase, esta posição é caracterizada por duas propriedades marcantes:

- a) É uma posição com função comunicativa importante uma vez que ancora a frase no discurso.

- b) É, ao mesmo tempo, uma posição altamente gramaticalizada, restringida pelo efeito V-2.

Esta rigidez do efeito V-2 parece estar em conflito com a tendência que a maioria das línguas naturais - incluindo o alemão - apresenta em transportar para o início da frase elementos com valor discursivo marcado.

Fenómenos como *left dislocation* e *hanging topic* do inglês ou *deslocação à esquerda clítica* e *deslocação à esquerda de tópico pendente, tópico pendente e topicalização* do português (classificação de Duarte, 1987) e os movimentos de topicalização do alemão (*Topikalisierung*) demonstram uma propriedade genuína de elementos com valor discursivo de tópico: “a sua ocorrência em posição inicial de frase” (Duarte, 1987: 57). Esta tendência de ocorrência de elementos discursivamente marcados em início de frase - bem captada e minuciosamente descrita pela cartografia da periferia esquerda apresentada por autores como Rizzi (1997)- torna-se também visível na realização preferencial de certos adverbiais com função discursiva (os já referidos *frame adverbials* ou advérbios modais) em posição sentencial inicial. A já mencionada não ocorrência de alguns destes adverbiais no campo médio do alemão é bem indicativa desta situação.

Consequentemente, o conflito entre o alto grau de gramaticalização de frases V-2 e esta tendência de realização inicial de elementos com forte valor discursivo vem manifestar-se em frases em que mais do que um dos seus elementos apresentam alto valor discursivo.

Exemplificando, se uma frase contém um advérbio modal, expressando uma atitude do sujeito face à proposição (por exemplo, o advérbio ‘infelizmente’), e um tópico, o português transporta ambos os elementos para o início da frase. Como o alemão não o pode fazer, estes elementos submetem-se a uma distribuição formal entre o pré-campo e o campo médio. Ora vejamos:

- (181) a. Português: **Infelizmente, esse livro** dei(-o) à Susana.  
ou: **Esse livro, infelizmente** dei(-o) à Susana.

- b. Alemão: \***Leider das Buch** habe ich Susana geschenkt.  
*infelizmente o livro*  $V_{aux_{fin}}$  eu Susana<sup>Dat</sup> dar[V<sub>part</sub>]  
**Leider** habe ich **das Buch** Susana geschenkt.  
ou: **Das Buch(, das)** habe ich **leider** Susana geschenkt.

É no quadro desta tensão entre uma tendência (aparentemente) natural de mover informação conhecida e pragmaticamente situativa para a esquerda da frase e a rigidez do parâmetro V-2 alemão que serão discutidos os fenômenos de variação sintáctica observados no *corpus* de alguns dos falantes entrevistados.

Porém, é igualmente desta tensão que resultam alguns fenômenos de aparente duplo pré-campo característicos do alemão falado, os quais ocorrem naturalmente no discurso de alemães nativos e que, por isso, têm de ser confrontados com as construções de variação detectadas nos falantes bilíngues regressados. Trata-se de fenômenos de pré-campo como *Linksversetzung* ('deslocação à esquerda'), *Freies Thema* ('tema livre') ou *Vor-vorfeldbesetzung* ('ocupação de pré-pré-campo').

### 6.1.2. Fenômenos típicos da periferia esquerda da frase

Apesar do efeito V-2 determinar a ocupação da primeira posição da frase por apenas um sintagma, os fenômenos referidos aparentam deslocar mais do que um constituinte para a periferia esquerda da frase. Convém, por isso, lançar um olhar mais atento sobre estes processos existentes no alemão, contrapô-los aos do *corpus* e, se conveniente, interrelacioná-los.

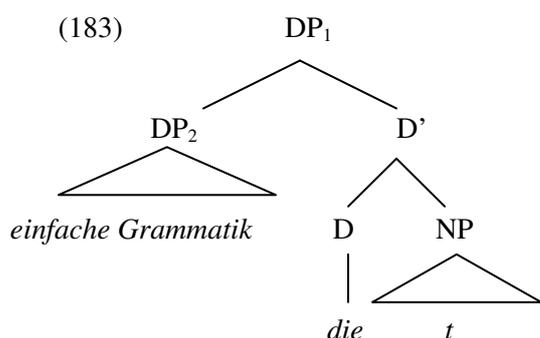
#### 6.1.2.1. Deslocação à esquerda (*Linksversetzung/ Left Dislocation*)

Por se tratar de fenômenos que se desviam da estrutura gramatical do alemão, estes processos são geralmente relegados para o plano oral e discutidos no âmbito de estudos que versam sobre o alemão falado (Schlobinski, 1997; Schwitalla, 1997). A ponte entre os processos estritamente orais e aqueles que encontram alguma forma de sintactização no sistema gramatical alemão parece ser estabelecida pela *deslocação à esquerda*, processo de topicalização característico do alemão.

A deslocação à esquerda, primordialmente discutida por Cinque (1977) e aplicada ao alemão por Altmann (1981) sob a terminologia de *Linksversetzung* (do inglês "left dislocation"), consiste na deslocação para o início da frase de um constituinte com função de tópico, o qual é retomado por meio de um pronome resumptivo, situado no pré-campo. No seguinte exemplo, o sintagma nominal "einfache Grammatik" está deslocado para uma posição que parece preceder o pré-campo e é retomado pelo pronome "die", aparentemente situado no pré-campo:

- (182) also einfache Grammatik die kann ich noch gut (Carlos)  
bem, gramática simples PRON sei eu ainda bem.

As propostas de explicação deste fenómeno têm sido muitas e muito variadas e não é propósito deste trabalho discuti-las ao pormenor. É apenas de realçar o esforço dos linguistas germanísticos em fundamentar o processo no sistema gramatical do alemão, mantendo a natureza da frase V-2 com pré-campo correspondente a uma única posição. Apenas a título exemplificativo, apresenta-se a tentativa de Grewendorf (2002), que propõe um DP complexo com o núcleo preenchido pelo pronome resumptivo e a posição de especificador ocupada pelo sintagma deslocado à esquerda, enquanto que a posição de complemento está vazia, como representado em (183) para o exemplo (182)<sup>72</sup>:



Como realça Frey (2005), o pronome resumptivo não tem que estar necessariamente no pré-campo, podendo também ocorrer no campo médio.

- (184) *Seinem Doktorvater, jeder Linguist wird dem zum Glück Geld leihen.*  
*seu orientador<sup>Dat</sup> qualquer linguista irá PRON<sup>Dat</sup> felizmente dinheiro emprestar*  
*(Felizmente qualquer linguista emprestaria dinheiro ao seu orientador.)*  
 (exemplo de Frey, 2005)

Mantém-se, no entanto, a concordância morfológica entre o pronome e o constituinte topicalizado (neste caso o Dativo), marca característica da deslocação à esquerda, que a distingue do ‘tema livre’. Por tratar-se de um fenómeno que apresenta uma estrutura bastante gramaticalizada e regular (através da presença do pronome e da concordância morfológica entre ele e o elemento deslocado), não considero necessário voltar a ele no decurso da análise.

<sup>72</sup> Com o propósito de coadunar a sua proposta ao modelo Split-C, apresentado por Rizzi (1997), segundo o qual CP está dividido em vários nós funcionais, indicativos das características pragmáticas da frase, Grewendorf (2002) sugere o movimento por topicalização deste DP complexo para SpecFinP (como na proposta de Rizzi (1997) para elementos topicalizados) com um movimento seguinte de DP<sub>2</sub> para SpecTopP (que é o destino de constituintes deslocados). Não é do interesse deste trabalho discutir esta proposta, apresentada apenas para exemplificar o exposto.

### 6.1.2.2. Construções com tema livre (*Freies Thema/ Hanging Topic*)

As construções com ‘Tema Livre’, ou ‘Tópico Pendente’ na terminologia de Duarte (1987), distinguem-se da deslocação à esquerda pela sua liberdade sintáctica e morfológica, o que as afasta mais do sistema normativo do alemão e as relega em absoluto para o plano oral da língua alemã.

Na sequência da distinção entre *left dislocation* e *hanging topic*, feita por Cinque (1977), Altmann (1981) define o tema livre como construção com constituinte deslocado na periferia esquerda da frase, isto é, antes do pré-campo de frases V-2, com função de marcação de tópico da frase. A forma de retoma do constituinte deslocado é, no entanto, muito mais livre do que na deslocação à esquerda, podendo ocorrer apenas de forma indirecta através de elementos do mesmo campo lexical, através de um epíteto ou, quando ocorre de forma pronominal, não apresentando (necessariamente) congruência morfológica entre o constituinte deslocado e o seu pronome resumptivo<sup>73</sup>.

Exemplo:

- (185) Mein Vater ... ich hab immer noch kein Geschenk für ihn<sup>74</sup>.  
O meu pai<sup>Nom</sup> ... eu tenho ainda não prenda para ele.  
O meu pai ... ainda não lhe arranjei prenda.

Por apresentar um baixo grau de sintactização, a maioria dos autores tende a interpretar as construções de tema livre / tópico pendente como estruturas próprias, geradas independentemente da frase à qual se referem (Duarte, 1987, para o português; Cardinaletti, 1987, para o alemão), não sendo por isso consideradas construções que afectem a estrutura V-2 do alemão. No entanto, a sua utilização na oralidade é denotadora do conflito, acima mencionado, entre a rigidez sintáctica da estrutura V-2 do alemão e a tendência natural da língua para se servir das periferias da frase com o propósito de exprimir fins comunicativos.

### 6.1.2.3. Pré-précampo (*Vor-vorfeld*)

É ainda de referir um terceiro tipo de construções em aparente conflito com a estrutura V-2 da frase alemã, denominado por alguns autores de *Vor-vorfeld* - ‘Pré-précampo’ (Auer, 1997; Eroms, 1995). Por se tratar de construções com constituintes

<sup>73</sup> Duarte (1987) distingue entre *Tópico Pendente* e *Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente*, assumindo como critério de distinção a “propriedade de conectividade referencial” (1987: 77), ausente no primeiro tipo e presente no segundo. Embora esta distinção também se aplique ao alemão, a maioria dos autores alemães subsume todas estas construções sob o conceito de *Hanging Topic*, terminologia que não me parece útil problematizar.

<sup>74</sup> Além das características enunciadas, Altmann (1981) atribui a estas construções marcas próprias de entoação, como a presença de uma pausa entre o constituinte deslocado e o resto da frase, indicada por “↓”:  
Mein Vater ↓ ich hab immer noch kein Geschenk für ihn.

que precedem o pré-campo, a sua demarcação dos fenómenos de deslocação à esquerda e tema livre nem sempre é linear, o que leva alguns autores a subsumi-los sob a mesma designação (por exemplo Eisenberg, 1999). Com Auer (1997) e, em sentido um pouco mais restrito, com Eroms (1995), entendo por ocupação de pré-précampo a ocorrência de determinados constituintes, sobretudo adverbiais, em posição precedente à do pré-campo. Por se aproximarem funcionalmente da classe das conjunções quando ocorrem no pré-précampo, muitas gramáticas do alemão classificam-nos de ‘conectores’, ‘pseudo-conjunções’ ou ‘*discourse markers*’ (Auer, 1997: 56). Este grupo abrange, a título exemplificativo, advérbios como *übrigens* (‘afinal’), *zweifellos* (‘indubitavelmente’), *schließlich* (‘finalmente’), *außerdem* (‘além disso’), *tatsächlich* (‘de facto’), *selbstverständlich* (‘com certeza’), *kurzum* (‘resumidamente’) ou expressões adverbiais como *im Klartext* (‘falando abertamente’), *anders gesagt* (‘por outras palavras’), *mit einem Wort* (‘com uma palavra’), *zum Beispiel* (‘por exemplo’).

Exemplos<sup>75</sup>:

- (186) a. Trotzdem: es geht nicht.  
*Mesmo assim: EXPL dá não.*  
*(Mesmo assim não dá.)*
- b. Übrigens: dem können wir zustimmen.  
*Afinal: o<sup>Dat</sup> podemos nós aceitar.*  
*(Afinal podemos concordar com isso.)*

A sua ocorrência limita-se ao discurso oral - ou à sua imitação em determinados textos escritos (jornalísticos ou literários) - onde normalmente apresenta uma pausa ou uma fronteira entoacional, indicando uma cesura entre a posição de pré-précampo e a frase, que é reveladora da sua independência sintáctica. Tal como em relação às construções de tema livre, os autores que estudam estas estruturas defendem que constituem “*eigenständige, syntaktische Projektionen*”<sup>76</sup> (Auer, 1997: 55), mantendo portanto a estrutura V-2 da frase intacta. É precisamente esta falta de exigência sintáctica que dá a estas construções a sua funcionalidade discursiva. Entre as várias funções que podem ter, destaca-se o seu significado meta-pragmático (“*metapragmatisch*”, Auer, 1997: 59), possibilitando a expressão da atitude do falante face ao que diz; a função de posicionamento do enunciado dentro de uma unidade discursiva mais abrangente; a possibilidade de satisfazer determinadas exigências cognitivas e comunicativas subjacentes à língua oral, como por exemplo a manutenção do direito de palavra; ou uma função interactiva mais lata, como por exemplo a

<sup>75</sup> Exemplos de Eroms (1995: 65).

<sup>76</sup> “projeções sintácticas independentes”

expressão de crítica ao interlocutor (Auer, 1997: 65). Por sua vez, tal funcionalidade discursiva de constituintes de pré-précampo parece impossibilitar a ocorrência nesta posição de lexemas com outra semântica, como os adverbiais de tempo e de local ou todos os adverbiais avaliativos (Auer, 1997: 63). Aliás, como a ocupação do pré-précampo é um fenómeno estritamente oral que apenas pode ser comprovado através da análise de *corpora* de registos orais naturais, é compreensível não existir consenso entre os autores sobre o grupo de palavras que podem ocorrer nesta posição. Assim, autores como Büring / Hartmann (2001) e Jakobs (1983) apresentam uma concepção mais estreita deste fenómeno, restringindo-o a um grupo reduzido de partículas de foco<sup>77</sup>, enquanto que Auer (1997), numa concepção mais lata, abre a posição a um grupo bastante heterogéneo de constituintes.

A mesma heterogeneidade afecta a distribuição destes constituintes, uma vez que alguns apenas podem ocorrer no pré-précampo e outros suscitam modificações semânticas quando mudados para outras partes da frase (como o pré-campo ou o campo médio).

Resumindo, apesar de ser uma língua V-2 (e OV), existe no alemão falado uma tendência para abrir as periferias (neste caso concreto da esquerda, mas o mesmo se observa na direita) da frase com o intuito de satisfazer determinados fins comunicativos, originando processos com funções conversacionais muito específicas, como a marcação de tópico (função dominante da deslocação à esquerda e do tema livre) ou a expressão de atitudes meta-pragmáticas (típicas da ocupação do pré-précampo, no sentido de Auer, 1997).

Ora, sendo recursos típicos do discurso oral, será imprescindível analisar a sua ocorrência nos registos verbais dos bilingues em estudo e demarcá-los dos restantes fenómenos de pré-campo observados no *corpus*.

### **6.1.3. Os fenómenos observados nos registos dos falantes bilingues regressados**

A frase transcrita em (187), retirada do *corpus* de registos orais de Alice, é exemplificativa dos fenómenos de pré-campo discutidos nesta parte do trabalho:

(187) a. sonst das verstehe ich nicht. (Alice)  
senão isso entendo eu não  
Senão não (o) entendo.

---

<sup>77</sup> *nur* ('só'), *auch* ('também') e *sogar* ('até')

No exemplo transcrito estamos aparentemente perante uma violação da estrutura V-2 da frase alemã. A posição de pré-campo (SpecCP) é preenchida pelo NP objecto “das”, movido (por topicalização) da sua posição-base dentro do sintagma verbal para o pré-campo. Como determina o efeito V-2, uma vez que SpecCP está ocupado, o sujeito (“ich”) move-se apenas para SpecIP, mantendo-se portanto abaixo do verbo, movido da sua posição básica para C°. Todos estes movimentos, representados em (187b), satisfazem as exigências sintácticas do alemão.

(187) b. [<sub>CP</sub> das<sub>j</sub> verstehe<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> ich<sub>k</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>k</sub> t<sub>j</sub> t<sub>i</sub> nicht]]]

No entanto, ao contrário do que determina o efeito V-2, na frase (187a) um segundo elemento precede o NP movido: o adverbial “sonst” (‘senão’), levando a um duplo preenchimento do pré-campo, o que não é permitido no alemão.

Antes de proceder à análise deste fenómeno é necessário contrapô-lo aos fenómenos de periferia esquerda descritos em 6.1.2., típicos do discurso oral de alemães nativos.

Embora a partícula *sonst* não venha referida nos trabalhos sobre a ocupação do pré-précampo, a funcionalidade discursiva que pode assumir possibilitaria a sua ocorrência enquanto elemento de pré-précampo, tal como descrito em 6.1.2.3, permitindo uma possível interpretação da frase (187a) como estrutura típica do alemão falado. No entanto, o significado que *sonst* tem na frase em questão impossibilita tal interpretação.

Segundo o dicionário DUDEN, o adverbial *sonst* pode ter o significado de ‘além disso’/‘além do referido’ (“darüber hinaus”, “abgesehen vom Genannten”<sup>78</sup>), significado que lhe permite uma utilização enquanto elemento estruturador do discurso, indicando uma certa ordem das proposições, o que vai ao encontro de uma das funções de pré-précampo referidas por Auer: “textstrukturierend” (1997: 82). Nesta função, a utilização de *sonst* corresponde ao uso do “bordão linguístico”<sup>79</sup> ‘aliás’ do português. Porém, na frase (187a), o adverbial *sonst* é utilizado com outro significado, o qual não tem esta função discursiva, indicando ‘noutro caso’/‘de outro modo’/‘senão’ (“im andern Fall /andernfalls”<sup>80</sup>). Como demonstra o excerto da entrevista de onde (187a) foi retirado, a falante está a transmitir em discurso indirecto uma afirmação de uma tia, que lhe tinha pedido para falar em português na sua casa, **de outro modo** ela não a entenderia. O adverbial *sonst* tem aqui portanto um significado lexical desprovido de funcionalidade

<sup>78</sup> DUDEN, Deutsches Universalwörterbuch, 4.ed., Mannheim: Dudenverlag, 2001: 1470.

<sup>79</sup> DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001: 170.

<sup>80</sup> DUDEN (2001).

discursiva, pois não é a falante entrevistada que o utiliza no seu discurso. A sua utilização é essencial à ligação das proposições atribuídas à tia (falar português » em outro caso » não entende):

- (188) also in/ in meine Familie. sie hassen dass ich mit meine Schwester, wenn  
*bem em minha família. eles detestam que eu com a minha irmã, quando*  
*ich bei ihr/ bei meiner Tante vielleicht bin und mit meine Schwester und*  
*eu na casa deles/ da minha tia talvez estou e com a minha irmã e*  
*ihr etwas sage in Deutsch dann sagt sie nein nein nein in Portugiesisch*  
*ela<sup>Dat</sup> algo digo em alemão então diz ela não não não em português*  
*sonst das verstehe ich nicht.*  
*senão isso entendo eu não*

Além disso, o adverbial surge integrado no discurso sem qualquer cisão com a frase V-2 seguinte (sem pausa) ao contrário do que acontece por exemplo na primeira frase do excerto, novamente transcrita em (189):

- (189) also in/ in meine Familie. sie hassen dass ich mit meine Schwester<sup>81</sup> [...] *bem em/ na minha família. eles detestam que eu com a minha irmã*  
*(Bem, na minha família detestam que eu (fale) com a minha irmã)*

Nesta frase, a pausa longa entre o sintagma preposicional “in meine Familie“ (‘na minha família’) e a restante frase V-2 é claramente indicadora de uma estrutura do discurso oral, a qual pode ser interpretada como estrutura de tema livre/ *hanging topic*, tal como discutida em 6.1.2.2. O PP deslocado constitui o tópico discursivo, sobre o qual (“aboutness topic”, Reinhart, 1982) é feito o comentário que se segue. É retomado através do pronome pessoal “sie” em posição de pré-campo,

A diferença entre o fenómeno de duplo preenchimento de pré-campo seguidamente discutido e as estruturas de discurso oral acima descritas torna-se ainda mais nítida em frases como (190a/b), onde os elementos deslocados para o pré-campo são adverbiais temporais e de localização - elementos sem a funcionalidade discursiva exigida pelas construções de oralidade discutidas:

- (190) a. weil im portugiesischen Fernsehen ab und zu läuft halt nichts Gutes  
*porque na televisão portuguesa de vez em quando dá nada de jeito*  
*(porque de vez em quando na televisão portuguesa não dá nada de jeito) (Carlos)*
- b. (aber hat meine Familie[...] eine Satelit gekauft) und bis jetzt fast immer schaue  
*(mas a minha família comprou uma parabólica) e até agora quase sempre vejo*  
*ich Fernseh. (Paula)*  
*eu televisão.*  
*(Mas a minha família comprou uma parabólica e até agora vejo quase sempre*  
*televisão.)*

---

<sup>81</sup> correcto: also in meiner Familie/ **meine Familie**. sie hasst, dass ich mit meiner Schwester

Apesar de existirem alguns factores que possibilitam captar os fenómenos de oralidade típicos do discurso de alemães nativos - a função discursiva dos elementos antepostos e a entoação - e que, por isso, não podem ser confundidos com fenómenos de variação sintáctica derivados de falta de contacto com a língua, a diferenciação destes dois fenómenos nem sempre é linear e não é possível afirmar peremptoriamente que um alemão nativo não utilizaria determinada estrutura observada no *corpus*. Por esta razão, a minha análise parte da frequência de ocorrência de estruturas de deslocação em falantes bilingues com pouco contacto com a língua (grupos 2 e 3), comparando-a com a frequência destas estruturas nos registos dos falantes com alemão língua dominante e contacto frequente com a língua (grupo 1).

### 6.1.3.1. Resultados

A análise dos fenómenos de variação sintáctica que afectam a posição de pré-campo incidiu sobre os registos de alguns dos falantes que integram os diferentes subgrupos, nomeadamente os de Irene, Sofia e Iolanda do grupo 3, Mafalda, Paula, Inês e Carlos do grupo 2 e Filipe, Patrícia, Célia e Nádia do grupo 1.

Para efeitos de contagem foram contabilizadas todas as frases que apresentam um duplo preenchimento da posição de pré-campo. As orações do tipo \*XPSV foram excluídas por já terem sido discutidas no âmbito da realização da posição verbal (capítulo 4), uma vez que são, em primeira instância, indicativas de desvio ao correcto posicionamento do verbo (desvio a V-2).

Neste sentido, entende-se por duplo preenchimento do pré-campo as frases que apresentam:

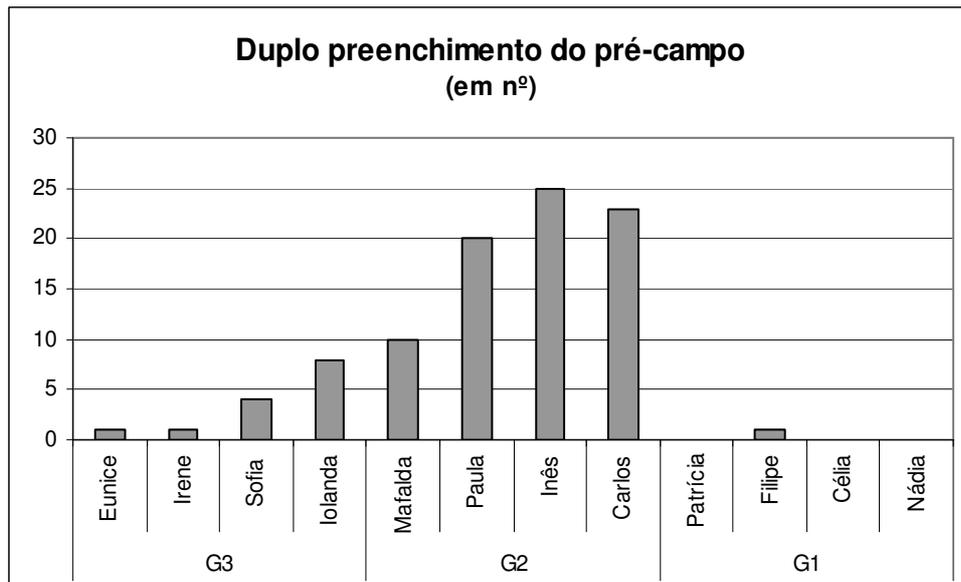
1) dois adjuntos adverbiais no pré-campo de orações V-2, em que o sujeito permanece abaixo do verbo: AdvP-AdvP-V-S.

2) o objecto e um adjunto adverbial no pré-campo de orações V-2, em que o sujeito permanece abaixo do verbo: O-AdvP-V-S / AdvP-O-V-S.

3) o sujeito seguido de um adjunto adverbial em posição de pré-campo: S-AdvP-V.

É de realçar que não são considerados fenómenos de duplo preenchimento do pré-campo os processos discursivos típicos da língua oral, descritos em 6.1.2.

O gráfico 44 apresenta o número de ocorrências de frases com pré-campo duplamente preenchido:



**Gráfico 44:** Ocorrências (em nº) de frases com duplo preenchimento do pré-campo – falantes dos 3 subgrupos

Os dados revelam um número significativo de ocorrências deste tipo nos falantes do grupo 2 (de Mafalda a Carlos), que contrasta visivelmente com os valores do grupo 1. Dos falantes de G1, apenas Filipe apresenta uma ocorrência de pré-campo duplamente preenchido. Nas outras três falantes não é detectado nenhum exemplo de desvio sintáctico deste género. Já os valores do grupo 3 têm de ser lidos tendo em conta o número total de orações produzidas. Iolanda, a falante que tem mais facilidade em se exprimir e construir um discurso mais coeso e coerente, é aquela que apresenta o maior número de ocorrências de duplo pré-campo. Já Eunice e Irene apenas apresentam uma ocorrência cada, no entanto, também constroem um número muito reduzido de frases com seriação mais complexa, isto é, que contenham mais que um adjunto adverbial ou combinações de adjuntos com argumentos. Optou-se, no entanto, por integrar os dados destas falantes, uma vez que apresentam um desempenho interessante nos testes sintácticos.

#### 6.1.3.1.1. Dois adjuntos no pré-campo

Entre os fenómenos de variação sintáctica relacionada com o duplo preenchimento do pré-campo estão em maior número as construções que apresentam dois adjuntos no pré-campo, do tipo AdvP-AdvP-V-S, como exemplificado em (191):

- (191) **leider** | **mit diesem Unfall** eh, starb starb der Ehemann (Carlos)  
*infelizmente* | *com este acidente* faleceu o marido.  
*(Infelizmente devido a este acidente o marido faleceu.)*

Exemplifiquemos através de alguns dados mais individualizados:

Carlos, por exemplo, constrói 23 frases com o pré-campo marcado, das quais 19 (83%) apresentam dois adjuntos adverbiais em posição periférica inicial:

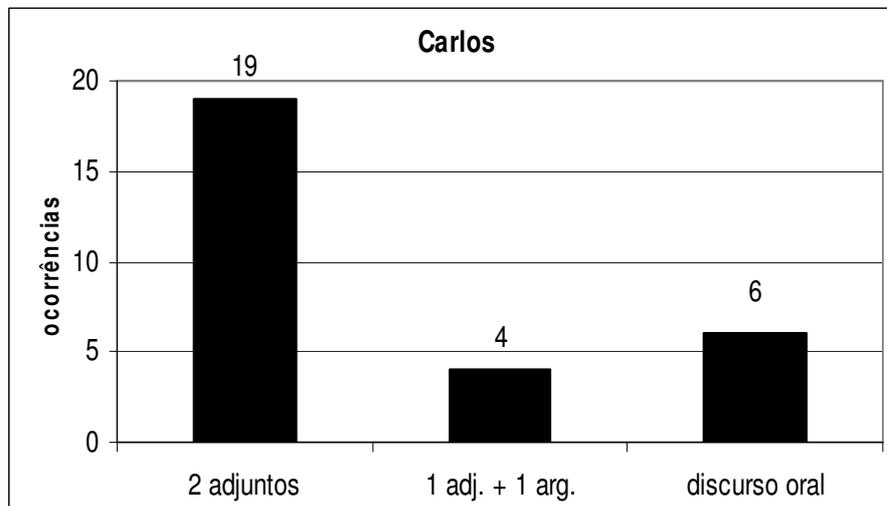


Gráfico 45: Ocorrências de duplo pré-campo nos registos de Carlos (em nº)

O gráfico 46 apresenta a distribuição de orações VS nos registos de Carlos, Mafalda, Iolanda e Sofia, distinguindo três aspectos: orações que contêm apenas um advérbio, situado em posição inicial, do tipo AdvP-V-S (coluna preta); orações VS que contêm dois advérbios, distribuídos por pré-campo e campo médio, do tipo AdvP-V-S-AdvP (coluna branca) e as orações agramaticais que contêm ambos os adjuntos adverbiais em posição inicial, tipo \*AdvP-AdvP-V-S (coluna às riscas).

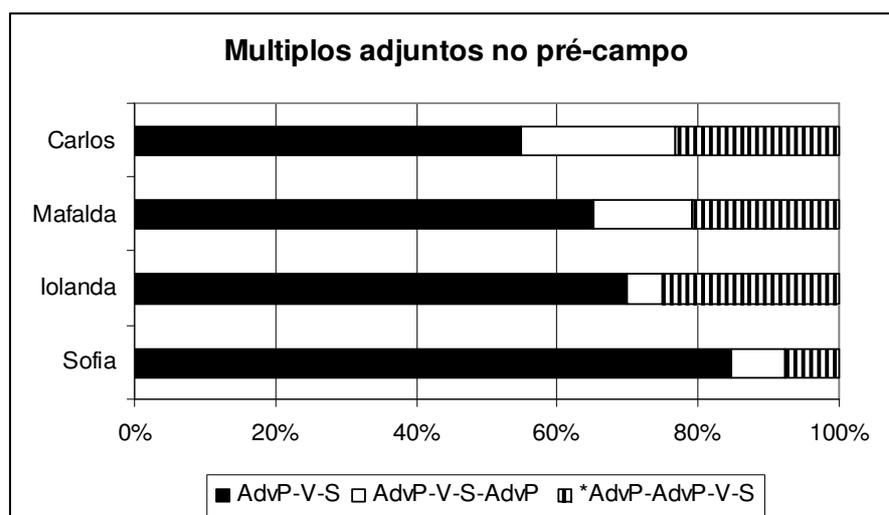


Gráfico 46: Distribuição do(s) adjunto(s) adverbial(is) nas frases produzidas por 4 falantes

Os dados mostram que, nos casos em que as orações construídas contêm dois adverbiais (colunas branca e às riscas), a maioria dos falantes apresenta uma distribuição muito semelhante de seriação destes adjuntos.

Num total de 82 orações VS construídas por Carlos, 37 contêm mais que um adjunto adverbial (45%). Destas 37, 18 orações apresentam uma distribuição gramatical dos advérbios, estando um no pré-campo e o outro no campo médio (tipo AdvP-V-S-AdvP), enquanto que 19 seguem a ordem agramatical de duplo preenchimento do pré-campo (tipo \*AdvP-AdvP-V-S). Distribuição semelhante, isto é, valores de ocorrência semelhantes de AdvP-V-S-AdvP e \*AdvP-AdvP-V-S, é observada nos casos de Mafalda e Sofia. No caso de Iolanda, 70% das orações VS construídas contêm apenas um adverbial, que se encontra no pré-campo; 30% das orações têm mais que um adjunto: 25% com os dois adjuntos no pré-campo e 5% com um adjunto no pré-campo e o outro no campo médio.

Impõe-se então lançar um olhar mais atento sobre as estruturas com dois adjuntos adverbiais no pré-campo.

Quanto à natureza dos adjuntos, é de destacar a co-ocorrência de adverbiais localizadores (temporais ou espaciais), de frequência, comitativos e modais como *natürlich*, *selbstverständlich* ('naturalmente'), *leider* ('infelizmente'), *glücklicherweise* ('felizmente'), *hoffentlich* ('oxalá'<sup>82</sup>), *wahrscheinlich* ('talvez'), *vermutlich* ('porventura').

Exemplos do *corpus*:

- (192) a. **dort selbstverständlich** arbeitet man besser (Carlos)  
*lá naturalmente trabalha-se melhor*  
*(Naturalmente, lá trabalha-se melhor.)*
- b. **im portugiesischen Fernsehen ab und zu** läuft halt nichts Gutes (Carlos)  
*na televisão portuguesa às vezes dá nada de jeito*  
*(Na televisão portuguesa, às vezes não dá nada de jeito.)*
- c. (wir können den Zürichdütsch.) **jetzt bestimmt** kann ich nicht mehr (Paula)  
*(Nós sabemos o alemão suíço) agora certamente sei eu não mais.*  
*(Nós sabíamos o alemão suíço, mas agora de certeza que já não sei.)*
- d. bis **jetzt fast immer** schaue ich Fernseh (und verstehe ich) (Paula)  
*até agora quase sempre vejo eu televisão (e compreendo eu)*  
*(Até agora vejo quase sempre televisão e compreendo.)*

<sup>82</sup> O português não possui advérbio correspondente.

- e. und **dort zweianhalb Jahren** habe ich einen Kurs in der (Inês)  
*e lá durante dois anos e meio*  $V_{aux_{fin}}$  *eu um curso na*  
 deutsch-portugiesische Industrie und Handelskammer in Porto gemacht.  
*câmara de indústria luso-alemã no Porto fazer*[ $V_{part}$ ]  
 (E lá, durante dois anos, fiz um curso na câmara de indústria luso-alemã no Porto).
- f. **da leider** sprachen wir nicht Deutsch (Inês)  
*lá infelizmente* *falámos nós não alemão.*  
 (Lá infelizmente não falávamos alemão.)
- g. **hier jetzt** ist alles viel besser (Iolanda)  
*aqui agora é tudo muito melhor.*
- h. also, **hier in Portugal auch in der Schrift** ist es anders als in der Schweiz.  
*bem aqui em Portugal também na escrita é* EXPL *diferente que na Suíça.*  
 (Bem, aqui em Portugal, também na escrita, tudo é diferente da Suíça.)  
 (Mafalda)

### 6.1.3.1.2. Adjunto e argumento no pré-campo:

O segundo tipo de construções observadas diz respeito ao preenchimento do pré-campo com um argumento e um adjunto adverbial. Embora a sua ocorrência seja menos frequente que a das construções com duplo adverbial, é possível observar este tipo de ocorrências na maioria dos registos de G2 e G3.

Exemplos do *corpus*:

- (193) a. aber **Deutsch zum ersten Mal** hab ich gelernt (seitdem ich im  
 Kindergarten war). (Carlos)  
*mas alemão pela primeira vez*  $V_{aux_{fin}}$  *eu aprender*[ $V_{part}$ ]  
 (Mas alemão aprendi pela primeira vez desde que fui para o infantário).
- b. **jetzt gerade immer noch Portugiesisch** verteidige ich viel mehr als  
*agora ainda o português* *defendo eu muito mais que*  
 das Deutsche (Carlos)  
*o alemão*  
 (Agora ainda continuo a defender mais o português que o alemão.)
- c. (erstmal wir lebten in ein Dorf.) und **ab der fünften Klassen vom Dorf**  
*e a partir do quinto ano da aldeia*  
 mussten wir in die Stadt (Inês)  
*tínhamos nós para a cidade*  
 (Inicialmente vivíamos numa aldeia, e a partir do quinto ano tínhamos que ir da  
 aldeia para a cidade.)
- d. **das schon** sagte mein Mann (Inês)  
*isso já dizia o meu marido*

### 6.1.3.1.3. Sujeito e adjunto no pré-campo

O terceiro tipo de estruturas observadas nos registos dos falantes de G2 e G3 são as construções em que o sujeito se encontra no pré-campo e é seguido de um adjunto adverbial, originando a sequência \*S-AdvP-V-O. Exemplos:

- (194) a. **Portugiesisch und Mathematik die ersten Wochen vielleicht** war schwer  
*Português e Matemática as primeiras semanas talvez foi difícil*  
 für mich (Inês)  
*para mim*  
 (Português e Matemática, talvez nas primeiras semanas, tenha sido difícil para mim.)
- b. **Bekannte ab und zu** kamen zu uns nach Hause (Carlos)  
*Conhecidos de vez em quando vinham à nossa casa.*
- c. **mein Leben jetzt** ist hier. (Mafalda)  
*minha vida agora é aqui*  
 (A minha vida agora é aqui.)
- e. **das Mutter von einen Kind hier in Portugal** habe nicht, gehe nicht soviel  
*a mãe de uma criança aqui em Portugal tem NEG vai NEG tanto*  
 ins Arzt (Sofia)  
*ao médico*  
 (As mães aqui em Portugal não vão tantas vezes ao médico.)
- f. ah **ich Portugiesisch** kann schreiben ja sehr gut jetzt. *um ano* (Irene)  
*eu português sei escrever sim muito bem agora*  
 (Bem, o português eu comecei a escrever muito bem passado um ano.)
- g. **ich in Deutschland** habe auch die, eine Schule (Iolanda)  
*eu na Alemanha tenho também uma escola*

#### 6.1.3.1.4. Construções típicas do discurso oral

As construções de múltiplo pré-campo distinguem-se claramente das estruturas típicas de discurso oral discutidas em 6.1.2. Estas ocorrem tanto nos registos dos falantes de G1 como nos de G2 e G3. As pausas (marcadas por vírgula / ponto) indicam que se trata de elementos sintacticamente não integrados na estrutura da frase, retomados ou não por constituintes resumptivos dentro da oração.

Exemplos:

- (195) a. (ich wollte Erasmus machen) aber eh **meine Schule, Ekonomie, eh Wirtschaft.**  
*(Eu queria fazer Erasmus) mas a minha escola, economia,*  
 es gibt nicht die Schweiz. (Sofia)  
**EXPL** há NEG a Suíça.  
*(Eu queria fazer Erasmus mas a minha escola, economia. [Aí] não há a Suíça [como parceiro].)*
- b. **die engere Familie, da** haben wir halt immer/ haben bemerkt (Carlos)  
*a família mais chegada, aí*  $V_{aux_{fin}}$  *nós sempre/*  $V_{aux_{fin}}$  *notar*[ $V_{part}$ ]  
 (A família mais chegada, aí notámos que...)
- c. (ja wohl klar aber hier in Portugal und Deutschland ist der totale Kontrast,) **also in Deutschland. wir** mussten halt immer alles sortieren. (Célia)  
*(pois claro mas aqui em Portugal e na Alemanha é o contraste total.*  
*Bem, na Alemanha, nós tínhamos que separar sempre tudo.)*

d. **zum Beispiel. es** waren nicht alles Ausländer (die ausländische Schule hatten)  
*por exemplo EXPL eram NEG todos estrangeiros* (Patrícia)  
 (Por exemplo: não eram todos estrangeiros os que frequentavam a escola estrangeira.)

Tomando novamente como exemplo os registos de Carlos [G2], em 205 frases V-2 construídas, 6 construções são estruturas do tipo descrito em 6.1.2. (cf. Gráfico 45), perfazendo uma taxa de ocorrência destas estruturas de 3%.

Comparando estes dados com os de falantes do grupo 1, verificamos que, por exemplo, Nádia e Célia apresentam valores muito semelhantes. Em 185 frases V-2, Nádia apresenta 4 ocorrências de fenómenos de periferia esquerda típicos do discurso oral [2%] e Célia apresenta 2 em 64 frases contabilizadas [3%].

### 6.1.3.1.5. Dados complementares

Os dados obtidos da análise dos registos orais dos falantes podem ser complementados com as informação recolhidas de dois testes apresentados a alguns participantes: o exercício de produção sintáctica (cf. Anexo II) e o exercício de correcção (cf. Anexo III).

#### *Exercício de produção sintáctica*

No terceiro grupo de frases do exercício de produção sintáctica, os participantes são solicitados a construir frases com elementos que lhes são fornecidos.<sup>83</sup> Não tendo de começar a frase com nenhum elemento pré-definido, podem apresentar a ordem frásica que lhes parece a melhor. São ainda solicitados a apresentar várias alternativas. Todas as séries de elementos incluem mais que um sintagma adverbial. Após a construção das frases por parte dos participantes, estes são confrontados com as opções tomadas.

Exemplo:

III. 1)

	gestern	musste	ich	leider	länger	in der Arbeit	bleiben
1. possibilidade							
2. possibilidade							
3. possibilidade							

O desempenho de Eunice neste exercício é bem exemplificativo da *performance* geral dos falantes dos grupos 2 e 3 e será, por isso, apresentado mais

<sup>83</sup> Os elementos são apresentados em cartões recortados, dispersos em cima da mesa.

pormenorizadamente. Em (196) são transcritas as opções frásicas apresentadas por Eunice:

(196)

- 1) 1. Gestern musste ich leider länger in der Arbeit bleiben.  
*ontem tive eu infelizmente mais tempo no trabalho ficar.*  
2. **Leider gestern** musste ich länger in der Arbeit bleiben.
  
- 2) 1. Das Kind ist bestimmt jetzt glücklich.  
*a criança está certamente agora feliz*  
2. Bestimmt ist das Kind jetzt glücklich.  
3. Jetzt ist das Kind bestimmt glücklich.
  
- 3) 1. In Zukunft die Menschen in Portugal essen öfter bei McDonalds.  
*no futuro as pessoas em Portugal comem mais vezes no Mcdonalds*  
2. **In Zukunft in Portugal** essen die Menschen öfter bei McDonalds.
  
- 4) 1. **Zum Glück in Portugal** das Wetter ist gut.  
*felizmente em Portugal o tempo é bom*  
2. **Zum Glück in Portugal** ist das Wetter gut.  
3. **In Portugal zum Glück** ist das Wetter gut.
  
- 5) 1. Manchmal finde ich die Worte im Deutschen nicht.  
*às vezes acho eu as palavras no alemão* NEG  
2. Manchmal finde ich die Worte nicht im Deutschen.

Em três das cinco séries, Eunice apresenta como opção a realização de ambos os adjuntos adverbiais no início da frase (realçado a negrito). No entanto, quando solicitada a comparar as suas opções e a indicar a que lhe parece melhor, em todos os casos de dupla adjunção inicial, Eunice refere que indicou essa opção, embora “não lhe soe tão bem” como as alternativas apresentadas por ela própria ou pelo entrevistador. Destaca-se novamente o facto de Eunice ser uma das falantes que apresenta um corte mais precoce com a língua alemã (aos sete anos de idade).

O desempenho dos restantes falantes dos grupos 2 e 3 é muito semelhante ao de Eunice. Em todos os casos, os participantes oferecem como alternativas válidas a colocação de dois adjuntos em início de frase ou de um sujeito seguido de adjunto adverbial como no exemplo (197), opção apresentada por Irene.

(197) Exercício III 5): **Ich manchmal** finde nicht die Worte im Deutschen.  
*eu às vezes encontro* NEG *as palavras no alemão.*

No entanto, estas opções nunca são constantes em todas as séries e todos os falantes reagem como Eunice quando solicitados a comparar frases com duplo pré-campo a frases gramaticais com distribuição dos adjuntos por pré-campo e campo médio.

Quanto aos falantes do grupo 1, nenhum dos cinco falantes que se submeteram ao teste (Nádia, Filipe, Célia, Ilda e Luísa) apresentaram o duplo preenchimento do pré-campo como opção válida e todos eles rejeitaram as construções deste tipo, quando lhes era apresentada pela entrevistadora.

*Exercício de correcção da “Carochinha”*

A “História da Carochinha”, que os falantes devem ler em voz alta, indicar as incorrecções sintácticas e corrigi-las, contém 7 construções do tipo observado nos registos orais dos falantes, transcritas em (198):

(198) **Sofort mit der Münze in der Tasche** ging sie zum Markt.  
*imediatamente com a moeda no bolso foi ela ao mercado*

Und **dann plötzlich vor dem Fenster mit einem Strauß in der Hand** stand die Maus.  
*e depois de repente em frente à janela com um ramo na mão estava o rato*

... **am selben Tag in der Kirche** heirateten sie.  
*no mesmo dia na igreja casaram eles*

**Doch die Maus leider** war sehr neugierig  
*Mas o rato infelizmente era muito curioso.*

**In diesem Moment leider** fiel Herr Ratte in den Topf hinein.  
*nesse momento infelizmente caiu o Sr.Rato no caldeirão dentro*

**Vielleicht in diesem Moment** merkte Herr Ratte...  
*talvez nesse momento notou o Sr.Rato...*

... und **am Ende unglücklicherweise** war es wieder alleine  
*e no final infelizmente estava ela novamente sozinha.*

O desempenho dos falantes de G2 e G3 que fizeram o teste vai ao encontro da *performance* observada em relação ao exercício de produção sintáctica. Exemplifiquemos com base no desempenho de Mafalda [G2]. Num primeiro momento, Mafalda identificou 4 das construções com pré-campo duplamente preenchido, a saber:

(199) **Doch die Maus leider** war sehr neugierig  
*Mas o rato infelizmente era muito curioso.*

**In diesem Moment leider** fiel Herr Ratte in den Topf hinein.  
*nesse momento infelizmente caiu o Sr.Rato no caldeirão dentro*

**Vielleicht in diesem Moment** merkte Herr Ratte...  
*talvez nesse momento notou o Sr.Rato...*

... und **am Ende unglücklicherweise** war es wieder alleine  
*e no final infelizmente estava ela novamente sozinha.*

Como opções corrigidas apresentou respectivamente:

(200) Doch **die Maus** war **leider** sehr neugierig.  
*Mas o rato era infelizmente muito curioso.*

**In diesem Moment** fiel Herr Ratte in den Topf hinein.  
*nesse momento caiu o Sr.Rato no caldeirão dentro*

**Vielleicht** merkte Herr Ratte **in diesem Moment...**  
*talvez nesse momento notou o Sr.Rato...*

... und **am Ende** war es **leider**<sup>84</sup> wieder alleine  
*e no final estava ela infelizmente novamente sozinha.*

Note-se que em três opções corrigidas, Mafalda passa um dos adjuntos adverbiais para o campo médio. No segundo exemplo elimina um advérbio.

As três restantes frases com duplo pré-campo não foram identificados por Mafalda, mas depois de confrontada com as frases considerou que iniciaria 2 de forma diferente. A frase (201) considerou correcta:

(201) **Sofort mit der Münze in der Tasche** ging sie zum Markt.  
*imediatamente com a moeda no bolso foi ela ao mercado*

O gráfico 47 representa os três momentos que constituem o teste: a coluna preta indica o número de ocorrência desviantes identificadas no primeiro momento pelos próprios falantes; a coluna às riscas indica o número de ocorrências correctamente corrigidas e a coluna cinzenta mostra o número de frases com duplo pré-campo que os falantes consideraram erradas após a entrevistadora pedir-lhes para as julgarem:

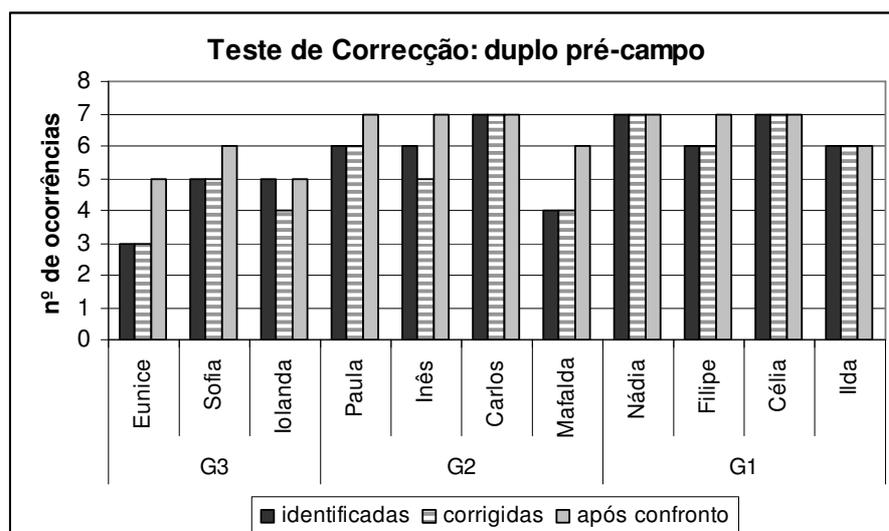


Gráfico 47: Teste de Correção – identificação de frases agramaticais com duplo pré-campo

<sup>84</sup> A falante troca a palavra *unglücklicherweise* pelo sinónimo (mais comum) *leider*

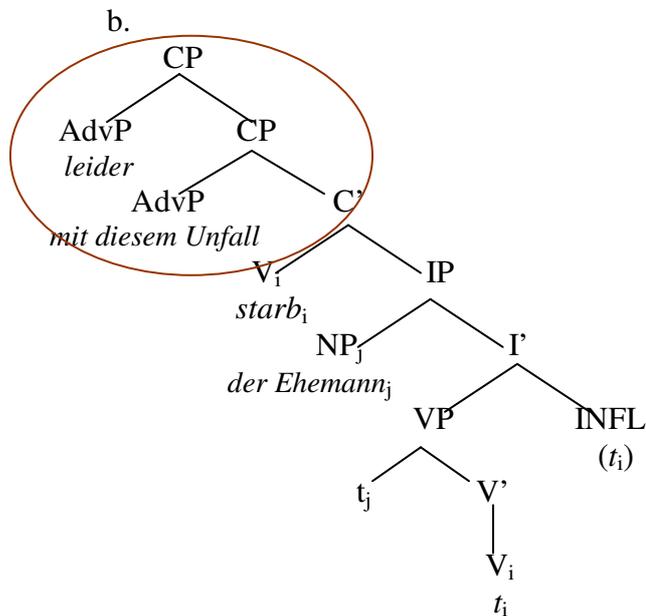
Os dados revelam que a grande maioria das frases com duplo pré-campo são identificadas pelos falantes. Dois falantes de G1 identificaram as 8 frases logo no primeiro momento, enquanto que os outros dois só identificaram 7. Neste caso, Filipe considera a oitava frase errada quando solicitado a julgá-la e Ilda considera-a aceitável (note-se que não se trata da mesma frase). No grupo 2 a variação entre os falantes é maior. A maioria obtém resultados semelhantes aos de G1: Carlos identifica as 8 ocorrências, Paula e Inês apenas 7, mas ao julgar a frase não identificada consideram que a eliminação de um advérbio inicial torna-a mais aceitável. Apenas Mafalda apresenta dados mais baixos, comparáveis aos do grupo 3. Em média, os falantes de G3 obtêm resultados mais baixos que os de G2. Nenhuma das falantes reconhece todas as ocorrências de duplo pré-campo, mas é de destacar o facto de todas elas assinalarem pelo menos 3 ocorrências como não aceitáveis, o que é indicativo da sua intuição nativa face a este aspecto.

#### **6.1.4. Discussão**

Olhando para os dados apresentados, um dos aspectos a realçar prende-se com a posição do sujeito na maioria das construções observadas, sobretudo nas construções com dois advérbios no pré-campo ou advérbio e objecto. Como vimos, nestas, o sujeito percorre o movimento característico das orações V-2: quando o pré-campo está ocupado por um constituinte de outra natureza, o sujeito move-se apenas até SpecIP, permanecendo abaixo do verbo. Ora, este facto constitui um indício muito forte a favor da ideia que os fenómenos aqui discutidos não afectam directamente o parâmetro V-2, uma vez que os movimentos sintácticos aliados ao efeito V-2 (o movimento do verbo para C° e do sujeito para SpecIP) permanecem inalterados. Consequentemente, a variação observada tem de ser restringida exclusivamente ao domínio do CP. Qual é então o fenómeno que afecta o CP?

Voltando à frase (191), que a seguir se transcreve novamente como (202), o mais plausível é admitir que os movimentos sintácticos ocorridos são regulares de V° até SpecCP (até “mit diesem Unfall”). O elemento que se intromete irregularmente na estrutura sintáctica da frase é o que se encontra à esquerda de SpecCP (“leider”). Estando prosodicamente integrado na oração, a forma mais óbvia de explicar a sua presença é a admissão de ocorrência de adjunção à estrutura existente, isto é, a SpecCP. Logo, a representação de (202a) seria (202b):

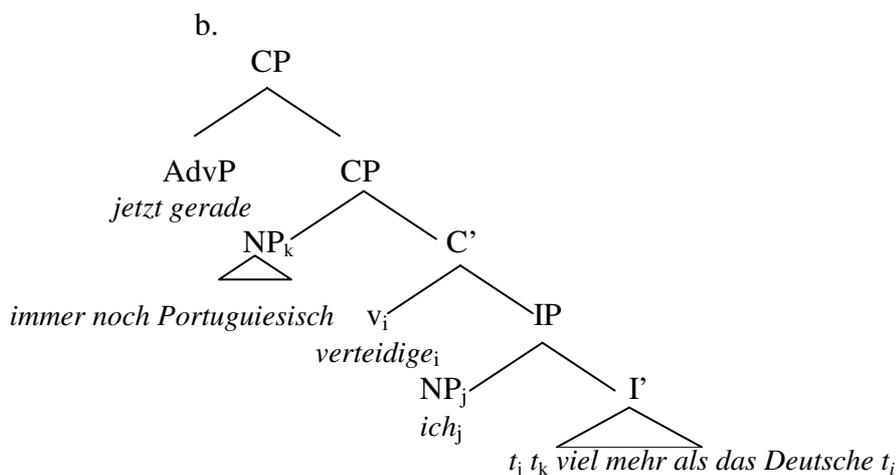
(202) a. **leider** **mit diesem Unfall** eh, starb starb der Ehemann (Carlos)  
*infelizmente com este acidente* faleceu o marido.  
 (Infelizmente devido a este acidente o marido faleceu.)



O mesmo fenómeno de adjunção em CP pode também ser admitido para as estruturas com objecto e adjunto no pré-campo. Em sequências AdvP-O-V-S, em que o sintagma adverbial precede o objecto [exemplo (193b), novamente transcrito como (203)], é de pressupor que o objecto tenha sido regularmente movido para a posição de pré-campo, enquanto que o AdvP se encontra adjungido à esquerda de SpecCP.

(203) a. **jetzt gerade immer noch Portugiesisch** verteidige ich viel mehr als das Deutsche  
*agora ainda o português* defendo eu muito mais que o alemão  
 (Agora ainda continuo a defender mais o português que o alemão.)

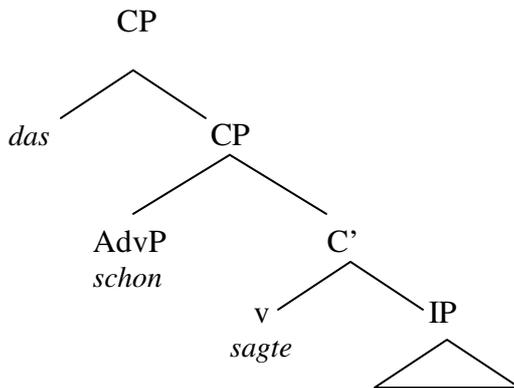
A representação sintáctica de (203a) seria, por isso, (203b):



Nas estruturas em que o argumento precede o advérbio, tal como no exemplo (193d) que se transcreve novamente como (204a), o argumento é que se encontra adjungido a CP, enquanto que o advérbio está no pré-campo (SpecCP):

(204) a. **das schon** sagte mein Mann  
*isso já dizia o meu marido*

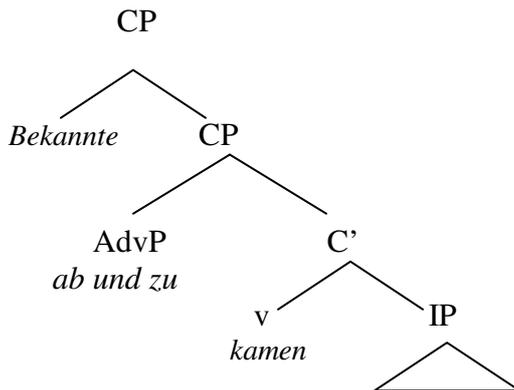
b.



Representação semelhante a (204b) pode ser assumida para as frases do tipo S-AdvP-V (exemplo 205a). Nestes casos, o sujeito em vez de permanecer em IP é adjungido a CP, precedendo o advérbio em SpecCP:

(205) a. **Bekannte ab und zu** kamen zu uns nach Hause  
*Conhecidos de vez em quando vinham à nossa casa.*

b.



Resumindo, o tipo de variação sintáctica discutido afecta apenas o domínio do CP, que se distingue dos domínios de VP e IP por constituir “the interface between a propositional content (expressed by the IP) and the superordinate structure (a higher clause or, possibly, the articulation of discourse, if we consider a root clause)” (Rizzi,

1997: 283). Segundo esta concepção, partilhada por muitos autores, CP contém dois tipos de informação: informação que diz respeito ao interior da frase - expressa no sistema de “*force-finiteness*” (Rizzi, 1997: 283) - e informação que a ultrapassa, isto é, que estabelece a ligação entre o conteúdo proposicional da frase e o seu contexto. Em CP estão portanto codificadas marcas pragmáticas, expressas no sistema “*topic-focus*”, segundo o modelo de Rizzi (1997, 2004).

Porém, já muito antes da apresentação da cartografia do CP de Rizzi, a posição inicial da oração figurava na literatura como domínio por excelência de organização da informação da frase. Desde Halliday (1967) e Chomsky (1971), a perifericidade é, por exemplo, apontada como marca sintáctica crucial na definição do conceito de tópico. Como aponta Molnár, também as estratégias de emissor-receptor que motivam a construção e transmissão de informação exigem uma identificação precoce [ou seja, inicial] do objecto de predicação (Molnár, 1993: 178). Além de servir propósitos como o de “reidentificar”, “contrastar” ou “classificar” (Molnár, 1993: 157), a posição inicial é sobretudo associada à necessidade de *contextualizar* a informação da frase. A expressão do tópico é uma forma de contextualização mas não é a única. Também a indicação do tempo e do espaço onde decorre a acção expressa pelo verbo constituem formas de contextualização<sup>85</sup>. Aliás, foi esta função idêntica de contextualização que levou autores como Chafe (1976) a propor a existência de “tópicos verdadeiros” e “tópicos de contexto”, estes últimos expressos por intermédio de adverbiais de tempo e de lugar. Nesta linha de pensamento, Cinque (1990) atribui aos adjuntos iniciais (aos *frame adverbs*) um estatuto informacional diferente da de outros adjuntos, afirmando que estes possuem sobretudo “*background information*”. É na sequência deste pressuposto que Rizzi (1997) e Cinque (1999) situam os adverbiais iniciais em posições-TOP (adjungidos a TopP, na proposta de Rizzi, e no especificador de uma TopP, segundo Cinque). Também a proposta de Barbosa (2000 e 2001) de posicionamento dos clíticos na frase portuguesa assenta no pressuposto de que os advérbios de frase, tal como os tópicos, estão em posição de adjunção a CP ou IP, distinguindo-se claramente dos advérbios aspectuais. Segundo Barbosa (2000: 61), “*frame adverbs are topics in the sense that they introduce a point of reference with respect to which the whole clause is predicated*”. É com base na distinção entre advérbios de frase e advérbios aspectuais - entre outros argumentos discutidos - que Barbosa justifica as diferentes posições dos clíticos portugueses (a próclise e a ênclise).

---

<sup>85</sup> Daí a terminologia tradicional atribuídas a estes advérbios: “circunstanciais”.

Ora, é devido à sua função contextualizadora que uma das posições naturais de ocorrência de advérbios de tempo, de localização ou dos advérbios de frase, de valor modal, é precisamente o início da frase.

Já foi referido que esta tendência natural de realizar elementos com função contextualizadora no início da frase, no alemão, é limitada pela estrutura altamente sintactizada da frase V-2. Como vimos, esta obriga à realização de apenas um constituinte em posição inicial. Se a frase possui mais que um destes elementos, apenas um é deslocado para a periferia esquerda. O efeito V-2 força o outro elemento a ficar no campo médio da frase. Vejamos mais um exemplo:

- (206) a. E: *welche Sprache sprichst du mit Paulo und Maria?*  
(*Que língua falas com o Paulo e a Maria?*)  
L: **die erste Zeit** habe ich **mit ihnen** auch überwiegend nur Deutsch gesprochen  
*no início*  $V_{aux_{fin}}$  *eu* **com eles** *também na maioria só alemão*  $falar[V_{part}]$   
(*Com eles, no início, também falava maioritariamente só alemão.*)

No exemplo (206a) o PP “mit ihnen” (‘com eles’) tem a função de tópico da frase uma vez que retoma informação já dada na pergunta (“mit Paulo und Maria”). Este estatuto de tópico originou o movimento por *scrambling* (cf. 6.2.) do constituinte de fora da sua posição-base dentro do VP para uma posição de adjunção à sua esquerda, e mesmo à esquerda do adverbial de frequência “überwiegend” (‘maioritariamente’). No entanto, apesar de ser o tópico da frase, o constituinte permanece no campo médio, uma vez que o pré-campo está ocupado por um adverbial de tempo (‘no início’). Se, por outro lado, estipularmos a hipótese de ocorrência do tópico no início da frase, então o adverbial de tempo é obrigado a ocupar a posição que em (206a) é ocupada por “mit ihnen”. Veja-se (206b):

- b. **Mit ihnen** habe ich **die erste Zeit** auch überwiegend nur Deutsch gesprochen  
*Com eles*  $V_{aux_{fin}}$  *eu* **no início** *também maioritariamente só Alemão*  $falar[V_{part}]$

Voltando aos exemplos retirados dos registos orais dos falantes dos grupos 2 e 3, constata-se que os elementos irregularmente intrometidos no pré-campo por adjunção são de natureza contextualizadora: trata-se maioritariamente de advérbios de tempo, lugar e frequência e de advérbios modais. Este dado sugere a hipótese de que, nestes falantes, a tendência natural de realizar elementos tópicos ou de natureza contextualizadora em posição inicial de frase se sobrepõe ao impedimento sintáctico de adjunção a CP no alemão. Simultaneamente, o facto de, na maioria dos casos, o sujeito permanecer abaixo de C° quando o pré-campo está ocupado mostra uma clara

obediência à regra V-2. Por outras palavras, os falantes sob investigação parecem estar a aplicar as duas gramáticas em simultâneo: aplicam a regra V2 ao mesmo tempo que fazem a adjunção de tópicos (adverbiais ou argumentais) a uma posição não permitida no alemão. Importa então discutir se este processo proibido de adjunção é consequência de transferência interlinguística do português.

#### 6.1.4.1. Hipótese de transferência interlinguística

Como todas as línguas românicas (actuais), o português é uma língua SVO sem efeito V-2. Isto significa que o verbo não está confinado à segunda posição da frase, podendo ser precedido por vários constituintes, por exemplo pelo sujeito e um tópico deslocado ou pelo sujeito e um ou mais adverbiais.

Exemplos:

(207) a. Isso agora já não fazemos. (Flora)

b. Agora nas cidades já se vê aqueles contentores gigantes. (Flora)

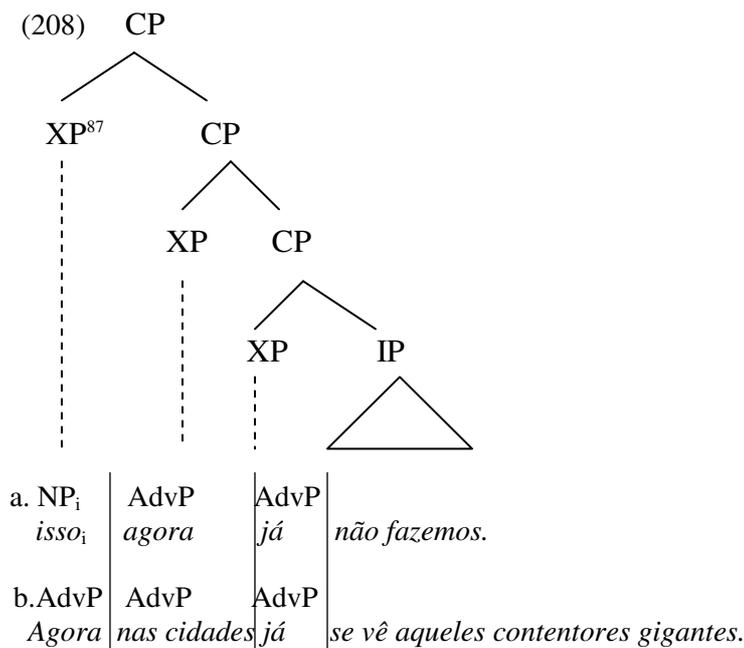
Uma visão mais tradicional, defendida, por exemplo, por Duarte (1987) e Barbosa (2000; 2001) para o português, propõe que a ocorrência de elementos prepostos seja analisada em termos de adjunção a um nó funcional. Para o inglês, autores como Baltin (1982) e Lasnik / Saito (1992) assumem a adjunção de elementos topicalizados a IP ou CP. Os defensores da concepção ‘adjungista’ atribuem aos adverbiais prepostos a mesma posição dos argumentos tópicos deslocados (cf. Aoun / Li 1993; Barbosa, 2000).

Esta visão é posta em causa por Rizzi (1997) e Cinque (1999), que propõem a existência de sintagmas funcionais (como TopP), cuja posição de especificador é ocupada por estes elementos<sup>86</sup>. No entanto, como refere Lobo (2002: 106), “the position of these elements in the left periphery is not restricted to a single position”. A análise de constituintes antepostos tem de dar conta do fenómeno de múltipla anteposição (como apresentado em (207)), o que nos casos discutidos só acontece se forem admitidos vários sintagmas funcionais da mesma natureza com capacidade recursiva (por isso, Rizzi (1997) propõe várias TopP). Neste sentido, a proposta tradicional de adjunção de tópicos parece-me ser a que responde mais adequadamente ao problema de múltipla anteposição.

Para as frases (207) podemos, portanto, assumir a estrutura (208):

---

<sup>86</sup> Na sequência de Larson (1988, *apud* Haider, 2000), Haider defende ainda uma terceira possibilidade estrutural para os advérbios: “Adverbs may be *embedded* in lexical projections.” (Haider 2000: 95).



Em síntese, a estrutura sintáctica do português permite um fenómeno não admitido no alemão: a múltipla topicalização e os “multiple backgrounded constituents” (Lobo, 2002: 106) em início de frase.

Tendo em conta este requisito, é legítimo admitir que a ocorrência de processos de adjunção a CP, observada nos registos orais em análise, seja consequência de transferência directa do português. Os dados sugerem que, nos casos observados, os falantes estejam a transferir uma regra do português no momento em que falam alemão.

No entanto, é de realçar que este processo de transferência parece afectar apenas a regra de adjunção a CP, mas não afecta toda a seriação da frase. Em muitas das frases discutidas, a deslocação de múltiplos elementos para o início da frase segue o padrão português, no entanto, a restante estrutura produzida já não segue a sintaxe da língua dominante. Verificamos esta situação nas orações em que o sujeito segue o verbo, o que não acontece no português.

Exemplos:

(209) a. aber es. da ein Mal pro Woche hatten wir/  
*mas lá uma vez por semana tínhamos nós*

b. jetzt das hab ich nicht vergessen  
*agora isso Vaux<sub>fin</sub> eu NEG esquecer[V<sub>part</sub>]*

<sup>87</sup> Fica em aberto a questão em torno da forma de realização dos advérbios, isto é, se os mesmos são gerados nesta posição de adjunção ou movidos para a CP de uma posição estrutural mais baixa. A opção defendida por Cinque (1990), segundo a qual os adjuntos iniciais são gerados em posições altas, parece ser a mais consensual, pois vai ao encontro do princípio de economia ‘Merge over Move’ de Chomsky (1993). Os argumentos recebem caso e função temática e, por isso, têm de ser gerados dentro do VP. Este requerimento no entanto não diz respeito aos adjuntos, pelo que não há necessidade estrutural de estes serem igualmente gerados em VP.

Em ambas as frases, a versão portuguesa apresenta o sujeito antes do verbo (que pode estar omitido).

A não ocorrência de transferência da ordem linear do português também se expressa no posicionamento de outros elementos como, por exemplo, o advérbio de negação. Assim, a frase (210), construída por alguns falantes no exercício de produção sintáctica, apresenta uma periferia esquerda que aparenta ser consequência de transferência da regra de adjunção do português, mas a colocação do constituinte de negação é tipicamente alemã:

(210) a. Ich manchmal finde die Worte im Deutschen nicht.  
*eu às vezes encontro as palavras no alemão não*

Em português o advérbio de negação antecede o verbo:

b. *Eu às vezes não encontro as palavras no alemão.*

#### **6.1.4.2. Tipo de erosão**

Os dados discutidos nesta parte do trabalho confluem no sentido das conclusões retiradas nos capítulos anteriores.

Em primeiro lugar é de realçar o facto de os processos de variação sintáctica aqui observados não serem indicativos de uma alteração da competência sintáctica dos falantes sob investigação.

Como no caso dos objectos e sujeitos agramaticalmente omitidos, a variação observada é expressiva em termos quantitativos. Surge nos registos dos falantes que têm um contacto reduzido com o alemão [G2 e G3], mas não ocorre no *corpus* de G1. No entanto, não parece ter influência qualitativa sobre o saber gramatical dos falantes, já que estes continuam a produzir também frases com uma distribuição correcta dos elementos pelo pré-campo e o campo médio.

Além disso, os dois testes gramaticais aos quais os participantes se submeteram mostram que os falantes que apresentam este fenómeno nos seus registos orais mantêm uma intuição gramatical bastante estável. Embora no exercício de produção sintáctica apresentem o duplo pré-campo como uma alternativa na construção das frases, quando solicitados a comparar as alternativas apresentadas, esta opção é sempre considerada menos boa do que as opções com pré-campo simples. No exercício de correcção, a grande maioria das frases com duplo pré-campo é identificada e corrigida pelos falantes. Este desempenho denota uma competência gramatical bastante estável. Por conseguinte,

a ocorrência de fenómenos de adjunção ao pré-campo nos falantes de G2 e G3 não pode ser explicada com base no pressuposto de perda de competência sintáctica. Como nos casos de variação anteriormente discutidos, a explicação deste fenómeno tem de ser procurada não ao nível da competência mas sim ao nível do controlo das línguas no momento de produção verbal.

O facto de o fenómeno de duplo pré-campo ocorrer apenas nos registos dos falantes que não mantêm contacto regular com a língua alemã atesta a importância do factor 'frequência de *input*'. Como já foi discutido nos capítulos anteriores, a falta de contacto activo com uma das suas línguas influencia o controlo que o falante bilingue tem sobre ela no momento de produção verbal, originando problemas de inibição da língua dominante. Ora, no presente caso, a dificuldade em inibir suficientemente o português faz com que o falante aplique regras de ambas as línguas, o português e o alemão, no momento de processar a frase alemã: introduz uma regra típica do português (permissão de adjunção inicial) na estrutura sintáctica do alemão.

Como vimos, esta regra, agramaticalmente introduzida no alemão, tem um forte valor discursivo. A deslocação de elementos contextualizadores para o início da oração constitui uma forma de organizar a informação na frase. Portanto, tal como no caso de omissão argumental, os problemas de processamento observados nestes falantes parecem recair sobretudo nos aspectos da língua situados entre a sintaxe e a pragmática, indo ao encontro de uma das hipóteses mais actuais do estudo de erosão linguística.

Comparando o fenómeno de duplo pré-campo com o domínio de posicionamento verbal, analisado no capítulo 4, verificamos que os falantes do grupo 2 (regresso posterior aos onze anos) não apresentam taxas significativas de desvio a V-2 e OV, no entanto, cometem erros de duplo preenchimento do pré-campo. Este facto é indicativo da diferença que existe entre o domínio do posicionamento do verbo e o domínio da organização discursiva dos elementos na frase. Como vimos, uma vez estabilizados (o que acontece por volta dos onze anos), os parâmetros de posicionamento verbal não são afectados por processos de erosão. Ao contrário, a seriação dos restantes elementos na frase parece ser um domínio bastante vulnerável a problemas de controlo e processamento, que não depende do factor 'idade'. Assim, no grupo 3, o fenómeno de duplo preenchimento do pré-campo co-ocorre com os desvios a V-2 e OV, discutidos em 4.2.1.

Nos testes sintácticos o desempenho das falantes do grupo 3 foi um pouco inferior ao desempenho dos falantes com regresso após os onze anos de idade. Este facto reforça

a ideia de que o corte precoce com a segunda língua influencia a estabilização da proficiência linguística dos falantes a todos os níveis: além de cometerem erros de posicionamento do verbo, os falantes com regresso precoce também apresentam uma intuição mais vulnerável no domínio da organização discursiva da frase.

## **6.2. Alterações no campo médio**

Após analisar o pré-campo lançaremos agora um olhar mais atento sobre a distribuição dos constituintes do campo médio da frase alemã. Num primeiro momento será definido um modelo adequado à descrição do campo médio; segue-se a apresentação dos dados recolhidos nos diferentes subgrupos e a sua discussão à luz do pressuposto de ocorrência de erosão linguística.

### **6.2.2. O campo médio alemão**

É de consenso geral que o campo médio da frase alemã se caracteriza pela liberdade de seriação dos seus constituintes, fenómeno conhecido por *scrambling*. Apesar deste consenso, muitas e muito diversas são as opiniões sobre este fenómeno, cuja denominação foi cunhada por Ross (1967) para descrever a alteração da ordem dos constituintes no segmento compreendido entre a fronteira verbal esquerda (posição do verbo em V-2 ou do complementador) e a fronteira direita (correspondente à posição final do verbo ou constituintes afins). As divergências no seio dos linguistas germânicos estão sobretudo relacionadas com o tipo de movimento que envolve *scrambling*, os constituintes que podem submeter-se a este movimento e as suas motivações.

A opcionalidade inerente a este processo levou autores como Ross (1967) e mesmo Chomsky (1995) a retirar-lhe natureza gramatical para o considerar apenas um processo estilístico, pois, segundo o “Programa Minimalista”, apenas os movimentos por necessidade funcional (por exemplo para verificação de caso) são considerados de natureza gramatical. A explicação de fenómenos discursivo-informacionais (a este tipo pertence *scrambling* como veremos adiante) é relegada para a interface entre a gramática e a cognição.

Quanto ao tipo de movimento envolvido em operações de *scrambling*, as explicações vão desde a possibilidade de fazer equivaler o processo a movimentos-A, isto é, a um movimento por substituição de um NP para uma posição Spec, passando pela sua definição enquanto movimento por adjunção, até mesmo à contestação ao facto de ocorrer movimento dos constituintes (c.f. Rosengren, 1994, para uma visão geral).

Esta última tese é, por exemplo, defendida nos trabalhos de Fanselow (1993, 2001), segundo o qual todas as sequências dentro do campo médio são geradas na base pela operação *merge*. Não obstante a rejeição de ocorrência de movimento dos constituintes, o modelo de *base generators* (Fanselow, 1993), parte, tal como o de *scrambling por movimento*, da pressuposição de que existe uma **ordem normal** do campo médio e que as sequências alteradas (ou por movimento ou geradas por *merge*) levam a um campo médio com ordem de palavras **marcada**. Antes de passar à descrição desta sequência normal ou não marcada e analisar as possíveis alterações a essa ordem, convém, neste momento, definir a perspectiva que neste trabalho será adoptada em relação ao fenómeno *scrambling*.

Na sequência de Rosengren (1994), Haider (2002a) e Rosengren/Haider (2003) ou Buring (1994), parto do pressuposto de que as alterações da ordem canónica do campo médio alemão derivam do movimento dos seus constituintes da sua posição básica para outras posições. Com este pressuposto relacionam-se as seguintes implicações, que assumo com esses autores, sem as discutir pormenorizadamente por não constituírem o tema central desta trabalho:

I- *Scrambling* é movimento por adjunção (“daß Scrambling Adjunktion ist”, Rosengren, 1994: 180). Tal como outros tipos de movimento, *scrambling* deixa uma cópia (um vestígio) na posição básica do constituinte movido (no sentido de Chomsky, 1981).

II- *Scrambling* de argumentos ocorre dentro do VP (“In German, scrambling is found within VPs”, Haider, 2002: 7) e restringe-se a projecções lexicais. Todas as projecções de possível ocorrência dentro do sintagma verbal podem submeter-se a *scrambling* (sujeito, objecto directo, objecto indirecto, objecto preposicional, objecto genitivo, complemento adverbial, complemento adjectival). A possibilidade de *scrambling* também afectar os adjuntos (adverbiais ou preposicionais) é controversa, já que só pode ser admitida se - tal como em relação aos argumentos - forem postuladas posições básicas dos advérbios. Por isso, com Frey/Pittner (1998), assumo que os adjuntos adverbiais são gerados em posições fixas do campo médio, de acordo com a sua natureza semântica, e movidos por *scrambling* para outras posições por motivações idênticas às dos argumentos.

III- Se *scrambling* se restringe a categorias lexicais e exclui o movimento destas para projecções funcionais, este fenómeno distingue-se claramente de processos sintácticos como os movimentos-Q ou a elevação do sujeito para SpecIP (ou

SpecAgrSP) para verificação de caso. Por isso, “syntactically, scrambling is truly optional” (Haider/ Rosengren, 2003: 205) e a sequência derivada nunca é agramatical.

IV- A finalidade de *scrambling* é de natureza pragmático-discursiva. Isto é, “scrambeln tun wir, um die Hierarchie zu ändern und damit ganz bestimmte informationsstrukturelle und semantische Effekte zu erzielen” (Rosengren, 1994: 182). O movimento de um constituinte da sua posição básica pode, portanto, ocorrer com o objectivo de retirar esse constituinte do domínio de foco, quando ele corresponde a informação já conhecida na situação discursiva (ou seja, quando é tópico).

Convém reter esta asserção por vir a constituir uma ideia crucial na análise e interpretação do *corpus*: *a alteração à ordem canónica do campo médio não resulta em estruturas agramaticais, mas, por ser motivada semântica e pragmaticamente, pode resultar em estruturas discursivas infelizes ou inaceitáveis num determinado contexto.* “Deviance is pragmatic only.” (Haider/ Rosengren, 2003: 204)

#### **6.2.1.1. Alemão - língua SOV**

Qualquer tentativa de definição de uma sequência canónica da frase alemã (ou mais correctamente das sequências canónicas, no plural, como veremos mais adiante) pressupõe incontornavelmente que se comece por situar o alemão no quadro de tipologia de línguas baseado na sequência dos seus constituintes básicos (sujeito, objecto e verbo), delimitado desde Greenberg (1963) aos três tipos de língua mais comuns: VSO, SVO e SOV.

As gramáticas descritivas do alemão apoiam-se na posição do verbo finito para o considerarem uma língua de ordem predominantemente SVO, com variante SOV em orações encaixadas. Nesta perspectiva é atribuída à frase declarativa – estrutura V-2, onde o verbo finito está na segunda posição da frase – o valor não marcado da ordem dos elemento.

Com a difusão da gramática generativa, sobretudo da “Teoria da Regência e Ligação” (Chomsky, 1981), foi-se também generalizando a opinião de que a ordem básica do alemão é SOV. Deste ponto de vista, as estruturas V-2, nas quais o verbo surge em segunda posição, são construções de superfície, derivadas da estrutura profunda onde a posição do verbo é final.

### 6.2.1.2. A posição dos complementos

Segundo a Teoria dos Princípios e Parâmetros, a variação entre as línguas naturais reside na diferente parametrização dos princípios gerais, comuns a todas as línguas (a Gramática Universal). Um dos parâmetros que distingue as línguas refere-se, nesta linha de pensamento, à relação núcleo-complemento, caracterizada pela sua direcção de licenciamento. Assim, as línguas SOV, como o alemão, o japonês e o turco, possuem categorias com posição-final do seu núcleo, que conseqüentemente licencia os seus complementos para a esquerda:

In OV languages, with the licensing direction to the left, specifiers and complements precede their respective sister node, that is, the node on the projection line of the head of the projection.” (Haider, 2000a: 2)

A este tipo de categorias pertencem, no alemão, o sintagma verbal (e as projecções funcionais para onde o verbo se movimenta – IP ou TP, AgrSP, AgrOP em Split-IP) e o sintagma adjectival. Curiosamente, *scrambling* só ocorre dentro destas categorias, o que levou autores como Haider a generalizar que “scrambling is conditioned by the headedness property (head final). Hence a language with mixed headedness (e.g. German) does not scramble in head-initial projections (NP, PP), but only in head-final ones (VP, AP)” (Haider, 2002a: 77).

Assumindo que a posição básica de V° é final e que o núcleo verbal licencia o(s) seu(s) complemento(s) para a esquerda, vários autores tentaram definir uma seriação canónica para os constituintes subcategorizados pelo verbo. Num trabalho de referência, Lenerz (1977) estipula, por exemplo, que DAT > ACU é a ordem não marcada do campo médio alemão. Seguindo este preceito e atestando uma relação sintáctica e semântica mais estreita entre verbo e complemento preposicional do que entre verbo e complemento nominal acusativo ou dativo, vários autores apresentam a seguinte sequência como sendo a normal / não marcada:

**Sujeito > Objecto Indirecto > Objecto Directo > Objecto Preposicional > Verbo**  
(ver p.ex. Büring 1994)

No entanto, estas tentativas de definição de *uma* ordem normal são falaciosas por desconsiderarem o facto de a sequência sintáctica dos argumentos espelhar a hierarquia tética do léxico e estar, por isso, dependente da semântica do verbo (ou de classes verbais). Cada classe de núcleo verbal tem a sua própria estrutura-A, pelo que o mais correcto é falar-se não de uma mas de *várias* ordens básicas da frase. Uma dada ordem

pode ser a sequência argumental não marcada de um determinado verbo e ser o resultado de *scrambling* em outro tipo de núcleo verbal. Repare-se no seguinte contraste (extraído de Haider, 2002a):

Verbos: anvertrauen, verbieten, zeigen      **Ordem básica: NOM > DAT > ACU**  
*confiar      proibir      mostrar*

aussetzen, unterordnen, zuschreiben      **Ordem básica: NOM > ACU > DAT**  
*expor      subordinar      atribuir*

Resumindo as ideias: se a ordem básica “reflects the order in which the arguments are discharged into the syntactic structure” (Haider, 2002a: 19) e a direcção de licenciamento do VP alemão é para a esquerda, o argumento semanticamente mais próximo do verbo (o primeiro a ser integrado no significado da frase) é o que se encontra adjacente à esquerda do verbo. Este é simultaneamente o mais encaixado na estrutura arbórea da oração. O último argumento a ser descarregado do léxico para a estrutura sintáctica é o que se situa em posição mais elevada (e mais à esquerda) no esqueleto frásico.

O contraste entre o alemão e o português (respectivamente línguas SOV e SVO) vem ilustrar esta característica:

- (211) a. Ich denke, dass Hans Maria das Bild gezeigt hat.  
*eu penso, que Hans Maria<sup>DAT</sup> o quadro<sup>ACU</sup> mostrar[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>]*
- b. Eu penso que o Hans tenha mostrado o quadro à Maria.

A hierarquia tética do verbo português ‘mostrar’ é idêntica à do verbo alemão ‘zeigen’: o argumento acusativo é o mais próximo do verbo e, por isso, o primeiro a ser inserido na estrutura sintáctica da frase, seguido do argumento dativo (respectivamente o objecto directo e o objecto indirecto). Ora, no português, língua SVO, com parâmetro de linearização [<sub>x'</sub> Spec X'], a projecção verbal é de núcleo inicial e licencia os seus complementos para a direita. Isto significa que o primeiro argumento a ser inserido na estrutura frásica, o acusativo / objecto directo, se encontra imediatamente à direita do núcleo verbal e este, por sua vez, é seguido do dativo / objecto indirecto.

- (212) Eu penso [<sub>CP</sub> que [<sub>IP</sub> o Hans<sub>i</sub> tenha mostrado<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>j</sub> o quadro à Maria]]]

O alemão, tendo um VP de núcleo final, apresenta portanto a sequência argumental inversa:

- (213) Ich denke [<sub>CP</sub> dass [<sub>IP</sub> Hans<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> Maria das Bild gezeigt hat]]]

Esta ordem básica também não se altera quando a frase é declarativa e apresenta o verbo na segunda posição, o que parece ser um argumento forte a favor da tese SOV:

(214) [<sub>CP</sub> Hans<sub>i</sub> zeigt<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> Maria das Bild t<sub>j</sub>]]]

Sendo assim, mesmo em frases V-2, a ordem básica dos argumentos continua a respeitar a direcção de licenciamento dos complementos de V-final. A segunda posição do verbo só pode, por isso, ser fruto de movimento do verbo para fora da sua posição original.

### 6.2.1.3. A posição dos adjuntos

Se a definição de posições básicas dos argumentos dentro do VP parece ser pouco problemática, o mesmo não acontece em relação aos adjuntos. A questão do seu posicionamento na estrutura sintáctica da frase é controversa e os modelos propostos para sua resolução são bem diferentes. Basicamente, é possível distinguir duas propostas situadas em pólos opostos. Por um lado, é defendido que os adjuntos são gerados livremente em posições adjuntas a VP ou a projecções funcionais (Haider, 2000b; Ernst, 2002), sendo as restrições do seu posicionamento apenas de natureza semântica. Num pólo oposto, autores como Cinque (1999) impõem condições de posicionamento sintacticamente bem definidas ao considerarem que os advérbios são gerados no especificador de projecções funcionais próprias. A cada tipo de adjunto corresponde assim uma projecção funcional (cujo núcleo está vazio).

O modelo que me parece mais adequado para o alemão é sugerido por Frey/Pittner (1998) e Frey (2003). Os autores conciliam os dois modelos apresentados ao aliarem as condições sintácticas aos condicionalismos semânticos dos adjuntos. Definem um número restrito de classes de adjuntos, que são gerados em posições fixas da estrutura sintáctica. Às diferenciações semânticas existentes dentro destas classes, correspondentes a diferentes tipos de adjuntos, a sintaxe já não é sensível, deixando-lhes alguma liberdade de posicionamento. Se existem posições fixas dos adjuntos e a liberdade de seriação dos constituintes do campo médio alemão também incluir os adverbiais, então não é de admirar que este modelo admita *scrambling* de adjuntos.

Para os nossos propósitos convém reter, neste momento, que, sendo o alemão uma língua SOV, os adjuntos adverbiais posicionam-se de modo geral na periferia esquerda do sintagma verbal, precedendo os complementos de V°. Os únicos adjuntos que

seguem o objecto são os adverbiais de modo, uma vez que caracterizam directamente o processo expresso pelo verbo e por isso estão adjungidos a V'.

#### 6.2.1.4. A ordem básica dos constituintes

Com o pressuposto da existência de posições canónicas dos constituintes do campo médio foram desenvolvidos alguns testes para verificar a ordem normal da frase. Entre os seis testes mais comuns (resumidamente apresentados e experimentados em Frey/Pittner (1998) e parcialmente em Haider (1993 e 2002a)), socorrer-me-ei sobretudo do mais divulgado e que me parece o mais convincente: a ‘ projecção de foco’, desenvolvido para o alemão em Höhle (1982) e seguido na maioria dos trabalhos sobre a ordem das palavras no campo médio alemão.

Segundo Höhle (1982), a ordem canónica dos constituintes do campo médio distingue-se das outras seriações possíveis pelo seu ‘potencial de foco’ (*Fokuspotential*), pois a projecção máxima de foco só é alcançada quando os constituintes estão nas suas posições de origem. Qualquer alteração à sequência básica (por *scrambling*) leva a restrições de foco. Höhle faz corresponder à ordem “normal” da frase uma acentuação “normal” (aspas no original). Quando os constituintes da frase estão dispostos canonicamente e a acentuação da frase é “normal”, isto é, recai sobre o constituinte mais próximo do verbo (ou o mais encaixado na estrutura sintáctica como formulou Cinque, 1993), então toda a frase é focalizada e é alcançada projecção máxima de foco. Isto significa, por sua vez, que na estrutura de informação não é dado realce especial a nenhum constituinte específico, nem existe no campo médio a demarcação de constituintes correspondentes a informação já conhecida (tópicos). Podemos dizer que a frase é pragmaticamente “maximal unspezifiziert” (Haider, 1993: 210). Geralmente este tipo de frase pode ocorrer enquanto resposta a uma pergunta como “o que aconteceu?” ou “o que se passa?”.

Vejamos os seguintes exemplos:

- (215) a. (ich war neun Monate alt) als ich mit meinen Eltern nach Deutschland  
(*Eu tinha nove meses*) quando eu com os meus pais para a Alemanha  
gefahren bin. (Célia)  
*ir*[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>].  
(*Eu tinha nove meses quando fui para a Alemanha com os meus pais.*)
- b. Man geht in Deutschland in den Zoo. (Nádia)  
PRON vai na Alemanha ao jardim zoológico.  
(*Na Alemanha vai-se ao jardim zoológico.*)

Tanto em (215a) como em (215b), os complementos de V° (os PPs “nach Deutschland” e “in den Zoo”) encontram-se nas suas posições básicas, precedendo V° e são por sua vez precedidos por adjuntos adverbiais (os PPs “com os meus pais” e “na Alemanha”). Com a acentuação normal, a projecção de foco alcança todo o campo médio.

Se, no entanto, o acento frásico cair sobre um outro elemento que não o mais próximo do verbo / o mais encaixado, deixa de existir projecção máxima de foco, passando-se a focalizar apenas o constituinte acentuado. Por conseguinte, apenas o constituinte focalizado corresponde a informação nova. A frase só pode ocorrer num contexto discursivo em que apenas essa informação é pedida (é desconhecida).

Assim, se nos exemplos (215a/b) a acentuação recair sobre os adjuntos “mit meinen Eltern” / “in Deutschland”, a projecção do foco é restringida a esses constituintes e a frase cinge-se a contextos discursivos em que apenas o constituinte focalizado é informação nova. Na frase (215c), por exemplo, o constituinte “in Deutschland” pode funcionar como informação que contrasta (*Kontrastfokus*) com informação já dada, pressuposta ou que será dada de seguida:

- c. Man geht in DEUTSCHland in den Zoo. In PORTugal geht man an den Strand.  
 PRON vai na AleMANHa ao zoo em PortuGAL vai PRON à praia  
 Na AleMANHa vai-se ao jardim zoológico. Em PortuGAL vai-se à praia.

A restrição da projecção de foco também se dá quando ocorre *scrambling*, isto é, quando os constituintes são movidos para fora das suas posições básicas. Neste caso, a acentuação do constituinte mais próximo do verbo já não leva a um domínio de foco tão abrangente como na ordem normal. Também aqui, apenas o constituinte acentuado é o foco da frase.

- d. (...) als ich nach Deutschland mit meinen Eltern gefahren bin.  
 (...) quando eu para a Alemanha com os meus pais ir [V<sub>part</sub> + V<sub>aux-fin</sub>].
- e. Man geht in den Zoo in Deutschland.  
 PRON vai ao zoo na Alemanha

Assim, uma frase como (215d) corresponde sempre a uma ordem marcada do campo médio. Se a acentuação recai no sintagma preposicional “mit meinem Eltern”, o potencial de foco restringe-se a este constituinte, dando ao complemento o estatuto de informação já conhecida (tópico). O contexto discursivo em que a expressão poderá ocorrer é restrito (sabe-se / é pressuposto que tenha ido para a Alemanha, mas não é conhecido que tenha ido em companhia dos pais). O mesmo sucede se for acentuado o

complemento “nach Deutschland”, o que parece tornar a frase ainda mais marcada, uma vez que a restrição do foco de informação ao PP-complemento movido confere ao adjunto “mit meinen Eltern” a função de tópico (informação já dada no contexto discursivo). No entanto, a posição natural do tópico é antes do foco, numa posição mais à esquerda da frase.

#### **6.2.1.5. Alteração da ordem básica**

Como vimos, mesmo postulando que existe uma ordem básica do campo médio alemão, com diferentes possibilidades de derivação dessa ordem, a diferença entre a sequência básica e a derivada só pode ser explicada com recurso ao domínio pragmático, isto é, à estrutura de informação da frase. Por outras palavras, a nível gramatical, as diferentes possibilidades de seriação dos constituintes equivalem-se, mas distinguem-se quanto ao modo como a informação está distribuída na frase. Isto significa que os factores sintácticos que determinam a ordem das palavras são indissociáveis de factores de natureza discursiva. Por isso, a generalidade dos autores que estudam a natureza do campo médio alemão propõe a adopção de um modelo que combine ‘gramática’ com ‘pragmática’ (Abraham, 1986; Büring, 1994; Haider, 2002; Lenerz, 1977; Rosengren, 1986; Steube/Späth, 2002), partindo do pressuposto de que a competência sintáctica do falante está aliada ao conhecimento pragmático.

Os trabalhos de Chomsky constituem o melhor exemplo da necessidade de reconhecimento da existência de uma ‘competência pragmática’, que o falante nativo possui paralelamente à sua ‘competência gramatical’. Distinguindo inicialmente apenas entre *competence* e *performance*, Chomsky define, nos primeiros textos que publica, que o objecto de estudo da teoria linguística é, em primeira linha, um falante-ouvinte idealizado, o qual vive numa comunidade linguística homogénea e conhece a sua língua em perfeição. Mesmo quando aplicado a situações de comunicação concretas, este conhecimento não é afectado por condicionalismos (menos relevantes) como memória limitada, distração, falta de atenção ou interesse ou erros (casuais ou típicos) (Chomsky, 1971: 13). O saber linguístico que o falante idealizado possui intuitivamente é a sua competência. Esta competência linguística, adquirida naturalmente no processo de aquisição da língua materna, é constituída por regras e princípios, representados mentalmente, que lhe permitem construir um número infinito de expressões com base num inventário limitado de elementos (sons, palavras). À competência é então contraposta a *performance*, entendida como a utilização da língua em situações de

comunicação concretas, na qual influem factores extralinguísticos. (Chomsky, 1971: 14) Inicialmente Chomsky distingue, portanto, apenas entre a capacidade de construir e entender frases e o uso concreto desta competência no acto comunicativo, não se afastando muito da dicotomia saussuriana *langue – parole*.

No entanto, o falante possuiu uma outra capacidade, não mencionada nestas reflexões chomskianas iniciais, que se situa entre os conceitos de competência e *performance*. O falante nativo conhece as regras linguísticas, isto é, sabe construir frases gramaticalmente correctas, mas também sabe utilizá-las adequadamente de acordo com o seu contexto discursivo. Ou seja, a competência do falante inclui o conhecimento sobre a utilização (discursivamente) adequada de frases correctamente construídas. Este conhecimento deve pertencer ao domínio da competência do falante porque também se rege por um sistema de regras. Ao conceito de competência de Chomsky foi então contraposto o conceito da “competência comunicativa” de Habermas (1971) e Hymes (1972).

Chomsky reconhece que, para se apresentar mais completa, deva ser acrescentada uma teoria do uso linguístico à teoria do conhecimento da língua, passando a distinguir entre ‘competência gramática’ e ‘competência pragmática’:

It makes sense, I think, to analyze the mental state of knowing a language into further components, in particular, to distinguish what is sometimes called «grammatical competence» from «pragmatic competence» [...]. By «grammatical competence» I mean the cognitive state that encompasses all those aspects of form and meaning and their relation, including underlying structures that enter into that relation, which are properly assigned to the specific subsystem of the human mind that relates representations of form and meaning. [...] «Pragmatic competence» underlies the ability to use such knowledge along with the conceptual system to achieve certain ends or purposes. It might be that pragmatic competence is characterized by a certain system of constitutive rules represented in the mind, as has been suggested in a number of studies. (Comsky 1980: 59)

No entanto, Chomsky relegou para outros a preocupação em descrever mais pormenorizadamente o que deve ser entendido por competência pragmática. Neste contexto, Kasher (1991) parte do conceito chomskyano da ‘Gramática Universal’ para estabelecer um sistema pragmático com as mesmas características: a competência pragmática do falante nativo corresponde a um sistema de regras (que regulam a adequação das expressões no contexto em que são proferidas). Este sistema é inato, isto é, existe um estado original da competência pragmática, que se desenvolve em condições análogas à da competência gramatical (através do *input* recebido pela

comunidade linguística a que o falante pertence). Assim, a criatividade do falante é determinada por regras das competências gramatical e pragmática.

Nesta linha de pensamento, a competência pragmática é entendida como a capacidade de utilizar frases correctamente construídas (com base na competência gramatical) de acordo com a situação discursiva em que são proferidas.

Como já foi referenciado, na frase alemã, o movimento dos constituintes do campo médio por *scrambling* ocorre por necessidade de satisfazer as categorias pragmáticas (por exemplo, ‘tópico’ e ‘comentário’), que, por sua vez, reflectem a situação discursiva em que a frase é pronunciada.

Seguindo algumas ideias clássicas sobre o comportamento das categorias pragmáticas, é possível formular um princípio geral que parece ser válido em muitas línguas:

- (216) Geralmente o **tópico antecede o comentário** (a informação conhecida precede a informação nova): Tópico > Comentário (p.ex. Lenerz, 1977)

Isto significa que o tópico ocupa uma posição mais à esquerda na frase e o comentário (e o foco) uma posição mais à direita. Deste princípio derivam outras generalizações como a de que os sujeitos tendem a ser tópicos e os objectos tendem a ser foco (Costa, 1998: 148) o que, por sua vez, é explicado com a tendência natural para o foco recair sobre o constituinte mais encaixado da frase (Cinque, 1993), que canonicamente é o objecto.

Com base no princípio formulado em (216) são explicados fenómenos sintácticos como a deslocação para a periferia esquerda da frase de constituintes topicalizados (fenómeno discutido em 6.1.) e, no caso concreto em análise, o movimento por *scrambling* dos constituintes do campo médio alemão.

Retomemos o exemplo (215a) aqui repetido como (217a):

- (217) a. (ich war neun Monate alt) als ich nach Deutschland mit meinen Eltern  
(Eu tinha nove meses) quando eu para a Alemanha com os meus pais  
gefahren bin.  
ir[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>].  
(Eu tinha nove meses quando fui com os meus pais para a Alemanha.)

Como vimos, na ordem básica da frase (na estrutura profunda), o complemento “nach Deutschland” antecede o verbo final e é precedido pelo adjunto. Na frase (217a), a ordem é derivada pelo movimento do objecto para a posição anterior ao adjunto, o que se representa em (217b).

(217) b. [<sub>CP</sub> als [<sub>IP</sub> ich [<sub>SV</sub> nach Deutschland<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>PP</sub> mit meinen Eltern] [<sub>SV</sub> t<sub>i</sub> gefahren t<sub>j</sub>]]] bin<sub>j</sub>]]

O movimento do objecto da sua posição base para uma posição antecedente à do adjunto provoca dois efeitos: o objecto, ao mover-se para a esquerda, vai para uma posição de tópico e relega para o adjunto, que passa a ser o constituinte mais à direita (exceptuando-se o verbo), o estatuto de foco. A frase é, por isso, adequada a um contexto discursivo em que a companhia (“mit meinen Eltern”) é a informação nova ou realçada em relação às outras informações da frase.

### 6.2.3. Os fenómenos observados nos registos dos falantes bilingues regressados

Tendo como ponto de partida as ideias acima apresentadas sobre os fenómenos do campo médio alemão, proponho agora analisar o desempenho linguístico dos falantes bilingues em relação a estes fenómenos.

#### 6.2.2.1. Quantificação

Para efeitos de análise são consideradas todas as frases que apresentam um campo médio complexo, isto é, um VP com pelo menos um complemento e/ou pelo menos um adjunto, perfazendo pelo menos dois constituintes. O sujeito não é considerado.

Exemplos:

(218) a. 

mein Vater ist	zuerst	nach Deutschland	gegangen	(Nádia)
<i>meu pai</i> V <sub>aux-fin</sub>	<i>primeiro</i>	<i>para a Alemanha</i>	<i>ir</i> [V <sub>part</sub> ]	
1	2			

  
*(Primeiro foi o meu pai para a Alemanha.)*

b. 

und bin	in Portugal	jetzt		(Sílvia)
<i>e estou</i>	<i>em Portugal</i>	<i>agora.</i>		
1	2			

A contagem abrange tanto orações encaixadas como orações-raiz:

(219) a. 

dass man	daheim	kein Deutsch	gesprochen hat	(Célia)
<i>que PRON</i>	<i>em casa</i>	NEG <i>alemão</i>	<i>falar</i> [V <sub>part</sub> + V <sub>aux-fin</sub> ]	
1	2			

  
*(...que em casa não se falava alemão.)*

b. 

ich wäre	wahrscheinlich	in Deutschland	geblieben	(Nádia)
<i>eu teria</i>	<i>provavelmente</i>	<i>na Alemanha</i>	<i>ficado.</i>	
1	2			

  
*(Provavelmente eu teria ficado na Alemanha.)*

Excluiu-se da contagem todos os constituintes que foram movidos da sua posição-base para o pré- ou o pós-campo, deixando o campo médio com apenas um constituinte:

(220) a. (sie) müssen | an den Banken | zahlen, **jeden Monat** (Ilda)  
 (eles) têm | aos bancos | pagar **todos os meses.**  
 1  
 (Têm de pagar aos bancos todos os meses.)

b. **heute** rede ich | mit ihr | (Catarina)  
**hoje** falo eu | com ela |  
 1  
 (Hoje falo com ela.)

Mais problemática é a definição de frases V-2 sem preenchimento da fronteira verbal direita, isto é, cujo verbo finito se moveu para a segunda posição da frase, não deixando nenhum elemento em posição final que possa funcionar como fronteira para o pós-campo. Veja-se o exemplo em (221):

(221) a. die Mütter bleiben **zu Hause meistens** (Paula)  
 as mães ficam **em casa normalmente**  
 (Normalmente as mães que ficam em casa.)

A frase (221a) poderá ser interpretada de duas formas distintas quanto à posição sintáctica do advérbio “meistens”. Por um lado, podemos considerá-la como pertencente ao campo médio. Neste caso parece ter ocorrido *scrambling* do argumento verbal “zu Hause” para antes do adjunto “meistens”. O verbo “bleiben” moveu-se da sua posição-base final para C°. A esta interpretação corresponde a representação em b.:

b. [<sub>CP</sub> Die Mütter<sub>i</sub> bleiben<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> zu Hause<sub>k</sub>] [<sub>VP</sub> meistens] [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>k</sub> t<sub>j</sub>]]

Numa oração encaixada, com o verbo *in situ*, a ordem seria a seguinte:

c. dass die Mütter zu Hause meistens bleiben.

Por outro lado, poderíamos interpretar “meistens” como deslocado à direita, preenchendo o pós-campo, posição à direita de V°. A esta interpretação corresponde a representação em d.:

d. [<sub>CP</sub> Die Mütter<sub>i</sub> bleiben<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub>] [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> zu Hause<sub>k</sub> t<sub>j</sub>] [<sub>VP</sub> meistens]<sub>i</sub>]

Nesta interpretação, o campo médio deixa de ser complexo, visto apenas conter o complemento “zu Hause”. O adjunto, ao mover-se para a direita do parêntesis direito, deixa de pertencer ao campo médio, como se verifica numa oração com o verbo *in situ*:

e. dass die Mütter zu Hause bleiben meistens.

Portanto, na análise dos fenômenos ocorridos nos registros dos falantes bilingues sob investigação, apenas frases com a primeira interpretação poderão ser tidas em conta. O fenômeno de deslocamento de constituintes para o pós-campo também assume relevância no conjunto de variações sintáticas observadas no *corpus*. Como veremos mais adiante, este fenômeno é indissociável dos processos de *scrambling* aqui descritos. Porém, numa tentativa de descrever estes fenômenos separadamente e interligá-los apenas mais tarde, convém distingui-los neste momento. Sendo impossível optar por uma das duas interpretações acima apresentadas tendo em conta apenas o plano sintático, é indispensável recorrer ao critério da prosódia para distinguir estas frases. Assim, em frases V-2 sem parêntesis direito, os constituintes em posição final de frase serão interpretados como pertencentes ao pós-campo quando se verifica uma pausa entre este constituinte o seu precedente. Nos casos de enunciação sem pausa, a frase entra na contabilidade como apresentando um campo médio complexo.

Partindo do pressuposto básico de que existe uma ordem normal no campo médio da frase alemã (cf. 6.2.1.4.) e de que essa ordem pode ser alterada por razões discursivas, foram contabilizadas todas as frases com campo médio complexo, distinguindo aquelas em que o campo médio apresenta:

tipo 1: a ordem canônica (doravante ‘Ordem Normal’).

tipo 2: *scrambling* por razões pragmáticas ou semânticas evidentes (doravante ‘Scrambling Motivado’).

tipo 3: uma alteração da ordem dos constituintes sem motivação discursiva evidente (doravante ‘Ordem Invertida’).

De acordo com a linha de pensamento desenvolvida em 6.2.1., o alemão é uma língua de núcleo verbal final, com parâmetro de linearização para a esquerda. Assim sendo, os argumentos mais próximos do verbo são os primeiros a serem descarregados do léxico para a estrutura sintática da frase, situando-se adjacentes à esquerda de V°. Os adjuntos adverbiais situam-se, de modo geral, na periferia esquerda do VP, isto é, à esquerda dos complementos verbais.

Tendo em conta a estrutura argumental dos verbos e a posição dos adjuntos adverbiais relativamente aos argumentos, são contabilizadas como pertencendo ao tipo 1 (‘Ordem Normal’) todas as frases do *corpus* que apresentam os constituintes do

campo médio nas suas posições básicas (não considerando o movimento para pré- e pós-campo).

Exemplos:

- (222) a. und dann haben sie ihm die ganzen Extrastunden nicht bezahlt (Luísa)  
*e depois Vaux<sub>fin</sub> eles lhe<sup>Dat</sup> todas as horas extra<sup>Acu</sup> não pagar[V<sub>part</sub>]*  
(*E depois não lhe pagaram nenhuma hora extra.*)
- b. werde jetzt im September 23 Jahre alt. (Paula)  
*faço agora em Setembro 23 anos.*  
(*Faço 23 anos agora em Setembro.*)
- c. habe 12 Jahre lang in der Schweiz gelebt. (Paula)  
*Vaux<sub>fin</sub> durante 12 anos na Suíça viver[V<sub>part</sub>]*  
(*Vivi na Suíça durante 12 anos.*)

Em (222a), o VP possui dois complementos verbais, cuja ordem reflecte a estrutura argumental do verbo: DAT » ACU. O argumento acusativo, por ser o mais próximo do verbo, é o primeiro a ser inserido na estrutura sintáctica da frase e encontra-se adjacente à esquerda de V°. O argumento dativo precede o primeiro argumento.

Nas frases (222b/c), o campo médio é constituído por um adjunto adverbial - de tempo (“jetzt im September”) e de duração (“12 Jahre lang”) - e um complemento verbal – predicativo (“23 Jahre alt”) e locativo (“in der Schweiz”). De acordo com a descrição sintáctica que foi apresentada em 6.2.1.2 e 6.2.1.3, o complemento está situado dentro do VP, adjacente à esquerda do núcleo verbal (que, uma vez que o verbo se moveu para C°, na primeira frase está vazio e na segunda está preenchido pela forma verbal não finita “gelebt”). O adjunto adverbial, de tempo e de duração, respectivamente, encontra-se adjungido à esquerda de VP.

Embora seja possível definir uma ordem básica dos constituintes do campo médio, em termos sintácticos, o desvio a essa ordem é tão gramatical como a sua seriação canónica. Como vimos, esse desvio é motivado pela necessidade do falante em organizar a informação produzida, inserindo-a no contexto em que surge. Seguindo este raciocínio, *scrambling* não é arbitral, pois é pragmaticamente motivado, ou seja, o falante altera a ordem básica por necessidade discursiva. Assim, todas as frases dos *corpora* analisados que apresentam um campo médio com ordem alterada, sendo essa alteração motivada por factores identificáveis no contexto em que surge, são contabilizadas como pertencendo ao tipo 2 (‘Scrambling Motivado’).

Exemplos:

(223) a. Entrevistador: und du wohnst nicht hier in Braga[?] (Patrícia)  
*(E tu não moras aqui em Braga?)*

Patrícia: nein nein ich hab | es | letztes Jahr | versucht [...]  
*não não eu Vaux<sub>fin</sub> o | no ano passado | tentar[V<sub>part</sub>]*  
*(Não, não, eu tentei(-o) no ano passado.)*

b. *Falante aponta para a imagem de uma paisagem:*

in Portugal habe ich | so was | noch nie | gesehen (Nádia)  
*em Portugal Vaux<sub>fin</sub> eu | algo assim | nunca | ver[V<sub>part</sub>]*  
*(Em Portugal nunca vi nada disso.)*

Nos exemplos (223a/b), os complementos verbais “es” e “so was”, respectivamente, moveram-se para fora do VP, antecedendo o adjunto adverbial (“letztes Jahr”/“noch nie”), uma vez que têm o estatuto de tópico, pois remetem para informação já dada no contexto (em a. o facto de morar em Braga e em b. a paisagem da fotografia), facto também expresso pelo uso pronominal. A informação nova da frase, o foco, é a informação temporal: o facto de ter tentado viver em Braga *no ano passado* / de *nunca* ter visto tal paisagem em Portugal.

Resta definir as frases do tipo 3 (‘Ordem Invertida’). Este grupo abrange todas as frases cujo campo médio apresenta a ordem dos seus constituintes invertida, sem que no entanto existam motivações pragmáticas evidentes para essa alteração, isto é, frases que apresentam movimento dos constituintes no campo médio sem que o contexto em que se inserem exija tal movimento. Por exemplo, sempre que o complemento verbal se move para fora do VP, deixando o adjunto adverbial em posição de foco, sem que o complemento tenha estatuto de tópico ou sem que haja necessidade de focalizar o adjunto.

Exemplificando, a seguinte frase foi retirada de uma sequência discursiva em que a falante bilingue está a falar dos seus hábitos de utilização das duas línguas na Suíça. Neste contexto surge a informação de que teve aulas de português uma vez por semana.

(224) (das hab ich nur zu Hause gesprochen) und hab **Portugiesischunterricht**  
*e Vaux<sub>fin</sub> aulas de português* (Paula)  
**einmal pro Woche** gehabt.  
*uma vez por semana ter[V<sub>part</sub>]*  
*(Isso só falava em casa e tinha aulas de português uma vez por semana.)*

Na segunda oração coordenada da frase (224) toda a informação dada é nova. Não é dado especial relevo a um dos constituintes, nem existe nenhum constituinte com estatuto de tópico (as aulas de português ainda não tinham sido referidas). Como toda a informação é nova, o foco da frase deveria ser abrangente, isto é, deveria recair sobre todos os constituintes do campo médio, o que, como demonstrado em 6.2.1.2., só é

possível quando os constituintes permanecem nas suas posições básicas. Logo, em (224), os constituintes do campo médio (o complemento “Portugiesischunterricht” e o adjunto “einmal pro Woche”) surgem em ordem invertida sem que o contexto discursivo o exija. Ao moverem-se das suas posições básicas estão mesmo a requerer estatutos informacionais que o contexto não lhes dá. O complemento, ao sair do VP, dá ao adjunto o estatuto de foco e assume o estatuto de tópico, o que contraria as exigências do contexto discursivo.

Não obstante o facto de o movimento ocorrer sem necessidade discursiva, a frase continua a ser gramatical, mas o seu grau de aceitabilidade é variável. A aceitabilidade deste tipo de frases varia sobretudo de acordo com o contexto em que surgem. Como o contexto discursivo nem sempre é claro, as frases deste terceiro grupo têm diferentes graus de aceitabilidade.

Compare-se os seguintes exemplos.

(225) a. ganz am Anfang als ich **noch Briefe** **meiner Freundin in Deutschland**  
*quando eu ainda cartas<sup>ACU</sup> minha amiga<sup>DAT</sup> na Alemanha*  
 geschrieben habe. (Inês)  
*escrever*[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>]  
 (Mesmo no início, quando eu ainda escrevia cartas à minha amiga na Alemanha.)

b. Entrevistador: also jetzt zu deinem Lebenslauf. wie lange bist du schon in Portugal[?]  
 (Bem. Conta-me a tua vida. Há quanto tempo já estás em Portugal?)

Júlia: über 25 Jahren, also ich bin **aus Deutschland mit 13** gekommen.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> da Alemanha com 13 vir*[V<sub>part</sub>].  
 Há mais de 25 anos. Bem, eu vim da Alemanha com 13 anos.

Em ambas as frases regista-se alteração da ordem canónica do campo médio. Em (225a) é alterada a ordem dos dois complementos do verbo. O argumento acusativo, que na hierarquia tética se encontra mais próximo do verbo, move-se da sua posição base e passa a ocupar a posição à esquerda do argumento dativo, que se torna o argumento mais próximo do verbo. Em (225b), o complemento verbal “aus Deutschland” move-se para a posição à esquerda do adjunto adverbial “mit 13”.

A frase (225a) parece-me, no entanto, muito menos aceitável que a frase (225b), o que se deve ao estatuto informacional que os constituintes adquirem com este movimento. Ao mover-se para a posição à esquerda do argumento dativo, o argumento acusativo passa a assumir o estatuto de tópico, mas a natureza semântica do NP “Briefe” contraria esse estatuto, pois trata-se de um sintagma indefinido. Ora, semanticamente, *indefinito* significa que o nome aponta para uma realidade não definida no contexto o

que, por sua vez, contraria o significado de tópico – informação já dada no contexto. A frase (225a) só seria aceitável num contexto em que fosse dado especial destaque ao argumento dativo, por exemplo contrapondo o recipiente das cartas a outro possível recipiente (as cartas à aminga da Alemanha e não à amiga da Croácia), o que requereria também uma acentuação mais forte deste sintagma.

Em (225b), pelo contrário, apesar da ordem normal parecer ser a mais natural, a sequência apresentada é mais aceitável, uma vez que no contexto da conversa está subentendido que a falante tenha regressado da Alemanha. Assim, a deslocação do constituinte “aus Deutschland” para posição de tópico pode ser aceite no contexto discursivo da frase.

O terceiro grupo (‘Ordem Invertida’) inclui, portanto, todas as frases que, apesar de apresentarem diferentes graus de aceitabilidade, apresentam um campo médio com ordem alterada, sem motivação pragmática explícita.

### 6.2.2.2. Resultados

O gráfico 48 apresenta o número de ocorrências de frases com campo médio complexo nos registos de alguns falantes sem contacto regular com o alemão [G2 e G3], distinguindo entre ‘ordem normal’ (coluna preta), ‘ordem invertida’ (coluna cinzenta) e ‘scrambling motivado’ (coluna riscas):

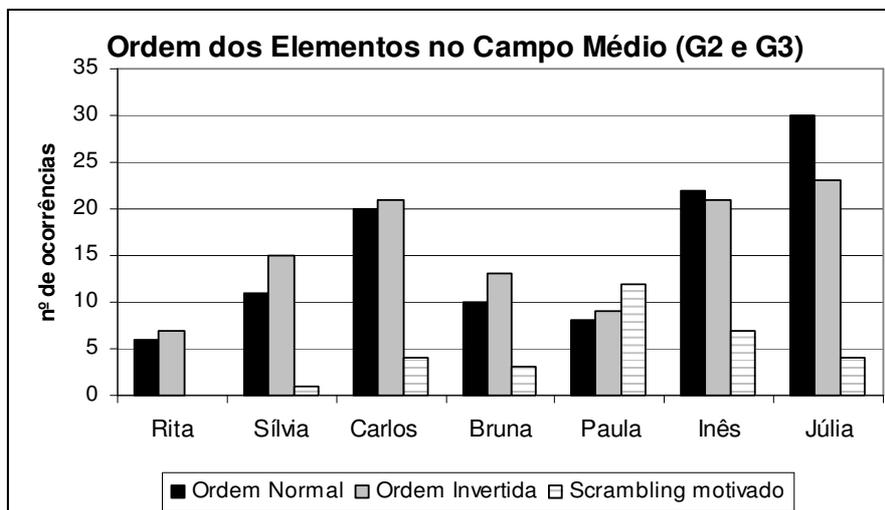


Gráfico 48: Seriação dos Elementos no Campo Médio em nº (G2 e G3)

Os dados dos diferentes falantes que constituem a amostra de G2 e G3 revelam nitidamente a ocorrência de variação sintáctica na realização do campo médio da frase. O número de frases com ordem invertida (coluna cinzenta) é muito significativo, comparando com o número de orações que apresentam a ordem básica (coluna preta).

Na maioria dos falantes, o número de orações com ordem invertida até é superior ao de orações com campo médio “normal”.

Estes dados contrastam claramente com os valores obtidos da análise das quatro falantes do grupo 1, Luísa, Célia, Nádia e Barbara:

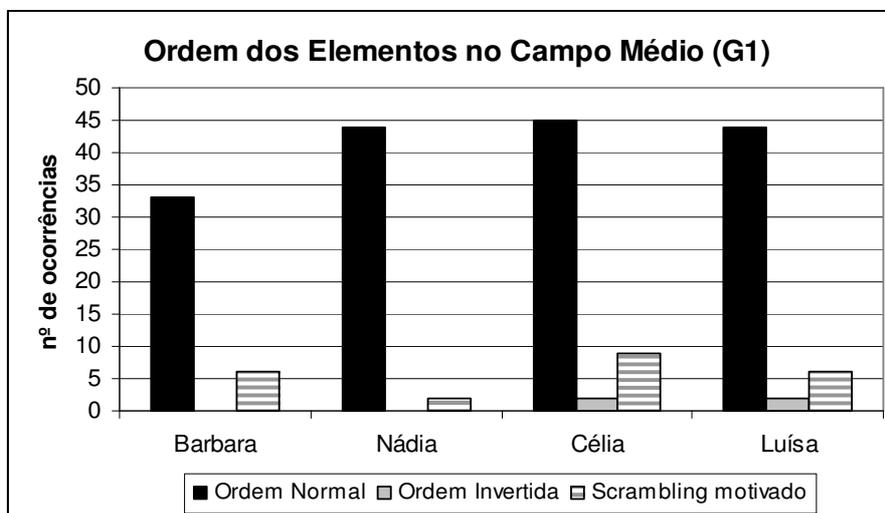


Gráfico 49: Seriação dos Elementos no Campo Médio em nº (G1)

No grupo 1, a seriação predominante é a ordem normal. Os casos de *scrambling* observados têm motivação evidente no contexto discursivo. Apenas nos registos de Célia e Luísa podemos apontar duas frases com ordem invertida sem que essa inversão seja explicitamente motivada. Se compararmos a média dos dois grupos [G2/G3 – G1] (gráfico 50), verificamos que a taxa de ocorrência de *scrambling* motivado é muito semelhante (13%-12%, respectivamente). A grande diferença reside na realização da ordem invertida sem motivação discursiva explícita, situada nos 44% em G2/G3 e apenas nos 2% em G1:

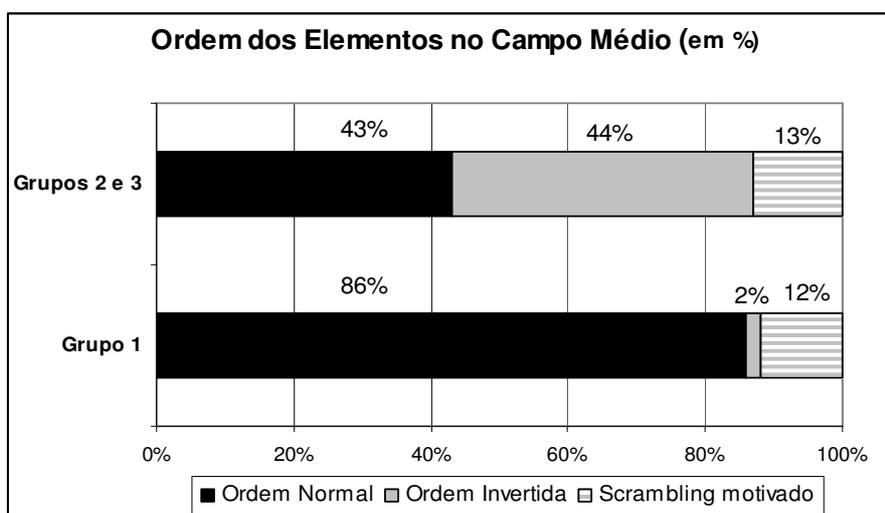


Gráfico 50: Seriação dos Elementos no Campo Médio Média dos grupos 2/3 e 1 em comparação

### 6.2.2.3. Descrição do fenómeno

Os números apresentados demonstram uma clara tendência de preferência pela ordem básica do campo médio da frase alemã nos falantes do grupo 1, isto é, nos falantes com *input* regular do alemão ou regresso recente. Por sua vez, os dados revelam que a alteração da ordem básica sem aparente influência de factores discursivos parece ser um fenómeno marginal na produção verbal de falantes nativos do alemão.

Ao contrário, nos falantes dos grupos 2 e 3, privados do contacto regular com o alemão, a média de ocorrência da ordem invertida ronda os 44%, alcançado um valor semelhante ao da seriação normal.

Convém então analisar mais pormenorizadamente os processos inversão observados.

#### 6.2.2.3.1. Alteração da ordem de complementos de verbos bitransitivos

Começamos por discutir a inversão da ordem de complementos de verbos bitransitivos, por se tratar do fenómeno para o qual inicialmente foi criado o termo *scrambling* e cuja ocorrência despropositada apresenta quase sempre um baixo grau de aceitabilidade.

A ocorrência de inversão de dois complementos verbais é comparativamente baixa, mas é de realçar que ocorre apenas em falantes do grupos 2 e 3. De entre os onze casos atestados no *corpus* destaca-se a inversão de posicionamento dos argumentos acusativo e dativo. Como foi discutido em 6.2.1.2., a ordem dos argumentos verbais depende da hierarquia tética do verbo. O argumento que semanticamente é mais próximo do verbo é o primeiro a ser descarregado na estrutura sintáctica da frase pelo que - uma vez que o alemão é uma língua SOV - se encontra imediatamente à esquerda do verbo e é precedido pelo segundo argumento (mais distante do verbo). Ora, em verbos como escrever (*schreiben*), dar (*geben*), dizer (*sagen*), trazer (*bringen*), no alemão, a ordem natural dos complementos é ‘argumento dativo > acusativo’.

O movimento de anteposição do argumento acusativo ao argumento dativo é motivado pelo teor informacional dos argumentos. Ocorre, por isso, apenas quando o argumento acusativo tem estatuto de tópico por constituir uma informação já conhecida no contexto, isto é, por remeter para elementos já referidos ou subentendidos na situação discursiva. Geralmente, esta função anafórica é sustentada pela realização do NP movido enquanto pronome definido.

Assim, no seguinte exemplo, a falante reflecte sobre a expressão alemã *ich liebe dich* (“amo-te”), concluindo que a ensinaria ao namorado português.

- (226) a. (wenn ich mal ein Freund/ auch wenn er Portugiese ist, ja klar, wahrscheinlich.  
dass ich dann, dass ich dann ich liebe dich sagen würde,  
(*se eu tiver um namorado, mesmo que seja português, acho que lhe diria 'amo-te'*)  
**ich würd es ihm beibringen.** (Célia)  
*eu Vaux<sub>fin</sub> isso<sup>ACU</sup> ele<sup>DAT</sup> ensinar[V<sub>inf</sub>].*  
*Eu ensinar-lho-ia.*

Ao referir anaforicamente à expressão, previamente enunciada, o argumento acusativo assume o estatuto de tópico e movimenta-se para a esquerda do argumento dativo. Curiosamente, a (exclusiva!) função anafórica do pronome *es* não permite que o argumento permaneça *in situ*:

- b. \* Ich würde ihm es beibringen.  
*eu Vaux<sub>fin</sub> ele<sup>DAT</sup> isso<sup>ACU</sup> ensinar[V<sub>inf</sub>].*

A ocorrência de um NP indefinido movido por *scrambling* é menos usual, uma vez que a ‘indefinição’ está naturalmente associada a informação nova, ainda não referenciada no contexto. Por isso, a sequência ‘NP indefinido > NP definido’ só é possível em contextos muito restritos: em que é explicitamente destacado o estatuto de foco do argumento que passa a estar mais à direita, como no seguinte exemplo:

- c. Ich würde einen Satz wie “ich liebe dich” meinem FREUND beibringen (sonst  
*eu Vaux<sub>fin</sub> uma frase como „amo-te“ o meu namorado<sup>DAT</sup> ensinar[V<sub>inf</sub>*  
*niemandem).*  
(*Eu ensinaria uma frase como „amo-te“ ao meu namoRAdo(a mais ninguém)*)

Ora, em muitos dos exemplos encontrados no *corpus* a ocorrência de movimento do argumento acusativo para a esquerda do argumento dativo dá-se sem que as condições acima descritas sejam satisfeitas, contrariando a norma discursiva ‘tópico/ definido > comentário/ indefinido’

Vejamos os seguintes registos:

- (227) a. als ich noch Briefe meiner Freundin in Deutschland  
*quando eu ainda cartas<sup>ACU</sup> minha amiga<sup>DAT</sup> na Alemanha*  
*geschrieben habe* (Inês)  
*escrever[V<sub>part</sub> + Vaux<sub>fin</sub>]*  
(*Quando eu ainda escrevia cartas à minha amiga na Alemanha [...]*)
- b. dann geben sie Geschenke den anderen (Bruna)  
*depois dão eles prendas<sup>ACU</sup> os outros<sup>DAT</sup>*  
(*Depois (eles) dão prendas aos outros.*)

Em ambos os exemplos dá-se o movimento do argumento acusativo para a posição anterior ao argumento dativo, sendo o acusativo um NP indefinido, o que exclui a possibilidade de funcionar como tópico. Ora este tipo de movimento só se justifica se houver necessidade de focalizar o argumento dativo, o que não é o caso nos exemplos apresentados. Em nenhum dos casos o argumento dativo constitui informação com especial destaque, estando por exemplo

contraposto a outra informação (a amiga na Alemanha em contraposição a outro recipiente). O movimento dá-se por isso sem motivação discursiva, apresentando um baixo grau de aceitabilidade. A estranheza causada por estas construções é, muitas vezes, notada pelo próprio falante, levando-o a correcções das frases no decorrer do discurso, como exemplificado em:

- c. wir versuchen das Beste ihnen, ihnen das Beste zu geben (Júlia)  
*nós tentamos o melhor<sup>ACU</sup> elas<sup>DAT</sup>, elas<sup>DAT</sup> o melhor<sup>ACU</sup> dar*  
*(Nós tentamos dar-lhes o melhor/ dar o melhor a elas)*

Uma estratégia de correcção interessante, atestada em diferentes falantes, é a substituição do NP dativo por um sintagma preposicional, cuja posposição é mais aceitável que a do argumento dativo, uma vez que é criada uma analogia a verbos com argumento acusativo e preposicional com a ordem ‘NP > PP’. É no entanto de realçar que, embora se trate de um fenómeno actual no alemão falado, e especialmente atestado nos falantes regressados, nem sempre os verbos em questão permitem esta substituição:

- d. du sagst immer guten Morgen **allen**, **zu allen**, du sprichst immer **zu allen** (Inês)  
*tu dizes sempre bom dia todos<sup>DAT</sup> a todos, tu falas sempre a todos.*
- e. Blumen ja er bringt **Blumen ihr für ihr**, **für sie** (Bruna)  
*flores sim ele traz flores<sup>ACU</sup> ela<sup>DAT</sup> para(ela<sup>DAT</sup>), para(ela<sup>ACU</sup>)*
- f. find auch dass es mehr Geld Por/ für Portugal gibt.<sup>88</sup> (Paula)  
*acho também que isso mais dinheiro<sup>ACU</sup> Por<sup>DAT</sup> / a Portugal dá*

Enquanto que a substituição do argumento dativo por um argumento preposicional em (d) é aceitável e recorrente - neste caso a ordem normal dos argumentos é de facto “NP acu > PP” -, esta é menos aceitável em (e), uma vez que o verbo “*bringen*” (‘trazer’) apenas possui a estrutura argumental [NP<sup>NOM</sup> \_\_ NP<sup>DAT</sup> NP<sup>ACU</sup>]. A troca do argumento dativo pelo preposicional constitui aqui (e em (f), cf. nota) uma clara interferência do português (‘trazer’: [NP PP]) e funciona como processo corrector de uma estrutura que o falante produz mas que considera incorrecta: a inversão de ordem dos argumentos casuais. Note-se que, dada a sua natureza indefinida (“cartas, prendas, flores”), em nenhum dos exemplos apresentados o argumento acusativo pode funcionar como tópico, o que constitui um entrave ao seu movimento.

O mesmo tipo de inversão é observado em relação à sequência ‘argumento acusativo > argumento preposicional’. Em geral, nesta combinação, o argumento preposicional é

<sup>88</sup> Este exemplo contém alguma ambiguidade uma vez que a utilização do verbo *geben* em conjugação com o pronome *es* poderá ser interpretada de duas formas diferentes:

- 1) enquanto construção impessoal, com uma interpretação expletiva do pronome *es* (*es gibt* no sentido de ‘haver’ [*Há mais dinheiro para Portugal*]). Neste caso, a estrutura argumental do verbo é de facto [ \_ NP PP].
- 2) enquanto verbo bitransitivo, em que o pronome *es* tem o papel de argumento externo/ sujeito (*geben* = ‘dar’). Neste caso a estrutura argumental do verbo é [ NP<sup>NOM</sup> \_\_ NP<sup>DAT</sup> NP<sup>ACU</sup>]

Nesta ocorrência, o verbo é utilizado como verbo bitransitivo, pois o “*es*” refere-se ao termo “*Zweisprachigkeit*” (‘bilinguismo’), o tema a ser discutido nesse momento da conversa entre o entrevistador e a falante bilingue. A falante exprime a opinião de que os emigrantes/ falantes bilingues dão mais dinheiro ao país (contribuem para a riqueza do país).

que é o mais encaixado, sendo precedido do argumento acusativo. A inversão ('argumento preposicional > argumento acusativo'), que ocorre em alguns registos, é pouco aceitável, sobretudo quando o argumento acusativo tem explicitamente estatuto de tópico (como no exemplo (228a)):

- (228) a. findet **auf den Boden das**, (Bruna)  
*encontra no chão isso*
- b. man konnte **dahin das Müll** nehmen, *é uma lixeira* (Inês)  
 PRON *podia para lá o livro* levar
- c. habe ich **zu Hause Fokus oder Stern TV** (Carlos)  
*tenho eu em casa Fokus ou Stern TV*

No seu estudo sobre a competência linguística de judeus alemães, que fugiram do regime nazi durante o Terceiro Reich, Schmid (2002) chama a atenção para a ocorrência do mesmo tipo de inversão de argumentos no seu *corpus* de investigação. No entanto, a autora apenas transcreve alguns exemplos sem os discutir.

Exemplos de Schmid (2002: 150):

- (229) a. da haben sie einfach [...] d- *die Pension ihm* ausgezahlt.  
*ai Vaux<sub>fin</sub> eles simplesmente a pensão lhe pagar[V<sub>part</sub>]*

#### 6.2.2.3.2. Alteração da ordem em frases predicativas

Passemos ao segundo tipo de inversão, apenas detectada nos registos de falantes que têm um contacto reduzido com o alemão: a inversão da ordem dos constituintes do campo médio em frases predicativas, por exemplo com predicativo do sujeito.

A estrutura sintáctica deste tipo de frases segue a estrutura clássica da frase alemã. O VP, sendo de núcleo final, atribui ao verbo predicativo a posição mais à direita da estrutura arbórea. O predicativo do sujeito, enquanto argumento interno do sintagma verbal, encontra-se adjacente à esquerda do verbo. Se o campo médio contém adjuntos adverbiais, estes situam-se adjungidos à esquerda do VP, precedendo portanto o argumento verbal. Se o verbo finito sobe para C° (na frase V-2), o predicativo do sujeito passa a ser o argumento mais à direita da frase. Veja-se o exemplo (230a), representado sintacticamente em (b):

- (230) a. ich war **zurzeit 16 Jahre alt** (Nádia)  
*eu era naltura 16 anos*  
*(Naltura eu tinha 16 anos.)*
- b. [<sub>CP</sub> ich<sub>i</sub> war<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> zurzeit [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> 16 Jahre t<sub>j</sub>]]]

A ordem invertida ‘predicativo do sujeito » adjunto adverbial’ ocorre no alemão fundamentalmente por duas razões distintas.

Por um lado a inversão pode resultar de *scrambling* do argumento para a posição à esquerda do adjunto adverbial - por razões discursivas, como vimos.

Por outro lado, a extraposição para o pós-campo (a posição à direita do verbo) é um processo muito recorrente no alemão falado, pelo que a ordem ‘predicativo do sujeito » adjunto adverbial’ também poderá ser explicada como movimento do adjunto adverbial para fora do campo médio, isto é, para uma posição de adjunção à direita do VP (mais correctamente do IP). Em frases V-2, em que o verbo subiu para C°, não se encontrando portanto na posição final de frase, o movimento de extraposição do adjunto resulta na ordem superficial ‘argumento » adjunto adverbial’.

Como referido, a distinção entre um e outro processo não é fácil. O critério de distinção mais adequado parece ser a ocorrência ou não de uma pausa entre o argumento verbal e o elemento que o segue - considerado pós-campo se ocorrer pausa e considerado ‘ordem invertida’ se realizado sem pausa.

O resultado da análise a estruturas com predicativo de sujeito é bastante indicativo. Os exemplos com ordem invertida (‘predicativo > adverbial’) ocorrem apenas nos falantes dos grupo 2 e 3. O processo é detectado maioritariamente em orações V-2 [exemplos (231)], mas também ocorre em orações encaixadas [exemplos (232)]:

- (231) a. hochdeutsch ist **einfacher jetzt für mich** (Paula)  
*alto-alemão é mais fácil agora para mim*
- b. sie wird **einundzwanzig jetzt im Mai** (Carlos)  
*ela fará vinte e um agora em Maio*
- c. er macht<sup>89</sup> **neunzehn jetzt in Dezember** (Sílvia)  
*ele faz dezanove agora em Dezembro*
- d. waren **besser fast überall** (Carlos)  
*eram melhores em quase tudo*
- e. aber ich war **glücklich trotzdem** (Carlos)  
*mas eu estava feliz mesmo assim*
- (232) a. ich finde nicht dass es **gerade so in Portugal** ist (Bruna)  
*eu acho NEG que EXPL mesmo assim em Portugal é*  
*(Não acho que seja mesmo assim em Portugal.)*
- b. (finde ich mehr so,) dass es **so hier** ist, in Portugal. (Bruna)  
*(acho mais) que EXPL assim aqui é, em Portugal*

<sup>89</sup> Correcto: ‘er **wird** neunzehn’. A troca do verbo *werden* (tornar-se) pelo verbo *machen* (fazer) é o resultado de transferência lexical do português.

### 6.2.2.3.3. Alteração da ordem ‘adjunto – argumento’

A grande fatia de registos de ordem invertida detectados no *corpus* dos falantes bilingues privados do contacto com o alemão diz respeito ao campo médio constituído por um adjunto adverbial e um complemento NP ou PP. A tendência destes falantes em realizar o adjunto adverbial depois do objecto é notória, sobretudo quando comparado com o campo médio dos falantes de G1. A parte das entrevistas em que os falantes dão informações cronológicas sobre si - e por isso utilizam advérbios de tempo e de frequência - é bem exemplificativa deste contraste. A percentagem de ocorrência de frases com ordem ‘complemento > adverbial’ é nitidamente mais elevada nos falantes dos grupo 2 e 1 que nos falantes do grupo 1.

Compare-se os seguintes exemplos:

Falantes Grupo 1	Falantes Grupos 2/3
(233)	(234)
a. also kam ich <b>mit circa vier Jahren</b> <i>então cheguei eu com cerca de quatro anos</i> <b>in Deutschland</b> an (Ilda) <b>à Alemanha</b> PART ( <i>Portanto, cheguei com 4 anos à Alemanha.</i> )	a. also ich bin <b>aus Deutschland mit dreizehn</b> <i>bem eu Vaux<sub>fin</sub> da Alemanha com treze</i> gekommen (Júlia) <i>vir</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Bem, eu vim da Alemanha com treze anos.</i> )
b. ich bin <b>mit 6 Jahren in die Schweiz</b> gefahren <i>eu Vaux<sub>fin</sub> com 6 anos para a Suíça ir</i> [V <sub>part</sub> ] (Barbara) ( <i>Fui para a Suíça com seis anos de idade.</i> )	b. bin <b>nach der Schweiz mit einem Jahr</b> <i>Vaux<sub>fin</sub> para a Suíça com um ano</i> gegangen (Paula) <i>ir</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Fui para a Suíça com um ano de idade.</i> )
c. habe <b>zwölf Jahre lang in der Schweiz</b> gelebt (Catarina) <i>Vaux<sub>fin</sub> durante doze anos na Suíça viver</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Vivi doze anos na Suíça.</i> )	c. ich war <b>in der Schweiz seit zehn Jahren</b> <i>eu estava na Suíça há dez anos</i> (Sílvia) ( <i>Estive na Suíça durante dez anos.</i> )
d. bin ich <b>hier dann in die Zehnte</b> gekommen (Nádia) <i>Vaux<sub>fin</sub> eu aqui depois para o décimo vir</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Aqui depois vim para o décimo ano.</i> )	d. ich komme <b>in die vierte damals</b> (Sílvia) <i>eu vim para a quarta nessa altura</i> ( <i>Vim para o quarto ano nessa altura.</i> )
e. ich wollte <b>wirklich die ganze Zeit in Deutschland</b> <i>eu queria mesmo o tempo todo na Alemanha</i> bleiben (Nádia) <i>ficar</i> ( <i>Eu queria mesmo ficar o tempo todo na Alemanha.</i> )	e. ich habe <b>in Nienheim die meiste Zeit</b> <i>eu Vaux<sub>fin</sub> em N. quase todo o tempo</i> gelebt (Júlia) <i>viver</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Eu vivi quase sempre em Nordhorn.</i> )
f. mein Vater ist <b>zuerst nach Deutschland</b> <i>meu pai Vaux<sub>fin</sub> primeiro para a Alemanha</i> gegangen (Nádia) <i>ir</i> [V <sub>part</sub> ]	f. wir haben <b>nach Stadt Ollendheim dann</b> <i>nós Vaux<sub>fin</sub> para Stadt O. depois</i> gegangen (Inês) <i>ir</i> [V <sub>part</sub> ] ( <i>Depois fomos para Stadt Ollenheim.</i> )

g. ich weiß nie wann man <b>das jetzt</b> aufschreiben <i>eu sei nunca quando PRON isso agora escrever</i> muss <i>tem</i>	g. ja die machen <b>jetzt das</b> . <i>sim eles fazem agora isso.</i>	(Barbara)	(Rita)
---	--	-----------	--------

Além dos adverbiais de tempo e de frequência, é de observar inversão de ordem com adverbiais de lugar, comitativos, advérbios aspectuais ou advérbios de discurso como *natürlich* ('naturalmente'), *bestimmt* ('certamente'), *vielleicht* ('provavelmente'), entre outros. É mais uma vez de realçar o facto de este tipo de inversão se dar tanto em orações-raiz como em orações encaixadas.

Exemplos:

- (235) a. ich spreche **Deutsch mit ihr a paar Mal** (Sílvia)  
*eu falava alemão com ela algumas vezes*  
*(Às vezes eu falava alemão com ela.)*
- b. können **in die ehm Kinderplätze vielleicht** gehen (Inês)  
*podem aos parques infantis talvez ir*  
*(Talvez vão aos parques infantis.)*
- c. dieser Mann, der hat **kein Haus, hat keine Familie ganz bestimmt.** (Bruna)  
*este homem, ele tem NEG casa, tem NEG família de certeza.*  
*(Este homem certamente não tem casa nem família.)*
- d. und auch kein, keine Arbeit. er bettelt **an der Straße deshalb.** (Bruna)  
*e também NEG trabalho. ele pede na estrada por isso*  
*(E também não tem trabalho, por isso está a pedir na estrada.)*
- e. haben wir **fast nie mit Portugiesen dort näher Kontakt** gehabt (Carlos)  
*Vaux<sub>fin</sub> nós quase nunca com portugueses lá mais contacto ter[V<sub>part</sub>]*  
*(Lá nós quase que não tínhamos contacto com portugueses.)*
- f. mit fünf haben wir **Kindergarten da** gemacht (Paula)  
*com cinco Vaux<sub>fin</sub> nós infantilário lá fazer[V<sub>part</sub>]*  
*Com cinco anos, lá, nós fomos para o infantilário.*
- g. jetzt gerade abends hab ich **eine formação hier in Braga** gehabt (Carlos)  
*agora à noite Vaux<sub>fin</sub> eu uma formação aqui em Braga ter[V<sub>part</sub>]*  
*(Neste momento à noite tive uma formação aqui em Braga.)*
- h. hier zu Weihnachten gehen die Familie **auch in den Häusern**  
*aqui no natal vão as famílias também às casas*  
**miteinander.** (Bruna)  
*uns com os outros*  
*(Aqui no natal as famílias também se visitam mutuamente.)*

Como foi destacado, os exemplos até então discutidos têm em comum o facto de o campo médio das frases apresentar a ordem básica dos seus constituintes alterada:

- 1- contrariando as exigências discursivas e resultando em frases com baixo grau de aceitabilidade
- 2- ou sem exigência discursiva explícita, com grau médio de aceitabilidade, mas contrariando a tendência de realização do campo médio do falante nativo.

A estes tipos de realização do campo médio é de acrescentar um outro fenómeno, que se torna importante pelo facto de co-ocorrer com os processos discutidos e surgir apenas nos falantes dos grupo 2 e 3:

- 3 - a não ocorrência de *scrambling* em situações discursivas que o exijam.

Exemplos:

- (236) a. in die Strande habe ich **schon das** gesehen. (Rita)  
*na praia Vaux<sub>fin</sub> eu já isso ver[V<sub>part</sub>]*  
*(Na praia já vi isso.)*
- b. sieht man auch **im Fernsehen das** (Bruna)  
*vê-se também na televisão isso*  
*(Isso também se vê na televisão.)*
- c. (ich kann mich nicht erinnern) **in der Schule das** gemacht zu haben. (Júlia)  
*(não me consigo lembrar) na escola isso ter feito*  
*(Não me consigo lembrar ter feito isso na escola.)*
- d. dass die Jüngere **auch das** lernen (Sílvia)  
*que os mais novos também isso aprendem*  
*(... que os mais novos também o aprendam.)*
- e. (ihr Ehemann, während er den Eintopf gerührt hat, ist dann reingefallen.)  
*(O seu marido, enquanto mexia a sopa, caiu lá dentro.)*  
 bestimmt hat er **irgendwas dort** gesucht (Carlos)  
*certamente Vaux<sub>fin</sub> ele qualquer coisa aí procurar[V<sub>part</sub>]*  
*(Certamente procurava qualquer coisa lá dentro)*

### 6.2.3. Discussão

O fenómeno de alteração do campo médio apresentado vem reforçar algumas das conclusões retiradas ao longo das análises anteriores.

Em primeiro lugar, a falta de contacto regular com a segunda língua é um factor decisivo para a ocorrência de variação sintáctica. Enquanto que os falantes sem *input* regular do alemão (pertencentes aos grupos 2 e 3) apresentam taxas significativas de alteração marcada dos elementos do campo médio das frases alemãs que produzem, o

fenómeno não tem expressão nos registos dos falantes que funcionam como grupo de controlo (grupo 1).

Em segundo lugar os processos de inversão observados são indicativos de alguma falta de sensibilidade discursiva dos falantes sem contacto com a língua, pois, em situações que o exigem, verificamos a não ocorrência de *scrambling* enquanto que, em situações que não o exijam explicitamente, é de observar a inversão de elementos. Este facto remete, mais uma vez, para a hipótese de que o domínio pragmático-sintáctico é mais vulnerável a erosão que os aspectos puramente sintácticos (como por exemplo o movimento do verbo). Os falantes do grupo 2 não apresentam qualquer variação quanto ao posicionamento do verbo (cf. 4.2.2.), mas demonstram falta de sensibilidade pragmático-sintáctica na seriação dos elementos do campo médio (além dos fenómenos de duplo pré-campo e de omissão argumental já discutidos). No entanto, como já foi realçado, embora algumas das alterações observadas apresentem um baixo grau de aceitabilidade, a inversão (não motivada) dos elementos do campo médio não é agramatical. Neste sentido, não é possível afirmar que os processos descritos sejam indicativos de alterações ocorridas ao nível da competência sintáctica destes falantes. Indo ao encontro de conclusões prévias, parece ser muito mais correcto afirmar-se que a falta de *input* irregular do alemão influencia a forma de processamento da frase.

Nas discussões anteriores tornou-se evidente o papel da língua dominante nos fenómenos observados. O domínio do português reforça a ocorrência de processos como a omissão do sujeito e do objecto ou a adunção inicial de elementos tópicos e contextualizadores, pois, embora dominem as regras gramaticais do alemão, no momento de produção verbal, os falantes que não usam uma das suas línguas tendem a realizar determinados aspectos linguísticos da língua minoritária por influência da língua dominante. Como foi realçado previamente, esta transferência interlinguística situa-se ao nível do processamento da língua, sendo indicativa de inibição insuficiente do português na produção do alemão.

Ora, o fenómeno aqui descrito parece resultar de processos muito semelhantes aos já discutidos. A ocorrência de variação sintáctica incide claramente no domínio de processamento da frase e é reforçada pelo domínio do português.

Primeiramente é necessário lançar um olhar mais atento sobre o fenómeno. Embora a inversão observada tenha sido descrita como processo de *scrambling*, não podemos afirmar que se trata de facto deste fenómeno. *Scrambling* é um processo pragmaticamente motivado, no qual os elementos mais próximos de V<sup>o</sup> se movem para

a esquerda para fugirem ao estatuto de foco (porque outro elemento é o foco ou porque o elemento movido é um tópico). Contudo, os processos de inversão observados não comungam destas características porque na maioria dos casos não há motivação pragmática evidente para a ocorrência de movimento.

Assim, em vez de inversão motivada pelo movimento para a esquerda de elementos dentro do VP, o que parece de facto acontecer é uma seriação dos elementos que se aproxima da ordem do português. Nas inversões observadas nos registos de G2/3, o adjunto adverbial passa a seguir o objecto. Ora, no português as posições dos adjuntos não aparentam ser tão determinadas como no alemão, pois estes podem seguir ou anteceder o objecto (quando não estão em posição inicial), no entanto, o posicionamento do adjunto à direita do objecto é muito mais generalizado.

Assim, enquanto que a frase alemã (237a) é menos marcada se o adjunto adverbial anteceder o objecto, no português, a ordem V-AdvP tende a ser a menos marcada:

(237) a. Ich bin **mit einem Jahr in die Schweiz** gegangen  
*eu Vaux<sub>fin</sub> com um ano para a Suíça ir[V<sub>part</sub>]*

b. Eu fui **para a Suíça com um ano de idade**.

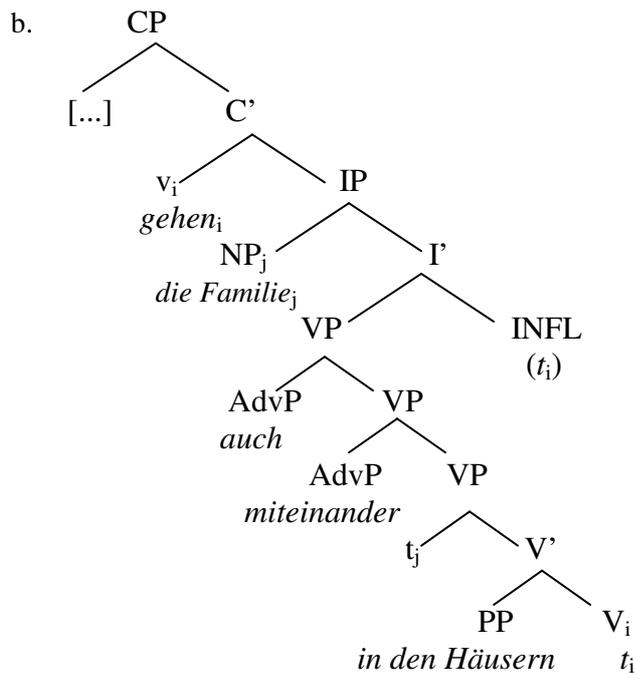
É de realçar que a posição do adjunto depende da sua natureza, no entanto, o exemplo (237b) demonstra uma propriedade típica do português: a possibilidade de adjunção à direita. Um das explicações mais evidentes para a ocorrência de advérbios em posição final de frase no português, isto é, a seguir ao objecto, é admitir que o adverbial esteja em posição de adjunção à direita do VP.

Portanto, nos casos dos exemplos alemães em que o adjunto segue o objecto, podemos admitir também em relação a este fenómeno a influência do português na seriação dos elementos da frase. A ocorrência de alterações sintácticas no campo médio vai ao encontro de uma estrutura mais típica de línguas SVO, que dispõem do processo de adjunção à direita.

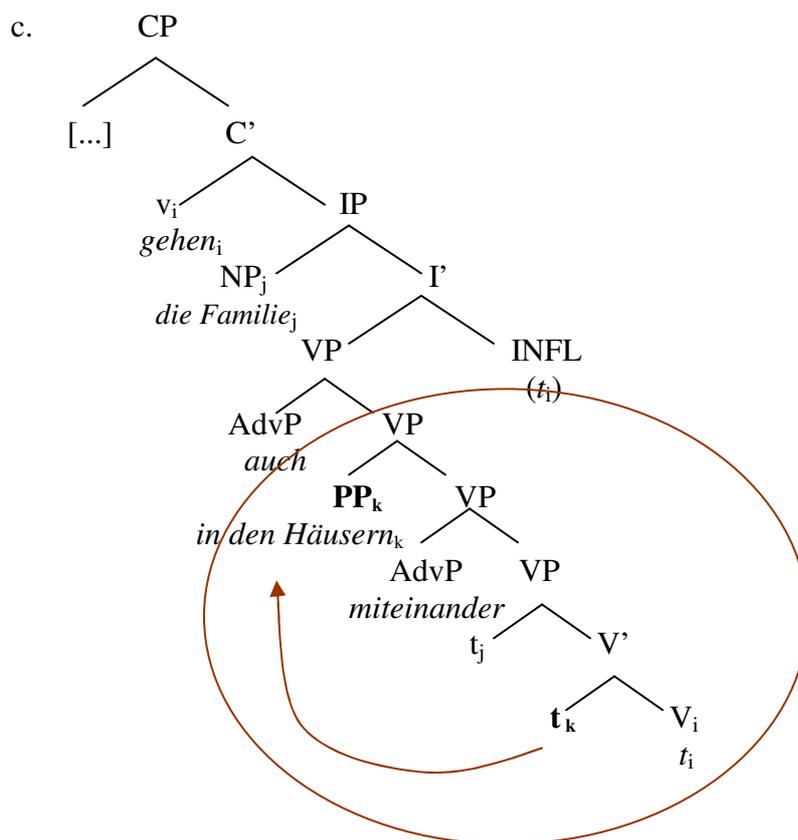
Observe-se novamente o exemplo (235h), reescrito como (238):

(238) a. hier zu Weihnachten gehen die Familie **auch in den Häusern miteinander**.  
*aqui no Natal vão as famílias também às casas uns com os outros*

A ordem básica dos constituintes seria a que se representa em (238b):

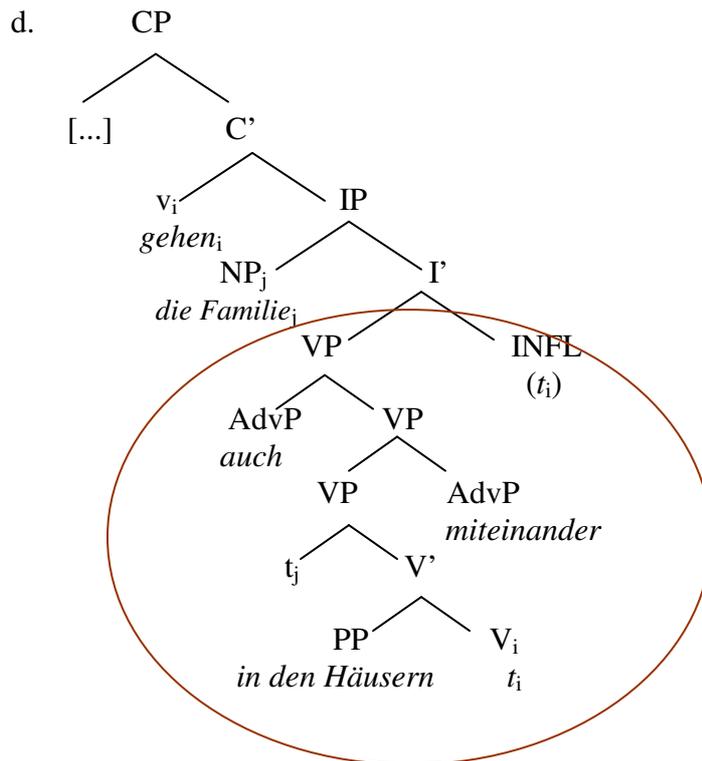


Se tivesse ocorrido *scrambling*, ter-se-ia dado o movimento do argumento preposicional (“in den Häusern”) da sua posição-base dentro do sintagma verbal para uma posição de adjunção à periferia esquerda do VP. Como fora realçado, este movimento seria motivado, ou pela necessidade discursiva de focalizar o sintagma que passa a estar mais à direita, neste caso “miteinander”, ou pela atribuição do estatuto de tópico ao elemento movido. A representação deste movimento seria a seguinte:



No entanto, o contexto em que a frase é produzida não fornece as motivações discursivas acima referenciadas. O argumento preposicional (“in den Häusern”) não tem estatuto de tópico, nem o adjunto adverbial (“miteinander”) é focalizado.

Neste sentido parece justificar-se admitir que o fenómeno subjacente é a serialização dos elementos com base na tendência de o adjunto adverbial seguir o objecto, serialização que pode ser explicada admitindo a ocorrência de processos de adjunção à direita:

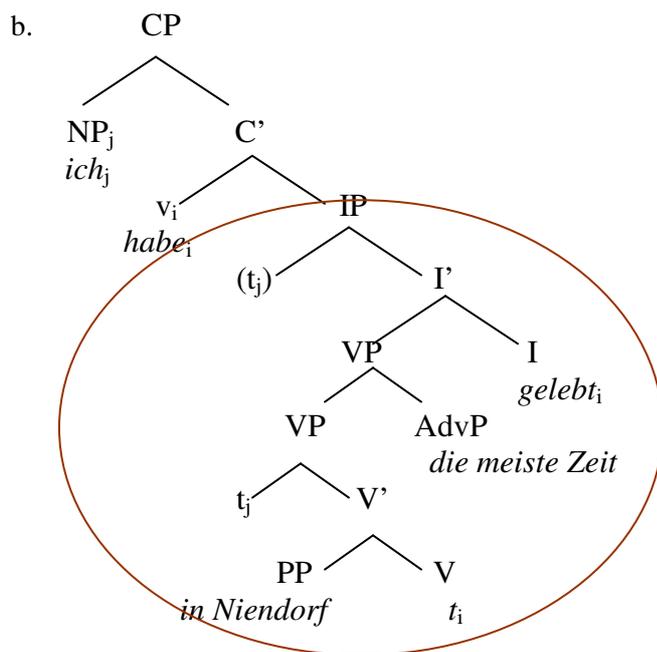


Note-se que, tal como a adjunção à esquerda de CP, a adjunção à direita dentro do campo médio é um processo não existente na gramática alemã. Como a adjunção à esquerda do CP, discutida em 6.1., este processo de adjunção à direita parece advir do português.

Observe-se também o exemplo (239a), sintacticamente representado em (239b)<sup>90</sup>:

(239) a. ich habe **in N. die meiste Zeit** gelebt

<sup>90</sup> Esta explicação de inversão como adjunção à direita é possível se aceitar que  $V_{inf}$  (neste exemplo o participio,  $V_{part}$ ) se move para  $I'$ , continuando em posição final. Assim, os processos de adjunção ocorrem no campo médio, isto é, no VP.



Importa realçar mais uma vez que, segundo o modelo de explicação apresentado, as posições do verbo mantêm-se intactas (V<sup>o</sup>, I<sup>o</sup> e C<sup>o</sup>). Portanto, as alterações observadas não afectam os parâmetros de posicionamento verbal. A variação sintáctica parece afectar apenas uma propriedade do sistema gramatical: os processos de adjunção, o que se coaduna com os fenómenos de dupla adjunção observados na parte anterior. Concomitantemente, os fenómenos observados revelam alguma falta de sensibilidade pragmática dos falantes, que vai ao encontro da vulneribilidade sintáctico-pragmática observada nos processos de omissão irregular do sujeito e do objecto (discutidos no capítulo 5).



## CONCLUSÃO

A finalidade embrionária do presente estudo consistiu em averiguar a possível ocorrência de fenómenos de erosão linguística em falantes bilingues que perderam o contacto regular com uma das suas línguas e contribuir, assim, com novos dados sobre um tipo de falantes bilingues pouco estudado nesta área de investigação, para o enriquecimento das informações recolhidas nos últimos trinta anos sobre este fenómeno.

A contribuição inovadora desta tese assenta em vários aspectos. Por um lado, estuda uma combinação linguística ainda pouco investigada neste domínio de investigação: o bilinguismo luso-alemão. Este par de línguas tem sido alvo de pesquisas dos investigadores do *Sonderforschungsbereich 538: Mehrsprachigkeit/Projektbereich E: Erwerb der Mehrsprachigkeit* (cf. Hinzelin, 2003; Stöber, 2007), dos investigadores do projecto *Wissenschaftliche Begleitung des Schulversuchs Bilinguale Grundschulklassen in Hamburg* (cf. Duarte/Roth, 2006) e dos estudos de Brauer-Figueiredo (1997 e 1999) sobre os emigrantes portugueses de segunda geração residentes em Hamburgo. Em Portugal, não tem recebido qualquer tipo de atenção até à realização do presente trabalho.

Por outro lado, ao dispor dos registos verbais de falantes bilingues que têm em comum a vinda para Portugal, mas distinguindo-se quanto à idade de regresso, ao tipo de contacto com o alemão após o regresso e ao tempo de estada em Portugal, este estudo permite testar a influência destas três variáveis na ocorrência de erosão através da definição e comparação de diferentes subgrupos.

A grande maioria dos estudos publicados nesta área de investigação centra-se na observação de falantes adultos (a título de exemplo *vide* de Bot/Clyne, 1994; Hutz, 2003; Kirschner, 1996; Köpke, 1999; Schoenmakers-Klein Gunnewiek, 1998), reportando, na sua generalidade, um baixo grau de perda linguística na L1 dos participantes investigados. Também os estudos que analisam a ocorrência de erosão em crianças bilingues estão maioritariamente focados na observação de um número restrito de crianças de uma certa idade. Assim, tanto Kaufman/Aronoff (1991) como Tomiyama (2000) baseiam as suas pesquisas na observação de uma única criança. Por se estenderem a um período mais prolongado de observação, estes estudos dão contributos preciosos sobre a natureza do processo de erosão, não permitem, no entanto, tirar conclusões quanto à influência do factor idade neste processo.

O facto de o nosso grupo de investigação abranger falantes que perderam o contacto com o alemão com diferentes idades (entre os 5 e os 22 anos) permitiu delimitar as faixas etárias que constituem marcos decisivos na ocorrência de erosão. Neste sentido, a análise dos registos disponíveis sugere que os 10/11 anos constituem uma faixa etária de crucial importância, uma vez que os falantes que perderam o *input* da L2 com idades inferiores ou iguais a esse limite etário apresentam um domínio linguístico menos estável do que os falantes com perda de contacto (igual ou) posterior aos 12 anos.

Porém é indispensável não generalizar a todos os aspectos linguísticos as conclusões retiradas quanto à influência do factor idade na ocorrência de erosão. É precisamente neste ponto que reside o terceiro importante contributo do presente estudo. Apesar de estar focado no domínio sintáctico, a análise apresentada procurou abranger aspectos sintácticos de natureza distinta, permitindo testar e comparar o grau de vulnerabilidade dos diferentes domínios linguísticos: por um lado, os aspectos mais gramaticalizados como a posição do verbo na frase e a expressão do sujeito expletivo; por outro lado, os aspectos sintácticos motivados por condicionantes discursivas como a expressão do objecto tópico e do sujeito referencial, assim como a seriação dos elementos não-verbais no pré-campo e no campo médio da frase alemã.

Passemos então à síntese das principais observações deste trabalho:

Na sua generalidade, o estudo mostrou que a utilização reduzida (ou quase nula) de uma das línguas do falante bilingue (com bilinguismo precoce) influencia o domínio que ele tem desta língua no momento da sua produção. Porém, mostrou também que são vários os factores condicionantes e que é indispensável distinguir entre a influência exercida sobre a competência do falante e o controlo que ele tem sobre a língua não-usada no momento da sua activação.

Ao contrário do que é estipulado por Montrul (2004) e Sorace (2004), e do que é empiricamente observado em Håkansson (1995), a análise comprovou que os aspectos “puramente sintácticos” da língua, como por exemplo o movimento do verbo para V-2, também são vulneráveis a erosão, pois um número considerável de falantes apresentou altas taxas de desvio aos parâmetros de posicionamento verbal (V-2 e OV). Contudo, vimos que a vulnerabilidade deste domínio depende do factor idade, pois os desvios observados apenas ocorreram nos registos dos falantes que perderam o *input* do alemão ainda durante a infância. Estes falantes também foram aqueles que apresentaram taxas mais altas de omissão expletiva, sendo também este um domínio linguístico de cariz mais gramatical. Um olhar menos rigoroso sobre os domínios do léxico e da morfologia

mostrou que, também nestas áreas, os falantes com regresso precoce apresentam um alto grau de vulnerabilidade. Por sua vez, os falantes que perderam o *input* regular do alemão apenas na adolescência (a partir dos 12 anos de idade) não apresentaram variação sintáctica relacionada com os parâmetros V-2 e OV e a média de omissão expletiva foi muito inferior à média do grupo com regresso precoce. Estas observações levantaram a hipótese de que certos domínios sintácticos parecem necessitar de um *input* estável até uma certa idade, permanecendo vulneráveis a efeitos de erosão se o corte de contacto ocorrer antes. Por sua vez, se a privação de *input* se dá depois deste limite etário, estes parâmetros, uma vez estabilizados, tornam-se resistentes a variação sintáctica.

Ao contrário do posicionamento verbal, domínios como a expressão do sujeito referencial e do objecto tópico, a constituição da periferia esquerda da frase e a ordem dos constituintes não verbais em IP, caracterizados como processos sintácticos condicionados por categorias discursivas (por exemplo [foco] e [tópico]), mostraram depender muito menos do factor 'idade', pois a ocorrência de variação sintáctica nestes domínios foi observada tanto nos falantes com regresso precoce como naqueles que regressaram durante a adolescência. Nestes casos, o factor determinante para a ocorrência de erosão foi a falta de uso regular da língua alemã, aliada a uma estada mais prolongada em Portugal (superior a um ano).

Quanto à natureza do processo de erosão, grande parte dos estudos desenvolvidos nesta área partem do pressuposto de que a variação linguística observada é consequência de processos de transferência da língua predominantemente usada pelo falante bilingue (cf. 1.1.3.). Também os fenómenos observados no presente estudo parecem confirmar a ocorrência de *crosslinguistic influence*. A produção de estruturas \*XPSV, que violam a regra V-2, e de contextos que exigem a posição final do verbo, mas nos quais o elemento verbal é movido para uma posição a seguir ao sujeito (\*SvVO e \*V-nfinal), contrariando assim o parâmetro OV, é certamente influenciada pelo posicionamento do verbo em português (que não tem V-2 nem V-final). O mesmo tipo de influência parece dar-se no caso da expressão argumental, pois a forma mais convincente de explicar a omissão agramatical de sujeitos e objectos tópicos nos registos alemães analisados é considerar que a omissão argumental representa um fenómeno típico do português. De igual forma se explicam os processos de adjunção agramatical na periferia esquerda e no campo médio da frase alemã, observados nos registos dos falantes sem contacto com a língua alemã. O facto de a adjunção à esquerda

e à direita ser um fenómeno gramaticalmente permitido no português, mas que apresenta grandes restrições no alemão deixa pressupor que a sua ocorrência nos registos analisados deriva da influência do português.

Porém, a abordagem proposta mostrou que não se confirma a definição de transferência interlinguística enquanto processo de substituição do sistema de regras da língua em erosão pelo sistema gramatical da língua dominante (Sharwood Smith 1989), pois em nenhum dos casos observados se verificou a substituição total das regras sintácticas do alemão por regras do português. Os falantes que produziram sequências agramaticais do tipo \*XPSV, \*SvVO e \*V-nfinal também construíram frases em que V-2 e OV eram respeitados. De igual forma, a omissão do sujeito referencial e do objecto tópico nunca atingiu os níveis de omissão típicos do português. Além disso, quando confrontados com omissões agramaticais e alterações da ordem das palavras, os participantes demonstraram uma intuição muito estável, considerando a opção agramatical a menos boa. Estas observações contrariam a ideia de que os falantes sob investigação tenham perdido as regras gramaticais da sua segunda língua, abrindo portas às teorias psicolinguísticas que situam o fenómeno de interferência interlinguística na tensão entre a activação e a inibição das duas línguas em competição na mente do falante bilingue. Neste sentido, concluímos que a redução/privação de uso do alemão, em certos casos, reforçada pelo corte precoce de *input*, dificulta a activação total do alemão (ou inibição total do português) no momento em que o falante tem de utilizar a sua L2. Este controlo insuficiente faz com que o falante active tanto regras do alemão como do português no momento de processamento verbal, originando a variação sintáctica que definimos como erosão linguística.

Gostava de terminar este trabalho reflectindo sobre algumas questões que ficaram em aberto e que certamente darão asas a futuras investigações.

Baseando-se na comparação de grupos de falantes bilingues que se distinguem em relação a factores extralinguísticos pré-definidos, o presente estudo não contempla a vertente longitudinal. Assim, as conclusões tiradas acerca da proficiência linguística dos falantes são fundamentadas com base nos dados recolhidos no seio de um subgrupo e da comparação destes com os dados dos outros subgrupos. Apesar de dar informações preciosas acerca de questões como a influência da idade na ocorrência de erosão, esta metodologia de trabalho deveria ser completada com uma análise longitudinal, que permitisse observar a evolução da proficiência do falante a partir do momento do seu

regresso. Neste sentido, o próximo passo a dar neste campo de investigação consistirá no acompanhamento mais regular de alguns dos falantes entrevistados, nomeadamente do participante Rui. No momento da primeira entrevista Rui tinha completado os 10 anos de idade há poucas semanas e vivia em Portugal há seis meses. A análise dos seus registos verbais revelou que possuía uma proficiência linguística nativa relativamente aos domínios observados, não cometendo erros de posicionamento verbal nem omissões irregulares. Este facto distinguiu-o claramente das falantes que vieram para Portugal com a mesma idade mas que vivem cá há mais tempo (mais de dois anos). Estas apresentaram altas taxas de desvios a V-2 e OV (por exemplo Rita e Iolanda). O caso das falantes com regresso precoce leva a pressupor que, dentro de algum tempo, também Rui irá apresentar debilidades na produção de V-2 e OV. Seria, por isso, pertinente continuar a observar os registos de produção oral de Rui e determinar a partir de que momento este tipo de debilidades se manifestará, caracterizando o processo de erosão. Será que as dificuldades no processamento da posição verbal vão aumentando gradualmente ou este é um fenómeno que surge de uma só vez, mantendo-se a partir de então o mesmo grau de instabilidade?

Uma segunda linha de pesquisa que me interessa continuar a perseguir prende-se com a questão da possível reactivação da língua aparentemente perdida, assunto brevemente discutido em 4.4. Tendo como modelo alguns testes já desenvolvidos (por exemplo, o teste *Savings*, proposto por Nelson (1978) e adaptado ao domínio linguístico por de Bot/Stoessel (2000)), será interessante verificar se as falantes que nas entrevistas afirmaram já não falar (nem compreender) o alemão apresentam melhores resultados na “reaprendizagem” desta língua que falantes sem qualquer relação anterior à língua alemã.

Por fim, deverá ainda ser mencionada a questão dos testes de gramaticalidade. O presente estudo centrou-se predominantemente na análise de registos orais. A realização de testes de intuição gramatical foi incluída apenas de forma complementar, situação que poderá ser melhorada com o aperfeiçoamento dos testes a apresentar aos falantes. A aplicação de testes com bases metodológicas mais consistentes poderá fortalecer (ou não) a hipótese aqui defendida de que os processos de variação observados se devem mais a efeitos de processamento que a uma redução efectiva do sistema de regras dos falantes bilingues sob investigação.



## BIBLIOGRAFIA

- Abraham, W. (1982): "Einleitung", in W. Abraham (ed.), *Satzglieder im Deutschen*. Tübingen: Gunter Narr, 7-40.
- (1986): "Word Order in the Middle Field of the German Sentence", in W. Abraham & S. de Meij (eds.), *Topic, Focus, and Configurationality*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 15-38.
- Ahrenholz, B. (2006): „Wortstellung in mündlichen Erzählungen von Kindern mit Migrationshintergrund“, in B. Ahrenholz (ed.), *Kinder mit Migrationshintergrund. Spracherwerb und Fördermöglichkeiten*. Freiburg: Fillbach, 221 – 240.
- Alexiadou, A. (1994): *Issues in the Syntax of Adverbs*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Potsdam. [Publicado (1997): *Adverb Placement: A Case Study in Antisymmetric Syntax*. Amsterdam: John Benjamins]
- (2004): "Adverbs across frameworks", *Lingua* 114 (6), 677-682.
- Allen, S. (2001): "The importance of discourse-pragmatics in acquisition", *Bilingualism: Language and Cognition* 4 (1), 23-25.
- Altenberg, E. (1991): "Assessing first language vulnerability to attrition", in H. Seliger & R. Vago (eds.), *First Language Attrition: Structural and Theoretical Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 189-206.
- Altenberg, E./Vago, R. (2004): "The role of grammaticality judgments in investigating first language attrition", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First language attrition: interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 105-129.
- Altmann, H. (1981): *Formen der „Herausstellung“ im Deutschen: Rechtsversetzung, Linksversetzung, freies Thema und verwandte Konstruktionen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (=Linguistische Arbeiten 106).
- Ammerlaan, T (1996): 'You get a bit wobbly...'—*Exploring bilingual lexical retrieval processes in the context of first language attrition*. Dissertação de Doutorado. Nijmegen: Katholieke Universiteit.
- Andersen, R.W. (1982): "Determining the linguistic attributes of language attrition", in R. D. Lambert & B. F. Freed (eds.) *The Loss of Language Skills*. Rowley, MA: Newbury House, 83-117.
- Aoun, J./Li, Y.-h. A. (1993): "Scope and Constituency", *Linguistic Inquiry* 20, 141-172.
- Appel, R./Muysken, P. (1987): *Language Contact and Bilingualism*. London: Edward Arnold.
- Argyri, E./Sorace, A. (2007): "Crosslinguistic influence and language dominance in older bilingual children", *Bilingualism: Language and Cognition* 10 (1), 79–99.
- Auer, P. (1997): "Formen und Funktionen der Vor-Vorfeldbesetzung im gesprochenen Deutsch", in P. Schlobinski (ed.), *Studien zur Syntax des gesprochenen Deutsch*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 55-91.
- Avrutin, S. (1999): *Development of the syntax-discourse interface*. Dordrecht: Kluwer.
- Baddely, Alan. (1986): *So denkt der Mensch. Unser Gedächtnis und wie es funktioniert*. München: Droemersch Verlaganstalt.
- Barbosa, P. (1995): *Null Subjects*. Dissertação de Doutorado. Cambridge Mass.: The MIT Press.
- (1996): "Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects", in A. Halpern & A. Zwicky (eds.), *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, Calif.: CSLI Publications, 1-40.

- (2000): “Clitics: a Window into the Null Subject Property”, in J. Costa (ed.), *Portuguese Syntax: Comparative Studies*. New York: Oxford Press, 31-93.
- (2001): “On Inversion in *Wh*-questions in Romance”, in A. Hulk & J.-Y. Pollock (eds.), *Romance Inversion*. New York: Oxford Press.
- (2002): “O PPA e a Propriedade do Sujeito Nulo”, in C. Nunes (ed.), *Volume de Homenagem a Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- (no prelo): “Two kinds of subject *pro*”, a ser publicado em *Studia Linguistica*.
- Barbosa, P./Duarte, M. E./Kato, M. (2005): “Null Subjects in European and Brazilian Portuguese”, *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (2), 11-52.
- van der Beek, L./Bouma, G. (2004): „The Role of the Lexicon in Optimality Theoretic Syntax”, in M. Butt & T. H. King (eds.), *Proceedings of the LFG'04 Conference*. CSLI Publications. <http://www.odur.let.rug.nl/~gerlof/docs/trotliots.pdf>, 03/09/2007
- Ben Rafael, M (2001): *Contact de langues: le français parlé des francophones israéliens*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Tel Aviv.
- Berman, R./Olshtain, E. (1983): “Features of first language transfer in second language attrition”, *Applied Linguistics* 4, 222-234.
- Berman, R./Slobin, D. (1994): *Relating events in narrative. A crosslinguistic developmental study*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Bernardini, P./Schlyter, S. (2004): “Growing syntactic structure and code mixing in the weaker language: The Ivy Hypothesis”, *Bilingualism: Language and Cognition* 7, 49-69.
- de Bode, S. (1996): *First Language Attrition: Productive Morphology Disintegration and Neurobiological Support. A Case Study*. MA Thesis, Pomona, CA: California State Polytechnic University.
- de Bot, K. (2001): “Language use as an interface between sociolinguistic and psycholinguistic processes in language attrition and language shift”, in J. Klatte-Folmer & P. van Avermaet (eds.), *Theories on maintenance and loss of minority languages. Towards an more integrated explanatory framework*. Münster: Waxmann, 65–82.
- de Bot, K./Clyne, M. (1994): “A 16 year longitudinal study of language attrition in Dutch immigrants in Australia”, *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 15 (1), 17-28.
- de Bot, K./Gommans, P./Rossing, C. (1991): “L1 loss in an L2 environment: Dutch immigrants in France”, in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 87–98.
- de Bot, K./Stoessel, S. (2000): “In search of yesterday’s words: reactivating a long forgotten language”, *Applied Linguistic* 21(3), 364-388.
- Brauer-Figueiredo, F. (1997): "Aspectos do bilinguismo dos emigrantes portugueses da 2ª geração em Hamburgo", in H. Lüdtke & J. Schmidt-Radefeldt (eds.), *Kontrastive Linguistik: Deutsch versus Portugiesisch - Spanisch – Französisch*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 381-406.
- Brauer-Figueiredo, F. (1999): *Gesprochenes Portugiesisch*, Frankfurt a. M.: TFM.
- Bresnan, J. (2001): *Lexical-Functional Syntax*. Oxford: Blackwell.
- Büring, D. (1994): “Mittelfeldreport V”, in B. Haftka (ed.), *Was determiniert Wortstellungsvariation?* Opladen: Westdeutscher Verlag, 79-96.
- Büring, D./ Hartmann, K. (2001): “The Syntax and Semantics of Focus-Sensitive Particles in German”, *Natural Language and Linguistic Theory* 19, 229-281. <http://www.linguistics.ucla.edu/people/buring/webpage/allpapers.html#v3ornotv3>, 01/05/2006.

- Burri, G./Imstepf, D. (2002): „Kontrastive Grammatik Berndeutsch / Standarddeutsch. Einige ausgewählte Aspekte“, *Linguistik online* 12 (3). [http://www.linguistik-online.com/12\\_02/burriImstepf.html](http://www.linguistik-online.com/12_02/burriImstepf.html), 05/05/2007.
- Campbell, R./Schumann, J. (1981): “Hypnotism as a tool in second language research”, in R. Andersen (ed.), *New dimensions in second language acquisition research*. Rowley, Mass.: Newbury House, 80-91.
- Campos, H. (1986): „Indefinite Object Drop“, *Linguistic Inquiry* 17 (2), 354-359.
- Cardinaletti, A. (1987): “Linksperiphere Phrasen in der deutschen Syntax”, *Studium Linguistik* 22, 1-30.
- Carrilho, E. (1994): *A Topicalização e a Construção de Objecto Nulo no Desenvolvimento Sintático do Português Europeu*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Carrilho, E. (2003): “Construções de expletivo visível em Português europeu (não-padrão)”, in A. Veiga (ed.), *Gramática e Léxico em Sincronia e Diacronia. Um contributo da Linguística Portuguesa*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. 29-38. [http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/ernestina\\_carrilho\\_2000b.pdf](http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/ernestina_carrilho_2000b.pdf), 2/11/07.
- Cassola Ribeiro, F. G. (1986): *Emigração portuguesa: algumas características dominantes dos movimentos no período 1950 a 1984*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- Cheshire, J. (2005): “Syntactic variation and spoken language”, in L. Cornips & K. P. Corrigan (eds.), *Syntax and Variation. Reconciling the Biological and the Social*. Amsterdam: John Benjamins, 81–106. <http://alpha.qmul.ac.uk/~uglv003/che.pdf>, 1/06/2006.
- Chomsky, N. (1973): *Aspekte der Syntax-Theorie*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp [título orig.: *Aspects of the Theory of Syntax*, 1965].
- (1980): *Rules and Representations*. Oxford: Blackwell.
- (1981): *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- (1986): *Knowledge of language: its nature, origins and use*. New York: Praeger.
- (1993): “A Minimalist Program for Linguistic Theory”, in K. Hale & S. J. Keyser (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 1-52.
- Chomsky, N./Lasnik, H. (1995): “Principles and parameters theory”, in N. Chomsky (ed.), *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 13–127.
- Cinque, G. (1977): “The movement nature of left dislocation”, *Linguistic Inquiry* 8, 147-163.
- (1990): *Types of A'-dependencies*. Cambridge Mass.: The MIT Press.
- (1999): *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- (2004): “Issues in adverbial syntax”, *Lingua* 114 (6), 683-710.
- Clahsen, H. (1982): *Spracherwerb in der Kindheit. Eine Untersuchung zur Entwicklung der Syntax bei Kleinkindern*. Tübingen: Narr
- (1990): “The comparative study of first and second language development”, *Studies in Second Language Acquisition* 12, 135-154.
- Clahsen, H./Meisel, J./Pienemann, M. (1983): *Deutsch als Zweitsprache. Der Spracherwerb ausländischer Arbeiter*. Tübingen: Niemeyer.
- Clahsen, H./Muysken, H. (1986): “The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order”, *Second Language Research* 2, 93-119.

- Clahsen, H./Kursawe, C./Penke, M. (1996): „Introducing CP: wh-questions and subordinate clauses in German child language“, in C.Koster & F.Wijnen (eds.), *Proceedings of the Groningen Assembly on Language Acquisition*. Groningen: CLC, 5-22.
- Clahsen, H./ Featherstone (1999): “Antecedent priming at trace positions: evidence from German Scrambling”, *Journal of Psycholinguistic Research* 28, 415 – 437.
- Clahsen, H./Weyerts, H./Penke, M./Münste, T. F./Heinze, H.-J. (2002): “Word Order in Sentence Processing: An Experimental Study of Verb Placement in German”, *Journal of Psycholinguistic Research* 31, 223-280.
- Cohen, A. (1989): “Attrition in the productive lexicon of two Portuguese third language speakers”, *Studies in Second Language Acquisition* 11 (2), 135-149.
- Costa, J. (1998): *Word Order Variation. A Constraint-based Approach*. Dissertação de Doutorado. Utrecht: LOT (=LOT 14).
- (2004): “A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems”, *Lingua* 114 (6), 711-753.
- Costa, J./Duarte, I. (2003): “Objectos Nulos em Debate”, in I.Castro & I.Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional, 249-260.
- Cummins, J. (1986): *Bilingualism in Education: aspects of theory, research and practice*. New York: Longman.
- Cunha, C./Cintra, L. (2000): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 16ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cyrino, S./Matos, G. (2002): “VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis”, *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (2), 177-195.
- (2005): “Local licensors and recovering in VP ellipsis”, *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (2), 79-112.
- Daller, H. (1996): *Migration und Mehrsprachigkeit. Der Sprachstand türkischer Rückkehrer aus Deutschland*. Frankfurt a.M.: Lang.
- Daller, H./Grotjahn, R. (1999): “The Language Proficiency of Turkish Returnees from Germany: An Empirical Investigation of Academic and Everyday Language Proficiency”, *Language, Culture and Curriculum* 12 (2), 156-172.
- Delaine, M. (2000): *Fieldwork, Participation and Practice: Ethics and Dilemmas in Qualitative Research*. London: Sage.
- Dewaele, J-M.(2004): “Perceived language dominance and language preference for emotional speech: The implication for attrition research”, in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L.Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 81-104.
- Diesing, M. (1992): *Indefinites*. Cambridge Mass.: The MIT Press.
- Döpke, S. (1998): “Competing language structures: The acquisition of verb placement by bilingual German-English children”, *Journal of Child Language* 25, 555-584.
- Dryer, M.S (1991): “SVO languages and the OV: VO typology”, *Journal of Linguistics* 27. 443-482.
- Duarte, I. (1987): *A construção de topicalização na gramática do Português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Dissertação de Doutorado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Duarte, E (1998): “O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável”, in S. Grosse & K. Zimmermann (eds.), *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 189-201.
- Duarte, J./Roth, H.-J. (2006): “Sobre a aquisição de competências linguísticas num modelo de ensino bilingue. O português-alemão em Hamburgo”, *Palavras* 30, 43-68.

- Duden. *Die Grammatik* (1998). Bd.4, 6<sup>a</sup> ed., Mannheim: Duden.
- Dupoux, E. *et al.* (1998): "The bilingual brain. Proficiency and age of acquisition of the second language", *Brain* 121, 1841-1852.
- Ebbinghaus, H. (1885): *Über das Gedächtnis. Untersuchungen zur experimentellen Psychologie*. Leipzig: Duncker and Humboldt.
- Eisenberg, P. (1998): *Grundriss der deutschen Grammatik. Band 1: Das Wort*. Stuttgart/Weimar: Metzler.
- (1999): *Grundriss der deutschen Grammatik. Band 2: Der Satz*. Stuttgart/Weimar: Metzler.
- van Els, T. (1986): "An overview of European research on language attrition", in B. Weltens, K. de Bot & T. van Els (eds.), *Language Attrition in Progress*. Dordrecht: Foris, 3-18.
- Elwert, W.-T. (1959): *Das zweisprachige Individuum: Ein Selbstzeugnis*. Wiesbaden: Steiner.
- Ernst, T. (2002): *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: CUP.
- Eroms, H.-W. (1995): "Vor-Vorfeldbesetzungen im Deutschen", in E. Faucher (ed.), *Signans und Signatum: auf dem Weg zu einer semantischen Grammatik. Festschrift für Paul Valentin zum 60. Geburtstag*. Tübingen: Narr, 63-73.
- Fanselow, G (1988): "German Word Order and Universal Grammar", in U. Reyle & C. Rohrer (eds.), *Natural Language Parsing and linguistic theories*. Dordrecht; Reidel, 317-355.
- (1993): "The return of the base generators", *Groninger Arbeiten zur Germanistischen Linguistik* 36, 1-74.
- (2001): "Features,  $\theta$ -roles, and free constituent order", *Linguistic Inquiry* 32 (3), 405-437.
- (2004): "Münchhausen Style Head Movement and the Analysis of Verb Second", in A. Mahajan (ed.), *Syntax at Sunset 3: Head Movement and Syntactic Theory*. Los Angeles: UCLA, 40-76.
- Fanselow, G. (*in press*): "Zur Generierung der Abfolge der Satzglieder im Deutschen" in S. Tanaka (ed.), *Akten des 30. Linguistenseminars*. Kyoto, Tokyo.  
<http://www.ling.uni-potsdam.de/~fanselow/download/files/japan.pdf>, 05/03/2006.
- Figueiredo, A. (1976): *Portugal: cinquenta anos de ditadura*, Lisboa: D.Quixote.
- Fishman, J.A. (1965): "Who speaks what language to whom and when?", *La Linguistique* 2, 67-88.
- Fleischer, J. (2005): "Relativsätze in den Dialekten des Deutschen: Vergleich und Typologie", *Linguistik online* 24 (3) (*Dialekt/ologie an der Jahrtausendwende*).  
[http://www.linguistik-online.de/24\\_05/fleischer.pdf](http://www.linguistik-online.de/24_05/fleischer.pdf), 02/02/2007.
- Flores, C. (2007a): "Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação", *Diacrítica* 21 (1), 107-126.
- (2007b): "Sprachverlust im Kontext deutsch-portugiesischer Remigration", in C.Flores & O. Grossegeesse (ed.), *Wildern in luso-austro-deutschen Textrevieren. Festschrift für Erwin Koller*. Braga: Cehum, Universidade do Minho, 87-100.
- (2007c): "Language attrition afecta a competência sintáctica de falantes bilingues?", in *Actas do XXII Encontro da APL*. Lisboa: APL, 369-385.
- Footnick, R. (2007): "A hidden language: Recovery of a 'lost' language is triggered by hypnosis", in B. Köpke, M. Schmid, M. Keijzer & S. Dostert (eds), *Language Attrition: Theoretical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 169-187.
- Francis, N. (1999): "Maturational Constraints in Language One and Language Two: A Second Look at the Research on Critical Periods", *Bilingual Research Journal* 23 (4), 319-345.

- Franco, A. (1988): “A Gramática Portuguesa de Valências como modelo para a contração Alemão-Português. A ordem das palavras à luz desta gramática”, in A. Franco (ed.), *Duas línguas em contraste. Português e Alemão. Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 171-189.
- Freund, B. (2007): “Portugiesen in Deutschland: Migrationszyklen, Regionalisierung, Integration und Perspektiven”, in Henry Thorau (ed.), *Heimat in der Fremde. Pátria em terra alheia*, Berlin: Frey, Edition Tranvia, 106-133.
- Frey, W./Pittner, K. (1998): “Zur Positionierung der Adverbiale im deutschen Mittelfeld”, *Linguistische Berichte* 176, 489- 534.
- Frey, W. (2003): “Syntactic conditions on adjunct classes”, in E. Lang *et al.* (eds.), *Modifying Adjuncts*. Berlin: de Gruyter, 163-209. <http://www.zas.gwz-berlin.de/mitarb/homepage/frey/files/1124193377.pdf>, 1/03/06.
- (2004): “The grammar-pragmatic interface and the German prefield”, *Sprache und Pragmatik* 52, 1-39. <http://www.zas.gwz-berlin.de/mitarb/homepage/frey/files/1125681012.pdf>, 1/03/06.
- (2005): “Pragmatic properties of certain German and English left peripheral constructions”, *Linguistics* 43 (1), 89-129. <http://www.zas.gwz-berlin.de/mitarb/homepage/frey/files/1124192478.pdf>, 1/03/06.
- Fujita, M. (2002): *Second Language English Attrition of Japanese Bilingual Children*. Unpublished Doctoral Dissertation, Temple University, Tokyo.
- Fürstenau, S. (2004): *Mehrsprachigkeit als Kapital im transnationalen Raum*, Münster: Waxmann.
- Gardner, R. C. (1982): “Social factors in language retention”, in R. D. Lambert & B. F. Freed (eds.), *The loss of language skills*. Rowley: Newbury House, 24–43.
- Goral, M. (2004): “First-language decline in healthy aging: implications for attrition in bilingualism”, *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 31-52.
- Green, D. W. (1986): “Control, activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals”, *Brain and Language* 27, 210–223.
- Greenberg, J.H. (1963): “Some Universals of Grammar with particular reference to the order of meaningful elements”, in J.H. Greenberg (ed.), *Universals of Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 73-106.
- Grewendorf, G./Hamm, F./Sternefeld, W. (1987): *Sprachliches Wissen. Eine Einführung in moderne Theorien der grammatischen Beschreibung*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Grewendorf, G./Sternefeld, W. (ed.) (1990): *Scrambling and Barriers*, Amsterdam: Benjamins.
- Grewendorf, G. (2002): *Minimalistische Syntax*. Tübingen, Basel: Francke.
- Grimshaw, J./Samek-Lodovici, V. (1998): “Optimal subjects and Subject Universals”, in P. Barbosa *et al.* (eds.), *Is the Best Good Enough?* Cambridge, MA: MIT Press, 193-219.
- Grosjean, F. (1982): *Life with Two Languages*. Cambridge: Harvard UP.
- Grosjean, F. (1985): “The bilingual as a competent but specific speaker-hearer”, *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 6, 467–477.
- Grosjean, F. (1989): “Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person”, *Brain and Language* 36, 3–15.
- Grosjean, F. (2001): “The Bilingual’s Language Modes”, in J. Nicol (ed.), *One Mind, Two Languages. Bilingual Language Processing*. Oxford, MA: Blackwell, 1-22.
- Gumperz, J. (1995): *Discourse strategies*. Cambridge: CUP (=Studies in Interactional Sociolinguistics 1).

- Gürel, A. (2004a): "Selectivity in L2-induced L1 attrition: a psycholinguistic account", *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 53-78.
- Gürel, A. (2004b): "Attrition in L1 competence: The case of Turkish", in M. Schmid, B. Köpcke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 225-242.
- Habermas, J. (1971): *Knowledge and human interests*. Boston: Beacon.
- Haegeman, L. (ed.) (1997): *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- Haider, H. (1993): *Deutsche Syntax*. Tübingen: Narr.
- (2000a): "OV is more basic Than VO", in P. Svenonius (ed.), *The Derivation of VO and OV*. Amsterdam: Benjamins, 45 – 67. [http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert\\_haider/dl/ov.pdf](http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert_haider/dl/ov.pdf), 1/05/06.
- (2000b): "Adverb Placement-Convergence of Structure and Licensing", *Theoretical Linguistics* 26, 95 – 134. [http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert\\_haider/dl/adv.pdf](http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert_haider/dl/adv.pdf), 1/05/06.
- (2002): "Mittelfeld Phenomena", in H. van Riemsdijk & M. Everaert (eds.), *The Syntax Companion*. (case 64) [http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert\\_haider/dl/mit.pdf](http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert_haider/dl/mit.pdf), 1/05/06.
- (2004): "Pre- and Postverbal Adverbials in OV and VO", *Lingua* 114 (6), 779-807 [http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert\\_haider/dl/adv2.pdf](http://www.sbg.ac.at/spr/people/hubert_haider/dl/adv2.pdf), 1/05/06.
- Haider, H./Rosengren, I. (1998): "Scrambling", *Sprache und Pragmatik* 49, 1-104.
- (2003): "Scrambling: Nontriggered Chain Formation in OV Languages", *Journal of Germanic Linguistics* 15 (3), 203 – 267.
- Håkansson, G. (1995): "Syntax and morphology in language attrition: a study of five bilingual expatriate Swedes", *International Journal of Applied Linguistics* 5 (2), 153-171.
- Hakuta, K./d' Andrea, D. (1992): "Some Properties of Bilingual Maintenance and Loss in Mexican Background High-School Students". *Applied Linguistics* 13 (1), 72-99.
- Halliday, M./Hasan, R. (1976): *Cohesion in English*. London: Longman.
- Hansen, L. (ed.) (1999a): *Second language attrition in Japanese contexts*. Oxford: Oxford University Press.
- (1999b). "Not a total loss: The attrition of Japanese negation over three decades", in L. Hansen (ed.), *Second language attrition in Japanese contexts*. Oxford: Oxford University Press, 142-153.
- Hansen-Strain, L. (1990): "The attrition of Japanese by English-speaking children: An interim report", *Language Sciences* 12(4), 367-377.
- Hansen, L./Chen, Y-L. (2002): "What counts in the acquisition and attrition of numeral classifiers?", *JALT Journal* 23, 90-110.
- Hansen, L./Reetz-Kurashige, A. (1999): "Investigating second language attrition: An introduction", in L. Hansen (ed.), *Second language attrition in Japanese contexts*. Oxford: Oxford University Press.
- Hansen, L./Shewell, J. (2002): "Keeping a second language: The influences of literacy and motivation in the attrition of Japanese, Chinese and Korean", *Korean Journal of Applied Linguistics* 18 (2), 61-83.
- Harris, C./Gleason, J./Ayçiçeği, A. (2006): "When is a first language more emotional? Psychophysiological evidence from bilingual speakers", in A. Pavlenko (ed.), *Bilingual Minds: Emotional Experience, Expression and Representation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, 257-283.
- Haugen, E. (1950): "The analysis of linguistic borrowing", *Language* 26, 210-231.

- (1966): *Language conflict and language planning*. Cambridge: Harvard University Press.
- Heller, M. (ed.) (1988): *Codeswitching. Anthropological and sociolinguistic perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- (2000): “Bilingualism and Identity in the Post-Modern World”, *Estudios de Sociolingüística* 1 (2), 9-24.
- Hentschel, E. (2003): “Es war einmal ein Subjekt”, *Linguistik online* 13 (1) (*Particulae collectae. Festschrift für Harald Weydt zum 65. Geburtstag*, ed. por E. Hentschel), 137 – 160. [www.linguistik-online.de/13\\_01/hentschel.pdf](http://www.linguistik-online.de/13_01/hentschel.pdf), 23/07/2007.
- Hinde, R. A. (1970): *Animal Behaviour*, 2<sup>a</sup> ed. New York: McGraw-Hill Book Co.
- Hinterhölzl, R (2002): *Scrambling*. Ms. Humboldt Universität zu Berlin.
- Hinzelin, M.-O. (2003): „The acquisition of subjects in bilingual children. Pronoun use in Portuguese-German children”, in N.Müller (ed.), (*In*)vulnerable Domains in *Multilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 107-138.
- Hirvonen, P. (1998): “The Finnish-American language shift”, in J.Niemi *et al.* (eds), *Language Contact, Variation and Change*. Joensuu, Finland: Faculty of Humanities, 136-150.
- Hoberg, U. (1997): “Die Linearstruktur des Satzes”, in G. Zifonun *et al* (eds.), *Grammatik der deutschen Sprache*, vol.2. Berlin/ New York: Walter de Gruyter (=Schriften des IdS 7, 2), 1498-1680.
- Höhle, T. N. (1982): “Explikationen für «normale Betonung» und «normale Wortstellung»”, in W. Abraham (ed.), *Satzglieder im Deutschen, Vorschläge zur syntaktischen, semantischen und pragmatischen Fundierung..* Tübingen: Gunter Narr (=Studien zur deutschen Grammatik 15), 75-154.
- (1986): “Der Begriff ‘Mittelfeld’. Anmerkungen über die Theorie der topologischen Felder“, in A. Schöne (ed.), *Kontroversen alte und neue. Akten des VII. Internationalen Germanistenkongresses Göttingen 1985. vol. 3.* Tübingen: Niemeyer, 329-340.
- de Houwer, A. (1995): “Bilingual language acquisition”, in P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 219-250.
- Huang, J. (1984): „On the Distribution and Reference of Empty Pronouns”, *Linguistic Inquiry* 15 (4), 531-574.
- Hulk, A./Müller, N. (2000): “Bilingual first language acquisition at the interface between syntax and pragmatics”, *Bilingualism: Language and Cognition* 3 (3), 227-244.
- Hulsen, M./de Bot, K./Weltens, B. (2002): “Between two worlds. Social networks, language shift and language processing in three generations of Dutch migrants in New Zealand”, *International Journal of the Sociology of Language* 153, 27-52.
- Hutz, M. (2004): “Is there a natural process of decay? A longitudinal study of language attrition”, in M. S. Schmid, B. Köpke, M. Keijsers & L. Weilemar (eds.), *First language attrition. Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 189-206.
- Hyltenstam, K. (1992): “Non-native features of near-native speakers”, in R.J. Harris (ed.), *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam: Elsevier, 351-368.
- Hyltenstam, K./Oblers, L. K. (1989): *Bilingualism across the lifespan: aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: CUP.
- Hyltenstam, K./Abrahamsson, N. (2003): “Maturational constraints in second language acquisition”, in C. Doughty & M. Long (eds), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 539-588.

- Hymes, D. (1972): "On Communicative Competence", in J. B. Pride & J. Holmes (eds.), *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 269-293.
- Jacobs, J. (1983): *Fokus und Skalen. Zur Syntax und Semantik der Gradpartikeln im Deutschen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (= Linguistische Arbeiten 138).
- (1986): "The Syntax of Focus and Adverbials in German", in W. Abraham & S. de Meij (eds.), *Topic, Focus, and Configurationality*. Amsterdam: Benjamins, 103-128.
- (2001): "The Dimensions of Topic-Comment", *Linguistics* 39 (4), 641-681.
- Jaeggli, O./Safir, K. (1989): "The null subject parameter and parametric theory", in O. Jaeggli & K. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-44.
- Jaeggli, O./Safir, K. (eds.) (1989): *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer.
- Jakobson, R. (1941): *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze*. Uppsala: Almqvist and Wiksell.
- Jamshidiha, H./Marefat, H. (2006): "L1 Persian Attrition", *The Linguistics Journal* 1, 17-46. <http://www.linguistics-journal.com>, 1/04/06.
- Jaspaert, K./Kroon, S. (1989): "Social determinants of language loss", *Review of Applied Linguistics (I.T.L.)* 83/84, 75-98.
- Jaspaert, K./Kroon, S. (1992): "From the typewriter of A.L.: A case study of language loss", in W. Fase, K. Jaspaert & S. Kroon (eds.), *Maintenance and loss of minority languages*. Amsterdam: John Benjamins, 137-147.
- Johnson, J./Newport, E. (1989): "Critical Period Effects in Second Language Learning: The Influence of Maturational State on the Acquisition of English as a Second Language". *Cognitive Psychology* 21, 60-99.
- Jordens, P. (1990): "The Acquisition of Verb Placement in Dutch and German", *Linguistics* 28, 1407-1448.
- Jordens, P./de Bot, K./van Os, C./Schumans, J. (1986): "Regression in German case marking", in K. Weltens, K. de Bot & T. van Els (eds.), *Language Attrition in Progress*. Dordrecht: Foris, 159-176.
- Jordens, P./de Bot, K./Trapman, H. (1989): "Linguistic aspects of regression in German case marking", *Studies of Second Language Acquisition* 11, 179-204.
- Kaiser, G. (ed.) (2005): *Deutsche Romanistik – generativ*. Tübingen: Narr (= Tübinger Beiträge zur Linguistik 489).
- (2006): "Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro", in T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro & N. Almeida (eds.), *Para a história do português brasileiro. Vol. 6: Novos dados, novas análises. Tomo 1*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 11-42. [http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/kaiser/files/Kaiser2006\\_Sujeitonulo.pdf](http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/kaiser/files/Kaiser2006_Sujeitonulo.pdf), 11/06/2007.
- Kasher, A (1991): "Pragmatics and Chomsky's research program", in A. Kasher (ed.), *The Chomskyan Turn*. Oxford: Blackwell, 122-149.
- Kato, M./Raposo, E. (1996): "European and Brazilian Portuguese Word Order: Question, Focus and Topic Constructions", in C. Parodi *et al.* (eds.), *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 267-277.
- Kaufman, D. (2001): "Tales of L1 attrition - Evidence from pre-puberty children", in T. Ammerlan, M. Hulsen, H. Strating & K. Yamur (eds.), *Sociolinguistic and psycholinguistic perspectives on maintenance and loss of minority languages*. Münster: Waxmann, 185-202.
- Kaufman, D./Aronoff, M. (1991): "Morphological disintegration and reconstruction in first language attrition", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 175-188.

- Kirschner, C. (1996): "Language Attrition and the Spanish-English bilingual: A case of syntactic reduction", *Bilingual Review* 21 (2), 123-130.
- Klima, E. (1975): „Constituent Structure and Word Order Rules for German”, *Quarterly Progress Report 77* (Research Lab. of Electronics, MIT), 317-322.
- Koller, E. (1982): "Zum Subjektspronomen aus kontrastiver Sicht: Deutsch – Portugiesisch", *Sprachwissenschaft* 7, 149-167.
- (1985): "Zum deutschen Pronominalsystem und –gebrauch", in E. Koller & H. Moser (eds.), *Studien zur deutschen Grammatik. Johannes Erben zum 60. Geburtstag*. Innsbruck, 169-187.
- (1995): "Welche Fehler lusophone Deutschlernende machen (sollen) und warum", *Infoappa. Boletim da Associação Portuguesa de Professores de Alemão*. Ano I (2), 7-12.
- (2004): "Wortstellung – textfunktionale Kriterien", in V. Agel, L. Eichinger, H.-W. Eroms, P. Hellwig, H.-J. Heringer, H. Lobin (eds.), *Dependenz und Valenz / Dependency and Valency: Ein Internationales Handbuch der Zeitgenössischen Forschung / an International Handbook of Contemporary Research*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 873-885.
- Koopman, H./Sportiche, D. (1991): „The position of subjects“, *Lingua* 85, 211-258.
- Köpke, B. (1999): *L'attrition de la première langue chez le bilingue tardif: implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme*. Dissertação de doutoramento não publicada. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail.
- (2004): "Neurolinguistic aspects of attrition", *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 3-30.
- Köpke, B./Schmid, M./Keijzer, M./Weilemar, L. (eds.) (2004): *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins (=Studies in Bilingualism 28).
- Köpke, B./Schmid, M./Keijzer, M./Dostert, S. (eds) (2007), *Language Attrition: Theoretical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins (=Studies in Bilingualism 33).
- Köpke, B./ Schmid, M. (2004). "Language attrition: The next phase", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1-47.
- Koven, M. (2006): "Feeling in two languages: a comparative analysis of a bilingual's affective displays in French and Portuguese", in A.Pavlenko (ed.), *Bilingual Minds: Emotional Experience, Expression and Representation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, 84-117.
- Krashen, S./Scarcella, R. (eds.) (1982): *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury.
- Kuhberg, H. (1992): "Longitudinal L2-attrition versus L2-acquisition, in three Turkish children - empirical findings", *Second Language Research* 8 (2), 138-154.
- Labov, W. (1972): *Sociolinguistic Patterns*. Oxford: Blackwell.
- Lambert, R. D./Freed, B. (1982): *The loss of language skills*. Rowley: Newbury House.
- Lenerz, J. (1977): *Zur Abfolge nominaler Satzglieder im Deutschen*. Tübingen: Narr (=Studien zur deutschen Grammatik 5).
- (2005): "Why object shift is not scrambling", in D. Stanulewicz, R. Kalisz, W. Kürschner, C. Klaus (eds.), *De lingua et litteris: Studia in honorem Casimiri Andreae Sroka*. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego, 179-186.
- Lenneberg, E. (1977): *Biologische Grundlagen der Sprache*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp. trad. por Freidhelm Herborth [obra original: *Biological Foundations of Language*, New York: John Wiley, 1967].

- Lima, J.A./Pacheco, J.A. (2006): *Fazer Investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Lobo, M. (2002): “On the structural position of non-peripheral adjunct clauses”, *Journal of Portuguese Linguistics* 1, 83-118.
- Loftus, E. F. (1980): *Memory: Surprising new insights into how we remember and why we forget*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Co.
- Long, M. (1993): “Second language acquisition as a function of age: research findings and methodological issues”, in K. Hyltenstam & A.Viberg, *Progression and regression in language*. Cambridge: CUP, 196-221.
- Lopez, L./Winkler, S. (2000): “Focus and topic in VP-anaphora constructions”, *Linguistics* 38 (4), 623–664.
- Lüdi, G./Py, B. (1984): *Zweisprachigkeit durch Migration*, Tübingen: Niemeyer (=Romanistische Arbeitshefte 24).
- Lüdi, G. (1996): „Migration und Mehrsprachigkeit“, in H. Goebel *et al.* (eds.), *Kontaktlinguistik. Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*, vol.1 Berlin, New York: de Gruyter, 320-327.
- Marian, V./Spivey, M. (2003): “Competing activation in bilingual language processing: Within- and between-language competition”, *Bilingualism. Language and Cognition* 6 (2), 97-115.
- Marques, J. C. (2001): “A emigração portuguesa para a Europa: desenvolvimentos recentes”, *Janus* 2001, 146-147. [http://www.janusonline.pt/2001/2001\\_3\\_2\\_6.html](http://www.janusonline.pt/2001/2001_3_2_6.html), 4/09/2007.
- Martins, C. (1997): “Bilinguismo e manifestações verbais bilingues: uma breve sinopse teórica”, *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Fac. Letras de Coimbra.
- Mateus, M. H. M./Brito, A.M./Duarte, I./Faria, I.H. (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ªed. Lisboa: Caminho.
- Matos, G. (1992): *Construções de Elipse de Predicado. SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- McLaughlin, B. (1978): *Second Language Acquisition in Childhood*. Hillsdale, New York: Lawrence Erlbaum.
- Meisel, J.M. (1990): “INFL-lection: Subjects and Subject-Verb agreement”, in J.M.Meisel (ed.), *Two First Languages – Early Grammatical Development in Bilingual Children*. Dordrecht: Foris, 237-298.
- (1994a): “Code-switching in young bilingual children”, *Studies in second language acquisition* 16, 413 - 439.
- (1994b): “Getting FAT”, in J.M. Meisel (ed.), *Bilingual First Language Acquisition. French and German Grammatical Development*, Amsterdam: John Benjamins, 89-129.
- (1995); “Parameters in Acquisition” in P. Fletcher & B.MacWhinney (eds.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 10-35.
- (2001): “The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars”, in J. Cenoz, F. Genesee (eds.), *Trends in Bilingual Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 11-41.
- (2004): “The Bilingual Child”, in T.K. Bhatia & W.C. Ritchie (eds.), *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 91-113.
- (2007a) “Child Second Language Acquisition or Successive First Language Acquisition?”, *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit. Working Papers in Multilingualism. Folge B* 80, 33 - 64.

- (2007b) “The weaker language in early child bilingualism: Acquiring a first language as a second language?”, *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit. Working Papers in Multilingualism. Folge B* 80, 65 - 94.
- (2007c): “On Autonomous Syntactic Development in Multiple First Language Acquisition”, *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit. Working Papers in Multilingualism. Folge B* 80, 95 - 122.
- (2007d): “Child Second Language Acquisition or Successive First Language Acquisition?”. Comunicação apresentada no Workshop *Issues on Bilingualism*. Universidade do Minho/Braga, Fevereiro de 2007.
- Meisel, J.M./Möhrig, A (2003): “The Verb-Object Parameter in simultaneous and successive acquisition of bilingualism”, in N. Müller (ed.), *(In)vulnerable domains in Multilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 295-334.
- Milroy, L. (1995): *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: CUP.
- Molnár, V. (1993): “Zur Pragmatik und Grammatik des TOPIK-Begriffes“, in M. Reis (ed.), *Wortstellung und Informationsstruktur*. Tübingen: Niemeyer, 155-202.
- Montrul, S. (2002): “Divergent acquisition and attrition of Spanish tense/aspect distinctions in adult bilinguals”, *Bilingualism: Language and Cognition* 5(1), 39–68.
- (2004): “Subject and object expression in Spanish heritage speakers: A case of morpho-syntactic convergence”, *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (2), 125–142.
- Mota, M. A. Coelho (1996): “Línguas em contacto”, in I. Hub Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, C. A. M. Gouveia (eds.), *Introdução à Linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 505-533.
- Müller, G./Sternefeld, W. (1994): “Scrambling as A-bar movement”, in N. Corver, H. van Riemsdijk (eds.), *Studies on Scrambling*. Berlin/New York: de Gruyter, 331-383.
- Müller, N. (1994): “Parameters cannot be reset: Evidence from the development of COMP”, in J.M. Meisel (ed.), *Bilingual First Language Acquisition: French and German Grammatical Development*. Amsterdam: John Benjamins, 235-269.
- (2003) (ed.): *(In)vulnerable domains in Multilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (=Hamburg Studies on Multilingualism 1).
- Müller, N./Hulk, A. (2001): “Crosslinguistic influence in bilingual language acquisition: Italian and French as recipient languages”, *Bilingualism: Language and Cognition*, 4 (1), 1-21.
- Müller, S. (2002): “Multiple Frontings in German”, in G. Jäger, P. Monachesi, G. Penn, S. Winter (eds.), *Proceedings of Formal Grammar 2002*. Trento, 113–124.  
<http://www.cl.uni-bremen.de/~stefan/Pub/mehr-vf.html>. 27.05.2004, 11/05/2006.
- (2003). „Mehrfache Vorfeldbesetzung“, *Deutsche Sprache* 31 (1), 29–62.
- (2005): “Zur Analyse der scheinbar mehrfachen Vorfeldbesetzung”, *Linguistische Berichte* 203, 29–62.
- Murtagh, L. (2003): *Retention and Attrition of Irish as a Second Language*. Dissertação de Doutoramento. Rijksuniversiteit Groningen, Dublin. <http://dissertations.ub.rug.nl/FILES/faculties/arts/2003/l.murtagh/achoirre.pdf>, 5/06/2007.
- Neeleman, A./Weerman, F. (1999): *Flexible Syntax. A Theory of Case and Arguments*. Dordrecht: Kluwer.
- Neisser, U. (1984): “Interpreting Harry Bahrick’s discovery: What confers immunity against forgetting?”, *Journal of Experimental Psychology: General* 113, 32-35.
- Nelson, T. (1978): “Detecting small amounts of information in memory: Savings for non-recognized items”, *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory* 4/5, 453-468.

- Newmeyer, F. J. (1996): *Generative Linguistics. A historical perspective*. London/ New York: Routledge.
- Newport, E.L (1990): “Maturational Constraints on Language Learning”, *Cognitive Science* 14, 11-28.
- Nicoladis, E./Grabois, H. (2002): “Learning English and losing Chinese: A case study of a child adopted from China”, *International Journal of Bilingualism* 6 (4), 441-454.
- Oliveira, A.B. (2005): “Variação em Sujeitos de Referência Estendida na Fala Carioca”, *Estudos Linguísticos XXXIV*, 1379-1383. [http://gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/variacao-em-sujeitos-de-referencia-\(75.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c,23/07/2007](http://gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/variacao-em-sujeitos-de-referencia-(75.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c,23/07/2007).
- Oliver, P. (2003): *The student’s guide to research ethics*. Maidenhead: Open University Press.
- Olshtain, E. (1986): “The attrition of English as a second language with speakers of Hebrew”, in K. Weltens, K. de Bot & T. van Els (eds.), *Language Attrition in Progress*. Dordrecht: Foris, 187-204.
- Olshtain, E. (1989): “Is second language attrition the reversal of second language acquisition?”, *Studies in Second Language Acquisition* 11(2), 151-165.
- Olshtain, E./Barzilay, M. (1991): “Lexical retrieval difficulties in adult language attrition”, in H. Seliger & R. Vago (eds), *First Language Attrition*. Cambridge: CUP, 139-150.
- Oyama, S. C. (1976): “A sensitive period for the acquisition of a nonnative phonological system”, *Journal of Psycholinguistic Research* 5 (3), 261-283.
- Oyama, S. C. (1982): “The sensitive period and comprehension of speech”, in S. Krashen & R. Scarcella (eds.), *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury, 39-51.
- Pallier, C. (2007): “Critical periods in language acquisition and language attrition”, in B. Köpke, M. Schmid, M. Keijzer & S. Dostert (eds), *Language Attrition: Theoretical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 155-168.
- Pallier, C./Dehaene, S./Poline, J.-B./LeBihan, D./Argenti, A.-M./Dupoux, E./ Mehler, J. (2003): “Brain Imaging of Language Plasticity in Adopted Adults: Can a Second Language Replace the First?”, *Cerebral Cortex* 13,155–161.
- Pan, B./Berko-Gleason, J. (1986): “The study of language loss: Models and hypotheses for an emerging discipline”, *Applied Psycholinguistics* 7, 193-206.
- Paradis, M. (1993): “Linguistic, psycholinguistic, and neurolinguistic aspects of interference in bilingual speakers: the activation threshold hypothesis”, *International Journal of Psycholinguistics* 9 (2), 133–145.
- (1997): “The cognitive neuropsychology of bilingualism”, in A. M. B. de Groot & J. F. Kroll (eds.), *Tutorials in bilingualism: Psycholinguistic perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 331–354.
- (2004): *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins.
- Paradis, J./Genesee, F. (1995): “Language differentiation in early bilingual development”, *Journal of Child Language* 22, 611-631.
- Patkowski, M. (1982): “The sensitive period for the acquisition of syntax in a second language”, in S. Krashen & R. Scarcella (eds.), *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury, 52-63.
- Pavlenko, A. (2002): “Bilingualism and Emotions”, *Multilingua* 21 (1), 45-78.
- (2004): “L2 influence and L1 attrition in adult bilingualism”, in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 47-60.

- Pedro, E. Ribeiro (1988): “Aspectos de aquisição de uma segunda língua - o caso particular dos emigrantes”, in Comissão Científica de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras de Lisboa (ed.), *Miscelânea de estudos dedicados a Irene de Albuquerque*. Lisboa, 121-133.
- Pelc, L. (2001): *L1 lexical, morphological and morphosyntactic attrition in Greek-English bilinguals*. Dissertação de Doutoramento. New York: CUNY.
- Penfield, W./Roberts, L.(1959): *Speech and Brain Mechanisms*, New York: Athenaeum.
- Pergher, G. K./Stein, L. M. (2003): “Compreendendo o esquecimento: teorias clássicas e seus fundamentos experimentais”, *Psicologia USP* 14 (1). [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642003000100008&lng=pt&nrm=iso,08/05/2007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100008&lng=pt&nrm=iso,08/05/2007).
- Pfaff, C.W (1992): “The issue of grammaticalization in early German second language”, *Studies in Second Language Acquisition* 14, 273-296.
- Pienemann, M. (1998): *Language Processing and Second Language Development: Processability Theory*. Amsterdam: Benjamins.
- Piller, I. (2002): *Bilingual Couple Talk. The discursive construction of hybridity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (Studies in Bilingualism 25).
- Platzack, C. (1986): “COMP, INFL, and Germanic Word Order” in L. Hellan & K. Koch Christensen (eds.), *Topics in Scandinavian Syntax*. Dordrecht: Reidel, 185-234.
- Poeppl, D./Wexler, K. (1993): “The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German”, *Language* 69 (1), 1-33.
- Poplack, S. (1980): “Sometimes I'll start a sentence in spanish y termino en español: toward a typology of code-switching”, *Linguistics* 18, 582-617.
- (1981): “Syntactic structure and social function of codeswitching”, *Latino language and communicative behavior*, 170-184.
- (1987): “Contrasting patterns of code-switching in two communities”, *Aspects of multilingualism: Proceedings from the fourth nordi*, 51-77.
- Raposo, E. (1986): “On the Null Object in European Portuguese”, in O. Jaeggly & C. Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance Linguistics*, Foris: Dordrecht, 373-419.
- (1996): “Towards a Unification of Topic Constructions”, Ms., University of California, Santa Barbara.
- (1998): “Definite / Zero Alternations in Portuguese. Towards a Unification of Topic Constructions”, in A. Schwegler, B. Tranel & M. Uribe-Etxebarria (eds), *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 197-212.
- Rato, H. (2001): “O retorno dos emigrantes”, *Janus* 2001. [http://www.janusonline.pt/2001/2001\\_3\\_2\\_15.html#1,15/09/2007](http://www.janusonline.pt/2001/2001_3_2_15.html#1,15/09/2007).
- Rebêlo, M. (1999-2000): “A posição de Portugal no actual contexto das migrações”, *Janus* 1999-2000. [http://www.janusonline.pt/1999\\_2000/1999\\_2000\\_3\\_3\\_2.html,14/09/2007](http://www.janusonline.pt/1999_2000/1999_2000_3_3_2.html,14/09/2007).
- Reinhart, T. (1981): "Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics", *Philosophica* 27 (1) (Special Issue on Pragmatic Theory) 53-93.
- Reetz-Kurashige, A. (1999): “Tracking returnees’ retention of English speaking skills: Changes in verb usage over time”, in L. Hansen (ed.), *Second language attrition: Evidence from Japanese contexts*, 21-58.
- Reis, M. (1985): “Satzeinleitende Strukturen im Deutschen. Über COMP, Haupt- und Nebensätze, w-Bewegung und die Doppelkopfanalyse”, in W. Abraham (ed.), *Erklärende Syntax des Deutschen*. Tübingen: Narr, 271-311.

- (ed.) (1993): *Wortstellung und Informationsstruktur*. Tübingen: Niemeyer (=Linguistische Arbeiten 306).
- Rinke, E. (2007): *Syntaktische Variation aus synchronischer und diachronischer Perspektive*, Frankfurt a.M.: Vervuert.
- Rizzi, L. (1982): Issues in Italian Syntax. Dordrecht, Foris.
- (1986): “Null Objects in Italian and the Theory of *pro*”, *Linguistic Inquiry* 17 (3), 501-557.
- (1994): “Early null subjects and root null subjects”, in T. Hoekstra & B. D. Schwartz (eds.), *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: Benjamins, 151-176.
- (1997): “The fine structure of the left periphery”, in L. Haegeman (ed.), *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- (2005): “On the grammatical basis of language development: a case study”, in G. Cinque & R. Kayne (eds.), *The Oxford handbook of comparative syntax*. Oxford: Oxford University Press, 70-109.
- Rocha-Trindade, M.B. (1986): “Remigratório: conceitos e formas de migração e de retorno”, *Separata da Revista História* IX, 98.
- (2001): “As políticas portuguesas para a emigração”, *Janus* 2001. [http://www.janusonline.pt/2001/2001\\_3\\_2\\_3.html](http://www.janusonline.pt/2001/2001_3_2_3.html), 15/09/2007.
- Romaine, S. (1989): *Bilingualism*. Cambridge: Blackwell (=Language in Society 13).
- Rosengren, I. (1986): “Das Zusammenwirken pragmatischer und grammatischer Faktoren in der Wortstellung”, *Sprache und Pragmatik* 55, 197-213.
- (1994): “Scrambling - Was ist das?”, in B. Haftka (ed.), *Was determiniert Wortstellungsvariation? Studien zu einem Interaktionsfeld von Grammatik, Pragmatik und Sprachtypologie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 175-196.
- Ross, J. (1967): *Constraints on Variables in Syntax*. PhD Thesis, MIT.
- Rothweiler, M. (2006): “The acquisition of V2 and subordinate clauses in early successive acquisition of German”, in C. Lleó (ed.), *Interfaces in Multilingualism*, Amsterdam: John Benjamins, 91-113.
- Rovisco, M<sup>a</sup> L. (2001): “Panorama histórico da emigração portuguesa”, *Janus* 2001. [http://www.janusonline.pt/2001/2001\\_3\\_2\\_2.html](http://www.janusonline.pt/2001/2001_3_2_2.html), 15/09/2007.
- Poepfel, D./Wexler, K. (1993): “The full competence hypothesis of clause structure in early German”, *Language* 69, 1-33.
- Santos, A. (2006): *O sujeito anafórico de 3<sup>a</sup> pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. Dissertação de Doutorado, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosAMB.pdf>, 5/08/2007.
- Saraiva, J.H. (ed.) (2004a): *História de Portugal. A Segunda República - De António Salazar ao Marcelismo*, vol.9, Matosinhos: QuidNovi.
- (ed.) (2004b): *História de Portugal. A Terceira República - Do 25 de Abril aos nossos dias*, vol.10, Matosinhos: QuidNovi.
- Schachter, J. (1988): „Second Language Acquisition and its relationship to Universal Grammar”, *Applied Linguistics* 9
- Scheutz, H. (1997): “Satzinitiale Voranstellung im gesprochenen Deutsch als Mittel der Themensteuerung und Referenzkonstitution”, in P. Schlobinski (ed.), *Studien zur Syntax des gesprochenen Deutsch*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 27-54.
- Schlobinski, P. (ed.) (1997): *Studien zur Syntax des gesprochenen Deutsch*. Opladen: Westdeutscher Verlag.

- Schlyter, S. (1993): "The weaker language in bilingual Swedish-French children", in K. Hyltenstam & A. Viberg (eds.), *Progression and regression in language: sociocultural, neuropsychological and linguistic perspectives*. Cambridge: CUP, 289-308.
- Schlyter, S./Håkansson, G. (1994): "Word order in Swedish as the first language, second language and weaker language in bilinguals", *Scandinavian Working Papers on Bilingualism* 9, 49-66.
- Schmid, M. (2002): *First language attrition, use, and maintenance. The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins.
- (2004a): "First language attrition: The methodology revised", *International Journal of Bilingualism* 8 (3), 239–255.
- (2004b): "Language attrition bibliography", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 317-348.
- Schoenmakers-Klein Gunnewiek, M. (1989): "Structural aspects of the loss of Portuguese among migrants: a research outline", *Review of Applied Linguistics* 83-84, 99-124.
- (1997): "Dutch Language Loss in Brazil and the Conceptual Hypothesis", in J. Klatter-Folmer & S. Kroon (eds.), *Studies in maintenance and loss of Dutch as an immigrant language*. Tilburg: Tilburg University Press, 99-119.
- (1998): *Taalverlies door taalcontact? Een onderzoek bij Portugese migranten*. (=Studies in Meertaligheid 10) Tilburg: Tilburg University Press.
- Schöpfer-Grabe, S. (1998): "«Use it or lose it?» – Zum Phänomen der Foreign Language Attrition", *Zeitschrift für Fremdsprachenforschung* 9 (2), 231-263.
- Schwitalla, J. (1997): *Gesprochenes Deutsch. Eine Einführung*. Berlin: Schmidt.
- Seliger, H. W. (1989): "Deterioration and creativity in childhood bilingualism", in K. Hyltenstam & L. K. Obler (eds.), *Bilingualism across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press, 173–184.
- (1991): "Language attrition, reduced redundancy, and creativity", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 227–240.
- (1996): "Primary language attrition in the context of bilingualism", in W. Ritchie & T. Bhatia (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. London: Academic Press, 606-625.
- Seliger, H./Krashen, S./Ladefoged, P. (1982): "Maturational Constraints in the Acquisition of Second Languages", in S. Krashen & R. Scarcella (eds.), *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury, 13-19.
- Seliger, H./Vago, R. (eds.) (1991): *First language attrition: structural and theoretical perspectives*. Cambridge: CUP.
- Serratrice, L./Sorace, A./Paoli, S. (2004): "Crosslinguistic influence at the syntax-pragmatic interface: Subjects and objects in English-Italian bilingual and monolingual acquisition", *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (3), 183-205.
- Sharwood Smith, M. A. (1983): "On first language loss in the second language acquirer: Problems of transfer", in S. Gass & L. Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*. Rowley, MA: Newbury, 222–231.
- (1989): "Crosslinguistic influence in language loss", in K. Hyltenstam & L. K. Obler (eds.), *Bilingualism across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press, 185–201.

- Sharwood Smith, M./van Buren, P. (1991): "First Language Attrition and the Parameter Setting Model", in H. Seliger & R. Vago (eds.), *First Language Attrition*. Cambridge: CUP, 17-30.
- Slobin, D. (1985): "Crosslinguistic evidence for the language-making capacity", in D. Slobin (ed.), *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1157-1249.
- Soares, C. (2002): *Die portugiesische Auswanderung nach Deutschland und deren Wahrnehmung in Portugal*. Diplomarbeit. Johannes Gutenberg-Universität Mainz. <http://www.diacronia.de/html/migration.html>, 3/09/2007.
- Sorace, A. (2000): "Differential effects of attrition in the L1-syntax of near-native L2 speakers", in C. Howell, S. Fish & T. Keith-Lucas (eds.), *Proceedings of the 24th Boston university conference on language development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 719-725.
- (2003): "Near-Nativeness", in C. Doughty & M. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 130-152.
- (2004): "Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: Data, interpretations and methods", *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (2), 143-145.
- (2007): "Attrition vs. incomplete acquisition in bilinguals", comunicação apresentada no workshop *Issues on Bilingualism*, Universidade do Minho, Braga (23 de Fevereiro de 2007).
- Sportiche, D. (1988): "A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure", *Linguistic Inquiry* 19, 425-449.
- Steube, A./Späth, A. (2002): "Semantik, Informationsstruktur und grammatische Modularität", *Linguistische Arbeitsberichte* 79, 235-254.
- Stöber, C. (2007): "Objects and null objects in the 2L1 acquisition of Brazilian Portuguese and German", comunicação apresentada no *ISB6/Hamburgo*, 3.05 – 2.06. 2007.
- Strigin, A. (1994): "Topicalization, Scrambling and Argument Scope in German: Integrating Semantic and Syntactic Information", *Journal of Semantics* 11, 311-363.
- Thoma, D./Tracy, R. (2006): "Deutsch als frühe Zweitsprache: zweite Erstsprache?", in B. Ahrenholz (ed.), *Kinder mit Migrationshintergrund. Spracherwerb und Fördermöglichkeiten*. Freiburg: Fillbach, 58-79.
- Tomiya, M. (2000): "Child second language attrition: a longitudinal case study", *Applied Linguistics* 21 (3), 304-332.
- Travis, L. (1984): *Parameters and effects of word order variation*. PhD dissertation, MIT.
- (1991): "Parameters of phrase structure and V2 phenomena", in R. Freidin (ed.), *Principles and Parameters in Comparative Grammar*, Cambridge MA: MIT Press, 339-364.
- Tschirner, E. (1999): "Lernergrammatiken und Grammatikprogression", in B. Skibitzki & B. Wotjak (eds.), *Linguistik und Deutsch als Fremdsprache. Festschrift für Gerhard Helbig*. Tübingen: Niemeyer, 227-240.
- Tsimpli, I./Sorace, A./Heycock, C./Filiaci, F. (2004): "First language attrition and syntactic subjects: A study of Greek and Italian near-native speakers of English", *International Journal of Bilingualism* 8 (3), 257-277.
- Turian, D./Altenberg, E. P. (1991): "Compensatory strategies of child first language attrition", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 207-226.

- Ullman, M. (2001): "The declarative/procedural model of lexicon and grammar language", *Journal of Psycholinguist Research* 30 (1), 37– 69.
- Underwood, B. J. (1957): "Interference and forgetting", *Psychological Review* 64, 49–60.
- Unsworth, S. (2005): *Child L2, Adult L2, Child L1: Differences and Similarities. A Study on the Acquisition of Direct Object Scrambling in Dutch*. Utrecht: LOT.
- Yağmur, K. (2004): "Issues in finding the appropriate methodology", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 133-164.
- Yoshitomi, A. (1992): "Towards a model of language attrition: neurobiological and psycholinguistic contributions", *Issues in Applied Linguistics* 3 (2), 293-318.
- Vago, R. (1991): "Paradigmatic regularity in first language attrition", in H. Seliger & R. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: CUP, 241-251.
- Ventureyra, V./Pallier (2004): "In search of the lost language: The case of adopted Koreans in France", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 207-221.
- Ventureyra, V./Pallier, C./Yoo, H-J. (2004): "The loss of first language phonetic perception in adopted Koreans", *Journal of Neurolinguistics* 17, 79-91.
- Weinreich, U. (1953): *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Linguistic Circle of New York. [Tradução alemã: *Sprachen im Kontakt. Ergebnisse und Probleme der Zweisprachigkeitsforschung*. München: Beck, 1976]
- Weltens B./de Bot, K./van Els, T. (eds.) (1986): *Language Attrition in Progress*. Dordrecht: Foris.
- White, L. (2003): "On the Nature of Interlanguage Representation: Universal Grammar in the Second Language", in C. Doughty & M. Long, *The Handbook of Second Language Acquisition*, Malden: Blackwell, 19-42.
- Winford, D. (1996): "The problem of syntactic variation", in J. Arnold *et al.* (eds.), *Sociolinguistic Variation: Data, Theory and Analysis. Selected Papers from NWAVE 23*. Stanford: CSLI, 177-192.
- Zifonun, G. (2001): *Grammatik des Deutschen im europäischen Vergleich: Das Pronomen*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache.

# **ANEXOS**



## ANEXO I

### Excertos seleccionados do *corpus*

#### 1) Transcrição de «Comentário aos Impulsos Visuais» [Excerto]: Irene [G3]

##### Imagem: Avô e Neto

E: ja hier haben wir en Opa. in den. um neto, como é que se diz[?]

E: *Enkel*

I: ein Enkel. die machen. actividades. dat macht. relação.

E: *was ist das[?]*

I: pois como é que se diz avião[?]

E: *weißt du's nicht mehr[?]*

I: weiß ich nicht.

E: *ok wie ist die Beziehung zwischen Großvater und Enkel[?]*

I: haben wir. mehr. (xxx)

E: *wie ist es hier in Portugal[?]*

I: in Portugal gibt's nicht so. (xxx)

E: *und in Deutschland[?]*

I: in Deutschland sie haben mehr/ haben mehr. mais afecto um pelo outro.

E: *ja machen sie mehr miteinander, mehr Aktivitäten[?]*

I: ja viel mehr

E: *zum Beispiel[?]*

I: picknick. und. bike não[?]

E: *Fahrrad meist du[?]*

I: ja Fahrrad, patins em linha. via-se muito.

E: *wie ist es hier in Portugal[?]*

I: hier gibt's nicht so. gibt nicht, nicht.

E: *also eher zu Hause bleiben[?]*

I: ja (xxx) sie wollen mehr Haus. no sofá a ler.

E: *Fernseh gucken*

I: ja Fernseh gucken

E: *und dann miteinander sprechen[?]*

I: nicht mehr

E: *nicht so[?]*

I: nicht so

E: *verbringen die Großeltern hier nicht so viel Zeit mit den Eltern[?]*

I: nein, hier nicht

E: *eher in Deutschland[?]*

I: nein

E: *in Deutschland ist es mehr[?]*

I: ist mehr eh. sie haben. die Vater in. em vez de pôr no infantário. gehen de. gehen de. die Kinder, mit den Opa und die Oma.

E: *und hier gehen sie sehr früh in den Kindergarten[?]*

I: hier ja. gehen vier. meses. mo/

E: *Monate*

I: é isso Monate. é isso.

E: *ok dann das nächste Bild.*

##### Imagem: Pedinte

I: como é que se diz mendigo[?]

E: *also was macht er[?]*

I: ja der. ja der hat hunger. der/ pedir[?] ele está a pedir. Münzen acho. der ist eh. como é que diz cidade agora[?] ne große. cidade, da sehen wir mehr von dies, von das.

E: *genau.*

I: ja.

E: *und in Deutschland, siehst du's in Deutschland mehr oder hier in Portugal[?]*

I: eh. wir sehen in Deutschland und in Portugal but, mas. hier in Portugal wir sehen mehr, como é que se diz pedintes. in de. às portas.

E: *sie gehen von Tür zu Tür.*

I: Tür zu Tür und die mehr. mehr arro/

E: *arrogant[?]*

I: dat eh in Deutschland.

E: *genau und hier gehen sie von Tür zu Tür und dort in Deutschland wo sind sie[?]*

I: nein

E: *nicht[?]*

I: gehen mehr in de. Straßen. zum Beispiel

E: *also wie hier[?]*

I: ja so wie hier

E: *findest du es gibt mehr arme Leute in Portugal als in Deutschland[?]*

I: eh es gibt in die zwei but/ mas.

E: *aber*

I: aber é isso. eh. eh se calhar por motivos diferentes. hier die sind. in Portugal die sind mehr. gastadores[?]

E: *ja sie geben mehr Geld aus.*

I: é e. as coisas. Sachen não

E: *Sachen genau*

I: dat nicht (xxx) num são tão necessárias

E: *die nicht so wichtig sind*

I: supérfluos pronto. eh in Deutschland geht das nicht so.

## 2) Transcrição de «Cena de Cozinha»: Rita [G3]

E: *also was haben wir hier?*

R: eine Familie. ehm. die Mutter, die waschen den Kleidung. der kleinen Sohn, er will sich waschen.

E: *und was macht er[?]*

R: tá tirar a roupa.

E: *ja. ausziehen. er/*

R: ja. er die Kleidung ausziehen. der andere Sohn ist. ist/

E: *nass.*

R: nass. ja. mit Wasser.

E: *was hat er vielleicht gemacht[?]*

R: vielleicht er geht zum, zum Klo und dann er geht zum. da banheira.

E: *Badewanne.*

R: ja Badewanne.

E: *genau. und dann[?]*

R: die anzieht die Socken. mit dem Bruder. die Kleine schreit.

E: *warum[?]*

R: das Essen ist gebrennt. sie schreit. und die Tante. glaub ich dass sie ist die Tante nee. sie. tá preocupada.

E: *besorgt.*

R: ja, sie ist besorgt. die Oma macht die Kleidung mit eine Jacke, eine grüne Jacke. die Mädchen pendura die Kleidung. sie aufhängt.

E: *ja. wo könnte das sein[?] in welchem Land vielleicht[?]*

R: Irak.

E: *aha. warum[?]*  
R: ehm. sie sehen wie Zigeuner aus.  
E: *okay. warum. was haben sie [?]*  
R: ein. um lenço.  
E: *ein Kopftuch.*  
R: ja. Kopftuch.  
E: *kannst du das nochmal sagen[?] diesen ganzen Satz mit vielleicht.*  
R: vielleicht sie sind. pobres.  
E: *ja.arm*  
R: arm und sie müssen die, alle Familie helfen.  
E: *und wie ist das Haus[?]*  
R: ist klein  
E: *ehem. okay. und. das könnte vielleicht auch in Deutschland sein[?]*  
R: glaub ich nicht.  
E: *warum nicht[?]*  
R: in Deutschland die Arme haben nicht ein Haus normal sie haben nicht.  
E: *könnte das in Portugal sein[?]*  
R: ja. glaub schon. hier in Portugal wir haben muita, sehr Arme.  
E: *also gibt es hier in Portugal mehr arme Menschen[?]*  
R: ja, mehr arme.  
E: *und warum[?]*  
R: das weiß ich nicht. glaub in Deutschland ist es besser, wir gehen zum Doktor aber wir, nós não pagamos. aber hier wir müssen das. nós temos de pagar hier  
E: *ich hatte dich mal gefragt ob du wieder zurück willst.nach Deutschland[?] würdest du wieder zurückgehen[?]*  
R: ja ich mag Deutschland aber hier mag ich mag ich doch.  
E: *auch. deine Eltern waren jetzt in Deutschland. würdest du gern mitfahren[?]*  
R: ja  
E: *und du konntest nicht. warum [?]*  
R: ich hab die Schule nee, gesch/ eu não podia faltar.  
E: *faltar é fehlen. podes dizer a frase.*  
R: ich musste nicht fehlen.  
E: *aber du hast Ferien oder nicht*  
R: im Sommer.  
E: *aber jetzt hast du auch Ferien oder nicht[?]*  
R: ja nur drei Tage  
E: *und Morgen hast du wieder Schule[?] jetzt zu deinem Deutschkurs an der Schule.was macht die Lehrerin in diesem Kurs[?]*  
R: sie, wir. temos lá algumas Menschen die weiss nicht Deutsch. und die Lehrerin faz diálogo com eles.  
E: *hmhm. sie spricht mit denen.und die können gar kein deutsch[?]*  
R: glaub gar kein.  
E: *und was sind das für Leute[?]*  
R: Lehrer. Schüler. nur von der Schule.  
E: *und du hast ja eine Freundin die auch zurückgekommen ist. sprichst du mit ihr Deutsch[?]*  
R: ja. wenn wir nicht sagen vor à frente dos nossos Freunden.wir sprechen Deutsch. so sie verstehen uns nicht mehr.  
E: *und. ärgern sie sich, die anderen[?].*  
R: nein. sie weiss das nicht was ich sage.  
E: *sie finden das normal.*  
R: ja.  
E: *okay, gut*

### 3) Transcrição da «Entrevista» [Excerto com cortes]: Anita [G2]:

*E: weißt du noch so ungefähr wie lange es gedauert hat bis ihr Portugiesisch gesprochen habt[?]*

A: eh. weiß nicht wir haben immer beides gesprochen.

*E: war das auch schon normal dort in Deutschland[?]*

A: ja ja. aber in Deutschland war mehr Deutsch.

[...]

*E: ok. also als du in Deutschland gewesen bist hast du dann Kontakt mit anderen Portugiesen gehabt[?]*

A: ja ja da gab es viele Portugiesen.

*E: aber habt ihr miteinander Deutsch oder Portugiesisch gesprochen[?]*

A: eh, auch beides.

*E: auch beides.*

[...]

A: aber mehr Deutsch.

*E: bist du auch in die portugiesische Schule[?]*

A: ja.

*E: ja. weißt du nicht mehr wer der Lehrer war[?]*

A: ah ich hatte verschiedene gehabt.

*E: sie spricht immer von einem Padre aber ich weiß nicht ob/*

A: o der ist nicht mehr da.

*E: ist er nicht mehr da.*

A: nee jetzt ist in Portugal.

[...]

*E: weißt du noch ob du irgendwelche Probleme gehabt hast, was genau die Probleme waren[?]*

A: nee nicht so, nicht so viel.

*I: nicht so viel.*

A: aber, mehr die Geschichte und so, wo viel Portugiesisch war, aber die Schule war hier ein bisschen leichter, bis zur Neunten.

[...]

*E: gut. du fühlst dich schon als Zweisprachige[?] du siehst dich schon als Zweisprachige[?]*

A: ehm ja.

*E: also du beherrschst eigentlich schon die zwei Sprachen einigermaßen.*

A: ja. einigermaßen ja.

*E: was heißt ja[?]*

A: Deutsch war schon besser.

*E: \$ Deutsch war schon besser.*

A: \$ mit Reden. verstehen versteh ich gut, aber reden war schon besser.

*E: also weil du jetzt nicht mehr den. also mündlichen Kontakt hast[?]*

A: ja.

*I: aber sonst hast du kein Kontakt mit Deutsch[?] also mit den anderen Kollegen oder so[?]*

A: nee. aber jetzt habe ich ne Kollegin hier, die Erasmus macht, die aus Deutschland war. aber ich habe sie noch nicht getroffen.

[...]

*E: ok dann verstehe ich das. ist in Ordnung. aber würdest du dann mit jemanden/ wenn jetzt jemand kommt und sagt ich habe in Deutschland ziemlich lange gelebt, würdest du mit ihr Deutsch sprechen oder nicht[?]*

A: eh. wenn die Person Portugiesisch spricht, würde ich Portugiesisch sprechen.

[...]

A: ja, ich weiß. einmal als ich in Deutschland war. ne Kollegin von meine Tante, sie ist Deutsche. und dann hatte ich mit ihr gesprochen und sie ah dein Deutsch war schon besser und ich ja ich weiß.

[...]

*E: und wechselst du die Sprachen eine auf die andere[?] ohne dass, manchmal du es merkst. zum Beispiel mit deinen Brüder/*

A: zu Hause manchmal machen wir so mix. machen wir neue Wörter und so.

*E: genau neue Wörter. ja das kenne ich auch, die meisten sagen auch so. palavras aporuguesadas não é[?] erinnerst du dich an so ein Wort[?]*

A: ich erinnere mich an einem. das meine Tante benutzt hat, als ich in Deutschland war, dann spiele ich auch damit ein bisschen. eh und ich war mit meine Cousine, aber sie versteht nicht Deutsch. und dann sagte meine, meine Tante ah queres Brutschus, und meine Cousine eh[?]

*E: Brutschus[?]*

A: Brötchen Brutschus. e a minha prima eh[?] e eu eh, Brötchen, eh pães.

[...]

*E: also war das Deutsche nicht mehr so wichtig in deinem Leben[?] sozusagen.*

A: eh nicht so ganz, ich mag mehr/ ich mag wirklich Englisch. aber es gibt nicht nur Englisch, also musste ich was anderes aussuchen.

*E: also findest du dass Deutsch vielleicht in der Zukunft nicht mehr so wichtig ist für dich[?]*

A: eh, irgendwie schon damit ich nicht so ganz viel vergesse.

[...]

A: manchmal. zähle ich so laut ein zwei drei vier fünf. gucken sie mich so an. eh ich zähle immer auf Deutsch.

[...]

*E: schon interessant ja genau. aber gibt es eine Sprache die du lieber magst[?] also Portugiesisch oder Deutsch[?]*

A: eh Portugiesisch.

*E: also eher Portugiesisch, weißt du nicht warum[?]*

A: vielleicht weil. jetzt leichter ist für mich.

[...]

A: vielleicht nicht. aber für mich ist es normal weil ich dasselbe hab, dasselbe Problem.

*E: Problem, siehst du du hast jetzt gesagt ich habe das Problem. also finden die Portugiesen schon es ist etwas anderes.*

A: ja aber. weiß nicht vielleicht ist es mehr Franzosen als Deutschen.

*E: gibt es da schon ein Unterschied.*

A: ich glaub schon.

*E: glaubst es schon. weißt nicht warum[?] zum Beispiel.*

A: weil es/ vielleicht weil es viel mehrere Portugiesen in Frankreich gibt. ich weiß nicht vielleicht/ wir hatten portugiesische Schule, vielleicht in Frankreich gibt es nicht so. meine einige Cousins von mir. ich glaub. vielleicht hatten sie glaub ich aber sie wollten nicht viel dahin gehen und also.

[...]

*E: würdest du sagen ich bin Portugiesin oder ich bin Deutsche[?]*

[...]

A: ich/

*E: weder noch[?]*

A: ich weiß nicht. ich bin hier bin ich Deutsche, wenn ich in Deutschland bin bin ich Portugiesin.

*E: ja genau das kenne ich auch. aber zum Beispiel für dich selber. fühlst du dich als 100% Portugiesin[?]*

A: nee.

*E: nicht[?]*

A: nee

*E: also doch etwas deutsch[?]*

A: ja.

*E: sozusagen. 50 50 oder doch eher Portugiesin[?]*

A: es war schon mehr deutsch, aber weiß nicht.

*E: also doch mehr Portugiesin doch. ok, dann die letzte Frage, also für dich Deutsch in deine Zukunft. ja wie siehst du jetzt Deutsch in deine Zukunft[?]*

A: eh ich sehe mehr auf Englisch.

E: *also du bist eher Englisch gerichtet ja genau, also Deutsch wird nicht so. eine wichtige Rolle in deinem Leben spielen.*

A: nicht so ganz wie Englisch.

E: *also du willst auch nicht wieder zurück[?] nach Deutschland[?]*

A: am Anfang ja, wollte ich wieder zurück. aber jetzt/

E: *nicht mehr[?]*

A: alle ist so. so viel anders geworden. meine Freundin die da waren sind/ einige sind nicht mehr da, andere sind verheiratet und so. alles anders.

#### **4) Transcrição de «História da Carochinha»: Samuel [G1]**

E: *ok in dem Fall auf Deutsch.*

S: ein Mädchen fegt grad den Boden. und entdeckt ne Goldmünze. (5seg) sie hebt sie auf und kauft sich. schöne Anzihsachen.

E: *genau und wohin geht sie[?]*

S: zum Fenster. und dann kommen ihre ganzen Verehrer ans Fenster.

E: *und wer kommt alles[?]*

S: ein Schwein eine Katze, Kaninchen, ein Bär. und en Hund.

E: *und was nehmen sie mit[?]*

S: die Katze. nimmt eine Blume mit einem, Fischkopf. der Hase. nimmt eine Möhre. der Bär nimmt Honig, und der Hund, nimmt en Knochen. und der Schwein nimmt eine Blume mit. eine Haselnuss dran.

E: *was ist mit dem Schwein[?]*

S: es heult.

E: *was könnte passiert sein[?]*

S: sie hat ihn abgewiesen.

E: *was passiert dann mit den anderen[?]*

S: das gleiche.

E: *das gleiche genau. und hier[?]*

S: (xxx) eine Ratte mit Blumen. und sie verkn/ verliebt sich in den. dann heiraten sie. und da sind ganz viele Leute. und bei der Feier, ist die Ratte in den/ in den Topf gefallen.

E: *und was ist dann passiert mit der Ratte[?]*

S: ist gestorben. und das Mädchen heult.

E: *genau*

## ANEXO II

### Exercício de Produção Sintáctica

#### Descrição do exercício:

*O informante recebe cartas com palavras e deve construir uma frase.*

*Nos exercícios I. e II., o primeiro constituinte da frase está pré-definido; o falante deve indicar a ordem dos seguintes elementos, podendo dar várias alternativas. No caso de haver várias alternativas, deve indicar quais as que lhe soam melhor e quais as que aceita mas não soam tão bem.*

*No exercício III o primeiro elemento da frase não está definido, devendo o falante construir a frase segundo a ordem que lhe parece melhor. O falante é aconselhado a começar a frase de diferentes maneira, dando várias soluções possíveis.*

#### I. V-final:

1. Ich hoffe, dass...	Portugal	das Spiel	gewinnen	wird.
1. possibilidade				
2. possibilidade				
3. possibilidade				

2. Ich glaube, dass...	wir	morgen	nach Hause	gehen.
1. possibilidade				
2. possibilidade				
3. possibilidade				

3. Maria sagt, dass...	alle Kinder	Schokolade	mögen.
1. possibilidade			
2. possibilidade			
3. possibilidade			

4. Ich weiß nicht, ob...	Hans	gestern	zur Schule	gekommen	ist.
1. possibilidade					
2. possibilidade					
3. possibilidade					

5. Ich kenne die Frau, die...	dir	gestern	das Buch	gab
1. possibilidade				
2. possibilidade				
3. possibilidade				

#### II. V-2

1. . In der Schweiz...	gehen	die Kinder	sehr früh	in den Kindergarten
1. possibilidade				
2. possibilidade				
3. possibilidade				

2. In Portugal ...	wollen	die Kinder	immer	Fernseh gucken
1. possibilidade				
2. possibilidade				
3. possibilidade				

3. Hier...	gehen	wir	oft	zu meinen Großeltern
1. <i>possibilidade</i>				
2. <i>possibilidade</i>				
3. <i>possibilidade</i>				

4. Dort...	sind	sie	nie	ins Kino	gegangen
1. <i>possibilidade</i>					
2. <i>possibilidade</i>					
3. <i>possibilidade</i>					

5. Mit 10 Jahren	kam	ich	mit meiner Familie	nach Portugal
1. <i>possibilidade</i>				
2. <i>possibilidade</i>				
3. <i>possibilidade</i>				

### III. Livre

1.	gestern	musste	ich	leider	länger	in der Arbeit	bleiben
1. <i>possibilidade</i>							
2. <i>possibilidade</i>							
3. <i>possibilidade</i>							

2.	jetzt	ist	das Kind	bestimmt	glücklich
1. <i>possibilidade</i>					
2. <i>possibilidade</i>					
3. <i>possibilidade</i>					

3.	in Zukunft	essen	die Menschen	in Portugal	öfter	bei McDonalds
1. <i>possibilidade</i>						
2. <i>possibilidade</i>						
3. <i>possibilidade</i>						

4.	zum Glück	ist	das Wetter	in Portugal	gut
1. <i>possibilidade</i>					
2. <i>possibilidade</i>					
3. <i>possibilidade</i>					

5.	manchmal	finde	ich	die Worte	im Deutschen	nicht
1. <i>possibilidade</i>						
2. <i>possibilidade</i>						
3. <i>possibilidade</i>						

## ANEXO III

### Exercício de Correção

#### Descrição do exercício:

*O informante recebe o texto. Deve lê-lo em voz alta e assinalar todos os aspectos que acha não serem gramaticais. O informante é alertado que não se deve preocupar com erros ortográficos ou de conteúdo.*

*Após a sua identificação deve corrigir os erros encontrados.*

#### TEXTO

Es war einmal ein kleines Maikäferfrauchen, das alleine lebte und einen Mann suchen wollte. Einmal sie hat das Haus geputzt und fand eine goldene Münze. War sehr glücklich. Danach hatte die Idee, neue Kleidung zu kaufen. Sofort mit der Münze in der Tasche ging sie zum Markt und kaufte sich wunderschöne Klamotten. Kaufte sie auch eine rosafarbene Schleife. Hat ihr sehr gefallen. Ja, sie mochte sehr und war sehr zufrieden.

Zu Hause sie ging ans Fenster und sagte, dass jetzt sie einen Mann finden wollte. Stand vor dem Fenster und fragte, wer mit ihr morgen heiraten wollte. Kamen viele Tiere, ein Schwein, eine Katze, ein Bär, ein Hund, und brachten ihr Geschenke, aber sie mochte nicht. So sie gingen weg und gaben ihr nicht. Und dann plötzlich vor dem Fenster mit einem Strauß in der Hand stand die Maus. Sie fand so schön! Sofort verliebte sich in die Maus, die hieß Herr Ratte. Sie anlachte ihn und am selben Tag in der Kirche heirateten sie. Doch die Maus leider war sehr neugierig, so dass während der Hochzeitsfeier der Bräutigam wollte in den Topf schauen. Ist er an den Topf mit einem Stuhl getreten und hineinschaute. In diesem Moment leider fiel Herr Ratte in den Topf hinein. Vielleicht in diesem Moment merkte Herr Ratte, dass er sollte nicht so neugierig sein, aber war zu spät. Er starb, das Maikäferchen weinte und am Ende unglücklicherweise war es wieder alleine. Gewarnt haben die Freunde sie doch! War dieser Herr Maus doch so ein eingebildeter Vollidiot! Den Mann unseres Lebens finden ist gar nicht so einfach!

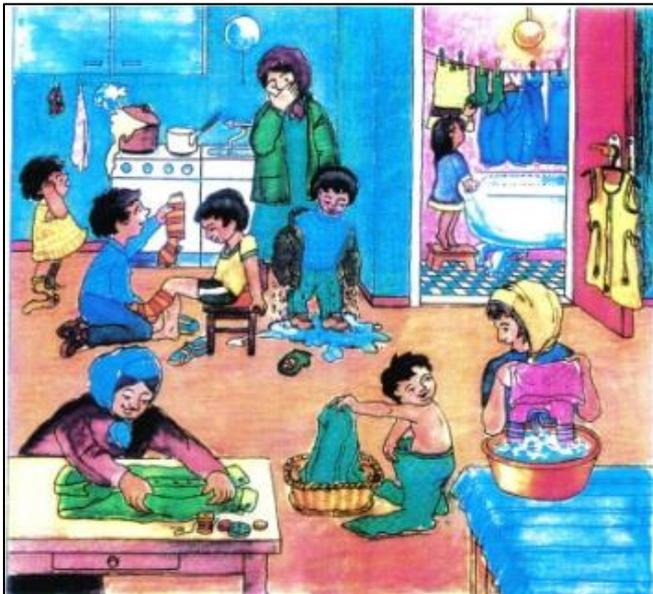
## ANEXO IV

### Imagens seleccionadas

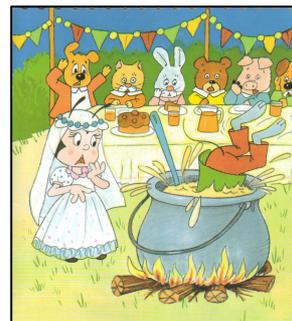
#### 1. Exemplos de imagens dos “Impulsos Visuais”:



#### 2. A “Cena da Cozinha”



#### 3. Imagens seleccionadas da “História da Carochinha”



ANEXO V

Página do caderno de Alemão do 2º ano de escolaridade da participante Iolanda

